



Tatiana Amaral

Autora best-seller da Trilogia “*Função CEO*”

o Professor

Prova final



Série *O Professor* - Livro IV



o Professor

Prova Final Tatiana Amaral

o Professor

Prova Final

Copyright © 2017 Tatiana Amaral Direção Editorial

Todos os direitos reservados^{Silvia Naves}

Produção Editorial

Copyright © 2017 by Editora Pandorga^{Equipe Editora Pandorga} Diagramação
Fernanda Salles (AS Edições)

Capa

Renato Klisman Revisão

Editorando Birô

T

exTo de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Da**D**os **I**nternacionais De **C**atálogo**a**ção na **P**ublicação **(cIP)** **F**icha elaborada Por: **t**ereza **C**ristina **b**arros

- **crb-8/7410**

Amaral, Tatiana

O professor : prova final : livro 4 / Tatiana Amaral. -- 1.ed. -- São Paulo : PandorgA, 2017.

542 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-8442-199-2

1. Romance brasileiro I. Título

02.02/06-2017 CDD- 869.93

2017

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA PANDORGA

AVENIDA SÃO CAMILO, 899 CEP 06709-150 - GRANJA VIANA - COTIA - SP TEL. (11) 4612-6404

WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR

“Uma ferida abafada nunca cicatriza... Então eu seguia amando e odiando sem nunca saber qual dos dois sentimentos seria vencedor um dia.” Charlotte Middleton

Prólogo

Alex

“Não, Alex! Por favor!”

Ouvi a voz de Tiffany de uma forma estranha. Ela ecoava no quarto enquanto eu fazia amor com Charlotte. As mãos da minha esposa não estavam em minhas costas, como há segundos atrás, e sim em meu peito, também não me puxavam, mas me empurravam.

“Alex!”

Sua voz chorosa não estava exatamente onde deveria estar. Não embaixo de mim e sim em algum lugar do quarto. Parei atordoado, sentindo uma raiva incomum me invadir. De repente eu me vi com as mãos no pescoço daquela mulher. Não era mais Charlotte, era Tiffany e eu estava dentro dela, com um ódio

mortal. Senti o gozo me atingindo enquanto a vontade de matá-la praticamente me cegava.

“Alex!”

Charlotte choramingou desviando a minha atenção. Tiffany, ainda embaixo de mim, olhava-me com pavor e mágoa. Procurei minha esposa sem conseguir encontrá-la, até que, finalmente, meus olhos encontraram os dela.

O quarto escuro certamente me impediria de enxergar, mesmo assim eu a via. O rosto sofrido, as lágrimas descendo copiosamente, as duas mãos que cobriam a boca contendo o grito de desespero.

— Charlotte?

E então a vergonha caiu sobre mim. Tiffany se encolheu na cama enquanto eu me conscientizava da gravidade da situação. Olhei para a mulher, machucada e horrorizada, depois para minha esposa, mortificada com a descoberta.

— Não! Charlotte, por favor...

Minha súplica não foi o suficiente. Ela se virou e foi embora, sem ao menos me deixar explicar.

— Charlotte! — gritei, levantando da cama.

Assustado e suado, olhei ao redor reconhecendo o pesadelo que há alguns meses me acompanhava. O quarto escuro e vazio estava absurdamente abafado, deixando meu corpo banhado de suor. Um som estridente ecoava enquanto minha mente tentava assimilar a realidade.

Ela não estava mais ali. Foi embora quando descobrimos a gravidez de Tiffany e desde então eu nada mais sabia a respeito da minha esposa. Na manhã seguinte eu assinaria o divórcio. Talvez por isso a constância dos pesadelos, ou talvez porque eu ainda sentia a sua falta, a cada milésimo de segundo que se passou desde então.

O som agudo continuava, deixando-me tonto. Só então percebi se tratar do meu celular. Meio atordoado procurei pelo aparelho encontrando-o no bolso da calça que eu tinha largado no chão do quarto. Peguei, sentei na cama e atendi sem me dar ao trabalho de identificar quem seria.

— Alô — pigarreei para espantar o pavor na minha voz.

— Alex? — A voz de Anita me deixou em alerta.

— O que houve?

— Tiffany. Ela não está muito bem.

Respirei fundo, tentando ordenar meus pensamentos.

Pouco tempo depois de desembarcarmos no Brasil, Tiffany iniciou a sua perseguição. Ela me ameaçava de todas as formas, depois mudava de estratégia e procurava se aproximar. Eu não a queria por perto, não queria dividir aquele momento com a mulher que arruinou a minha vida, e ela sempre fazia a mesma coisa: acusava-me, jogava na minha cara o que eu havia feito, cobrava-me e o ciclo recomeçava, ela ameaçava, se arrependia e voltávamos sempre ao mesmo ponto.

Eu sabia que era culpado, porém não conseguia digerir tudo o que ela já havia feito para me afastar de Charlotte, e a mágoa sempre falava mais alto.

Foi em uma noite, após discutirmos por quase duas horas e eu ir embora deixando-a para trás sem me importar com o seu sofrimento, que ela fez a maior loucura de todas. Deprimida, Tiffany atentou contra a própria vida, o que me enterrou ainda mais fundo na culpa e no ressentimento.

Droga, o que ela estava pensando? Como podia ser tão leviana com a criança que carregava no ventre? Por que sempre me colocava em primeiro lugar quando eu não merecia sequer a sua consideração? Não

quando havia feito o que fiz.

Naquela madrugada, sentado no corredor daquele hospital, sem saber se meu filho sobreviveria à besteira feita pela mãe, encarando Anita, que me olhava sem me acusar, eu descobri a verdade sobre Tiffany, e toda a minha maneira de encará-la mudou. Depois de dois meses sentindo apenas ódio, comecei a entender que Tiffany só buscava companhia para dividir sua carga. Com a família longe, eu nem sabia até que ponto eles sabiam o que estava acontecendo, ela só podia contar com Anita. Tiffany sofria de depressão e foi diagnosticada como portadora de transtorno bipolar, o que não era nenhuma novidade, falando leigamente, já que ela conseguia sempre demonstrar dois lados bem díspares, mesmo muito antes da gravidez.

Anita estava preocupada com a prima. A situação só piorava. Tiffany não pensava no filho, apenas em como me fazer aceitá-los em minha vida. Não pela criança e sim pelo amor que ela dizia sentir por mim. Estava cada vez mais magra, não cuidava do corpo para melhor atender as necessidades da criança que se desenvolvia em seu ventre. Falou muitas vezes em aborto, algo que eu não conseguia admitir.

Cansado e tentando me conformar com os acontecimentos, comecei a lhe dar um pouco de assistência, na tentativa de acalmá-la. Às vezes eu acreditava que ela estava melhorando. Quando eu chegava para visitá-la, ou para levar alguma coisa que fosse da sua necessidade, ela sorria e conversava, então, quando entendia que não passaria daquilo, nossos problemas recomeçavam.

Eu preciso ser honesto. Era impossível esconder o ressentimento. Não havia nenhuma possibilidade de eu fingir não estar aborrecido com aquela situação. Acredito que isso a fazia piorar, mas, infelizmente, era muito mais forte do que eu.

Tiffany queria uma família, e eu só ansiava que aquele pesadelo terminasse.

Ela parou de escrever, foi definhando com a falta do amor que eu jamais poderia lhe dar, mesmo tentando ser o mais presente possível. Ela não se conformava e assim foi se afundando cada vez mais na depressão.

Anita pediu licença do trabalho para cuidar da prima. Eu contratei uma enfermeira para acompanhá-la de perto, afinal de contas, todo cuidado era pouco.

— O que aconteceu?

— A chuva de ontem parece ter cobrado os efeitos – revelou com a voz preocupada. — Ela não está conseguindo respirar direito, está ardendo em febre.

— Merda!

Um dia antes Tiffany fez mais uma de suas loucuras. Grávida de sete meses, aproveitou a distração da enfermeira e saiu para a rua no meio de um temporal. Só conseguimos encontrá-la quase três horas depois, descalça e vestindo apenas uma camisola fina. Ela ficou exposta tempo demais, principalmente por já estar fragilizada.

A situação se agravou ainda mais quando Tiffany se revelou hipertensa, de uma maneira extrema, o que preocupou os médicos a tal ponto que ela precisou ficar em constante repouso. Sua vida e a do nosso filho estavam em risco.

— E a pressão? Fátima está com você?

Fátima era a enfermeira da noite, que dormia com ela para ajudar em momentos como aquele.

— Muito alta. Estamos preocupadas. Ela está sentindo dor e não está falando coisa com coisa.

— Chamou a ambulância?

— Chamei, mas eles estão demorando demais. — Pelo tom de voz de Anita eu entendia que era algo realmente grave. — Estamos com medo de removê-la sem os devidos cuidados.

— Estou indo. Se a ambulância chegar me avise.

— Certo. Obrigada!

Desde que Tiffany começou a dar sinal de insanidade, eu e Anita nos tornamos mais próximos, unindo forças para cuidar dela, mas até isso se tornou um problema para Tiffany, que passou a fantasiar que algo

estava acontecendo entre mim e a prima.

Eram muitos problemas, como eu sabia que a culpa era minha, aceitava e me resignava, tentando sempre fazer o melhor para acalmá-la.

Desliguei, peguei a calça do dia anterior, vesti e fui em busca de uma camisa limpa. Precisava ser rápido e prático. Calcei um tênis, peguei a carteira, as chaves e saí para uma noite gelada, o que eu agradei, pois ainda estava com o corpo suado devido ao pesadelo.

Dirigi o mais rápido possível e quando cheguei a ambulância já estava na porta do prédio onde Tiffany morava. Como o porteiro me conhecia, consegui passar sem burocracia. Encontrei Anita na porta do quarto, o rosto assustado e preocupado. Fátima estava com o médico e mais um enfermeiro, preparando-se para remover a mãe do meu filho.

— Eles vão levá-la — Anita me informou sem desgrudar os olhos da prima. — Parece que o caso é grave.

— Sempre foi — rebati sem conseguir controlar a minha mágoa. Ela me fitou brevemente, depois voltou a olhar a prima, meneando a cabeça como se estivesse concordando comigo.

— Assim que a maca chegar vamos removê-la — o médico se aproximou, falando com Anita.

— Este é o pai da criança, doutor — ela apontou para mim.

— Entendi. Ela será internada — ele começou a falar diretamente comigo. — A pressão está muito alta 160/120. Precisamos de um ultrassom para saber como está a criança. Ela está sentindo dores que me levam a acreditar que sejam contrações, mas só no hospital teremos certeza de qualquer outro quadro.

— Contrações? Ela está com sete meses apenas — questionei apreensivo.

— Sim, o que é preocupante. A paciente tem histórico de complicações durante a gestação, por isso não queremos aguardar. Só um momento que preciso resolver a parte burocrática. Um acompanhante pode vir na ambulância com a gente, o outro deve seguir para o hospital o mais rápido possível.

— Vá você com ela — eu disse a Anita e ela negou com a cabeça.

— Você é o pai. Ela precisa de você agora, Alex.

Respirei fundo e acabei concordando. O médico se afastou e no mesmo instante a maca entrou no apartamento. Assisti Tiffany ser preparada sem muito esforço. Ela estava muito magra. Então a acompanhei até o elevador. Seus olhos que demonstravam medo e insegurança se mantiveram em mim durante todo o tempo. Comovido com a sua fragilidade, segurei sua mão e ela enfim relaxou, fechando os olhos.

— Como ela está? — Anita chegou alguns minutos depois ao hospital. Levava duas malas pequenas, que deduzi serem para o caso de o bebê nascer antes da hora — se desculpou indicando as malas. Concordei.

— Eles chamaram de Síndrome Hellp.

— Síndrome Hellp? O que diabos é isso? — Eu ainda tremia com o medo de que algo desse errado, por isso mantinha as mãos no bolso da calça.

— É grave. Pediram um exame mais específico e ela está fazendo uma ultrassonografia. Precisei resolver a burocracia do plano de saúde e não a acompanhei. Estou aguardando voltarem.

Neste momento o médico que assumiu o caso de Tiffany passou pela porta que nos separava. Ele me olhou e caminhou em minha direção. Pelo seu olhar percebi que era realmente grave.

— Precisamos antecipar o parto — começou sem se dar ao trabalho de nos preparar. — Vai ser uma situação delicada. A febre alta é um agravante, a secreção em seus pulmões certamente complicará o

quadro.

— O que aconteceu? — questionei preocupado.

— Houve um abrupto descolamento da placenta. É prematuro para acontecer, por isso estamos preocupados. Precisamos remover a criança o quanto antes.

— Eles vão sobreviver? — Anita se intrometeu com os olhos marejados.

— É arriscado dar qualquer prognóstico em uma situação como esta. Precisamos dos exames para conferir as plaquetas. Só antecipo que podemos perder os dois.

— Não! — Ela choramingou.

— Onde ela está? — Minha cabeça dava voltas e mais voltas. — Preciso ver Tiffany, doutor.

— Sim, estamos preparando-a para levá-la para o centro cirúrgico a qualquer momento. Ela está em uma sala de observação. Só pode entrar uma pessoa. Venha comigo.

Fui levado para uma sala onde precisei me preparar com roupas específicas para que pudesse estar em contato com Tiffany. Depois me levaram para uma sala, onde ela repousava em uma cama. Muitos aparelhos ligados a ao seu corpo. Tiffany parecia dormir, esgotada. Aproximei-me e segurei em sua mão. Ela abriu os olhos. O terror continuava lá.

— Alex! — sussurrou com ansiedade.

— Calma. Vai dar tudo certo. — Vi quando uma lágrima desceu dos seus olhos.

— Ele não pode nascer agora. É cedo demais.

— Os médicos sabem o que estão fazendo, Tiffany. Vai ser melhor para vocês dois.

— Não. Não vai! — Ela chorou, voltando a respirar com dificuldade.

— Fique calma — disse, embora eu mesmo não conseguisse encontrar a minha.

— Eu não vou conseguir — revelou chorando. — Você tinha razão o tempo todo. Essa criança é uma coitada. Não fui forte o suficiente por ela, não consegui ser a mãe que ela precisava.

— Não pense assim. Nós estamos aqui por ele, vamos fazer tudo dar certo, Tiffany. Você só precisa ficar calma. — Ela balançava a cabeça negando as minhas palavras.

— Você não o quer. — Fui pego de surpresa. — Eu deixei que acontecesse porque fui burra. Queria que você ficasse comigo. Queria Charlotte longe de nós dois.

— Não pense nisso agora. Já passou, Tiffany. É passado. Vamos nos concentrar em nosso filho. — Eu tentava em vão animá-la, tudo indicava que aquele era mais um dos seus picos de depressão. Ela apertou meus dedos e me olhou com aflição. — Me perdoe — chorou suplicando. — Me perdoe, Alex! Eu sei que errei.

— Tiffany. — Segurei seu rosto encarando-a firmemente. — Eu errei com você. Não aja como se não fosse a vítima desta história.

— Não — soluçou. — Eu forcei a barra, mereci...

— Não faça isso, por favor! Não tente tirar a culpa de mim, não é justo. — Respirei fundo e passei a mão no cabelo, me deparando com a touca. Droga! — Não vamos voltar a esse assunto, Tiffany. Nosso filho vai nascer.

— Um filho que você não quer. Que você não ama. Eu nada mais poderei fazer por ele, Alex! — Sua voz fraca estava esganiçada pelo choro. — Ele vai ficar sozinho, como você disse. Não terá a mim, não terá o seu amor.

— Não vai ser assim. Nós dois estaremos aqui, juntos! Vamos dar a ele o amor que merece. Vamos cuidar dele, Tiffany. Juntos! Então fique calma, pelo amor de Deus!

Os aparelhos ligados a ela começaram a apitar. Céus! Eu estava com tanto medo!

— Tiffany, olhe para mim. Tente se acalmar! — Olhei para a porta aflito.

— Por favor, prometa que vai cuidar dele. Prometa que vai amá-lo mesmo ele sendo meu filho, mesmo

vindo nas circunstâncias que veio, mesmo tendo afastado a pessoa que você mais ama. — Engoli em seco sentindo a mágoa empedrar em meu peito. — Prometa, Alex!

— Tiffany...

— Se não conseguir amá-lo... se for demais para você... deixe que Anita o leve para longe.

— É meu filho, Tiffany! — E as palavras já começavam a embolar em minha garganta. — O que está dizendo?

— Você não o quer — ela sussurrou, perdendo a força.

— Claro que quero! — E me vi surpreso com a minha afirmação. Nunca antes parei para pensar em perdê-lo, naquele momento, enfrentando essa possibilidade, eu estava em pânico.

— Você vai cuidar dele?

— Nós vamos! — Eu me negava a acreditar que ela iria desistir.

— Prometa que vai amá-lo e perdoá-lo por ter sido concebido da forma como foi. — A voz ainda mais fraca me alertou. Olhei outra vez para a porta e vi que enfermeiros se aproximavam. O aparelho apitava cada vez mais. — Prometa...

— Prometo. Eu vou amar este filho e cuidar dele da maneira que ele merece — ela sorriu fechando os olhos.

— Obrigada, Alex! — Eu quase não conseguia mais ouvi-la. — Obrigada.

— Tiffany?

— Eu amo você... — Não ouvi as palavras, só as identifiquei pelos movimentos dos seus lábios. Neste momento eles cercaram a cama me afastando. Eu não conseguia acompanhar o que acontecia, só sabia que era grave e que Tiffany não estaria conosco quando nosso filho chegasse.

Capítulo 1

“Chorar sobre as desgraças passadas é a maneira mais segura de atrair outras.” William Shakespeare

Charlotte

— Você não precisa fazer isso.

Thomas falava sem cansar, mas eu, sinceramente, não conseguia ouvir metade do que ele dizia. Sentada no alto do edifício eu apenas olhava para baixo. A escuridão da madrugada que nos escondia de olhares curiosos, também servia para disfarçar a minha apreensão. Lá embaixo poucas pessoas caminhavam, no geral grupos de jovens a caminho de alguma balada, ou um casal apaixonado que, acreditando não ser observado, revelava o seu desejo em paredes frias e sujas. Dei mais um gole na garrafa de tequila que estava em minha mão.

— Sério, Charlotte! Não vê que nada disso é necessário?

— É trabalho, Thomas. — Ele riu sem vontade, apenas para desdenhar da desculpa esfarrapada que eu usava para me manter firme na minha decisão.

— Não quando seu trabalho envolve Alex Frankli. — Encolhi-me visivelmente à mínima menção a ele. Não, não havia passado. Três anos depois e eu ainda me sentia apunhalada todas as vezes que alguém citava o nome do meu ex-marido. Normalmente eu fingia não me importar. Ninguém mais me via chorar ou lamentar o fim. Eu sorria, brincava, saía com amigos, fingia levar uma vida normal, com barreiras muito bem construídas para impedir que as lembranças me alcançassem.

No entanto, eu, e apenas eu, sabia o que existia dentro de mim, e por mais que a ferida não estivesse mais sangrando, ainda a sentia, e sofria. Uma parte porque nunca me dei a oportunidade de encerrar aquele capítulo adequadamente, como deveria ser. Simplesmente fui embora e nunca mais voltei. Sequer falei

alguma vez com ele. Neguei-me até mesmo a falar sobre ele com qualquer pessoa disposta a consertar os nossos erros. Agia como se Alex tivesse sido apagado da minha vida, apesar de saber que era um erro. Uma ferida abafada nunca cicatriza.

Outra parte porque, por mais que o odiasse, eu o amava na mesma medida e com a mesma intensidade. E por mais que escondesse de todos a verdade, nenhum tempo, nenhum lábio, nem braços, conseguiram amenizar o que eu sentia. Nem para o bem, nem para o mal. Então eu seguia, amando e odiando, sem nunca saber qual dos dois sentimentos seria vencedor um dia.

— Meu público no Brasil é imenso. É até desrespeitoso nunca ter voltado, principalmente porque devo parte do meu sucesso a eles.

— Eles quem? Ao público ou à editora do Alex? — Outra vez meu coração acelerou e a ferida ardeu. Thomas tinha este jeito. Ele falava sem medidas. Não colocava panos quentes. Acreditava que não fingir nem esconder era a melhor forma de tratar uma alma sofredora. Deu muito certo quando o assunto era a minha mãe, porém tornou-se doloroso demais quando se tratava de Alex. Provavelmente porque a primeira estava morta e nada nem ninguém conseguiria mudar a situação, já Alex...

— Os dois. Devo muito à editora, à Lana...

— À Alex... — Pegou a garrafa da minha mão e tomou um gole longo.

— Sim, a ele também — rebati, sem conseguir encará-lo. — Bem ou mal tudo começou a acontecer por causa dele. Não, Thomas... — Levantei a mão para impedi-lo de falar. — Eu sei muito bem o que você pensa. Aconteceria de uma forma ou de outra, eu sei. Você nunca vai entender a importância dele neste caminho. Se... — Engoli em seco. — Se Alex não tivesse acreditado em mim, muito provavelmente eu apostaria apenas em uma autopublicação com pequena tiragem, simplesmente porque não tinha coragem o suficiente para fazer sozinha. E você já argumentou bastante comigo.

— Mas não consegui te convencer a ficar. — Empurrou-me com o ombro.

Só Thomas para não entender que me empurrar com o ombro no alto de um edifício, quando eu já tinha bebido tequila suficiente para me considerar suicida, era mais do que errado.

— Eu estou sempre viajando a trabalho e você nunca reclamou tanto.

— Porque desta vez é realmente arriscado.

— Arriscado?

— Sim. Desta vez você vai estar com ele. — Jogou as mãos para cima como se estivesse dizendo o óbvio. E estava. Tive que rir. — Não consegue enxergar o perigo? Nos últimos três anos você esteve em diversos lugares do mundo. Assinou vários contratos, participou de inúmeras sessões de autógrafa, deu infinitas entrevistas e entrou para a lista de best-sellers. Em nenhum destes acontecimentos ele esteve presente. Vocês não se encontraram nem mesmo para o divórcio.

— Nós sabíamos que uma hora aconteceria. — No entanto nem eu mesma queria pensar nisso. Me aterrorizava saber que o encontro estava tão perto.

— E é incrível como você nada faz para se preservar. — Ele levantou sem se afastar, ficou de pé, olhando para baixo. — Não tem medo de como será este encontro?

— Lamentar uma dor passada no presente é criar outra dor e sofrer novamente — falei baixinho, pensando no quanto eu acreditava naquela frase e, mesmo assim, continuava deixando que a dor antiga me machucasse.

— Deixe-me adivinhar: Shakespeare.

— Sempre — suspirei.

Shakespeare era a minha obsessão, como era também a de Alex, o que se tornou algo nosso. Eu nunca consegui fazer ele voltar a ser só meu, como era antes de tudo acontecer. — Acho melhor irmos para casa. — Levantei com auxílio dos braços do meu amigo. A tequila cobrava a nossa brincadeira.

— Poderíamos passar lá no...

— Não, Thomas — ri sem deixá-lo terminar a frase. Se dependesse de Thomas só voltaríamos quando o

sol nascesse. — Tenho que viajar pela manhã bem cedo, nada mais de aventuras, nem de tequila. — Recusei a garrafa que ele me oferecia e tirei o pó do meu jeans. — Tenho mesmo que ir. — Não tem nada que eu possa fazer para te convencer a desistir? — Não. — Ok! Estarei aqui para juntar seus cacos quando você voltar. Suspirei pesadamente e iniciei a nossa decida. Em algumas horas eu estaria enfrentando o meu pior pesadelo: encarar Alex Frankli, e para tanto precisaria equilibrar a minha mente, assegurar meus pensamentos e trancafiar meus sentimentos. Não seria nada fácil.

Alex

Sentei na prancha observando a faixa de areia diante de mim. O mar estava calmo, mas meu coração não. Quando a situação apertava, eu me refugiava na praia, mesmo com a desculpa de que era mais um momento em família. Era na água que eu me permitia chorar sem ser notado, sofrer sem precisar culpar ninguém.

Três anos se passaram e quantas coisas aconteceram até eu chegar ali, na praia, encarando atentamente a areia, vendo de longe meu filho, Felipe, ou Lipe, como Lana o chamava e ele adorava. Nunca imaginei que minha vida mudaria tanto, nem que daria tantas voltas.

Todos os meus conceitos foram errados, todas as minhas ideias rolaram por água abaixo porque, no instante em que peguei aquele menino nos braços, que encarei seus olhos azuis e cabelos negros, lisos, assim como os meus, o eixo do meu mundo mudou.

Tudo o que aconteceu antes e depois disso só serviu para me fazer amá-lo e protegê-lo ainda mais. Em meu coração habitava a tristeza por todos os passos que demos até ali, a saudade de tudo o que perdi, que sabia que jamais voltaria a fazer parte da minha vida, no entanto, nada me faria desistir dele, muito menos lamentar a sua existência.

Naquela data eu me permitia sentir os três anos em que ela partiu. Os três anos em que só a vi de longe, muito longe, acompanhando o seu sucesso como escritora, vivendo tudo o que sonhamos juntos.

Charlotte foi embora do Brasil e nunca mais voltou. Eu sabia que ela tinha esse direito, que precisava realmente recomeçar, tirar-me do seu caminho, só não conseguia conter a tristeza com cada notícia que chegava. Eu assistia as suas entrevistas, acompanhava a sua agenda, afinal de contas ela ainda fazia parte do nosso quadro de escritores.

Com dois livros lançados e na iminência do terceiro, ela já era um fenômeno mundial. Depois de sofrer a sua maior decepção, que foi o nosso casamento, sobre o qual ela nunca falava, ela finalmente se permitiu usufruir um pouco de toda influência que seu sobrenome lhe permitia. Assim, seu livro ganhou o mundo e, em menos de um ano, nós éramos somente a editora que representava Charlotte Middleton no Brasil, apesar de termos participação nos seus lançamentos fora do país.

Lana era a única e exclusiva responsável pela carreira da minha ex-esposa. Exigência de Charlotte, aceita prontamente por mim. Nunca nos falamos, nos vimos ou trabalhamos juntos depois que ela foi embora. Miranda tornou-se a sua agente, mesmo não fazendo ideia do que estava fazendo. Esta, por sinal, passou a morar com Patrício e, apesar de precisar sempre viajar para acompanhar Charlotte, conseguia

fazer o relacionamento dar certo. Ele nunca descobriu o motivo de eu implicar tanto com ela, e, com fé em Deus, nunca descobriria. Depois de Felipe o nosso convívio ficou mais amigável, o que eu nunca cheguei a cogitar, devido aos fatores.

Quanto ao meu livro, desisti dele quando entendi que jamais conseguiria concluir aquela história, mas também quando descobri que minha irmã estava grávida de gêmeos e que a sua gravidez era de risco, ou seja, eu precisava estar de volta ao trabalho por tempo integral.

Lógico que não a retirei do cargo de editora-chefe, mas assumi muito mais tarefas do que o meu cargo deveria, tudo para aliviar o peso das costas dela. Também não posso mentir que trabalhar intensamente, naquela época, era tudo o que eu mais precisava.

Minha vida tinha virado um inferno.

Trabalhei mais do que poderia suportar, fui forte e Lana conseguiu superar os primeiros meses. O trabalho me ajudava a me manter longe de tudo, com a mente ocupada, seguindo dia após dia. Desisti de aguardar por ondas e de me lamentar pela falta que ainda sentia de Charlotte, nadei até a ponta, retirando a prancha até a areia. Felipe me viu de longe e correu em minha direção, seguido de perto por Anita. Ela sempre nos acompanhava em nossos passeios à praia.

— Papai — ele gritou antes de se chocar contra as minhas pernas.

Abaixei sorrindo, como sempre fazia quando ele se aproximava, peguei ele no colo, levantando-o. Beije seu rosto, sabendo que ele detestava ficar molhado. Sua mãozinha segurou meu pescoço me afastando. Os óculos molhados, incomodando-o.

— Para, papai. — E se debateu para que o largasse. — Molhou tudo. — Tirou os óculos passando para Anita que rapidamente limpou, devolvendo-o. — Quelo sufá! — Tentou se afastar, debatendo-se para eu colocá-lo no chão.

Ele sempre tentava pegar minhas pranchas na tentativa de conseguir subir nelas como eu fazia. Deitei a prancha no chão e ele logo sentou nela, fazendo a maior bagunça.

Felipe era uma criança inteligente. Aprendeu a falar as primeiras palavras cedo e rápido. Passou rapidamente do engatinhar para o correr. Tinha as melhores desculpas para tudo. Infelizmente tinha algumas limitações, frutos de uma gestação difícil e um nascimento prematuro. Era asmático e míope, além de ter diversas alergias.

— Sem muito esforço, Lipe. — Anita, sempre muito cuidadosa, já se preocupava. — O mar não está muito bom hoje — puxou conversa, retirando o cabelo do rosto.

— Não está, mas eu tinha esperança.

— Lana ligou duas vezes para o seu celular. — Mordi o lábio contendo o aborrecimento.

— Eu já pedi, Anita...

— Eu não olhei, tá certo? Lipe pegou para pedir joguinho quando ela estava ligando, por isso eu sei.

Eu não estava disposto a entrar em mais uma discussão com Anita, afinal de contas, ela me ajudava muito com meu filho, estive do meu lado quando toda merda aconteceu e se mantinha firme, fazendo com que Felipe se sentisse amado e desejado.

Como Lana teve as gêmeas, Valentina e Catarina, um pouco antes de o Felipe nascer, sua ajuda era quase inexistente, apesar da boa vontade em me atender sempre que precisei de socorro. Anita era o meu maior reforço, além da minha mãe, claro.

— Vou ligar para Lana depois. Vamos para casa, Lipe?

— Não! — Ele nem me olhou, ficou tentando se equilibrar na prancha, rindo sem parar e ajustando os óculos. Suspirei.

— Deixa que eu te ajudo com isso, lindinho — Anita se abaixou para cuidar do meu filho, com o mesmo

amor de sempre.

— Então vou sentar um pouco e cuidar das nossas coisas. — Afastei-me deles sob o olhar atento da madrinha do meu filho.

Sentei na cadeira e olhei para o mar. Foi naquela praia que eu e Charlotte conversamos sobre sexo, a forma como o homem pensa e a mulher imagina. Ri sozinho. Charlotte era tão absurda que chegava a ser encantadora. Mordi os lábios e me obriguei a não pensar tanto nela.

Pouco tempo após a sua partida, assinamos o divórcio. Eu quis tomar um porre homérico, mas, desde que havia transado com Tiffany por causa do álcool, me recusei a beber outra vez. Então me tranquei em casa e sofri sozinho, depois me atirei em minha vida profissional.

Não me dei ao trabalho de atender a ninguém, nem mesmo a mãe do meu filho, que foi até a minha casa e insistiu em conseguir a minha atenção. Fiquei no sofá, deitado, encarando a escuridão da casa e me odiando cada vez mais.

João Pedro e Patrício estavam decididos a me fazer sair da fossa, como se fosse possível, só que João não podia participar tanto da minha vida, já que Lana precisava cada vez mais dele e Patrício, apesar de ir em minha casa quase todos os dias, sentia-se mal por estar com Miranda, uma pessoa tão ligada a Charlotte, e não poder me contar nada. Mal entendia ele que eu sabia tudo o que precisava.

Tiffany morreu dois dias após o parto. Os médicos tentaram de tudo, no entanto, o que ficou muito claro para mim foi que a própria Tiffany havia desistido e contra isso não havia procedimento médico que ajudasse. Eu fiquei sozinho com meu filho recém-nascido, sem nem fazer ideia de como seria criar uma criança. Encarei a situação de frente e, determinado, assumi a paternidade. Desde então tento ser o melhor possível para Felipe, ser mãe e pai.

Não posso negar que, apesar do amor incondicional que eu sentia pelo meu filho, doar-me integralmente a ele era também uma forma de ser perdoado pelo mal que fiz a Tiffany. Sim, ela também era um fantasma do passado que ainda me atormentava. Além de ser uma forma de não pensar em Charlotte, ou de não sentir tanto a dor que a sua falta me causava.

Muitas vezes eu me pegava pensando em como seria se Lipe fosse nosso filho. Ele era muito parecido comigo, mas os óculos, e a forma como ele constantemente os ajustava, lembrava-me tanto Charlotte, que constantemente eu precisava parar para respirar e me recuperar das lembranças.

Mas Felipe não era filho dela. Nunca poderia ser. Nem algo próximo a isso. Ele era o fruto do meu pecado, o motivo da nossa separação.

Encarei o mar imaginando como seria dali há alguns dias. Depois de três anos em que a imagem da minha ex-esposa era apenas a de uma celebridade no meio literário, sem nenhum contato, nenhuma palavra, eis que estaríamos frente a frente. Só de imaginar meu coração acelerava.

Durante dias eu tentei me convencer de que seria horrível. Charlotte me odiava, e eu... bem, eu segui a minha vida. Aceitei o fim e, apesar de não ter casado novamente, nem ter engatado nenhum relacionamento mais sério, estava conseguindo seguir em frente, acostumando-me com as lembranças e a saudade.

Não, eu também não queria um retorno. Desejei isso durante muito tempo, até compreender que ela jamais aceitaria Lipe, nunca seria capaz de amá-lo, e eu jamais abriria mão dele. Por ninguém. Então Charlotte e eu eramos um caso encerrado e arquivado. Até eu descobrir que participaríamos do mesmo evento literário internacional. Um aglomerado de setores conversando e debatendo sobre o mercado, os livros... Eu participaria representando a editora, e Charlotte foi convidada para algumas palestras, além de encontro com seus leitores, o que chamava mais atenção para o evento. Então, estaríamos juntos outra vez. Não no mesmo dia, nem no mesmo horário, porém estaríamos no mesmo local e o encontro seria inevitável. O mínimo pensamento de como seria já me roubava o ar. Finalmente teríamos um confronto? Poderíamos colocar uma pedra no assunto após termos a oportunidade de falar um com o outro? Ou ela simplesmente me ignoraria como fazia há anos? Eu não

fazia a mínima ideia e a incerteza era o que me tornava um fraco. Eu não sabia o que esperar. Havia também a possibilidade de nem nos encontrarmos, mas, me conhecendo muito bem, eu sabia que procuraria por ela a cada segundo. E a encontraria.

Olhei meu filho, que ainda se divertia com a prancha. Era melhor não abusar do sol e do vento. Eu bem sabia como as noites eram quando ele se expunha demais. Levantei, dobrei a toalha, fechei o sombreiro e a cadeira, arrumei os brinquedos do Lipe, juntei algumas coisas que Anita deixara espalhadas e fui até eles.

— Vou levando as coisas para o carro. Volto logo para pegar a prancha. — Anita concordou, pegando sua saída de praia da minha mão.

— Eu quero sufá — Lipe protestou.

— Mais cinco minutos. — Ele fez birra, já sabendo que eu não voltaria atrás.

Peguei tudo e deixei a areia ganhando rapidamente a calçada ampla. Só precisava atravessar a rua e andar poucos metros até o meu carro. A ciclovía estava vazia, assim como o número de pessoas caminhando estava bem reduzido. Olhei mais uma vez para trás, certificando-me de que eles ficariam bem até eu voltar, quando senti a dor forte e ouvi a voz há tempos esquecida.

— Alex!

Ela gritou alto, antes de eu sentir meu corpo ser jogado ao chão. A dor em meu cotovelo foi aguda, assim como a que senti imediatamente em minha perna, mas nada ganhava mais a minha atenção do que os poucos minutos que levei para reconhecer aquela voz.

Charlotte estava lá.

Capítulo 2

“De grado evitei quem me evitava.” William Shakespeare

Charlotte

Se alguém me perguntasse se eu imaginava que havia o risco de aquele encontro acontecer, em uma segunda-feira pela manhã, eu diria que jamais passaria pela minha cabeça. Como eu poderia suspeitar que Alex não estaria trabalhando? Como chegaria à conclusão de que aquele era um bom dia para ele surfar?

Logicamente, quando decidi pedalar pela orla carioca, meu pensamento era apenas um: qualquer lugar do Rio de Janeiro me levaria a Alex Frankli, meu ex-marido.

Poderia não ter a sua presença física, no entanto, quando aconteceria de eu deixar de pensar nele quando encarasse o mar? E foi assim que quase matei meu ex-professor.

Sentindo a brisa leve bater em meu rosto e me permitindo deixar o cabelo voar livremente, com a pista vazia, me deixei conduzir por aquela que havia se tornado o meu vício: a bicicleta.

O dia não era o melhor para apreciar, mas o sol estava convidativo e, para alguém com a pele como a minha, aproveitar os dias de menos sol era a melhor conduta. Por isso saí protegida como pude, e, evitando continuar pensando em como seria o encontro inevitável, o que me roubou boa parte do sono, preferi o exercício físico e exaustivo.

Em determinado ponto, olhei para o mar e encarei o grupo de surfistas que, sentados em suas pranchas, pareciam ainda ter esperança de que algumas ondas aparecessem e, imediatamente, meus pensamentos voaram. Foi em uma praia que tudo começou. Foi em um dia de sol que o desafiei a embarcar em uma loucura junto comigo.

E constatei, com o coração em saltos, que foi ali, exatamente naquela praia, que nós conversamos sobre o que seria ou não adequado em um relacionamento sexual, em um dia comum, vivendo uma rotina de

marido e mulher. Naquele dia eu nem imaginava o que estava por vir.

Eu nunca imaginaria.

E a saudade brincou em meu peito, fazendo-me amar e odiar na mesma proporção.

Desistindo de me deixar levar, resolvi que ali deveria ser o fim da minha estrada. Era só atravessar a rua e fazer a volta, e eu estaria segura outra vez, trancafiada em meu mundo, onde Alex não tinha mais espaço.

Mas não foi o que aconteceu. Assim que olhei outra vez para frente ele se materializou. Não tive tempo de raciocinar. Perdi a direção e a noção do que fazer para controlar minhas mãos e meu coração, colidindo diretamente com o meu maior pesadelo: Alex Frankli.

Só tive tempo de gritar para alertá-lo, o que não adiantou nada. Alex foi jogado ao chão, juntamente com tudo o que carregava.

— Ai meu Deus!

Minha bunda sentiu o impacto quando fui arremessada da bicicleta para o chão. Minha mão ardia, alertando-me de possíveis arranhões, no entanto nada daquilo importava mais. Alex estava ali, ao meu lado, atirado ao chão assim como eu. E ele me encarava como se estivesse em um sonho, sem acreditar no que via. Nem mesmo o sangue que escorria do seu cotovelo até a mão o fazia deixar de me encarar.

— Você está bem?

Tentei ser o mais racional possível, afinal de contas fui a responsável pelo acidente. No entanto meu pensamento só conseguia gritar e xingar o destino, que brincava conosco nos colocando no mesmo caminho mais uma vez.

Era o que eu queria? Meu lado racional afirmava veementemente que não. Não havia espaço para Alex em minha vida. Nem perdão para o que ele fez. Já o meu lado apaixonado fazia meu coração acelerar, minha boca secar e meus olhos acompanharem cada gesto do homem diante de mim, cada detalhe do seu lindo rosto, tão bem gravado em minha memória traidora, que nunca, nunca mesmo, me deixava esquecer. Nem minha memória conseguia fazer jus a realidade. Alex estava lá, lindo, o corpo molhado, o cabelo um pouco maior do que costumava usar, os olhos mais azuis e penetrantes do que eu seria capaz de recordar, a boca desenhada, os braços torneados...

Balancei a cabeça me impedindo de continuar. Não era o que eu queria. Repeti incansáveis vezes até que meu corpo comesse a reagir contra a presença dele. Era assim que tinha que ser.

— Vocês estão bem?

Olhei para o lado e vi um senhor e mais duas pessoas paradas acompanhando os acontecimentos. O senhor estava com roupa de ginástica, então deduzi que ele se exercitava na orla e viu quando atrolei a pessoa que mais odiei nos últimos anos. Não, eu odiei mais Tiffany, no entanto Alex era sempre o meu alvo preferido.

— Eu não o vi. — Desviei meus olhos dos de Alex e comecei a me levantar. O senhor segurou no braço de Alex ajudando-o.

— Eu estou bem — ele disse, ainda em choque.

— Seu braço está sangrando. É melhor procurar um pronto-socorro — alertei enquanto levantava a minha bicicleta.

— Tudo bem. Não foi nada.

Voltei a olhá-lo e me certifiquei de que ele ainda me encarava. Seus olhos me queimavam mais do que o sol.

— Você atravessou sem olhar. Isso aqui é uma ciclovía. — Eu estava incomodada. Não era para ser assim. Não foi como idealizei.

Nos meus devaneios eu só encontraria Alex quando estivesse incrivelmente superior. Trataria-o com educação, demonstrando não me incomodar mais com a sua presença, sustentando a frieza que eu tinha aprendido a levar comigo. Nos meus pensamentos eu seria madura e indiferente, no entanto não era o que

acontecida. Alex me incomodava e tirava de mim qualquer capacidade de permanecer equilibrada. Eu queria confrontá-lo mesmo sabendo que não podia agir de tal forma.

— Você tem razão — ele rebateu sem tentar se impor. Respirei fundo percebendo que tremia, então tentei esconder minhas mãos. Não podia demonstrar tamanha fraqueza, não para ele. — Eu estava distraído.

— O senhor poderia seguir o conselho da moça e procurar um pronto-socorro — o rapaz que acompanhava a confusão tentou ajudar.

— Não precisa. — Alex finalmente deixou de me olhar, conferindo o machucado. — Foi apenas um arranhão. Obrigado.

Ele pegou a bolsa que a mulher lhe entregou e tratou de organizar as suas coisas. Eu deveria sair dali o quanto antes. Aproveitar a chance e seguir em frente, mas não consegui, então fiquei parada, segurando a bicicleta e conferindo o que ele fazia. Ele segurava uma sacola de praia com brinquedos infantis e outra sacola que parecia ser feminina. Estremeci.

— Bom, então... — O senhor começou a se afastar. — Boa sorte para vocês.

Os outros dois expectadores também começaram a se afastar, deixando-nos sozinhos. Olhei para meus pés sem saber como agir. Pensei que era a hora de nos despedir, de maneira madura, e fingir que nada havia acontecido, porém ele também não se mexia, não demonstrava querer partir.

— Não sabia que você estava no país — ele começou.

— Você sabe dos meus compromissos. — Ainda não tinha coragem de encará-lo. — Sabe que também vou participar do...

— Sim, eu sei — rebateu, sem me deixar terminar. Levantei os olhos sendo arrebatada pelos dele. Havia um pouco de tudo no olhar de Alex, o que me deixava incrivelmente abalada. — Só não esperava te encontrar no Rio de Janeiro.

— Miranda achou melhor assim. Ela precisa de mim para organizar alguns detalhes do casamento.

— Ah, sim. — Ele umedeceu os lábios sem deixar de me olhar.

O clima não era nada confortável. Eu sentia o quanto Alex se segurava para não colocar tudo a perder e entendia o quanto o medo daquela conversa me paralisava.

— Como você está? — Ele deu um pequeno passo em minha direção, o que me fez ter vontade de recuar.

— Bem — engoli, sentindo minha garganta secar. — E você? — Ele me avaliou demoradamente, até que baixou os olhos e deu uma risadinha que me deixou inquieta.

— Bem também. — O silêncio que se seguiu foi constrangedor.

— Charlotte...

— Foi melhor nos encontrarmos assim — comecei, impedindo-o de dizer o que quer que ele tinha em mente. — Quer dizer... não eu te atropelando e... — Ri sem vontade. — Isso realmente não foi legal. Mas nos encontrarmos assim foi melhor do que um encontro formal em Curitiba.

Sorri em uma tentativa de demonstrar a maturidade que eu ensaiei nos últimos anos para quando o fatídico encontro acontecesse. Alex me encarou, buscando qualquer sentimento que eu jamais poderia demonstrar. Então ele piscou, e, sem jeito, passou a mão pelo seu cabelo, afastando-se, aceitando a distância. Eu sentia falta daquele gesto. Suas mãos longas passando pelos cabelos sedosos... merda!

— Sim, sem dúvida. — Sua voz deixava claro que ele não acreditava nas suas palavras.

— Bom... cuide deste machucado. — Comecei a preparar a bicicleta para sair dali o mais rápido possível. — Foi bom te encontrar. Nos vemos em Curitiba.

— Espere. — Estremeci ao sentir seu toque em meu braço.

Meu coração acelerou com tamanha força que pensei que se partiria em mil pedaços. Alex respirou fundo. Naquele imenso segundo muita coisa se passou pela minha cabeça e meu mundo girou, até que meus olhos me mostraram o que eu nunca imaginei presenciar.

Logo atrás de Alex estava Anita. Sim, a professora Anita, a mesma que tentou inúmeras vezes acabar com o nosso relacionamento, que ameaçou jogar a carreira dele na lama, era a mesma que segurava a criança,

cópia do Alex, inegavelmente o seu filho. O ar faltou.

Ela se aproximou sem que ele percebesse, os olhos dela me fitavam, o espanto estampado em seu rosto, e o medo pela minha presença, confirmado pela sua palidez. A criança em seu colo também me olhava, com a atenção e curiosidade, típica das crianças.

— Charlotte? — Ela disse por fim, e Alex se deu conta da sua presença, ficando imediatamente desconfortável.

Claro que ele ficaria. A posição de Anita ao seu lado, carregando o seu filho, a pose de quem defendia o que era seu, deixava muito claro o que eu via ali. Uma família completa. Tudo o que Alex sempre quis. Tal realidade caiu sobre mim de uma forma dolorosa e tive medo de deixar que esse sentimento fosse revelado pela minha expressão. Ali estava mais um pouco da traição de Alex. Mais uma vez ele me traía, mais uma vez ele pisava em nossa história sem nenhuma piedade e me mostrava quão pouca importância ou valor eu tive. Foi tudo uma grande mentira.

Mesmo assim sorri, e deixei que a parede gelada que me afastava dele, continuasse me conduzindo.

— Anita, como vai? — Ela não sorriu de volta. Olhou para Alex e depois para mim outra vez.

— Estou bem. — Olhou mais uma vez para Alex. — Não sabia que você estava no Brasil. — Ele se moveu desconfortável, mas sem se afastar dela.

— A trabalho — revelei, impedindo que toda a minha comoção se revelasse.

— Ah sim, o evento em Curitiba — sorriu falsamente tentando demonstrar segurança.

— Isso. E também para a Bienal de São Paulo. — Ela concordou com a cabeça.

— Alex, estamos prontos. Está esfriando para o Felipe. — Ele me olhou discretamente e depois concordou com ela.

Sim, era a confirmação de que Anita e Alex formavam um casal. Apesar de não ser correto, o ciúme me corroeu por dentro. Ela tinha vencido. Finalmente alguém ganhava aquela disputa. Com a morte de Tiffany e o meu orgulho ferido, Alex ficou com quem sobrou e Anita se tornou a sua mulher. Chegava a ser inacreditável.

— Foi bom te ver — eu disse por fim, forjando maturidade. — Até mais. — Olhei para a criança, o filho de Alex e Tiffany, e ele sorriu para mim.

Putá merda!

Era o mesmo sorriso do pai. A mesma forma de deixar que apenas um canto dos lábios se estendesse. E os mesmos olhos, tão profundos como os de Alex, que alcançavam a minha alma. Ele não lembrava em nada a mãe.

Meu peito doeu com a mágoa. Era inevitável não lembrar que a sua existência destruiu o meu casamento, apesar de ter plena consciência de que a criança nunca deveria pagar por isso. Mesmo assim, olhá-lo me machucava, feria-me como se uma lança transpassasse o meu coração. Puxei o ar me dando conta de que havia parado de respirar quando encarei o menino.

— Onde você está hospedada? — Alex foi ousado, tomando uma liberdade que certamente não agradaria a sua atual companheira.

Pensei em diversas respostas, até mesmo em ser infantil e dizer que não era da conta dele. Porém, minha mágoa pelo relacionamento revelado que só me fazia querer ir mais além, venceu. Durante meses Anita foi o meu pesadelo. A sua insistência e falta de vergonha na cara, oferecendo-se a meu marido sem se importar com a minha presença, muitas vezes colocou nossa relação em risco. Então sorri e disse:

— Em meu apartamento.

— No flat? — ele continuou sem se importar com a expressão indignada de Anita.

— Sim. No meu apartamento. — Dei-me conta de que soava como um convite, o qual, eu jamais faria. Nunca me prestaria a este papel. — Vejo você em Curitiba. Tchau, Anita.

— Adeus, Charlotte — ela rebateu como um aviso. Sorri. Ela agora entendia como eu me sentia.

Montei em minha bicicleta, redobrando a atenção, já que depois de tudo o que vi e descobri, minha mente

estava caótica, e me afastei daquele grupo como se dependesse disso para me manter viva.

O destino não poderia ser mais cruel.

Thomas tinha razão, eu jamais deveria ter retornado. E sim, eu tinha certeza de que ele precisaria colar os meus pedaços quando eu voltasse.

— É lógico que ele não está com Anita.

Johnny afrouxou o nó da gravata e sentou do meu lado. Meu amigo continuava lindo com sua pele morena e corpo bem definido. Nos últimos anos tivemos pouco tempo um para o outro. Ele até tentou, mas a faculdade e os compromissos profissionais acabaram fazendo com que nossas conversas se limitassem a ligações. Eu sentia falta dele.

— Eu vi como eles reagiram, Johnny. — Ele revirou os olhos e se deixou deitar em minha cama. Pela primeira vez, desde que eu tinha desembarcado no Brasil, pude ver meu amigo aparentar ter a idade que tinha. Johnny estava mais centrado, mais maduro e, com as cobranças incessantes do meu pai, estava cada vez mais sério. Nada parecido com o Johnny que vivia somente para as farras e brincadeiras infantis.

— Quem ficou no Brasil nos últimos três anos levante a mão... — Levantou a mão em uma atitude ridícula.

— Você mesmo disse que pouco conseguiu estar com Alex, como pode saber? — Ele me encarou e sorriu de maneira sacana.

— Não vi poucas vezes o Alex, não foi o que eu disse. Apenas que não tenho estado com ele com frequência. Então eu sei que Anita e Alex não estão transando.

— Bom, eles pareciam um casal. — Tentei não demonstrar o quanto aquilo me aborrecia, apesar de ser impossível esconder a verdade de alguém como Johnny.

— Anita é madrinha do Lipe. Tem feito o papel que Tiffany deveria ter feito, mas, definitivamente, não ocupou o espaço vazio na cama do seu ex.

— Pouco me importa. — Abri o computador e fingi ler a matéria que eu havia deixado para ler com mais calma. — Só comentei porque achei estranho. Eles pareciam próximos.

— É o que estou falando, Lottie, Alex e Anita se aproximaram bastante para criar o Lipe, embora não passe de colaboração entre compadres.

— Sei.

Nenhum argumento do meu amigo conseguiria me fazer esquecer a forma como aqueles dois agiram na minha presença. Era lógico que eles tinham alguma coisa. Anita expressou muito bem a sua vontade de defender o que lhe pertencia e Alex ficou visivelmente constrangido com o que a atitude de Anita revelava.

— Que azar o seu, não? Passou todo este tempo se escondendo do cara para se encontrarem logo assim.

— Dei de ombros. — Vai dizer que não ficou abalada?

— Claro que fiquei. Era o Alex! E eu não esperava, apesar de que, estava determinada a procurá-lo. Um encontro antes do evento evitaria maiores constrangimentos.

— Você está falando que nem Miranda — ele riu se acomodando em meu travesseiro.

— Até porque a ideia partiu dela.

— Só podia — e riu com vontade.

— Você acha que não deveria ser assim?

— O quê? Você atropelando o cara? — Bati em meu amigo com uma almofada. — Ok! Você sabe o que eu acho.

— Esse ponto não está em discussão, Johnny.
— Todo mundo erra, Charlotte.
— Não quero conversar sobre esse assunto. — Levantei deixando o computador de lado.
— Já se passaram três anos e você continua agindo como se tivesse ocorrido ontem.
— Porque não existe explicação para o que Alex fez. Não tenho motivos para ficar buscando justificativas. Aconteceu e pronto. Alex transou com Tiffany, a prova disso é o filhinho cópia fiel dele.
Ponto final.

Meu amigo suspirou diante da minha teimosia, foi assim desde que eu resolvi ir embora, naquela mesma fatídica noite em que descobri tudo.

— Ele ainda ama você. — Meu coração acelerou. Tentei fingir não me interessar, mas nem minha atitude, nem minha voz colaboraram.

— Ele disse isso para você?

— Não.

Rapidamente o fraco sorriso que ameaçava se espalhar em meu rosto, se desfez. Evitei olhar diretamente para Johnny, mesmo assim vi o seu amplo sorriso, ridicularizando a minha tentativa.

— Ele não precisa gritar que te ama para o mundo. Basta olhar para ele quando alguém toca no seu nome.

— Ele deveria morrer engasgado com esse falso amor. — Infantilmente, levantei o queixo e dei de ombros. — Era o mínimo que ele merecia. — Johnny riu com vontade.

— E aí? Matou a saudade do Brasil? Como foi colocar esta pele transparente em um sol tão quente?

— Primeiro: minha pele não é transparente — ele riu outra vez. — E o sol estava milagrosamente mais fraco. Vai ficar aqui em casa?

— Deus me livre! Isso aqui está entregue às moscas desde que Miranda resolveu fazer as malas e se alojar no apartamento novo do Patrício. Eu disse ao cara que era melhor continuar morando com os pais. Ele não acreditou e deu nisso, uma namorada grudenta.

— Que horror, Johnny!

— Só o padrinho vem aqui e ele chega amanhã. Já recebo uma cota considerável de pressão da parte dele. É melhor eu ficar em meu apartamento.

— Você é muito frouxo — ri e ele levantou.

— Vai ficar bem sozinha aqui esta noite?

— Claro!

Dei uma risada, no entanto, por dentro, eu sabia que aquela noite seria terrível. Aquele apartamento estava repleto de lembranças e eu não sabia até quando suportaria revivê-las.

— Tem certeza? O padrinho chega amanhã bem cedo.

— Eu vou ficar bem. — Empurrei ele para fora do meu quarto. — Onde já se viu ter medo de ficar sozinha?

— Tá certo. — Ele voltou e beijou minha testa. — Se cuide. Amanhã vou tentar almoçar com você, tá bom?

— Vou verificar em minha agenda se tenho espaço para você.

— Lottie, você se tornou uma diva antipática e arrogante.

— Coisas da fama. — Dei de ombros e ele riu.

— Vejo você amanhã.

— Até lá.

Meu amigo foi embora e eu voltei para o meu quarto. No apartamento estávamos apenas eu e Odete, a fiel funcionária do meu pai, que jamais permitiria que eu estivesse lá sem os seus cuidados.

Sentei na cama e demorei um bom minuto olhando as paredes do meu quarto. Estava tudo exatamente como deixei. Respirei fundo encarando de frente os meus fantasmas. Sim, ali eu vivi momentos preciosos com Alex e ali eu perdi a minha mãe. Não, eu não choraria. A saudade que eu sentia da minha mãe ainda

era imensa, embora eu tenha aprendido que chorar não a traria de volta. E Alex... bom, Alex era o meu passado. Era no passado que ele deveria permanecer.

Foram três anos longe. Três anos me acostumando com a sua falta, domando a minha raiva em cada resposta que nunca dei, em cada desaforo que nunca falei, forçando-me a acreditar que não o amava mais, e, nos piores dias, fazendo-me lembrar de que ele não merecia o meu amor. Três anos e eu ainda me sentia completamente despreparada para conviver diretamente com Alex.

Limpei as mãos suadas no short e resolvi tomar um banho antes do jantar. Aquela noite seria de solidão. Nenhum evento, nenhum amigo... um bom filme seria a melhor opção.

Miranda tinha que acompanhar Patrício em um jantar de negócios. Johnny queria aproveitar sua última noite de liberdade, sem a cobrança do meu pai, e eu não me sentia animada para procurar ninguém, nem mesmo para sair do apartamento.

Seria inútil tentar me convencer de que o meu encontro com Alex não havia me abalado. Eu já sabia que seria assim. Até mesmo se não houvesse encontrado ele com Anita. Nunca seria fácil, eu tinha esta certeza.

E ele estava lindo! Deus, como ele conseguia? Alex estava ainda mais bonito, com olhos mais penetrantes, e com a mesma força que exercia sobre mim quando ainda éramos amantes.

No entanto, dentro de mim, a mágoa sempre falava mais alto. Aquela atração que sentíamos não o impediu de transar com Tiffany quando teve oportunidade. E dizer que estava bêbado, que não sabia o que estava fazendo, nunca me convenceu. Como já dizia Shakespeare: Quanto à luxúria, a bebida incita-a e reprime-a ao mesmo tempo. Provoca o desejo, mas impede-lhe a execução.

Só uma tola acreditaria em Alex Frankli.

No chuveiro, deixei que a água escorresse pelo meu corpo, mas não tive ânimo para mais nada. A verdade era que eu sabia do peso da minha própria culpa naquele acontecimento. Não, há muito havia deixado de me vitimar. Jamais me permitiria ser culpada por algo tão vil. Porém, eu sabia o quanto as minhas infantilidades e inseguranças contribuíram para o cansaço e o fim do meu casamento. Lógico que eu tinha que entender. Não me culpando ou cobrando algo que eu jamais poderia ser. Nem deixando de tirar a culpa de Alex.

Eu fui infantil. Testei a sua paciência até o limite. Permiti que Alex enxergasse a criança que eu era e com isso deixei que nosso elo enfraquecesse. Desta forma, eu não deveria jamais culpar Alex por todo mal que nos atingiu. Se não fosse Tiffany, seria qualquer outra pessoa, ou até mesmo ninguém. Bastava um olhar mais atencioso, mais analítico, para entender que o fim era previsível.

Tiffany e Anita já haviam feito a previsão e eu, tola, não acreditei.

Cansada e determinada a esquecer, já que era o que estava fazendo antes de aceitar a ideia absurda de voltar ao Brasil, saí do banho, coloquei um short solto, camiseta e chinelos e desci para jantar.

Assim que cheguei na escada encontrei Odete. Ela subia ao meu encontro e seu olhar deixava claro que alguma coisa estava fora do seu devido lugar. A mulher parecia prestes a surtar. Estremeci. O que poderia estar acontecendo para que ela estivesse tão assustada?

— O que houve, Odete? Queimou o jantar? — Brinquei e ela ficou constrangida.

— Senhora Charlotte. — Ela torceu os dedos na barra do seu vestido. — A senhora tem... — Olhou para baixo. — Visita.

— Visita? — Olhei na mesma direção que ela olhava. — Eu não estava esperando ninguém. Quem é?

— Bom... ele disse que precisava trazer um documento referente à editora, então...

Achei estranho. Lana não havia avisado sobre nenhum documento. Tínhamos combinado que almoçaríamos juntas no dia seguinte, então não via nenhum motivo para um mensageiro estar em minha casa.

— Tudo bem, Odete. Pode servir o jantar. — Ela me olhou de maneira estranha, mas concordou, descendo na minha frente.

Conferi meu short, se era curto demais para receber um mensageiro, resolvi que se eu fosse rápida logo ele iria embora e eu estaria livre para jantar. Passei os dedos pelos fios molhados do meu cabelo, ajeitando para estar um pouco mais apresentável e desci em seguida.

Contudo, assim que alcancei os últimos degraus pensei que meus olhos me traíam. Ali, parado em minha sala, estava Alex. E meu coração perdeu uma batida.

Capítulo 3

“Algumas quedas servem para que nos levantemos mais felizes.” William Shakespeare

Alex

Pensei um milhão de vezes antes de deixar Lipe na casa de Lana e me aventurar naquele novo encontro. Eu tentei me convencer de que não deveria procurá-la. Que tinha obrigação de aceitar a distância, por outro lado, eu precisava ter aquela conversa. Precisávamos falar o que sentíamos ou a convivência durante o evento em Curitiba seria impossível.

Há três anos eu simplesmente aceitei que ela fosse embora. No auge da nossa mágoa pouco dissemos e passamos a nos ignorar. Um falso ignorar, é fato, mesmo assim, mantivemos o silêncio e este agora não poderia mais imperar.

— Você ficou pateticamente abalado com a volta dela.

Anita esbravejou assim que conseguiu colocar Lipe para tirar o seu cochilo da tarde. Respirei fundo. Se existia uma coisa que eu realmente detestava era a mania que Anita tinha de me cobrar satisfações que eu não lhe devia. Era um saco ter que conviver com esta parte do nosso relacionamento.

Claro que eu sabia do interesse dela por mim. Anita nunca desistiria, apesar de me dar trégua na maioria do tempo. Nosso principal interesse era dar ao Lipe uma vida o mais próximo do normal possível, porém nada a impedia de acreditar que poderíamos vir a ser uma família feliz.

— Vou precisar sair pela noite. Você pode ficar com ele? — Ela cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha.

— Para você ir atrás dela?

— Não foi o que eu disse. — Dei as costas e continuei juntando os brinquedos que meu filho tinha deixado espalhado pela casa.

— Tenho compromisso hoje. Além do mais, é a sua noite com ele.

— Todas as noites são minhas. Você não precisa dividir comigo. E a Marta pode ficar quando eu precisar.

— Eu fico porque amo o Lipe.

— Não tenho dúvida disso. — Voltei a olhar a madrinha do meu filho. Ela realmente amava Felipe, no entanto será que conseguia separar o amor que sente por ele do seu interesse por mim?

— Você vai atrás dela?

— Anita, eu...

— Vai, não é?

— Não podemos dividir o mesmo ambiente sem o mínimo de cordialidade.

— Ah claro! — Foi sarcástica. — E você realmente acredita que tal façanha é possível? É de Charlotte que estamos falando. A garota mais infantil e imatura que já conhecemos.

E foi com esta ideia que saí de casa. Realmente eu precisava estar preparado para as atitudes infantis da minha ex-esposa. Só Deus poderia saber de que forma Charlotte reagiria a minha presença. Fiquei tenso imediatamente. Eu precisava ser firme e direto. Deixar claro as minhas intenções puramente profissionais.

Porém, assim que parei o carro em frente ao flat, fui bombardeado com lembranças que derrubaram toda a minha coragem e determinação. Fechei os olhos e apertei o volante com força. Não existia espaço para Charlotte em minha vida. Não mais. Seria apenas uma conversa. Uma que conseguisse colocar todos os pontos no lugar.

Não havia necessidade de nos hostilizarmos. Trabalhávamos juntos, estaríamos no mesmo evento, o mínimo que poderíamos fazer era manter uma convivência saudável. Além do mais, eu sempre estaria vinculado a ela, não apenas pelo casamento relâmpago que todos os jornais e revistas sensacionalistas fizeram questão de notificar, mas também porque estávamos ligados pelos livros e pela editora. Não precisávamos de mais manchetes sensacionalistas nos tabloides, revelando a relação ruim entre editor e autora.

Foi pensando assim que renovei a minha coragem e desci do carro. Seguindo a mesma determinação, cumprimentei o porteiro que já me conhecia e em pouco tempo estava em sua casa, na sua sala, aguardando pacientemente que Odete, a funcionária que cuidava da casa, a avisasse da minha presença. E então ela apareceu. No primeiro instante consegui captar o espanto em seus olhos. Não poderia ser diferente, afinal de contas foram três anos longe. Três anos de silêncio. Por um segundo meu coração parou, buscando forças para suportar a reação dela. Eu aguentaria? Suportaria a sua rejeição? A sua mágoa? Seria capaz de ouvir as suas acusações?

Mas Charlotte se recuperou rapidamente da surpresa e, contrariando todas as minhas expectativas, desceu os degraus que ainda a mantinham longe de mim e veio em minha direção sem expressar nenhum sentimento.

— Boa noite — comecei inseguro. A presença da empregada me fazia temer. — Como vai?

— Boa noite, Alex. — Ela foi cordial, sem deixar transparecer nada. — Aconteceu alguma coisa? Lana...

— Não. — Ela me encarou sem entender. Olhei mais uma vez para Odete, que entendeu o recado e saiu da sala nos dando privacidade. — Desculpe, Charlotte. — Fui sincero. Não tinha mais como inserir mentiras ou desculpas esfarrapadas. Era melhor irmos direto ao ponto. — Eu pensei no que me disse hoje, sobre um encontro casual ser melhor do que um formal, com tantas atenções voltadas para nós dois. — Ela concordou, puxou o ar com força e olhou ao redor da sala.

— Claro. Sente-se um pouco. — indicou o sofá me surpreendendo. Eu realmente não esperava aquela reação. Não da Charlotte que eu conhecia, com quem fui casado por poucos meses. — Posso te servir algo? Não tive tempo ainda de conferir como estão os nossos estoques, mas tenho certeza que posso conseguir qualquer coisa no restaurante do flat.

Ela se mantinha segura, madura e impassível, o que me alarmou consideravelmente. Sentei sentindo minhas pernas tremerem um pouco.

— Não precisa. Eu...

Encarei Charlotte, tomando consciência do quanto ela ainda me abalava. Sua pele levemente rosada, não sei se pela minha presença ou pelo sol da manhã, as sardas que eu tanto adorava, o corpo bem feito ainda mais bem feito, os cabelos um pouco mais curtos, com a mesma tonalidade de sempre e os olhos azuis rasos e transparentes, que sempre me disseram tudo o que ela era, embora naquele momento me escondessem tudo o que podiam.

— Eu só queria conversar, Charlotte.

— Sobre o que exatamente?

Ela permanecia de pé, olhando-me sem emoção e sem entender a minha presença. Respirei fundo e

enterrei meus dedos em meus cabelos.

— Nós nunca conversamos. Nunca tocamos no assunto. — Ela abriu a boca, fechando-a de novo e se afastou.

— Não restou mais nada para ser dito — afirmou sem se importar com a minha aflição.

— Na verdade... nada foi dito, Charlotte. — Minha voz estava cautelosa, com receio de a qualquer instante trazer para fora daquele corpo a menina rebelde e infantil que eu conheci.

— Tudo o que importava foi dito, Alex. Três anos é tempo demais para nos conformarmos com o silêncio, não?

Ok. Eu precisava abordá-la de outra forma. Não conseguia entender o motivo que me movia de forma tão determinada, só sei que eu precisava ouvir de Charlotte o que ela sentia. Precisava que ela finalmente gritasse, que me xingasse e me cobrasse. Precisávamos deste confronto para que enfim os pesadelos desaparecessem.

— Nós estaremos juntos no evento. Vamos ganhar destaque internacional. Precisamos pelo menos ter o mínimo de convivência, então é necessário conversarmos para que seja possível. — Ela estreitou os olhos e me encarou.

— Eu entendo a sua preocupação — disse por fim, após longos minutos em silêncio. — Da minha parte pode ficar despreocupado. Não vejo motivo para ceninhas. Nós fomos casados e como acontece com a maioria dos casais, nos separamos. — Suas palavras me apunhalaram.

Ela tratava tudo de uma maneira muito fria, seca, como se não a abalasse de forma alguma. Eu ainda encarava seus olhos tentando captar algum indício, qualquer resquício daquele amor desenfreado, mas, espera aí, o que eu estava fazendo? Por que importava saber se ela ainda me amava? Não havia esperança para nós dois, então por que aquela atitude dela não me satisfazia?

— Você deveria conversar comigo, Charlotte. — Comecei e ela se afastou rindo sem vontade.

— Eu já fiz isso com o meu psicólogo, Alex. Pode ficar tranquilo.

Psicólogo? Ela falava sério? Porra!

— É comigo que você precisa conversar. Sou eu quem você tem que encarar. — Ela riu mais uma vez.

— O que você espera que eu faça? Que eu grite? Que esperneie, que o acuse das piores atrocidades? Eu não vou fazer isso. — Elo foi incisiva. — Nosso relacionamento foi uma sucessão de erros. Eu errei, você errou, e acabou, pronto. Não há o que dizer.

— Não mesmo. — Sem querer deixei minha frustração transparecer em minha fala. Aquela não era a Charlotte que eu conhecia.

Não sei o que eu esperava, no fundo sabia que seria muito mais fácil lidar com o meu sofrimento se a ouvisse jogar em minha cara tudo o que fiz de errado, no entanto, ali, bem na minha frente, estava uma Charlotte que havia superado, o que eu não havia conseguido fazer.

— Você transou com Tiffany, é o que quer que eu diga? Engravidou a mulher que nos atormentava — ela falava com naturalidade. — O que eu posso fazer ou dizer, Alex?

Ela finalmente sentou, afastada de mim, sem parecer que fazia isso por não querer estar perto. Foi tudo natural demais e me deixou abalado.

— Nada — respondi por fim, sem saber mais o que dizer. Foi quando vi a aliança em seu dedo.

Putá merda!

— Olha, não vou virar a sua melhor amiga, até porque esta é uma situação complicada. Também não vejo motivo para um clima ruim quando estivermos juntos no evento, o que será bem pouco, não é? —

Concordei com a cabeça. — pode ficar tranquilo.

E parecia que ela queria me dizer muito mais do que estava me dizendo. Era como se estivesse me alertando que a vida seguiu para ela e que a minha também deveria seguir. Sim, a aliança, claro. Tive vontade de me socar. Por que nunca pensei nesta possibilidade? Lógico! Porque dentro de mim, Charlotte sempre me amaria, independentemente do nosso destino. Ledo engano.

Depois de um tempo compreendi que a encarava sem nada dizer. Eu estava confuso, sem saber como reagir a aquela nova Charlotte, a que não me pertencia mais.

— Amigos não me parece má ideia — eu disse por fim, sentindo a minha voz fraca. Ela deu um sorriso falso e eu também entendia que estávamos longe de sermos amigos.

— Claro que não — respondeu educadamente.

O clima ficou tenso, estranho e sufocante. Eu não conseguia desviar a atenção da sua aliança e não evitava a sensação de derrota que me rebaixava a cada segundo.

— Que bom, Charlotte — falei sem acreditar que não tinha coragem de me levantar, despedir-me e sumir da vida dela, como deveria ser. — Fica muito mais fácil quando resolvemos tudo de maneira mais madura. — Ela concordou com a cabeça.

— Somos adultos, Alex. Apesar do nosso passado entendemos que seguir em frente é o melhor a fazer. — Meu coração apertou, mas concordei.

— Seguir em frente — repeti pensativo.

— Sim. Não é o que tem feito? — E a forma como ela falou me deixou confuso. Charlotte estava segura, tranquila e impassível, então algo em seu tom de voz me alertou, só que não consegui identificar o quê.

— Seguir em frente — repeti, olhando mais uma vez para a sua mão e não consegui evitar a minha acusação. — Pelo visto foi assim para você. — E aponte para a aliança.

Charlotte franziu o cenho me encarando, depois olhou para a própria mão se surpreendendo, como se estivesse vendo a aliança pela primeira vez. Era claramente um anel de compromisso, de noivado. Como conseguiram me esconder esse detalhe. Ah, claro! Ninguém queria atormentar ainda mais o pobre Alex. Senti raiva de mim mesmo.

Ela mexeu na aliança, girando-a e olhando com atenção, então seu rosto se acendeu.

— Sim. Eu estou noiva.

E pela primeira vez, desde que nos reencontramos, eu vi um sorriso verdadeiro no rosto da mulher que eu tanto amei.

Charlotte

Eu sabia que aquela era, sem sombra de dúvidas, a atitude mais infantil de toda a minha vida. Assim que soltei a mentira me arrependi amargamente. Qualquer pessoa poderia desmentir, meu pai com certeza contaria a Alex a verdade e eu seria uma tola fazendo papel de palhaça, querendo incomodar o ex-marido só porque ficou com ciúme do relacionamento dele com a colega de trabalho.

Putá merda!

Rodei a aliança de noivado da minha mãe em meu dedo, sentindo que minha mão estava ficando cada vez mais úmida. Eu não sabia mentir. Não sabia fingir tão bem quanto ele já fingiu para mim e, a julgar pelo calor em meu rosto, Alex já tinha percebido o rubor e entendido a mentira. Evitei olhar em seus olhos e fingi interesse no anel que agora ardia em meu dedo.

— Noiva? — Ele disse bem sério, como se a mentira o tivesse impactado como eu desejei a princípio.

— É... bem... quer dizer...

— Você está noiva? — Sua voz ficou mais forte e eu me vi me encolhendo. Por que inventei aquela merda mesmo? Ah, sim. Porque ele estava dormindo com Anita e eu estava com raiva.

— Compromisso. É apenas um anel de compromisso, Alex. Não é um noivado oficial.

Olhei para ele e me arrependi amargamente. Seus olhos azuis estavam escuros e possessos, sem contar que ele me encarava como se eu estivesse pregando um chiclete na testa de cristo crucificado.

— Bom... foi só uma forma de manter a relação enquanto eu ainda estiver aqui no Brasil e...

— Tudo bem. — Ele desviou o olhar e levantou passando as mãos na calça como se não soubesse o que

fazer com elas. — É isso — disse mais firme. — Não precisamos nos tratar com desprezo, podemos ter uma convivência pacífica e você está noiva.

Esta última parte soou como uma acusação o que despertou o meu gênio ruim, fazendo-me encará-lo em desafio.

O que Alex tinha a ver com a minha vida? Então ele transava com Tiffany, tinha um filho com ela e reconstruía a sua vida com Anita, mas eu não podia ficar noiva? Mesmo que fosse de um noivo inexistente. Que grande merda me meti.

— Isso. — Levantei também decidida a encerrar a conversa. Não havia mais nada a ser dito.

— E... — Ele umedeceu os lábios e seus olhos vagaram pela sala. Suas mãos continuavam procurando onde ficar. — Eu o conheço? É do nosso meio? Digo, é algum autor, editor...

Sorri.

Ok! Pode me acusar de ser sádica. Pode até mesmo me obrigar a assinar meu atestado de infantilidade, mas qual mulher em meu lugar não sentiria o doce sabor da vingança nos lábios ao presenciar o ciúme daquele que destruiu o seu castelo um dia? Daquele a quem você confiou o seu amor e que fez pouco caso dele?

Bom, eu gostei de saber que ele se abalava com a minha vida, mesmo sabendo que ele voltaria para casa, para o seu filho “mini me” e sua amante Anita-loira-psicótica-fatal.

— Não do nosso meio. Mas você o conhece. — Ele aguardou. A respiração suspensa tornou a mentira mais dramática. — É o Thomas. Nós estamos juntos.

E a merda toda estava feita.

Alex

Eu respirava fundo tentando arrancar de mim a frustração. Thomas? Ela estava com o Thomas? Minha mão apertava o volante com força. Eu precisava me acalmar antes de encontrar o Lipe na casa da Lana, aliás, eu precisava me acalmar até mesmo para encarar Lana.

Era de extrema necessidade eu conseguir colocar em minha cabeça que a vida de Charlotte não mais me interessava, que ela não me pertencia e que tinha o direito de seguir em frente.

Por Deus! O que eu estava pensando, que ela ficaria estes três anos presa em seu mundo cor-de-rosa sem permitir que outra pessoa encostasse nela? Droga! Claro que não! Claro que mais dia, menos dia, alguém conseguiria desarmá-la, alguém como o imbecil do Thomas, idiota, arrogante e infantil como a própria Charlotte.

— Puta que pariu!

Falei alto colocando para fora o que sentia. Para que merda fui atrás daquela menina? O que eu queria com aquela desculpa esfarrapada de precisarmos aparar as arestas? A quem eu quis enganar?

E ela? Porra, Charlotte sequer me olhou com mais atenção. Ela havia erguido uma muralha intransponível. Tinha refeito o seu mundo e eu não fazia parte dele. E eu queria fazer parte?

— Merda, merda, merda!

Bati no volante e tive vontade de matar o motorista que buzinau sem parar atrás de mim.

— Eu vi a porcaria do semáforo, seu idiota! — rosnei, colocando o carro em movimento.

Como eu era imbecil. Nunca, em nenhum momento da minha vida Charlotte deixou de fazer parte de mim.

Aquela garota ingênua, linda, infantil, cheia de vontade, tinha simplesmente tomado a minha alma para ela e deixado uma casca vazia para trás. E eu me odiava cada vez mais por isso.

Sim, eu me odiava. Não apenas por ter traído Charlotte. Não por ter engravidado Tiffany, mas eu me odiava profundamente por ter me permitido ir tão ao fundo com ela e por ela. Nunca deveria ter sido assim. Não que ela não merecesse e sim porque eu não merecia. Ninguém deve se entregar a tal ponto que acabe esquecendo de si mesmo. Ninguém deve amar alguém tanto que prefira fechar os olhos a encarar os seus erros. Nem deveria amar alguém como eu amava Charlotte, porque doía e destruía.

Eu não soube amar, não soube conduzir o que sentia. Fui permissivo demais e talvez, muito provavelmente, se eu não tivesse sido, não chegaríamos a este ponto. Porque quando eu tinha o controle em minhas mãos não nos permitiria errar tanto.

De nada adiantava lamentar. De nada adiantava tentar encontrar os passos errados, as escolhas desfavoráveis. Charlotte tinha alguém que a ajudou a superar e eu tinha Lipe. Não havia mais espaço em nossas vidas para o nosso amor, ou para o que sobrou dele.

Charlotte

— Você fez o quê?

Miranda gritou do outro lado da linha enquanto eu fungava sem conseguir evitar que ela soubesse o quanto eu havia chorado.

Oh droga, eu chorei! Depois de três longos anos erguendo barreiras, convencendo-me de que nada mais poderia ser feito e que o mais certo seria superar, eu fui fraca e chorei. Thomas tinha razão. Minha volta ao Brasil me quebraria em milhões de pedaços que, provavelmente, eu nunca mais reconstruiria.

— Você é muito idiota, Charlotte! — esbravejou minha amiga. — Quer parar de chorar?

— Fale baixo — rosnei. A última coisa que eu queria naquele momento era que Patrício soubesse que eu estava chorando pelo irmão dele. — Não deixe Patrício descobrir que é mentira.

— Eu já disse, estou no banheiro e ele na mesa paparicando uns idiotas. Charlotte... Puta que pariu!

Como eu posso sustentar uma mentira desta? Até ontem você só se dedicava a sua carreira. Nunca houve nenhum namorado, nenhuma situação que nos levasse a acreditar que seria possível, nada. Ninguém vai acreditar em uma história dessas.

— Ninguém precisa acreditar. Vamos dizer que foi recente demais e que queremos ser discretos. Thomas já saiu em várias fotografias ao meu lado. Além do mais, ninguém precisa saber disso. Vamos fazer o jogo do esconde-esconde.

— Você disse ao Alex que estava noiva — ela falou um pouco mais alto, depois começou a rir. — Puta que pariu um milhão de vezes. Não dá para confiar em você sozinha. Por que fez isso?

— Eu não sei. — Sentei na escada derrotada, passando a mão no rosto limpando o restante das lágrimas.

— Quer saber? Encontrei ele e Anita na praia. O casal perfeito e o seu lindo filhotinho.

— Lindo mesmo, né? — Eu sabia que ela sorria.

— Miranda!

— Mas ele é lindo!

— Ele é o filho da cobra traidora, graças a Deus falecida.

— Que horror! — Respirei fundo colocando minha cabeça no lugar.

— Merda! Você tem razão. Coitada da Tiffany, deve estar ardendo no inferno até agora.

— Charlotte! — E ela me repreendeu de verdade.

— Droga! Eu estou doída, Miranda. Estou doída como não imaginei que ficaria.

— Por quê?

— Como por quê? Ele está com Anita, entendeu? Alex. Está. Comendo. Anita.

— E o seu vocabulário está cada vez pior desde que resolveu ser a noiva do vagabundo do Thomas.

— Miranda vá...
— Ele não está dormindo com Anita. De onde você tirou isso?
— Pela forma como eles agiram lá na praia — ela riu alto.
— Meu Deus, Charlotte! Se Alex estivesse com Anita você seria a primeira a saber. Eu te contaria.
— Contaria nada — rebati.
— Claro que sim. E ainda compraria chocolate para comermos enroladas na beira da lareira. — sorri.
Miranda era a melhor amiga do mundo. — Você ainda ama aquele imbecil com a mesma intensidade.
Santo Deus! Eu deveria ter te deixado na Inglaterra.
— Não é nada disso. — Fui rebelde. — Foi um choque, apenas isso. Você sabia que eu choraria. Já passou.
— Claro que sim. Vou passar a noite aí.
— Não precisa. Você...
— Está decidido. E vou levar chocolate.
Desligamos e eu me abracei ao pé da escada, certa de que realmente precisava da minha amiga naquela noite.

Capítulo 4

“Atiramos o passado ao abismo, mas não nos inclinamos para ver se está bem morto. William Shakespeare

Charlotte

Eu tinha consciência dos meus olhos vermelhos assim como a ponta do meu nariz que insistia em escorrer. De nada adiantava estar sentada embaixo da escada fria, encostada na parede, bebendo vodca gelada e comendo chocolate. Eu não consegui tirar da minha cabeça a presença de Alex.

Como eu ainda podia achá-lo tão lindo que até perdia o ar? Como podia permitir que tantos sentimentos me conduzissem a momentos ruins e conflitantes? Eu estava com raiva e triste, e a verdade era que mais triste do que com raiva.

— Patrício vai me odiar. — Miranda riu. — E ele vai contar a Alex que eu liguei chorando e você precisou passar a noite comigo.
— Ele não vai não — ela disse sem temer.
— Por que você acha que ele vai preferir me proteger ao invés de se divertir a minha custa com o irmão?
— Porque eu não disse que você ligou chorando. — Encarei a minha amiga sem entender. Ela sorriu maliciosamente. — Eu disse que você ligou para me contar que ficou noiva e que eu tinha que vir aqui tentar colocar algum juízo em sua cabeça.
— Meu Deus! — Ri, dando mais um gole em minha bebida. — Obrigada. — Ela bateu a garrafa dela na minha em um brinde que selava a nossa cumplicidade.
— Digamos que Alex merece se atormentar mais um pouco.
— Alex está bem com a vida dele — rebati, sentindo o gosto amargo da minha afirmação. Ela me olhou enviesado.
— Alex não está transando com Anita e ponto final.
— Ok. — suspirei pesadamente.
— E você ainda o ama. — Ela aguardou pela minha confissão. Eu nada disse. — Droga, Charlotte!
— Esqueça, Miranda. Não há chance de eu perdoar o que ele me fez.

— Eu sei — ela afirmou me olhando de uma forma estranha.

— O que foi? — Minha amiga desviou os olhos e virou a garrafa em sua boca. — Miranda?

— O quê?

— Você quer me dizer alguma coisa.

— Quero nada. — Ela fez uma careta que indicava que queria mesmo, só não sabia como.

— Quer sim. Desembucha! — Outra careta.

— É só que vodca e chocolate não foi uma ideia muito legal. — Ela estava me enrolando.

— Até parece. Diz logo o que quer dizer. É sobre ele, não é? Alguma namorada? Alguma coisa que você imagina que eu não vou suportar? Fala de uma vez, que merda! — Seu olhar se estreitou e ela fez cara feia pra mim.

— Tá certo. Eu vou falar porque eu acho que três anos é tempo suficiente para você aguentar ouvir algumas verdades.

— Lá vem.

Encostei na parede imaginando o que ela me diria. Que as vezes essas coisas acontecem, que Alex gostava de mim e que depois de tanto tempo, talvez, uma segunda chance fosse possível. Eu estava cansada daquela conversa.

— Charlotte, você tem quase vinte e cinco anos.

— Nem me lembre. — Revirei os olhos, lembrando da festa que ela imaginava que conseguiria fazer para mim.

— Verdade seja dita, você amadureceu muito nos últimos anos.

— Ai, ai, ai... — Ela riu.

— É verdade. Por isso eu vou te dizer o que penso e nunca disse.

— Isso vai me render alguns anos de análise?

— Não. — Deu mais um gole em sua vodca e sorriu largamente para mim. — Lottie, você era a garota mais infantil que eu já conheci, mas eu não te culpo. — Tratou de se corrigir antes que eu protestasse. Como se eu fosse realmente protestar — Porra, você conseguiu enlouquecer aquele professor. Engasguei com a vodca e comecei a rir lembrando de todas as loucuras que fiz até que Alex cedesse. Merda, não eram lembranças boas.

— Ele me traiu. — Minhas palavras não saíram com raiva, e sim com um pesar que nem eu acreditava mais sentir. Uma nova lágrima brotou e rolou pelo meu rosto.

— Eu espero que você tenha consciência de que praticamente atirou Alex nos braços de Tiffany.

— Eu? — Virei encarando a minha amiga. — Não faça isso. Não me culpe pela falta de caráter dele.

— Isso não tem nada a ver com falta de caráter, Charlotte. Olha, eu tô quase me corrigindo e dizendo que você é muito infantil e não que foi um dia. — Ri sem acreditar. — Sabe onde está o erro? No tempo. Você era uma menina que vivia em um mundo só seu e adorava isso, mas Alex já era um homem quando te conheceu. Ele já tinha vivido todas as experiências que desejou, enquanto você... — Desviei o olhar. Eu sabia o que ela diria e no fundo, eu sempre acreditei nisso, apenas não tinha coragem para falar em voz alta, nem para ouvir de alguém. Era uma droga saber. Entornei a garrafa ansiosa por finalizar aquela conversa.

— Você sabe o que fez de errado — ela continuou. — A madrinha morreu e eu entendo o seu sofrimento, só que você praticamente expulsou Alex da sua vida por não conseguir conviver com a sua dor.

— Eu estava sofrendo — defendi-me apesar de saber muito bem que Miranda tinha toda razão.

— Todos estávamos, mas tudo bem, ela era a sua mãe e eu sei como é difícil. — Acariciei a mão da minha amiga. Eu lembrava de quando ela passou por isso e foi bem ruim. — Só que Alex era seu marido, estava ao seu lado, foi gentil, companheiro, paciente. — Fez uma pausa me encarando, depois sorriu descaradamente. — Porra, ele foi paciente até demais. Não foi nada justo com ele, Charlotte. Deixá-lo voltar sozinho, fazê-lo acreditar que tinha acabado.

— Eu não fiz isso.

— Fez. — E me olhou como se quisesse arrancar a confissão.

— Ok! Eu não consegui lidar com tanta dor. Não consegui conciliar Alex e o meu sofrimento, nem soube perdoá-lo por ter mentido. Eu assumo que fui muito além de infantil, que fui egoísta pra cacete, que não fui nem um terço da mulher que ele precisava. Agora vamos ser justas, se não dava mais, então ele deveria ter caído fora e não ter levado Tiffany pra cama.

— Ele estava bêbado e acreditando que você tinha assinado o divórcio. Pelo amor de Deus! Ele estava desesperado.

— Ah, claro! Então ele transa com Tiffany e fica tudo certo.

— Eu não estou dizendo isso. Não acredito nesta história de que ele não sabia o que estava fazendo. Porra, se o cara gozou sabia muito bem o que estava fazendo — Encolhi-me com aquela verdade. Doía imaginar eles dois juntos. — Na cabeça dele, e devo ressaltar que era uma cabeça confusa, sofrida e cheia de álcool, você tinha desistido. É foda para qualquer pessoa, Charlotte.

— Problema dele. Se eu tivesse transado com Thomas ele me perdoaria? — Ela riu.

— Não seja infantil. E eu tenho certeza de que a cachorra da Tiffany se aproveitou da situação. Você lembra o que ela fez na despedida de solteiro dele. — Outra lembrança péssima. Meu coração afundou no peito. — Deus me perdoe e coloque a alma dela em um bom lugar para as almas das cachorras.

— Porra — ri, batendo minha garrafa na dela.

— Então digamos que Alex deveria ter 70% de chance de ser absolvido.

— Aonde você quer chegar, Miranda? Eu admito minha parcela de culpa nesta merda toda, mas sério, você acha mesmo que eu algum dia em minha vida conseguirei superar o fato de ele ter dormido com ela? Como você acha que cabe em minha vida um Alex pai de um filho da Tiffany?

— Isso eu não sei, Lottie, mas tenho certeza que você é capaz de encontrar esta resposta. — Encarei minha amiga sentindo o acelerar do meu coração. Depois neguei com a cabeça. — Por mais errado que tenha sido, por mais difícil que seja superar, vocês se amam, e se pertencem.

Ri com sarcasmo voltando a beber minha vodca. Ela fez o mesmo ficando em silêncio por um tempo.

— Me diga uma coisa, Lottie, com quantos carinhas você ficou depois do divórcio? — Ela riu da minha cara de estranhamento. Era uma mudança muito súbita de assunto. — Quatro?

— Três — corrigi sem muito interesse.

— Três — ela repetiu pensativa. — E com quantos deles você transou? — Me mexi, incomodada. Ela sabia a resposta e mesmo assim me forçava a dizer.

— Nenhum — respondi com amargura.

— Nenhum — ela entornou a garrafa acabando com o líquido. Depois colocou a garrafa ao lado e riu debochada. — Como eu disse: vocês se pertencem.

Alex

Subi rapidamente as escadas ansioso demais para aguardar pelo elevador. Lana estava aflita com os preparativos para a Bienal e com os problemas na gráfica, cada segundo era importante para a editora. A capa do último romance a ser publicado estava pronta, e ela ainda queria me informar como seria a sessão de autógrafos das nossas autoras.

A parte mais incrível de todas era que, mesmo após quase três anos, os livros de Tiffany ainda vendiam muito e precisávamos fazer mais uma tiragem para os dias de trabalho na maior feira do livro do país. Lógico que meu filho era o único herdeiro dos seus direitos autorais, mas eu não mexia no dinheiro, guardava tudo em uma poupança para que ele pudesse usar quando tivesse maturidade para isso. No momento o que eu ganhava era o suficiente para nós dois.

— Boa tarde, Sr. Alex.

Amanda, a secretária de Lana, cumprimentou-me assim que me viu. Ela levantou para me dizer algo, mas eu estava com pressa e continuei andando sinalizando para que me seguisse enquanto eu entrava na sala que eu dividia com a minha irmã, isso quando eu trabalhava no escritório, já que dava preferência para fazer tudo em casa.

— Amanda, eu preciso que você imprima a capa do...

Parei chocado quando vi quem estava na sala. Charlotte levantou, visivelmente assustada também. Ela não esperava que eu chegasse, assim como eu não esperava encontrá-la.

— Eu ia avisar que havia...

— Tudo bem — calei Amanda sem tirar os olhos de Charlotte.

Ela estava linda! Cabelos soltos, descendo pelos ombros e emoldurando seu rosto

impecável. O tempo, mesmo pouco, fez bem à sua beleza. Eu ainda podia ver as suas sardas, mas Charlotte usava maquiagem, o que não fazia parte da sua rotina quando éramos casados e que, confesso, ficava maravilhosa nela.

Vestia um vestido azul, de alças, que deixava os belos seios em evidência. O tecido descia em seu corpo bem feito, como uma carícia sensual, e as pernas claras, torneadas e mais trabalhadas do que na nossa época. Ela estava incrível.

— Charlotte? — cumprimentei educadamente sem saber ao certo como agir. — Alex. Como vai? — Ela procurou pelos óculos, como sempre fazia, mas não os encontrou. Provavelmente usava as lentes de contato. — Eu estava esperando por Lana, combinamos um almoço. Eu não sabia...

— Eu não vinha trabalhar hoje, mas precisei, Lana... ela não me disse que você vinha.

Ficamos nos olhando como se não restasse mais nada no mundo, até que nos demos conta da presença de Amanda.

— Como eu ia dizendo, preciso que você imprima as novas capas para que eu possa conferir as cores, como ficarão impressas.

— Certo.

— Faça o quanto antes, precisamos aprová-las ainda esta tarde.

— Ok! Quer que eu traga alguma coisa, um café...

— Um café para mim. Charlotte? — Ela me olhou outra vez assustada, como se fosse estranho estarmos ali e nos falando.

— Água. Por favor!

Amanda saiu e assim que a porta foi fechada o clima ficou estranho. Charlotte evitava me olhar, mas falhava, enquanto eu... bom... eu não conseguia parar de olhá-la, apesar de saber que a melhor coisa a ser feita era não olhá-la.

Eu não podia permitir que todo o sentimento voltasse. Não havia como evitar o sofrimento caso a porta se abrisse e eu desejasse que ela entrasse outra vez. Eu jamais seria capaz de fazer Charlotte feliz e Charlotte nunca conseguiria fazer Lipe feliz, então era algo definitivo e sem volta. Abaixei o olhar e fui até a mesa que ocupava.

— Lana deve chegar a qualquer momento. Ela foi resolver um problema, logo estará de volta.

— Tudo bem. — Ela alisou a saia, visivelmente desconfortável.

Amanda entrou outra vez trazendo nossas bebidas. Charlotte pegou o copo com água e foi para a janela.

Era desconcertante. Porra, era mais do que desconcertante.

— Quando você viaja? — Ela começou me pegando de surpresa.

Juro que nunca passaria pela minha cabeça que Charlotte algum dia puxaria conversa comigo sem um motivo sério. Engoli em seco e senti minha garganta arranhar. Merda, outra vez eu me sentia um adolescente diante da primeira namorada.

— Em dois dias. — Ela concordou e bebeu um pequeno gole da sua água. O meu café já estava esquecido sobre a mesa. Eu estava tão atento a ela que mal conseguia me mover.

— Anita vai?

Tenho certeza de que o meu rosto entregou o quanto a pergunta me deixou confuso. Por qual motivo Anita viajaria comigo para um compromisso da editora?

— Não. — E aguardei pelo que ela diria. Mas Charlotte se calou e voltou a olhar para fora da janela. — Peter chegou hoje, não? — Ela me olhou admirada, e balançou a cabeça se conformando com o fato de eu nunca ter perdido contato com o pai dela.

— É. Ele não consegue viver sem mim — sorriui divertida. Foi impossível não sorrir também, porém logo em seguida entendi que aquele não era um bom caminho.

— Ele vai viajar com você? — Fingi interesse em alguns papéis.

— Ele não te disse? Pensei que vocês fossem melhores amigos. — Mordi o lábio, evitando o sorriso que ameaçava se destacar em meu rosto.

Eu sentia falta dos nossos diálogos. Da forma como conversávamos quando ainda nem sabíamos o que seria de nós dois. Era divertido, ousado e instigante. Parecia que seguíamos um padrão, no entanto pensar assim me assustava também, pois eu bem sabia o percurso deste padrão e o final não era feliz. Nunca seria.

— Não, ele não me disse. Na verdade, eu não perguntei.

— Ah! — Ela cruzou os braços na frente do peito e se voltou para a janela. Foi impressão minha ou havia decepção em seu tom de voz?

— Mas, se ele não consegue viver sem você, eu devo deduzir que sim. — Observei todos os gestos dela, aproveitando que estava de costas para mim. Charlotte abaixou a cabeça, respirou fundo e depois disse com muita segurança.

— Não. Meu pai finalmente entendeu que eu não sou mais uma criança. — Fez silêncio e depois, pegando-me de surpresa, virou-se em minha direção e sorriu outra vez. Tão linda! — E ele tem compromissos importantes que não podem ser adiados — ri.

— Peter não vai mudar nunca.

— Eu o amo do jeito que ele é. Certas coisas nunca precisam mudar, não é mesmo? — Encarei a minha ex-esposa e senti meu coração apertar.

— Algumas coisas mudam mesmo contra a nossa vontade. É inevitável.

A última parte saiu sem força e meus olhos não conseguiram mais encará-la, muito menos o meu sorriso conseguiu se manter em meus lábios, tamanha era a veracidade daquelas palavras.

— Você tem razão — ela disse depois de um tempo consideravelmente longo de silêncio. — Será que Lana ainda vai demorar muito? Eu tenho horário agendado no salão e se eu faltar ou me atrasar, Miranda me mata.

Charlotte em um salão por vontade própria? Realmente algumas coisas mudaram mesmo contra a nossa vontade.

— Ela vai escolher os nossos penteados para o casamento — justificou-se e algo dentro de mim se sentiu feliz por alguma coisa ainda ser do mesmo jeito. — Você deve saber, eu sou a madrinha. — Olhei admirado para ela e ao mesmo tempo sem conseguir entender como não me dei conta disso?

— Eu não sabia. — Avaliei como ela reagiria e então anunciei – Eu sou o padrinho.

Charlotte abriu a boca e fechou várias vezes. Ela estava indignada, mas apenas balançou a cabeça com

um riso sarcástico e nada disse. Ela também não sabia. O que Patrício e Miranda pretendiam com aquilo eu nem procuraria saber. Amanda bateu à porta e entrou logo em seguida.

— As capas impressas. — Levantei antes que ela chegasse a minha mesa e fui a seu encontro para avaliar como ficaram. — Mais alguma coisa?

— Só um minuto. — Conferi as imagens não gostando muito do resultado. — Vamos tentar com verniz no título. Passe o pedido para a gráfica e peça uma prova. Obrigado.

Amanda saiu da sala e quando pensei em voltar à mesa, Charlotte caminhava em minha direção. Foi só o tempo de largar tudo no chão e segurá-la. Não sei como, nem por que, mas em segundos minha ex-esposa estava em meus braços.

Charlotte

O clima estava sufocante. Eu tentei de todas as formas não deixar que o ar pesado caísse sobre nós dois. Éramos maduros e já havíamos sido casados, então, mesmo com tudo o que aconteceu, o mínimo de cordialidade era necessário, contudo a cada revelação dele eu sentia vontade de sair dali correndo por não saber como lidar com o que estava sentindo.

Então aproveitei que a secretária entrou mais uma vez e decidi que era a minha deixa. Eu inventaria qualquer coisa, o celular que ficou no carro, o esquecimento de algum compromisso importante... eu só precisava sair de lá. A qualquer custo.

Como eu jamais conseguiria deixar de ser eu mesma, no momento em que adiantei o passo aproveitando a distração de Alex e desejando ganhar tempo e espaço, meu salto prendeu no tapete e eu me vi desabando para logo em seguida ser agarrada firmemente pelo meu ex-marido.

E foi justamente o que faltava para que eu compreendesse a verdade que Miranda tinha afirmado. Porque, no momento em que suas mãos seguraram meu corpo, foi como se um filme passasse em minha mente e faíscas saíssem da minha pele. Queimou, ardeu e me fez esquecer o mundo.

Merda!

Estava tudo ali ainda. Como podia? Como eu ainda me sentia arder com os seus toques? Como seus olhos conseguiam me sugar para um mundo que por muito tempo julguei ser só nosso? Como estar tão perto parecia não ser o suficiente?

Miranda tinha razão. Nada mudou, só ficou adormecido, ou escondido pela dor e mágoa, mas estava tudo lá. Com a mesma intensidade, ou mais forte. Provavelmente intensificado pela raiva, incinerada pelo ciúme, corroído pelo desespero de ter perdido. Sim, porque durante muitos meses era como eu me sentia. Eu havia perdido o jogo e Tiffany havia ganhado.

Alex me manteve firme. Nossos corpos quase se tocavam. Suas duas mãos agarravam com segurança os meus dois braços me mantendo suspensa, seus olhos não deixavam os meus. Eu podia sentir a sua respiração acelerada, algo que gritava e cortava o silêncio. Era como se nós dois sentíssemos e soubéssemos o que queríamos, embora não tivéssemos coragem para agir. Porque nossos lábios pareciam implorar pelo beijo, ali, entreabertos, aguardando o passo que não daríamos.

— Você está bem?

Ele foi o primeiro a se atrever a cortar o silêncio que parecia nos atirar ainda mais um nos braços do outro. Pensei que não encontraria minhas palavras. Minhas pernas tremiam e minha mente não funcionava muito bem.

— Charlotte?

— Sim — sussurrei sem conseguir acreditar na força que aquele olhar tinha sobre mim. Então ele me

colocou no chão, testando o meu equilíbrio e me largou. Pensei que meu mundo desabaria. Que droga era aquela? Onde eu estava com a cabeça? Aquele homem diante de mim tinha me traído da maneira mais sórdida possível. Tinha acabado com a minha confiança, jogado a nossa história no lixo, engravidado uma filha da puta que vivia nos atormentando e eu estava ali, entregue, praticamente implorando para ser beijada.

Eu, definitivamente, me odiava.

— Meu salto... — Ele sorriu e... porra! Ele nunca mais deveria sorrir para mim.

— Imaginei. — E aquele sorriso torto, debochado, cheio de malícia, estava lá para me fazer surtar de vez.

— Lana não veio, então eu vou...

A porta abriu e a irmã do meu ex-marido entrou esbaforida, com vários papéis nas mãos e com passos largos. Ela estava agitada, e parou bruscamente assim que nos viu em uma situação, no mínimo, constrangedora.

— Ah... — Olhou para a porta e depois para nós dois. Alex deu um passo para trás enquanto eu tentava ajustar os óculos que não estavam em meu rosto. — Alex? Eu não te esperava hoje. — Seu tom parecia tanto se justificar comigo quanto acusar o seu irmão.

— Vim resolver o problema das capas, não sabia que você estaria aqui no horário do almoço. Só quis adiantar. Como estão as meninas?

Sim, Alex sabia persuadir as pessoas e distraí-las. Com Lana ele precisou apenas perguntar pelas gêmeas e pronto, já tinha toda a sua atenção. Lana abriu um sorriso imenso e me abraçou forte enquanto falava. Estreitei meus olhos para o meu ex-marido, que sorriu inocentemente.

— Elas são terríveis! A casa virou uma bagunça hoje pela manhã. Não dá para manter nada organizado com aquelas duas. E você, Charlotte? Está linda! Parece que ganhou mais corpo, não parece? — Fez a pergunta para o irmão, mas se arrependeu por ter sido tão indiscreta e ela mesma respondeu. — Sim, ganhou mais corpo e está infinitamente mais bonita. O sucesso lhe fez bem. — Tentei sorrir, porém estava tensa demais. — Então vocês dois já se encontraram. — Tentou não fazer daquilo um problema e me soltou indo até a mesa sem fazer alarde pela nossa situação.

— Eu não sabia que ela estaria aqui — Alex disse sem rodeios. Sua atenção não estava mais em mim e sim nos papéis que a sua irmã dispôs sobre a mesa. — Pedi para colocar verniz no título. Pode ser que funcione melhor.

— Eu pensei exatamente nisso. Ele gostou mesmo desta capa? — Ela continuou trabalhando e eu fui me sentindo cada vez mais distante. — Isso pode ser um problema.

— Vamos ver com o verniz e depois resolvemos. Tem as plantas para o nosso estande? Charlotte poderia ficar feliz em ver o destaque que daremos a ela. — Ele me olhou rapidamente e depois sorriu sem chamar muita atenção. Lana notou e mordeu o lábio nos observando.

— Sim, venha, Charlotte. Sente aqui para eu te mostrar como o nosso estande ficará maravilhoso.

— Ah, Lana... na verdade se não sairmos agora eu não vou conseguir encontrar Miranda. Combinei com ela um horário no salão.

— Miranda. — Fez cara de desagrado. — Acredita que ela não me convidou para ser madrinha? Disse que queria algo simples, com apenas você ao lado dela. Uma traidora. — Alex riu e eu entendi muito bem o motivo do seu riso.

— Pois é. — Fiquei sem graça. — Ela bem que poderia escolher mais pessoas. Desassociar essa coisa de casal. — Alex mordeu o lábio e continuou olhando para os papéis, comparando-os.

— Por que casal? Não me diga que... — Ela olhou para Alex, que deu de ombros — Puta merda! — E riu alto. Será que ninguém ali entendia que aquilo era constrangedor? Miranda teria que dar um jeito naquela história. Fiquei séria.

— Não é tão estranho — Alex começou. — Charlotte é a única irmã que Miranda tem, já que assim elas

se consideram, e eu sou o único irmão do Paty. — Lana apertou o lábio inferior entre os dedos e tentou não rir. — Talvez se colocássemos laranja ao invés do verde ficasse melhor, não acha? — Ele mudou de assunto como se aquilo não fosse realmente um problema.

Mas era.

Alex

Eu ainda tremia pela sensação única de tocá-la outra vez. Charlotte corou e apenas este detalhe acabou comigo. Meu Deus! Eu queria ser mais forte. Queria não sentir meu coração latejar tanto. Não queria sentir tudo o que eu sentia, porque eu sabia que nada mais fazia sentido. Ela não era mais minha e Lipe seria para sempre meu.

Mesmo assim eu senti sua pele quente se arrepiar sob as minhas mãos, eu assisti encantado as suas pupilas se dilatarem com o prazer, pude saborear a sensação de ter seus lábios mais uma vez implorando pelos meus. E Deus sabe o quanto eu quis lhe dar aquele beijo.

Eu quis, Charlotte. Mas não podia.

Principalmente porque aquela maldita aliança ardia no dedo dela e ganhava a minha atenção a cada movimento. Um inferno!

Passei na casa da minha mãe para pegar Lipe e Marta, a babá. Ele fazia natação todas as quartas-feiras e depois ia para a casa dos avós lanchar e ser mimado. Era uma festa que me obrigava a sair mais cedo, pegar um trânsito horrível e ainda, muitas vezes, ficar para jantar com eles, o que quase sempre resultava em carregar um Lipe sonolento para sua cama.

Durante todo o percurso eu não conseguia parar de pensar nela. Charlotte estava diferente e eu não sabia dizer qual era a diferença. Era física? Sim, havia realmente um corpo mais bonito, apesar de eu amar o corpo de antes, porém ainda não era isso. Tinha algo em sua beleza que mexia comigo de uma forma especial. Que ia muito além do amor enterrado no peito e que eu lutava para manter escondido. Muito mais do que a necessidade que eu sentia de ser confrontado, de ouvir dela tudo o que realmente ela teria para me dizer.

Eu não sabia o que era, só sabia que Charlotte se tornou muito mais interessante para mim justamente quando ela não poderia se tornar.

— Você quase não comeu — minha mãe me acusou enquanto acariciava os cabelos do meu filho.

— Comi um pouco antes de sair da editora — menti.

— Lana me contou que Charlotte voltou. — Ela foi direta e eu precisei respirar fundo quando ouvi meu filho repetir o nome dela. Bom... não propriamente o nome dela, mas a versão dele do que deveria ser Charlotte.

— Thathoti — ele disse e minha mãe riu, como sempre fazia.

— Voltou. Como está o papai? Ele tem trabalhado demais — disfarcei.

— Ele tem trabalhado a mesma quantidade de sempre. E ele preferiu jantar com Peter. — Mais uma informação que envolvia a minha ex-mulher.

— Ah foi?

— Foi. Eles se gostam, então que fiquem juntos um bom tempo e me deixem curtir meu filho e meu neto.

— Thathoti? — Lipe repetiu levantando os óculos e encarando a avó.

— Charlotte, meu amor. É uma amiga do papai — minha mãe explicou e eu me mexi incomodado. Ela não era minha amiga. Era a mulher da minha vida. — E como foi? — Levei alguns segundos para entender

que ela falava comigo e não com o meu filho, que fazia careta com a cenoura que acabara de colocar na boca.

— Hum! Foi estranho e normal ao mesmo tempo — revelei e coloquei comida na boca para que ela não me obrigasse a falar mais.

— Estranho e normal? — Sondou-me aproveitando para dar mais um pouco de cenoura a Lipe. — E Anita?

— Dinda! — Lipe disse alto, espalhando comida pela mesa.

— Filho! Não pode falar de boca cheia, é feio — repreendi.

— Ora, deixe ele. Você fazia coisa pior. — Minha mãe assumiu a situação e brincou com meu filho.

— Você está estragando a educação que eu tento dar a ele — reclamei, apesar de saber que de nada adiantaria.

— É para isso que as avós servem, agora me conte, como foi encontrar com Charlotte.

— Thalothe — Lipe tentou mais uma vez.

— É Charlotte. Você ainda não terminou a sua comidinha.

— Mãe, este não é um assunto que eu gostaria de falar na frente do Lipe.

— Por que não? Foi tão ruim assim? Lana me disse que...

— Charlotte está noiva. Nós combinamos que vamos manter a cordialidade, vamos ter uma relação sadia, já que teremos muitos e muitos eventos tanto profissionais quanto familiares, apenas isso.

— Noiva? Adriano não comentou nada sobre isso.

— Pelo visto, todo mundo tentou esconder este detalhe de mim — resmunguei pela primeira vez desde que tinha descoberto aquela infeliz realidade.

— Não, querido. Não é estranho? Miranda e Patrício estariam sabendo com certeza. Adriano trabalha junto com Johnny e fala sempre com Peter. Você mesmo manteve uma amizade com o pai dela. Como ninguém nunca comentou nem o fato de ela estar namorando alguém?

— Eu não sei — rendi-me. — Só sei que é verdade. Vi a aliança no dedo dela e sei que é com o imbecil do Thomas.

— Thomas? Não acredito.

— Nem eu. — Ficamos em silêncio observando Lipe fazer bagunça com a comida.

— Você se certificou de que não tem nenhum ingrediente que ele tenha alergia, não foi?

Ela me olhou com cara feia. Eu sabia que minha mãe jamais seria descuidada, mas era bom sempre ter certeza. Eu bem sabia como era uma crise alérgica em meu filho e não podia arriscar.

— Eu sei exatamente tudo o que ele pode e o que não pode comer.

— Nunca saberemos exatamente, mãe. Fico feliz por se preocupar. — Ela sorriu e acariciou minha mão.

— Você gosta muito dela ainda, não é?

Pensei no que deveria responder. Eu sabia que não adiantaria responder com mentiras, minha mãe sempre saberia a verdade, então apenas me calei e desisti da comida.

— Eu não acredito neste noivado — disse firme. Tentei rebater e ela não deixou. — Charlotte está magoada, mas ela te ama, Alex, e não vai ser um garoto mimado como o Thomas que vai fazer mudar os sentimentos dela. Insista, ela vai te perdoar,

— Eu nunca vou fazer isso, mãe. — Ela me encarou aturdida. Lipe levantou e correu para o sofá com o meu celular nas mãos. — Eu amo Charlotte. Nunca deixei de amar e provavelmente vou amar a vida toda, porém tudo o que aconteceu...

— Você estava bêbado. — Fiz uma careta. Estava cansado demais de explicar como eu via a situação. — E estava triste. Você pensou que ela havia te largado.

— Mãe, por favor! — Olhei meu filho entretido com os joguinhos que eu havia liberado no celular — Eu estava bêbado, mas nem isso me impediu de transar com Tiffany.

— Não fale como se tivesse sido uma opção sua.

— Mas foi! — Joguei os braços sobre a mesa me sentindo derrotado. Se minha mãe sequer imaginasse o que eu fui capaz de fazer quando me dei conta de que era Tiffany em minha cama e não Charlotte... — Mãe, independentemente do meu estado, eu transei com Tiffany e nós dois tivemos o Lipe — abaixei a voz. Não era a hora de o meu filho saber a verdade.

— E Charlotte vai ser capaz de perdoar. Ela beijou aquele garoto, como é mesmo o nome dele?

— Henrique, e foi muito, mas muito diferente, mãe! — falei antes que ela continuasse argumentando. — Eu não quero Charlotte de volta. — Ela se assustou com a minha afirmação. — Você não entende, não é? Eu não posso querer Charlotte de volta. Ela nunca vai aceitar o Lipe. E ele... — Olhei o meu filho que sorria e ajustava os óculos fazendo-me lembrar dela cada vez mais. — Ele é muito mais importante para mim.

Minha mãe sorriu com tristeza e voltou a acariciar minha mão.

Capítulo 5

“Aquele que é atingido pelo amor não pode esquecer o tesouro do seu coração.” William Shakespeare

Charlotte

— Pai!

Eu não aguentava mais aquela conversa. Por que ele não podia simplesmente aceitar que meu casamento acabou e ponto final? Era sempre a mesma coisa, ele conferia como eu estava e começava a falar de Alex sem parar.

— E eu vou contar que esta história de noivado é mentira. Onde já se viu uma coisa dessa? Você vai fazer vinte e cinco anos, Charlotte. Quando vai amadurecer?

Olhei feio para ele. Era uma droga ter um pai controlador que só lembrava que eu estava prestes a fazer vinte e cinco anos quando precisava me dar uma bronca.

— Você não vai contar — ameacei. — Eu fiquei nervosa. Não havia motivos para Alex vir até aqui e acabou saindo a mentira. Além do mais, que diferença faz? Alex está muito bem com a vida dele e pouco importa se eu estou noiva, namorando, casada ou se virei lésbica. Coloque logo em sua cabeça: não existe nenhuma chance de eu voltar com Alex, mesmo ele sendo o seu queridinho.

Caminhei nervosa pelo seu escritório no hospital. Como se não bastasse a dor de cabeça que eu estava por Miranda ter me feito experimentar os piores penteados para casamento no dia anterior, eu ainda precisava ouvir sermão do meu pai só porque inventei uma pequena mentira.

— E Thomas adoraria ser o meu noivo — provoquei.

— Thomas não é para você, Charlotte.

— E quem seria? Alex? Mesmo ele tendo levado Tiffany para cama? — Meu pai ficou vermelho e depois sua cor foi mudando até ficar roxo. Fiquei imediatamente arrependida.

— Foi uma confusão. Um erro — ele rebateu.

— Eu não entendo porque o senhor defende tanto ele. Alex me traiu e você acha certo?

— Não acho certo. Alex não agiu corretamente, além disso eu tenho uma culpa especial nisso tudo. — Ele encostou na cadeira e desviou o olhar. — Se eu não tivesse me metido tanto para tentar te trazer de volta nada disso teria acontecido, Lottie. Eu pedi para que todos fossem embora. Eu mandei o próprio Alex embora e disse para ele dar a entender que não queria mais a relação. Eu... — Ele me olhou e respirou fundo. — Droga, Charlotte! Eu prometi a sua mãe e olha só o que eu fiz?

— Você não fez nada além de tentar me salvar, pai. — Sentei na cadeira de frente para ele me sentindo derrotada.

Não era justo ele se sentir tão mal, quando tudo só aconteceu porque eu fui infantil. Tudo. Tudo mesmo.

Até o meu relacionamento com o meu professor só começou porque fui mimada e infantil até não haver mais espaço.

— Ele me ligou — começou a falar e pela sua expressão eu sabia que não deveria interrompê-lo. — Naquele dia... — Passou a mão nos cabelos e me encarou com firmeza, como o homem de negócios que era. — Eu entendi tudo errado e disse a ele que você assinou os papéis e estava feliz com o que estava acontecendo.

— Eu sei — admiti, sem muito ânimo. — Ele pensou que eu assinei o divórcio e bebeu muito por causa disso.

— E Tiffany apareceu, e...

— Chega, pai — falei baixinho. — Eu sei o que aconteceu. Não tem um só dia em que eu não pense em tudo que aconteceu. A culpa não é sua. Eu e Alex somos os únicos culpados. Eu fui uma idiota, tola, criança. Abandonei ele primeiro, eu sei muito bem. Sei que Alex viveu no inferno enquanto eu estive longe, mas não posso aceitar e justificar o que aconteceu. É demais para mim, você não entende? — Ele me deu um olhar de compreensão que para mim significou muito. — Não é apenas pela traição. Deus! Eu não sei. — Puxei meus cabelos para trás e fiz um coque que logo se soltou e desceu pelos meus ombros.

— Eu não sei até que ponto o meu amor superaria o que ele me fez. Essa não é a única questão: Alex agora tem um filho. Uma criança que vai me lembrar a cada segundo o que eu mais quero esquecer na vida.

— Você já o conheceu?

— Sim. — Encolhi-me na cadeira. — Na praia. — Meu pai sorriu largamente.

— O garoto é a cara do pai.

— É como dizem: filho de puta tira a mãe da culpa.

— Charlotte!

— Desculpe! — Encolhi-me ainda mais. Era uma merda ser reprimida todas as vezes que precisava usar um palavrão.

— Tiffany morreu, tenha mais respeito.

— Desculpe! — E revirei os olhos. Respeito ela deveria ter por mim quando resolveu engravidar do meu marido.

— Lipe é um menino apaixonante. E cheio de problemas, coitado!

— O senhor o conheceu? O senhor... é muita traição — Levantei indignada.

Alguém tinha que ficar do meu lado. Ele riu como se aquele fosse mais um dos meus ataques infantis. Fui até a poltrona e peguei a minha bolsa, mas uma coisa que ele disse ganhou a minha atenção.

— Que tipo de problemas ele tem? — Meu pai arqueou uma sobrancelha e me encarou divertido.

— Foi por isso que o conheci. É aqui que Alex faz todo o acompanhamento do Lipe.

— Acompanhamento? — Coloquei minha bolsa outra vez na poltrona e voltei para a cadeira. — Ele tem alguma doença grave?

— Não. — Fez descaso. — Nasceu prematuro, como você sabe. Tem asma e é alérgico a muitas coisas.

— Não sei o porquê, mas me senti aliviada.

— Menos mal. Já pensou se ele nasce bipolar igual a mãe?

— Não é uma possibilidade descartada. — Encostei na cadeira e pensei sobre o assunto. Que carga genética miserável o menino carregava. Era como se precisasse pagar pelos pecados da mãe. Estremeci. Eram pensamentos egoístas.

— Eu preciso ir, pai. Vejo o senhor no jantar?

— Não. — Ele sorriu largamente e não me deu mais nenhuma informação. Estreitei os olhos.

— Vai trabalhar até tarde? O senhor não tem mais idade para tanto, e Johnny...

— Não vou ficar trabalhando. Pode ficar tranquila. Boa viagem amanhã.

— O quê? Vai dormir fora também? — Ele riu alto.

— Não, só pretendo chegar bem tarde. Não ocupe sua cabecinha comigo. Vá de uma vez porque eu tenho muito trabalho por aqui.

Peguei minha bolsa, dei um beijo em meu pai e saí com a cabeça fervilhando de pensamentos. O que ele estava aprontando? Será que havia alguma mulher envolvida? Não era cedo demais? Meu coração acelerou apesar de saber que não era justo cobrar nada dele, mas fazia tão pouco tempo que mamãe havia nos deixado. Eu estava ficando tempo demais longe de casa, precisava mudar essa situação. Precisava investigar o que ele estava aprontando.

Alex

— Amendoim? — Anita cruzou os braços e se encostou na bancada da cozinha me observando colocar mais um item na lista de alimentos proibidos para o Lipe.

— Sim. Ele ficou empolado ontem e tinha amendoim no sorvete dele. É melhor não arriscarmos.

— Foi tão ruim assim?

— Não porque eu notei ele ficando vermelho e apliquei a injeção.

— Tadinho. Que bom que você me avisou. Vou cortar os sorvetes dos finais de semana.

— Não o sorvete, só as coberturas com amendoim. Você sabe o quanto Lipe adora sorvete. — Olhei para a madrinha do meu filho e ela sorriu satisfeita.

— Pode ficar tranquilo este fim de semana. Eu vou cuidar muito bem dele — falou com ternura.

— Eu sei. Você tem sido uma grande amiga. — Ela tentou disfarçar, mas eu vi quando seu sorriso perdeu um pouco da força. — E a melhor madrinha que Lipe poderia ter. — Fez muxoxo.

— Eu sei que você preferiria a Lana e só me aceitou porque foi a vontade de Tiffany — ri. Era verdade, mas no final das contas deu tudo certo e Anita realmente era ótima para o meu filho.

— Bom, eu sei que não preciso recomendar nada e nem indicar onde fica cada coisa dele. Você conhece esta casa tão bem quanto eu.

— Não tão bem quanto gostaria — disse, sorrindo com deboche.

— Bem o suficiente para tudo o que precisa, e tudo o que você precisa, está ligado ao Felipe.

— Com toda certeza, Alex — continuou com o mesmo tom. Eu detestava quando ela se insinuava. Quase me fazia desistir de confiar meu filho a ela durante um final de semana inteiro. — O pai do Felipe está ligado a ele.

— Mas não está disponível. Vamos manter o clima amigável, Anita.

— Só por que Charlotte voltou? — Suspirei me afastando dela.

— Não tem nada a ver com Charlotte e você sabe muito bem disso.

— Eu só não sei por que não? Nós somos ótimos como pais do Lipe. Formamos uma ótima equipe.

Somos amigos e amigos também transam, Alex. — Ri sem vontade.

— Nós já tivemos essa conversa tantas vezes — falei, sem paciência.

— Eu merecia uma chance. Pelo menos uma, por cuidar tão bem do seu filho.

— É o que você espera? — Eu sabia que com essa ela recuaria. — É por este motivo que gosta do Lipe? Apenas para ter o pai dele?

— Você sabe que não — rebateu ofendida. Arqueei a sobancelha e lhe dei as costas. — Só que seria muito mais sensato. Além de prático.

— Não existe nada de prático nisso — falei por cima do ombro. — Somos amigos. Eu gosto de você assim e não como minha amante.

— Isso porque nunca foi para cama comigo — provocou e depois riu. — Ok! Já fiz a minha tentativa de hoje. Vou dormir no quarto do Lipe, tá?

— É uma escolha sua. Você sabe que pode escolher qualquer um dos outros quartos.

— Eu preferia o seu, mas adoro dormir com o Lipe. — Virei para encará-la e ela sorriu diabolicamente.

— Se mudar de ideia.
— Não vou mudar. — E acabei rindo. Era sempre assim. — Vamos jantar?
— Claro!

Charlotte

— Tem certeza de que vai ficar bem sozinha com Alex em Curitiba? — Olhei feio para Miranda e apertei ainda mais o meu casaco enquanto aguardava para despachar a mala. — Charlotte, você não pode continuar aborrecida comigo!

— Era para ter me dito que eu dividiria o altar com o meu ex-marido. Pelo menos me comunicado e não deixado que eu descobrisse por ele.

— Você se negaria — choramingou.

— Ah, claro! E eu voltar da porta da igreja era realmente algo mais seguro.

— Você não vai fazer isso comigo. — Seus olhos ficaram imensos. — Vai?

— Claro que não! — Revirei os meus e sorri. — O pior já passou. O meu problema era encontrar Alex e constatar que ainda sentia a mesma coisa.

— Amor — ela cantarolou.

— Mágoa — rebati com rebeldia. — Raiva, tristeza, humilhação, quer que eu liste mais alguns sentimentos?

— Charlotte! — repreendeu-me.

— Você está parecendo minha mãe. Pelo amor de Deus, me dê espaço! Eu quero poder xingar Alex e Tiffany quando eu bem entender e quero poder me rebelar quanto ao que eu sinto no momento em que tiver vontade.

— Então você ainda é a minha madrinha?

— Contanto que eu não tenha que dar o braço a ele na entrada e na saída. — Ela cruzou os braços e me encarou com os olhos estreitos. — Nem pensar, Miranda. Estar ao lado dele já é o suficientemente maduro.

— Tudo bem — suspirou derrotada. — Você vai participar do ensaio, não é?

— Que ensaio? Céus! Que coisa mais antiga! Ninguém mais ensaia para um casamento. Principalmente quando tem apenas um padrinho e uma madrinha.

— E o Lipe como o meu guarda de honra — O quê? Respirei fundo e decidi não discutir.

— Não existe ninguém neste mundo que consiga guardar a sua honra, imbecil! — Ela me empurrou com o ombro e começou a rir.

Alex

Olhei para todos os lados e nenhum sinal da minha ex-mulher. Lógico que ela não estaria passeando pelos corredores daquela feira. Ela era uma celebridade, deveria estar na sala de imprensa, ou na sala destinada aos autores, a qual eu tinha acesso, e que deveria me policiar para não ir, ou até mesmo no hotel se preparando para a sua palestra.

O local estava lotado e eu bem sabia que muitas das jovens que ali estavam buscavam por autoras como Charlotte, para conseguir um autógrafo ou até mesmo uma foto.

Merda! Tudo isso eu sonhei para ela. Eu sonhei com ela. E agora teria que participar de longe, como seu representante da editora, alguém sem a menor importância em sua vida. Eu me odiava por isso.

— Alex!

Samuel, o milionário amante de cultura e arte que, juntamente com o governo, patrocinava e fazia aquele evento ser o que era, veio em minha direção. Olhei o homem baixo, quase careca e gordo, muito gordo, aproximar-se com passos curtos e que lhe roubavam o ar, além de deixá-lo suado, apesar da baixa temperatura.

— Samuel, como vai? — Apertamos as mãos e ele olhou ao redor, orgulhoso. — Está uma maravilha, não? Viu as notícias? Vamos ter repercussão mundial. — Sim, está tudo perfeito. — Corri os olhos outra vez pelo amplo salão ainda

procurando por Charlotte, sem querer deixar isso claro em minhas atitudes. — Todas as senhas da sua palestra esgotaram. Não está feliz? Tem muita gente querendo ouvir o que o maior editor tem a dizer. Um grupo considerável de blogueiros.

— Sim, estamos felizes. O pessoal da organização já recebeu o meu material e eu acredito que será uma palestra muito prazerosa. — Eu me vi pensando se ela estaria na plateia.

— Ótimo! O governador está aí. Quer ganhar o mérito. — Ele deu de ombros e tal atitude ressaltou o seu queixo duplo. — Eu não me importo. O mundo está vendo a minha companhia como principal patrocinador.

— É o melhor que faz, Samuel — ele olhou orgulhoso mais uma vez para as pessoas que transitavam.

— Recebeu o convite para o jantar de hoje?

— Oh, sim. O jantar. Eu não estava muito animado, mas...

— Estarei lá com certeza.

— Ótimo! Faça um bom trabalho, rapaz. Eu vou circular um pouco por aí. Observei Samuel se afastar e senti meu celular vibrando indicando uma mensagem.

Peguei o aparelho e tinha uma mensagem de Anita. Abri sentindo o coração disparar. Qualquer coisa relacionada a Lipe já me deixava ansioso. Era a primeira vez que eu precisaria ficar tantos dias longe dele.

A mensagem era uma foto deles dois, abraçados e rindo e uma mensagem de voz, do Lipe, com a sua forma toda especial de falar, dizendo que me amava e estava com saudade. Ao fundo ouvi a voz de Anita corrigindo-o, dizendo “nós estamos com saudade” e fiquei incomodado. Ela parecia gostar de me provocar com essas insinuações.

Conferi mais uma vez o relógio, percebendo que já era hora de ir para o auditório. Eu não tinha conseguido ver a minha ex-esposa e não sabia se isso era bom ou ruim, só sabia que meus olhos continuariam buscando por ela.

Charlotte

Após uma longa palestra, onde um mediador conversou comigo e mais dois colegas sobre a literatura nacional e as suas dificuldades, fui encaminhada para uma mesa onde atenderia uma imensa fila de leitores ansiosos por autógrafos e fotos.

Ainda era surreal para mim. Claro que eu queria muito que meu livro fosse lido, mas nunca imaginei que isso aconteceria em diversos lugares do mundo, com tanto entusiasmo e que eu teria uma legião de fãs

ansiosas por cada vez mais.

Márcia, a assessora que estava designada a me acompanhar, colocou uma garrafa de água mineral ao lado da minha cadeira e piscou satisfeita com o sucesso. Eu adorava, embora deva confessar que nunca entenderia aquele frenesi pelo autor quando deveria ser pela história apenas.

Elas gritavam, tremiam e se emocionavam quando me viam e isso nunca seria encarado de uma forma natural por mim. Quem eu era? Uma mulher normal como qualquer outra. Profissional como muitos médicos, advogados, arquitetos, cozinheiros e empregadas domésticas, e eu nunca via ninguém se emocionar quando a comida era servida, ou encontrava a cama arrumada, ou quando seu médico assinava a receita... Não, eu nunca entenderia. Esse era um fato.

A fila estava longa, elas gritavam de tempos em tempos, traziam os livros para eu autografar e tirávamos fotos. Eu sorria genuinamente, afinal de contas, não vou ser absurda a ponto de dizer que não era agradável saber que elas de verdade amavam os meus livros e ansiavam pela parte final, a que definiria tudo.

O que elas não faziam ideia era que eu não sabia como terminar aquela história. Não sabia como escrever o final, como colocar um fim naquela história que me acompanhou, e foi minha única companheira, durante estes péssimos últimos três anos. E eu não tinha coragem de colocar um ponto final.

— Eu amo os seus livros, Charlotte. — A garota ruiva e com sardas me olhava parecendo estar encantada. — Quem não sonha com um amor como este? — Sorri educadamente, mas estremeci.

Quem não sonhava com um grande amor? Eu bem sabia o que amar demais era capaz de fazer. O amor inflava as pessoas, colocava-as no ponto mais alto, só para depois derrubá-las de lá e assistir ao estrago. Era assim que eu estava. Derrubada, no chão, sem condições de me levantar.

Por baixo de toda a minha pose de superioridade, de superação, ainda existia uma Charlotte ferida, ressentida e ansiosa para acabar com aquele amor que insistia em me acompanhar.

— Obrigada! — Fechei o livro dela devolvendo-o. Foi quando o vi.

Alex estava no fundo do auditório. Ele conversava com mais dois homens e uma mulher. Usava um conjunto de paletó que caía com perfeição em seu corpo, deixando-o ainda mais bonito. Ele passou a mãos no cabelo e sorriu para a mulher, mas seus olhos seguiram em minha direção, e ele me encarou por alguns segundos, até eu sentir braços ao meu redor, com mais uma leitora ansiosa para demonstrar o quanto estava emocionada em me conhecer.

Perdemos o contato visual e me esforcei para que minhas mãos parassem de tremer. O que ele fazia ali? Miranda havia me certificado que nossos horários seriam diferentes e o previsto era que Alex estivesse no hotel, preparando-se para o jantar de mais tarde, o qual eu daria uma desculpa e não compareceria.

Ele estava ali, no mesmo auditório que eu, conversando com pessoas que tinham interesse em minha carreira e agindo como deveria ser se ainda estivéssemos casados. Mas nós não estávamos, não mais.

— Quer fazer uma pausa? — ouvi Marcia me perguntar baixinho.

— Não. Está tudo bem. Você consegue um café? — Sorri, fingindo estar tudo bem, porém a presença dele me desconcertava e me desconcentrava.

— Claro. Já volto. — Ela saiu apressadamente e eu continuei com o meu trabalho, me esforçando para ser agradável com todos, afinal de contas, ninguém tinha nada a ver com os meus problemas pessoais. Durante toda a tarde aguardei que ele fosse até mim, contudo não foi o que aconteceu. Alex ficou em meu campo de visão o tempo todo. Ele conversou com as pessoas da organização, com minha assessoria, até mesmo com algumas leitoras, mas em momento algum se aproximou de mim. Ele circulava, olhava-me uma vez ou outra e continuava conversando.

No último instante ele sumiu, como se nunca tivesse estado ali. Simplesmente autografei o último livro e quando procurei outra vez por ele, não o encontrei mais. Alex havia desaparecido e eu fiquei com os meus pensamentos confusos, cheios de dúvidas e incertezas.

— Não acredito que você foi? — Miranda gritou do outro lado da linha, deixando-me sem graça. Eu circulava entre os quase cem convidados daquele jantar que eu tinha jurado que não participaria. Era com uma outra feira. Como aquele homem podia oferecer um jantar, íntimo, para tantas pessoas? Parecia um outro evento, e eu estava sozinha, com uma taça de vinho na mão e o telefone na orelha, procurando alguma forma de não me sentir tão ridícula.

— Fiquei entediada — menti mesmo sabendo que ela sabia o meu motivo. — E está frio demais para ficar sozinha em um quarto de hotel.

— Claro! — disse com animação. — E Alex? Ele está aí também? Está na programação dele o jantar.

— Eu não sei, Miranda. — Fingi desinteresse. Continuar mentindo me manteria firme entre tantos desconhecidos. — Ainda não o vi.

— Vai ver ele pensou que você não ia e desistiu — revirei os olhos.

Por qual motivo Alex desistiria do jantar? Ele esteve perto de mim a tarde inteira e não me dirigiu uma palavra. Não seria diferente daquela vez. E tal fato me incomodava consideravelmente.

— Tá bom. Eu preciso desligar, as pessoas estão olhando para mim.

— Se você me dissesse que pretendia ir, eu mandava a Márcia te acompanhar.

— Eu estou ótima sozinha. Só vim para tomar um vinho sem me sentir solitária em um quarto frio. Logo, logo estarei de volta ao hotel.

— Tente se divertir. — Seu tom foi preocupado, o que me deixou péssima. Eu não queria ninguém sentindo pena de mim.

— Depois de algumas taças pode ser que eu consiga — ela riu. — Vou desligar. Estou na varanda e está muito frio aqui.

— Ok! Amanhã cedo vou te ligar para saber como foi tudo. E não se atreva a esconder nenhum detalhe de mim.

— De jeito nenhum — sorri, sentindo a tristeza me dominar. — Eu vou te contar sobre cada autógrafo que dei e cada leitora que chorou.

— Combinado.

— Tchau. — Desliguei e olhei para fora do prédio de dois andares que fora reservado para aquele jantar. Alex estava lá em algum lugar e eu não sabia onde.

— Já acostumou com o frio?

Aquela voz, aquele tom debochado, aquele calor que emanava dele e que me atingia em cheio, me fez perder o ar. Levei alguns segundos para me recuperar e conseguir responder.

— Alex. — Não consegui evitar o sorriso e a alegria em minha voz. Por que esconder?

Bebi um gole do meu vinho tinto antes de me virar e encarar aqueles olhos azuis, que pareciam mais

profundos do que nunca. Seu blazer preto só ressaltava ainda mais a cor dos seus olhos. Suspirei e tarde demais percebi o que havia feito.

— Surpresa? — Ele estreitou os olhos e me observou. Pensei no que responder.

— Para alguém que passou a tarde toda sem se aproximar de mim, é realmente uma surpresa. — Ele recuou, seus olhos fixos em mim buscando por alguma coisa.

— Apenas te dei espaço, Charlotte. Eu precisava verificar como estava o seu evento, mas não queria gerar mais comentários a nosso respeito, nem atrapalhar o seu momento.

Mordi o lábio pensando em suas palavras, ele não queria que nos vissem juntos. A mídia poderia divulgar, a notícia vazar e alguém, alguém que provavelmente ele não queria que soubesse, descobriria que ele passou a tarde me rondando. Senti raiva, mas sorri.

— Muita gentileza de sua parte. Obrigada! — Não havia emoção em minha voz e ele notou.

— A noite está muito fria. — Colocou as mãos nos bolsos, ainda me encarando. — Por que não entramos?

Ah, claro! Não podíamos ser vistos sozinhos.

— Vá na frente, eu já vou. — Dei as costas e me encostei na sacada.

— Por quê? Não quer ser vista comigo — ri com sarcasmo e não me preocupei em esconder este detalhe dele. — Pensei que teríamos o mínimo de convivência pacífica. — O deboche em sua voz me irritou de uma maneira absurda.

Virei de volta para encará-lo, no instante em que o fiz, choquei-me com seu corpo. Ele estava perto demais e minha taça foi direto para o seu peito, arruinando sua camisa clara. Puta merda! Eu não dava uma dentro.

— Que droga! — Praguejei insatisfeita com a minha incapacidade de ser graciosa. — Droga, Alex! Eu não queria... eu... merda!

Tentei limpar o estrago, ele segurou a minha mão e a manteve em seu peito. Seu coração acelerado, junto ao líquido frio que atingia o local me fez estremecer.

— Tudo bem, Charlotte. Está tudo bem. — Sua mão continuava na minha e seus olhos buscavam os meus.

— Não. Ainda estamos no início da noite e eu já estraguei a sua roupa. Vamos, eu preciso dar um jeito nisso. — Ele riu, relaxando imediatamente.

— O que vai fazer? — Parei confusa.

— Não consigo lembrar se é com gelo ou com vinagre, mas acho que consigo os dois na cozinha — ele riu ainda mais.

— Vai tentar tirar a mancha? — Parecia duvidar da minha capacidade, o que me deixou ainda mais determinada.

— Vou sim. Posso ser uma patricinha criada em uma redoma, mas sei que aprendi alguma coisa sobre manchas de vinho nas roupas. — Ele riu divertido e não desviou a mão da minha quando o puxei para me seguir.

Cortamos o salão seguindo os passos de alguns garçons que passavam com as bandejas vazias ou com copos sem nada dentro e logo encontramos a cozinha. Esta funcionava a todo vapor, com pessoas dando ordens, panelas fervendo, dois homens saíam com bandejas abastecidas de drinks e canapés parando quando nos viram.

— Posso ajudá-los?

— Sim — Alex tomou a frente assumindo a situação. — Poderia conseguir um pouco de gelo e um copo com vinagre? — O rapaz nos olhou com curiosidade, sem entender um pedido tão exótico para um jantar tradicional. — Eu derrubei um pouco de vinho em minha camisa — Alex se justificou e o rapaz logo entendeu.

— Só um minuto. — Ele saiu e voltou mais rápido do que eu poderia imaginar. — Aqui está, mas vocês precisam sair daqui da frente da porta ou vão causar um acidente. — Ele ia saindo quando o abordei.

— Desculpe, onde encontro o toalete mais próximo. — Ele olhou para os dois lados, conferindo a informação que nos passaria.

— No final daquele corredor tem um mais privado.

— Obrigada! — Sorri e puxei Alex na direção indicada.

Alex parou no momento em que percebeu que se tratava de um ambiente destinado às mulheres e que era apenas uma cabine. Ele me olhou sem jeito, segurando o copo contendo gelo.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — A insegurança em seus olhos me fez recuar. O que ele imaginava que faríamos? Era apenas uma mancha que precisava ser urgentemente removida. — Eu posso fazer, Charlotte, é só me indicar...

— Não seja tolo — tentei ser casual. — Eu já conheço tudo o que você tem embaixo desta roupa. — Ele sorriu timidamente e foi lindo. — Tire a camisa — ordenei assim que consegui levá-lo para dentro.

Fechei a porta, peguei o copo na mão dele e coloquei ao lado do copo com vinagre que eu levava. Abri a torneira e lavei as mãos e quando finalmente levantei a cabeça encarei um Alex perfeito no espelho. Ele estava desabotoando a camisa, revelando seu peitoral definido que eu tantas vezes havia admirado, e seus olhos estavam em mim, como se ele precisasse verificar cada reação minha.

Senti meu rosto esquentar consideravelmente e não resisti ao desejo de levar a mão ao rosto procurando pelos óculos. E lógico, não os encontrei. Desviei o olhar e encarei os copos dispostos sobre a pia. Mordi o lábio pensando em qual eu deveria tentar primeiro.

Putá merda, eu nem sabia que daria certo mesmo. Voltei a olhar meu ex-professor e ele ainda aguardava por mim, a camisa na mão e o peito nu. Ele nada dizia e parecia tão concentrado em não fazer nada errado quanto eu.

— A camisa.

Estendi a mão e ele me entregou a peça. Abri sobre a pia e analisei a mancha. Peguei uma porção de papel toalha e tentei tirar o excesso. Alex deu um passo, ficando as minhas costas para observar o que eu faria. Fiquei desconcertada e me esforçando para não ficar ofegante. Céus, era difícil raciocinar com ele tão perto.

Coloquei a mão no gelo, retirei um e cuidadosamente comecei a passar pela mancha. Começou a clarear, mas ainda não era o que eu queria e comecei a considerar se estava fazendo certo. Ele se aproximou ainda mais. Senti minha mão tremer. Ansiosa, peguei o copo com o vinagre e despejei um pouco do líquido no tecido, depois voltei a passar o gelo.

— Achei que você tinha dito um ou outro.

O calor do seu hálito atingiu meu pescoço e eu fiquei arrepiada imediatamente. Senti o bico dos meus seios endurecerem e me amaldiçoei por isso. Eu não deveria me sentir daquela forma. Merda, eu não deveria!

— Tá funcionando, mas... — Virei para tentar justificar meus atos, mas o espaço mínimo entre nós dois me fez ficar de cara com Alex.

Muito perto.

Muito.

Eu juro que podia sentir o tanto de eletricidade que escapulia de nós dois. Foi um choque tão forte que me deixou muda. Nos encaramos sem nada dizer. Sua camisa em minha mão. Completamente esquecida.

— Charlotte... — ele sussurrou como um pedido de desculpas e antes que eu pudesse detectar o que aconteceria, Alex me beijou.

No primeiro segundo o espanto me fez puxar o ar. Foi apenas a reação para que eu me perdesse nele também. Quando Alex me segurou pela nuca e puxou meu rosto eu não tive nenhuma vontade de fugir, ou de impedi-lo. Foi como se meu corpo assumisse a situação e me deixasse de fora.

Seus lábios deslizaram nos meus em uma carícia saudosa e nós dois gememos no mesmo instante. E então sua língua pediu passagem e tudo começou a ficar mais urgente. Deus! Senti minhas costas no frio

mármore da pia enquanto a frente do meu corpo esquentava à medida que se dava conta da presença do corpo dele grudado em mim.

Alex usou as duas mãos, segurando meu rosto e depois usando-as para me levantar e me sentar sobre a pia. Sem que eu percebesse, estava tão grudada a ele que era impossível saber onde um começava e o outro terminava. Ele se colocou entre as minhas pernas enquanto meus braços ganharam vida e minhas mãos se afundaram nos sedosos cabelos negros que eu tanto sentia falta. Nossas línguas se entrelaçaram e eu pensei que explodiria quando senti suas mãos subirem por minhas coxas, adentrando o meu vestido. Tudo em mim arrepiou e eu fui forçada a abandonar seus lábios e gemer, jogando a cabeça para trás. Alex deslizou os lábios pelo meu pescoço, descendo até meu busto, onde depositou beijos provocantes. Ainda perdida entre sonho e realidade, senti que o calor se desfazia e a urgência se perdia. Alex pressionou a testa em meu busto e suspirou fazendo com que as mãos abandonassem meu vestido. Meu coração acelerou ao se dar conta do que acontecia.

— Desculpe! — ele sussurrou de maneira quase inaudível. — Desculpe, Charlotte! — Se afastou e me encarou com vergonha. — Eu não posso. — E se afastou de vez.

A vergonha me atingiu como um raio. Como assim ele não podia? Como ele simplesmente me traía, magoava-me, beijava-me e me dizia que não podia? E então a raiva contida por três anos explodiu em mim e antes que eu pudesse me controlar, senti o calor na palma da minha mão e ouvi o estalo.

Sim, eu acertei Alex com um tapa no rosto. E foi dado com tanta raiva, com tanta mágoa, que as pontas dos meus dedos ficaram dormentes. O rosto dele virou para o lado. Ele fechou os olhos e não voltou a abri-los. Se era para se conter ou pela vergonha eu não sabia. Na minha mente constava apenas a rejeição dele, o único homem que não tinha o direito de me esnobar.

Desci rapidamente da pia, abri a porta e fui embora batendo-a com violência. Apenas os meus passos ecoavam no corredor. Ele não me seguiu. Humilhada, desviei dos convidados e corri para o meu quarto de hotel, decidida a nunca mais voltar a encontrar Alex Frankli.

Capítulo 6

“Amor é uma fumaça que se eleva com o vapor dos suspiros; purgado, é o fogo que cintila nos olhos dos amantes; frustrado, é o oceano nutrido das lágrimas desses amantes. O que mais é o amor? A mais discreta das loucuras, fel que sufoca, doçura que preserva.” William Shakespeare

Charlotte

Meus olhos vermelhos denunciavam o quanto chorei. Eu estava arrasada. Aquilo nunca deveria ter acontecido. Eu jamais deveria ter permitido que ele se aproximasse. Nunca deveria ter sido tão fácil, não depois do que ele me fez. E se eu cedi, se fui fraca para resistir ao que estava em meu coração, deveria ser eu a desistir e não ele. Alex perdeu o direito de desistir de mim no momento em que me traiu.

Ele até tinha o direito de não me querer mais, porém jamais deveria ter a ousadia de me beijar e depois me esnobar. Eu o odiava! Mais soluços explodiram em meu peito junto com mais choro de humilhação. Alex não tinha o direito de me causar mais dor, de me magoar ainda mais. Como se transar com Tiffany e ter um filho com ela não fosse o bastante.

Ouvi a batida fraca em minha porta e não precisei nem de dois segundos para saber quem era. Lógico que Alex me procuraria. Ele seria sempre o bom moço. Não abri nem respondi, apenas levantei as pernas abraçando-as e escondi meu rosto entre os joelhos. Ele bateu outra vez, mais forte. Não me movi.

— Charlotte, eu sei que você está aí e que não quer abrir a porta — ele falou sem medo de que outras pessoas escutassem. Não respondi me encolhendo ainda mais. — Pare de ser infantil e converse comigo como adulta.

Claro! Eu era a infantil por não querer olhar na cara dele. E ele era o quê?

— Eu não vou desistir, Charlotte. Abra a porta e converse comigo de uma vez por todas.

— Vá embora! — gritei de dentro do quarto sentindo raiva da prepotência dele. — Quem você pensa que é para falar da minha infantilidade? Quem foi o garoto mimado e arrogante agora? — Ele ficou em silêncio. Perguntei-me se Alex havia desistido e ido embora me deixando falando sozinha. — Você é um babaca, Alex! — gritei para testar se ele ainda estava lá. Nenhuma resposta.

Merda! Ele era muito idiota mesmo. Me beijar para logo em seguida me dizer que não me queria mais, já fora um problema imenso para a minha cabeça. Ele voltar e me deixar falando sozinha era revoltante. Levantei da cama, batendo os pés e abri a porta para conferir a sua ausência e dei de cara com ele. As mãos espalmadas dos lados da porta. A cabeça que levantou quando abri e os olhos que me encaravam como se quisessem me prender em seu mundo. Ofeguei e recuei imediatamente. Ele aproveitou para entrar e fechar a porta atrás de si. Engoli em seco. Alex estava tenso, a mandíbula apertada, os olhos selvagens. Ele respirava com força, como se tivesse corrido.

— Vamos conversar — anunciou.

— Não temos nada para conversar. Vá embora. — Seu olhar raivoso me fez temer.

— Não vou. Nós vamos conversar como deveria ter conversado desde o início.

— Quando você me traiu? — Desafiei-o e seu olhar me pareceu surpreso. Alex levou a mão aos cabelos, deixando que os dedos afundassem nos fios escuros.

— Exatamente, Charlotte. Quando eu te traí. — A voz baixa e controlada indicava que ele não recuaria e eu estremeci. Não queria ter aquela conversa. O que ele poderia me dizer que eu ainda não soubesse?

— E o que tem de novo nesta história? O que sobrou para ser contado? Todo mundo sabe a sua versão, Alex, e eu não preciso revivê-la.

— Eu sei. — Percebi a mágoa em sua voz e o quanto ele se esforçava para se manter firme e equilibrado.

— Mas nós precisamos conversar, Charlotte.

— Por quê? Por causa do que acabou de acontecer? — Eu não conseguia mencionar o beijo. Não podia.

— Porque você se arrependeu...

— Eu não me arrependi! — esbravejou, então respirou fundo se controlando. — Eu só não tinha este direito.

— Não tinha mesmo. — Minha raiva foi reduzida pela metade e me culpei por ser tão frágil quando o assunto era Alex Frankli.

— Pois é, eu não tinha. — Encaramos-nos em desafio. Ele foi o primeiro a quebrar o silêncio. — Eu não deveria ter te beijado.

Ele soltou o ar que estava preso nos pulmões e me pareceu derrotado. Alex deixou que os ombros caíssem, seus olhos percorriam meu quarto enquanto ele organizava mentalmente o que iria me dizer. Percebi que meu próprio ar ficou suspenso, aguardando suas palavras. Ele andou até a cama e sentou nela. Eu não fazia ideia do que ele poderia me dizer, mas senti medo do que ouviria.

— Eu... — ele começou ainda sem coragem para me encarar. — Eu não tinha este direito, Charlotte. Não podia deixar que acontecesse.

— Você me beijou — acusei e ele ficou impaciente. Passou a mão no rosto buscando clareza e me olhou.

— Sim, eu te beijei. Eu quis a droga do beijo e parei o que estava acontecendo antes que se tornasse uma merda maior — recuei com as suas palavras.

Alex foi agressivo e me machucou profundamente. Era assim que ele nos via? Seria tão ruim e absurdo

estar comigo novamente? Pera aí, o que eu estava pensando? Esta nunca seria uma alternativa. Eu não queria Alex de volta então o fato de ele achar que seria bom ou ruim não deveria me machucar. Só que machucava.

— Droga, desculpe! Eu não sei como te dizer mais nada.

— Então não diga. — Minha frieza começou a voltar, fazendo-me assumir o papel que ensaiei durante os anos que passamos separados. — Vá embora!

— Você não entende — ele continuou com raiva. — Não é tão fácil como parece.

— Eu não...

— Você nunca poderia voltar a minha vida, Charlotte — continuou se explicando e minha mente se cobriu com uma névoa de rancor e mágoa.

— Por causa de Anita? — Ele estreitou os olhos com indignação e demorou tempo demais para responder. Tempo o suficiente para me fazer perder o juízo. Fui até aporta abrindo-a com força. — Eu não quero saber de mais nada. Não quero voltar para sua vida, então vá embora e continue me ignorando.

— Mantive a porta aberta enquanto ele me encarava assustado.

— É por causa do Lipe — respondeu sem força para lutar contra mim.

— Lipe? — Alex respirou fundo, cansado, e escondeu o rosto nas mãos. Depois levantou, colocou as mãos nos bolsos e me encarou.

— Meu filho. O fruto do meu envolvimento com Tiffany. — Senti-me encolher à medida que ele falava.

— Que é abominável para você, mas que é o que existe de mais importante na minha vida. Eu não podia te beijar porque eu não posso te dar tudo de volta. Não posso te prometer o que tínhamos antes de Tiffany estragar o que vivíamos, porque eu tenho ele e o amo. E se eu tiver que escolher alguém em minha vida eu escolho ele.

Impactada me vi fechando a porta do quarto e me afastando na direção oposta. Eu tentava ouvir e assimilar enquanto minha mente trabalhava freneticamente. Eu não tinha pedido a minha vida de volta, no entanto, se eu me olhasse lá no fundo, se fizesse aquela viagem, era exatamente o que eu queria, uma chance de nunca ter deixado Alex voltar sozinho ao Brasil e nunca permitir que ele dormisse com Tiffany. Este não era o meu maior pesadelo? Sim, era. E existia um filho, fruto deste meu temor. Tiffany morreu, mas estaria sempre entre nós dois. Era isso o que Alex me dizia.

— Desculpe, Charlotte! Eu quis aquele beijo porque não aguentei a saudade, mas fui um irresponsável, porque não pensei no Lipe e nem em como seria horrível para você. Desejei esta conversa franca entre nós dois durante todos estes anos. Palavras que definiriam o que somos e o que poderíamos ser. Me angustia não saber o que você pensa, como se sente, porém não será te beijando que vou conseguir saber.

— Por qual motivo você quer saber como eu me sinto. — Mantive-me de costas, sem coragem para encará-lo, principalmente, por ainda precisar reorganizar os meus pensamentos.

— Porque eu preciso saber que, apesar do seu ódio por mim, você está bem, que eu não te destruí, que não te limitei, que eu posso sentir todo o peso em meus ombros por ainda te amar, mas que você conseguiu continuar leve. Para mim já basta a culpa do que fiz, do que causei a você e a Tiffany, isso já é o suficiente, mas você... você não mereceu nada disso.

Abaixei a cabeça e me dei alguns segundos apenas me sentindo. Durante três anos meu coração parecia uma pedra. Eu vivia dominada pela raiva, rancor e mágoa. Vivia me culpando, buscando palavras, conversas, qualquer coisa que me mostrasse que a culpa não era minha, que eu não o tinha jogado nos braços de Tiffany, porém nunca encontrei estas palavras.

Eu me sentia pouco, nada, humilhada e abandonada por aquele que mais confiei. Então me arrastei fingindo ser o que não era, levando uma vida que eu não desejava e me esforçando para ao menos parecer ter superado. Na verdade, isso nunca aconteceu. Até aquele momento.

Quando consegui olhar para dentro de mim entendi o que Alex dizia e, por incrível que pareça, fazia todo sentido. Então, pela primeira vez em três anos me vi desarmada. Eu era apenas a mesma Charlotte e ele

continuaría sendo o mesmo Alex, independentemente de todas as besteiras que fizemos. Ele ainda era o cara que confiei para me iniciar em uma vida maravilhosa. Era o mesmo homem com quem eu não tinha dificuldade em conversar, o mesmo que me entendia e me aceitava como eu era. E foi por isso que ali, naquele momento, senti vontade de falar.

Não apenas falar, mas conversar e confessar como estava sendo para mim como eu nunca havia feito. Como jamais tive coragem de admitir aos meus amigos. Era com ele que eu precisava falar, era para ele que eu deveria dizer cada palavra que me sufocava e me consumia. Então me volvei para Alex e finalmente o encarei.

Ele havia voltado para a cama, onde me aguardava sentado, sem saber ao certo o que fazer.

Estranhamente calma fui em sua direção e sentei diante dele. Alex nada disse. Eu olhava seus olhos marejados e sentia a força que ele fazia para não se render ao choro. Eu não tinha a mesma força, então me concentrei apenas em falar e deixei as lágrimas caírem.

— Eu te odiei estes anos todos — comecei e ele não se abalou com as minhas palavras.

Alex continuou me observando, aguardando até que conseguíssemos dar um fim àquele marco histórico e, finalmente, cada um pudesse recomeçar. Ali sim seria o nosso ponto final. O encerramento de uma linda história de amor, como Romeu e Julieta. A diferença era que em vez de morrermos, nós matamos o que poderíamos viver. Juntos, cada um com sua parcela de culpa, fomos inconsequentes e deixamos tudo se perder.

— Não posso ser injusta e deixar de assumir a minha parte da culpa. — Ele tentou falar, se calando imediatamente quando segurei a sua mão. — Não sei quem posso culpar mais, Alex. Não vou te dizer que errei em perseguir você porque eu faria tudo outra vez. — Ele abaixou o olhar e mordeu o lábio, tentando evitar um sorriso. Sim, eu sabia que Alex também faria. — Depois parece que entramos em um redemoinho e, se pararmos para analisar, a tendência era mesmo afundarmos cada vez mais até morrermos afogados.

— Charlotte! — ele gemeu um protesto, porém não continuou, dando-me o direto de finalizar as minhas palavras.

— Nós vivemos tudo rápido demais. — Seus olhos voltaram para mim e eu deduzi que aquelas também seriam as suas palavras. — Eu não tinha maturidade para viver o que vivemos. Errei em muitos pontos e você também errou sendo tão passivo, aceitando cada infantilidade minha, justificando os meus erros. Nossos pais erraram quando aceitaram e apoiaram todas as decisões loucas que tomamos. Meu pai principalmente. — Encolhi-me envergonhada por sempre ter permitido que Peter decidisse por mim. — Eu não namorei, Alex. Tudo o que tive de relacionamento foram os poucos meses que passei ao seu lado e este tempo curto teve que suportar todas as etapas, inclusive o fim trágico — sorri.

Era mesmo hilário falar da traição com tanta leveza, no entanto eu realmente não me sentia mais pesada. Assumir para meu ex-marido todas as minhas fraquezas e erros me fazia entender mais claramente a nossa situação.

— E eu nunca deveria ter deixado você. — Seus olhos ficaram intensos. — Se eu fosse mais madura...

— Respirei fundo me enchendo de coragem para dizer o que precisava ser dito. — Se eu te entendesse e respeitasse mais... Se não tivesse sido tão egoísta... Você nunca teria voltado sozinho e nunca teria se enganado quanto aos meus sentimentos e decisões. — Ele apertou minha mão com força.

— Você era jovem demais — ele disse quase sussurrando. — E imatura. Foram muitos acontecimentos. Muitas situações para te derrubar de um pedestal que foi criado apenas para você. Eu jamais poderia esperar outra reação, Charlotte. Eu te conhecia e aceitava, porém... — Ele abaixou a cabeça envergonhado. — Eu surtei. Fiquei tão cansado e magoado, tão cheio de coisas para resolver não apenas por mim, mas por nós dois e, de repente, este peso me pareceu insuportável. — Foi a minha vez de apertar a mão dele passando-lhe força.

— Está tudo bem, Alex.

— Não. Não está. — Ele ficou tenso de repente e cheio de mágoa. — Você não entende porque não sabe de tudo.

Então ele largou a minha mão e levantou. Todos os seus músculos estavam rígidos. Imediatamente fiquei na defensiva. Havia algo de errado, algo que ele nunca havia contado e que o machucava e envergonhava na mesma proporção.

— E o que mais eu preciso saber? — Ele me olhou assustado.

O terror em seus olhos me fez recuar. O que Alex tinha feito de tão absurdo que conseguia ultrapassar a revolta pela traição?

— Nada — disse com medo. Depois respirou fundo, passou as mãos pelos cabelos e começou a andar.

— Nada, Charlotte — repetiu como se ele mesmo precisasse acreditar em suas palavras.

— Alex... — Levantei, mas ele se adiantou, caminhando para longe de mim.

— O mais importante já dissemos — e me encarou confiante.

Analisei as suas feições. Alex tinha se fechado. Ele não me contaria. Desisti de tentar entender.

Realmente o mais importante já havia sido dito e assim colocávamos um ponto final em nossa história.

— Então... — Fiz uma careta me afastando. Não entendia o porquê, apesar do alívio, machucava-me finalizar a conversa. — Fico feliz pela sua decisão.

— Que decisão? — Não virei para reconhecer a confusão em seu rosto, contudo percebi pela sua voz.

— Em escolher o seu filho, e não a mim. — Também tenho certeza que não consegui evitar a forma amarga que as palavras saíam. — Ele é seu filho, e por pior que isso seja para mim, é a decisão certa.

— Eu tive uma escolha? — A mudança do clima foi inevitável. Respirei fundo decidida a encerrar o assunto e me virei para meu ex-marido.

— Não, Alex. Nunca teve. Mesmo assim me sinto bem em saber que ele seria a sua escolha. Abandonar um filho, não amar o seu próprio fruto, nunca faria jus a imagem que tenho de você e seria uma enorme decepção. Apesar de tudo — acrescentei, voltando a deixar de olhá-lo.

Ouvi seus passos pelo quarto levando-o para próximo da porta. Aguardei a despedida, mas ela não aconteceu. O silêncio foi constrangedor, forçando-me a conferir o que ele fazia. Alex estava virado para mim, olhando-me com intensidade e não ficou constrangido quando o encarei.

— Eu sinto muito, Charlotte — disse, deixando a emoção o dominar.

— Eu também — admiti.

— Eu não queria... não quis... — sorri complacente.

— Se não fosse Tiffany seria outra mulher, Alex. Como você mesmo disse: estava pesado demais. Em algum momento alguém te faria ver isso. — Ele mordeu o lábio e me olhou com pesar.

— Não foi assim. — Meu coração pesou. Independentemente do que ele alegasse, nada mudaria o fato de ele ter transado com Tiffany.

— Não importa — falei por fim, quebrando o silêncio que mais uma vez imperou.

— É. — Ele me olhou com mágoa. — Não importa. Foi bom conversar com você, Charlotte. Obrigado.

— Havia uma frieza em suas palavras que me congelou imediatamente. Era o ponto final que faltava.

Sorri sentindo meu coração sangrar.

— Obrigada. — E ele foi embora sem olhar para trás.

Alex

Dei mais um trago em meu cigarro e olhei a praça que abrigava o jardim de inverno do hotel. Alguns casais se aventuravam no frio da manhã, ganhando a minha atenção. Olhei para o cigarro evitando o ressentimento da noite anterior. Eu pensei que quando conseguisse ter aquela conversa a dor diminuiria, mas não foi o que aconteceu. Ver Charlotte tão forte, madura, ciente do problema e o encarando de frente, abalou-me ainda mais.

Eu a queria de volta, apesar de não poder querer.

— Merda! — Joguei o cigarro no chão, pisando-o e senti o movimento atrás de mim.

— Ninguém nunca te ensinou que jogar cigarro no chão é falta de educação. — Fechei os olhos e sorri. Ela sempre me afetaria. Sempre. — Bom dia, Alex!

— Charlotte.

Virei em sua direção sendo presenteado com uma imagem linda, da garota mais bonita que conheci, usando uma calça justa, bota com saltos altos e uma camisa gola rolê na cor vermelha. Ela sorriu e eu me senti mais leve.

— Bom dia — respondi tardiamente ao perceber seu rosto começando a corar. Ela sabia o que eu sentia.

— Voltou a fumar? — Coloquei as mãos nos bolsos, envergonhado.

— Só quando estou longe do Lipe. — Vi que mencionar o nome do meu filho fazia com que ela perdesse um pouco do brilho. Droga! Eu não podia querer Charlotte de volta. — Ele é alérgico. — Sua boca formou um “O” nítido, afirmando que ela entendia. — E asmático. — Seus olhos ficaram imensos.

— Deveria ser um incentivo para você deixar — comentou em tom acusatório. Mordi o lábio inferior e depois ri.

— Você tem razão. Vou pensar nisso quando sentir vontade de acender outro.

— Faça isso. Já tomou café? — Fiquei confuso com a sua mudança imediata de assunto.

— Ainda não.

— Não comer, mas fumar. — Estalou a língua. — Francamente, Alex! Você está entregue às baratas — ri com vontade.

— Devo estar mesmo.

— Vamos, deixe-me alimentá-lo. — Ela me pegou pelo cotovelo e eu respirei fundo sem conseguir me mexer.

Charlotte estava me convidando para o café? Mas... pensei que o máximo que poderia acontecer entre nós dois seriam os cumprimentos tradicionais e ditados pelas regras da sociedade.

— O que foi? — Ela me encarava com aqueles olhos azuis encantadores, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Você tem certeza? Nós... ontem...

— Nos tornamos inimigos? — Pareceu assustada, como se estivesse abusando da minha boa vontade.

— Não! — Apressei-me em desfazer aquela ideia. — Só fico preocupado em estar invadindo demais o seu espaço. — Ela me olhou com curiosidade, depois arqueou uma sobrancelha, cruzou os braços e falou:

— Desde que você não volte a me beijar. — Olhei sua mão em torno do corpo. O anel de noivado ganhou a minha atenção de imediato.

— Não vai voltar a acontecer, Charlotte. Eu já disse antes.

— Claro — balançou a cabeça concordando. — Lipe.

— E o seu noivo. Não posso deixar de respeitar a sua vontade. — Por um segundo imaginei que Charlotte se perdeu na conversa, como se ela não soubesse do que eu estava falando.

— Oh! Sim, meu noivo. — E começou a agir desconsertadamente. Provavelmente por causa da traição da noite anterior, afinal de contas ela correspondeu ao beijo.

Sim, ela correspondeu e ficou ofendida quando eu recuei. Escrutinei seu rosto tendo a certeza de que transaríamos naquele banheiro se eu tivesse continuado. Thomas merecia aquela resposta, mas eu não podia ser tão petulante, nem egoísta. Charlotte tinha feito a escolha dela e eu a minha. Contudo não consegui evitar meu sorriso convencido.

— Vamos, Alex! Aqui está gelado e eu estou morrendo de fome. — Se apressou caminhando em direção ao salão onde era servido o café da manhã.

Com passos vacilantes segui a minha ex-esposa. Por trás eu podia analisar suas curvas mais definidas. Charlotte estava maravilhosa e me atraía de uma forma que me deixava desconfortável. Eu tentava pensar em tudo, menos na sua bunda, que desfilava na minha frente como um convite.

— O que vai comer. — Ela se virou rapidamente. Parei constrangido por estar mesmo secando a minha ex-esposa. Ela sorriu vaidosa. Mais uma novidade. — E então?

— Por quê?

— Porque o café da manhã daqui é uma perdição. Cada bolo... hum! — Fechou os olhos e minha boca salivou.

Não pelos bolos, mas pelo gemido gostoso que ela emitia. Tive uma ereção instantânea. Que merda! Graças a Deus eu usava um casaco grosso e jeans. Se estivesse com calça social já estaria mais do que envergonhado.

— Entendi. Nada de frutas, pão integral e queijo branco para você. — Ela negou com a cabeça como uma garota sapeca, prestes a aprontar alguma coisa. Seus olhos brilhavam. Deus! Eu sentia falta daquela Charlotte. — Então vamos de bolo — respondi sem tirar os olhos do seu rosto. Estava louco de vontade de beijá-la.

Que merda! Eu não podia sentir vontade de beijar uma mulher que não era mais minha. Charlotte estava noiva, eu tinha Lipe, ela odiava a ideia de Lipe existir. O que eu estava pensando?

— E chocolate quente? — Pisquei algumas vezes encantado demais para desvencilhar o olhar daquele rosto corado e cheio de vontade.

— Tudo o que você quiser, Charlotte. — Ela ia falar, mas imediatamente parou envergonhada e abaixou o olhar.

— Então vamos. — Saiu na frente para buscar pratos para nos servirmos.

Segui-a colocando o mesmo que ela escolhia, sem conseguir pensar em nada diferente de arranjar uma forma de esquecer aquela menina. Ela me tentava, sorrindo nas horas certas, colocando as mechas de cabelo atrás da orelha e corando quando percebia o quanto eu a encarava. Charlotte me contou sobre o mundo, sobre as suas viagens, o seu público, tudo o que eu sabia, mas que nunca tive a oportunidade de ver através dela. Foi incrível!

— Então... — Ela colocou as mãos para baixo da mesa e me pareceu sem jeito. — Você e Anita estão juntos. — Fiquei tão chocado com o que ela disse que não consegui responder de imediato. Abri e fechei a boca várias vezes querendo entender o que exatamente Charlotte perguntava. Porque eu tinha certeza que ela nunca pensaria que eu poderia... oh, droga!

— Não! — Minha voz saiu ofendida. Ela sorriu, apesar de tentar esconder este fato. — Eu pensei que sim. Vocês...

— Ela é madrinha do Lipe, uma escolha da Tiffany, lógico, que acabou sendo de muita serventia.

— Ah! — Ela encostou na cadeira acolchoada e olhou para fora.

— Eu nunca dormiria com Anita, Charlotte. — Ela deu uma risadinha de sarcasmo e não voltou a me olhar. — Não tenho motivos para mentir para você. Não somos mais casados. — E me arrependi-me imediatamente daquelas palavras. Ela se ofendeu.

— E você pode transar com quem quiser — acrescentou me olhando de forma fria e dura. Completamente diferente da Charlotte de alguns minutos. A coluna ereta indicava a sua posição defensiva. — Assim como eu.

Pois é, ela me atingiu em cheio. Não respondi, voltando a minha atenção para o restante do chocolate quente e evitando pensar em mais um cigarro. Não pude deixar de me sentir aborrecido, e me aborrecia muito mais saber que eu não tinha esse direito.

— Já está pronta para o seu evento hoje?

Ela teria uma coletiva de imprensa e uma palestra com blogueiros, onde apresentaria o livro novo. Eu queria acompanhá-la, só que não faria isso, nem que eu precisasse me amarrar em uma cadeira.

— Ainda não. Vou me trocar e depois Márcia vem me buscar. — Olhei o relógio conferindo as horas.
— Ainda dá tempo. — Ela estreitou os olhos — De você se arrumar, descansar... — enrolei. — Você volta hoje ou amanhã?
— Amanhã. — Continuou me olhando como se buscasse alguma resposta. — E você?
— Amanhã bem cedo. — Ela concordou com a cabeça. — Hoje eu tenho reunião com os livreiros. — Não sei por qual motivo comecei a ter necessidade de falar. Provavelmente por causa do clima tenso que ficou após as palavras inúteis que utilizei com ela. — Outras três editoras também vão apresentar as novidades.
— Que ótimo! Então... — Ela levantou e meu coração acelerou. — Boa sorte!
— Para você também. — Permaneci sentado vendo Charlotte partir mais uma vez sem que eu pudesse fazer algo para mudar a nossa situação.

Charlotte

— Eu achei ótimo ele ter forçado esta conversa. Vocês dois precisavam — Johnny falava enquanto eu esperava a banheira encher.
Eu estava exausta. Cansada de verdade. Sentia meus pés, meus ombros e minha cabeça doerem. Testei a temperatura da água me certificando que era exatamente o que eu precisava.
— Vou colocar no viva-voz — anunciei já fazendo o processo e descartando o roupão para entrar na água quente e cheirosa.
— Nem acredito que você ainda curte isso, Lottie — ele ria enquanto falava.
— Isso o quê?
— Conversar com alguém enquanto toma banho.
— Eu não faço isso. Quer dizer... só com você e Miranda — ele riu mais. — Então, eu achei que tomar café juntos selaria a paz entre nós dois e nos manteria em um bom nível de trabalho.
— Uau! Muito maduro da sua parte. — Revirei os olhos, deitando até que meus ombros estivessem dentro da água. — Me diga, ele tentou algo?
— Não!
Lógico que escondi o episódio do beijo. Por dois motivos: eu não estava pronta para dizer que aceitei tão fácil, e eu estava ainda menos pronta para dizer que ele me recusou. Podem me julgar.
— Hum! — Silêncio. O que significava perigo em se tratando de Johnny.
— Ele sabe que não tem chance. — Fiquei imediatamente na defensiva. — E ele tem coisa melhor para pensar do que tentar me convencer a voltar.
— Eu não disse nada, Charlotte.
— Eu sei. — Mais silêncio. Comecei a ficar tensa. — Johnny?
— Eu estava aqui pensando...
— Cuidado!
— Com o quê?
— Você pensando é mesmo algo de extraordinário. Pode ser que sua cabeça exploda.
— Tão engraçada você! Como eu ia dizendo: porque será que ele te procurou para conversar e não quis ficar com você? Quer dizer... ele é louco por você, seria imaginável que ele tentaria pelo menos algo, afinal de contas vocês estão sozinhos e tal...
— Que imaginação!
— Eu quero te contar uma coisa importante.
— Quem você engravidou? — Ele deu uma risada gostosa.
— Desse mal eu não morro.
— Nem eu — falei baixinho me encolhendo ainda mais.

— Lottie...
— Não quero conversar sobre isso, Johnny. Não hoje, por favor!
— Tudo bem. Mas não era sobre isso o que eu queria conversar. Eu queria te contar porque Anita não está dormindo com o Alex — suspirei, tentando relaxar na água.
— Por que ele não quer?
— Com certeza por isso também — riu sem jeito.
— Por que ela tem uma doença grave e vai morrer em breve?
— Que horror! Eu não quero que fique tentando adivinhar. Posso contar ou não?
— Pode.
— Porque eu estou dormindo com ela. — Levantei imediatamente olhando o aparelho sem acreditar na sua revelação. — E isso vem acontecendo desde antes da sua formatura.
Putá merda!

Capítulo 7

“Se ela soubesse o que ela é pra mim! Quem me dera ser a luva dessa mão, para poder tocar aquele rosto!” William Shakespeare

Alex

Segurei a prancha e percebi João Pedro na areia, de paletó e gravata, parecendo um idiota almofadinha. Balancei o cabelo tentando tirar o máximo de água possível e quando voltei a olhar meu amigo ele ria.

— Parece uma bicha sensualizando — riu com as mãos nos bolsos. — E você presta muita atenção em mim. Até parece que está apaixonado. — Você não tem o que eu gosto — ele parou e fez uma careta. — Não tem tudo

o que eu gosto — salientou o tudo e sorriu largamente. — Mas dá para o gasto. — É. Eu tenho uma coisa aqui que você com certeza gosta muito. — Coloquei a mão no pau sem deixar de olhar o meu cunhado. — Não conhece ainda, mas se conhecer vai adorar.

— Vá se foder! — Ele pegou no próprio pau como se estivéssemos em uma disputa e eu ri.

— Era para você estar aqui cedo, não no final do dia.

— Final do dia? Todos os trabalhadores estão neste momento indo para os seus empregos. Você é um playboy desgraçado.

— Você está ficando velho, João. Nem consegue mais acordar cedo. — Eu tenho duas meninas em casa. Você sabe que Lana não gosta que eu saia cedo.

Ela precisa de ajuda com as crianças e fica aborrecida quando eu deixo tudo para ela. — Eu também tenho um filho que é da mesma idade das suas filhas — rebati, levantando o rosto para o sol secar minha pele. O cabelo comprido grudava na testa e atrapalhava a minha visão.

— Você tem Anita que não se importa em fazer todo o trabalho do Lipe desde que você lhe dê a devida atenção. — Fez um gesto com a mão indicando que eu comia a Anita.

— Você sabe que eu não tenho nada com ela. Anita se dedica a Lipe porque o ama. — Sei. O que você queria mesmo? Eu tenho que dar aula sabia? Não vivo da

praia, do sol e da areia.

— Então por que veio? — Andei em direção ao quiosque e ele me seguiu de perto. — Porque quero saber como foi com Charlotte. — Seu sorriso amplo me ofendia. — Você parece uma velha fofoqueira. — Pareço muitas coisas, mas tenho pouco tempo e quero saber como foi então desembucha.

Parei, acomodei a prancha, passei a mão no cabelo, respirei fundo e comecei. — Foi horrível! — Ele pareceu espantado com as minhas palavras. Seus olhos se arregalaram.

— Não me diga que Charlotte se transformou naquele tipo de ex-mulher insuportável. Que não perdeu nenhuma oportunidade de jogar em sua cara o que você fez. Ela virou uma megera. — Fez cara de nojo. — Aposto que você ficou todo fodido, não foi? Tenho certeza que ficou como um idiota atrás dela e ela como a diva que esnoba o ex. Puta que pariu!

— Cala a boca, João!

— Ok! Conte — ele falou ofendido, colocando as mãos nos bolsos e aguardando eu falar.

— Não foi nada disso. Deus! Às vezes acho que você é mulher, porque estou para conhecer alguém que consiga criar mais histórias fantasiosas do que você. — Então deu tudo certo. Vocês transaram.

— Não! João, fique de boca fechada. — Ele fez o sinal de estar trancando a boca.

Ri. João Pedro era ridículo. — Charlotte foi... — Pensei em como eu poderia descrever a situação. — Madura.

João fez uma careta descrente. Certo, até eu achava difícil ser verdade. Juro que imaginei e vivi a cena um milhão de vezes em minha cabeça, onde Charlotte me acusaria, me daria uns tapas e depois fingiria não me conhecer. Se recusaria a estar próxima de mim. Se bem que me bater ela bateu, mas o motivo não foi nada relacionado ao nosso caso.

— Ela foi incrivelmente madura, João.

— Estou quase enfartando. Preciso de uma água. — Ele saiu do sol e entrou no quiosque sinalizando para o garçom. — Uma água — gritou e sentou em uma das mesas. Depois me olhou e sinalizou para que eu sentasse também. — Conte tudo. — Pior do que Lana — resmunguei. — Então. Ela foi gentil e agradável. Não me ignorou em momento algum e finalmente tivemos a conversa.

— Vocês transaram?

— Não! — falei alto demais e ofendido, sem saber porquê. Depois fiquei envergonhado. — Mas nos beijamos.

— O quê? — Foi a vez dele de gritar. O garçom, que estava se aproximando, se assustou. Dei um tempo enquanto ele deixava a água e se afastava para voltar a falar. — Eu a beijei e ganhei um tapa na cara. — João riu alto, voltando a chamar a atenção do garçom. — É sério, João! Por causa disso tivemos a conversa. — Porra, Alex! — continuou rindo. — Charlotte me deu material para um ano inteiro. Você está fodido. Agora me conta, o que conversaram? — Respirei fundo organizando os pensamentos.

— Basicamente concordamos que não podemos ficar juntos. E... ela está noiva. — Lana me contou. Que loucura é essa?

— Ah, João! Ela tem este direito e eu devo me conformar. — A verdade é que eu não me conformava.

— E você não vai fazer nada? Alex, eu tenho um plano.

— João, você não entendeu, eu não...

— Cala a boca, Alex! Eu tenho um plano.

Ele me olhou determinado e eu sabia que não poderia escapar do que quer que ele estivesse armando.

Charlotte

Eu estava com medo.

Não. Eu estava morrendo de medo. Tanto que tremia, suava e não conseguia ficar parada.

Olhei para Miranda que conferia mais uma vez o celular. Aguardávamos apenas a chegada do noivo e do seu irmão, Alex. Céus! Encontrá-lo sem os olhares expectadores era uma coisa. Encontrá-lo sabendo que todo mundo estaria olhando e aguardando para saber como seria era uma droga sem tamanho.

Havia uma cobrança de conduta em cada olhar que eles me davam. Eles no caso seriam Miranda, Peter e Johnny, que não tinha nada para fazer ali, mas foi mesmo assim.

— Calma, Charlotte — ele sussurrou no meu ouvido. — Não vai ser tão ruim assim. Vocês já se encontraram, já conversaram e ele não te atacou.

— Anita vem? — Ele sorriu amplamente.

— Não. E pare de implicar com ela.

— Vocês estão namorando?

— Não. — Fez uma careta ofendida.

— Pretendem namorar?

— Não! De onde você tira essas coisas? Nós só transamos.

— Deus! Tenho vontade de te bater.

Virei para frente encarando o altar e vi meu pai conversando com o novo padre, Fernando, que havia substituído o padre Messias. Ele havia falecido alguns meses antes, já bem velhinho. Padre Fernando era novo, alto e bonito e eu nunca conseguiria me confessar com ele. Nunca.

— Lembre que meu rolo com Anita salvou a sua pele.

— Nunca vou te agradecer por isso, embora tenha achado ótima a sua ameaça. Hipócrita dos infernos.

Transando com você e querendo acusar Alex. Minha vontade é contar tudo para ele.

— Você não vai fazer isso, eu te disse...

— Não vou contar. Esse é um problema seu, e Alex não é mais meu marido para eu me preocupar com as pessoas que fazem parte da vida dele.

— Preocupada você está, só não quer dar o braço a torcer.

— Oh, Johnny, por que você não vai...

— Graças a Deus! — Miranda levantou indo para o fundo da igreja. Estremeci imediatamente. — O que aconteceu?

— Meu celular acabou a bateria, Alex passou o tempo todo falando no dele e pegamos congestionamento.

— Ouvi som de estalos de lábios se tocando. Tive medo de virar.

— Lipe! — Minha amiga disse com alegria. Fechei os olhos e respirei fundo.

— Relaxe — Johnny sussurrou e levantou para encontrar o meu pesadelo. — Lipe — falou com alegria indo em direção ao garoto.

Permaneci sentada, olhos fechados como se estivesse fazendo uma oração. Eu não precisava passar por aquilo. Não era possível que todo mundo encarasse aquela situação tão naturalmente. Deus! Alex havia me traído e o tal Lipe era o fruto daquela traição. Meu Deus, eu precisava parar de tremer.

— Oi! — A voz infantil ao meu lado me fez estremecer.

Abri os olhos bem devagar e virei o rosto encontrando o mesmo menino tímido que eu tinha visto na

praia. Ele me olhava com curiosidade. Os olhos exatamente como os do pai. Lindos! Ele passou a mão nos cabelos lisos que desciam pela testa e ajustou os óculos, como eu fazia. Meu coração perdeu uma batida.

— Eu sou Lipe. — A voz infantil era encantadora. Ele não sorriu, apenas ficou me observando. — Quem é voxê?

— Eu... — Pisquei e precisei respirar fundo. Era o filho de Tiffany. Dela e do meu ex-marido. Ele era o meu pesadelo... nem assim eu conseguia sentir mágoa ao olhá-lo. — Eu sou Charlotte.

— Chachote? — Encarei a criança doce a me olhar com curiosidade.

— Não. Char-lo-tte — falei pausadamente para ele entender. Sua cabeça inclinou um pouco para o lado e ele cruzou os braços gordinhos.

— Cha... cha... ti — repetiu seriamente.

— Quase isso. — Meus ombros relaxaram e tive vontade de rir.

— Lipe. — Alex estava ao nosso lado. A mão no ombro do filho indicava a postura de defesa que ele se colocava. Como se eu fosse capaz de maltratar a criança. — Tudo bem?

— Papai, oh Cha... cha...

— Charlotte — disse e se abaixou na frente do filho para igualar as alturas. — O que faz aqui?

— Papai do céu. — Apontou para a imagem de cristo crucificado. — Bonito!

— É lindo. — Alex sorriu e eu nunca tinha o visto sorrir de forma tão esplêndida. O amor que ele sentia pelo filho era puro, real e completo. E então ele olhou para mim. — Como vai, Charlotte?

— Cha... lhoti — Lipe disse sendo carregado pelo pai.

— É Charlotte — Alex ensinou e sorriu para o filho.

Percebi muito tarde que eu não havia respondido à sua pergunta, mas não havia mais como encaixar uma resposta na imagem à minha frente. Fiquei parada, congelada, encantada e engasgada com o que eu via.

Alex com uma criança em seus braços, uma cópia fiel dele. Alex feliz com um filho. Um filho que não era meu. Nunca seria. Minha cabeça girou e de repente eu me vi de pé, sufocando.

— Com licença. — E saí antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

Do lado de fora da igreja o ar fresco me fez sentir melhor. Eu respirava com dificuldade, tentando reorganizar meus sentimentos, rezando internamente para não surtar. Não ali. Por favor, não! Uma mão em meu ombro me sobressaltou.

— Que susto, pai!

— Você está bem? — Ele encostou ao meu lado e generosamente ficou olhando a rua, ao invés de me encarar exigindo respostas.

— Não — confessei. Eu não queria fingir ser forte, queria só fazer com que a ferida se fechasse.

— É por causa do Lipe?

— É por causa de tudo. De tudo mesmo. Do que eu não tenho mais, do que eu nunca poderei ter, do que eu jamais poderei sonhar em ter.

— Lottie... — disse sentido. — Eu queria poder arrumar uma forma de mudar tudo, filha.

— Mas não pode, pai. O senhor precisa compreender que não pode construir a minha estrada. Eu tenho eu que sentir o chão, escolher os caminhos e seguir sozinha. — Fui áspera sem precisar ser. — Desculpe! Desculpe! — Abracei meu pai, que apenas retribuiu o abraço.

— Eu preciso de vocês. — Miranda se aproximou. Ela parecia se desculpar por me forçar a dar continuidade aos seus planos.

— Charlotte não está bem.

— Estou sim — rebati, sem deixar que aquele problema me afogasse de vez. — Podemos ir. — Saí na frente deles, posicionando-me ao lado da cerimonialista, que já organizava as pessoas.

— Os padrinhos entram primeiro. A música será uma surpresa, a Cibebe, aquela garota de cabelos pretos ali. — Apontou uma menina que sorria amplamente e acenava para a gente. — Ela vai indicar o momento

certo para vocês comecem a entrar, entendido?

— Sim — Alex falou decidido e eu só concordei com a cabeça.

— Logo depois o noivo e a mãe da noiva. — Encolhi-me. Como alguém poderia substituir a minha mãe naquele momento? Ela com certeza estaria tão eufórica quanto Miranda, e se divertiria com cada detalhe.

— Eu vou entrar com a minha mãe — Patrício respondeu com certa curiosidade. — O noivo não entra sempre com a mãe? — A mulher olhou em seu tablet e ficou sem graça.

— Perdão. A informação está aqui, desculpem-me. Então — conferiu mais uma vez o tablet —, o noivo vai entrar com a mãe. Onde ela está?

— Não pôde vir. Pode ficar tranquila que com ela está tudo certo. — Mais uma vez Patrício esclareceu as coisas.

Eu apenas tentava manter o foco em qualquer coisa que não fosse naquela criança sentada na entrada da igreja com um celular nas mãos.

— Depois da entrada do noivo teremos a criança. Onde está a criança?

— Lipe — Alex o chamou. O menino saiu correndo e ficou próximo ao pai.

— Oi, coisa linda! Está preparado para ser o centro das atenções? Onde estão as daminhas?

— Ficaram presas no congestionamento. Vamos dar seguimento sem elas. — Miranda pareceu aborrecida ao responder. As daminhas com certeza eram as filhas da Lana.

— Ok! — A mulher mexeu em seu tablete mais uma vez. — A noiva vai entrar com o padrinho. Vamos nos organizar?

Formamos uma fila ridícula, cada um em seu lugar, as conversas sussurradas com contos engraçados e a movimentação do Lipe que sempre saía do seu lugar. Nada disso me deixou relaxada. Alex estava do meu lado. Muito próximo. Mais do que deveria. Vi quando ele me ofereceu o braço, fingi não ter notado.

— Charlotte, você precisa me dar o braço. — Olhei a cerimonialista, que gesticulava impaciente para que começássemos a andar.

— Olhem para ela. — Apontou para Cibele, que caminhava na nossa frente com passos lentos, demonstrando como deveria ser.

Deus, eu sabia como deveria ser! Eu já fui casada. Sabia como uma festa de casamento era desgastante, cansativa, apesar de linda e fantástica. Foi inevitável não pensar no meu casamento. A cerimonialista continuava me aguardando. Respirei fundo e coloquei meu braço no dele. Alex pareceu relaxar imediatamente. E eu fiquei ainda mais tensa.

Por que as malditas faíscas continuavam surgindo? Que inferno me sentir atraída por ele quando eu deveria esquecer que ele existe! Frustrada, andei rápido demais e ele acabou me puxando para trás para que eu acertasse o passo. A reação inesperada fez com que eu me jogasse para frente e em dois segundos estávamos os dois no chão.

Atordoadas, pois bati a testa no chão de madeira, já que o tradicional tapete vermelho não estava lá, só consegui identificar que Alex estava em cima de mim. Em cima mesmo. Pensei que meu rosto explodiria.

— Merda!

Comecei a empurrar para que ele saísse, pois, a cena embaraçosa, somada ao meu desespero só piorava as coisas. Alex tentava levantar e me ajudar ao mesmo tempo, eu o empurrava, dificultando o seu trabalho e, para piorar tudo, Lipe, o diabinho em corpo de criança, achou que estávamos brincando de montinho e se atirou nas costas do pai, rindo e pulando.

Eu queria morrer!

*** — Charlotte, seja razoável

Miranda estava furiosa comigo. Eu não tinha como julgar a minha amiga. Depois

que conseguiram tirar Alex e Felipe de cima de mim eu simplesmente fui embora. Exatamente. Não

aguentei a minha vergonha nem as risadas incessantes do Patrício e do Johnny. Levantei, dei as costas e saí ajeitando minhas roupas. Consegui um táxi antes que eles se dessem conta do que eu pretendia fazer e assim cheguei em casa com o celular me alertando o tempo todo de novas mensagens e ligações perdidas.

Que se dane!

Mas Miranda nunca seria Miranda se não fosse até o nosso apartamento, ou meu apartamento, já que ela morava com o Patrício, tirar satisfações. Minha cabeça estava estourando.

— Cortejo é brega — rebati, voltando a dar atenção as minhas calcinhas que eu fingia organizar em meu closet.

— Brega é essa calcinha que você está segurando. Que coisa horrível! Graças a Deus você está solteira.

— Foda-se!

Eu sentia raiva de mim, de Alex, de todos que estavam lá, menos do menino. O menino sim, de tempos em tempos, chegava a minha mente de uma forma estranha. Era como se ele fosse uma assombração, eu estremecia, mas me via indo sem sua direção.

— Você é a minha madrinha e disso eu não abro mão. Alex é padrinho do Patrício e ele também não abre mão. Não podemos desistir de vocês faltando uma semana para o casamento. — Seu olhar triste me deixou mal. Droga! Não dava para acreditar que eu estava sendo tão infantil. Respirei fundo deixando as calcinhas e fechando a gaveta.

— Desculpe! É que...

— Eu sei. Eu estou pedindo demais.

— Você sempre pede demais. — Fiz uma careta de desgosto e ela riu, pois sabia que eu cederia. — Tudo bem, mas sem ensaios. Eu sei muito bem o que tenho que fazer no dia. — Miranda soltou o ar e se abraçou.

— Certo. Sem ensaios. — Olhei Miranda para ter certeza de que ela não me envolveria em mais nenhum dos seus joguinhos.

— Ok! Desculpe mesmo. — Comecei a ficar envergonhada. Era tudo muito constrangedor. Miranda mordeu os lábios e depois, vencida, começou a rir. — Para com isso! — Eu também já ria sem conseguir me conter.

Meu Deus! Foi mesmo engraçado. Se não fosse tão constrangedor ter meu ex-marido em cima de mim e o seu filho pulando sobre nós dois, dentro de uma igreja com todo mundo olhando, seria uma situação que me faria rir muito.

— Céus! — Miranda limpou a lágrima que descia de tanto rir. — Aquilo foi sem comentários, Lottie.

Desta vez você se superou. — E voltou a rir com vontade.

— E eu fugi. — Já não conseguia mais parar de rir — O menino deve ter achado que eu era uma estraga-brincadeira.

— Tadinho! — Miranda falava com a voz esganiçada. — Ele até correu atrás de você. — Parei na mesma hora encarando a minha amiga.

— Como assim? — Ela ainda ria, porém, percebendo como eu fiquei com aquela informação, começou a parar.

— Não sei. Quando vimos ele já estava indo na mesma direção que você. Alex correu para segurá-lo. — Ela ficou me observando, aguardando a minha reação.

Respirei fundo várias vezes tentando fazer minha mente não criar um milhão de situações. O menino era inocente, não fazia nem ideia de quem eu era, não conhecia a minha história com o pai dele, muito menos com a sua falecida mãe. Não podia sequer imaginar o mal que ela havia feito em minha vida por ter sido obcecada pelo meu ex-marido.

Inocente! Repeti como um mantra.

— Ainda bem que Alex o segurou. — Dei as costas fingindo voltar o interesse pelas minhas calcinhas. A

imagem da criança correndo atrás de mim tinha me abalado demais.

— Ele é só uma criança, Charlotte. — Suspirei.

— Não é isso. É que seria arriscado ele sair na rua atrás de mim. Que bom que Alex é um pai atento e preocupado.

— Sim ele é. Por que está fingindo que isso não te machuca? Charlotte, sou eu aqui.

Deixei as calcinhas de lado e, levando as mãos ao rosto, comecei a chorar. Droga! Ela sabia que aquilo me machucaria de uma forma absurda, então porque contou? Eu não conseguia superar aquela situação. Nunca conseguiria.

— Lottie... — Senti suas mãos me envolverem e seu queixo de encaixar em meu ombro. — Talvez ele seja uma oportunidade.

— Não faça isso! Pelo amor de Deus, não faça isso.

— Você está sofrendo — ela gemeu em meu ouvido.

— Como espera que eu conviva com ele, Miranda. Não ouviu o que acabou de dizer? Lipe é só uma criança, ele é inocente, não tem noção do peso que a sua história carrega, eu... eu... Deus, eu não consigo falar sobre isso ainda — funguei e limpei o nariz no braço de maneira bastante deselegante. — Eu nunca vou ser boa o suficiente para ele.

— Não pense assim.

— É a verdade. — Bati a gaveta com força. — Pronto, passou. — Limpei as lágrimas e respirei profundamente. — Vamos esquecer este episódio e seguir em frente.

— Tá certo.

Saí do quarto me afastando da gaveta como se pudesse com isso me afastar daquele pesadelo.

Alex

— Isso é loucura, João! Você não viu como ela reagiu ontem. — Peguei minha caneca de café e saí da cozinha para ter mais privacidade equilibrando o telefone na orelha.

Marta organizava as coisinhas do Lipe e se preparava para lhe servir o café da manhã tão logo ele acordasse. Olhei a escada conferindo se a portinhola de ferro, colocada estrategicamente para evitar acidentes, estava fechada e fui para o escritório. Ela pelo menos vai confessar que quer ficar com você.

— Eu não quero que ela faça isso. — Liguei o computador e aguardei.

— Claro que você quer, seu imbecil! Minta para o idiota do Patrício. Ele sim está tão desligado da vida que não percebe a sua mentira, eu não, Alex. Porra, eu presenciei o seu sofrimento durante estes três anos, então não dê uma de filho da puta desentendido e confesse.

Suspirei profundamente vendo a tela acender. Como se eu precisasse de mais doses de tristeza, cliquei na pasta proibida e abri uma foto dela.

Charlotte apareceu sorrindo para mim. Estava tão feliz e solta. Meu coração se apertou. Poderia ser de outro jeito, mas se eu tivesse escolha não seria. Eu não podia cogitar a falta de Lipe em minha vida. Vamos fazer como eu falei, Alex.

— João, você parece ter merda na cabeça.

— Você vai ficar bastante agradecido quando ela te disser o quanto ainda te ama.

— Charlotte está noiva e eu tenho o Lipe. Não existe como armar este quebra-cabeça, não consegue perceber? Ela tem outra pessoa, mesmo se não tivesse, como conseguiríamos fazer com que ela aceitasse o Lipe? Você não estava lá ontem quando ele foi falar com ela.

— Ela foi grosseira?

— Não, só ficou assustada como se ele fosse uma assombração.

— Isso é uma merda, cara, mas ainda confio em meu plano.

— Esqueça. É sério! — Ouvi a batida leve em minha porta e vi Anita parada e sorrindo. O que ela fazia

ali? Ela acenou. — Falo com você depois, pode ser?

— Você é um covarde. Vai trabalhar em casa hoje?

— Vou sim. Tenho uma caixa cheia de e-mails da sua esposa. Ela não dorme mais não?

— Nos segundos que as gêmeas apagam. — ri. Valentina e Catarina eram cheias de energia, iguaizinhas a mãe.

— Certo. Nos falamos depois — continuei, observando Anita parada a minha porta. — O que faz aqui tão cedo? — Aproveitei e fechei a foto de Charlotte. Eu não precisava de mais aborrecimentos.

— Esqueceu? — Estreitei os olhos sem saber do que ela falava. — A primeira vernissage do Lipe. Não acredito que esqueceu.

Merda! Eu tinha realmente esquecido. Ele estava empolgado porque pôde participar das aulas de pintura na escola, já que conseguimos importar as tintas antialérgicas. Que droga, eu estava atrasado.

— Ele não acordou ainda — avisei já levantando para conseguir me arrumar. Anita me olhou com atenção conferindo meu corpo. Uma calça solta de moletom não ajuda em nada, apenas atiçava a sua imaginação.

— Mandeí Marta acordá-lo. Relaxe que ainda temos tempo. — E eu teria que, mais uma vez, mostrar para as pessoas que Anita não era a minha esposa, muito menos a mãe do meu filho. Era um saco!

— Vou me arrumar. Volto em alguns segundos.

Subi correndo, vesti uma calça jeans e uma camisa polo, procurei meu sapato favorito. Olhei-me no espelho e vi a barba crescendo. Não daria tempo de fazer. Arrumei o cabelo fazendo uma anotação mental para lembrar de cortar antes do casamento. Coloquei um pouco de perfume e procurei a carteira. Em posse de tudo, desci de volta encontrando um Lipe preguiçoso sentado na sua cadeira enquanto Marta tentava fazê-lo comer alguma coisa.

— Não está animado? — Brinquei beijando o seu rosto. Ele se encolheu ao contato com a barba, mas riu.

— Precisa comer para ficar forte e me mostrar tudo o que pintou.

— Uma casa — disse com voz de sono. Eu amava a voz do meu filho. Sorri largamente.

— Uma casa grande?

— Gandona. — Abriu os braços para mostrar o tamanho e acabou fazendo os óculos saírem do lugar. Anita riu e brincou com o cabelo dele.

— Vamos, Lipe. Estou ansiosa para ver essa casa. — Arrumou a camisa dele enquanto falava, como uma boa mãe faria. Não consegui evitar a careta que fiz pela ideia.

Assim que Lipe acabou fomos para o meu carro. Anita foi com a gente, afinal de contas, não fazia sentido ela ir no carro dela se tinha se dado ao trabalho de ir até a minha casa para levar o Lipe.

A escolinha estava cheia de pais, amigos, irmãos, todo mundo sorrindo e festejando os desenhos dos seus filhos. Lipe segurou em minha mão e na de Anita e entrou todo orgulhoso, praticamente puxando-nos para encontrar os seus desenhos. A professora tentou falar com ele, mas meu filho tinha pressa em conseguir achar a sua parede.

— Ali, papai! Ali! — disse animado, pulando de alegria.

Cinco desenhos eram exibidos logo abaixo do nome do meu filho. Ele mostrou satisfeito um por um. Um passarinho, segundo a lógica dele, o que nos fez dar risada. A praia e o que ele disse ser a minha prancha. Um cachorro, que era o sonho da vida dele, infelizmente não podíamos ter um cachorro em casa sendo ele tão alérgico. Um coração, que ficou lindo, por sinal e por último, a casa que ele tinha dito. Na frente dela uma criança e dois adultos.

—Veja, papai. — Puxou minha mão indicando a casa. — Papai, Lipe e Dinda.

Senti meu coração disparar. Lipe tinha desenhado a nossa casa, mas na cabecinha dele, a nossa família era composta por nós três. Estremeci.

— Que menino lindo! — Anita o carregou e beijou a sua bochecha.

— E quem é essa aqui?

Apontei um desenho borrado ao fundo da casa, no mesmo estilo dos outros, um monte de bolas indicando o corpo e dois traços na cabeça, quando curto significava que era homem e grande, mulher. Ele se debateu para Anita colocá-lo no chão.

— Mamãe — disse inocentemente.

Fiquei sem saber o que dizer. Olhei para Anita, que me encarava boquiaberta e depois voltei a olhar o desenho. Aquela não era Tiffany. De forma alguma. Ele havia pintado os traços que seriam o cabelo de marrom e Tiffany era loira.

Aquela era Charlotte.

Puta que pariu. Eu estava enlouquecendo.

Capítulo 8

“Se o amor é cego, não pode acertar o alvo.” William Shakespeare

Alex

— Vai ver alguém falou da Charlotte para ele — Patrício falava ofegante enquanto impulsionava a bola em direção a cesta. Parei puxando o ar.

— Ele só tem dois anos. Mesmo que alguém dissesse quem era Charlotte ele não entenderia para associá-la a mãe.

Eu não conseguia tirar aquela ideia da cabeça. Lógico que tentar encaixar Charlotte naquele contexto chegava a ser uma loucura. Aquele desenho poderia ser inclusive a professora do Lipe, mas naquele momento, no segundo em que vi a figura, eu tive a certeza de que era ela. E Anita também. Tanto que ficou emburrada e foi logo embora.

— Pelo amor de Deus! — Johnny pegou a bola e partiu correndo para o outro lado.

Há mais ou menos um ano ele tinha aceitado jogar basquete com o meu grupo de amigos e desde então não faltou a nenhum encontro. No início eu achei que ele traria notícias de Charlotte, porém Johnny apenas chegava, jogava e partia. Só falava sobre a minha situação se eu perguntasse, e eu quase nunca fazia isso. Deixei o pessoal correr atrás dele e fiquei ao fundo.

— E se ele realmente enxergar Charlotte como a mãe, não é bom para você? — Patrício parou ao meu lado, curvando o corpo e segurando os joelhos.

— Primeiro. — Tentei respirar corretamente. — Ele não pode estar associando Charlotte a mãe dele.

Não tem como — Vi Johnny arremessar e marcar três pontos. — Merda! — Resmunguei sem muita vontade de correr para buscar a bola. — Segundo: Charlotte jamais vai aceitar conviver com ele. Ela não consegue nem ficar perto do Lipe.

— Foi a primeira vez dela, Alex. Dê tempo ao tempo. — Começou a se posicionar para receber a bola.

Vi meu irmão pegá-la e errar mais uma cesta. — Miranda me disse que o problema não é apenas o fato de o Lipe ser filho da Tiffany, mas não quis me dizer o restante.

— O restante é que ele é fruto da minha traição. Será como lembrá-la todos os dias o que aconteceu.

— Você quer mesmo voltar com ela, não é? — Ele me encarou, com as mãos na cintura e deixou passar uma bola boa.

— Por que está todo mundo achando isso? Lógico que não! — Meu coração martelava no sentido contrário à minha informação. Patrício riu com escárnio.

— Tudo bem! Então não vai se importar em saber que ela está logo ali. — Largou essa e saiu em busca da bola. Fiquei atordoado, olhando para os lados, querendo entender o que ele queria dizer com aquilo.

Foi quando a vi. Charlotte andava tranquilamente ao lado de Miranda, fazendo uma caminhada matinal.

As duas conversavam alheias a tudo ao redor. Usavam roupas próprias para atividades físicas e tênis.

Charlotte estava com os cabelos presos, usava boné e óculos escuros, nem assim eu deixei de reconhecê-

la, nem meu coração de acelerar.

Elas não se importavam com nada, nem com as notícias ruins sobre recentes assaltos na Lagoa. Fiquei apreensivo e então a bola me acertou em cheio.

— Porra, Alex! — Gustavo gritou. — Presta atenção, cara!

— Tá tudo bem? — Johnny bateu em meu ombro. — Algum problema? — Ele seguiu meu olhar e entendeu. Com uma cara de quem deixava claro que era solidário, saiu para voltar ao jogo.

— Tô fora, hein — Patrício gritou e ouvi os gritos de protesto. — Minha mulher chegou, porra! — ele rebateu rindo e saindo da quadra para ir em direção a Miranda.

Fiquei parado sem saber o que fazer. Elas duas estavam distantes ainda. Era melhor eu me aproximar? Era melhor eu ignorá-la? O que eu deveria fazer?

— Alex? — Rodrigo cobrou a minha presença.

Afastei-me recebendo a bola, fiz a jogada e voltei a olhar na direção dela. Vi Patrício e Miranda conversarem e depois se despedirem, deixando Charlotte sozinha na Lagoa. Ela não deveria estar ali sozinha. Johnny passou por mim, correndo com a bola e eu nem fiz menção de impedi-lo. Meus amigos protestaram.

— Vá ficar com ela — Johnny disse ao voltar.

— Não acho que eu deva. — Voltei a minha atenção para os meus amigos tentando me situar no jogo.

— Ela está vindo pra cá — ele passou por mim falando enquanto tentava emparedar o Cláudio.

Olhei para onde ela estava e vi que Charlotte se aproximava. Ela abraçava o corpo com insegurança e seus olhos também estavam fixos em mim. Suspirei desistindo de tentar me manter distante. Johnny riu atrás de mim e bateu em meu ombro.

— Vamos reorganizar — gritou enquanto eu me afastava do grupo e ouvia os protestos de desagrado. Andei até Charlotte. Ela tentava não demonstrar a sua ansiedade, falhando consideravelmente. Eu não sabia se estava fazendo a coisa certa, se não a incomodaria depois do que aconteceu na igreja, mas a verdade era que meu coração disparado me dizia que eu não poderia fazer diferente.

Ela começou a ficar agitada à medida que eu me aproximava e, como sempre, sua mão procurou os óculos, ainda que desta vez fosse o escuro ajustando-o no rosto, depois correu a outra mão pelo rabo de cavalo e enrolou os fios nos dedos. — Oi. — Mantive distância enquanto avaliava a sua reação.

— Oi. Hum... Miranda inventou uma desculpa e... fiquei sem carona. — Olhei na direção que meu irmão tinha ido com a noiva. — Vou aguardar o Johnny para voltar para casa.

— Está sem carro?

— É... — ela gaguejou e eu tive vontade de sorrir, mas não fiz. — Eu achei que seria exagero alugar um carro, já que só vou ficar um pouco mais de um mês. Já vi que não foi uma boa decisão.

— Bom, eu posso te dar uma carona. — Dei de ombros me sentindo um idiota por temer tanto por aquela oferta. — Johnny ainda vai demorar um pouco — menti descaradamente.

Eu sabia quem em menos de quinze minutos todos eles desistiriam de continuar jogando. Charlotte corou e não conseguiu olhar em minha direção. Merda! Lógico que ela nunca aceitaria uma carona minha.

— Se você quiser, claro. Eu posso avisar ao Johnny que você só está aguardando por ele.

— Não. Na verdade, eu queria mesmo falar com você. — Fui pego de surpresa. Ela ficou me encarando transpirando a sua insegurança a respeito da revelação. Suas mãos se torciam uma na outra.

Olhei para o lado e vi, mais distante, os restaurantes.

— Se quiser podemos... — sinalizei sem conseguir terminar o convite.

Merda! Eu me sentia tão adolescente! Respirei fundo contendo a ansiedade enquanto Charlotte ponderava se deveria me acompanhar ou não. Então ela concordou com um aceno de cabeça e começou a andar na direção indicada. Andei ao seu lado, tentando analisar as minhas emoções. Eu estava nervoso demais e não sabia o motivo. Também sentia uma mistura de felicidade plena e tristeza imediata, o que estava me deixando louco.

Assim que chegamos escolhemos uma mesa voltada para a Lagoa. Charlotte não estava tão confortável como ficou em Curitiba.

— Quer beber alguma coisa? — Ela sorriu e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Uma cerveja. — Novamente fui pego de surpresa. Desde quando Charlotte bebia cerveja? — Não estou dirigindo. — E seu sorriso ficou ainda maior.

— Uma cerveja e uma água — indiquei ao garçom que prontamente saiu para nos atender. — E então? — Charlotte voltou a ficar tensa. Era incrível como ela mudava de humor.

O garçom se aproximou entregando o nosso pedido. Abriu a cerveja de Charlotte, que recusou o copo e levou a garrafa long neck à boca. Acompanhei o seu movimento que, mesmo sendo novo para mim, não deixou de ser sexy. Ela engoliu o líquido e, retirando os óculos escuros, encarou-me.

— Eu queria desculpar pelo ocorrido na igreja — falou sem titubear.

Respirei fundo, atingido em cheio pelas suas palavras. Fiquei em silêncio, incapaz de dizer qualquer coisa. Exatamente pelo que ela se desculpava?

— Eu fiquei nervosa — sorriu timidamente, encarando sua cerveja. — Você sabe que é difícil, e...

Caramba, Alex, seu filho é um pestinha — começou a rir, fazendo-me sorrir amplamente. Ela pegou a garrafa e tomou outro gole. — Como ele pôde se jogar em cima da gente daquele jeito?

Ri. Aquele era o meu Lipe. Engraçado e inocente.

— Costumamos brincar daquele jeito e ele acabou achando que era isso, desculpe! — Ela continuou rindo, leve, sem se importar com Lipe, o que me deixou feliz.

— Um pestinha — disse com doçura, sem se dar conta deste detalhe. — Acho que o assustei. — Seu semblante mudou outra vez.

— Não. Ele gosta de interagir, de conversar com todo mundo — hesitei. Eu não sabia se era certo continuar falando do meu filho com ela.

— Miranda disse que ele correu atrás de mim — continuou cautelosa, atenta a forma como eu reagia. Abri a garrafa de água e dei um longo gole.

— Parece que ele se encantou por você. — Só depois percebi que falei como se estivesse me desculpando. Charlotte ficou em silêncio, os dedos roçando a garrafa e os olhos na lagoa.

— Isso é estranho — falou por fim.

— Não. Não é. — Ela me olhou com relutância. — Lipe é inocente, não se reconhece nesta história. Você parece uma boneca, Charlotte, é normal ele se sentir encantado. — Ela sorriu gentilmente, o que me deixou um pouco mais relaxado. — E Lipe, como eu te disse, gosta de conversar, de conhecer as pessoas. Ele nunca tinha te visto, é normal a curiosidade.

— Desculpe — quase sussurrou. — Eu não convivo muito com crianças. Fico sem reação perto delas. A forma como ela falou chamou a minha atenção. Havia uma tristeza real, algo que incomodava de verdade e não parecia ser a nossa história, nem a presença de Lipe em minha vida, apesar de eu ter certeza de que estava de alguma forma ligado a isso.

— Percebi. — Ela piscou algumas vezes, me olhando como eu tivesse falando alguma coisa reveladora.

— Não conheceu as gêmeas ainda?

— As de Lana e João Pedro? Não — riu, deixando as bochechas ficarem rosadas. — Lana está muito ocupada com tantos compromissos.

— Você ficaria assustada com aquelas meninas — ri um pouco lembrando como as minhas sobrinhas eram.

— Sério?

— Elas são... — pensei um pouco. — Debochadas como o João e espevitadas como a Lana.

— Eu tenho fotos — revelou sorrindo. — Lana me enviou algumas. Elas são lindas e bem diferentes.

— Muito diferentes. Quando aquelas meninas se juntam com Lipe, a casa fica de cabeça para baixo. — Ela riu. Logo em seguida mordeu o lábio inferior, para depois suspirar e voltar a ficar com aquele olhar

triste.

— Você curte ser pai — afirmou sem perder a tristeza.

Merda! Eu não queria que Charlotte seguisse aquele caminho.

— Eu amo o Lipe. Tudo o que ele faz é mágico para mim. — Ela concordou com a cabeça e bebeu mais um gole da sua cerveja.

Eu sabia que doía em Charlotte me ouvir falar de Lipe com tanto amor, infelizmente eu não podia agir de outra forma. Não podia fazer com que ela acreditasse que ele era menos importante, pois não era. Como eu disse: ele seria a minha escolha. Sempre.

— Eu não imaginava que seria assim. Não tinha planos e você sabe disso, apesar de todas as nossas dúvidas.

Sem pensar duas vezes segurei a mão de Charlotte sobre a mesa, sobressaltando-a. Ela me olhou em choque, no entanto não recolheu a mão. Acaricieei seus dedos, lembrando a textura da sua pele. O anel estava lá. O seu anel de noivado, lembrando-me que ela não era mais minha e que agora outro cara fazia planos com ela, sonhava com filhos e em envelhecerem juntos. Meu coração acelerou e eu já não tinha mais certeza se deveria ou não continuar falando.

— Alex...

— Eu planejava esta vida com você — comecei, ainda inseguro. — Durante todos estes anos era com você que eu sonhava ter este filho. — Ela puxou a mão da minha com força. Seus olhos indignados e aterrorizados me diziam que eu havia passado dos limites.

— Desculpe, Charlotte! — Ela me olhava com mágoa, respirando rapidamente.

— Você não entende. — A dor em sua voz me atingiu com força. — Eu nunca vou ser mãe dos seus filhos.

— O pavor em seus olhos quase me tirou o ar.

— Eu sei. Desculpe! Desculpe mesmo! Eu não devia... nunca deveria fazer essas coisas com você.

Vamos. — Levantei pegando a carteira para tirar o dinheiro. Sinalizei para o garçom indicando estarmos de partida. — Vou levar você para casa.

— Alex, não... — Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. Os lábios formaram uma linha fina. — Você não entende.

— Eu entendo, Charlotte, e você tem toda razão. Eu não posso simplesmente chegar aqui e ficar te dizendo essas coisas. Não sei o que acontece comigo.

— Tudo bem! — Ela levantou também quando o garçom se aproximou. Entreguei uma nota de cinquenta reais, consciente de ser um exagero.

— Pode ficar com o troco. Vamos. — Charlotte me acompanhou sem acrescentar mais nada.

Charlotte

Alex dirigia em silêncio, encarando o trânsito que prolongava mais o tempo dentro daquele carro. Estava sufocante. Ele não entendia, e eu não podia julgá-lo. Ele não sabia. Fechei os olhos e tentei absorver a dor. Ela era somente minha e eu não fazia questão de compartilhá-la com ninguém, nem mesmo com ele.

Com um suspiro pesado meu ex-marido ganhou outra vez a minha atenção. Sim, ele também sofria, e o pior de tudo era que ambos sabíamos que não havia solução para o nosso problema. Estava decidido. Definido. Não voltaríamos atrás.

— Quando você pretende casar? — perguntou por fim e eu quase me engasguei. Céus! O que eu poderia dizer? Por que ele tinha que falar justamente daquela mentira idiota que inventei?

— Hum! — Limpei a garganta tentando pensar em algo que não fosse me afundar ainda mais naquela

merda. — Ainda não decidimos. Foi tudo muito rápido.

— E Peter está de acordo? — Por que ele continuava querendo mais e mais detalhes daquele noivado de mentira?

— Vou fazer vinte e cinco anos, Alex. Meu pai não pode mais decidir por mim.

Ele fez uma careta e entendi que ficou parecendo que eu casei com ele por causa da pressão dos meus pais. Puxei o ar com força. Era uma merda ter que tomar cuidado com qualquer coisa que eu falasse. Aliás, era uma merda estar tão preocupada em não ferir os sentimentos do homem que pisoteou os meus. Que droga! Eu sabia que essa seria uma mágoa que provavelmente nunca passaria, ainda assim, sentia vontade de me esbofetear por ter consciência do quanto colaborei para que tudo acontecesse. Eu queria simplesmente ter o direito de odiá-lo infinitamente e de machucá-lo quando me desse vontade. Só que eu não podia.

Merda, eu não podia. Mesmo que a culpa daquela traição não fosse dividida entre vários personagens, eu jamais poderia machucar Alex, porque eu sabia que o seu sofrimento sempre seria o meu sofrimento, e era sufocante saber disso.

— Olha, eu estou tentando — ele começou. — Estou realmente tentando fazer com que isso funcione. — Indicou nós dois com a mão que tirou do volante. — Aparentemente estou fazendo uma merda atrás da outra e não sei mais o que posso fazer sem me sentir quebrando todos os ovos possíveis.

Fiquei chocada com o seu desabafo. Nos últimos dias eu vi Alex se abrir diante de mim. Vi a sua dor pelo nosso destino, a sua obstinação quanto ao filho, a paixão por mim e agora o desespero quanto a sua conduta. Juro que quando pensava em Alex nunca o imaginei tão perdido quanto eu, mas era como ele estava.

Então, sem conseguir me conter, comecei a rir, e logo minha risada virou uma gargalhada e então perdi o controle. Meu ex-marido ficou me encarando como se eu fosse louca, contudo, incapaz de resistir, começou a rir também.

— O que eu disse? — Enxuguei uma lágrima que desceu pelo meu rosto.

— Meu Deus! Você é realmente absurdo.

Continuei rindo quando ele parou o carro defronte ao flat. Ali era o fim da carona, do contato e da conversa. Alex ainda riu um pouco, então se juntou a mim na tensão que cercou o momento. Limpei a garganta e tentei sorrir.

— Foi só porque... Bem... Foi só engraçado, Alex. Eu... eu também me sinto assim. Engraçado, não? Nós fomos casados, dividimos segredos, vivemos situações que qualquer pessoa acharia inadmissível, e agora estamos assim. — Foi a minha vez de indicar nós dois. — Pisando em ovos.

— Porque a nossa situação é peculiar e delicada, Charlotte. Quando estou longe de você eu enxergo tudo com muito mais clareza, mas quando estamos juntos... — O toque do seu celular nos interrompeu. Alex pegou o aparelho e ficou sem graça.

Uma reação como aquela só significava uma coisa: namorada. Senti meu coração acelerar e meu rosto esquentar. O celular continuou insistindo, no entanto ele não atendeu, apesar de parecer ansioso para atender.

— Não vai atender? — provoquei.

— Não é importante — rebateu sem tirar os olhos de mim.

Não era importante? O que ele queria? Fingir que não havia ninguém em sua vida apenas para que eu não soubesse. Ah, tenha santa paciência!

— Não precisa se preocupar em atender a sua namorada, Alex. Eu já estou de saída. — Coloquei a mão na maçaneta, no mesmo instante ele segurou em meu braço.

— Eu não tenho namorada — fez questão de deixar claro. Alex era um idiota, cretino e descarado. Ainda fazia questão de mentir, me enganar enquanto arrumava uma maneira de me ter de volta.

— Namorada, paquera, ficante... qualquer nome que você quiser dar. — Dei de ombros me controlando

para não demonstrar o meu ciúme. — Não me interessa. — O celular voltou a tocar insistentemente, deixando-me irritada demais. — Atenda a droga do telefone! — falei mais alto.

— Não — ele foi incisivo, desligando o aparelho com raiva. — Qual é o seu problema? Porra, Charlotte, eu não sei como agir com você.

— Comece não tentando esconder de mim o fato de estar dormindo com alguém. — E senti vontade de me socar por ter dito aquilo.

— Eu não estou... — Sua voz, antes doce e cuidadosa, saiu alta e cansada. — Meu Deus! Você consegue ser tão irritante — O quê? Senti a raiva subindo pela minha garganta.

— Irritante porque estou dizendo que não me importo? — O choque em seu olhar me deixou mais satisfeita.

— Irritante porque não consegue ficar um segundo sem estragar tudo.

— Eu não consigo? Você me traiu!

Joguei em sua cara de uma forma nada respeitosa. Alex fechou os olhos e com a mandíbula apertada voltou ao volante. Respirei com dificuldade. Por que estava tão incomodada? Amar ainda o homem que me traiu era realmente ultrajante, e sentir ciúme então era algo que eu não planejava. Aliás, eu não planejava encontrá-lo, beijá-lo, confessar meus sentimentos e muito menos aceitar a sua carona.

— Você estragou tudo — acusei com um sussurro, constatando que finalmente a porta foi aberta e toda a minha mágoa precisava sair, ser colocada para fora. — Você estragou tudo me envolvendo em seu jogo para apressar o casamento, escondendo de mim a doença da minha mãe, indo embora quando eu precisava de você só porque meu pai pediu e depois dormindo com a mulher mais desprezível que já conheci. É você que é tão fraco que aceita em sua vida a mulher que tentou me destruir, que tentou acabar com o nosso casamento incansáveis vezes. É você que sempre disse estar ao meu lado, mas que no fundo foi quem mais me tratou como criança. Você, Alex. Só você. A culpa é sua — gritei a última frase sentindo meu corpo inteiro tremer. — E não venha me dizer que eu estrago tudo porque outra mulher te ligou e eu entendi a jogada. Eu não me importo. Saia, fique, transe com quem você quiser. A sua vida não está mais ligada a minha e nunca mais vamos deixar isso acontecer, entendeu? Nunca mais.

Eu pensei quealaria tudo o que ainda estava preso em minha garganta, mesmo tendo certeza de que eu não o culpava por tudo, não acreditava que a culpa era dele e exclusivamente dele, mas eu estava tão abalada, e sabia que não era apenas pelas suas palavras, pela sua acusação e sim pelo fato de ele ter realmente alguém e eu não entendia como podia doer tanto.

O que eu não imaginava era que ele fosse reagir da forma como reagiu. Sim, Alex não ficou quieto ouvindo as minhas acusações e se encolhendo a cada palavra dita. Ele me ouviu reclamar e, no instante em que me confundi com as palavras, fui puxada ao seu encontro e beijada como nunca havia sido antes. E o pior de tudo foi que eu me rendi no primeiro segundo. Ele me beijou com paixão, mas eu o beijei com raiva, ressentimento e posse, porque, por mais que eu soubesse que Alex continuaria a sua vida, eu não queria que isso acontecesse.

Agarrada a ele, firmei minha mão em seus cabelos, puxando-o para mim o máximo possível e abri espaço para que minha língua se adequasse melhor a sua, recebendo-o e relembrando. Todas as sensações de volta e o desejo escapando por todos os meus poros.

Eu queria tanto esquecer qualquer dor, qualquer momento ruim, esquecer todo o tempo que vivi sem ele, sem seus braços, seus beijos, seu corpo, eu só queria esquecer, arrancar de mim a realidade e simplesmente me deixar ser sugada pela sua força.

Alex me abraçou e intensificou o nosso beijo. Eu sentia seus dedos em meus cabelos e costas, enquanto seus lábios doces alimentavam os meus e sua língua me explorava, arrepiando a minha pele. Sim, eu o queria. O desejo que nunca deixou de existir se apresentava com toda a sua intensidade, deixando-me úmida imediatamente.

O ímpeto dos nossos corpos não conseguia evitar as nossas necessidades e logo meus pulmões

protestavam, implorando por ar. Alex se afastou ofegante, mantendo a mão firme em minha nuca, a testa colada à minha.

— Você é absurda — seu sussurro comprovava o quanto éramos iguais em nossas reações.

— E você é um babaca — rebati ainda com a raiva correndo em minhas veias.

— Babaca por que não deixei de te amar?

— Babaca porque bebei e se deixou enganar por uma oportunista e...

Ele me puxou outra vez, calando-me com seus lábios urgentes. Céus! Eu não conseguia pensar coerentemente quando Alex me dominava daquele jeito. Quando me exigia sem limites e, principalmente, quando sua boca estava na minha. Era a minha perdição.

Uma batida forte no vidro do Alex nos sobressaltou. Olhamos para o lado, querendo conferir o que estava acontecendo e vimos Patrício com o sorriso mais idiota que já vi na vida. Ele ainda usava a camisa suada que estava antes de me deixar na Lagoa, mas não se importava com isso.

Levamos alguns segundos para entender que o idiota do meu ex-cunhado, futuro marido da minha melhor amiga e praticamente irmã, estava mesmo ali, nos atrapalhando e rindo do que fazia. Alex saiu do transe, abaixando o vidro do carro.

— Você está obstruindo a entrada do flat — avisou com um sorriso que me fazia ter vontade de matar.

— Como é que é? — Alex ainda estava confuso. Só poderia ser esse o motivo para ele não acertar o irmão com um soco.

— Oi outra vez, Charlotte! Vejo que conseguiu uma carona.

Meu rosto ficou quente e logo em seguida ficou insuportavelmente quente e à medida que ele esquentava, o sorriso de Patrício evoluía para uma gargalhada que quase, quase mesmo, me fez pular em seu pescoço. Só não aconteceu porque Alex estava entre nós dois.

Abri a porta do carro ignorando o imbecil do Patrício e para isso tive que ignorar os chamados de Alex também, contudo, assim que consegui me livrar do cinto e descer do carro dei de cara com Miranda, que me olhava apreensiva. Tenho certeza que minha cara assassina contribuía para minha amiga ter aquela reação.

— Tem certeza que quer casar com esse imbecil? — Disparei.

— Charlotte! — Miranda me repreendeu com um sussurro que implorava para que eu não lhe causasse problemas nas vésperas do seu casamento. Respirei fundo e procurei meus óculos, ajustando-os.

— Dane-se. — Bati a porta e comecei a subir as escadas do flat quando Alex apareceu na minha frente me impedindo de continuar. — Pelo amor de Deus, eu só quero chegar em casa — gritei assustada e envergonhada.

— Charlotte, espere um instante — ele tentou, mas não conseguiu.

— Deixe-me, Alex! — empurrei-o e subi o mais rápido possível. Eu sabia que ele não iria atrás de mim. Tremendo, suando e ainda com a sensação dos lábios dele nos meus, alcancei a chave de casa e abri a porta. Eu estava ofegante e irritada. Tenho certeza que meu rosto estava vermelho, entregando o meu estado deplorável. Encostei a porta depois de trancá-la, como se com isso eu pudesse realmente manter Alex longe de mim, mas eu não podia. Não mais.

— Algum problema? Você está bem?

Abri os olhos e vi meu pai preocupado vindo em minha direção. Eu não precisava dele e de todo o seu cuidado. Eu precisava de Alex, de preferência sem roupa e sobre uma cama. Puta que pariu! Ele me queimava de dentro pra fora. Era angustiante.

— Charlotte, eu preciso saber se você está bem. — Sua voz saiu mais urgente. Merda!

— Estou bem. — Endireitei os ombros e tentei normalizar a minha respiração. Era impossível.

— Não é o que parece. Está se sentindo mal? — Ele segurou meu pulso, como um bom médico faria.

— Estou ótima! — Puxei minha mão da sua. — Só não quis esperar o elevador e subi correndo.

— O quê?

— Correndo, pai. Atividade física. — Afastei-me ainda mais indo em direção às escadas. — Você não vive pegando no meu pé para que eu tenha uma vida mais saudável? Então, estou seguindo os seus conselhos. — Ele me encarava confuso enquanto eu subia cada degrau.

— Tem certeza? Você sabe que...

— Tenho certeza! Eu estou ótima! Vou subir e tomar um banho.

— Thomas ligou. — Eu já estava quase no final da escada e não seria Thomas a me impedir de chegar ao meu quarto. — Ele pediu para você ligar. Ele...

— Ele que vá para o inferno — resmunguei.

— Charlotte! — Lógico que meu pai me corrigiria, só que eu não pediria desculpa. — Pensei que ele era o seu noivo — sua voz debochada me alertou. Parei no último degrau virando para encará-lo.

— Você sabe que... deixa pra lá. — Ele sorriu amplamente e eu segui em direção ao meu quarto, meu banheiro, meu chuveiro e meus desejos.

Capítulo 9

“Este amor em botão, depois de amadurecer com o hálito do verão, pode se mostrar uma bela flor quando nos encontrarmos novamente.” William Shakespeare

Charlotte

Após passar um dia da noiva no salão SPA escolhido por Miranda, e que foi o meu presente como madrinha de casamento, estávamos prontas, maquiadas, vestidas e nervosas.

— Não acredito que você vai casar. — Meus olhos marejados me certificavam que fiz a escolha certa quando pedi maquiagem à prova d’água. — E você está tão linda!

Ela sorria imensamente, observando-se no espelho que ocupava toda a parede do quarto reservado para a noiva. Miranda estava incrivelmente linda. O vestido valorizava o seu corpo e lhe dava sutileza. Era lindo e de muito bom gosto. Seus cabelos cacheados estavam escovados e presos no alto da cabeça, onde uma coroa discreta fazia par com os brincos e colar de única pedra, presentes do meu pai. Uma pequena fortuna que ele fez questão de gastar para casar a sua segunda filha. Palavras dele.

Ela tremia e tentava conter as lágrimas. Eu sabia que ela pensava na mãe e na madrinha, a minha mãe, e sentia a falta das duas naquele momento tão especial. Mas eu não tocaria naquele assunto. Não estragaria o seu dia com pensamentos tristes.

— Patrício é mesmo um babaca de sorte.

— Charlotte — ela me repreendeu rindo. — Meu Deus! Eu não acredito que estou casando! — Seus olhos dançavam pelo espelho, conferindo cada detalhe da sua produção.

— Comoção total no Rio de Janeiro. Miranda Middleton está fora de combate — brinquei e ela riu.

— Com certeza tem uns dois ou três carinhos frustrados com o meu casamento.

— Eu contaria uns seis ou sete — ela riu animada e mordeu o lábio.

— Nem eu estou acreditando — revelou hipnotizada pela sua imagem no espelho. — Nunca me imaginei assim, vestida de noiva, prestes a me tornar esposa de alguém.

— Confesse que lá no fundo você sabia que este também era o seu destino. Meu pai jamais permitiria que ficasse solteira para sempre. — Ela mordeu o lábio mais uma vez e ficou séria.

— Eu nunca imaginei que algum dia da minha vida eu seguiria a vontade do padrinho com tanto desejo.

— Havia tanto naquele olhar. Como se ela estivesse revivendo cada detalhe da sua história e o que fez até chegar ali. — Nunca me imaginei sendo tradicional, ou desejando uma vida pacata, a dois, e quem sabe mais para frente, a três ou quatro. — Tentei não desfazer o meu sorriso. Era o dia dela e Miranda

merecia construir uma família e ser feliz.

— Quem é você e o que fez com a minha amiga? — Nos encaramos no espelho e depois rimos.

— Ah, Lottie, eu estou tão feliz! Estou sendo egoísta por estar realmente feliz?

— Não! — Estreitei os olhos cansada daquela conversa. — E eu vou suportar algumas horas ao lado dele apenas porque te amo demais.

— Tem certeza? Nós podemos modificar...

— Miranda, não! — Fui firme e ela parou. — Eu já disse: não vai ser mais do que cinco minutos e depois disso eu estarei livre do Alex.

— Obrigada! — Ela me abraçou. — Me ajuda com o véu?

— Claro!

Fizemos como indicado e eu, mesmo atrapalhada, consegui prender o véu da minha amiga, que descia até metade das suas costas e tapava o seu rosto.

— Como estou?

— Perfeita — suspirei sentindo-me grata.

Casamento era algo tão mágico que contagiava. Naquele momento eu me sentia feliz, leve e grata a Alex por ter mentido para mim e me jogado naquela loucura. Pelo menos minha mãe pôde me ver vestida de noiva e suspirar com a mesma sensação que a minha. Eu seria infeliz se fosse diferente.

Ponto para Alex. Era menos um motivo para ter mágoa.

Desde o último acontecimento, o beijo apaixonado no carro, eu não tinha visto nem ouvido falar no meu ex-marido. Miranda até tentou, contudo a proibi de falar sobre o ocorrido. E assim consegui quatro longos dias sem ouvir falar nele.

Aquela noite seria a nossa prova de fogo. Estávamos destinados a passarmos alguns minutos juntos e estes seriam os minutos mais longos da minha noite. Comecei a ofegar. Céus! Eu não podia cair. Não podia cair. Seria vergonhoso!

— Você já vai? — Pisquei voltando a minha realidade.

— Sim. Meu pai já chegou e está só me aguardando. Não se preocupe, você vai logo depois. É só tempo de eu chegar o cerimonial organizar tudo — ela concordou com olhos imensos e brilhantes. — Você vai ficar bem?

— Porra, eu merecia uma cerveja agora — ri. Ela caminhou até o balde com a garrafa de champanhe, ofertado pelo espaço e serviu duas taças, voltando para mim. — Tome. Não é cerveja, mas quebra um galho.

— Quem ouve você falar assim pensa que foi criada por lobos — ela riu. Esta com certeza seria a frase utilizada por minha mãe e Miranda sabia. Minha amiga secou a taça dela e se serviu mais uma vez. — Vá com calma, Miranda, ou vai ser você a cair na frente de todos — ela riu com vontade.

— Beba logo ou o padrinho vai acabar nos surpreendendo — revirei os olhos.

— Quantos anos temos mesmo? — E só por rebeldia virei a minha taça também. Ela aproveitou e encheu outra vez. Não reclamei. Eu também precisava de um pouco de álcool.

— Não consigo acreditar que vou casar antes dos trinta.

— Eu casei com vinte e um. Você ainda está no lucro. — E com essa bebi quase a taça toda.

Odiava lembrar do meu casamento. Especificamente, do fato de ele não existir mais. Bebi mais um pouco. Miranda levantou a mão me pedindo a taça, o que me forçou a beber o restante todo de uma vez. Minha mente começou a ficar mais leve.

— Vá. Anda anda, anda. — Começou a me levar até a porta. — A madrinha não pode atrasar.

— Pensei que era a noiva que não podia.

— A noiva principalmente, como eu só vou quando você me ligar... — Revirei os olhos mais uma vez, só que de maneira bem teatral.

— Ele vai estar lá — ela riu.

— O seguro morreu de velho. Me ligue quando Patrício estiver muito bem posicionado no altar.
— Tudo bem, eu ligo. — Voltei e abracei minha amiga — Você está linda e vai ser muito feliz. — Ela me envolveu com seus braços.
— Obrigada! Espero que sim.
— Vai ser ou então eu, pessoalmente, esmago as bolas do babaca do seu marido — Miranda riu alto e me deixou partir.

Meu pai precisou retirar a minha mão do seu braço quando me recusei a ficar sozinha na frente da igreja no meio de tanta gente com quem eu não tinha vontade de falar. Ele queria que eu encontrasse os amigos. Quais? E me disse que eu deveria ser mais aberta para as pessoas.

Quase mostrei a língua para ele, mas preferi manter minha pose de mulher madura. Então fiquei parada, observando a grande escadaria onde os convidados se amontoavam conversando alegremente enquanto não precisavam entrar. Do lado de dentro estava ainda mais cheio. Miranda tinha transformado o casamento dela em um desfile de carnaval.

— Charlotte! — A voz aguda e alegre de Lana me fez pular.

Não que eu não quisesse encontrar Lana, longe disso, só que eu realmente estava vigiando a entrada de Alex, com medo de estar muito ansiosa e acabar entregando o temor.

Como eu poderia encará-lo depois do nosso último encontro? Só de pensar meu rosto já esquentava. Sem contar que Patrício nos viu, e nos atrapalhou, o que me levava a pensar que com certeza já havia espalhado para a família inteira.

— Lana — sorri com carinho. Sim, eu sentia falta da minha ex-cunhada, porém eu sabia, e ela também, que a distância era necessária. Deixei que Lana me abraçasse.

—Você está linda — ela sussurrou em meu ouvido.

Quando enfim me soltou eu tive certeza de que ela sabia do ocorrido. Seus olhos cheios de pesar e expectativa, ambos sentimentos conflitantes, não deixavam dúvidas.

— Onde está João Pedro? E as gêmeas. — Ela revirou os olhos, mas sorriu amplamente.

— Elas estão aproveitando o espaço para deixar a cerimonialista com os cabelos em pé — ri. — João Pedro está com elas. Eu vim tomar ar e conferir as mensagens, claro! Avisei a Patrício que era um momento complicado de trabalho para a gente, mas Miranda fez questão da data. — Ela sacou o celular e começou a trabalhar.

— Lana... oh, Charlotte? — Minha ex-sogra apareceu do nada. — Meu Deus, quanto tempo. — E mais uma vez me vi entre braços amigos. — Que saudade de você, filha. — Suas palavras refletiam o brilho do seu olhar, o que confirmava a sua veracidade. Meus olhos ficaram úmidos.

— Como estão as coisas, Dana?

— Caminhando. Adriano trabalhando cada vez mais. Ele acompanha de perto a saúde de Lipe e vive preocupado... oh, desculpe, querida! Eu estou sempre tão ligada ao menino que acabo esquecendo que...
— Tudo bem. — Acaricieei seus braços. Eu nunca poderia impedir que uma avó falasse do seu neto. Não com tanto amor como ela falava. — Não encontrei com Adriano ainda. — Olhei rapidamente pelo espaço com o coração saindo pela boca com medo de encontrar Alex antes da hora. Não precisávamos de mais uma cena.

— Seu pai já o monopolizou — ela riu. — Nossos filhos estão casando... mais uma vez. — Seu olhar de

tristeza não me passou despercebido.

— Que pelo menos desta vez dure — resmunguei baixo, ela ouviu e entendeu.

— Finalmente — falou um pouco mais alto, uma mão ainda em meu braço, o corpo todo voltado para o início da escada.

Olhei na direção em que ela olhava e confesso que não sei como não caí. Meus olhos ficaram marejados e minha mandíbula travada. Eu não sabia se ela estava assim pela raiva ou se era o meu esforço para não chorar.

Ao pé da escada, cumprimentando alguns amigos, estava Alex, lindo em seu terno de padrinho. O cabelo arrumado e engomado para trás, o que ressaltava seus olhos azuis como o céu. A postura perfeita que exalava poder. Ao seu lado, a mãozinha na sua, estava um Lipe seguindo o mesmo padrão do pai, cabelo arrumado, olhos azuis escondidos atrás de óculos de grau e uma roupa que lhe conferia título de celebridade master naquele evento. Era um linda pintura, se não fosse pela mulher que segurava a outra mãozinha.

Anita estava radiante ao lado do meu ex-marido. Os cabelos soltos descendo até a metade das costas, um vestido prata que desenhava muito bem o seu corpo escultural e, quando ela se virou para cumprimentar uma mulher que estava no grupo com que Alex falava, pude ver o decote profundo em suas costas, revelando o quanto ela era fisicamente perfeita.

Alex riu alto e Anita passou a mão em seu braço, como se eles fossem um casal. Uma família feliz. Fechei os olhos e virei o rosto. Como ele podia levar aquela mulher para o casamento da minha irmã? Como podia aceitar que ela estivesse inserida em sua vida a tal ponto que representavam uma linda família? E o mais importante: como acreditar que não havia nada entre eles?

— Tome isso — Johnny apareceu do nada e colocou uma taça em minha mão. Champanhe. Não precisei perguntar nada. Meu amigo me conhecia muito bem e sabia que naquele momento eu precisava de uma bebida.

— Johnny, onde está Miranda? — Lana quebrou a nosso momento. — Patrício já está ansioso.

— Droga! Eu tinha que ligar para ela. Merda! — Johnny riu enquanto eu procurava meu celular dentro da bolsa minúscula.

— Miranda deve estar querendo ser realmente o centro das atenções — meu amigo falou mantendo a mão em minhas costas. — Eu já liguei, Lottie — avisou quando finalmente consegui puxar o aparelho para fora, derrubando o gloss pela escadaria.

— Merda!

Acompanhei o produto quicar pelos degraus e parar junto a sapatos limpos, muito bem engraxados. Ele abaixou, pegou o gloss e me encarou. Merda, merda, merda! Eu não estava preparada. Não queria aquele encontro e definitivamente, não queria ali, na frente de todo mundo. Ele me deu aquele sorriso torto, o mesmo que conseguia sugar o meu ar. Com o gloss brincando em seus dedos subiu levando o filho pela mão e a “amiga” ao lado.

— Isso é seu. — Seus olhos me forçavam a encarar, fazendo-me esquecer todos ao nosso redor. — Charlotte?

Engoli em seco e com a mão trêmula peguei o produto, colocando-o dentro da bolsa imediatamente.

Quando voltei a olhar o nosso público pude ver Lana e Dana com os sorrisos tão bobos que me deixaram constrangida.

— Quem é esse príncipe? — Dana brincou com Lipe.

Fugindo do olhar do pai acabei encarando o filho e fiquei perdida. Meu Deus! Ele me encarava com aqueles olhos azuis desconcertantes, a boquinha entreaberta e a cabeça inclinada um pouco para o lado. Ele, o filho fruto da traição que destruiu a minha vida, olhava-me como se eu fosse um conto de fadas. Tive vontade de chorar.

— Não vai me dar um beijo? — Dana segurou o neto, quebrando os fios que me prendiam a ele, para

beijá-lo. Ele riu e se encolheu. Era uma risada doce e contagiante.

— Por que demorou tanto? — Lana falava com Alex e eu não sabia para onde olhar.

— Anita teve problemas com o carro — ele disse sem parecer querer esconder o nível de amizade e compromisso entre os dois.

— Meu carro está querendo ser trocado — ela brincou. Lana não me pareceu muito disposta a bancar a cunhada.

Vi a troca de olhares entre Johnny e Anita e fiquei enojada. Como ela podia ser tão vagabunda? Dormir com o meu amigo e com meu ex-marido ao mesmo tempo. Senti minha boca secar e minha mente dar um nó. Alex não me olhava, ele sorria e conversava com a mãe e a irmã e, em determinado momento, Anita passou outra vez a mão em seu braço. Ele não se incomodou e continuou a interagir com a família.

— Miranda chegou — Johnny falou me arrancando do torpor em que me encontrava.

Olhei para o carro maravilhoso parado em frente à igreja, mas não consegui raciocinar direito.

Rapidamente os funcionários do cerimonial começaram a se movimentar entre os convidados, solicitando que todos entrassem para que eles pudessem fechar as portas para a entrada da noiva.

Notei que Lana e Dana saíram do meu lado. Vi meu pai se posicionar para receber Miranda. Também percebi quando Anita, relutantemente, precisou entrar. Não sem antes desejar boa sorte a Alex e brincar com Lipe como se fosse a sua mãe.

— Eu preciso entrar. Você vai ficar bem? — Johnny falou bem baixinho em meu ouvido, seus olhos preocupados.

Mantive minha atenção em seu rosto e confirmei com um aceno de cabeça. Meu amigo saiu e eu me concentrei em continuar olhando em sua direção. Eu não queria olhar para Alex, nem conversar sobre qualquer assunto. Também não queria olhar para baixo e encontrar seu filho me encarando com se eu fosse feita de massinha de modelar.

— Vamos, vamos! — Cibeles, a funcionária do cerimonial que havia tentado me ensinar a andar, nos chamava apressadamente. — Já vamos fechar as portas e anunciar a entrada de vocês. — Ela conferiu o celular. — Droga! Estamos atrasados.

— Vamos, Lipe — ouvi Alex chamar pelo filho e depois passar por mim sem nada dizer. Permaneci quieta, dura e congelada naquele degrau, com medo que qualquer movimento meu acabasse me forçando a extrapolar.

— Srta. Charlotte — Cibeles me chamou outra vez.

Olhei para o local onde estavam todos que entrariam no cortejo e vi as meninas de Lana correndo ao redor do pai, que havia ficado do lado de fora para tentar organizá-las. Elas riam e eram lindas em seus vestidos lavanda e com as flores delicadas em seus longos cabelos.

Vi Alex mantendo Lipe ao seu lado, apesar de o menino estar agarrado em suas pernas com a atenção fixa nas primas. Testei minhas pernas que ainda tremiam e tive medo de andar. Merda! Eu estava com tanta raiva! Ficar ao lado de Alex, segurando em seu braço e fingindo contentamento apenas para agradar aos outros parecia ser algo realmente sacrificante.

— Srta. Charlotte, por favor — Cibeles me indicou o caminho.

Levantei o vestido e me forcei a andar. Que droga! Eu não queria fazer aquilo. Não queria! Como Miranda pôde me colocar em uma situação como aquela? Ela sabia que estar ao lado do meu ex-marido exigiria muito de mim. Piorava o peso do meu sacrifício quando eu somava a isso o fato de ele ter levado Anita como se ela fosse a sua esposa, e a presença de um monte de pessoas com olhares curiosos querendo saber como nos sairíamos. Era mesmo um show de horrores.

Minha respiração começou a ficar mais acelerada. Meus passos lentos não me impediam de chegar ao destino. Como se eu estivesse vivendo uma maldição, Alex olhou em minha direção e seus olhos me absorveram como um redemoinho. Eu o odiava... e amava na mesma proporção. E odiava amá-lo depois de tudo, sobretudo depois dos últimos minutos.

Eu não deveria me importar tanto, mas me importava e doía. Não havia traição maior do que a dele com Tiffany que não fosse a dele com Anita. Depois de tudo o que ela nos fez ele se apoiava nela como se ela fosse a sua tábua de salvação. Puxei o ar me forçando a continuar respirando.

Cibele me colocou ao lado de Alex e levou Lipe para se posicionar ao lado das primas, o que fez com que o menino abrisse um sorriso imenso para mim antes de sair correndo. Ele era tão perturbador quanto o pai, com seus olhos e sorrisos encantadores.

Esforcei-me para olhar para frente, encarando as portas fechadas. À frente, Patrício e Dana, emocionada, tomavam seus lugares. Alex parou ao meu lado. Respirei fundo e decidi enviar uma mensagem desaforada para Miranda. Eu estava muito puta da vida para ficar ali, parada ao lado dele, sem poder xingar alguém.

Com a minha sorte, quando abri a bolsa e retirei meu celular, o maldito gloss caiu, junto com minha pequena carteira de documentos e cartões. No mesmo instante Alex tentou falar comigo. Atrapalhada e sem saber o que fazer primeiro, cometi um imenso erro.

— Aqui.

Entreguei a ele a bolsa e o celular e me abaixei para pegar o gloss e a carteirinha. Foi quando meu celular começou a tocar. Levantei rapidamente e encontrei Alex desviando os olhos da tela e levantando-o para mim.

— Atenda. — A fúria contida em sua voz me deixou alarmada. Eu que deveria estar com raiva e não ele. Peguei o celular e entendi o que estava acontecendo. O nome de Thomas brilhava no visor. Menos mal. Eu não faria como ele. Não me recusaria a atender. Se eu teria que passar a minha noite com raiva ele que engolissem a dose dele também.

— Com licença. — Peguei minha bolsa da sua mão e saí tentando equilibrar o celular entre o ombro e a orelha. Apontei o aparelho para Cibele quando ela tentou me impedir. — Thomas! — Olhei para trás para ter certeza que estava distante o suficiente.

— Charlotte...

— Precisa ser rápido. Já estamos prontos para entrar. É o casamento de Miranda, esqueceu?

— Esqueci. Desculpe. Não resisti ao desejo de falar com a minha linda noiva — ele riu e eu fiquei ainda mais tensa.

— O quê? Como...

— Seu pai não te contou? Quer dizer que agora eu sou seu noivo? Não sei se estou satisfeito com isso.

— Thomas, eu... merda! Não tenho como me explicar agora, mas não é como você está pensando.

— Se for para manter o imbecil do seu ex-marido longe de você eu até aceito interpretar o papel.

— É para manter Alex longe de mim. Quer dizer... era. Droga! É uma história complicada. Eu ligo amanhã e conto tudo.

— Charlotte, seu pai não te contou mesmo?

— Contou o quê? — Cibele gesticulava loucamente, mandando eu voltar para a fila.

— Eu chego amanhã ao Brasil — ele informou sem nenhum drama. Pensei que o chão abriria e me engoliria.

— Como assim? — Fiquei histérica. — O que você vem fazer no Brasil, Thomas?

— Resolver algumas coisas da empresa. Meu pai insistiu e eu não tive como me negar a passar alguns dias com minha noiva. Não vai ser maravilhoso?

— Ai meu Deus, Thomas! Como eu vou administrar isso?

— Não sei. A invenção é sua. E ficarei hospedado na sua casa, então se a sua intenção não é deixar Alex com ciúme é melhor contar logo a verdade.

— Não posso contar a verdade — sussurrei com raiva enquanto acompanhava Cibele caminhar em minha direção. — Eu preciso ir. Que horas você chega?

— Final da manhã. Vai me buscar? — Gemi alto. Eu não precisava de mais problemas.

— Ligo para você. Agora preciso realmente desligar.

— Não vai mandar um beijo para o seu noivo?

— Tchau, Thomas. — E desliguei me sentindo pior que antes de atender. Minhas mãos suavam. Andei de volta ao cortejo com a outra garota do cerimonial me acompanhando de perto.

— Tudo bem? — Ela se aproximou para se certificar de que eu não sairia outra vez da fila. Não resisti.

— Quanto tempo ainda temos? — Ela me olhou admirada. Mais distante um pouco vi um garçom servido água para as crianças.

— Precisa de alguma coisa?

— Sim. Uma taça de champanhe. — Não olhei para Alex e mantive minha postura séria e equilibrada para que a mulher não achasse que eu era uma alcoólatra prestes a dar um show no casamento do ano.

— Vou providenciar. — E saiu em direção ao garçom.

— Vai beber antes de entrar? — Alex parecia indignado com a minha atitude. Que se dane! Eu estava com uma bomba relógio nas mãos. Precisava aliviar aquela tensão.

— Não é da sua conta. — Mantive meus olhos na porta e tentei, com todas as minhas forças, não demonstrar o quanto eu tremia.

— Qual é o problema, Charlotte. — Sua voz baixa indicava que ele não queria que as pessoas presenciassem uma cena entre nós dois.

— Você, Alex! O maior de todos os problemas que já existiram na minha vida. — Ele soltou um risinho nervoso, típico de quem não concordava com o que eu dizia.

— Aqui. — A mulher me entregou a bebida. — Me devolva a taça antes de entrar, por favor. Agradei e dei um longo gole, sentindo as bolhas estourarem ainda em minha língua e escorrerem pela garganta.

— Vá com calma ou vamos cair outra vez — ele rosnou.

— Cuide da sua vida — sorri quando Dana olhou para trás e sorriu ao nos ver lado a lado. Quando ela virou para frente tomei outro longo gole, quase acabando a bebida.

Meu Deus! Thomas estragaria tudo. Ele tornaria tudo ainda pior.

— É o casamento da sua melhor amiga — Alex me condenou com essas palavras.

— Engraçado como eu tenho que ter certos comportamentos por ser o casamento da minha amiga, enquanto algumas pessoas — deixando claro ser dele que eu estava falando — não se importam nem um pouco com isso.

— Do que você está falando? — Ele deixou de lado a cautela e se virou para mim.

— De nada, Alex! — rosnei sem querer ser ridícula ao demonstrar o meu ciúme.

Putá merda! Eu estava me rasgando de ciúme. Odiava me sentir assim. Senti que meus olhos estavam úmidos e odiei ainda mais Alex por me fazer ter vontade de chorar e me esconder justamente no dia do casamento de Miranda. Ele puxou o ar e se virou para frente. Bebi o que sobrou do champanhe e devolvi a taça para a garota que aguardava um pouco afastada.

— Você precisa me dar o braço — alertou-me sem me olhar diretamente.

— Não se preocupe. Quando as portas se abrirem eu estarei representando o meu melhor papel. — Ele riu com sarcasmo.

— Já prestou atenção que você sempre busca o álcool como refúgio pelo que sente? — O quê? Que filho de uma...

— Engraçado, não? — Virei para ele sentindo que segurar o meu gênio ruim seria impossível. — Não foi exatamente o que você fez quando transou com Tiffany? — falei alto demais e Patrício e Dana viraram para nos encarar.

— Charlotte, você está chamando atenção das pessoas. — Meus olhos estavam tão úmidos que me impediam de ver corretamente.

Alex era um filho da puta e eu tinha vontade de dizer estas palavras bem alto, para que todos os

convidados pudessem ouvir. Eu não queria chorar e tinha consciência de que minha lente sumiria no meio de tantas lágrimas que queriam descer.

— Vá se foder! — rosnei. — E eu não vou entrar com você.

— O quê? — ele recuou espantado. — Você não pode.

— Tente me impedir. — Comecei a me afastar ouvindo Patrício e Dana me chamando. Cibele logo estava perto do grupo.

— O que houve?

— A nova madrinha se chama Anita. Ela está com um vestido prata e vai adorar entrar ao lado deste senhor. Eu não vou entrar mais.

— Charlotte, Miranda vai morrer se Anita entrar em seu lugar — Patrício me alertou completamente em pânico. Fechei os olhos e me concentrei em minha amiga. — Você é a madrinha, Charlotte, não estrague o dia de Miranda.

Merda, merda, merda!

— Tudo bem. Eu continuo sendo a madrinha, só não vou entrar. Aguardo vocês lá na frente.

— O quê? — Foi Cibele que me interrompeu confusa e assustada com a confusão. Adeus os créditos pelo casamento do ano. — Não pode. Os padrinhos...

— Os padrinhos são pessoas normais e que não se suportam. O que não é novidade para ninguém. Não vai ser estranho se aguardarmos, cada um do seu lado, no altar. — Afastei-me rapidamente e entrei pela porta lateral, antes que mais alguém tentasse me persuadir.

Alex

Olhei para Charlotte do outro lado do altar. Ela olhava para todos os lados menos para mim. Eu estava furioso com ela, mas sabia que ela estava também comigo e que tinha razão. O que eu podia fazer? Foi ela quem me mandou deixá-la em paz, e foi o que eu fiz. E fiz porque, sinceramente, eu não tenho mais paciência para tantos altos e baixos.

Minha vida seguia um caminho diferente do que eu tinha com ela e precisar parar tudo para entender o que passa na cabeça confusa da minha ex-esposa não estava mais em meus planos. Charlotte precisava aprender a se resolver sozinha e não ficar aguardando para que todos compreendam as suas reações.

Também não estava disposto a continuar aceitando a devastação que era quando ficávamos juntos. A imensidão dos conflitos internos, as dúvidas, a insegurança... eu não queria mais nada disso! Charlotte entrava em minha vida e em segundos bagunçava tudo.

Agora ela acreditava que tinha motivos para estragar o casamento da melhor amiga. Sim, porque por mais que eu não fosse muito a favor de Miranda com o meu irmão, pude acompanhar o quanto ela idealizou e programou tudo, enquanto Charlotte pensava apenas nela.

Sem contar que aquele arranjo, nós dois já no altar, um de cada lado, chamaria muito mais atenção do que se entrássemos juntos. Puta que pariu! Eu apenas queria beber e comemorar o casamento do meu irmão, e não ser sabatinado por cada convidado curioso sobre a minha situação com a minha ex-mulher.

E para piorar a minha dor de cabeça, ainda havia Thomas como o seu novo parceiro, futuro marido, o cara que estava comendo a minha ex-mulher. Puta. Que. Pariu!

Massageei minhas têmporas tentando acalmar a dor de cabeça que estava me consumindo. Porra, eu também merecia um pouco de álcool. Não. Depois de Tiffany eu não confiava mais em mim.

O som suave calou o murmurinho dos convidados. Olhei para frente e vi Patrício entrando elegantemente,

levando minha mãe pelo braço, que não escondia a emoção, apesar de ainda estar chocada pela infantilidade de Charlotte.

Eles caminhavam lentamente e eu não pude deixar de lembrar do meu próprio casamento. Deus! Era massacrante pensar em Charlotte com tanta saudade quando eu estava com raiva por ela ainda ser essa menina infantil e inconsequente. Respirei fundo e olhei outra vez para a minha ex-esposa. Ela encarava meu irmão e minha mãe. A julgar pela forma como o seu maxilar estava travado, eu imaginei o quanto estar ali a devastava também.

E então, como se ela soubesse o que eu estava fazendo e pensando, seu rosto virou em minha direção e nossos olhos se encontraram. Meu coração parou por um segundo, que foi o suficiente para fazer meu mundo girar.

Os olhos de Charlotte diziam tudo o que eu quis ouvir naqueles três anos que ficamos afastados, nos momentos em que eu me sentia perdido com as chantagens de Tiffany, quando eu me via obrigado a aceitar e agradecer pela presença amigável de Anita, quando me sentia tão envergonhado pelas minhas atitudes que me negava a buscar ajuda na minha família, quando me vi sozinho, com uma criança recém-nascida sem nem ao menos saber o que fazer com ela, quando via o tempo passar e eu não ter construído o que sempre sonhei, não apenas para mim e agora para Lipe: uma família. Uma família que eu desejei construir apenas com ela.

Quando Charlotte me encarou com olhos úmidos, peito arfante e a mesma saudade que eu sentia foi como se nada mais fizesse sentido. Eu senti a falta dela como se um pedaço de mim tivesse sido arrancado e levado embora, e ali, olhando para aquela menina perdida e sofrida, eu tive certeza que o mesmo sentimento a cercava.

Tive vontade de ir até ela. Tive vontade de conseguir, milagrosamente, uma forma de fazer dar certo, eu, ela e Lipe, mesmo que as peças parecessem não se encaixar. Tinha que haver uma maneira.

Fomos forçados a nos desconectar, pois minha mãe passou por ela, tocando em seu braço e ganhando a sua atenção ao se posicionar ao seu lado, enquanto Patrício parava do meu, ansioso e os olhos grudados na porta que havia sido fechada mais uma vez.

O som de cornetas anunciando a entrada da noiva ocupou toda a igreja, e a comoção foi geral quando Miranda apareceu na entrada, Lipe e as gêmeas a sua frente, tentando seguir o que foi ensaiado. Meu filho andava entre as primas, com os ombros encolhidos e os olhos apreensivos. Tive que sorrir quando ele ajustou os óculos nervosamente, quase deixando a almofada com as alianças caírem.

Lana, que estava na primeira fileira, não parava de fotografar as filhas e as vezes parava para limpar uma lágrima. Minha irmã podia ser durona, mas aquelas meninas conseguiam quebrar qualquer muralha.

Fiquei atento a Lipe, percebendo que ele olhava para todos os lados me procurando. Dei um passo para o lado de Patrício aguardando que ele me visse para que pudesse ficar mais confiante.

Mas o que aconteceu comoveu toda a igreja. Lipe, que já demonstrava estar bastante ansioso, quando me viu abriu um sorriso lindo, encantador e, sem se importar com as alianças, correu em minha direção. Confesso que eu também estava apreensivo. Pensar em Charlotte tendo-a tão perto estava me sufocando, isso, somado ao fato de ver o meu filho tão inseguro à minha procura, quase me fez caminhar em sua direção e segurar em sua mão.

Abaixei e recebi Lipe em meus braços e, para minha surpresa, as gêmeas, Catarina e Valentina, quando viram Lipe correr, fizeram o mesmo e se atiraram sobre mim, fazendo com que todos rissem. Tudo bem que isso tirou um pouco do brilho da entrada de Miranda, mas até ela riu e continuou a sua marcha lenta, ganhando aos poucos a atenção dos convidados novamente.

Com Lipe no colo e organizando as meninas, vi Charlotte me observar atentamente, sem sorrir, com olhos tristes e sem esconder este detalhe. Com um suspiro ela voltou a encarar a amiga e tentou sorrir, mas eu sabia que aquele sorriso não era nada além de sua tentativa em parecer feliz.

E ali, com meu filho em meus braços, olhando a minha ex-esposa, a mulher que eu amava e assistindo a

sua infelicidade, eu tive, pela primeira vez, a noção do quão devastadora fora a minha traição. E então eu tive a certeza de que precisava consertar aquela bagunça. Por mim, por ela e por Lipe.

Capítulo 10

“Serei teu à tua ordem, apenas chama-me de amor.” William Shakespeare

Charlotte

Olhei o salão já quase vazio e senti minha cabeça girar. Oh, droga, eu estava tão bêbada!

Todos tentavam me demover da ideia de continuar bebendo, mas eu não podia. Eu queria aquele momento em que nada mais fazia sentido, em que a mente não conseguia sentir mais nada, e, consequentemente, o coração.

Johnny não me entendia. Miranda jamais seria capaz. Meu pai havia desistido e ido embora sem se importar em como eu voltaria para casa. Alex me censurava visivelmente. Aquele filho de uma puta traidor!

Permiti que o garçom trocasse minha taça por outra devidamente completa e sorri ciente de que meu sorriso era débil. Provavelmente minha maquiagem estava borrada devido a todas as vezes que chorei abraçada a minha amiga dizendo estar orgulhosa dela e feliz pelo casamento, quando na verdade eu estava desesperada, sentindo o buraco em meu peito se expandir a ponto de não me deixar alternativa. Apenas Thomas seria capaz de compreender a minha necessidade de beber até apagar e no dia seguinte me permitir sentir a ressaca que com certeza me impediria de pensar em qualquer outra coisa. Apenas ele era idiota o suficiente para me deixar fazer isso e ainda rir, como se fosse algo normal.

Céus!

— Se eu soubesse que casar cansaria tanto teria pulado a parte da festa — Miranda reclamou, os pés descalços sobre uma cadeira, os dedos mexendo buscando alívio e os olhos atentos na pista de dança que continha apenas alguns casais mais velhos que resistiam ao avançar da noite.

— Sua lua de mel só vai acontecer quando você conseguir acordar — brinquei tentando parecer um pouco mais sóbria.

— E você acha que já não dei um jeito nisso? — Olhei minha amiga que me lançou um sorriso sacana. Puta. Merda!

Miranda era uma mulher incrível. Ela nunca, jamais, seria insegura e infantil a ponto de ser traída pelo marido. Não como eu fui e com certeza jamais por sua culpa. Aliás, Patrício mal sabia onde estava se metendo. Se ele pensava que estar casado com Miranda seria o mesmo que estar namorando estava muito enganado. Eu bem conhecia a minha amiga e ela não daria sossego ao marido. Tive que rir. — Vou deixar você em casa antes. — Ela tirou os pés da cadeira e tentou levantar. — Não! — quase gritei.

Eu não estava bêbada o suficiente ainda. Se eu fosse para casa seria para chorar e me sentir um lixo. Sem contar que Alex ainda estava lá, mesmo seu filho tendo ido embora, levado por Lana, junto com as suas meninas e João. Anita também estava por lá, sempre com ele, participando das conversas, como se ela fosse a sua esposa.

Maldita Anita! Eu queria que uma bomba caísse bem na cabeça dela. Pronto. Problema resolvido. Eu me sentiria bem melhor. Sem pensar, levantei a mão com a taça e fingi atirar bem na direção dela.

— Charlotte! Pelo amor de Deus! — Miranda, segurou minha mão, abaixando-a. — Você já bebeu demais — ri tomando mais um gole do champanhe.

— Isso aqui é bom demais — brinquei e ela riu.

— Tudo isso por causa dele? — disse com tristeza. Balancei a cabeça negando e senti náuseas.

— Tudo isso por minha causa. Porque eu deveria estar sapateando no coração daquele babaca, mas olha só. — Abri os braços. — Estou aqui como a pobre ex-esposa infeliz, enquanto aquele filho de uma puta

desfila com aquela vagabunda, esfregando a sua felicidade em minha cara.

— Ah, Charlotte! — ela suspirou derrotada. — Você está bêbada demais para notar que é Anita quem está forçando a barra. Alex já tentou se desvencilhar várias vezes, mas ela grudou nele como um carrapato.

— Eles que morram — Fui infantil. Não havia como não ser. Miranda riu.

— Ele ama você! — Passou a mão em meu rosto limpando minha maquiagem.

— Ele me traiu — falei mais alto e com raiva. — Ele. Me. Traiu — E novas lágrimas se formaram em meus olhos. — E ainda tem aquele menino... perturbador. — Puxei o ar com força. — Vi quantas vezes ele se agarrou ao meu vestido? Aquilo foi... desconcertante. — Minha amiga sorriu amplamente.

— Você gosta dele.

— Não gosto não — tentei parecer ofendida, falhando totalmente. — Ele me deixa desarmada. É só porque é uma cópia fiel do pai. — Miranda continuou sorrindo. — E o menino não tem culpa, e... não quero falar sobre ele. Alex deveria prestar mais atenção no filho e mantê-lo longe de mim.

— Você fugiu do Alex a noite toda. Ele se aproveitou do fato de o Lipe estar tão encantado por você, mas você não lhe deu nenhuma chance. — Ela mantinha a mão na minha para me impedir de beber mais.

— Não tenho mais nada para conversar com ele — sussurrei, voltando a olhá-lo no meio do salão, conversando com um casal de senhores enquanto Anita fingia ser a sua esposa. Deus, eu a odiava.

— Charlotte, você está bêbada — ela falou outra vez e riu. — Pare de olhar para eles como se quisesse matá-los. — Tive que rir.

— Eu posso?

— Não! — Ela riu alto. — Fique bem aqui. Patrício já fez um milhão de sinais para irmos embora. Só vou se você concordar em ir também. Vou ao banheiro e já volto. Caralho, nem sei como faço para conseguir fazer xixi com este vestido. Fique aqui.

Ela levantou tirando a taça da minha mão. Fiz biquinho e minha amiga não se comoveu, seguindo em direção ao banheiro. Levantei rapidamente e tudo girou. Descalcei os pés para ter mais equilíbrio e saí em busca de um garçom. Vi que alguns circulavam próximo ao palco, servindo aos poucos convidados que ainda se agitavam na pista cansando a banda que não via a hora de ir embora.

Fixei os olhos no palco e caminhei tentando não cambalear. Tudo bem que eu queria me embriagar, no entanto, deixar que os convidados me vissem em uma situação constrangedora era outra conversa.

Vencendo a primeira etapa da pista de dança senti uma mão em meu cotovelo e não tive dúvida de quem se tratava.

Eu nunca teria.

O toque de Alex nunca seria indiferente para o meu corpo e eu teria que conviver eternamente com isso.

— Para onde está indo? — Ele me puxou de forma a forçar meus olhos a focarem nele. Ri nervosamente e fingi procurar algo próximo de nós dois.

— Pensei que Felipe tinha ido embora com Lana.

— Charlotte...

— Não fale comigo como se fosse o responsável por mim. — Puxei meu braço e me arrependi por ser tão brusca. Algumas pessoas começaram a prestar atenção em nós dois.

— Por que está se embriagando? — ele me repreendia e eu o odiava ainda mais por isso. Como ousava?

— Alex — me aproximei bem dele —, ponha uma coisa em sua cabeça: eu não sou mais a sua esposa. Se preocupe com a sua vida. — Tentei virar, mas ele me segurou outra vez, os olhos fixos nos meus, penetrando-me de forma a tocar a minha alma. — Você me traiu — cuspi as palavras que estavam me sufocando.

— Deus! — Ele fechou os olhos e eu me senti agradecida por isso. Era melhor não estar sob o poder daqueles lagos azuis que tanto me enfeitiçavam.

— Me deixe, Alex! — Dei um passo para trás me livrando dele.

— Por que você faz isso? — Seus olhos se abriram me acusando. Ele também estava magoado. Com que direito? — Me diz o que posso fazer, Charlotte? Me diz como resolver isso? Você não suporta mais. Eu não suporto mais!

Ri ansiosa demais para me livrar daquela conversa. O que ele queria que eu dissesse? Tudo bem, eu sei que tenho culpa no cartório, então eu te perdoo?

Eu não podia. Céus, eu não conseguia! Não dava para simplesmente fechar os olhos e esquecer que Alex me traiu com Tiffany, principalmente quando ele tinha um filho com olhos desconcertantes que me encarava como se eu fosse algo místico e insistia em ficar perto de mim.

Deus, eu não podia! Jamais seria capaz de fazer ele feliz. Nunca conseguiria dar a ele o que ele imagina ser o certo para nós dois. Nunca conseguiria me livrar da mágoa, das lembranças e do quanto aquilo tudo me machucava. Eu simplesmente nunca conseguiria e pronto.

— Charlotte? — ele sussurrou suplicante. Eu precisava acabar com aquilo.

— Vai ficar melhor se você finalmente me deixar em paz — rebati com mágoa. — Eu não sou mais a mesma Charlotte, Alex. Nós nunca teremos a nossa vida de volta. — Ele se enfraqueceu diante de mim, deixando os ombros caírem e eu sabia o motivo: Lipe. Ele entendia que nós três não formávamos uma equipe. Nada mais era como antes.

— Ele é só uma criança, Charlotte — rebateu magoado. — Você não entende porque não tem filhos, não sabe ainda como funciona e...

— Pare — gritei com raiva. Porra, eu não queria aquela conversa, não queria tocar naquele assunto. — Você tem o seu filho. Seja feliz com ele! — Novas lágrimas brotaram em meus olhos e me amaldiçoei por chorar na frente de todos.

— Você o odeia tanto assim? — Alex não entendia. Ele nunca entenderia. Suas palavras me sacudiram.

— Eu não odeio o seu filho — revelei, sentindo-me uma idiota. — Eu odeio o fato de precisar passar por cima de toda a minha dor quando ela ainda é uma ferida aberta. Odeio a forma como tudo aconteceu.

Odeio ser colaboradora dessa merda toda. Odeio você. — E não consegui evitar o choro. — Odeio você por ter aceitado que Tiffany nos destruísse, por ter permitido tantas e tantas vezes que ela se aproximasse, por não termos um destino diferente.

— Charlotte não foi assim...

— Odeio a forma como você convive com Anita porque para mim é como se você me traísse diariamente. E me odeio, porque... — parei alarmada, ciente do que eu diria.

— Porque você ainda me ama — ele completou me olhando com compreensão. Senti raiva por ouvir aquela verdade saindo dos seus lábios, pois era humilhante amá-lo. Era horrível não ter sido capaz de esquecê-lo. — Não é verdade?

— Porque me permito perder meu tempo ouvindo você — rebati com ódio. Alex não tinha o direito de falar do meu amor, assim, quando eu estava bêbada, confusa e cheia de rancor. Alex suspirou e colocou uma mão em meu braço.

— Eu vou te levar para casa — anunciou amigavelmente. Afastei-me como se a mão dele me queimasse. Ele não se abalou.

— Você não vai me levar para lugar nenhum! — Tentei manter a dignidade, no entanto eu sabia que estava bêbada e possivelmente sendo muito infantil.

— Charlotte, não tem mais nada para fazermos aqui. Todo mundo já foi embora. — Olhei ao redor vendo alguns poucos convidados perambulando por lá, a banda já anunciava a última música.

— Eu vou ficar. — Precisava de outra taça de champanhe. — Ainda preciso... — procurei alguma coisa que pudesse me ajudar — cantar uma música. — Ele riu.

Alex riu como se fosse absurdo eu cantar uma música. Por que era um absurdo eu cantar? Que idiota. Vi Miranda se aproximando preocupada e decidi que eu deveria agir rápido. Levantei a barra do vestido e dei as costas ao meu ex-marido.

— Charlotte? — ele gritou atrás de mim, mas eu já estava decidida.

No caminho para o palco peguei mais uma taça de Champanhe e virei todo o líquido de uma vez. Eu nunca me orgulharia disso, então... subi correndo os degraus e invadi o palco, ganhando a atenção dos músicos. Aproximei-me do cantor.

— Posso cantar uma música? — Ele me avaliou. Acredito que estava acostumado com bêbados em fim de festa, então me entregou o microfone e alertou a banda.

— O que quer cantar? — Olhei para a pista de dança e vi Alex, Miranda, Patrício e Johnny me observando como se eu fosse uma aberração.

— I'm not the only one. — Ele sorriu, demonstrando conhecer a letra e pediu a guitarra ao colega.

— Quando você quiser, docinho. — Indiquei com a cabeça que poderia ser naquele momento e seu colega deu as primeiras notas no teclado.

Fechei os olhos e timidamente comecei a cantar, rezando para não esquecer a letra e ciente de que os poucos convidados que estavam presentes poderiam simplesmente não entender o que a música dizia, porém, meus amigos e Alex saberiam cada palavra dita.

Eu cantava em inglês, embora a tradução simultânea em minha mente me deixasse cada vez mais deprimida e irritada. Eu dizia “Você e eu fizemos uma promessa. Na alegria ou na tristeza. Não acredito que você me decepcionou. Mas a prova está no jeito como isso dói. Por meses a fio eu tive minhas dúvidas. Negando cada lágrima...”

Foi quando abri os olhos e vi o cantor se afastar dando espaço para Alex que assumia o outro microfone, o que ele estava fazendo? Ele não se importou com a minha reação de contrariedade e simplesmente me substituiu na música, cantando em um perfeito inglês “Você tem estado tão ocupada. Agora, infelizmente, eu sei o porquê. Seu coração é inalcançável. Apesar de, só Deus sabe, você tem o meu. Você diz que sou louco. Porque acha que não sei o que você fez. Mas quando você me chama de ‘amor’. Eu sei que não sou o único”.

Porra! Era a minha música. Era o meu protesto, a minha forma de jogar na cara dele a sua traição. Ele não podia simplesmente entrar e roubar a cena, acusando-me de algo que eu não fiz.

— O que está fazendo? — falei fora do microfone, confrontando-o, mas tive que assumir a música antes que ele continuasse. — “Eu amei você por muitos anos. Talvez eu não seja o suficiente. Você despertou o meu medo mais profundo. Mentindo e nos destruindo” — soluzei nesta última parte, sentindo raiva daquela verdade. — Seu babaca — falei ao microfone sem me importar com a plateia.

— Cale a boca, Charlotte!

Ele rosnou deixando o microfone e vindo em minha direção mais rápido do que a minha mente fosse capaz de tomar consciência do que ele fazia. Em poucos segundos eu estava em seus braços e mais rápido ainda estávamos nos beijando.

Foi saudoso, forte e decisivo.

Alex

Tirar Charlotte da festa foi mais fácil do que eu esperava. Da mesma forma que não encontrei resistência em seus lábios, não encontrei em colocá-la dentro do quarto, mesmo tendo que carregá-la até lá, o que só me deixou mais ansioso.

Guiei até a minha casa e em momento algum ela reclamou. Ficou quietinha deitada em meu ombro de olhos fechados. Assim que estacionei o carro recomeçamos os beijos. Eu queria pegar leve, sabia que era necessário, afinal de contas, Charlotte estava bêbada e, mesmo sabendo que ela realmente queria, não era justo deixar acontecer justamente quando ela não estava em condições normais para decidir sobre o passo que estava dando.

Eu jamais agiria como Tiffany. Nunca. Se bem que engravidar Charlotte provavelmente seria a solução dos nossos problemas. Não. Merda! Eu precisava pensar em Lipe. Ele não poderia sofrer com as minhas decisões. Como pensar nele tendo a mulher da minha vida em meus braços, entregue, disposta a tudo, puxando-me para ela e me desejando como eu sonhei durante todos os anos de separação?

A porta bateu com um estrondo enquanto nos enroscávamos e nos desequilibrávamos encostados na parede. Eu sentia a mão de Charlotte em meu corpo e tentava me convencer de que era hora de parar, mas minha mente traidora me dizia que um pouco mais não causaria nenhum estrago, que eu poderia esperar mais alguns minutos.

Arrastei minha ex-esposa até a escada, decidido a levá-la até o quarto e convencê-la a tomar um banho, no entanto eu não conseguia descartar a ideia de que um banho juntos não seria ruim, que não causaria estragos. Porra, eu precisava coordenar e controlar meus pensamentos ou daria em merda.

Charlotte levantou o vestido me dando livre acesso a suas coxas assim que alcançamos a metade das escadas. Eu sabia que ela só se equilibrava porque não precisava se preocupar com os seus movimentos, meu corpo mantinha o dela firme e ela precisava só corresponder. Tal constatação fazia uma luz chamativa acender em minha mente me alertando do perigo. Era hora de parar. Porém, como eu não conseguia, minhas mãos levantaram seu corpo pelas coxas permitindo a deliciosa fricção entre os nossos sexos.

Deus, eu queria tanto aquela mulher!

Por mais horrível que fosse eu pensei em como Tiffany se sentiu quando eu insisti em continuar, fingindo ser Charlotte em meus braços, e me perguntei se era justo julgá-la tendo consciência de que eu mesmo estava prestes a fechar os olhos e me deixar levar?

Charlotte se insinuou, colando o corpo ao meu e aprofundando o nosso beijo. Caralho! Eu amava aquela mulher, o jeito doce e meigo como ela se movimentava, o sabor dos seus lábios, mesmo misturado ao gosto da bebida, a pele quente e arrepiada, os gemidos que escapavam.

Tiffany me amava loucamente e não resistiu quando teve oportunidade. Eu faria o mesmo? Usaria a mesma justificativa para possuir Charlotte? Não. Eu não podia. Por isso me afastei.

— Charlotte... — Minha voz ofegante deixava claro o quanto eu não queria parar.

— Me beije — ela suplicou, levando o rosto até o meu.

— Não, Charlotte. Precisamos parar. — Tentei afastá-la um pouco e vi seus olhos abertos em choque.

— Não se atreva, Alex — me ameaçou. Porra, como fazer aquilo?

— Charlotte, entenda, você está bêbada, você...

— Não importa — disse com raiva, segurando meu braço com força como se quisesse me forçar a continuar.

Eu queria. Muito! Mas nunca faria isso com Charlotte.

— Você não quer, Charlotte! Acredite em mim.

— Eu ou você? — acusou com os olhos cheios de lágrimas.

— Você. — Me aproximei e beijei seu rosto, sentindo a dor daquelas palavras. Ela se aninhou em meu corpo.

— Faça amor comigo, Alex! — Seus olhos suplicantes, cheios de lágrimas me comoviam quase me fazendo ignorar a minha consciência.

— Você bebeu demais, amanhã...

— Amanhã é outro dia! — Ela chorou. Merda! — Eu não quero pensar no amanhã, quero pensar no hoje, no aqui e no agora. Você me trouxe até aqui e... — Ela estava muito bêbada. Olhou ao redor se dando

conta de onde estava e começou a chorar.

— Não faça assim. — Abracei minha ex-mulher distribuindo beijos em seu rosto. Ela fechou as mãos em minha camisa soluçando e escondendo o rosto em meu peito.

— Eu sou tão idiota!

— Não, Charlotte! Pare com isso. — Levantei seus olhos para que ela me encarasse mesmo sabendo que nada do que eu dissesse ficaria em sua mente no dia seguinte. — Eu te amo! — Novas lágrimas desceram pelo seu rosto. — Eu te amo tanto, minha menina! Por amar demais não posso fazer isso com você.

— Você não me quer? — perguntou debilmente, com a voz arrastada e os olhos fechando.

— É o que mais quero em minha vida, mas não assim. Não com você quase inconsciente. — Ela despencou em meus braços, ainda chorando e já se rendendo ao álcool. — Venha. — Carreguei Charlotte levando-a para o quarto. Ela chorava baixinho. — Shiiii! Não chore mais. — Deitei ao seu lado abraçando e segurando-a firmemente junto a mim. — Eu vou consertar tudo, amor. Prometo! — Acariciei seus cabelos e ninei minha garota até que finalmente o cansaço venceu e ela dormiu.

Charlotte

Abri os olhos me arrependendo imediatamente. Puta que pariu, eu consegui! Consegui uma merda de uma ressaca prontinha para explodir meu cérebro.

— Porra! — resmunguei e imediatamente fui invadida por algumas lembranças. — Oh, Deus! — gemi, cobrindo o rosto com as mãos.

— Beber bastante água e tomar alguns analgésicos ajuda um pouco.

Levantei rápido demais, sentando na cama e me contorcendo com a dor de cabeça e a vontade absurda de vomitar. Era Alex, em algum lugar daquele quarto estranho e escuro. Merda! Não era um quarto estranho, era o quarto dele. E aquela era a cama dele... e eu estava sem roupa. Ah, Jesus! Eu estava pronta para morrer.

— Assim piora muito, Charlotte — ele falava com calma, sem demonstrar qualquer ansiedade pela noite anterior. Sentado na sua poltrona, Alex, completamente vestido, observava-me com atenção.

Foi impossível não me lembrar da minha primeira noite naquela casa e de perceber a incrível ironia da vida ao repetir a situação.

— Puta. Merda! — falei alto demais e me deixei cair no colchão de costas. Minha cabeça latejou — Ai!

— Venha, beba um pouco de água. — Abri os olhos e o vi parado ao lado da cama. Puxei o lençol tentando cobrir minha nudez, sentindo-me realmente ridícula.

Para quem estava implorando ao ex-marido para transar, ficar com vergonha de mostrar o corpo chegava a ser hipocrisia. Alex não me olhou com malícia, ele me encarava e deixava claro que olhava apenas para o meu rosto enquanto me entregava o copo e um comprimido.

— Deus! Eu não quero água, eu quero morrer. — Ele riu baixinho, aguardando eu me sentar.

— Eu avisei para não beber tanto. Isso está virando uma constante.

— Por favor, nada de sermão. Eu já tenho motivos suficientes para me sentir péssima. — Levei o comprimido a boca e o engoli bebendo toda a água. — Mas da próxima vez me amarre em uma cadeira e não me deixe beber tanto.

— Pode contar com isso. — Pegou o copo da minha mão, colocou sobre a peça e voltou, sentando na cama. — Preciso fazer você comer algo. Vai ajudar com a ressaca.

— Como eu vim parar aqui? — Alex abaixou o olhar e mordeu o lábio pensando no que poderia me dizer.

— Eu te trouxe — respondeu com calma. Os olhos se fixaram nos meus, aguardando por uma explosão ou pela acusação que certamente viria. — Você estava bebendo e...

— Nós nos beijamos.

Poupei-o daquele constrangimento. Não era nada justo ficar bancando a inocente quando eu lembrava muito bem o que havia acontecido e a forma patética como praticamente implorei para transarmos.

— Eu só não lembro como vim parar em sua cama. — Olhei atentamente para os seus olhos. — E sem roupas — Alex ficou envergonhado. Engoliu com dificuldade, pigarreou para limpar a garganta e olhou para todos os lados, menos para mim.

Putaquepariu! Então nós transamos? Era isso? Transamos enquanto eu estava bêbada? Merda! Calma, Charlotte! Você implorou a ele que fizesse isso. Porra, eu implorei! Implorei realmente, mas eu estava bêbada. Como ele pôde?

— Não aconteceu nada, Charlotte. — Notei que eu respirava com dificuldade quando ouvi seu tom preocupado. — Aquele vestido com certeza te machucaria, então resolvi tirá-lo, mas foi só isso. Eu sequer encostei em você depois que tirei a sua roupa.

Quanto mais ele se explicava, pior eu ficava. Suas palavras me deixavam ainda mais constrangida, além de magoada. Era a prova de que Alex podia até me beijar, podia sentir saudade do que vivemos, porém ele não me queria mais e essa verdade se consolidava a cada encontro nosso.

Eu não deveria me incomodar, mas me incomodava consideravelmente. Se era para alguém decidir que não queria mais, esse alguém deveria ser eu. Nunca ele. Eu fui humilhada. Eu fui traída. Então era eu que deveria dizer a ele para ficar longe de mim. Contudo não era o que acontecia. Alex me rejeitava e eu corria atrás dele como um cachorrinho.

— Onde está a minha roupa? Eu preciso ir embora. — Tentei expulsar os pensamentos. O que estava feito não tinha mais volta. Eu precisava ir embora antes de piorar tudo.

— Charlotte, não... — Ele segurou a minha mão, o que me congelou completamente. — Não saia assim.

— Assim como, Alex? — Minhas têmporas latejaram. — Deus! — Massageei minha testa tentando encontrar conforto.

— Tá doendo muito? — Ele parecia se sentir culpado por cada atitude que precisava tomar. Olhei para Alex e levei um longo minuto encarando o seu rosto perfeito. Depois suspirei pesadamente, dando-me conta de que precisava dizer alguma coisa.

— Dói tudo. — deixei-me cair de costas no colchão, apoiando-me nos travesseiros. — Parece que levei uma surra. — Fiz uma careta ao movimentar a coluna para melhorar o meu estado.

— Deixa eu te ajudar.

Lentamente, sem tirar os olhos dos meus, Alex se abaixou e pegou minhas pernas, segurando meus pés em suas mãos. Ele demorou tempo o suficiente para se certificar de que não estava passando dos limites. Meu único pensamento era que sentindo suas mãos em minha pele eu apenas queria que ele ultrapassasse todos os limites. Eu era muito idiota mesmo!

Ele apertou meus pés e a dor prazerosa me fez fechar os olhos, jogar a cabeça para trás e gemer. Se havia uma coisa que eu adorava era massagem nos pés. Principalmente após uma noite de porre tão tensa e humilhante. Alex parou e eu fui forçada a abrir os olhos. Ele estava me encarando de uma forma estranha.

— O que foi? — Ele piscou os olhos como se tivesse se dado conta naquele momento, que havia parado com a massagem.

— Nada. — Com dedos hábeis reiniciou a massagem.

— Céus, Alex — gemi outra vez e voltei a fechar os olhos. Ele era incrível com as mãos. Ouvi o seu pigarro e senti quando ele se movimentou na cama. Abri os olhos e encontrei um Alex desconcertado.

— Você estava dizendo... — continuou, sem me olhar diretamente.

— Hum! Deixe eu ver... ah, Deus! Isso está mesmo muito bom. — Mordi o lábio saboreando a deliciosa sensação.

— Fale, Charlotte! — rosnou me fazendo recuar.

O que havia de errado? Meus pés estavam sujos? Eu estava com chulé? Ai, Jesus! Minhas unhas estavam acabadas, sujas e podres. Tentei tirar meus pés, ele os segurou com mais força.

— Eu disse que nós precisávamos conversar. — Continuou massageando e, apesar de ainda estar gostoso eu podia sentir a sua tensão, o que roubava um pouco o prazer do momento.

— Ah, sim — pigarreei, limpando a garganta e me ajeitei nos travesseiros, tentando conferir como os meus pés estavam. — Nós já conversamos sobre tudo e acontece sempre igual, você me beija, me recusa, me diz que não me quer em sua vida, nós brigamos, fica tudo uma merda e depois recomeça. É melhor eu ir embora. Melhor para nós dois.

Desta vez consegui puxar meus pés. Alex me segurou pelas pernas com as duas mãos. Mais uma vez me vi congelada, tensa e ansiosa pela sua reação.

— Não! Espere. Por favor!

— Qual é o seu problema? — fui rude e minha cabeça doeu. Respirei fundo. — Olha, Alex... me desculpe por ontem. Eu... — Merda! Meu enjoo me atrapalhava e eu precisava falar tudo de uma vez e encerrar aquele assunto. — Não sei o que me deu. Eu bebi demais e acabei fazendo uma besteira atrás da outra. E você... — Olhei para ele, que me encarava atentamente, as mãos ainda em mim, o lábio presos entre os dentes e a respiração pesada. — Você não pode sair me beijando quando bem quiser. Isso é... constrangedor.

— Constrangedor? — Segurei o lençol em meu corpo com mais força.

— Sim. Nós nos beijamos, eu bêbada e simplesmente acordo assim — gesticulei para que ele entendesse o que eu dizia. — Mesmo sabendo que nada aconteceu. — Ele voltou a pegar os meus pés.

— O problema é esse? — Escrutinei seu rosto tentando organizar os meus pensamentos. Alex recomeçou a massagem, com calma e força na medida certa. Gemi abertamente.

— Charlotte... — me advertiu. Ele queria uma resposta.

— Eu vou falar. — Tentei manter o foco. — Isso é muito gostoso, Alex! — Abri os olhos e vi os dele quentes em mim. — São muitos os problemas. Primeiro você me beija, logo em seguida me diz que não deveria ter feito aquilo e que não existe mais espaço em sua vida para mim, depois me beija outra vez, e outra, e outra, e tantas que já perdi a conta, para sempre me abandonar. E esse nem é o maior de todos os nossos problemas.

— Você está aborrecida porque não transamos? — Segurou o dedão puxando-o para cima.

— Ah, Alex — gemi me entregando ao prazer de ter um pé dolorido massageado.

— Por favor, Charlotte, não faça assim. — Ri sem graça. O que eu poderia dizer?

— Assim como?

— Assim tão... — Ele parecia que explodiria a qualquer momento. — Só responda. Você está aborrecida porque não transamos?

— Não! — Afastei-me um pouco. — Quer dizer... — Encarei meu ex-professor e me senti perdida. O rosto esquentando consideravelmente. — Eu não posso estar, não é? Para falar bem a verdade, você tem razão. Nada disso deveria estar acontecendo. Você não deveria ficar me beijando e eu jamais deveria ficar bêbada a ponto de suplicar que você transe comigo.

Ok! A esta altura eu já sentia meu rosto pegar fogo. A ressaca e as lembranças me faziam ter vontade de abrir um buraco no chão e me enterrar nele. Era tão humilhante!

— Merda! Desculpe! Eu não sei o que me deu. — Tentei levantar e outra vez ele me manteve no lugar. — Deixe-me ir, Alex! — Implorei. Eu estava no meu limite. — Pare de massagear meus pés.

— Pare de gemer deste jeito — ele disparou, fazendo-me parar imediatamente. — Nós não transamos, Charlotte. Não porque eu não quis. Você estava bêbada e...

— Céus! Alex... — Massageei minhas têmporas tentando conter a dor que ameaçava se alastrar. — Eu sei o que vai me dizer e concordo. Nós não precisamos ter esta mesma conversa, todas as vezes em que eu faço a besteira de querer transar e você gentilmente declina.

— Por Deus, Charlotte! Só fique calada. — Sua voz arrastada e rouca indicava que ele estava nervoso.

— Eu não quis fazer com você o mesmo que Tiffany fez comigo. Você estava bêbada, nós nos beijamos e

eu fiquei muito mexido, mas nunca poderia deixar acontecer. Você não queria de fato, era só o álcool, as lembranças, a situação... não sei. — Ele se levantou afastando-se de mim. — Eu pensei em atender porque te amo, porque vivo doente de saudade desde a sua volta, porque não consigo aceitar o fim, mesmo tendo passado os últimos anos acreditando que eu havia aceitado, mesmo tendo consciência do quanto isso seria complicado para mim, para você e principalmente para o Lipe... — Ele me olhou e eu vi o quanto ele sofria com o que dizia. — Se eu transasse com você eu estaria concordando com o que Tiffany fez comigo. Estaria tirando a parcela de culpa dela, porque estaria aceitando que o amor justifica tudo, até mesmo enganar e destruir. Eu não podia fazer isso com você porque sabia que quando você se desse conta do que estava acontecendo iria me odiar ainda mais e eu não posso conviver com o seu ódio. Meu coração martelava no peito. Eu estava sentada na cama, segurando o lençol que escondia a minha nudez e ouvindo aquele homem que eu tanto amei e odiei nos últimos anos, dizer-me que ainda me amava e queria. Eu o ouvia dizer que não me deixaria cometer o mesmo erro que ele cometera comigo e simplesmente não sabia o que fazer com aquela declaração.

— O que fazer quando você sabe que não pode ter o que deseja? Tem consciência de que é a pior de todas as suas escolhas, que mesmo que fuja será sempre como andar em círculos, pois estará constantemente voltando ao mesmo ponto? Como evitar a dor que você sabe que virá e mesmo assim não ter forças para evitá-la? — Só então percebi que eu pensava alto.

Ele sentou diante de mim com cautela, observando-me como se eu fosse quebrar a qualquer momento. Sem desgrudar os olhos dos meus, seus dedos se cercaram das minhas mãos. Eu não tinha mais forças para lutar contra nada e nem fazia ideia de como agir.

— É assim que você se sente? — Sua voz baixa e cheia de emoção me atingiu com força.

— Você disse que ainda me ama. — Ele concordou. — Eu não entendo, Alex.

— O que não entende?

Abaixei os olhos sem coragem para dizer a ele como realmente me sentia. Eu não podia dizer que ele era o errado da história, então ele deveria me implorar e eu recusar e não o contrário. Seria infantil demais até mesmo para mim.

— Deixa pra lá.

— Charlotte, não! Converse comigo.

Merda! Eu queria dizer tanta coisa, mas não podia. O que eu poderia fazer que não parecesse tão infantil ou errado? O que eu poderia dizer que não soasse absurdo, que não o fizesse rir de mim e simplesmente se afastar.

— Não sei. — Meu rosto esquentou ainda mais. Eu podia sentir as bochechas pegando fogo. — Você me recusa sempre e eu não estou bêbada em todas as situações.

— Eu não te recusaria em nenhuma situação, Charlotte. Nós sempre nos demos muito bem neste quesito. Nossa química continua sendo incrível, e eu... — Ele ia falar algo importante, então apenas se calou, depois de um tempo levantou a mão e acariciou o meu rosto, colocando os fios atrás da minha orelha. — Ter você comigo era tudo o que eu mais queria. Tudo o que eu mais desejei nos últimos anos. Mas...

— Mas?

— A nossa história é complicada. — Suspirei. Enfim chegava a um denominador comum.

— Eu não estou te pedindo em casamento — rebati com raiva. — Mas você tem razão. É complicado e não vale a pena. — Tentei me levantar outra vez e ele me segurou, forçando o lençol para baixo.

Abracei-me para me proteger do seu olhar.

— Qualquer coisa que eu tenha de você sempre vai valer a pena. A mínima coisa que seja.

— Não é o que parece — rebati me sentindo rebelde o bastante para desafiá-lo. — É o que é. E você acredite se quiser.

Nos encaramos por longos minutos. Eu não queria ceder e ele parecia lutar contra seus próprios pensamentos. Eu queria ir embora, esconder-me em meu quarto, chorar minhas mágoas e me sentir mais

forte, no entanto eu estava ali, defronte ao meu ex-marido, com raiva, mágoa, sentindo-me humilhada e ao mesmo tempo saudosa, ansiosa, além de estar vivendo o maior conflito sentimental da minha vida.

— Charlotte! — disse, por fim, aproximando-se.

Nossos rostos próximos. Meu coração acelerou e meu sangue correu em minhas veias, fazendo-me esquecer da ressaca. Alex acariciou meu rosto, decorando cada detalhe por onde seus dedos passavam. Pensei em fechar os olhos, mas não pude. Eu queria vê-lo, saber como ele se sentia, observar seus olhos e ter certeza de que ele estava realmente ali.

Ao mesmo tempo sentia o medo da rejeição. Eu queria ser beijada, mas não queria, porque sabia que ele recuaria, que me diria que era um erro e eu já estava bastante cansada de encontrar tantas justificativas para as nossas atitudes. O estresse do depois não compensava o antes.

Além do mais, eu estava envolvida naquela névoa de saudade, naquele encanto que eram os seus olhos me hipnotizando, seus lábios convidativos e seus toques mágicos, porém, no fundo eu não sabia como me sentiria depois e não tinha certeza se queria descobrir. Só havia a certeza de que me quebraria em tantos pedaços que seria impossível me reconstruir.

— Minha menina! — sussurrou deixando que as pontas dos seus dedos alisassem meus ombros e descessem vagarosamente pelos meus braços, fazendo com que toda a minha pele se arrepiasse. Eu não suportaria por muito mais tempo. Ou colocava um fim naquele momento ou não teria mais volta.

— Eu nunca te rejeitei — continuou com a voz provocante, os lábios subindo, roçando meu pescoço. A ponta do nariz me provocando. — Eu te protegi.

— Alex... — Tentei me desvencilhar. Meu coração acelerado me deixava tonta.

— Não fuja de mim — implorou, depositando um beijo logo abaixo do meu lóbulo, o que refletiu no centro das minhas pernas.

— Alex, não... — encolhi-me com o contato tão íntimo.

— Eu cansei, Charlotte. — Ele se aproximou ainda mais. O calor do seu corpo aquecendo o meu. — Deixe eu te amar! — Implorou mais uma vez com a voz sussurrante. O arrepio que percorreu meu corpo me devastou com um prazer que me fez fechar os olhos e suspirar. — Deixa eu te fazer minha mais uma vez.

Seus lábios, próximos aos meus, aguardavam a minha permissão. Eu não tinha mais nenhum controle sobre a minha mente, muito menos sobre o meu corpo. Incapaz de responder, deixei que minha cabeça se inclinasse e juntei os nossos lábios, numa permissão muda e deliciosa.

Capítulo 11

“Minha alma é que me chama pelo nome. Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta?” William Shakespeare

Charlotte

Era uma sensação única. Como se minha mente se fechasse e se recusasse a pensar em qualquer motivo que me fizesse desistir. Eu nunca desistiria, porque aquele beijo foi diferente dos outros. Não foi de saudade, foi de reconhecimento, como se, finalmente, depois de anos me torturando por ainda desejá-lo, eu encontrasse a paz tão necessária para me permitir.

E eu me permiti.

Alex não me tomou com ânsia. A urgência antes presente em nossos encontros desastrosos, cedeu lugar para a calma, para a necessidade de aproveitar cada segundo, cada detalhe, cada pedaço de mim. Ele me sentia, tocava, cheirava e me beijava, tudo no tempo certo, completando, sem deixar nada de fora. Era

como se ele quisesse gravar em sua memória cada pormenor, para reviver o momento eternamente. E eu me sentia plena, como uma deusa, uma soberana, sendo adorada e amada como toda mulher merece ser.

Eu sentia seus lábios nos meus, mas também sentia e aceitava quando estes deixavam minha boca para se aventurar em meu rosto, meu pescoço e meu busto. Suas mãos me cercavam, não como se quisessem me impedir de partir, ele sabia que eu nunca partiria. Elas simplesmente me tocavam, reconhecendo e se certificando de que tudo ali lhe pertencia.

Uma mão estava em minha cintura e a outra subia pelos meus cabelos conduzindo o nosso beijo. A sua língua pediu passagem e imediatamente um arrepio percorreu meu corpo me fazendo arfar. A sensação era a de que eu não conseguiria trilhar aquele caminho até o final, eu me perderia no meio e recomeçaria inúmeras vezes porque, se existia uma coisa que Alex sabia fazer era me conduzir naquele mar de prazer, até que não restasse mais nada de mim.

De olhos fechados eu percebia todo o meu corpo reagindo. Como se cada poro fosse atacado por mini orgasmos, como se todo o meu corpo estivesse conectado por inúmeros fios que lançavam choques, fazendo-me reagir a cada segundo.

Alex roçava os dedos em minha pele, como se eu fosse frágil, ou como se fosse uma miragem, que poderia se dispersar com movimentos mais bruscos. Eu não reclamava. Eu simplesmente amava a forma como ele estava fazendo, porque a sua lentidão me permiti ter o meu próprio reconhecimento.

Seu cheiro continuava o mesmo. Ele ainda usava o mesmo shampoo e o mesmo pós-barba. Sua pele continuava fresca e tentadora no período da manhã logo após o banho. Seus lábios continuavam doces e hábeis. Sua língua continuava a me causar a mesma sensação de perdição. Eu simplesmente o reconhecia e me reconfortava em estar novamente em seus braços.

Como ele, deixei meus dedos sentirem-no apenas com a pontinha deles. Acariciando gentilmente a sua pele e deixando que a imagem de cada detalhe dele se projetasse em minha mente. Eu o conhecia completamente. Conhecia aquele corpo incrível, os seus músculos, cada pedacinho de Alex. Ele liberou os meus lábios e imediatamente senti falta do seu gosto, então aproveitei para segui-lo nas carícias e deixei que minha boca explorasse o seu pescoço com a mesma calma que ele me dedicava.

E então eu senti sua mão descendo, tocando meu pescoço e seguindo até quase alcançar os meus seios. Ele correu os dedos no vão entre eles e suspirou. Céus! Eu queria, precisava, que ele me tocasse. Sentindo-me ousada, levei minha mão até o seu pescoço e continuei com a língua brincando em sua pele. Meus lábios depositavam beijos curtos e cheios de sentimento. Alex gemeu e estremeceu ao meu toque, abraçando-me com cuidado e beijando meu ombro para depois morder.

Eu não sabia se era certo seduzi-lo, se o que aconteceria depois não acabaria de uma vez por todas com nós dois, se o que eu havia me tornado seria o suficiente para ele, ou até mesmo, se a minha vida conseguiria se encaixar na dele e a dele na minha. Eu nem sabia se queria isso tudo realmente, no entanto, nenhum pensamento coerente me faria desistir de estar ali, nos braços do meu ex-marido.

Alex pareceu perdido por um tempo, como se o fato de eu reagir tão bem a ele o estivesse confundindo. Ele se afastou, olhou-me nos olhos. Encarei de volta sem saber o que viria em seguida e confesso que senti meu coração acelerar com a possibilidade de mais uma rejeição, ou proteção, como ele havia dito. Então Alex acariciou meu rosto com devoção e logo em seguida seus olhos vasculharam a parte exposta do meu corpo, já que o lençol havia sido descartado. Meu rosto esquentou, mesmo assim não me escondi ou evitei aquele olhar quente que descia sobre a minha nudez me fazendo arfar.

— Tão linda — ele disse em um momento só dele e eu me senti plena, perfeita.

Sem esperar por mais nada e, consciente de que não havia mais a alternativa de voltar atrás, nem para mim, nem para ele, resolvi agir mais uma vez. E ainda sob seu olhar, enfiei minhas mãos por baixo da camisa do meu ex-marido, retirando-a. Ele não me impediu, levantando os braços para facilitar meu acesso. Seus olhos continuavam em mim e eu podia sentir o calor do seu corpo emanando em direção ao

meu.

Desci meu olhar por sua pele bronzeada, músculos definidos e trabalhados e fui atingida pela falta que sentia dele. Toquei seu peitoral com cuidado e entendi o motivo de Alex estar agindo como estava. Era uma falta, uma saudade que doía. Uma necessidade física de vê-lo, de saber que havia sido real, que não foi um sonho ou mais uma história criada na minha cabeça. Alex era real. Tudo o que vivi e lembrava era real, e estava ali, na minha frente, disponível para mim. A saudade e as lembranças de todos os nossos momentos me invadiram confundindo-me, fazendo-me questionar se realmente estávamos ali ou era mais uma alucinação?

Sem conseguir me conter subi em seu colo, sendo recepcionada pelos seus braços firmes. Rapidamente senti suas mãos em minha cintura, a pressão certa e o calor correto em minha pele nua. Ao mesmo tempo seus lábios estavam nos meus e o beijo se tornou mais intenso. Foi como se finalmente acordássemos e entendêssemos que estávamos ali, dispostos a tudo.

Suas mãos viajaram pelo meu corpo, puxando-me para perto. Montada em seu colo, vestindo apenas a calcinha da noite anterior, eu podia sentir a sua ereção e meus olhos se fechavam de prazer e contentamento, porque eu sabia que ali era o meu lugar preferido no mundo. Nenhuma dor, nenhuma traição, decepção ou mágoa mudaria essa realidade. Alex era o meu porto seguro, mesmo quando eu não podia mais estar nele.

A sensação da estarmos pele com pele me deixava extasiada. Meu corpo foi invadido por calafrios que só me incentivavam a aprofundar ainda mais a nossa intimidade. Afundei minhas mãos em seus cabelos, arfando com a sensação saudosa que era sentir seus fios sedosos entre os meus dedos. Por um segundo eu me perguntei se havíamos mesmo nos afastado por tanto tempo? Como conseguimos?

Naquele instante eu não acreditava nesta capacidade. Era humanamente impossível sobreviver sem seus lábios, sem seus toques, sem o seu amor devotado, sem aqueles olhos intensos me dizendo a todo momento o quanto eu era importante, o quanto cada movimento nosso era sagrado.

Ele, lentamente, me desceu sobre o colchão, alojando-me com todo cuidado. Seus lábios estavam nos meus até que minha cabeça descansasse no travesseiro. Seu cheiro inconfundível logo foi reconhecido imediatamente pela minha memória, fazendo-me inclinar a cabeça para melhor senti-lo na franha macia. Alex então desceu os lábios pelo meu pescoço e não parou por aí.

Senti a quentura da sua boca em minha pele, arrepiando todo o percurso por onde passava. Meu corpo se contorceu e meu sexo úmido começou a latejar. Sim, eu o queria. Muito. Queria exatamente como ele estava fazendo, aos poucos, sem deixar passar nada, roubando cada tentativa da minha mente de encontrar uma saída, de encontrar justificativas. Sua boca me roubava a capacidade de pensar e eu agradecia muito por isso.

Quando sua língua atrevida circulou meu mamilo, umedecendo-o, fui assolada por um espasmo que fez meus olhos se fecharem e eu me contorcer em uma necessidade animal. Gemi abertamente. Céus, como pude ficar tanto tempo sem sexo? Com pude ficar tanto tempo sem ele? Agora meu corpo cobrava de mim todo o castigo que lhe dei quando me afastei, e me mostrava, sem deixar mais dúvidas, a quem eu pertencia.

Então seus lábios se fecharam em meu seio e o sugar gracioso, revezando com a carícia da sua língua, lançou chamas ao meu corpo e eu me vi flutuando sobre nuvens em um orgasmo escandalosamente gostoso. Como aconteceu? Eu não fazia a mínima ideia, mas a realidade era que Alex tinha conseguido me fazer gozar sem nem mesmo me tocar nos pontos mais delicados.

Mordi o lábio tentando controlar os espasmos e a vergonha por ter sido tão precipitada. O que fora tudo aquilo? Que turbilhão de prazer avassalador foi aquele que me atingiu me varrendo para um mundo que só Alex era capaz de me levar. Santo Deus! E era tão bom que eu poderia continuar nele sem nenhuma vontade de retornar.

Meu orgasmo precipitado não fez Alex recuar. Ele apenas diminuiu a sua intensidade, aceitando e,

aguardando o meu tempo, sem afastar seus lábios de minha pele, indo de um seio ao outro, com beijos quentes que mantiveram minha excitação latente. E assim eu vi que meu corpo não apagava a labareda. Ela ainda estava ali, um pouco mais fraca, mas ainda queimando.

Sem me dizer uma palavra, assim que percebeu que meu corpo se acalmava, ele retornou às carícias ousadas e íntimas. Sua boca ficando mais urgente e suas mãos mais incisivas. Ele desceu para a minha barriga, os lábios e língua trabalhando sem cansar, minha pele voltando a formigar enquanto a mente se voltava para a coleção de lembranças que eu tinha de seus carinhos. No mesmo instante eu já ansiava pelas promessas silenciosas que me fazia.

No entanto, ao mesmo tempo em que me permitia viver todas aquelas sensações, sentindo Alex me explorar com devoção, sentindo sua língua brincar com a barra da minha calcinha, sentindo o familiar latejar entre as minhas pernas e desejando insanamente que ele concluísse o seu propósito, eu tive um súbito momento de clareza, onde minha mente registrava o que ele fazia e se antecipava para o que ele faria, alertando-me.

Ok. A verdade é que em todos os grandes romances a mocinha e o mocinho não se importam com quanto tempo cada já tem depois do último banho. Eles simplesmente amam o sabor dos corpos dos seus parceiros, são fascinados pelo cheiro e, convenhamos que em nenhum romance qualquer um deles estava malcheiroso.

Mas ali era o mundo real e nele, estar há mais de doze horas sem banho, além de ter passado uma boa parte deste tempo me embriagando, jamais seria um bom resultado. Não, não seria. Principalmente depois de um orgasmo. Eu não podia deixar que Alex continuasse. Então me debati, a princípio fracamente, apenas para indicar que ele não deveria continuar. Porém meu ex-marido estava tão perdido em seu momento que sua única reação foi segurar as minhas mãos ao lado do corpo e continuar com a sua tortura angustiante.

Puta merda! Alex estava me enlouquecendo. De duas formas. Eu queria que ele fizesse o seu trabalho e me desse mais um orgasmo como o primeiro. Aliás, eu queria que ele me fizesse relembrar todos os orgasmos que já me proporcionou algum dia. E também precisava urgentemente tirá-lo dali sem perder a doçura do momento ou fazê-lo desistir de estar comigo.

Forcei meu corpo para baixo, impedindo-o de enfiar a cara entre as minhas pernas. Puta que pariu aquilo era tão embaraçoso que eu estava com vontade de chutá-lo forte o suficiente para deixá-lo desmaiado. Aí eu correria para o banheiro, tomaria um banho rápido e voltava para acordá-lo. Seria fantástico!

— O que foi?

Ele estava de volta. Os olhos atentos aos meus, seu rosto bem próximo, me encarando com uma expressão confusa. Quanto tempo eu perdi divagando sobre as mil formas que eu poderia mudar aquela situação?

— Nada. — Meu rosto começou a esquentar e eu tive a certeza de que estava vermelha o bastante para entregar a minha mentira.

— Nada? — Ele continuou me olhando como se eu fosse um E.T.

— Hum! — Me mexi incomodada sem saber o que dizer.

— Charlotte?

Era o momento. Ou eu dava uma desculpa aceitável ou ele pensaria que eu não queria continuar. Que era a minha vez de esnobá-lo, o que não seria má ideia. Aliás, seria sim. Seria uma péssima ideia. Eu ainda queria o meu orgasmo. Respirei fundo tentando encontrar alguma mentira que tornasse tudo menos constrangedor. Não encontrei nada mais justo do que a verdade.

— Eu não tomei banho... ainda. — Ele me olhou confuso, as sobrancelhas unidas.

— E daí? — Merda!

— E daí que você tomou banho — retruquei, sentindo-me ridícula. Seria ótimo se o teto desabasse naquele momento para me poupar de continuar.

— E daí, Charlotte?

Seu corpo sobre o meu afastado apenas para que ele pudesse me olhar nos olhos, sem deixar nem por um segundo de me garantir que ele cumpriria todas as suas promessas mantinha o meu próprio corpo aquecido. Levantei o rosto para beijá-lo, mas Alex recuou sem deixar de me olhar. Ele queria respostas e eu queria ações. Revirei os olhos.

— Não me force a responder, por favor! — Meu rosto esquentou mais alguns graus e ele sorriu.

Porra, ele deu aquele sorriso sacana que eu tanto amava. Aquele que me fazia paralisar como uma idiota apaixonada. Que arranca de mim qualquer vontade de negar qualquer que seja o seu pedido. Sim, era aquele sorriso que me domava e me submetia ao seu bel-prazer.

Ele se abaixou lentamente, observando atentamente a minha reação, deixando que seus lábios me provocassem. E então ele me beijou com cuidado. Um beijo leve, que logo abandonou minha boca e marcou meu rosto, em direção ao meu pescoço. Meu sangue voltava a ganhar velocidade, fazendo tudo em seu caminho reviver. Mordi as bochechas por dentro para me impedir de sorrir. Droga, eu gostava quando ele me tratava daquela maneira, como uma menina perdida, inexperiente.

— Sinto saudade de você — sussurrou após morder o lóbulo da minha orelha. Latejou no centro entre as minhas pernas, forçando-as a se abrirem um pouco mais para recebê-lo. — Sinto falta de você todinha.

— Seus dentes brincaram com a minha pele e eu gemi despidoradamente. — Sinto falta de tudo em seu corpo. — Suas mãos levaram as minhas acima da cabeça, mantendo-as cativas. Deus, eu não queria que ele me convencesse a fazer aquela loucura. — Mas vou respeitar a sua vontade. — Selou a promessa com um beijo longo. — Com uma condição — falou, ainda entre meus lábios.

— Alex...

— Uma condição — repetiu segurando minha mão com apenas uma sua, deixando a outra descer até o meu pescoço. — Diga que sim.

Abri os olhos encarando aquele mar aberto, intenso e profundo, que me aguardava com ansiedade. Meu Deus! Como eu poderia dizer sim se tinha medo do que ele me pediria em troca? E como eu poderia dizer não se me sentia tão entregue que apenas um pedido dele seria uma ordem para o meu corpo.

— Sim?

Balancei a cabeça concordando e engolindo em seco. Porra, eu não fazia ideia no que estava me metendo, porém ansiava para que ele continuasse. Alex então sorriu e o resto do mundo deixou de existir para mim. Santo Deus, como sobrevivi tanto tempo sem aquele sorriso?

Imediatamente ele se posicionou ao meu lado, seus lábios voltando ao seu lugar de direito, que era a minha boca, e as mãos reivindicando a minha pele. Como deveria ser, todo o meu corpo se acendeu. Fechei os olhos me entregando ao que quer que Alex estivesse planejando. Ele não havia dito qual era a condição, apenas reiniciou o processo, deixando-me ansiosa.

Senti suas mãos em meus seios. A carícia leve, sexual e provocante, capaz de tirar o juízo da mais perfeita santa, da mais recatada das mulheres, conduzia-me para um caminho sem volta, fazia-me flutuar na luxúria, flertar com o perigo e rir do pecado como se ele não significasse nada. Sim, enquanto Alex mantivesse as mãos em mim eu pecaria sem medo, sem receio e sem limites.

A leveza dos seus toques era absorvida pelo meu corpo com violência, com chamadas que me invadiam, queimando, incendiando todas as minhas veias. Um fogo avassalador. Um incêndio impossível de ser contido. Uma distração eficiente, pois só quando sua mão invadiu a minha calcinha e se alojou em meu sexo eu me dei conta do que Alex fazia.

Porra!

Meu corpo se contorceu e espasmos me dominaram quando seu dedo hábil circulou em meu clitóris com a pressão certa. Naquele instante nada serviria como barreira nem me forçaria a impedi-lo.

Institivamente, minhas pernas se abriram, meus olhos rodopiaram na órbita, minha boca ficou seca e meus quadris se movimentaram. Ele gemeu em meus lábios ao enfiar um dedo em mim.

Santo Deus! Aquilo não podia ser real. Quantas vezes, na escuridão da noite saudosa, fingi tê-lo da

mesma forma, fantasiei com o seu corpo, o seu toque, os seus beijos... Quantas noites era apenas eu e ainda assim, era Alex também. Sempre foi ele.

Ali era ele de verdade e, devo admitir, nenhuma fantasia fez jus ao Alex real. Nunca, em nenhum momento eu consegui chegar perto de toda a sua experiência, sabedoria e destreza. Alex era o meu professor e eu sempre seria a sua aluna, a sua discípula. E naquele momento eu era apenas a sua menina, permitindo-se ter um pouco mais de tudo o que ele poderia me proporcionar.

E eu sempre iria querer mais. Incansavelmente.

Sua boca abandonou a minha e desceu em busca dos meus seios, os dentes arranhando minha pele, a respiração brincando com minhas terminações nervosas, enquanto seu dedo me acariciava sem parar, tocava minha intimidade, pressionava, se esfregava e me fazia arfar.

Foi no mesmo instante em que seus lábios se fecharam em meu bico endurecido que seu dedo finalmente me invadiu. Meu gemido alto e o encurvar do meu corpo revelavam que eu estava em meu limite. Alex foi impiedoso e sua mão trabalhou incansavelmente, dois dedos me invadindo, tocando minhas paredes e me forçando para o lugar onde eu sabia que não haveria mais volta.

Eu sentia sua língua circular meu mamilo, testando-o e provocando-o. A barba de um dia roçando a minha pele, eletrizando onde tocava. O vai e vem dos seus dedos e o esfregar do seu polegar em meu ponto mais sensível. Então, aos poucos, surgindo em um ponto e se alastrando com força por todo o meu corpo, senti o orgasmo me dominar em mais um momento de puro êxtase.

Foi como se eu estivesse em um mar de sensações, onde tudo acontecia com uma fúria sem tamanho, e ao mesmo tempo, lentamente, de forma a possibilitar que cada pedacinho meu estivesse envolvido.

Nos meus últimos espasmos ele diminuiu o movimento dos dedos em meu sexo e seus lábios eram apenas um leve roçar em meus seios. No meu último suspiro senti meu corpo pesar e minhas pálpebras fraquejarem. Sim, eu estava esgotada, aparentemente, Alex não.

A névoa que tentava me dominar rapidamente se dispersou quando senti a movimentação ao meu lado.

Levantei os braços e me espreguicei e foi assim que senti Alex se posicionar entre as minhas pernas.

Puxei meu corpo buscando liberar mais energia e me senti pesada, cansada, embora acesa. Uma chama inabalável ainda queimava dentro de mim. Ele riu baixinho e iniciou uma série de beijos leves em meu rosto e pescoço. Sorri aceitando o seu carinho. Tive vontade de abraçá-lo, mas meus braços não me obedeceram, então fiquei quieta e apenas aceitei.

— Cansada?

Sua voz rouca e cheia de desejo me atingiu com força. Abri os olhos e o encontrei um pouco acima de mim. Eu podia sentir seu membro entre as minhas pernas, duro como eu havia imaginado por três longos anos. Ansioso por mim, como desejei pelo mesmo espaço de tempo. Forcei os braços e consegui acariciar o seu rosto. Seus olhos azuis profundos eram um oceano de promessas sem fim, capazes de me ludibriar, me enganar e convencer a me jogar nele.

E eu me atiraria.

— Sinto saudade de você — disparei as palavras que ele havia usado para me convencer a continuar naquele jogo. — Sinto falta de você todinho. — Ele sorriu me deixando encantada. Acaricieei seu rosto sentindo a barba arranhar a ponta dos meus dedos. — Sinto falta de tudo em seu corpo.

E tenho certeza que esta última parte, sussurrada e revelada com tanto sentimento, demonstrou para ele, assustando na mesma medida, o quão verdadeira ela era. Impedindo-me de seguir por um caminho mais profundo, busquei seus lábios em uma súplica muda que ele rapidamente silenciou.

Foi como o nosso primeiro beijo, com a diferença de que este estava repleto de saudade. Alex me beijou com quem saboreia o melhor de todos os doces, se entregando a aquele beijo como quem se rende. Como quem confessa não ter mais forças para lutar e se ajoelha diante do seu oponente. Era assim que ele se entregava para mim e era assim que eu o aceitava.

Aceitava?

Eu não podia pensar naquele momento. Então apenas me deixei levar, com a promessa de pensar depois. Sim, eu pensaria depois, quando ele não pudesse mais colocar as mãos em mim. Quando seus lábios não conseguissem mais me alcançar. Quando seus olhos dominadores não me submetessem a todas as suas vontades. Quando seu sorriso não mais me hipnotizasse. Quando eu estivesse distante o suficiente para que sua voz não mais me confundisse. Quando...

— Charlotte? — ele sussurrou, deixando seu hálito delicioso assoprar em meu rosto. Abri os olhos e me dei conta de que estava divagando. Pisquei confusa. Ele sorriu. E eu me perdi mais uma vez. — Eu amo você! — declarou e me beijou como se não quisesse aguardar por uma resposta que certamente não chegaria.

Impactada pela sua declaração, senti seu membro duro me invadindo bem devagar e suspirei. Alex não tinha pressa, mesmo depois de me dar dois orgasmos fabulosos. Ele girava os quadris e me penetrava um pouco mais. Só um pouco.

Minhas mãos afundaram em seus cabelos, sem se demorarem lá. Sentindo Alex se movimentar, deixei que a saudade me invadissem e logo minhas mãos o buscavam, apalpando-o e puxando-o para mim.

Rapidamente iniciamos um ritmo nosso. Ele me penetrando conforme a sua vontade e eu o recebendo.

— Ah, Charlotte — gemeu em meu pescoço, incapaz de se manter longe daquela entrega. Gemi deliciada com a sua voz cheia de tesão.

Eu o sentia entrar e sair. Minhas paredes eram forçadas, alargadas, resistindo ao que eu já deveria estar adaptada, mas não estava mais. Foi tempo demais sem ele, sem ninguém. E mesmo com os orgasmos que me deixaram mais úmida, com o tesão que não me abandonava, eu sentia a dificuldade daquela relação resistir em meu sexo.

Aprofundei o beijo e cruzei minhas pernas em sua cintura, acreditando que a posição facilitaria, percebendo que ficava cada vez mais ressecada e incomodada.

Alex sentiu e parou. Ele arfava e eu podia perceber que seus braços tremiam devido ao esforço que fazia para se controlar. Ele respirou fundo e me encarou. Não, eu não queria parar. Eu tinha desejo, vontade de estar ali com ele de uma maneira mais fácil mas, infelizmente, não era como mandar e meu corpo obedecer.

Então Alex sorriu e acariciou meu rosto. Um sorriso presunçoso e convencido, como se estivesse ciente de que a situação se complicou porque eu não havia transado com mais ninguém. Senti raiva, mas acima de tudo, senti-me excitada. Eu odiava e amava a sua presunção.

Ele segurou meus braços e os levantou acima da cabeça. Seu membro entrando um pouco mais. Abri as minhas pernas, como um convite. Ele não movimentou os quadris, mas beijou a região interna do meu braço e teceu beijos na pele sensível. Gemi abertamente e meus olhos voltaram a se fechar. Eu nem imaginava que aquela região poderia ser tão sensível.

Contorci-me quando sua língua se arrastou pela minha pele e sua mão quente desceu pela lateral do meu corpo. Alex se acomodou no meio das minhas pernas enquanto sua mão alcançava o meu quadril. Ele apertou aquela parte fazendo-me arfar ao descobrir mais aquele ponto desconhecido. Alex estava me conduzindo de forma a me mostrar que eu poderia ser apenas prazer, que o desejo estava em mim, em qualquer parte do meu corpo.

Senti seu quadril empurrando, com cuidado, enquanto ele deixava que sua língua me experimentasse, contornando meu seio, deixando os lábios se juntarem em minha pele aquecida. O conjunto de mãos, língua e lábios de Alex, todos agindo ao mesmo tempo, sem contar com o bônus que era ter seu corpo se esfregando manhosamente no meu e seu sexo me invadindo, começou a me fazer colaborar um pouco mais.

Eu podia sentir Alex escorregar mais facilmente, ainda que encontrando alguma resistência em minha elasticidade. Estava bom demais! Fechei os olhos e me entreguei, permitindo-me apenas sentir.

Ele se movimentou com mais força, um pouco mais rápido, forçando a sua entrada como se eu ainda fosse

virgem. Porra. Não era nada justo precisar perder a virgindade duas vezes. Eu já tinha vivido o suficiente para saber que preferia a vida pós-virgindade, apesar de não ter motivos para reclamar da minha primeira vez, e também do que estava acontecendo naquele momento.

Meus pensamentos evaporaram quando senti a mão do meu eterno professor buscar outro ponto que eu sabia que me levaria às nuvens. Seus dedos longos e a palma quente se alojaram em minha bunda, levantando meu quadril e, no mesmo instante em que os lábios dele encontraram os meus, seu sexo se afundou em mim e seu dedo encontrou aquele ponto que eu tanto temia, ansiava e me desfazia em prazer. Gemi alto com a certeza de que não precisaria de mais nada. Tudo em mim passaria a colaborar, porque Alex conhecia a fórmula certa para me estimular. Ele me conhecia, sabia como e o que fazer. Ele gemeu também. Algo tão animal, que indicava o quanto estava deliciado, e eu reagi ao seu gemido como se este fosse capaz de me tocar também.

O ritmo não poderia ser melhor. Ele estava em mim, em todos os lugares e ao mesmo tempo, sem parar, sem barreiras. Em minhas mãos eu sentia seus músculos cada vez mais tensos, enrijecendo, tremendo, indicando o orgasmo iminente. Em mim funcionava da mesma forma. Enquanto seu sexo duro arranhava minhas paredes estimulando todas as minhas terminações nervosas, seus lábios brincavam comigo e seu dedo entrava e saía daquele outro ponto, daquele jeito que me jogaria no inferno. E eu não faria nada para mudar essa situação.

— Deus! — ele resmungou tentando manter o controle, mas falhando totalmente.

Eu sentia seus braços tremerem com o seu esforço em não liberar seu peso sobre mim e continuar no ritmo que estávamos. Sabia que Alex não aguentaria muito tempo. Meu corpo já dava sinais de que acompanharia o meu ex-marido até o final, o que não me surpreendia. Eu sempre correspondia, não importava quantas vezes transássemos. Era como se eu fosse uma máquina que acatava a todos os comandos do meu senhor. E, se ele queria que eu gozasse, então eu gozaria.

— Charlotte... — aquela voz rouca e arrastada me avisava do seu limite.

Alex diminuiu as estocadas, que passaram a ser mais curtas e lentas, roçando meu sexo, se esfregando em mim. Enquanto isso, sua mão em minha bunda me fazia permanecer com os mesmos movimentos, agora com mais intensidade, porque, quando meu quadril se projetava para frente, eu sentia o membro duro de Alex forçando minhas paredes e ao mesmo tempo seu corpo forte roçando meu ponto de prazer. Quando se projetava para trás, era o seu dedo que fazia tudo ficar mágico.

Abri os olhos e o flagrei me olhando. Meu mundo ficou totalmente azul. Eu me vi mergulhando naquela imensidão que eram os seus olhos. Um mundo só meu e dele, cheio de promessas, pleno e feliz. Alex gemeu baixinho e meu corpo explodiu em luz. Cada pedacinho meu se duplicou, triplicou, quadriplicou e explodiu, se espalhando pelo quarto, fazendo-me flutuar.

Eu me senti pulverizando, tornando-me fumaça, partículas de ar que subiam me levando para as nuvens. E imediatamente, de maneira prazerosa, foi se solidificando e voltando a compor o meu corpo. Em segundos eu visitei o paraíso e fui devolvida à realidade. E, verdade seja dita: a realidade era uma delícia.

Capítulo 12

“Se você não tem fracassos na sua vida, é porque deixou de assumir os riscos que deveria.” William Shakespeare

Charlotte

Deitada de costas na cama de Alex eu encarava o teto. Não tínhamos trocado nem uma palavra após o sexo. Eu sabia que ele estava ali, quietinho, esperando por mim, com certeza se martirizando devido ao

meu silêncio. Não tinha como evitar a enxurrada de pensamentos que me invadiram assim que fui transportada de volta à minha realidade.

Bom... para começar eu havia transado com meu ex-marido. O homem que, confesso, eu amo. A pessoa que, confesso outra vez, confio. Que também foi a pessoa que me traiu e teve um filho com a mulher que mais detestei na face da Terra. A mesma que tentou inúmeras vezes nos separar e, que, no final das contas, conseguiu.

Eu podia me entupir de culpa, julgar-me uma idiota, uma imbecil, levantar revoltada daquela cama, exigir que ele nunca mais me procurasse e ir embora chorar minha culpa durante três dias, depois de muito tentar encontrar explicações para o que aconteceu, então voltar para a Inglaterra e me enterrar por lá por sabe Deus mais quantos anos.

Acontece que não era o que eu queria. Eu sequer me sentia tentada a fazer isso. O que eu queria? Não sei dizer. Não conseguia formar uma linha coerente de raciocínio. Minha cabeça parecia um HD desgovernado. Eu estava sendo bombardeada por lembranças boas e ruins. Uma parte me dizendo que não valeria a pena e outra me dizendo que valia mais do que a pena. Era uma loucura só.

Ali, deitada na cama de Alex, encarando o teto e sentindo-o tenso e preocupado e, ainda assim, sem tirar a mão da minha cintura, mantendo meu corpo preso ao seu como se quisesse me impedir de escapar, eu sabia de uma coisa: não havia arrependimento em mim.

Primeiro porque sexo era realmente algo que me fazia falta. Verdade seja dita: eu sou uma idiota, romântica e cheia de pudores, o que me impediu de ir para a cama com qualquer outro homem, que era o mais certo a ser feito, já que até então eu jamais voltaria a frequentar a do meu ex-marido.

Segundo ponto era que sexo com Alex era realmente algo glorioso e eu seria muito ingrata se me sentisse mal pelos três orgasmos maravilhosos que ele me proporcionou. Foi louvável e eu poderia aplaudi-lo de pé, se realmente conseguisse levantar daquela cama naquele momento.

E o terceiro e último ponto era reconhecer meus sentimentos e entender que, apesar da mágoa e da tristeza que me causava, eu não mais culpava Alex pela traição. Ok que ele transou com Tiffany e não tem cachaça que faça um pau subir. E ele mesmo admitiu que apesar de tudo, de ter pensado que era eu ali, de ter sido manipulado e tudo mais, em determinado momento recuperou a consciência e ainda assim foi até o final.

Bom... esta ainda era uma parte sombria de toda a sua revelação, porque Alex ficava nervoso e parava de falar. Como se aquele detalhe revelasse mais do que seria capaz de dizer em voz alta. O que eu poderia cobrar dele? Se já era difícil admitir todo o ocorrido, imagine confessar essa parte. Não, Alex não dizia. Só deixava subentendido que não foi algo legal. E eu não tinha a menor vontade de cavar mais a fundo esta história.

A verdade era que a traição não tinha mais o peso de antes. Não me fazia mais rejeitá-lo. Não me impediria de aceitá-lo de volta. O que cumpria este papel era tudo o que a traição deixou como herança. Sem contar tudo o que aconteceu nesses três anos longe. Eu não era mais a mesma mulher. Não era a mulher que Alex idealizava. Não poderia jamais ser tudo o que ele sonhou para nós dois.

Suspirei. Nunca imaginei que aquele segredo me faria lamentar algum dia. Quando tudo aconteceu, eu

simplesmente me fechei e aceitei que era para ser assim e ponto final. Nunca me permiti sonhar com algo além disso, mas ali, naquele momento, de volta aos braços do homem com quem eu desejei passar a vida, a verdade era dura e cruel.

Eu nunca mais seria a mulher que Alex sonhava. Fato.

Para finalizar havia a minha incapacidade de conviver com Lipe. Lipe... pensar nele me fez suspirar outra vez. O menino era um problema. Ele e aqueles olhos azuis desconcertantes. Ele e o seu fascínio por mim, fazendo questão de me enlouquecer quando batia pé firme de que queria estar perto de mim, olhando-me como se eu fosse um ser místico. Lipe e as suas mãozinhas que insistiam em me tocar, em segurar o meu vestido, em me fazer lembrar o quanto Tiffany foi melhor do que eu.

Lipe e a sua ingenuidade em acreditar que o fato de ser filho de quem era não seria nenhum obstáculo para o nosso relacionamento. E era? Eu não sabia mais. Não sabia se sua presença me travava no lugar devido ao fato de ser o fruto da traição ou se me lembrava a cada segundo tudo o que eu não poderia voltar a ser para Alex.

E ainda tinha Anita como bônus. Sim. Eu vivia inconformada pela importância que Alex deu a aquela mulher em sua vida. Anita nunca deveria ser uma peça tão importante na vida dele. Jamais deveria ter a sua permissão para dividir a criação do seu filho. Em momento algum poderia ser cogitada a possibilidade de ela entrar com ele no casamento do seu irmão com a minha melhor amiga.

Sim, Alex tinha Anita entre nós dois e eu não me sentia à vontade para fazer exigências quando nem eu mesma sabia se deveria permanecer na vida dele.

Fechei os olhos e balancei a cabeça para expulsar os pensamentos. Eu precisava parar de pensar. Porra eu estava nua, nos braços de Alex, depois de três orgasmos e estava pensando em como resolver os problemas da minha vida? Pelo amor de Deus, Charlotte!

Aquele não era o momento. Haveria a hora certa para me trancar dentro de mim e tentar encontrar uma solução, não ali e não naquela hora. Teria que estar sozinha para decidir até onde queria ir e se eu realmente queria dar algum passo mais sério nesse relacionamento.

— Charlotte? — Sua voz baixa me despertou do meu devaneio.

Abri os olhos e o encontrei acima de mim. Seus olhos azuis perfeitos refletiam a sua insegurança. Eu não estava insegura. Confusa talvez. Arrependida jamais. Levantei a mão e acariciei seu rosto intrigada com a minha facilidade em desejar sempre mais do que ele poderia me oferecer. Alex fechou os olhos e enterrou o rosto em meu pescoço.

— O que foi? — Acariciei seus cabelos tendo uma ideia do que ele diria. Não consegui evitar o sorriso imenso que se abriu em meus lábios.

— Você. — A voz abafada pelos meus cabelos me fez sorrir ainda mais. Alex parecia uma criança perdida.

— Eu? O que eu fiz? — Tentei olhá-lo, mas ele se mexeu enterrando ainda mais o rosto. Com um suspiro revelou o que o incomodava.

— Você se arrependeu?

— Não! — Tentei não rir.

— Sim, você se arrependeu. — Ele levantou para voltar a me encarar, mas não havia mais tanta insegurança.

— Claro que não. — Alex estreitou os olhos me encarando, percebendo que eu dizia a verdade.

— Por que está tanto tempo calada e encarando o teto? — Mordi o lábio inferior avaliando sealaria a verdade ou não. E se sim, se faria de forma real ou romantizada. Eu estava realmente confusa. — Charlotte?

— Como você esperava que eu reagisse? Não pode querer que depois de tudo eu encare o que aconteceu aqui de uma maneira tranquila. — Fiquei atenta a sua expressão e vi quando ele fez uma careta de

desagrado. Alex levantou sustentando o corpo no braço para me encarar.

— Você se arrependeu.

— Não, eu não me arrependi. A prova disso é que continuo aqui. — Ele levou alguns segundos me encarando e depois concordou. — Às vezes você não parece um homem de quase quarenta anos.

— Eu não tenho quase quarenta anos! — Afirmou indignado. Sorri amplamente.

— Trinta e oito é quase quarenta — provoqueei.

— Trinta e oito é trinta e oito, não quarenta. Eu ainda tenho mais de um ano para chegar aos quarenta. Até lá tudo pode acontecer. Eu posso morrer e ficar eternizado com trinta e oito. — Ele sorriu e passou as mãos pelos cabelos. Suspirei. Eu amava o Alex debochado e relaxado. Ele era lindo! — E você não é mais nenhuma menininha.

— Claro que sou! Não tenho nem vinte e cinco ainda.

— Puta merda, Charlotte! Você é uma menininha para mim.

— Isso porque você é um velho que se acha um garotinho surfista. — Ele me encarou ficando sério.

Droga! Eu sabia o que significava e não estava disposta a ter aquela conversa. — Acho que agora vou tomar o meu desejado banho. — Porém não saí do lugar. Alex parecia querer me dizer algo, no entanto ele também não sabia se seria um bom momento. — Quer dizer... não tenho tanta certeza se quero entrar em seu banheiro.

— Por quê?

— Não sei o que vou encontrar por lá. — Ele me encarou confuso, rapidamente entendeu o que eu dizia.

— Nada mudou, Charlotte. — A segurança da sua voz já não estava presente. Alex colocou meu cabelo atrás da orelha e acariciou meu rosto.

— Você ainda tem sabonete líquido de morango? — Ele sorriu pela lembrança, embora houvesse tristeza em seu sorriso.

— Não. Esse não tem mais. Só o meu sabonete mesmo. — Fiz muxoxo.

— É. Vou ter que me conformar em sair daqui com o seu cheiro. — Ele riu baixinho.

— Não é uma má ideia. Tem toalha no armário de baixo.

— Como sempre. — Ele nada disse, só ficou me olhando.

Levantei sem me importar com a minha nudez. Quase nada havia mudado e o que de fato estava diferente, ele nunca veria apenas me olhando.

Entrei no banheiro e me olhei no espelho não me atrevendo a fechar a porta. Eu estava com uma aparência horrível, mesmo assim, estava feliz. Deixei os cabelos soltos e fui para o box. Era melhor abusar um pouco do shampoo de Alex do que deixar os fios bagunçados e embaraçados. Liguei o chuveiro e logo estava me esfregando por completo. Eu queria muito tirar a sensação de ressaca do meu corpo sem apagar a de estar muito bem comida. Ri do meu pensamento e me assustei quando mãos grandes cercaram a minha cintura.

— Alex — arfei com a sua ereção em minhas costas.

— Porta aberta é sempre um convite, Charlotte. — Ri. Quem sabe este não foi o motivo para eu não ter me dado ao trabalho de trancá-la.

— Obrigada por avisar. — Enfiei minha cabeça na água para tirar o excesso de condicionador.

Enquanto isso as mãos do meu ex-marido brincavam com minha barriga, subindo em direção aos seios, onde se fecharam com propriedade. Não reclamei, apenas deitei minha cabeça em seu peito, dando-lhe mais espaço. Se eu já estava lá, se já tinha chegado à conclusão de que não estava arrependida, por que não abusar um pouco mais da sua boa vontade?

— Eu disse que tinha uma condição — brincou no meu ouvido me fazendo arrepiar por inteiro.

— Ah é? E qual seria a sua condição?

— Você já está limpa o suficiente? — Fiquei confusa, porém nem pude pensar no assunto, pois Alex me girou em seus braços, deixando-me de frente para ele.

— O quê... Alex! — Ofeguei quando ele abaixou e imediatamente cobriu meu sexo com sua boca — Puta que pariu! — Encostei na parede e agarrei o cabelo dele. O chuveiro ainda ligado jogava água em meu corpo, estimulando meus seios enquanto Alex chupava impiedosamente o meu ponto de prazer. — Ah, Deus!

Gritei quando senti seus dentes se fechando em meu clitóris e dois dos seus dedos me invadirem. Logo em seguida sua língua lambeu todo o meu sexo fazendo minhas pernas fraquejarem. Sem tirar os dedos de dentro de mim, ele me lambia e chupava enquanto buscava dentro de mim a válvula que ele sabia conseguir acionar.

Minhas pernas tremeram e meu ventre se contraiu. Eu me sentia fraca, no entanto não havia nada em mim que quisesse desistir. Estava no banheiro do Alex, usando o shampoo do Alex, o sabonete do Alex e com o próprio Alex entre as minhas pernas serpenteando sua língua em meu sexo já entregue. Tinha como melhorar um pouco mais?

Ah, com certeza! Com Alex sempre tinha.

Quando pensei que começaria a ver estrelinhas e que meu corpo mesmo destruído pelo cansaço conseguiria mais um pouco de prazer, meu ex-marido me abandonou e me virou de costas para ele. Choquei minhas mãos no azulejo e gritei assustada e animada com o que poderia acontecer. Ele abriu minhas pernas, puxou meus quadris para trás de encontro ao seu e eu senti seu sexo duro roçando o meu ansioso. Sua boca estava colada em meu ouvido.

— Eu queria sentir você gozando em minha boca. — Sua voz tão explicitamente excitada fez meu corpo inteiro tremer.

— E por que não faz isso. — Senti meu rosto esquentando pela ousadia. Graças a Deus eu estava de costas.

— Porque depois eu te comeria e seria abusar demais de você. — Minhas pernas cederam literalmente com a sua doce promessa e eu precisei ser amparada por Alex, que riu descaradamente as minhas costas. O safado sabia o quanto mexia comigo e abusava do seu poder.

Ele se abaixou e lentamente me penetrou, sem nenhuma dificuldade. Sua respiração, assim como a pressão que suas mãos faziam em minha cintura, denunciavam o quanto ele se esforçava para seguir aquele ritmo. Ele testou o meu corpo, minha elasticidade, como se meu sexo ainda precisasse se adaptar ao dele. Tolinho! Não sabia Alex que minha pele jamais esqueceria a sua impressão digital, minha carne nunca apagaria o prazer de ter a dele.

Senti minhas paredes sendo tocadas em todos os ângulos e meu sexo se moldando ao dele, causando uma fricção deliciosa. Céus! Como eu ainda suportava tanto? Foram três orgasmos fantásticos. Tudo bem que não exigiram muito de minha agilidade. Meu eterno professor havia sido bastante gentil, porém eu sabia que estava esgotada, com fome, sono e prestes a ter mais um orgasmo maravilhoso.

Ele continuou o seu ritmo lento, entrando e saindo enquanto a água morna escorria por nossos corpos. O seu roçar me conduzia. Deixei minha cabeça relaxar em seu peito e meus seios ficaram intumescidos com a sensação da água escorrendo luxuriosamente enquanto ele me consumia como bem entendia. Gemi sentindo-me fraca.

— Fique quietinha. — Ele pediu levando minhas mãos de volta ao azulejo. — Firme assim.

E então iniciou uma série de carícias leves que desciam pelas minhas coxas, subiam por minha barriga, brincavam com meus seios, acarinhavam meu pescoço — ao mesmo tempo seus lábios quentes e gentis depositavam beijos molhados em meus ombros, pescoço e costas e algumas vezes em meus lábios, quando suas mãos me conduziam ao beijo, levando o meu rosto ao dele.

— Eu amo você! — Sua voz estava baixa, embora firme, e eu sentia a veracidade delas. — Amo tanto você, minha menina!

— Alex...

— Não, Charlotte! Deixe-me falar.

Ele me manteve de costas e suas estocadas seguiam o padrão lento e sensual. Eu fechava e abria os olhos tentando me concentrar enquanto suas mãos me tocavam com gentileza e sensualidade.

— Não quero mais lutar contra você. Não quero mais te perder. Não quero mais o medo e a insegurança de não tê-la. Eu quero você de volta.

Seus lábios depositavam beijos leves enquanto faziam a declaração e suas mãos hábeis me distraíam juntamente com o seu entrar e sair ritmado que acendia todo o meu corpo.

— Eu sei que é o que você quer também, então vamos encontrar um meio, vamos fazer dar certo, juntos, não mais separados. Não mais com um noivado estúpido entre nós dois.

— Oh, Deus! — Seus dedos se fecharam em meus seios, puxando os bicos e mandando ondas de prazer para o centro das minhas pernas.

O que Alex estava fazendo? Querendo me convencer com sexo a voltar para ele? Mostrando-me as maravilhas de quando estávamos juntos? Porra! Ele me convenceria com toda certeza, porque se aquela era a sua promessa, eu estava no paraíso.

— Quero você de volta, Charlotte! Vou lutar para conseguir, nem que eu tenha que te provar todos os dias que essa é a melhor decisão que você já tomou na sua vida.

— Tomei? — Ri da sua prepotência, mas o sexo delicioso não me deixava pensar em nada de maneira coerente.

— Tomou. — Ele estocou mais fundo. — Só não se deu conta ainda.

Quanta prepotência! Ri e mordi o lábio inferior ao recebê-lo depois de uma girada de quadris deliciosa. Gemi tentando não parecer tão entregue.

— Volta pra mim? — sussurrou ao puxar meu rosto em direção ao seu. Seus lábios bem próximos dos meus.

— Você está louco. — Ele mordeu meu lábio e me puxou de encontro a sua ereção, fazendo-a ir bem fundo. Porra!

— Volta pra mim, Charlotte — ordenou e mordeu meu pescoço.

Suas estocadas ficaram mais fortes. Ele entrava com tudo e saía lentamente, gemendo como se cada centímetro tocado lhe proporcionasse o mais puro prazer. O êxtase dos deuses do Olimpo, a mais deliciosa sensação.

— Eu não estou mais bêbada — brinquei e ele parou na mesma hora. Merda! — Alex! — gemi descaradamente.

— Não brinque comigo. — A advertência foi dada com uma mordida em meu ombro que me fez gritar, descarregando em meu corpo castigado uma adrenalina que me deixou em alerta.

— Não pare — implorei.

— Fique comigo — rebateu com a mesma intensidade.

— Não é aqui que eu estou? Não é por você que estou gemendo? Não é a você que estou implorando por mais? Que estou me desfazendo em gozo a cada pedido seu?

— Porra, Charlotte!

Quando Alex mordeu meu ombro, se enfiou em mim e precisou parar para respirar, eu entendi que aquele era o seu limite. Ele estava com uma mão em meu seio e a outra em minha cintura para me manter firme para as suas entradas. Eu queria que ele gozasse. Queria ouvir os seus gemidos reservados para mim. Queria saber que ele ainda se desmanchava em prazer com o meu corpo. Que me desejava profundamente. E pouco me importava se eu estava esgotada, se depois de tudo o que ele quisesse fazer comigo eu precisasse fazer uma visita ao hospital. Não importava. Eu queria que ele gozasse clamando por mim.

Rebolei em seu sexo ciente de que aquela seria a sua rendição. Ele gemeu alto, xingou algo que eu não entendi e cravou seus dedos em meus quadris, fazendo-me parar. Mas eu não queria parar. Joguei meu rosto para trás buscando seus lábios e logo fui atendida.

— Fique quietinha — ele sussurrou a sua súplica.
— Não! — Vi seu sorriso descarado se abrir, puxando para um dos cantos e deixando-me encantada. —
Fale o meu nome — exigi e ele sorriu ainda mais entendendo o meu pedido.
Sem pensar duas vezes, ele saiu um pouco de mim e voltou com mais força. Gritei ao senti-lo tão fundo,
me regozijando-me ao reconhecer sua respiração ofegante. Ele me penetrou mais rápido, cada vez mais
forte e, para tirar todo o meu juízo, seus dedos se embrenharam entre as minhas pernas, acariciando meu
sexo.
— Oh, Charlotte — ele gemeu atendendo ao meu pedido.
— Céus! — Eu fui atirada em um espiral de sensações enquanto o sentia me penetrar ferozmente e seus
dedos pressionarem meu clitóris, forçando-me a um orgasmo devastador.
— Charlotte... eu... Deus... Charlotte!!!
Alex gozou como eu queria. Para mim, em mim e apenas por mim.

Alex

Precisei levar Charlotte para a cama, secá-la e cobri-la totalmente nua enquanto ela se enroscava em
meus lençóis completamente derrotada pela maratona que havíamos passado. Eu ainda estava desperto,
ansioso demais para dormir. Precisava de respostas.

Fiz um suco de laranja e aninhei minha ex-esposa em meus braços como uma criança para que ela
ingerisse o líquido. Não seria nada legal deixá-la dormir por mais longas horas sem colocar nada no
estômago. Depois descí, coloquei uma água para esquentar, separei um fettuccine, escolhi um molho de
camarão e descongelei enquanto cortava umas torradas. Nada de vinho ou algo parecido. Tomaríamos
água.

E teríamos aquela conversa.

Meu celular tocou inúmeras vezes. Conferi para saber se era Lana com alguma novidade sobre Lipe, mas
como era Anita, preferi ignorar. Aquele não era o momento ideal para conversar com ela. Também ouvi o
celular de Charlotte tocar várias vezes dentro da sua bolsa que acabara esquecida na sala quando
chegamos.

Então meu celular tocou logo após o dela e ficaram se revezando até que entendi que quem estava ligando
sabia que estávamos juntos. Peguei meu aparelho e vi que era Peter. Respirei fundo e atendi.

— Alex! Graças a Deus!

— Ela está dormindo, Peter — fui direto ao assunto.

— Hum — ele pigarreou para esconder o embaraço. — E ela está bem? Miranda me contou que
Charlotte passou dos limites ontem.

— Verdade.

— Vou ter uma conversa com essa mocinha sobre os perigos do álcool. — Sorri para a superproteção do
Peter. Ele, por mais que se esforçasse, ainda não tinha entendido que a filha era uma mulher. Uma linda
mulher por sinal.

— Acho que será mesmo necessário — colaborei com a sua bronca, afinal de contas, ir contra o ex-
futuro-sogro não era nada esperto ou sensato.

— Então... — ele pareceu hesitar. — Vocês se acertaram? — falou bem baixo, como se quisesse
esconder de alguém a nossa conversa.

— Não sei exatamente, Peter, mas não posso esconder que esta é a minha vontade.

— Eu sei. — Pareceu sorrir. Sim, meu ex-sogro aprovava o nosso relacionamento. — E eu espero que
minha filha não seja tão cabeça dura. — Imediatamente lembrei de Charlotte no chuveiro comigo,

resistindo à ideia de voltarmos embora seu corpo inteiro estivesse gritando que sim.

— Ela é cabeça dura, mas eu sou persistente — sorri abertamente, sentindo-me leve.

— Bom... boa sorte! Mande ela ligar para casa. Preciso realmente falar com Charlotte.

— Algo grave? — Peter riu.

— Depende do que você acredita ser grave. Nesse caso só Charlotte pode responder. Eu espero mesmo que você seja persistente.

Não sei o porquê, mas senti algo na voz de Peter que eu sabia que não ia gostar de saber, então o movimento no andar de cima da minha casa me fez encerrar a ligação.

— Assim que ela acordar eu aviso que você ligou. — Olhei para a escada aguardando-a.

— Faça isso. Um abraço. — Ele desligou e Charlotte não apareceu.

Voltei para a cozinha e quando estava acabando de escorrer o fettuccine ouvi passos na escada. Confesso que fiquei tenso. Eu não sabia como seria a nossa conversa, apesar da certeza de que a queria de volta. Eram muitos pontos para acertar.

— Meu Deus! Eu preciso de três disso — ela resmungou e se atirou no banco, debruçando-se sobre o balcão.

Olhei minha ex-aluna e fiquei satisfeito por ela estar vestindo uma camisa minha e não o seu vestido de festa, o que significava que ela ficaria, que não fugiria de mim. Seus cabelos embaraçados desciam sobre os ombros, deixando-a ainda mais bonita.

— E você sabe o que é isso? — brinquei enquanto pegava dois pratos fundos.

— Não faça a mínima ideia. Cheira tão gostoso que se você dissesse que eram as suas cuecas eu comeria com prazer. Pode me servir um copo com água? — Ri alto.

— Você nunca vai deixar de ser absurda. — Coloquei água no copo e entreguei a ela que bebeu rapidamente e de uma vez só. — Espero que goste das minhas cuecas. — Servi um belo prato com a massa e depois despejei o molho sobre ela.

Charlotte olhava o prato atentamente enquanto eu o colocava diante dela. Antes mesmo de deixar sobre a mesa ela prendeu um camarão com o garfo e o levou a boca. Estava quente. Ela gemeu, mas comeu mesmo assim.

— Hummmmmmm! A melhor cueca que eu já comi na vida. — Ri balançando a cabeça enquanto ela enfiava o garfo na massa comendo sem me aguardar.

— Você foi deseducada durante este tempo que passamos separados. — Ela me olhou com o garfo cheio de fettuccine a caminho da boca. Pensou por alguns milésimos de segundo e depois deu de ombros, entupindo a boca de comida.

— A culpa é sua — falou de boca cheia sem se importar com o meu comentário anterior.

— Você não tem classe, Charlotte — provoqueei e ela riu.

— Não depois de ser devorada sem piedade, professor Frankli. Estou faminta. — Tive que sorrir e sabia que meu sorriso era convencido.

— Está perdoadada.

— Isso aqui está uma delícia. — Mastigou, revirando os olhos.

— O tempero da comida é a fome.

— Pode ser, mas neste momento, isso é tudo com o que eu poderia sonhar. — Aproveitou que eu completei o seu copo e bebeu mais um pouco de água. O que era ótimo.

— Ah é? — Estreitei os olhos e ela sorriu amplamente.

— Estou aplacando uma fome de cada vez.

Porra, eu amava aquela Charlotte! Amava nossas conversas descontraídas com sentidos dúbios. Amava sua maneira relaxada quando estávamos juntos. E como eu senti falta disso tudo. Nenhuma outra mulher conseguiu fazer com que a hora do almoço ou do jantar se tornasse um momento tão interessante. E amava a maneira única como ela me fazia ficar cada vez mais apaixonado só por causa das bobagens que dizia.

Quando dei por mim estávamos em silêncio. Ela já não comia com tanta avidez, pelo contrário, jogava a comida de um lado para o outro do prato, aguardando pelo que sabia que aconteceria.

— Nós precisamos ter a conversa — comecei.

— Precisa ser agora? — Covarde como era, foi incapaz de levantar os olhos para me encarar. — Não podemos só comer e falar bobagens?

— É o que você quer? — continuei, encarando o seu rosto mesmo sem ter os seus olhos nos meus.

— Eu não sei o que quero, Alex. Eu... — Largou os talheres e escondeu as mãos embaixo do balcão. — Eu acabei de voltar. Passei três anos te odiando. Tomei um porre homérico, transei com você e... transei com você... — Olhou-me e deu um sorriso torto que conseguiu me fazer perder o foco. — Transei com você... — Deu de ombros. — Já dei passos enormes para a nossa relação.

— É isso o que vamos fazer? — Não sei por que, mas saber que Charlotte me queria e que lutava contra isso somente para não dar o braço a torcer me irritava.

— Isso o quê? — Colocou um camarão na boca fingindo desinteresse.

— Transar. — Fui direto, o que fez com que ela me encarasse. — Nós vamos nos encontrar, transar e depois dizer tchau e até a próxima transa? — Ela engoliu com dificuldade e abaixou os olhos para o prato. — É o que você quer?

— Eu não sei o que quero — repetiu.

— Mas eu sei. Eu quero você! — Mesmo com a cabeça baixa eu pude ver o sorriso em seus lábios, ainda que escondido pelos cabelos que caíam sobre o seu rosto. — E sei que você me quer de volta. Então por que não... — O telefone dela tocou ganhando a sua atenção. Charlotte ficou agitada. — Está na sala. Provavelmente é o Peter. Ele pediu para avisar que precisa falar com você.

— Meu pai? Você atendeu meu celular? Disse a ele que eu estava aqui? Droga, Alex! E agora? — Revirei os olhos.

— Você vai fazer vinte e cinco anos. Nós já fomos casados e sim, eu disse a Peter que você passou a noite aqui comigo. — Ela puxava o ar com dificuldade. — Pelo amor de Deus! Amadureça!

— Vá à merda!

— O quê?

— Eu não sou mais a sua esposa, então vá à merda. — Levantou-se com rebeldia para buscar o aparelho que gritava em sua bolsa.

Respirei fundo e aguardei que ela voltasse. Charlotte fez silêncio por tempo demais, o que me fez debruçar sobre o balcão para observá-la. Ela estava na sala, o celular na mão, encarando-o como se ele fosse uma bomba, mas não o atendia.

O aparelho parou de tocar e recomeçou. Eu nem conseguia acreditar que ela estava com tanto medo de enfrentar o pai só porque dormiu com o ex-marido. Charlotte era inacreditável. Não. Charlotte era absurda. Então ela desligou o celular e o colocou outra vez na bolsa, voltando sem coragem alguma para onde eu estava.

— O que houve? — Ela sentou no banco e encarou a comida. — Charlotte?

— Eu preciso ir. Meu Deus! Nem imaginava que horas eram. Perdi o dia todo — ela sussurrava, como se conversasse consigo mesma.

— Perdeu? — Charlotte levantou a cabeça e me encarou. Ela estava nervosa. — O que aconteceu?

— Nada. Eu...

— Charlotte, o que aconteceu?

Fiquei tenso imediatamente. Eu sabia que ela estava escondendo algo de mim, não apenas pelo vermelho em seu rosto, mas pelo torcer das suas mãos. Ela me encarou e depois suspirou desistindo de mentir.

— Thomas. — Meu coração disparou. Como eu sabia que em algum momento teríamos que conversar sobre aquele noivado, mantive a calma e aguardei. — Eu acabei esquecendo.

— Nós podemos resolver isso. — Tentei parecer seguro, afinal de contas eu estava tomando de volta a

garota que sempre foi minha, mas que naquele momento era noiva de outro.

— Você não entende. — Sua voz ficou ainda mais baixa.

— Ele vai entender, Charlotte.

— Céus! — Passou as mãos nos cabelos e me encarou com determinação. — Thomas está aqui no Brasil.

— Parei, congelado, assimilando o que ela dizia. — Eu esqueci que devia buscá-lo hoje pela manhã.

Droga! Eu realmente preciso ir.

— Espere um pouco — falei mais alto tentando me situar naquilo tudo. — Você está me dizendo que Thomas, o seu noivo, está aqui no Brasil?

— Mais precisamente, hospedado na minha casa.

Puta que pariu!

Capítulo 13

“Que os sentimentos que aparecerem em teu coração sejam como esses do meu peito!” William Shakespeare

Charlotte

Alex se apoiou na bancada da pia e sacudiu a cabeça como se quisesse reorganizar os seus pensamentos. Eu estava gelada. Minha ressaca que havia desaparecido depois da longa sessão de sexo, das horas de sono e da comida deliciosa, voltava com tudo ameaçando expulsar do meu corpo a comida tão bem recebida.

Eu precisava ir embora. Precisava me desculpar com Thomas e mesmo assim ainda estava ali, parada naquela cozinha, usando apenas uma camisa do meu ex-marido e louca para desfazer aquela confusão. Como conseguir desfazer aquele problema? Eu não podia confessar que havia mentido. Alex jamais me perdoaria e eu também não tinha vontade de contar a verdade só porque transamos.

Ele continuava calado, ora passava a mão pelos cabelos, ora segurava a bancada com força e respirava fundo. Eu, congelada, não sabia se fugia ou ficava para ser atacada.

— Alex, fale alguma coisa! — Ele levantou o rosto e me encarou com dor. — Você estava transando comigo enquanto seu noivo te aguardava em sua casa? Foi direto, me ferindo sem dó nem piedade. E eu senti a porrada como um tapa

no rosto. Uma ofensa. Uma forma nada sutil de me chamar de vagabunda. Doeu e também me revoltou.

— Qual o problema? Você não esteve na cama com Tiffany enquanto ainda estava casado comigo? — rebati com raiva.

Alex se assustou com a minha resposta. Ele piscou várias vezes e passou as mãos pelos cabelos, fechando os olhos para se controlar. Eu já estava na defensiva.

— É o que vai fazer? — Encarei ele sem entender. — Vai revidar o mal que eu te fiz? Vai dormir comigo apenas para me mostrar o quanto eu errei? Vai me transformar em seu caso, seu amante, seu... — Caminhou pela cozinha desorientado. — É o que está fazendo, Charlotte? Está se vingando de mim?

— Não! — Sua dor me perturbou, machucando-me tanto quanto suas palavras. Eu já tinha superado aquela fase e não poderia fazê-lo sofrer mais pelo nosso passado doloroso. — Eu esqueci que ele vinha, Alex. Juro! Ontem quando ele me ligou eu estava atordoada demais para dar atenção ao que planejamos e depois... — Nos encaramos, as respirações pesadas.

Por longos segundos nos encaramos, até que ele, com passadas largas, alcançou-me rapidamente puxando-me para si. Suas mãos grandes seguraram meu rosto forçando o contato.

— Desculpe! — sussurrou apaixonadamente. — Eu me sinto um idiota quando estou perto de você. Perco minha capacidade de raciocinar. Me perdoe!

Meu coração acelerado me dizia que era melhor eu ir embora. Que fazer ou aceitar aquelas juras só me causaria mais dor. Que eu precisava de espaço para pensar, para ponderar até onde eu poderia ir, até que ponto nossas vidas poderiam estar entrelaçadas. Com Alex tão próximo eu não conseguia nem respirar se não pudesse tocá-lo. Era uma distração que não poderia ser bem-vinda naquela hora.

— Charlotte — gemeu colando a testa a minha. — Não vá! Você não ouviu nada do que eu disse? —

Minha mente girava ao sentir suas mãos em minha pele, seus lábios tão perto.

— Alex, eu preciso de espaço. — Consegui dizer, não sem um grande esforço.

— Olhe para mim — implorou. Com uma dor absurda o obedeci. — Diga que não me ama mais, assim, olhando em meus olhos, que eu a deixo livre para voltar para aquele... — Ele se deteve com raiva. — Diga olhando em meus olhos.

— Eu não posso — admiti, sentindo que poderia chorar a qualquer momento.

— Você me ama, Charlotte!

— Amo — revelei sem receio. — Mas o fato de amá-lo não significa que vou voltar para você. Eu preciso de um tempo.

— Ah, Deus! E o que eu devo fazer? — Seus olhos cheios de temor quase me fizeram abraçá-lo, no entanto eu não podia. — O que quer que eu faça? Que eu sente aqui e continue com a minha vida sabendo que você vai estar nos braços de outro homem?

— Eu não sei. — Tentei me afastar. Ele me segurou firme. — Alex, por favor!

— O que aconteceu hoje não foi apenas tesão Charlotte.

— Droga! — resmunguei fechando os olhos. — Eu amo você! O que mais quer que eu diga?

— Nada.

E ele me puxou para um beijo apaixonado. Imediatamente o enjoo cedeu e a paixão se reacendeu com força total. Alex me puxou para perto, colando nossos corpos, exigindo de mim qualquer resquício de sanidade. Ele queria me deter, paralisar-me, impedir-me de continuar com aquele noivado. Uma farsa. E depois disso eu jamais poderia contar que era mentira.

Eu me entreguei ao beijo como quem se entrega ao seu último pedido antes da morte. Eu sabia que com Thomas no Brasil tudo ficaria mais difícil. Alex poderia ou não suportar. Thomas com certeza encontraria maneiras de pirraçar Alex, o que, na visão dele, era mais do que merecido.

E na minha? Bom... talvez Alex merecesse passar por algo do tipo para que nunca mais permitisse que outra mulher entrasse em sua vida, fingindo ou não ser eu, estando ou não bêbado. Eu precisava amadurecer, enquanto Alex precisava aprender a conversar comigo, diretamente, olho no olho, e dizer a verdade, mesmo que ela doesse.

A semana que eu passaria fingindo ser a noiva devotada de Thomas me ajudaria a analisar a situação. Provavelmente nos ajudaria a estabelecer limites, a entender o lado um do outro e quem sabe, talvez, por um milagre de Deus, saíssemos daquela semana mais maduros e com a certeza do que queríamos. Logico que muito precisaria ser superado, mas uma semana longe me faria pensar e repensar, além de medir até que ponto eu suportaria... ou superaria. Todos esses pensamentos evaporaram da minha mente quando as mãos de Alex entraram por baixo da camisa, alcançando a minha bunda, tocando-me de maneira íntima, forçando-me a suspirar em seus lábios.

Ele me encostou no banco alto, agarrando-me pela bunda e me obrigando a sentar nele para logo em seguida abrir minhas pernas e se encaixar entre elas. Eu não usava nada por baixo da camisa folgada e já podia sentir meu sexo úmido e quente, pronto para recebê-lo.

Mas nada aconteceu.

Primeiro eu consegui ouvir o risinho infantil, acompanhado da risada madura e feminina. Pensei em empurrar Alex para fora das minhas pernas e subir correndo as escadas, porém não tive tempo. Imediatamente o “clique” da fechadura me congelou no lugar e o feixe de luz que iluminou o corredor deu lugar para uma criaturinha minúscula, com cabelos abastados e negros, e um rostinho infantil que sustentava um óculos mais adulto do que ele deveria usar.

Logo em seguida Anita entrou, rindo, levando na mão uma sacola de uma doceria conhecia da região. Ela usava um vestido curto e saltos altos, deixando à mostra pernas bonitas e torneadas, além de ostentar um bronzeado perfeito que eu sabia ter sido adquirido nas diversas idas à praia acompanhando o meu ex-marido.

Meu sangue ferveu quando nossos olhos se encontraram, mas rapidamente congelaram quando a voz infantil me gritou da maneira como acreditava ser correta.

— Xacote! — Ele riu alto.

Durante vários segundos eu vi aquele pequeno ser correr, passo após passo, em minha direção. As mãozinhas gordas a frente, como se quisessem garantir que elas me alcançariam. O sorriso em seu rosto contradizia o de mau grado da sua madrinha. O dele era puro e verdadeiro. Ele me alcançaria, não havia dúvidas e o que eu faria?

Congelada no lugar tive tempo de ver Alex agir rapidamente, entrando na minha frente e impedindo que o menino me alcançasse. Por Deus! Eu estava nua, excitada e coberta apenas por uma camisa do pai dele.

Não. Aquela criança jamais poderia pôr as mãos em mim. Não naquelas circunstâncias.

— Ei, rapazinho! Chega e nem dá um beijo no papai? — Alex enfiou o rosto no pescoço do filho que começou a rir e se contorcer devido a barba de um dia que já pinicava. — O que aconteceu? — Vi que ele olhou para Anita, que olhava para ele e fingia timidez. — Ele não quis ficar com Lana?

— Eu liguei algumas vezes, mas você não atendeu. — Olhou para mim indicando o motivo. Meu rosto ferveu. Lipe, no colo de Alex, olhava fixamente para mim e sorria. — Peguei Lipe para irmos a doceria. O dia estava bonito e eu estava com saudade dele. — Ela se aproximou e bagunçou o cabelo do menino.

— Como vai, Charlotte?

— Bem. — Minha voz praticamente não saiu. Lipe se debateu no colo do pai.

— Tem doche, tem doche — ele dizia com alegria. Enquanto descia para pegar a embalagem das mãos de Anita. — Vem, papai. Tem doche.

— Doce? De que tipo? Venha, vou pegar um prato para você — Alex o levantou e o colocou dois bancos depois do que eu estava, sentado na cadeirinha que parecia ser própria para refeições de crianças. Anita me olhou conferindo minha roupa. — Tem bolo?

— Não — Lipe riu ao responder alto demais. — Tem pão com doche.

— Doce, Lipe — Alex o corrigiu e me olhou preocupado.

— Desculpe, eu não sabia... — Anita começou, como se fosse uma santa.

— Tudo bem! — Alex respondeu, tenso. Era difícil para ele ter nós três no mesmo lugar. E eu estava furiosa.

— Eu tenho que ir. — Levantei e desta vez ele não tentou me impedir, o que me aborreceu ainda mais. Subi correndo para o quarto enquanto Alex fingia interesse pelos doces do filho. Procurei minha calcinha, mas me recusei a vesti-la. Coloquei o vestido e preferi não calçar as sandálias. Enrolei os cabelos em um coque mal feito e descii as escadas rapidamente para alcançar minha bolsa e o celular.

— Eu levo você — Alex já estava lá, as chaves nas mãos e decidido a me levar para casa. Filho da puta.

— Não precisa. — Tentei não parecer ofendida, falhando totalmente. — Eu pego um taxi, ligo para Thomas... — sorri perversamente.

— Charlotte! — advertiu com a mesma irritação. — Eu te trouxe, então eu te levo para casa.

— Fique aqui com a sua família, Alex. É domingo — pirraça e ele estreitou os olhos para mim.

—Você vai entrar naquele carro nem que eu tenha que te colocar lá dentro à força.

Tentei argumentar, mas a ferocidade das suas palavras não me ajudou a pensar em nada que pudesse me fazer vencer aquela batalha. Por isso caminhei até a porta, mas a criaturinha estava lá, petrificando-me.

— Eche é pá Chachothi. — Estendeu um brigadeiro para mim. Sem conseguir me impedir, estendi a mão e aceitei o doce.

— É Charlotte, filho — Alex o corrigiu logo atrás de mim. — E ela já está indo para casa. Diga tchau. Lipe se atirou em mim e me abraçou com aqueles braços minúsculos, presos em meu pescoço. Sem que eu contasse com isso, ele beijou o meu rosto e sorriu ajustando os óculos. Sem perceber eu sorri também. Minimamente, é verdade, mas fui pega de surpresa.

— Obrigada, Felipe... pelo doce. — Levantei fingindo arrumar o vestido e lutando para não demonstrar o quanto aquele abraço me impactou. — Até mais.

— Na paia. — Ele me seguiu, mas Anita segurou na sua mão o impedindo de continuar. Olhei para Alex que me encarava com receio.

— Quem sabe. — Fui gentil e consegui sair.

Do lado de fora puxei uma grande quantidade de ar, dando-me conta de que lá dentro era quase impossível respirar. Alex passou por mim destravando o carro e abrindo a porta.

— Desculpe por isso. — Foi frio.

— Não sabia que Anita tinha a chave da sua casa — disparei sem aguardar que estivéssemos suficientemente afastados. Ele suspirou fechando a porta.

— Ela me ajuda com Lipe. Foi necessário — avisou quando entrou e deu partida no carro. Eu ri com sarcasmo. — Eu sei que você não aceita ela, mas Anita foi o que eu tive quando precisei de ajuda com Lipe, quando Tiffany morreu.

Eu já conhecia aquela história, apesar de não a aceitar. Como Alex podia? Aquela sim era a maior de todas as suas traições. Cruzei os braços e encarei a janela, determinada a não conversar.

— Anita é o menor dos nossos problemas, Charlotte — ele disse sem muita paciência.

— Ah, claro! Nós — sinalizei nós dois para que ele entendesse — não temos problemas em comum. Você tem a sua vida e eu tenho a minha. — Ele puxou o ar com força e segurou firme no volante.

— Quantas vezes mais vamos discutir isso?

— Isso o quê?

— Que não dá mais para evitar o que somos.

— O que somos? E o que somos, Alex?

— Nós nos amamos — ele respondeu depois de levar um tempo pensando no que poderia dizer.

— E daí? Seja sincero. Como vamos fazer isso funcionar? Anita é praticamente a dona da sua casa. Ela entra e sai quando quer. Ela divide a guarda do seu filho com você.

— Não é bem assim...

— Ela decide pelo Lipe. Decide quando pegá-lo e quando levá-lo de volta para casa.

— Eu não atendi o celular, por isso ela foi sem minha autorização.

— E você acha isso normal!

— Claro que é! Ela é madrinha dele. É quem está ao lado dele quando eu não posso estar. Foi quem me ajudou a criá-lo.

— Ela foi a mulher que tentou chupar o seu pau um dia antes do nosso casamento só porque não aceitava que você havia me escolhido — gritei enfurecida. — Puta merda, Charlotte!

— Ela tentou me destruir, nos destruir! Ela ameaçou anular o meu projeto, te chantageou, o que mais ela precisa fazer para provar que não é uma pessoa equilibrada.

— Isso tudo já passou. A doença de Tiffany modificou Anita. Ela é outra pessoa.

— Ela é a mesma pessoa que espera a oportunidade de estar na sua cama. Se é que não frequenta de vez em quando.

— Pare, Charlotte! Você está criando problema demais em sua cabeça.

— Para você é muito conveniente. Anita está sempre ali, ao alcance das suas mãos...

— Eu mandei parar, Charlotte! — ele falou mais alto. — Anita sabe o lugar dela e este não é na minha cama. Nunca foi e nunca será. E você precisa acreditar nisso ou...

— Ou o que? Acha mesmo que vamos retornar o nosso relacionamento com Anita desfilando como governanta da casa? Acha mesmo que vamos engatar um relacionamento com tantas coisas impossíveis de serem superadas? Não seja ingênuo, Alex. Nós transamos e foi só.

— Não foi — ele gritou para me calar. — Você sabe que não foi. Eu sei que Lipe te assusta. Sei que com ele é um pouco mais complicado, mas eu também sei que você não o odeia, você só tem medo. — Tentei falar, as palavras não saíam. — Anita não é e nunca será um problema. Ela sabe o quanto eu te amo e que, no segundo em que você quiser, você volta para a nossa casa. O que vai nos impedir de ficarmos juntos, Charlotte, vai ser, outra vez, a sua infantilidade.

— A minha o quê?

— Isso que você ouviu. Amadureça. O tempo passou, você é uma mulher. Seja segura, independente. Eu amo você! É com você que eu quero ficar e não tenho dúvidas. O resto vai se ajustando, se adaptando e sendo superado. Só quero que você se decida. Quero você forte e disposta a assumir os riscos comigo. Eu estou colocando tudo o que tenho em suas mãos. Estou arriscando meus sentimentos, meu filho, minha estrutura, tudo o que lutei para erguer enquanto você estava longe curando a sua ferida, mas chegou a hora de parar e definir. Ou você segue comigo, como minha mulher... — Ele me olhou com intensidade. Nunca antes vi Alex tão decidido, tão cheio de certezas. — Ou segue o seu caminho com Thomas.

— Eu...

— Este é o ponto em que você precisa decidir. Ou fica comigo e encara os nossos problemas de frente, me deixando te amar, me deixando te ajudar a superar, ou sai de vez da minha vida e o que fizer da sua não vai me interessar mais.

Ele estava decidido. Nada em Alex me dizia que ele blefava. Ele dizia a verdade e eu precisava decidir.

— Chegamos — anunciou, parando o carro. Olhei para fora percebendo o flat. Já era quase noite. O clima tenso dentro do carro não suavizava em nada. Alex não me olhava. Com as mãos no volante ele aguardava que eu saísse. Eu não conseguia simplesmente abrir a porta e ir embora como se nada tivesse acontecido.

— Você não pode me fazer exigências. — Tentei, minha voz fraca e insegura demonstrava o meu medo.

— Posso sim. Estamos falando da minha vida também. Eu erre com você e passei três anos fodidos da minha vida me condenando por isso. Achei que nunca mais teria você de volta, então você voltou e ainda me ama. Reconhece que não fui tão culpado quanto acreditava. Sente a minha falta com a mesma intensidade que eu sinto a sua. Eu tenho trinta e oito anos, Charlotte! Tenho um filho, uma carreira para cuidar, não quero mais esse joguinho, essa insegurança. Eu quero você de volta, mas para acontecer você também precisa querer.

— Eu não posso ter você como eu quero — revelei. — Não posso mais ser o que você quer.

— Você é o que eu quero. — As lágrimas se formaram. Alex não sabia o que o que estava dizendo.

— É melhor eu ir. — Coloquei a mão na maçaneta do carro sem coragem para abrir a porta. Alex suspirou.

— Por causa do seu noivo? — Outra vez fiquei sem saber o que responder. Eu nem me lembrava de Thomas. — É com ele que você quer ficar?

— Não — respondi rápido demais. Não deveria ser assim. Estava tudo fugindo do controle. — Eu preciso de um tempo — repeti, implorando para que ele entendesse.

— Tudo bem. É melhor você ir — respirei fundo e senti que naquele carro não havia ar suficiente para nós dois.

— É melhor assim. Thomas pode te encontrar aqui e não gostar.

Abri a porta e saí. Todo meu ser gritava para voltar para aquele carro, mas eu não podia. Eu precisava de

espaço. Precisava pensar sem a interferência dele. Sem olhar para trás, subi o primeiro degrau percebendo Vitor na porta aguardando por mim. Foi quando Alex me segurou firme e me virou ao seu encontro.

— Que se foda! — ele rosnou antes de exigir os meus lábios em um beijo possessivo.

Incapaz de resistir, agarrei-me a ele e me deixei ser exigida pelo seu beijo. Permiti que meu corpo fosse demarcado e meus lábios dominados, para que ninguém, nunca mais, pudesse me tomar dele. Porém, tão rápido quanto começou, acabou.

— Sonhe comigo. — E se afastou com o sorriso mais escroto que eu já vi em seus lábios.

Ele sabia que eu sonharia e que jamais permitiria que outra pessoa tirasse o gosto dos seus lábios dos meus. Alex havia me estragado para qualquer outro homem, e a verdade era que eu não estava me importando.

*** — Você não poderia escolher horário pior para passear na praia — resmunguei. Meus olhos estavam atentos e todas as vezes que eu via um surfista, corpo

bronzado, cabelos negros, caminhando pela praia meu coração acelerava. Thomas estava disposto a azucrinar a vida de Alex. Foi a condição para que ele não desmentisse aquela criancice minha.

Na verdade, ele me convenceu a aceitar, argumentando que seria ótimo que Alex soubesse que não era o único. E ressaltou que se ele teria que fazer o papel de corno, que fosse nos termos dele.

Mesmo assim eu não conseguia deixar de me sentir tensa, caminhando pela praia do Rio de Janeiro, de mãos dadas com um típico turista, brincando de ser noiva e de mostrar o país onde passei a minha vida, ao homem com quem, teoricamente, iria me casar.

Frustração era o meu nome do meio.

— Ora, Charlotte! Se alegre! Olha que imagem mais linda! O Rio é realmente incrível! — E mais uma vez posicionou o seu Iphone de última geração para tirar uma foto da praia.

— Eu vou me sentir melhor se você esconder este celular. O Rio de Janeiro não é o lugar mais seguro do planeta. — Olhei para os lados, tentando identificar prováveis trombadinhas. Se é que no momento em que vivemos isso é possível. Atualmente ladrões usavam paletó e gravata e estavam inseridos em todas as classes, credos e países.

— Não tenha este complexo de vira-lata. O Rio é lindo!

— E cheio de trombadinhas ansiosos para pegar um turista desavisado como você. Esconda isso. — Tomei o celular da mão dele, colocando-o em seu bolso da frente.

— Você está de péssimo humor hoje — reclamou, aceitando guardar o celular. — Qual é o problema? Alex ainda?

— Alex sempre. — Fiz careta me incomodando com o sol. — É melhor passar mais um pouco de protetor, você está ficando vermelho. — Thomas riu e aceitou que eu espalhasse o creme pelo seu rosto, enquanto ele mesmo passava um pouco nos ombros e braços.

— Se você quer tanto ficar com ele, então por que não voltam de uma vez?

— E o que eu faço com o filho dele e Anita? — Ele riu voltando a pegar a minha mão para continuar o passeio.

— Anita é fácil. É só pedir a seu pai e ela recebe uma promoção para outro país. — Piscou para mim.

— Eu jamais pediria algo desse tipo para o meu pai. Sem contar que não desejo Anita para nenhuma pessoa do planeta. Pobres coitados. Você não faz ideia do que é aturar aquela mulher.

— Isso porque ela tentou fazer um boquete no seu ex-marido — ele riu e eu parei puxando a sua mão.

— Não tem graça. E não foi só por causa disso. Ela ainda o quer. Eu posso ver na forma como o olha e na raiva que tenta esconder quando o encontra comigo.

— Johnny não dá conta dela? — Sim, ele sabia de Johnny e minha ex-professora Anita. Thomas tinha se tornado um grande amigo e muitas vezes era também meu confidente.

— Johnny não está interessado em dar conta de ninguém. Ela é só uma diversão — continuei vasculhando a praia com os olhos. Qualquer indicio de que Alex poderia aparecer já me faria correr para casa.

— Uma diversão que dura quase quatro anos. — Olhei meu amigo me conscientizando da veracidade das suas palavras. — Alex sabe?

— Não sei. — Parei pensativa.

— O outro problema, o Lipe, você pode enviá-lo para um colégio interno na Suíça.

— O quê? — praticamente gritei.

— Você não disse que ele era uma pestinha? — Thomas sorria enquanto analisava a minha reação.

— Ele não é uma pestinha. — Fui rude. — Quer dizer... ele me assusta. Apenas isso. — Recomecei a andar sem me preocupar se ele me seguiria. — E ele criou uma obsessão por mim. Quer sempre me pegar, quer falar, erra o meu nome o tempo todo. — Ele parou a minha frente, sorrindo, e só então percebi que eu também sorria. Rapidamente me corrigi, ficando séria. — Ele me confunde.

— Porque você gosta do pestinha, admita.

— Não! Não tem nada a ver com gostar. Ele é uma criança, pelo amor de Deus!

— Você gosta dele — afirmou e parou para comprar um picolé no carrinho que passava por nós.

— Dois de limão, por favor — eu falei, já que Thomas não falava nada em português. Paguei e seguimos em frente. — Anita é madrinha do menino e tem direitos sobre ele, ou seja, é uma confusão tão grande que não sei se vale a pena.

— Não vale a pena. — Provou o picolé. — Hum! Bom esse!

— Você precisa decidir se quer que eu fique ou não com Alex — brinquei, limpando o canto da sua boca que havia ficado melada com o picolé.

— Não quero. Você deveria ficar comigo. Casar comigo e passar a vida viajando pelo mundo. Seria muito mais divertido. E eu realmente não penso em ter filhos. — Fez uma careta, mas meu coração afundou no peito. — Desculpe, querida! — Alisou meu cabelo e beijou minha testa. Quando levantei os olhos dei de cara com o que eu mais temia.

Dois olhos azuis felinos, profundos, sufocantes, encaravam-me como se quisessem me matar. Recuei um passo e senti minha respiração pesar. Thomas, alheio ao que acontecia, segurou em minha mão para continuarmos o nosso passeio e acabou esbarrando na prancha de Alex. Os dois se encararam pelo que pareceu uma eternidade.

— Alex — quebrei o silêncio tentando resolver a situação de maneira civilizada. — Como vai? — E me dei conta do quão ridícula eu estava sendo.

Ele virou lentamente em minha direção e me encarou como se eu tivesse falado o maior de todos os absurdos da face da terra. Thomas, como eu já imaginava que faria, passou o braço em minha cintura e sorriu.

— Alex! Que coincidência te encontrar! Uma praia deste tamanho e você está justamente aqui, na nossa frente — provocou. — Não é mesmo, querida? — Não consegui falar. Alex não tirava os olhos de mim e, porra, seus olhos diziam tantas coisas que minha vontade era arrastá-lo para casa e contar toda a verdade.

Ele estava lindo! Cabelos molhados, pele bronzeada e com gotinhas escorrendo, morrendo no limite da sua bermuda, os músculos definidos, os lábios perfeitos... Céus!

— Charlotte! — ele disse por fim. A voz aveludada e os olhos cheios de cobrança. — Pelo visto você pensou no que eu te disse. — Ele realmente não estava se importando com Thomas e falava em português.

— O quê? Eu... não... Alex... merda!

— Algum problema, querida? — Thomas se impôs, falando em inglês o que fez minha mente dar um nó.

— Alex, não seja difícil — praticamente rosnei, agradecendo por Thomas não entender o que dizíamos.

— Difícil, eu? — Ele sorriu e passou a mão livre nos cabelos.

— Charlotte? — Thomas me cobrou.

— Só um minuto — consegui dizer em inglês, voltando a olhar para o meu ex-professor.

— Eu tenho que buscar Lipe na escola. Bom passeio para vocês — Ele tentou passar por mim, impulsivamente, larguei a mão de Thomas e segurei o braço de Alex.

— Você sabia que ele estaria aqui. O que queria que eu fizesse? — Alex riu sem se importar com o meu sofrimento.

— Eu disse: você precisa decidir. Eu não vou ficar em casa enquanto você brinca de casinha com o seu noivo.

— Charlotte? — Thomas me puxou pelo braço. — O sol está forte. — Era a sua deixa para irmos embora.

— Leve seu noivo para casa, Charlotte — Alex falou em inglês justamente para que Thomas o ouvisse. Uma pirraça desnecessária, e uma forma de deixar claro para meu amigo que ele não era bem-vindo. Thomas riu.

— Ah, claro! Então é isso. — Ele me abraçou por trás, uma atitude de posse que não passou despercebida para Alex. — Sim, estamos noivos. — Beijou meu rosto que quase pegou fogo. — Charlotte me contou que vocês conversaram e que as diferenças foram resolvidas. Muito maduro, da parte dela, claro.

Alex ia saindo, mas parou quando Thomas o provocou. Seu sorriso sacana estava lá e eu sabia, antes mesmo de ele falar, que ele atiraria com a arma que tinha.

— Sim. Realmente estamos muito bem resolvidos. Aliás — ele me dirigiu um olhar perverso. — Nossas conversas têm sido muito proveitosas, e... prazerosas. Não é mesmo, Charlotte? — Senti a pressão das mãos de Thomas aumentar em minha cintura e não consegui engolir, nem responder. — Charlotte tem se esforçado bastante para termos um bom convívio. O melhor possível.

Filho. Da. Puta.

Thomas riu.

— Eu estava inclusive falando sobre a opção dela de viver na Inglaterra. Pelo que pude ver no pouco tempo que estamos juntos aqui no Brasil, Charlotte está sofrendo com a má qualidade de... vida satisfatória. Pelo visto este já é um caso resolvido — provocou e eu pensei que meu rosto explodiria.

— Você tem razão, Alex — Thomas continuou no jogo. — Charlotte estava mesmo precisando desse clima brasileiro, e eu estava negligenciando a minha noiva, apesar de mimá-la de todas as formas. — Vi a mão do meu ex-marido apertar firme a prancha, embora ele continuasse com o rosto relaxado, encarando Thomas. — Realmente o Brasil tem um clima que ninguém resiste, não é mesmo? E eu já estou cuidando desta... carência de Charlotte. Vamos ter dias prazerosos e proveitosos. Eu...

— Já chega! — praticamente gritei. — Eu vou para casa agora. Vocês podem ficar aí alimentando o ego inflado de vocês. — Ambos se assustaram com a minha explosão. — E não se atrevam a falar da minha carência, ou da falta dela, ou da forma mentirosa como os dois afirmam tê-la resolvido. Essa é a minha vida e só eu posso falar se meus dias estão sendo ou não prazerosos.

— Mas... — Thomas tentou sem conseguir prosseguir.

— Nem mais uma palavra.

Dei as costas e saí, sem me importar com o que eles fariam.

Capítulo 14

“Um gélido temor passa pelas minhas veias e quase congela o calor da vida.” William Shakespeare

Charlotte

Lana andava na minha frente completamente frenética. Estávamos a dois dias da Bienal e ela parecia estar ligada na tomada. Era a primeira vez que ela participaria como a editora-chefe de fato em uma bienal.

— Eu só queria que você pudesse conferir — ela dizia animada. — Vamos fazer algumas fotos e usar para divulgação. Normalmente Miranda cuida disso para você, mas como ela está em lua de mel, achei melhor que você estivesse aqui.

— Tudo bem, Lana. Thomas está em uma reunião e meu pai e Johnny viajaram hoje cedo, então fiquei sem ninguém e com nada para fazer — revelei, sentindo-me realmente só.

Depois do encontro na praia com Alex eu não conseguia parar de pensar nele. Imaginei que ele me procuraria, que enviaria alguma mensagem, que fosse brigar ou qualquer outra coisa, mas não. Alex simplesmente me ignorou e seguiu como se nada tivesse acontecido.

— Uma escritora nunca fica sem ter o que fazer. Por falar nisso: como está o livro? — Revirei os olhos. Lana fazia o papel dela como editora-chefe, porém a pressão pelo livro novo estava acabando comigo. Como ter cabeça para escrever enquanto eu ainda precisava resolver a minha vida com o meu ex-marido.

— Estou escrevendo — informei sem muito ânimo.

— Ótimo! Desculpe não estar muito presente. Você passou tanto tempo fora e agora a minha vida está uma bagunça. Tem as meninas, a Bienal, a editora, João Pedro... Deus do céu! Nem sei como consigo dar conta de tudo. Não sei o que seria de mim se Alex não tivesse voltado a trabalhar ativamente na editora. Você sabia que ele parou de escrever outra vez? — Fiquei chocada, mas não quis demonstrar o quanto aquela revelação me aborrecia.

— Não. Ele não me falou nada — continuei acompanhando os seus passos rápidos enquanto ela abria uma das portas do corredor.

— Alguém sabe onde o Arthur está? — Algumas pessoas olharam para Lana e negaram com a cabeça. — Droga! Eu preciso dele para arrumar os livros antes de despachá-los. — Ela bateu a porta e continuou.

— Eu pensei que você e Alex estavam se entendendo, aí você aparece com Thomas e eu não entendo mais nada.

— Você sabe que eu e Alex somos um caso complicado.

— São mesmo — ela riu. — O que não os impede de se agarrarem por aí. — Meu rosto esquentou e eu nada respondi. O que eu poderia dizer? Nada. Principalmente depois do vexame no casamento do irmão dela. — Amanda, eu preciso que encontre o Arthur com urgência. Avise a assessoria que Charlotte já chegou.

— Claro, Lana! Quer alguma coisa, um café, uma água?

— Um café, por favor! Charlotte?

— Ah... — pisquei algumas vezes tentando espantar a vermelhidão em meu rosto. — Uma água. Obrigada!

— Vamos aguardar aqui enquanto eles não aprontam tudo.

Lana abriu a porta e meus olhos rapidamente se instalaram na imagem no centro da sala. Sentado no chão, sem paletó, ainda com a gravata e vários papéis ao seu redor, estava um Alex concentrado entre fazer o seu trabalho e dar atenção a sua miniatura, sentado entre as suas pernas, com papéis sobre a pequena peça de centro e vários lápis de cor espalhados por cima dela.

— Ai que delícia! — Lana gritou indo em direção ao sobrinho. — O príncipe veio trabalhar hoje? —

Alex levantou os olhos sorrindo para a irmã e me viu. Foi perceptível o seu choque. Ele logo se recuperou e o gelo que me deu fez até a minha alma congelar. — E a escola?

— Marta precisou faltar — anunciou para a irmã sem se importar com a minha presença. — E ele teve um leve ataque de asma hoje. Nada grave. Achei melhor ficar por perto.

— Oh Deus! — Ela fez voz de criança e colocou a mão na testa do sobrinho. — Você está bem? — Lipe balançou a cabeça confirmando e deixando os óculos descerem em seu nariz ainda muito pequeno. — Quer um suco de laranja?

— Oba! — ele gritou e ela riu.

— Vou providenciar. — Lana levantou e só então percebeu a situação. — Ah, Charlotte! Eu vou providenciar o suco do Lipe, enquanto isso fique por aqui, leia uma revista, confira o seu e-mail... — Deu de ombros e saiu, deixando-me sozinha com meu ex-marido que havia resolvido me desprezar e aquele serzinho que já me olhava com ambição.

— “Que desenhá”? — Sua voz infantil preencheu o ambiente enquanto Alex fingia continuar o seu trabalho.

— Eu... eu... — Olhei para Alex implorando para que ele me olhasse também e me ajudasse com aquela situação, mas ele só acariciou os cabelos do filho e se voltou para seus papéis. — Eu não sei desenhar. Desculpe! — Sentei no sofá me sentindo desconfortável. Lipe me olhou com atenção, entortando a cabeça para o lado, como o pai fazia.

— Tó. — Levantou o papel em minha direção. — Minha caja.

— Casa, filho — Alex corrigiu o filho e me olhou enquanto fazia carinho nele. — Como vai, Charlotte?

— Be-bem — pigarreei me sentindo ridícula por gaguejar.

— Tó — Lipe insistiu e eu me vi pegando o papel da sua mão.

Nele tinha uma casa que se prestasse muita atenção dava para reconhecer como sendo a casa dele mesmo, pelo menos no que se espera da arquitetura. Do lado de fora estava um homem que provavelmente era Alex, uma criança e ao lado uma mulher um pouco menor que o pai, de cabelos longos e castanhos. Respirei fundo e quando dei por mim ele já estava a minha frente. Encarei aquela criança que tanto me assustava.

— Papai, Lipe e Xolotie. — Meu coração disparou. Rapidamente Alex já estava junto do filho, segurando-o pela cintura e o levando para longe de mim, como se eu fosse letal a criança.

Ele não entendia.

— É Charlotte — eu sussurrei ainda em choque. — Ou Lottie, como os outros me chamam. — Alex parou surpreso com a minha reação, apesar de ainda em alerta.

— Loti — Lipe testou e eu sorri sem querer.

— Mais ou menos isso. Lindo o seu desenho. — Estendi-me para colocar o papel sobre a mesa.

— Loti — ele brincou e riu, preenchendo o ambiente. Era gostoso de ouvir. — Loti vai desenhá?

— Não. Desculpe. Eu não sei desenhar — repeti me sentindo estranha.

— Desenhe um barco, filhão. — Alex o distraiu e assim que o filho iniciou o processo ele voltou a me olhar.

— Ele está doente? — Tentei iniciar uma conversa assim que a criança voltou a se dedicar a seus desenhos.

— Já está melhor — continuou sério, acariciando a cabeça do filho e me encarando.

Ele esperava que eu falasse. Eu sabia que não poderíamos conversar na frente do seu filho, então fiquei sem saber o que dizer, entrelaçando os meus dedos e mordendo o lábio para me controlar.

— Prontinho! — Lana entrou na sala com uma bandeja nas mãos. Lógico que ela notou o clima estranho, embora fingisse não ter percebido. — A titia conseguiu o melhor suco de laranja do mundo.

— Oba! — Felipe gritou, levantando para alcançar o seu suco.

—E aqui está a sua água, Charlotte. — Ela me entregou um copo, mas olhou para o irmão em uma

conversa muda. Com um aceno de cabeça ele concordou com algo e eu vi Lana respirar fundo. — Conseguiu o que te pedi?

— Sim. Giovana está com todas as credenciais. Organizamos uma lista. Todo o nosso material de trabalho vai ficar em um depósito próximo do Centro de Convenções, assim fica mais fácil suprir o estoque.

— Você recebeu a sua, Charlotte? — Eu sabia que ela tentava me enrolar.

— Não — colaborei.

— Claro que não. Quem sempre cuidava de tudo para você era Miranda e ela está em lua de mel. Droga! Patrício já devia ter voltado. Eu preciso dele para esta Bienal, não podemos esperar tanto.

— Lana, você está vendo problema demais onde não existe. Este ano até conseguimos um preço melhor para os livros, mesmo com o aumento do valor do papel. Tudo já está organizado, agora é só executar. — Alex agia naturalmente, com a calma e sabedoria de quem já havia feito tal tarefa muitas vezes.

— Executar é o grande problema. Eu vou tentar encontrar a credencial da Charlotte e procurar o Arthur. Lipe, quer passear com a titia? — Era isso. Ela queria nos deixar sozinhos e Alex concordou. Puxei o ar com força, tentando me preparar para o que viria.

— Oba! — Lipe gritou outra vez e correu em direção a porta sendo seguido prontamente pela tia.

Ficamos em silêncio. Alex continuou o seu trabalho, olhando diversos papéis e colocando-os separadamente em três pilhas perfeitamente organizadas. A conversa e cobrança que imaginei vir tão logo fossemos deixados sozinhos não aconteceu. Eu aguardei, a ansiedade já começando a me dominar. Bati o pé inconscientemente, enquanto esfregava meus dedos uns nos outros. Ele continuava ali, imune a mim, sem sequer me dirigir um olhar.

— Vai continuar me ignorando? — Não aguentei. Se me deixar desesperada era o plano dele posso dizer que cumpriu a sua missão com êxito.

Alex suspirou pesadamente, como quem quer tirar um peso das suas costas. Eu. Eu era o peso que ele tentava se livrar. Meu coração acelerou de raiva e medo. Raiva porque aquele babaca deveria passar a vida implorando pelo meu perdão. Ele dormiu com a inimiga, não eu. Ele fez um filho nela. Que ódio! Sim, eu estava com ódio porque estava com medo de que aquele imbecil simplesmente desistisse de mim justamente quando eu decidi que o queria de volta.

Que merda!

— Charlotte... — Ele fechou os olhos e passou a mão na testa. — Me diz o que exatamente você quer que eu faça?

— Com assim?

— Você transou comigo. Foi ótimo! Maravilhoso! Agora você está com Thomas. Ele é o seu noivo. É com ele que você está dormindo. Como quer que eu esteja nesta situação?

— Eu... — Abaixei a cabeça me sentindo confusa e envergonhada. — Thomas não... Ah!

E meu rosto queimou ao entender o motivo do desprezo de Alex. Ele achava que eu e Thomas estávamos transando. Cara, eu podia fazer a dança da chuva. Posso ser injusta, infantil, idiota, o que quer que seja, porém me senti vitoriosa por dentro, mesmo sabendo que o medo de Alex era uma bobagem

Ok! Eu era absurda.

— Olha, Charlotte. — Ele deixou os papéis de lado e passou as duas mãos pelos cabelos. — Eu fui bem claro com você naquele dia lá em casa. Eu disse o que queria, mas não pense que vou ficar como um imbecil esperando que Thomas termine de se divertir com você para ser a minha vez.

Porra!

— Como você é grosso!

— Desculpe, mas essa é a única forma que consigo te dizer o que penso sem que algo se perca em sua cabeça confusa.

— Minha cabeça não é confusa — rebati indignada. — É você que já chega fazendo inúmeras exigências.

Aliás, você nem pode fazer nenhuma exigência. Você...

— Ou você esquece essa história ou nem vamos continuar esta conversa. — Ele me olhou com fúria me calando. Eu queria falar, até tentei, mas fui tão surpreendida que não consegui falar nada. — Nós nos amamos, Charlotte. Eu não tenho dúvidas e você também não. O que aconteceu foi uma merda, infelizmente aconteceu e não tem como voltar atrás. Não existe maneira de voltar no tempo, então, ou vamos superar juntos e fazer dar certo, ou vamos colocar um ponto final de verdade nessa história. Fiquei incontáveis minutos olhando aqueles olhos azuis cheios de expectativas. Meu coração acelerado fazia meus tímpanos latejarem. Minha cabeça doeu.

Por Deus! Eu não tinha dúvida do quanto queria conseguir estar com ele sem os medos ou mágoas. Até arriscaria tentar, recomeçar... sei lá! Um passo de cada vez, um dia após o outro. No entanto Alex queria tudo e de uma vez. Ele queria uma resposta que eu não podia dar sem ter plena certeza de que eu seria capaz de suportar.

Quando dei por mim ele já estava de joelhos na minha frente para que nos olhássemos nos olhos, seu corpo entre as minhas pernas e suas mãos em meu rosto. Recuei assustada.

— Charlotte... — sussurrou muito próximo. Sua voz aveludada era como uma promessa de dias felizes.

— É comigo que você quer ficar. — Seus dedos massageavam minha nuca me fazendo entrar em transe.

— Não com aquele imbecil. Sou eu quem você ama. — Seus lábios roçaram os meus, apenas como uma provocação.

Santo pai, eu queria aquele beijo. Queria poder contar a ele que eu era imatura a ponto de inventar um noivado só porque fiquei com ciúme de Anita. Queria ter a certeza de que iríamos rir e não de que ele me acusaria das piores coisas da face da terra e desistiria de mim por continuar sendo a mesma menina mimada e maluca.

Onde eu estava com a cabeça quando inventei aquela merda? Não era muito mais digno eu dizer que estava solteira por opção? Ou dizer que estava muito bem sozinha? Ou até mesmo tentar ser a moderna e dizer: solteira sim, sozinha nunca.

Eu queria me bater.

— Não suporto imaginar que ele toca você, Charlotte — lamentou, colando a testa na minha. Meu peito doeu e o nó em minha garganta me fez engasgar.

— Então você sabe exatamente como eu me sinto — confessei baixinho, deixando a dor me dominar. Uma lágrima escorreu sem a minha permissão, mas não me importei.

— Não chore — ele implorou. — Eu sei como você se sente e isso me deixa fodido, amor! — Senti seus dedos se fechando em meus cabelos. — Eu estou cansado, Charlotte! — Sua voz ganhou mais vida, mais energia. — Estou cansado de me autoflagelar. De me culpar pelo que aconteceu. Eu quero recomeçar.

Antes de você voltar eu não ousava imaginar a minha vida ao seu lado outra vez, mas agora... depois de ter você me meus braços eu não quero que seja diferente, então vamos nos dar esta chance. Acabe de uma vez com esse relacionamento ridículo e fique comigo.

— Meu Deus, Alex! — suspirei deixando que mais algumas lágrimas caíssem. — Eu não sei como fazer isso — confessei.

— Mas você quer, não é mesmo? — Concordei com a cabeça sem conseguir fazer as palavras saírem. — Então deixa que eu faço todo o resto.

— Alex...

Fui puxada de encontro aos seus lábios e relaxei completamente. Alex me exigiu com firmeza, colando sua boca na minha e selando o nosso acordo com um beijo que roubou de mim todos os pensamentos. Naquele momento eu queria apenas continuar sentindo os seus lábios nos meus e a sua língua atrevida, possessiva e segura de si, que me dizia o quanto ele sentia a minha falta.

E eu queria mais.

Agarrei-me aos seus ombros forçando meu corpo a se moldar ao dele e fui presenteada com um gemido

maravilhoso do meu eterno professor. Senti suas mãos soltarem minha nuca e se apossarem das minhas costas, ajudando no processo de estarmos completamente colados.

Lembranças de momentos nossos naquele escritório povoavam minha mente, brincando com a minha sanidade. Sim, eu lembrava de cada detalhe, de cada palavra. Joguei meu corpo para trás, forçando-o a se projetar sobre mim, inclinado no encosto do sofá. Alex se afastou e eu tentei impedi-lo de parar.

— Eles vão voltar logo — disse com os lábios ainda nos meus.

— Alex! — gemi um protesto. Eu não queria parar. Em outro tempo ele trancaria a porta da sala e não se importava com quem ficasse do lado de fora.

— Temos que parar, Charlotte. — Vi quando ele olhou apreensivo para a porta quando enrosquei minha perna em sua cintura. Mesmo com medo ele não evitou apalpar minha carne e alisar minha pele exposta.

— Ah, menina! — O tesão em suas palavras fez o centro entre as minhas pernas vibrar. — Vamos parar.

— Afastou-se um pouco e me olhou ostentando um sorriso presunçoso. — Você continua a mesma menina fogosa — mordi o lábio e esfreguei meus quadris nos dele. — Não me provoque, Charlotte.

— Você quem me provocou.

— Porque você me enlouquece. — Ele levantou sem me dar chance de persuadi-lo.

— Tranque a porta. — Segurei em sua cintura. Alex sorriu e acariciou meus cabelos para logo em seguida se inclinar e me beijar com devoção.

— Não posso. — Colou os lábios nos meus como se dissesse que era um ponto perdido.

— Vamos para algum lugar. — Segurei sua nuca para que ele não se afastasse.

— Lipe está doente. Não posso me afastar dele. — Fiz muxoxo, e, por mais incrível que pareça, achei que ele estava certo. Era bom não descuidar da criança. — Venha passar a noite comigo. — Tenho certeza que meus olhos esbugalhados já eram uma resposta para ele.

— Na sua casa? — Alex umedeceu o lábio inferior. — Com o Felipe?

— Ele mora lá — disse com ironia. Estreitei os olhos.

— Você não pode estar me chamando para transar em sua casa com o seu filho dormindo sob o mesmo teto, não é mesmo? — Ele riu.

— Primeiro: estou te pedindo para dormir comigo e fazer amor... — ressaltou esta parte —, transar é uma consequência. Segundo: casais com filhos possuem vida sexual. Ou você acha que foi por isso que seus pais não tiveram mais filhos?

— Muito engraçado. — Empurrei-o para me livrar da sua tentativa de me ridicularizar. — E nós não temos filhos. — Desviei o rosto para que ele não pudesse captar a mágoa por mais aquela verdade.

— Ainda. — Olhei para Alex e ele sorria. Não consegui fazer o mesmo. Pelo contrário. Minha cabeça girou e eu senti o ar faltar. — Charlotte? O que foi? Charlotte?

— Nada — respondi tarde demais. O pânico já estava em meu rosto, em minha voz. — Não posso passar a noite na sua casa. — O calor que antes fazia minhas veias arderem cedeu lugar para um frio gélido.

— Não posso passar mais uma noite te imaginado naquele flat com Thomas — ele foi firme. Mais uma exigência.

— Não posso invadir o espaço do Felipe assim, Alex — tentei. — E eu ainda preciso de um tempo.

— Tempo para quê?

— Para mim — eu estava ofegando. — Tempo para organizar a minha cabeça, minha vida. Preciso me acostumar, me adaptar...

— Charlotte, Lipe é meu filho e isso não vai mudar.

— Eu sei. — Olhei fixamente em seus olhos para lhe garantir que naquele momento Lipe era o menor dos meus problemas. — Só não quero fazer nada por impulso.

— Impulso? — Afastou-se indignado. — São três anos separados.

— Por isso mesmo. Eu mudei, você mudou, tudo mudou, Alex! — Levantei me afastando ainda mais. — Vamos com calma desta vez. Vamos ter certeza de estarmos fazendo a coisa certa. Ainda existe muito o

que conversar.

— Você vai me enlouquecer se passar esta noite com ele. — E eu vi em seus olhos que era verdade. Alex não suportaria mais.

— Confie em mim. — Tive vontade de rir, contudo o desespero dentro de mim me impediu de achar qualquer graça naquela situação.

Ele nem imaginava que Thomas dormia no quarto de hóspedes e que nem chegava perto do meu quarto. Meu pai fazia questão de garantir essa parte. Porque sim, eu já fui casada, tive uma vida sexual ativa, o que, na cabeça dele, não me dava o direito de transar quando, onde e com quem eu quisesse.

— Eu confio em você. O problema não é esse.

— E se eu te lembrar que Peter ainda é o mesmo homem do século XVIII? — Alex parou, pensou no que eu disse, sorriu lindamente e coçou a cabeça.

— Eu adoro o seu pai

Alex

— Então vocês estão juntos outra vez?

Olhei para João sentado em meu sofá, bebericando uma cerveja enquanto curtia seu momento de paz, observando as filhas brincando com Lipe um pouco mais afastados. Lana havia dado a ele a missão de cuidar das crianças enquanto ela precisava trabalhar até mais tarde. Minha irmã estava louca com a Bienal.

— Mais ou menos. Ela está insegura demais — suspirei, pensando no quanto seria bom uma cerveja, só que não dava para descuidar quando estava com Lipe.

— Claro que está, porra! Você comeu a Tiffany — ele se encostou no sofá e riu. — Porra, você é um fodido.

— E você, um idiota.

— Por que não conta de uma vez o que aconteceu naquela noite? Você disse que em determinado momento se deu conta que era Tiffany, então você traiu Charlotte realmente, e com intenção. Realmente não sei como ela te perdoou.

— Vá se foder, João! — resmunguei abaixando a voz para Lipe não me ouvir xingando. — Você não faz ideia do quanto foi horrível.

— Ah, Claro! Tão horrível que fez você gozar e ter um filho.

— João, por que você não cala a boca e bebe?

— É sério, Alex. O que aconteceu naquela noite? O que de tão grave aconteceu que se tornou um pesadelo para você, dá para ver na sua cara e eu sei que não é só porque causou a sua separação. Estremeci. Lembrar de como tudo aconteceu acabava comigo. Destruía-me como pessoa, e me fazia um homem sem moral. Eu não queria contar. Era vergonhoso.

— Não quero falar sobre isso.

Levantei e caminhei até as crianças, que riam e faziam bagunça com os bloquinhos de montar. Abaixei e verifiquei a temperatura de Lipe, mesmo tendo consciência que ele não teve febre o dia todo. Era apenas mais uma fuga. João ficou sério, aguardando-me até que eu voltasse para perto dele.

— Ela terminou com Thomas? — Fiz uma careta de desagrado.

— Ainda não. — Ele abriu um sorriso imenso. Filho da puta. — O que foi?

— Então Charlotte ainda pode mudar de ideia. — Tive que me controlar para não mandar meu amigo se foder mais uma vez. — Calma — riu abertamente. — Só estou registrando os pontos. Se Charlotte está insegura, noiva de outro cara, esse jogo ainda não está ganho.

— João você é meu amigo ou não?

— Sou — continuou rindo.

— Então quando vai começar a parte em que você me diz coisas legais e me apoia para ajudar a diminuir a minha insegurança?

— Quando você deixar de ser um filho da puta trouxa. — Fiz muxoxo. Ele tinha conseguido me deixar inseguro. Porra! — Primeiro deixa eu te perguntar uma coisa: se você tivesse encontrado uma garota legal, estivesse em um relacionamento seguro com ela, seu filho gostasse da garota e ela fosse uma mãe para ele, quando Charlotte aparecesse você largaria tudo para ficar com ela?

Respirei fundo. Minha resposta era clara: Sim. Se bem que sabia da minha resposta porque não havia encontrado ninguém para me envolver a este ponto. E se eu estivesse com alguém. E se gostasse da pessoa e ela amasse Lipe como um filho? Não respondi. João levantou um dedo e continuou.

— Charlotte não consegue nem respirar quando está perto do Lipe. — Engoli com dificuldade.

— Ela vai se adaptar — rebati, tentando convencer a mim mesmo.

— Ela fica em pânico, Alex.

— Por causa da situação, mas ela vai se adaptar — repeti e senti minha garganta secar.

— E se não se adaptar?

— João, você sabe que Lipe é a minha prioridade, então por que está fazendo essas perguntas?

— Porque eu quero que você enxergue o que eu enxergo.

— O que? Que eu e Charlotte nos tornamos incompatíveis? Eu não quero acreditar mais nisso.

— Não, idiota. Estou te mostrando que este noivado não existe.

— O quê? Você...

— Você traiu Charlotte. Teve um filho com Tiffany. Passou três anos longe. Onde um relacionamento estável, um noivado, se dissolveria tendo tudo isso contra a sua volta, Alex?

— Ela me ama. — Minha respiração começou a ficar pesada.

— Ama. Veja uma coisa: Charlotte ainda tem mágoa. Ela não consegue encostar no seu filho sem parecer que está tendo um ataque cardíaco. Ela te quer, mas foge. Ela está noiva do cara que esteve com ela nos últimos três anos.

— E daí?

— E daí que se esse noivado fosse real ela não largaria algo bom, saudável, por algo falido.

— Falido? Nós nos amamos! — Ele fez uma careta de deboche.

— Tudo bem. Vamos ver por outro lado: Charlotte se tornou uma celebridade. Existem sites e mais sites que acompanham a vida dela. O tempo todo temos paparazzi querendo uma foto dela. Ontem, por exemplo, um site publicou sobre Charlotte comprando uma água no mercadinho do bairro dela.

— Tá de brincadeira!

— Claro que não. Faz parte da minha função acompanhar as notícias dos nossos autores. Há dois dias um site britânico publicou uma foto dela andando no calçadão com Thomas e se referiu a ele como o seu amigo de infância.

— Ele é amigo de infância dela.

— E se fosse noivo todo o planeta já saberia. — Parei, chocado.

— O noivado é recente. — Tentei me convencer e ele revirou os olhos.

— Eles nunca foram vistos juntos como namorados, como parceiros, ficantes. Nenhuma foto de beijos, nenhuma foto de mãos dadas...

— Charlotte não tem motivos para inventar uma bobagem dessas.

— Claro que tem. Ela é mimada e infantil. Pelo amor de Deus! Estamos falando de Charlotte Middleton, a garota mais imatura com quem você já se relacionou.

— Não fale assim dela — repreendi meu amigo por não ter nenhum argumento contra a teoria da conspiração que ele formulava. — Charlotte não tem motivos para mentir e sustentar a mentira.

— Ela é mulher. — Levantou um dedo enumerando. — Ela está magoada. — Levantou outro dedo. — Mulheres magoadas tendem a ter necessidade de fingir estar bem para o ex-namorado — Levantou o terceiro dedo.

— Você é um idiota, João! Cale a boca e beba a sua cerveja.

Meu amigo riu e se calou. Eu fiquei perdido em pensamentos, tentando me convencer de que não era verdade e que João Pedro tinha enlouquecido de vez. Poderia ser verdade? E se fosse? Eu ficaria feliz? Sim, ficaria. Sem Thomas Charlotte seria apenas minha. Ao mesmo tempo eu me sentiria péssimo por saber que ela mentiu para mim por tanto tempo só para provocar dor e ciúme. Não. Charlotte não seria infantil a tal ponto.

Capítulo 15

“O que mais é o amor? A mais discreta das loucuras, fel que sufoca, doçura que preserva.” William Shakespeare

Charlotte

— Então nós vamos terminar. — Thomas fez biquinho fingindo estar magoado.

Sorri. — Não acredito que você vai mesmo voltar com ele.

— Pois se acostume — brinquei e ouvi a campainha da casa. Logo em seguida

Johnny entrou com cara de poucos amigos.

— O dia está sufocante! E ainda nem acabou. — Largou o paletó, afrouxou a gravata e se jogou no sofá. — E aí, Thomas! — Passou a conversar em inglês quando se deu conta de que nosso amigo não entendia nada o que ele falava. — Charlotte, onde está o seu pai?

— Eu não sei. Pensei que você fosse a mais nova sombra dele. — Johnny mostrou o dedo do meio para mim e Thomas riu.

— Não vou te dizer onde enfiar isso.

— Eu tenho muito lugares onde posso enfiar, amorzinho.

— Claro, Anita parece bem disposta a receber dedadas. — Fiz careta. — Todas as mulheres estão. Pelo visto a sua vida sexual está desatualizada. — Johnny! — Senti o calor tomando conta do meu rosto e descendo pelo meu pescoço. Thomas gargalhou!

— Ah, ela anda frequentando a cama do ex-marido — informou. — Cala a boca, Thomas!

— Deus! Já era hora. — Johnny levantou as mãos para o céu e fez uma reverência. — Vocês são dois imbecis.

— Eu estou com fome — meu amigo anunciou olhando para a sala de jantar. — O almoço já vai sair?

— Aqui não é restaurante, Johnny. — Ele riu, olhando-me com desafio. — E estamos aguardando por...

Outra vez a campainha tocou. Johnny se endireitou no sofá, fazendo-me revirar os olhos. Era ridículo como ele fazia questão de manter uma imagem de homem sério na frente de estranhos. Como se estranhos pudessem subir até o meu apartamento sem antes serem anunciados.

Odete se apressou em abrir a porta, revelando Miranda e Patrício. Eles sorriam como todos os recém-casados deveriam sorrir. Levantei com um pulo e corri para abraçar a minha amiga.

— Pensei que você não voltaria nunca mais — resmunguei enquanto a apertava em meus braços.

Vi Johnny e Thomas se levantarem para recepcionar Patrício, que seguiu na direção deles. Miranda continuou ali, agarrada a mim, como se estar longe fosse a pior coisa que já tinha feito na vida. Comecei a rir.

— Se foi tão ruim assim nem vá para a casa nova. Já pode ficar por aqui mesmo. — Ei! Tá colocando minhocas na cabeça da minha esposa, diabinha? — Patrício se aproximou, tirando Miranda de mim. Ela riu abertamente. — Eu disse que quando Charlotte voltasse você não me amaria com a mesma intensidade. — Fez muxoxo como uma criança. Miranda abraçou o marido e lhe deu um beijo carinhoso. — Eu sempre vou te amar muito, mas Charlotte está bem pertinho de ir embora outra vez e eu já estou sentindo a falta dela. — Patrício fez cara de desânimo e suspirou teatralmente.

— Você agora é uma mulher casada. Não pode mais ter amigas. — Miranda o empurrou, livrando-se do abraço e foi até meus amigos.

— Eu tenho as amigas e os amigos que eu quiser. — Ela cumprimentou Thomas e deu um abraço apertado em Johnny.

— Ele está mesmo acreditando que é você quem está usando a coleira? — Johnny brincou, fazendo Miranda rir.

— Patrício sabe que é ele quem usa. E nem reclama.

— Como é que é? Que história de coleira é essa?

Meu celular começou a tocar. Fui até a mesa e vi aquele número que eu nunca esqueceria. Sim, fui capaz de apagar o contato dele como se fosse o suficiente para tirá-lo do meu coração. A verdade é que aquele número ficou gravado em minha mente e não havia como deletar.

Alex!

Puxei o ar com força. Eu queria atendê-lo, conversar, dizer tudo o que eu havia imaginado como desculpa para justificar o meu rompimento com Thomas, ao mesmo tempo, atendê-lo ali, na frente dos outros, seria assumir um relacionamento que eu não estava preparada para assumir. Não por enquanto. E eu não precisava de vários olhos e ouvidos atentos a minha conversa.

Também não poderia subir para o meu quarto ou me trancar no escritório, afinal de contas Miranda estava de volta e minha amiga não deixaria tal ato passar em branco. Não que eu quisesse esconder o que quer que fosse dela, só não poderia ser ali, na presença do seu marido.

Enquanto eu deliberava se deveria atender ou não, a campainha tocou mais uma vez, ganhando minha atenção e silenciando o celular. Odete já estava outra vez com a mão na maçaneta e deu entrada para o meu pai, que entrou vestindo uma bermuda, camisa polo e tênis.

O quê?

— Padrinho! — Miranda se adiantou, correndo para os seus braços. — Como foi de viagem, minha querida? — Ele beijou o seu rosto e apertou a mão que Patrício estendia.

— Foi maravilhosa! Obrigada pelo presente. — Minha amiga estava toda carinhosa com o meu pai e não fez nenhum questionamento sobre suas roupas informais. — Uma pena ter sido tão curta — meu pai falou e minha amiga me lançou um olhar estranho.

— Charlotte precisa de mim — respondeu baixinho. Peter apenas sorriu e voltou a beijar seu rosto.

— Onde está a minha menina?

— A sua menina vai fazer vinte e cinco anos daqui a alguns dias — esbravejei.

— Posso saber onde estava com essas roupas tão informais? Pensei que seu lema era: o olho do dono é o que engorda o gado — tentei imitar a voz dele e todos riram, fazendo-me corar.

— O gado já está bastante gordo. — Ele foi até onde eu estava. — E Johnny está dando conta do recado.

— Onde o senhor estava? — Cruzei os braços encarando-o. Meu pai abriu um sorriso imenso.

— Na praia — revelou, sabendo que me faria ficar boquiaberta. — Foi maneiro! Tentou imitar a forma como os cariocas falavam. Mais precisamente, a forma como ele acreditava que os cariocas falavam. E para ser ainda mais precisa, era a forma como ele acreditava que cariocas surfistas falavam. Céus! Meu pai estava enlouquecendo.

— Maneiro? Pelo amor de Deus! O senhor usou protetor solar? Não. Posso ver pela sua pele vermelha.

— Usei protetor, repelente, chapéu e observei tudo de dentro de um barzinho climatizado do outro lado do calçadão. E agora estou morrendo de fome. — Pai, está falando sério? O senhor tirou o dia de folga?

— Tirei. Johnny, como estão as coisas? — Meu amigo deu uma risada baixinha e balançou a cabeça.

— Tudo em ordem, padrinho. Já conseguimos fazer os ajustes no contrato com a Complax. Não vamos ter muitos problemas.

— Perfeito! Eu vou só tomar um banho e nós vamos almoçar, combinado? — falou para a sala toda e todo mundo, obviamente, concordou com ele. Meu pai estava estranho. Meu celular voltou a tocar. Estremeci, pois já sabia quem era. Johnny me olhou com curiosidade e eu fiz cara de desinteressada. Se eu tivesse alguma desculpa para sair da sala...

— Charlotte, temos um problema — Miranda se plantou ao meu lado falando baixo para não chamar a atenção de todos os outros.

— O que houve? — Minha mente fértil já imaginava milhares de acontecimentos absurdos e catastróficos.

— Vazou uma foto sua com Thomas. — Esqueci o celular e prestei mais atenção. — Um site britânico publicou que ele era seu amigo de infância, mas outro, americano, conseguiu uma foto onde você está limpando alguma coisa no rosto dele e vocês estão de mãos dadas. O título foi: da infância para a vida adulta? Escritora de eróticos passeia com suposto affair pelas praias do Rio de Janeiro — ela fez um gesto com as mãos, como se estivesse apresentando um título de um filme. — Puta merda! — resmunguei. Poderia ser este o motivo para Alex estar tentando falar comigo?

— Exatamente! Não fique tensa nem se preocupe. Eu sou excelente em administrar conflitos. — Tive que rir.

— Desde quando?

— Desde que você entrou em minha vida — ela riu junto, puxando-me mais para o canto. — Patrício não sabe que é tudo mentira. Eu preciso saber o que vamos declarar no site oficial?

— Caralho! — Comecei a ficar tensa de verdade. — Você acha que meu pai pode estar com alguma namorada?

— Charlotte — ela quase gritou. Olhando para a sala para se certificar de que ninguém nos observava, ela voltou a conversar. — Se concentre porque o problema é real.

— É só não dizer nada.

— Lottie, todo mundo, fora nós da sua família, principalmente Alex e a família dele, acreditam que você está noiva do Thomas.

— E daí? Eu nunca falo nada da minha vida pessoal mesmo.

— E daí que se você quer que Alex realmente acredite, alguma coisa tem que ser dita. Ou a verdade ou a mentira, mas você precisa se manifestar.

— Não posso dizer a verdade — ofeguei.

— Você é uma idiota! Puta que pariu! Se deixarmos eles acreditarem que existe um relacionamento vão se aprofundar no assunto e podem descobrir qualquer coisa que os leve à mentira.

— Se confirmarmos que estamos juntos, Alex vai ficar aborrecido comigo — confessei e Miranda sorriu.

— Se dissermos que vocês são apenas amigos você vai ter que contar a verdade a Alex.

— Por quê? Não podemos dizer que somos apenas bons amigos e deixar Alex acreditar que fizemos isso para não termos a imprensa atrás de minha vida pessoal? — Você já pensou na situação que deixou Thomas?

— O quê?

— Ele vai ser corno até o final da vida, Charlotte! Se procurarem e deduzirem que você voltou para o Brasil e se reaproximou de Alex, não terão piedade do Thomas. Se você contar a verdade para Alex terá mais força para afirmar que só havia amizade mesmo. Inclusive podemos deixar vazar fotos de vocês três. — Não posso. — Comecei a entrar em pânico. — Alex vai me odiar. — Ela sorriu mais abertamente.

— Ele te deu mais motivos para você odiá-lo e isso não aconteceu. Ela brincou, embora fosse a mais pura verdade.

Eu precisava contar a verdade a Alex. Se ele me amasse, entenderia mais aquela criancice.

Alex

Eu estava ligando e ela não atendia, o que fazia com que minha mente e meu coração entrassem em conflito. Era claro que ligar para minha ex-esposa era algo fora da minha atual rotina. Desde que nos separamos nunca havia ligado para ela, mas sabia que seu número continuava o mesmo.

Às vezes eu ficava observando o contato, pensando em como ela reagiria se eu mandasse uma mensagem. Durante meses esta foi a minha maior tentação, até Lipe nascer, Tiffany morrer e eu me ver jogado em um espiral de acontecimentos que me afastaram mais de Charlotte.

Eu realmente acreditei que não havia mais espaço para aquela menina em minha vida. E não deveria existir mesmo. Eu era um homem maduro, com um filho pequeno para criar e sendo a sua única fonte de confiança. Inserir uma menina insegura, mimada, imatura e inconstante em nossas vidas poderia ser um

risco, mas... porra, eu não conseguia mais ficar longe.

Às vezes eu me perguntava o que havia de errado comigo? Como simplesmente me rendia e desabava de amores por uma pessoa tão mais jovem e confusa. Como eu podia amar tanto Charlotte, se sabia que ela era o maior de todos os meus problemas?

E era quando eu pensava nessa confusão de sentimentos que eu entendia que o amor não fazia sentido algum, porque você não escolhe quem vai amar, você simplesmente ama, sem permissão, equilíbrio, harmonia, nada. Você ama e acabou. E o resultado final era um filho da puta babando como um cachorrinho em cima da menininha que sapateava sobre ele.

Uma droga!

Suspirei frustrado. Por que todos os pensamentos coerentes sumiam da minha cabeça quando eu me encontrava em uma situação como aquela? Ansioso como um adolescente, o coração acelerado, dolorido, um sofrimento sem definição somente porque ela não me atendia.

Putá que pariu! Quando foi que me tornei tão inseguro? Eu sabia a resposta. Quando resolvi ter Charlotte de volta. Não havia nenhuma certeza ou segurança em nós dois que pudesse me tranquilizar um pouco. Ela me queria, mas sabia que o peso pela sua escolha poderia ser insustentável e fugir talvez fosse o caminho mais fácil. Eu mesmo fugiria se soubesse como lidar com a sua ausência. Mas eu não podia mais. Charlotte estava impregnada em mim e eu precisava daquela pirralha como precisava do próprio ar. Essa era a minha fodida realidade.

Mais uma vez ela não atendeu. E eu já estava quase em sua porta. Deus do céu, por que eu estava fazendo aquilo? Por que não conseguia agir como pessoas normais e aguardar até ela retornar a ligação e convidá-la para um passeio, um jantar... sei lá, qualquer coisa que me ajudasse a ficar mais tranquilo? Mas não, eu estava ali, dirigindo com medo, rumo à sua casa, ligando desesperadamente e louco para passar com ela os minutos que restavam daquele dia.

Saber que Charlotte estava enfurnada em casa com Thomas, mesmo tendo consciência de que era um almoço oferecido pelo retorno de Miranda e Patrício, deixava-me fodido. Eu queria acreditar nas palavras do João Pedro, no entanto era tudo fantasioso demais, além disso, minha ex-esposa estava realmente mais madura. Não em todas as ocasiões, lógico, isso iria contra a sua própria natureza, e, porra, eu estava sorrindo, pensando em como ela era única sendo tão infantil. Porra, eu não deveria sorrir já que tinha convicção de que esta era a nossa desgraça, no entanto eu sorria e achava que a amava ainda mais por esse detalhe.

Como eu era idiota e cretino!

Parei o carro em frente ao flat e fiquei aguardando. Eu estava ali com um propósito e não queria abandoná-lo. Eu precisava fazer com que Charlotte continuasse sentindo que voltar para mim era o melhor a ser feito e a distância dos últimos dias não estava ajudando em nada.

Se ela não estava atendendo era porque não podia atender, ou não queria, ou precisava manter distância. Não sei. Só tinha certeza de que, qualquer que fosse o seu motivo, mataria-me até o final do dia. Eu não era mais nenhum garotinho para viver aquele pânico.

Foi quando meu celular tocou, fazendo-me pular no banco do carro. Olhei o visor sem acreditar que ela estava retornando a ligação. Devo confessar que meu coração, que já estava acelerado, parecia querer sair do peito. Em segundos eu me vi como aquele adolescente inseguro, que precisava muitas vezes da Aline para conseguir chegar em uma garota e quando ficava sozinho com ela mal sabia o que deveria fazer.

Droga!

Com a mão tremendo e suando, e me amaldiçoando por ter aquela reação, atendi.

— Oi! — Forcei minha voz a não parecer nada mais do que satisfação, no entanto havia alguns tons de cobrança e outros de surpresa que conseguiram escapar estragando o meu disfarce.

— Oi! — Charlotte parecia insegura e falava tão baixinho que me perguntei o que estava atrapalhando?

— Desculpe, eu não vi o celular tocar. — Eu tive certeza de que ela mentia. Charlotte não só tinha visto a ligação como tinha decidido me ignorar. Puxei o ar com força. Eu não queria conversar por telefone.

— Estou aqui embaixo — anunciei e aguardei a sua reação.

— Aqui... você quer dizer... aqui no flat? Na minha casa? — O pânico em sua voz quase me fez desligar o telefone. O que eu estava fazendo?

— Exatamente. Estou aqui. — Ela ficou em silêncio e eu não me atrevi a quebrá-lo, fiquei contando cada maldito segundo que demorou até ela resolver falar outra vez.

— Hum, e você quer... subir? — A forma como hesitou deixou bem claro que essa não era a sua intenção.

— Não. Eu quero que você desça. — Minha raiva crescia à medida que ela demonstrava mais insegurança quanto a minha presença.

Eu poderia dizer para ela esquecer, inventar uma reunião de última hora ou qualquer situação com Lipe. Arrumar uma desculpa perfeita para desistir daquela loucura, ou, ao menos, para me sentir melhor. Mas eu estava com raiva, sentindo-me preterido, inconformado com o pânico dela, então queria confrontá-la, zerar aquela situação e me sentir melhor, ou menos mal.

— Alex, eu estou em um almoço de família — falou um pouco mais baixo.

— Eu vou te levar para almoçar. — E quase me soquei por ser um idiota insistente e inseguro. O que eu estava fazendo?

— O quê? Mas... eu... o que está acontecendo?

— Nada. Eu só quero te ver — continuei emburrado e me odiando a cada palavra.

— Não pode ser depois?

— Não — fui incisivo. Eu sabia que estava sendo tanto quanto ou até mais infantil do que Charlotte, mas saber que ela preferia os outros a estar comigo estava me arrasando. — Desça, Charlotte. — A raiva que eu sentia ficou estampada em minha voz.

— O que eu vou dizer?

— Não me interessa o que você vai dizer — quase gritei. — Você não é uma adolescente, droga! Você é uma mulher independente. Não precisa dar explicações. Se precisar mesmo de uma, diga que vai sair comigo e acabe de uma vez com essa palhaçada. — Percebi quando ela respirou fundo, surpresa com a minha agressividade. — Desculpe! — Passei a mão na testa, tentando recuperar o que restava do meu equilíbrio. — Você pode só descer?

— Por que está tão aborrecido comigo? — Ri sem vontade. Sabia que estava sendo irônico e não conseguia evitar.

— Porque você está há dois dias trancada com o desgraçado do Thomas e eu não tenho nenhuma notícia sua. Como acha que estou me sentindo?

— Eu disse que precisava de um tempo. — Charlotte não parecia brava e sim assustada.

— Um tempo com ele? Um tempo longe de mim? — Ok! Eu estava alcançando todos os índices de infantilidade e insegurança possíveis. Era impossível me controlar.

— Alex, você não está entendendo. Eu... — Ela parou e eu ouvi uma voz masculina, um pouco distante, mas clara para mim. Senti todos os meus músculos enrijecerem. — Certo. Diga a todos que vou em alguns minutos. — A gentileza em sua voz me alertou que ela só podia estar falando com uma pessoa: Thomas. Puta que pariu! Charlotte aguardou mais um pouco e voltou a falar comigo. — Você está me pressionando — disse angustiada.

— Então esqueça. — Liguei o carro, sentindo-me um merda. — Volte para o seu almoço. Eu vou...

— Alex, espere — ela falou rápido, angustiada. Que droga eu estava fazendo?

— Você está ocupada, Charlotte. Na verdade, eu também estou, só não estava conseguindo trabalhar, então... — dei um soco leve no volante para não chamar a sua atenção. — Falo com você depois.

— Espere, por favor! — implorou partindo o meu coração. Não deveria ser assim. Eu não deveria pressioná-la. Se Charlotte quisesse ficar comigo deveria ser pela sua vontade e não pela minha insistência. Que inferno!

— Charlotte, você tem razão. Eu estou te pressionando, então esqueça. Eu não deveria ter vindo.

— Eu vou descer. — Ela parecia angustiada.

— Não. Fique aí. É um almoço em família e eu não deveria ter te ligado. — O pânico começou a ser meu. Estava tão arrependido que doía, não apenas pela reação dela, também por me sentir rebaixado a um nível insuportável.

— Eu quero descer — disse determinada.

— Não, Charlotte! O que vai dizer? Isso vai criar um problema para você.

— Não importa o que vou dizer. Eu já sou uma mulher madura e independente. Posso sair quando e com quem quiser.

— Mas Thomas...

— Nós terminamos. — O alívio que senti não deixou passar despercebido a angústia em sua voz.

— Quando?

— Hoje. Agora. — Parecia que ela mentia por responder tão rapidamente e sem pensar, mesmo assim não pude deixar de me sentir feliz.

Tentei conter o meu entusiasmo. Possivelmente era um momento ruim, ela precisava de apoio. Com certeza estava insegura, questionando se havia feito a coisa certa. Eu me sentia miseravelmente satisfeito, mesmo com a ideia de ela estar triste ou sofrendo. Seria mais fácil cuidar dela do que morrer diariamente imaginando os dois juntos.

— Estou descendo. Me espera? — Eu podia perceber a urgência em sua voz, meu coração martelou em outro ritmo.

— Sempre.

Charlotte

Assim que saí do prédio vi que Vitor me observava. Não me importei. Meu pai estava em minha casa e, junto com todos os demais, não teve reação quando eu informei que precisava sair para resolver um problema. Corri para fora do apartamento antes que qualquer um deles conseguisse me interceptar para fazer perguntas.

Alex estava lá embaixo, sofrendo e desesperado. Eu não podia mais continuar com aquela farsa. Nós dois não merecíamos mais sofrer. Corri para as escadas e desci o mais rápido possível, ficando sem ar quando cheguei a recepção. Tentei erguer a coluna e sair com alguma dignidade, mas foi impossível. Eu puxava o ar como se não existisse mais dele no planeta. Parei dois segundos, arrumei o cabelo, limpei o rosto com as costas da mão e implorei para não ter ficado fedorenta com o meu esforço.

Saí do prédio com o coração disparado. Eu me sentia livre para viver aquele amor outra vez e estava ansiosa para começar, agora da forma certa. Um passo de cada vez. Este era mais um ponto a ser discutido com o meu ex-marido, que parecia ter urgência em me levar de volta para a sua casa. Era importante conversar e estabelecer limites.

Alex estava do lado de fora do carro, as mãos no bolso e andando de um lado para o outro com os olhos baixos. A angústia me dominou. Eu estava com saudade. Não apenas saudade dele, mas de me sentir parte

daquele homem incrível, de poder abraçá-lo e beijá-lo sem me preocupar com quem estaria olhando.

Quando nossos olhos se encontraram foi como se um turbilhão de emoções tomasse conta de mim. Ele sorriu. Aquele sorriso perfeito e que me fazia ofegar. Deus! Eu amava aquele homem com tanta intensidade que doía.

Tiffany tentou e quase conseguiu. Ela fez com que as bases enfraquecessem, com que as beiradas esfriassem, mas o que sentíamos era muito maior que isso tudo e, quando o tempo fez o seu trabalho de esfriar os sentimentos, acalmar os ânimos e nos fazer pensar no assunto, tudo voltou, e com mais força.

Parecia estranho, mas era como se eu precisasse passar por toda aquela dor para entender como me sentia em relação a Alex. E ele precisou de Tiffany para compreender os seus limites. Analisando de uma forma mais profunda, ele também precisou dela para completar a sua vida e, mesmo doendo, eu entendia a sua importância.

Não consegui descer todos os degraus que me separavam dele, então pulei em seus braços. Ele riu me segurando com força. Eu sabia que poderia pular. Sempre poderia me jogar de qualquer altura. Alex estaria lá para me amparar, me abraçar e não me deixar cair. E então compreendi que a confiança nunca acabou, apenas ficou adormecida.

— Alex — gemi saudosa.

Ele passou a mão em meu rosto, decorando minhas feições. Seus dedos longos contornaram meus lábios que se abriram esperando pelo beijo. Então ele se inclinou e me beijou. Ali, na frente do meu prédio, sem se importar com nada nem ninguém.

E foi como se não tivéssemos nos beijado durante todos aqueles anos. Como se os nossos corpos não tivessem se encontrado, porque a emoção que eu sentia, a satisfação e a certeza me faziam sentir como se fosse a primeira vez.

Seus lábios macios acariciavam os meus, a língua brincava em minha boca, com calma e cuidado, um leve valsar, mas com toda a segurança de um dançarino profissional, que desenvolvia os passos sem nenhuma pretensão, sem deixar de encantar e emocionar, pois dançava com a alma.

As mãos passeavam lentamente pelo meu corpo, sem muita intimidade, afinal de contas, estávamos em público. Mas eu podia sentir a pressão dos seus dedos em minhas costas e nuca, como se quisessem garantir que dali eu nunca mais escaparia.

O fato de não podermos agir como necessitávamos não impediu Alex de ficar excitado. Eu sentia a sua ereção em meus quadris e ele me puxava para mais perto quando suas mãos chegavam em minha cintura, como se quisesse me fazer perceber o seu estado.

Minhas mãos alisavam seus braços, sentindo os músculos se enrijecerem à medida que aprofundávamos o beijo, e às vezes seguiam para seus cabelos, sentindo os fios entre os dedos e prendendo-os ali com força. Quando desfizemos o beijo, estávamos sem ar. Alex encostou a testa na minha e sorriu.

— Preciso te tirar daqui. — A voz rouca era uma promessa.

Sem me deixar responder ele abriu a porta do carro, dando-me passagem. Eu fui, porque não havia outro

lugar que eu quisesse estar que não fosse com ele. Alex entrou logo em seguida, puxou-me para um beijo rápido, deu partida e logo saiu da minha rua.

Não olhei para trás nem por um segundo. Preferi que fosse assim. Não dava para ficar olhando para o passado o tempo todo. Queria o momento, aquele momento, qualquer coisa ao lado do Alex.

— Para onde vamos? — Ele sorriu sem graça.

— Não sei. — Coçou a cabeça e a apoiou com o braço no vidro da janela. — Na verdade, não existia um plano. Eu queria apenas te ver. — Olhou rápido para mim e voltou a sua atenção ao trânsito. — Desesperadamente — completou e eu tive que suspirar.

— Você disse que me levaria para almoçar — provoqueei.

— Falei. — Com a atenção na rua, ele apenas sorriu.

— E então?

— Você está com fome?

— É hora do almoço — continuei fingindo não saber o que ele pretendia. Alex umedeceu o lábio inferior.

— Tem algum lugar que gostaria de ir?

— Hum! Sugestões?

— Poderíamos almoçar lá em casa — ele sugeriu inocentemente, enquanto sua mão foi para o meu joelho. Eu poderia ficar excitada, se não estivesse realmente em pânico.

— Na sua casa?

— Sim. Temos muitas coisas para conversar. — Seus dedos alisaram a parte interna da minha coxa.

— Muitas coisas? — Eu sabia que estava sendo ridícula repetindo tudo o que ele falava, só não estava preparada para o que seria o nosso retorno. Engoli com dificuldade. — Alex... pare o carro.

— O quê?

— Eu não quero ir para a sua casa. Por favor, pare o carro. — Ele jogou o carro para a direita e encostou. O ar pesou nos meus pulmões quando meu ex-marido virou para me encarar.

— É por causa do Lipe, não é? — Engoli com dificuldade.

— Por muitos motivos. — Minha voz falhou um pouco. Eu precisava ser honesta com Alex se quisesse que daquela vez o relacionamento funcionasse de verdade.

— Quais?

— Primeiro: sim, o Lipe é um deles. Não podemos simplesmente chegar lá e nos trancarmos no quarto. Não é justo com a criança. — Vi em seu rosto a vergonha por ter ignorado tal fato. — Segundo: eu ainda preciso de um tempo antes de me enfiar em sua casa para conviver com seu filho como se nada tivesse acontecido.

— Charlotte...

— Eu preciso deste tempo, Alex — fui incisiva.

Não dava para simplesmente engolir tudo e entrar naquele relacionamento com o pé na porta. Não. Era bom que cada passo fosse analisado, estudado e decidido sem a urgência de antigamente.

— Lipe tem uma vida com você, uma rotina, e eu não faço parte dela. Não vai adiantar simplesmente querer fazer isso acontecer, portanto vamos com calma.

— Tudo bem, Charlotte. — Vi sinceridade em seu olhar, então resolvi continuar.

— Também não sei se quero me acostumar com Anita cruzando comigo o tempo todo. — Ele não me interrompeu, mas eu pude ver que o assunto não lhe agradava. — Ela foi uma boa amiga para você, se é que podemos dizer que depois de tudo o que ela nos fez pode-se aceitar qualquer que seja o sinal de amizade vindo dela, mas você a vê assim, então... — Dei de ombros.

Deixar claro que eu não toleraria Anita também era um ponto importante. Ele não podia iniciar o relacionamento comigo acreditando que algum dia em minha vida eu aceitaria aquela mulher em minha

vida, então deixei claro que aquilo nunca aconteceria. Ele que tentasse arrumar uma forma de fazer funcionar.

— Anita me ajuda com Lipe. — Ele soltou o ar e passou a mão nos cabelos. — É mais por ela do que por mim. Quando Tiffany morreu ela foi o que restou de família próxima para o meu filho. A família de Tiffany só queria saber da herança e o depoimento de Anita foi fundamental para a decisão do juiz quanto a guarda do Lipe. E ela o ama, Charlotte. Lipe também ama a madrinha dele, é uma relação que eu aceitei por saber ser importante para o meu filho. Ele não teve mãe.

— Muitas crianças não têm mãe — rebati sem me deixar apiedar por aquele fato.

Eu sabia que Anita era capaz de qualquer coisa para conseguir o que queria. Cuidar de uma criança era apenas uma forma de se divertir enquanto aguardava por ele.

— Tudo bem, mas vai ser impossível você não conviver com ela, ou com o Lipe. Se vamos ficar juntos temos que alinhar a nossa realidade.

— Eu disse que não quero conviver com Anita e não com o seu filho. — Ele parou surpreso, respirou fundo, com os olhos arregalados e apenas concordou com a cabeça. — O terceiro ponto: eu quero... preciso, que comecemos devagar. — Indiquei nós dois para que não restasse, dúvidas do que falávamos.

— Como assim devagar? Vamos ser ficantes?

— Podemos ser ficantes. Vai ser divertido. — Ele fez uma cara de frustração.

— Não vai ser divertido — rebateu sem paciência.

— Namorados, Alex. Vamos seguir tudo como manda o figurino desta vez. Nada de pressa, nada de segredos e definitivamente, nada de exigências ou casamento apressado. — Ele encostou no banco e encarou a rua.

— Você fala como se tivéssemos cometido um erro.

— E cometemos. — Alex fechou os olhos e seus lábios formaram uma linha fina. — Não me arrependo de nada, mas você tem que concordar que pulamos muitas etapas e acabamos metendo os pés pelas mãos o tempo todo. Nós falimos o nosso casamento. — Ele mordeu o lábio inferior e não falou nada. — Vamos bem devagar desta vez.

— Tudo bem. É o que você precisa então eu vou respeitar, só não sei como faremos, Charlotte.

— Será exatamente como tem que ser. Vamos namorar, conversar longas horas ao telefone, dar amassos no sofá quando ninguém estiver olhando...

— Porra! — ele resmungou baixinho. — E você não vai dormir comigo todos os dias, não vai na minha casa quando Lipe ou Anita estiverem por lá, vai querer um tempo sem contar a ninguém... Como eu vou conseguir fazer que você passe de esposa para namorada?

— É melhor do que esposa para ex-esposa. Ou ex-esposa para nada — provoquei irritada. Alex não conseguia enxergar que aquele era o caminho mais seguro para nós dois. Havia tanto ainda a ser dito. Por que ele não compreendia? — Ele piscou surpreso e me encarou.

— Namorados então, Charlotte. Mas não vamos namorar escondido.

— Alex...

— Essa é a minha condição. Eu acatei tudo o que você decidiu até agora. Não vou, a esta altura da minha vida, namorar escondido quando todos sabem que nós dois queremos ficar juntos.

— Tudo bem — concordei emburrada. Não era o que eu pretendia. Namoro já era um compromisso e eu queria algo que me ajudasse a acostumar com a ideia. — Mas vai ser um namoro iniciante.

— O que diabos é um namoro iniciante? — esbravejou sem paciência.

— Um namoro sem muitas concessões.

— O quê?

— Não vou dormir em sua casa sempre que você quiser. Só quando for inevitável. Também não vamos bagunçar nossas vidas com as nossas profissões. Cada um segue o seu rumo.

— Nós dois trabalhamos para a mesma editora.

— Em posições diferentes. Você não vai ser o meu agente, nem vai se meter com os meus livros, nem vai...

Ele se atirou sobre mim, segurando meu rosto e me puxando para um beijo forte. Ferozmente abriu meus lábios e forçou a entrada da sua língua. Cedi deliciada, sentindo meu corpo inteiro relaxar.

— Pare de fazer exigências — implorou, roçando os lábios nos meus. — Deixe acontecer e pronto.

— Mas...

— Só deixe, amor. Eu sei que você está assustada e que tudo isso é só porque quer mesmo que dê certo, então não torne mais difícil do que já é. Nós vamos devagar, eu prometo.

— Ok — sussurrei.

— Ótimo! Posso fazer amor com você agora?

— Por favor — sorri, sentindo seus lábios nos meus outra vez.

Céus! Como eu pude perder tanto tempo fazendo exigências quando o que eu mais queria era aquilo, seus lábios, seus braços, seu corpo e o seu amor. Essa combinação me deixava completa.

Alex deixou de me beijar e sem dizer nada, ligou o carro e voltou ao trânsito.

— Para onde vamos?

— Não podemos ir para a sua casa. Não podemos ir para a minha — ele sorriu como uma criança travessa. — Só nos resta uma única opção.

— Ah é? Qual?

— Um motel.

Ai. Meu. Deus!

Capítulo 16

“Correndo o risco do fracasso, das decepções, das desilusões, mas nunca deixando de buscar o amor. Quem não desistir da busca, vencerá.” William Shakespeare

Charlotte

Passei mais uma vez as mãos na barra do meu vestido. Eu estava suada e nervosa. Tudo bem que no auge dos meus vinte e quatro anos, depois de ter sido casada e divorciada, entrar em um motel deveria ser algo normal. Não era mesmo. Uma única vez fui a um e lembro muito bem dos meus medos.

Se naquela época eu não era famosa, não era perseguida pelos paparazzi, e já tinha medo da exposição, imagine em uma situação delicada como a minha, quando várias pessoas estavam parando para acompanhar a minha visita ao Brasil, o meu suposto romance com meu amigo de infância e, ou, retorno com Alex.

Deus! Eu preferia morrer a ser fotografada entrando em um motel com meu ex-marido. Aliás, eu preferia morrer a ser fotografada entrando no motel com qualquer outra pessoa também. Que merda! Eu precisava de um pouco de privacidade, de espaço para poder transar em paz com o homem que eu amava.

Mas eu sabia que não teria. Eu era uma autora muito criticada pelos que se diziam conhecedores da literatura, mas para o azar deles, era a queridinha dos leitores, e não apenas no Brasil, meus livros ganharam o mundo, tornando-me uma celebridade. Era estranho pensar assim. Pensar que a minha vida pessoal era interessante para algumas pessoas, a ponto de ser perseguida pelos desocupados de plantão.

Respirei fundo, tentando me acalmar. Eu queria ser forte e madura. Levantar a cabeça e deixar claro que

eu poderia entrar no motel com quem eu bem entendesse e que a minha vida sexual não era da conta de ninguém. Contudo a verdade era que eu era uma garota infantil e covarde o suficiente para virar o rosto para o lado, fingindo procurar a minha carteira de identidade, deixando o cabelo esconder meu rosto para não ser reconhecida.

De cabeça baixa entreguei o documento a Alex e fingi coçar meu pé enquanto ele não fechava o vidro e tirava o carro de lá. Ouvi seu riso irônico e meu rosto ferveu de vergonha. Pelo visto, para Alex, eu sempre seria a garota imatura.

Soltei o ar dos pulmões quando finalmente entramos na garagem e os portões fecharam atrás de mim. Ouvi o seu risinho outra vez. Um desaforo. Ele brincava comigo. Ergui o queixo e puxei o espelho do carro para conferir minha aparência, constatando que eu estava cada vez mais vermelha.

Alex não saiu do carro. Ele ficou me olhando, aguardando eu fingir tudo o que podia para esquecer o constrangimento de entrar em um motel e ainda por cima ser surpreendida. Eu estava orgulhosa de mim. Consegui, mesmo me escondendo, chegar até o final, sem precisar apelar para o desespero.

— Não tem ninguém aqui que possa ter ver, Charlotte — ele disse encostado no banco do carro.

— Graças a Deus! — Ele riu mais uma vez.

— Você fica linda quando está nervosa e tenta disfarçar. — Olhei pelo espelho e o vi me observando. Alex estava calmo, seus olhos em mim, e estes expressavam puro amor. Relaxei imediatamente.

— Não gosto de me sentir exposta — confessei.

— Eu nunca deixaria isso acontecer — ele acariciou meu rosto com a ponta dos dedos. — Mas sei que parte do seu nervosismo é por medo de ser vista comigo também, não é?

Fiquei surpresa. Tentei falar e não consegui encontrar palavras. Eu queria dizer que não, porque em parte era verdade. Negar seria continuar em um relacionamento baseado em mentiras e esta não era a minha proposta. Havia muitos fatores que me impediam de andar mais rápido do que o necessário naquele relacionamento, um deles era a parte de ter que me explicar sobre a minha decisão.

— Não quero ter que ficar arrumando desculpas para justificar a nossa volta. — Ele arqueou a sobrancelha. — Não quero dar satisfações a ninguém além do necessário.

— E a quem seria necessário? — Ele continuou me observando com cuidado. Dei de ombros.

— Meu pai, seus pais...

— Apenas um comunicado, Charlotte. Eles só precisam saber — sorri e me senti ainda mais sem graça.

— Eu não queria que as pessoas me olhassem de forma estranha.

— Estranha como?

— Piedade.

— Piedade? Por que as pessoas teriam piedade de você?

— Porque eu fui traída, e mesmo demorando três anos para te encarar, voltei com você. — Alex sentiu o peso daquela decisão naquele momento.

— Só os mais próximos sabem desta história. — Sua voz diminuiu um tom.

— São eles mesmo que vão me olhar assim, Alex. Por que você acha que eu nunca mais voltei? Por que acha que preferi ficar longe dos meus amigos? — Ele me analisou e nada disse. — Porque todos eles sentiam pena de mim. — Alex fechou os olhos com raiva.

— Droga!

— Todos eles demonstraram sentimentos diversos: raiva, confusão, dúvida, indignação, mas todos eles eram em relação a você. Para mim era apenas pena. Quando Lana me encontrou no aeroporto naquele dia, eu estava tão perdida, sentia uma dor dilacerante e só pensava em ficar longe o máximo possível. Foi

quando ela me encontrou que eu soube que deveria sumir. A forma como Lana me olhou foi a mesma de todos os que foram me encontrando após o acontecimento. Não sei se todos achavam que sentir pena de mim me faria mais forte, se te culpar e maldizer facilitaria a minha superação. A verdade era que eu tinha muita vergonha daqueles olhares. Eles me diziam que eu nunca, em hipótese alguma, deveria voltar a te ver e isso me doía mais do que a própria traição.

— Deus, Charlotte! — Ele segurou em minha mão. — O que eu posso dizer além de me perdoe? O que eu posso fazer para tirar esse peso das suas costas?

— Nada, Alex. Eu só queria poder fazer isso como estou fazendo aqui. Com a certeza de que foi a minha decisão e que apenas eu sei o que é melhor para mim. Infelizmente sei que não vai ser assim. Sei que apesar de todos brincarem que já sabiam, que já era hora e tudo mais, eu sempre serei a esposa traída, a coitada, quando eu quero só me sentir feliz com a minha decisão. As notícias vão chegar, eles vão comentar à nossa volta, vão querer saber o que houve, querer informações e provavelmente vão descobrir a verdade, e quando, acontecer eu quero me sentir bem para dizer que perdoar não é um ato de fraqueza e sim de coragem. Que eu precisei ser muito corajosa para admitir para mim mesma que não dava mais para ficar longe e também para reconhecer a minha parcela de culpa nos acontecimentos. Eu tenho medo de como isso vai repercutir, porém tenho certeza de que vai acontecer e acabar, não para os mais próximos, para eles essa história nunca vai ser esquecida.

Ele pegou minha mão e levou aos lábios beijando-a com pesar. Meu coração ficou triste imediatamente. Era para estarmos festejando e não conversando sobre aquilo. Puxei minha mão e levei a dele encostando-as em meu coração.

— Não vai doer para sempre. — Ele sorriu um pouco, amenizando o clima. — E nós vamos conseguir superar.

— É por isso que você está querendo ir com calma? Porque sente vergonha em admitir que está comigo?

— Não tenho vergonha. Tenho medo de como vai ser para mim. Eu escolheria você outra vez, quantas vezes forem necessárias. — Desta vez vi um sorriso real em seu rosto. Levantei a outra mão e acariciei sua barba de um dia. — Eu amo você, Alex — sussurrei emocionada as palavras e ele foi pego de surpresa, piscando e ficando sem fala. Sorri. — Já que não tem ninguém olhando, podemos entrar? Alex riu e me puxou para um beijo apaixonado.

Alex

Com o coração aos pulos eu me deixei levar pela emoção. Charlotte tinha revelado como se sentia em relação à nossa volta como namorados e foi angustiante para mim. Era tão injusto que a sociedade justificasse a traição de um homem e condenasse quando a mulher perdoava. Ela tinha razão. Minha ex-esposa seria sempre a idiota que perdoou o marido e ainda o ajudou a criar o filho fruto da traição.

Encontrar o equilíbrio perfeito daquela equação seria algo árduo. Eram três pontas que não se encaixavam, embora precisassem ficar juntas. Era desesperador pensar assim.

No entanto, não posso deixar de frisar o quanto Charlotte me surpreendia. No momento em que pensei que ela desabaria, que se perderia em seus receios, ela era quem me acalmava e me passava confiança. Foi ela quem coordenou a conversa e deu sentido ao nosso dia, porque eu já estava afogando em mágoas.

Ela venceu as barreiras e me levou junto e naquele momento estava me beijando deliciosamente, deixando claro que não queria perder tempo com mais lamentações.

E eu amava aquela mulher! Desesperadamente.

Sentados na cama. Meus sapatos no chão, os dela em algum lugar entre a garagem e o quarto, eu

encostado na cabeceira da cama e ela sentada sobre mim, o corpo colado ao meu, à minha disposição, coberto apenas por um vestido leve e curto. Os cabelos recém-lavados e soltos desciam em meu rosto deixando o aroma agradável do seu shampoo, e seus lábios nos meus matando uma fome impossível de ser saciada.

A luz fraca do ambiente fazia sua pele brilhar, dando-lhe a semelhança de um anjo. O meu anjo particular. A cama confortável não afundava com o nosso peso, mas contrabalanceava deixando-nos mais à vontade. A música baixa e sensual cumpria sua função, envolvendo-nos em seu som. Tudo ali contribuía para que o clima ficasse perfeito. Eu podia ouvir o som da cachoeira artificial que ficava no outro ambiente, o que me deixava relaxado e confiante.

Charlotte, por sua vez, não teve a mesma curiosidade do nosso primeiro encontro em um lugar como aquele. A ideia de apartamento, de um lar mais moderno e sofisticado, que escondia segredos e satisfazia desejos, fez com que logo ela esquecesse que estávamos em um motel. Para dizer a verdade, eu também me sentia melhor naquele estabelecimento do que em qualquer outro, justamente porque ele deixava tudo mais familiar.

Foi impossível não lembrar e agradecer mentalmente a Winnie, uma garota que conheci certa noite, e que foi mais conselheira do que amante, por ter me apresentado ao motel em questão. Sem saber ela me ajudou a quebrar mais aquela velha opinião e perceber que com uma nova roupagem tudo pode ficar mais interessante. E serviu para Charlotte também, que estava incrivelmente relaxada e entregue. Porém este detalhe jamais poderia ser revelado a minha ex-esposa. Ela não se conformaria.

Tentei ir com calma, seguir um script em que Charlotte tivesse tempo para se adaptar a mim. Pensei que ela precisaria se sentir bem, confortável e segura em meus braços para que, só depois disso, quisesse transar, mas aconteceu o contrário do que eu imaginava.

Charlotte estava quente, de todas as formas possíveis. Sua pele fervia, seus beijos me excitavam, seus toques eram urgentes, seus quadris se movimentavam lentamente e com força, causando um atrito delicioso entre os nossos sexos. E por falar em nossos sexos, eu sentia a quentura do dela ultrapassando a calcinha fina e o meu jeans grosso.

Eu estava a ponto de jogá-la naquele colchão e possuí-la sem me importar com mais nenhum detalhe. Mas ela agia e assim me dominava completamente, tornando-me escravo das suas vontades. Eu fingia ser forte, ser o dono da situação, quando, na verdade, apenas correspondia a tudo o que ela, sem palavras, exigia-me.

Ela passou as mãos em meus braços, tirando-os do seu corpo. Não entendi, mas obedeci prontamente, principalmente porque sua língua provocava a minha boca como se fosse o seu próprio sexo, sugando-me para dentro. Com um gemido estimulante, ela levantou meus braços até a cabeceira e rebolou em meu pau.

Eu pude sentir seus espasmos começando pelas suas coxas nuas presas às minhas. Fiquei louco. Charlotte estava chegando ao limite e eu nem havia tirado a sua roupa, nem tocado seus pontos sensíveis, só permiti que ela brincasse um pouco comigo.

— Charlotte! — Tentei chamá-la para a realidade, antes que ela passasse do ponto e tivesse um orgasmo sem a minha colaboração. Ela me calou com sua boca quente e seu rebolado ousado.

Deus, eu realmente senti muita falta de sexo com Charlotte Middleton. Com nenhuma outra mulher sequer chegou perto do que é com ela. No início era um meio desesperado de esquecer a falta que sentia dela, depois passou a ser somente uma maneira de satisfazer minha necessidade física. Nunca era com qualquer uma, também não precisava de muito para ser escolhida, bastava que não me lembrasse Charlotte em nada, e que estivesse disposta a me deixar em paz no dia seguinte.

Por isso, estar ali, naquele momento, com Charlotte em meus braços, sentindo-a minha, apenas minha, nada mais me importava. Doía ainda pensar nela com outra pessoa, como certamente doeria nela quando, e se, descobrisse como passei esses três anos longe dela. Da mesma forma que ainda doía pensar em

como tudo aconteceu, nos segredos que eu teria que guardar pelo resto da vida, por vergonha e por medo de que ela fugisse novamente.

Eu não queria pensar em mais nada. E me forçava a me concentrar em viver aquele momento, o primeiro de muitos que ainda viveríamos depois de realmente entendermos que não deveríamos mais ficar separados. Minha vida voltava ao seu eixo. Voltava. Era importante ressaltar para que eu não me perdesse no caminho com cobranças ou falsas esperanças.

Ainda tínhamos um longo caminho a percorrer, muito o que conversar e decidir. Lipe era a parte mais importante e demandaria tempo e paciência.

Então, ali, aquele momento, eu pensaria somente em Charlotte, no seu corpo, na sua entrega e em minhas mãos garantindo que ela não fosse embora. Charlotte se afastou, suspirou e abriu os olhos. Linda! Ela me encarou como se não soubesse o que fazer dali em diante. Uma inocência tão verdadeira em seu rosto corado que me fez quase acreditar em sua pureza, se não tivesse eu sido o detentor dela.

— Você é linda! — Minha admiração era clara em minha voz. Eu a idolatrava!

Ela sorriu, corando um pouco mais, só o suficiente para ressaltar as pintinhas em seu rosto. Eu queria beijar cada uma delas. Charlotte soltou minhas mãos, mas não me atrevi a envolver o seu corpo. Fiquei observando-a arquear a coluna e me olhar do alto.

— Tire a roupa para mim. — Eu sabia que meu pedido seria como fogo em um corpo regado por combustível. Charlotte era essa pessoa que corava envergonhada, mas nunca recuava diante de um pedido meu.

Ela abaixou os olhos, mordeu o lábio inferior, contendo um sorrisinho que dizia tantas coisas ao mesmo tempo e, sem esperar que eu pedisse outra vez ou agisse em seu lugar, roçou as unhas pelas coxas roliças e deliciosas até encontrar a barra do vestido e, lentamente, o puxou para cima.

Assisti admirado a revelação dos seus quadris expondo uma calcinha inocente, com um delicado lacinho na borda, rosinha e simples, mas que naquele corpo fez o meu ferver. Depois sua cintura fina, o umbigo bem feito, a barriga que correspondia ao seu corpo, sem nenhum tipo de definição que indicasse horas de malhação, mas que aos meus olhos era o cenário da perfeição.

E então ela subiu o vestido revelando seios livres, pequenos, rijos. Os bicos rosados eram exatamente como eu me lembrava, delicados e ao mesmo tempo tentadores. Um espetáculo à parte. Algo que realmente merecia minutos da minha atenção, ou quem sabe, horas.

Subi os olhos e encontrei os dela me olhando com atenção. Havia uma expectativa travessa naquele rosto angelical. Charlotte sabia que mexia comigo, que me enlouquecia ao ponto de me dominar sem esforço, mas ela não agia, ficou estática, aguardando que eu tomasse a iniciativa, que a dominasse e ensinasse o que fazer. E eu a amava por isso também.

Afastando-me da cabeceira da cama, alinhando nossos corpos e mantendo meus olhos nos dela, aguardei alguns segundos, então abaixei a cabeça e levei meus lábios aos seus seios.

Com uma mão envolvi um seio, acariciando a ponta sem muita pressão; com a boca, tomei o outro, sentindo o bico em minha língua ganhar o formato que eu tanto adorava. Ela gemeu, o corpo ficando mole, seu quadril se acomodou em meu pau e eu, ansioso para conter a minha necessidade dela, gemi em sua pele, rolando a língua com mais vontade.

Segurei sua coluna com uma mão, puxando-a para mais perto. Eu a queria colada em mim e perto nunca era o bastante. Nunca seria. Charlotte continuava rebolando suavemente em meu colo, correspondendo às chupadas que eu dava em seu seio. Ela gemia e se movimentava como uma gatinha manhosa, deixando-me em êxtase.

Porra, eu era um cara experiente, já havia transado com muitas mulheres, porém, quando Charlotte se entregava, quando permitia que seu corpo a guiasse, quando aceitava as minhas vontades, eu me sentia um menino afoito, inexperiente e deslumbrado pela colega de sala.

Ela passou a mão por dentro da minha camisa, sua palma quente em minha pele nua, suas unhas afiadas

brincando com minhas terminações nervosas. Fechei os dentes em seu seio, ela arqueou as costas oferecendo-me mais. Corri minhas mãos para dentro da sua calcinha, acariciando sua bunda firme e redonda, acompanhando seus movimentos sensuais.

Forçando minha camisa para cima, levantei os braços para facilitar a sua retirada e logo Charlotte estava com os seios colados em meu peitoral, pele com pele, os lábios urgentes implorando por atenção. Eu não suportava mais. Precisava dela como ela precisava de mim e unir nossos corpos era a nossa forma de nos sentirmos completos, únicos e pertencentes um ao outro.

Deixando a pressa me guiar desafivelei meu cinto, abri minha calça e tentei forçá-la para baixo. Charlotte enfiou a mão por dentro da minha cueca e segurou o meu pau. Gemi alto e deliciado. Ela também gemeu e jogou o rosto para trás, permitindo-se sentir o prazer de me ter em suas mãos.

Cacete! Eu amava a mão pequena e delicada da minha ex-esposa manipulando o meu pau. Enquanto ela se mantinha ali, apalpei sua bunda, mordi seus seios, pescoço, ombros e devorei sua boca seguindo o ritmo da masturbação deliciosa.

— Alex — ela gemeu baixinho, ganhando minha atenção. Busquei seus olhos percebendo o seu transe. — Preciso de você — implorou com a voz rouca e sensual.

— Agora? — provoquei. Ela concordou com a cabeça. Enfiando a mão por trás da sua calcinha levei-a até a região que dividia as duas áreas e puxei para o lado. — Me ponha dentro de você — ordenei, sentindo a sua umidade em meus dedos. Eu podia sentir o calor que emanava do seu sexo e estava louco para enfiar meu dedo em seu interior só para confirmar se ela latejava.

Charlotte levantou um pouco enquanto eu ajeitava sua calcinha para liberar espaço para mim. Com a mão quente e habilidosa ela tirou meu pau de dentro da cueca, correndo a mão para espalhar meu pré-goço, gemi ansioso. Eu realmente perdia o foco quando estava com aquela menina. Ela brincou com meu pau, atenta, observando o seu trabalho.

— Dentro de você, linda! — Quase implorei, beijando seu pescoço, incapaz de tomar o controle da situação.

Ela gemeu me masturbando mais uma vez para logo em seguida me guiar para a sua entrada. Segurei firme com uma mão em sua bunda e com a outra mantive a calcinha afastada. A cabeça sensível do meu pau tocou sua entrada úmida e quente e eu tive que segurar o ar nos pulmões. A sensação era única, extasiante.

Apesar de desesperado para me enterrar nela, eu queria prolongar cada segundo, continuar sentindo a sua quentura, a prévia deliciosa do que seria quando eu finalmente estivesse totalmente dentro dela, o instante que precedia a promessa de luxúria que seria o juntar dos nossos corpos.

Charlotte me colocou em sua fenda e rebolou roçando meu pau em sua carne, uma provocação que me fez arfar. Eu estava tão sensível que poderia gozar na primeira investida, mas não queria que fosse assim. Puxei Charlotte para baixo, deixando clara a minha vontade. Ela me olhou e sorriu. Caralho! Foi um sorriso carnal, cheio de malícia, ousado e que me deixou louco.

Ela, lentamente, desceu os quadris sobre o meu pau. Sua carne abrindo passagem e meu sexo ganhando espaço. As paredes tensas e quentes se adaptando a mim. Ela parava, subia um pouco e descia, sentindo-me em todas as suas terminações nervosas. Minha boca semiaberta deixava o ar escapar aos poucos, meus olhos vidrados entregavam o nível da minha excitação.

Seus quadris se projetaram, permitindo que meu pau se encaixasse com mais firmeza. Ela tremeu um pouco, a carne vibrando, cada vez mais molhada. Concentrei-me em manter a calma. Eu estava em meu limite. Larguei a calcinha, ciente de que com meu pau dentro de Charlotte ela não mais atrapalharia. Com as duas mãos livres me apossei do corpo delicioso da minha eterna aluna, puxando-o para baixo e impedindo-a de brincar comigo.

Charlotte relaxou e gemeu alto. Os seios empinados em minha direção. Segurei sua nuca e reforcei a posição com a outra mão na base da sua coluna e abocanhei um dos seios enquanto a forçava a descer

mais, recebendo-me com mais profundamente.

Foi delicioso!

Eu queria fodê-la em um ritmo mais forte, enquanto devorava seus seios maravilhosos e me aventurava em sua bunda, ao mesmo tempo, queria que cada coisa acontecesse no seu tempo, devagar, dando-me a chance de sentir cada movimento, de ter consciência de cada toque.

Com as mãos em meus ombros, Charlotte se forçava para cima, lutando de maneira provocante contra as minhas investidas. Esforçando-me levantei meu quadril para que ela não conseguisse escapar da penetração e o ar escapando dos seus lábios me indicava o quanto ela também estava gostando.

— Alex!

Corri meus dentes em sua pele clara, vendo que a minha barba por fazer, meus dedos afoitos e minha boca sedenta deixavam marcas em seu busto. Ela gemia alto o que me incentivava a continuar.

Sem conseguir mais me conter, puxei Charlotte para baixo, enterrando-me completamente dentro dela. Meu pau latejou e senti meus braços tremerem. Respirei com força implorando por equilíbrio enquanto minha carne sensível saboreava a dela pulsar, latejar, pronta para o seu primeiro orgasmo.

Eu sabia que se Charlotte gozasse eu não conseguiria me conter, então parei, segurando-a no lugar, respirando com dificuldade, sem poder ao menos tocá-la, sem me atrever a encostar meus lábios em sua pele suada, pois eu tinha certeza que o mínimo movimento nos derrotaria. Ela manteve-se quieta, aguardando o meu comando. Os olhos antes fechados se abriram buscando nos meus a segurança necessária para continuar.

Sem que precisássemos trocar qualquer palavra, minhas mãos fizeram menos pressão e ela começou a se movimentar devagar, testando nossos corpos e nossa capacidade. Não duraria muito, eu tinha certeza, embora quisesse me iludir acreditando que poderia prolongar.

Não consegui me mover. Eu estava muito sensível, então mantive meus olhos em Charlotte, vendo-a subir e descer em meu pau, lutando também contra o seu prazer, para que ele não saísse do controle e explodisse levando-me junto.

Ela levantou a mão e tocou meu rosto, sem interromper seu movimento monitorado e constante, em seus olhos havia apenas devoção. Um amor que eu mantinha na lembrança e apenas lá. Um sentimento do qual acreditei não mais ser digno, mas que estava ali, transbordando, verdadeiro e inabalável. Perdi completamente a guerra contra meu corpo quando ela me beijou de leve e disse:

— Eu te amo, Alex!

O ar fugiu dos meus pulmões. Agarrei-me a ela, a loucura tomando conta de mim, a luxúria me invadindo, deliciado demais com o prazer quase carnal que aquelas palavras me proporcionaram. Eu amava Charlotte e a amava de corpo inteiro, de alma, com desejo, tesão, de maneira irracional, um amor que me dominava e consumia.

Estávamos tão colados que poderíamos ser um só. O ritmo perdeu a graciosidade, tornando-se mais animal. Nossas respirações se misturavam enquanto nos movíamos como se não houvesse nunca a satisfação. Ela me forçava para dentro, querendo sempre mais, eu me enfiava nela sem me preocupar com o seu limite, minhas mãos estavam em todo o seu corpo ao mesmo tempo, nossos gemidos se misturavam, nossos lábios se colidiam e as línguas se buscavam em um desejo ardente.

Com meu pau todo dentro dela foi possível sentir o latejar do orgasmo antes mesmo que ela gemesse anunciando-o. Meus olhos perderam o foco, sentindo a cabeça sensível do meu pau se aquecer com a deliciosa sensação do prazer da minha sempre esposa. Vibrei e me contorci quando meu próprio prazer chegou me dominando e eu jorrei dentro dela sem me preocupar com mais nada.

Confesso que uma parcela mínima da minha mente lembrou que não estávamos nos preservando, não usamos camisinhas e, mesmo Charlotte afirmando que ainda usava anticoncepcional, nada disso apagava a vida que tivemos nos três anos que passamos separados. Tudo isso foi esquecido no momento em que meu último espasmo escapou pelos meus lábios colados aos dela e seu corpo amoleceu em meus braços.

Qualquer outra preocupação teria que aguardar a sua hora e o seu momento, embora eu deva admitir que engravidar Charlotte completaria a minha vida e me faria acreditar na felicidade plena outra vez.

Charlotte

Estávamos deitados, nus, virados de frente um para o outro, separados por centímetros. Nossas mãos tocavam nossos corpos em carícias suaves. Alex sorria relaxado, às vezes suspirava e fechava os olhos como se fosse dormir, para logo em seguida voltar a me tocar e beijar. Eu nunca me cansaria disso. Ele acariciou meu rosto, contornando meus lábios com o polegar. Fechei os olhos

— No que está pensando? — perguntei, sentindo minha voz rouca e minha garganta arranhar. Uma garrafinha com água cairia bem.

— Em muitas coisas. — Seus dedos deslizaram até meu pescoço, brincou em meus ombros e desceu até minha cintura nua, arrepiando minha pele. — Em como você é linda — ele continuou, a voz hipnotizante, suave e macia como a sua carícia. — Em como senti falta desta intimidade. — Sorri sentindo seus dedos em meus quadris e me deitei tentando escapar. — E... — ele hesitou e eu tive que olhá-lo para saber o que o havia impedido de falar. Alex encarava a minha barriga. Um calafrio se apossou da minha coluna. — No quanto você ficaria linda grávida. — Minha boca secou e meu estômago doeu.

— Grávida? — Minha voz esganiçada me entregava. Girei o corpo, ficando deitada de bruços, escondendo meu rosto.

— A ideia te apavora? Não quer construir uma família comigo?

— Pensei que tivéssemos acordado que iríamos devagar. — Lutei contra as lágrimas e a respiração acelerada.

— São somente planos, Charlotte — Sua mão quente correu minha cintura. — A ideia te apavora tanto assim?

— Pensei que Lipe fosse experiência demais para você. — Ele beijou minhas costas e se colou em mim.

— Lipe foi e é uma experiência maravilhosa e eu não me importaria de repeti-la. Desta vez da forma correta, com a mulher que eu amo. — Solucei sem conseguir evitar. — Charlotte? — Ele me virou sem muito esforço. Escondi meu rosto envergonhada pela minha reação. — Charlotte, o que foi?

Não consegui responder. Era coisa demais. Mal eu havia começado a pensar em como fazer a minha vida funcionar ao lado do filho dele e Alex já programava novos filhos, como se fosse algo possível de viver.

— Lipe ainda te apavora tanto assim? — De olhos fechados e covardemente confirmei o que ele disse.

Não era o certo a ser feito, mas era o que eu podia fazer no momento. Ele beijou minha testa e tirou minha mão do seu rosto. — Nós vamos conseguir, Charlotte.

— E se não conseguirmos? Como podemos fazer planos se nem sabemos se isso vai funcionar?

— Vai funcionar — rebateu com veemência.

— E se...

— Eu vou te ajudar. Dê uma chance ao Lipe, ele é uma criança incrível! Um menino lindo! — Meus olhos ficaram ainda mais marejados e as lágrimas desceram livremente. Eu não entendia, como poderia? — Não chore mais. Droga! Não era para ser assim.

Joguei-me em seus braços me agarrando a ele. Enterrei meu rosto em seu pescoço sentindo suas mãos me acalentarem. Eu me sentia tão injusta e traidora que me desesperava. Por que simplesmente não falava?

Por que não era sincera com o homem que eu amava? Eu não sabia. A ideia me apavorava, porque eu sabia que a verdade confirmaria o que eu temia: eu nunca seria a mulher que Alex sonhava.

— Fique calma, amor! — Respirei fundo me obrigando a aceitar a calma que ele me pedia para ter. Não era justo que nosso retorno fosse sofrido e doloroso.

— Acho que preciso de um banho. — Limpei o rosto, forçando as lágrimas a recuarem. Ele sorriu.

— Você sempre acha que precisa de um banho.

— É uma fuga — admiti.

— Eu sei — ele confessou, arrumando meu cabelo que caía no rosto e grudava devido às lágrimas. — Não fuja de mim. — Havia tanto naquele pedido. Era a sua maneira de me pedir para ser honesta, para lhe dizer o que realmente acontecia comigo.

— Não vou fugir — prometi e sabia que era uma promessa verdadeira. — Mas preciso resolver meus problemas sozinha, Alex. Preciso amadurecer com eles e não ficar aguardando que as pessoas resolvam tudo para mim. — Alex ficou calado, olhando-me como se esperasse mais. — Eu sou tão infantil! — Ele riu — Como você vai fazer para lidar com duas crianças?

— Vai ser um problema. — Sua voz admitia que ele falava apenas para me acalmar. — Nada que uma boa psicóloga não possa resolver. — Ri.

Alex se aproximou um pouco mais e beijou meus lábios com doçura. Suas mãos não foram atrevidas, ele me tocou, deixando que as pontas dos dedos fizessem círculos em minha pele, brincando aqui e ali até que atingisse meus pontos sensíveis.

— Acho que precisamos daquele banho. — Sua voz rouca quebrou o clima entre um beijo e outro.

— Nós sempre precisamos daquele banho — brinquei.

— É uma fuga. — Ele entrou no clima. — Devo ressaltar que é uma deliciosa fuga.

— Nada que algumas horas em uma banheira com você não resolva.

— Algumas horas? — Ele riu me desafiando.

— Pode ser quase uma hora?

— Pode ser o tempo que você quiser, Charlotte.

E Alex se deitou sobre mim, fazendo-me esquecer todos os meus problemas. Imediatamente me senti mais segura e confiante. Todo e qualquer medo ficaria para depois, quando ele não estivesse mais comigo, quando apenas eu pudesse viver a realidade.

— Antes. — Ele se afastou me arrancando do meu devaneio.

Alex sentou sobre o meu quadril sem liberar o seu peso. Seu corpo nu e excitado era uma bela visão. Ele pegou a minha mão direita, segurando diretamente a aliança que um dia foi da minha mãe. Meu sangue gelou. Céus! Como eu poderia conviver com tantos problemas em um único dia?

— Vamos nos livrar disso?

— Alex...

— Você não é mais noiva dele, Charlotte. Não tem sentido algum continuar com esta aliança, que, por sinal, é ridícula.

— O quê?

— É antiga. Bem típico de um inglês idiota como o Thomas. Ninguém que te conhecesse de verdade a deixaria usar uma aliança como esta.

— Mas... Alex...

— É sério, Charlotte! Você realmente gosta desta aliança?

— Claro que sim! Ela...

— Deve ter pertencido a avó dele. — Ele tentou retirá-la e eu puxei minha mão com força.

— Qual é o problema?

— Não vou tirar a aliança — revidei decidida.

— Claro que vai, vocês terminaram. — Ele me olhou com desconfiança. — Terminaram? — Por um segundo achei que não conseguiria respirar.

— Terminamos. — Minha voz vacilou.

— Charlotte?

— Terminamos. Claro que terminamos — tentei parecer mais confiante.

— Então tire esta aliança ridícula. — Alex já estava perdendo a paciência.

— Não fale assim da minha aliança!
— É a aliança ridícula que aquele babaca te deu. — Ele já não era mais aquele homem lindo que me acalmava há poucos minutos.
— Ela não é ridícula!
— Não é nem ouro, Charlotte! E esta pedra? O que é mesmo?
— Foi o que ele pôde comprar. — Fiquei irritada e tentei levantar. Ele me segurou pelos ombros me encarando.
— Thomas tem dinheiro suficiente para fazer melhor do que isso.
— O quê? — Pisquei voltando a entender sobre o que falávamos. Porra! Era a hora da verdade ou não seria nunca mais.
— Você está confusa. — Alex levantou, deixando-me livre.
— Peter comprou esta aliança quando precisou pedir minha mão em casamento antes de seguir com o exército. — Ele parou me encarando. — Meu pai não tinha dinheiro, mas conseguiu juntar a grana tomando empréstimos com cinco amigos, porque ele se apaixonou e queria garantir a minha mão que nem o exército o manteria longe dela e esta aliança foi tudo o que ele conseguiu comprar.
Alex ficou parado, nu, olhando-me sem expressar nenhuma opinião. Eu aguardei pelo seu ataque, pelas suas palavras duras, mas elas não vieram. Ele apenas continuou me olhando, aguardando.
— Era da minha mãe — continuei com a certeza de que agora eu precisava ir até o fim. — Eu nunca fui noiva do Thomas. Inventei esta história porque pensei que você e Anita estavam juntos e fiquei com ciúmes, então inventei, mas não pensei direito, não foi um plano arquitetado, eu apenas falei e quando vi já estava envolvida com a situação e...
— João, filho de uma puta! — ele resmungou.
— Alex?
Sem dizer mais nada meu ex-marido voltou para a cama e me tomou em seus braços.

Capítulo 17

“Nenhuma dor poderá superar a alegria que um só instante me dá ao lado dela.” William Shakespeare
Alex

Eu estava puto da vida com a mentira e com o tanto que sofri, quase enlouquecendo, imaginando-a nos braços de Thomas. Charlotte era tão infantil que chegava a ser inacreditável, e eu era um idiota que não conseguia simplesmente deixar de desejar aquela menina.

Também tenho que ser completamente sincero e admitir que foi um alívio. Eu sou um cafajeste, um cretino de carteirinha e um machista dos infernos. Essa seria a definição que João Pedro usaria se eu confessasse em voz alta o que penso sobre esta mentira. A verdade é que saber que Charlotte não teve nada com Thomas me deixava muito mais feliz do que viver com a ideia de que ela havia transado com outro homem.

Eu sei que é um absurdo pensar assim. Charlotte é adulta, é uma mulher linda e tinha todo direito de continuar a sua vida sexual, mas... porra! Eu enlouqueço só de pensar. É assim que me sinto e pronto. Não posso ficar fingindo ser outra coisa quando a verdade é esta.

Nunca cobraria essa postura dela. Eu mesmo não passei três anos remoendo a sua falta. Transei com quantas mulheres eu quis e com as que eu não quis também, em uma tentativa de esquecer e seguir em frente, ou, como aconteceu muitas vezes, para esquecer o problema que Tiffany era em minha vida

enquanto estava grávida e me cobrando cada vez mais. Foi enlouquecedor.

E seria muito mais quando Charlotte descobrisse como eu segui em frente. Puta que pariu! Mais e mais problemas o tempo todo.

Parei o carro em frente à casa dela, porém, como havia feito durante todo o trajeto, continuei em silêncio. Nós transamos depois da sua confissão. Eu estava extasiado com a mistura de alívio e raiva, e minha cabeça confusa apenas me dizia que ela era minha e que eu deveria fazê-la perceber que era assim.

Depois eu comecei a me fechar e, mesmo sabendo que ela ficaria péssima com isso, não consegui mais conversar, ficando apenas com meus pensamentos e remoendo aquilo tudo.

— Você ainda está muito aborrecido? — Sua voz insegura me indicava que era hora de superar. Eu não queria ficar amargurando aquela história. Sustentar uma discussão logo no nosso primeiro dia juntos era arriscar demais.

— Eu vou superar. — Olhei minha... o que ela era minha mesmo? Eram tantas coisas para resolver ainda que seria desperdício de tempo continuar pensando naquela mentira. — Tem certeza que não quer passar a noite comigo? — Ela desviou o olhar e eu suspirei. Eu ainda precisava encontrar uma forma de fazer Charlotte se adaptar ao Lipe.

— Um passo de cada vez — disse a meia-voz. Peguei seu rosto fazendo-a me olhar.

— Namorados dormem juntos — brinquei para aliviar a tensão. Eu não queria pressioná-la.

— Eu sei. Hoje ainda não.

— Tudo bem — suspirei derrotado. Mesmo sabendo que aquele noivado era uma farsa não era nada confortável saber que Thomas estaria na casa dela. — Quando ele vai embora? — Não consegui esconder a minha insatisfação.

— Amanhã. — Charlotte estava tão insegura que me comovia.

— Então amanhã eu venho conversar com Peter.

— Conversar? Sobre o quê?

— Charlotte, nós não podemos reatar o relacionamento sem eu ter esta conversa com o seu pai. É minha obrigação...

— Eu não sou nenhuma criança, Alex. Não preciso que meu pai aprove as minhas decisões.

— Não é uma questão de aprovar, é apenas respeito.

— Pode deixar que eu conto a ele. — Ela ficou na defensiva, implicando comigo.

— Eu quero conversar com o seu pai.

— Eu não sou mais criança — rebateu com determinação.

— Charlotte... — Puxei o ar com força pensando em como convencê-la. — A questão não é você ser uma criança ou não. Seu pai se tornou um grande amigo. Ele me ajudou quando eu precisei e eu me sinto na obrigação de ter esta conversa. Não se trata de você e sim de mim. Não posso e não quero fazer isso passando por cima do Peter, então vou conversar com ele você querendo ou não. — Ela estreitou os olhos me encarando.

Eu sabia que não era prudente desafiá-la. Não naquele momento, mas não podia deixar que Charlotte fizesse do jeito dela. A implicância dela com o pai e a sua necessidade de desafiá-lo não poderiam ultrapassar as minhas barreiras. Uma coisa era ela ser mimada e desafiar o pai em tudo, outra era eu simplesmente desrespeitá-lo, sabendo o quanto ele prezava o que eu pretendia fazer.

No entanto já havíamos tido problemas demais para um dia só, e levando-se em consideração que era o nosso primeiro dia oficialmente juntos, não convinha arrumar mais problemas, fazendo com que aquela volta fosse tão carregada e pesada que não suportaríamos o seu peso.

— Amor... — Acaricieei o seu rosto e me aproximei. Vi quando Charlotte me encarou, seu semblante se modificando. Seus olhos vidrados nos meus pareciam hipnotizados e eu amava o efeito que tinha sobre ela. — Não é o que acontece com os namorados? A garota não fica ansiosa para apresentar o namorado à

família? — Não sei.

Sua voz fraca e seus olhos ainda presos aos meus me fizeram continuar. — Não está ansiosa para me apresentar a todos?

— Eles já te conhecem. — Ela ficou confusa e eu tive vontade de rir. — Não como seu namorado.

— Nós já fomos casados, Alex. — Suspirei derrotado.

— Tudo bem. Então não vai ter problema algum se eu te levar para passar esta noite comigo, afinal de contas, já fomos casados e todos sabem que transamos.

— Alex!

— Você disse que queria fazer do jeito certo desta vez, então deixe-me fazer da maneira que acredito ser correta. — Ela perdeu os argumentos. Durante poucos segundos imaginei que Charlotte seria capaz de rebater, rapidamente percebi que ela não conseguiria nada melhor do que o meu argumento. — Amanhã à noite. Quer agendar com ele ou eu faço isso? — Vi minha ex-aluna-esposa engolir com dificuldade.

— Eu faço — confirmou com a voz fraca. — Mas será uma conversa a três.

— Como você quiser — sorri feliz por ter conseguido convencê-la.

— E não pense que vou fazer o mesmo com os seus pais. Conte para eles se quiser, eu não vou ficar me justificando para todos e...

Puxei Charlotte para um beijo, impedindo-a de continuar reclamando ou impondo condições para que aquele relacionamento desse certo. Eu a amava, tinha aceitado ser o seu namorado, ansiava pelo dia em que ela finalmente voltaria para a nossa casa, e agora tinha livre acesso a sua vida, sem precisar me preocupar com Thomas ou qualquer outro concorrente. Charlotte era minha. Sempre minha.

Quando as coisas começaram a esquentar eu parei o beijo. Era importante que ela sentisse os malefícios de vivermos em casas separadas. Foi impossível conter o sorriso triunfante que se abriu em meus lábios ao vê-la vermelha e arfante. Eu poderia puxá-la para o meu colo e fodê-la sem piedade ali mesmo, obviamente não o faria. Charlotte teria muito no que pensar depois de ter se recusado a passar a noite comigo.

— Vejo você amanhã. — Despedi-me com beijos leves em seus lábios enquanto ela tentava aprofundar o contato.

— Falta muito para amanhã. — Sorri ainda mais.

— Então venha passar a noite comigo. — Ela mordeu o lábio inferior. Eu sabia que chegou a ponderar, como também sabia que ela não cederia. — Boa noite, Charlotte!

— Boa noite, Alex!

Ela desceu do carro com os olhos baixos, de tempos em tempos se voltava para mim e sorria, como uma menina traquina, que conhecia muito bem o seu corpo e as suas necessidades e que, naquele momento, ela teria um grande trabalho para contê-las.

Charlotte

— É oficial, agora? — Thomas se debruçou sobre a varanda.

— Oficial mesmo será quando ele conversar com o meu pai — resmunguei, olhando para o céu. — Está uma noite linda.

— Cheia de estrelas, como as nossas noites na Inglaterra. — Ele se encostou colando o braço ao meu. — Você tem certeza de que é isso mesmo que quer?

— Você sabe que sim — recriminei-o e ele riu.

— Eu só queria conferir se alguma coisa mudou.

— Você deveria perder as esperanças — brinquei, apesar de ele saber que era a mais pura verdade.

— E deixar de tentar fisgar o melhor partido de toda a Inglaterra? Jamais! Seria a maior fusão que já tivemos.

— Eu não sou um produto, Thomas. Não sou as empresas do meu pai. Se o seu objetivo era esse, deveria ter se interessado pelo Johnny. — Ele riu alto.

— Alguém falou o meu nome?

Olhamos para trás e vimos meu amigo arrumado como se fosse curtir a noite. A roupa informal, o sorriso de dentes brancos e brilhantes em seu rosto moreno o deixava ainda mais bonito, e o perfume caro complementava suas roupas de grifes famosas. Ele era o imã para as garotas das baladas que frequentava.

— Olha só quem está de folga hoje — Thomas brincou. — Peter foi dormir mais cedo, fez uma viagem de urgência e esqueceu de te avisar ou o quê?

— Engraçadinho! Hoje todos os mortais merecem uma cerveja gelada, uma batida perfeita e uma gostosa para fechar a noite com chave de ouro. Vamos nessa? — Thomas olhou para mim e depois para ele, em dúvida sobre o que deveria fazer. — Esse será o melhor marketing para vocês dois. A ideia não é mostrar que são amigos? Então? Se você ficar com alguma garota na festa, logo todos vão ter certeza desta amizade.

— Não é uma má ideia — Thomas disse me olhando.

— É uma péssima ideia — rebati, já me sentindo encurralada por aqueles dois pares de olhos. — Não vou para a balada com vocês dois. — Johnny cruzou os braços e Thomas fez cara de cachorrinho pidão.

— Nem pensar! — Meu amigo respirou fundo e me analisou de cima para baixo. — Merda! Se alguma coisa der errado eu vou culpar os dois pelo resto da minha vida.

— Você tem cinco minutos — Johnny gritou quando eu disparei escada acima. Eu estava animada para uma noite entre amigos. Seria a primeira onde eu não precisaria fingir a felicidade desde que me separei de Alex.

— Quinze — gritei de volta já eufórica.

*** — Você está onde? — gritei para o celular tentando conversar com Miranda. Estávamos em uma boate, algumas mulheres dançavam em gaiolas e eu achei

tudo bastante ultrapassado, embora conveniente. No bar com bastante neon as pessoas se aglomeravam em busca de algo para aplacar a sua sede. Eu, encostada no corrimão do segundo piso, observava a multidão na pista de dança, divertindo-me com a tentativa de Thomas de acompanhar a forma sensual e diferente que os brasileiros tinham de dançar, e ouvia os berros de Miranda por ter saído sem avisá-la. E ainda estar de livre e espontânea vontade, servindo de modelo para os paparazzi de plantão.

Peguei uma bebida amarela que o garçom levava para cima e ele apenas registrou em minha pulseira, encolhi-me em um canto para ouvir melhor.

— Eles me obrigaram. É a última noite do Thomas no Brasil — gritei para que ela me ouvisse. — O que você faz na casa do Alex?

Só aquela informação já me deixava tensa demais. Eu não tinha dito nada sobre sair para uma noitada com os meus amigos e sabia que estava errada, só não queria mais um problema para aquele dia. Em minha cabeça, conversar no dia seguinte causaria menos estrago, pelo visto este não era o plano de Deus e àquela altura meu namorado já sabia o que eu estava aprontando.

Era tudo uma merda mesmo!

Ouvi uma risada alta, que logo identifiquei como sendo de Patrício e em seguida minha amiga reclamando com ele.

— Você está com problemas — ela disse e eu não soube se era para mim ou para o seu marido. — Eu nunca vi uma pessoa gostar tanto de ter problemas. — E desta vez eu soube que era para mim. — Já estamos indo.

— Espera! Miranda? Indo para onde? — Ela não respondeu e eu fiquei olhando para a tela do celular

querendo acreditar que ela não havia dito aquilo.

Meu coração acelerou, minhas mãos ficaram suadas e minhas pernas fraquejaram. Respirei fundo e com dificuldade sem saber o que fazer. Eu podia simplesmente ir embora e não esperar pela fúria do meu namorado. E ele com certeza estaria furioso, com razão, afinal de contas se eu soubesse que ele estava em alguma balada com Anita nem sei o que seria capaz de fazer.

Ao mesmo tempo eu me enchia de coragem para continuar lá aguardando por eles, assim Alex veria que Thomas estava se empenhando em ficar com o máximo de garotas possível, que Johnny o seguia de perto enquanto eu apenas assistia de camarote os meus amigos se divertiam.

Pelo menos assim ele teria mais um motivo para confiar em mim sem precisar perder a cabeça todas as vezes que Thomas ficasse por perto. Eu poderia acreditar nisso, e eu realmente queria, se não soubesse que Alex, apesar de toda experiência e idade, se tornava insano quando sentia ciúme.

Preferi abandonar o drink, o primeiro da noite, e pegar uma garrafinha de água. Aliviaria a minha barra. Os rapazes acenaram da pista de dança e eu tentei sorrir, mas estava tensa demais para fingir. Droga! O que Alex faria? E Lipe? O que ele faria com o filho para sair tão tarde?

Anita. Só podia ser. Ele pediria ajuda a Anita para cuidar do filho. Senti o sangue ferver. Que merda! Anita em sua casa, à noite, cuidando do seu filho e aguardando meu namorado voltar para completar o quadro de família feliz. Sem perceber, amassei a garrafinha em minha mão.

Eu queria que caminhássemos aos poucos, que curtíssemos cada dia como namorados e que os passos que exigiam mais de nós dois fossem dados com maturidade, seguindo o tempo correto para acontecer, porém, quando eu pensava em Anita tinha vontade de pular todas as etapas e voltar a morar com Alex, assim eu conseguiria limitar o espaço daquela sabotadora de casamentos.

Não sei dizer quanto tempo fiquei no mesmo lugar, encarando a pista de dança sem nada enxergar, ponderando todos os acontecimentos, exercitando minha paciência e inventando milhares de diálogos em minha mente que pudessem convencer Alex de que não havia com o que se preocupar. Não sei quanto tempo passou desde que Miranda desligou o telefone, mas minha atenção foi roubada pela presença da minha amiga e seu marido caminhando pela boate de mãos dadas. Eles formavam um lindo casal, era impossível negar. Onde estava Alex?

Meus olhos varreram o local. Primeiro tentei refazer os passos dos outros dois, para me certificar de que ele vinha logo atrás. Depois, apavorada, procurei por Johnny e Thomas e vi que Alex também não estava lá, matando os meus amigos. Então meus olhos começaram a procurar por ele em todos os locais e não encontraram nada, nem um resquício da sua presença. Nada.

— O que faz aqui sozinha?

Miranda se aproximou me puxando para seus braços. Patrício, logo atrás, colocou as mãos nos bolsos, estreitou os olhos e soletrou, sem som, a palavra diaba. Sem que minha amiga percebesse, levantei o dedo do meio para ele, que riu da minha atitude.

— Você sabe que não gosto muito de ficar em lugares cheios, dançando piora tudo. — Continuei procurando por Alex e cada segundo que passava me deixava mais tensa.

— Então por que veio?

— Porque fui forçada. — Tomei um gole da minha água para acalmar meu corpo que já estava desesperado. — E Alex? Eu pensei...

— Ele ficou com Lipe. — Foi Patrício quem falou e eu percebi de imediato a sua acusação. — Ele não quis deixar o filho para vir caçar a namorada maluca que apronta sempre que ele vira as costas.

— Patrício, por que você não vai...

— Anita estava indo para lá, parece que alguns estudantes ocuparam a UERJ, e ela queria contar ao Alex como tudo aconteceu e você sabe como ela é... mesmo assim ele preferiu ficar com Lipe. — Miranda me interrompeu evitando o pior. Patrício sorriu, provocando-me com a ideia de Alex e Anita na mesma casa. Patrício era um imbecil que não merecia a minha atenção, no entanto não havia como negar que ele tinha

mesmo conseguido mexer comigo. Eu estava furiosa.

— E vocês, vieram tomar conta de mim? — provoquei irritada. Ele riu sem nenhum pudor.

— Nós viemos curtir a noite, diaba! — Miranda riu do apelido que o marido utilizava para me provocar. Minha cabeça fervilhava. Eu estava ali sem vontade alguma de ficar. Johnny e Thomas nem estavam preocupados com a minha presença. Miranda e Patrício ficariam curtindo a noite deles enquanto Alex estaria em casa com Anita fazendo Deus sabe o quê. Era demais para mim.

— Já volto — informei com o plano todo em minha cabeça.

— Aonde vai? — Miranda me segurou pelo braço. Sorri como se não estivesse aprontando nada.

— Preciso fazer xixi. — Patrício segurou a esposa pela cintura, puxando-a para mais perto. Era a minha chance. — Volto logo.

Miranda me soltou e eu desci o mais rápido possível. Tinha certeza de que os rapazes não perceberiam meu sumiço até a hora de cada um seguir o seu rumo, e com a minha amiga eu resolveria com uma mensagem quando já estivesse no caminho.

Eu precisava agir ou ficaria maluca.

Alex

Eu não conseguia parar de pensar em Charlotte naquela boate com Thomas e Johnny e sabe Deus mais quantos garotos ansiosos para colocar as mãos nela. Quando Patrício fez questão de me contar onde minha namorada estava, achando muito engraçado o fato de voltarmos a ser apenas namorados, eu pensei que minha mente teria um surto.

Então Lipe me chamou, já vestido com o seu pijama, um lápis de cera na mão e um desenho na outra. O bico em sua boca deixava o quadro ainda mais encantador. Eu não poderia enlouquecer porque havia o Lipe, e ele era a minha vida.

Respirei fundo e tomei um gole do meu suco de morango enquanto observava Miranda, nervosa, tentar disfarçar ao telefone. Eu não iria atrás de Charlotte. Ela tinha que ter maturidade para assumir todos os seus atos e eu não podia surtar todas as vezes que minha namorada resolvesse aprontar alguma coisa.

— Nós deveríamos ir para lá — Patrício falou alto demais, para que a esposa ouvisse. Eu nada disse, apenas observei Miranda ficar nervosa e virar de costas para esconder a conversa de mim.

— Anita está vindo para cá — anunciei baixo. Não queria que Charlotte recebesse aquela informação como se fosse uma vingança pelo que ela havia feito. — Parece que ocuparam a UERJ. Um protesto dos estudantes e eu teria uma aula importante amanhã.

— Mais um motivo para ir atrás daquela diaba. — Ele fez cara de bravo. Encostei no balcão e observei o desenho que meu filho fazia sentado em meu colo.

— Diaba — Lipe repetiu fazendo cara de mau. Olhei feio para o meu irmão que riu alto mais uma vez.

— Anita pode ficar com Lipe. Vamos, Alex! Vai ser divertido. — Olhei mais uma vez para Miranda, que me olhou enviesado e desligou o telefone. — Já estou ansioso para pegar Charlotte no flagra. — Ela fez uma careta para o marido e me olhou sem graça.

— Ela só está acompanhando Johnny e Thomas. Thomas vai embora amanhã — falou como se estivesse justificando a atitude da amiga.

Eu não queria pensar em suas justificativas, apenas me corroía pelo fato de ela ter se recusado a passar a noite comigo, mas ter saído com aqueles dois. Charlotte queria namorar e isso incluía uma vida cheia de

liberdades que eu não estava muito afim de viver.

— Charlotte é maior de idade. Ela sabe o que faz. — Minha paciência estava no limite.

— Alex precisa esperar Anita chegar — Patrício anunciou.

— Eu não vou. Preciso mesmo conversar com Anita, e Charlotte não precisa que eu fique no pé dela. — Tentei me convencer. Miranda trocou um olhar estranho com o meu irmão.

— Então acho melhor irmos logo antes que Charlotte fique bêbada e comece a tirar a roupa — riu alto e Miranda lhe deu um soco no ombro. — Porra, Miranda — esbravejou. — Você bate forte.

— Você ainda não viu nada. — Ela o encarou desafiando-o. — Vamos — ordenou e eu vi meu irmão obedecer como um cordeirinho. Tive vontade de rir, mas não o fiz, até porque eu estava tenso demais.

— Eu ligo para avisar como ela está — Patrício avisou, passando a mão no ombro.

— Tchau, Lipe! — Miranda ficou amorosa para falar com meu filho. Esse era o ponto que melhorava a minha relação com ela.

— Xau, Tia Mimi — Lipe bocejou, deixando os óculos ficarem tortos em seu rosto.

— Vou levar ele lá para cima. — No mesmo instante a porta da frente se abriu e Anita entrou. Ela me encarou confiante e depois viu as visitas. — Dê boa noite a dinda que já passou da sua hora de dormir — falei antes que ela começasse a brincar e estimulasse Lipe a continuar acordado. Eu realmente precisava conversar com Anita.

— Oh, Deus! Ele já vai dormir. — Ela fez voz de criança e meu filho sorriu. — Aposto que este pijama brilha no escuro. — Pegou ele no colo. Lipe foi sem contestar.

— O digossalo. — Ele fez voz de monstro e Anita fingiu sentir medo.

— Um dinossauro que está com muito sono. Vamos, papai vai te colocar para dormir. — Peguei meu filho de volta que já bocejava e fechava os olhos.

— Vejo você depois — Miranda se despediu, segurando a porta. — Não esqueça das roupas na máquina de lavar — advertiu, lembrando-me de que Marta havia deixado minhas camisas de molho para que eu colocasse para lavar quando chegasse. Eu não estava com um pinga de vontade de lavar roupa.

— E eu mando fotos. — Patrício sorriu maliciosamente, mantendo-se distante da esposa.

— Curtam a noite — rebati sem me deixar abalar. Eu já estava no limite. — Deixa eu colocar ele na cama que conversamos, tá bom?

— Tá bom — Anita respondeu animada. — Quer beber alguma coisa? — Ela sabia que eu não bebia álcool, mesmo assim sempre provocava. Talvez na esperança de uma recaída, o que certamente não aconteceria.

— Tem suco na geladeira. — Subi as escadas com Lipe com a cabecinha deitada em meu ombro. Entrei em seu quarto escuro e acendi a lâmpada azul da lateral, para que ele não ficasse com medo. Puxei o edredom e o deitei na cama. Ele segurou forte em meu pescoço.

— Papai vai ficar aqui — falei baixinho, sentindo ele me soltar aos poucos. Cobri meu filho que abriu a boca em mais um bocejo para logo em seguida se entregar ao sono. Não precisei de muito tempo. Lipe dormiu rapidamente.

Saí, fechei a grade que o impedia de descer as escadas e desci para encontrar Anita. A música me alcançou antes que eu chegasse ao primeiro andar. Embora o volume não estivesse alto, numa casa em completo silêncio não havia como não percebê-la.

Anita estava na sala, sentada no sofá com as pernas cruzadas deixando os músculos bem trabalhados à mostra. Ela estava vestida para provocar. Perda de tempo. Tudo em mim estava ligado à Charlotte.

— Você nem imagina a confusão que está naquela faculdade. — Passou a mão nos cabelos jogando-os para o lado. — Aqueles meninos se aproveitam de qualquer coisa para fazer bagunça. — Estreitei os olhos. Nós éramos tão diferentes que muitas vezes nem tinha vontade de conversar com ela.

— Eles têm um motivo justo para protestar. — Ela fez muxoxo e ia continuar falando, mas eu fui mais rápido. — Eu tenho outra coisa para conversar com você.

— Ah tem? — Ela se endireitou no sofá prestando atenção em mim.

— Sim. Eu e Charlotte voltamos. — Fui direto e vi o quanto a notícia a chocou. Anita ficou me encarando em silêncio, provavelmente reorganizando seus pensamentos. Sua demora em falar estava me deixando desconfortável.

— Ela te perdoou? — Parecia não acreditar naquela possibilidade. Não respondi. Não gostava de pensar em nós dois desta forma, principalmente depois do desabafo da minha namorada. — E Lipe? Ela detesta o menino!

— Ela não detesta Lipe. Ela só... não sabe como lidar com ele. Nós vamos conseguir nos adaptar.

— Alex... — Anita fechou os olhos e balançou a cabeça. — Acha realmente que será saudável para ele?

— Se funcionou para muitas famílias até agora não pode deixar de funcionar para a minha.

— Não sei o que dizer. — Levantou as mãos se rendendo. — Ela vai voltar a morar aqui? — Parecia indignada.

— Não. Pelo menos por enquanto. — Fiquei avaliando Anita sem saber como ela estava realmente encarando a situação. — Nós vamos devagar desta vez. — Ela deu um sorriso cínico, que me aborreceu.

— Ela vai ter livre acesso a casa — Anita desfez o sorriso.

— E eu?

— O que tem você? — Eu sabia muito bem o problema que ela levantava.

— Charlotte me detesta, Alex! Como vou poder continuar vindo aqui se ela vai ser a dona da casa? — Mordi o lábio sem saber como responder. Eu não queria dizer a Anita que as coisas teriam que mudar porque seria muita ingratidão da minha parte, no entanto, eu sabia, e ela também, que tudo mudaria.

— Você é a madrinha do Lipe, tem direito de vê-lo quando quiser. — Tentei amenizar o problema. Anita levantou e andou pela sala. As mãos descendo pelo vestido muito justo, como se estivessem suadas.

— Eu tenho a chave da casa. — Começou a estalar os dedos e eu sabia que ela estava nervosa. — Até hoje formamos uma dupla perfeita para dar todo o suporte ao Lipe, mas agora... não sei como isso vai funcionar. — Fiquei angustiado. Era coisa demais para resolver em uma única noite. E ainda havia Charlotte livre em uma boate, fazendo sabe-se lá o quê.

— Por enquanto nada vai mudar, Anita. Assim como será com o Lipe, vocês duas também vão aprender a conviver. — Ela soltou o ar e seus ombros caíram.

— Eu fico feliz por você, Alex. Sei o quanto sofreu quando ela foi embora e tudo o que passou. Não acho que ela seja a sua melhor opção, afinal de contas Charlotte sempre foi problemática, mas quem sou eu para te aconselhar se eu mesma tive os meus momentos absurdos, não? — Sorriu envergonhada. — Eu quero que dê certo, se isso vai te fazer feliz, e espero que não abale a nossa amizade. Eu amo tanto o Lipe. — Sua voz ficou embargada. Levantei e fui até ela.

— Que bom que você me entende. — Coloquei a mão em seu ombro. — Você e o Lipe sempre estarão juntos. Ele também ama você. — Ela sorriu emocionada e me abraçou. Eu retribuí o abraço sem me sentir culpado. Era um problema a menos para resolver.

— Eu quero muito que dê certo entre vocês dois, mas, se não der, eu continuarei aqui, como sua amiga, para te ajudar a superar novamente. — Fiquei tenso imediatamente. Eu queria dizer que daria certo, que eu e Charlotte nos amávamos. Como fazer isso se nem eu sabia se conseguiríamos.

Vontade não necessariamente significa realidade.

Separamos-nos e ela me olhou de uma maneira estranha. Fiquei desconcertado. Era como se ela tivesse lido meus pensamentos e soubesse que havia a possibilidade de nos separarmos mais uma vez.

Foi quando a campainha tocou. Imediatamente me afastei de Anita, como se tivesse levado um choque e voltado à realidade. Congelado no lugar, nem percebi quando ela foi até a porta abrindo-a. O silêncio que se seguiu foi estranho. Olhei para trás e vi Anita parada e Charlotte do lado de dentro, encarando a madrinha do meu filho como se elas fossem se engalfinhar a qualquer momento.

— Charlotte?

Eu não sabia que se meu espanto era por realmente não estar esperando por ela àquela hora da noite ou pelo fato de ela estar lá justamente quando Anita e eu estávamos sozinhos. Tentei não pensar que seria um problema.

— O que faz aqui? — Ela fez uma cara feia para mim e estreitou os olhos. Charlotte estava com raiva. — Eu pensei que...

— Não posso mais visitar o meu namorado? — Caminhou em minha direção, irritada, ignorando completamente Anita.

— Pode. Claro que pode.

Ela se aproximou e, como se estivesse demarcando o seu território, beijou-me com voracidade. Confesso que fiquei sem graça por causa de Anita, mas jamais recusaria Charlotte. Era humanamente impossível.

Ela se afastou e ainda me lançou um olhar furioso, diferente do beijo apaixonado e cheio de desejo.

— Eu vou ver como está o Lipe.

Anita começou a andar pela sala. Tive vontade de dizer que era melhor ela ir embora, mas eu não podia. Seria escroto demais, então deixei-a subir e encarei minha namorada.

— Cansou da noitada com os amigos? — Era para ser uma pergunta casual, sem amargura ou cobrança, só que saiu pior do que eu gostaria. Ela estreitou os olhos e deu um passo para trás.

— Por quê? Estraguei a sua com a sua amiga?

— Não seja absurda, Charlotte! — retruquei baixinho para não chamar a atenção de Anita.

— Ela costuma vir a sua casa tarde da noite?

— Ela vem a minha casa sempre que preciso dela. — E foi como um tapa em seu rosto. Imediatamente me arrependi. Charlotte deu as costas para ir embora e eu a impedi segurando-a com firmeza. — Você entendeu errado. Anita só veio me contar sobre o problema na UERJ e eu aproveitei para falar sobre nós dois. — Ela se debateu até se soltar.

— Não quero atrapalhar vocês dois.

— Não seja infantil! Você andou bebendo de novo?

— Não — ela rebateu indignada. — Vai pegar no meu pé agora como se eu fosse uma alcoólatra? — Respirei fundo e passei a mão pelos cabelos.

— Desculpe. — Ela ainda estava com raiva e me olhava ofendida. — Desculpe, Charlotte, é que eu estava aqui puto da vida com você e ainda mais puto comigo por não me achar no direito de estar aborrecido com você, aí você aparece e me confunde. — Ela relaxou visivelmente.

— Eu não pretendia sair, mas eles me convenceram. A noite foi uma droga! Eu não conseguia me divertir, fiquei afastada o tempo todo e só bebi água. Quando Miranda ligou eu pensei que você iria atrás de mim e quando vi que você não foi e eles me contaram que Anita estaria aqui eu... Desculpe, Alex! — Seus ombros caíram. — Eu só... ainda não sei como lidar com tudo isso. — Sorri sentindo-me mais leve.

Andei até Charlotte abraçando-a.

— Está tudo bem. Nós dois precisamos nos acostumar com esta nova situação. — Acaricieei seu rosto, colocando o cabelo atrás da orelha. — Passe a noite comigo. — Meu pedido pareceu uma súplica e eu senti Charlotte amolecer em meus braços, deixando-me juntar nossos corpos. O encaixe era perfeito.

— Nós quatro? — ela ironizou.

— Anita não dorme aqui. Logo ela vai embora. — Tentei beijá-la, mas ela desviou.

— E Lipe?

— Está dormindo. — Segui seus lábios ainda tentando beijá-la.

— Você conversou com ele? — Vi o pânico em seus olhos e ri.

— Felipe só tem dois anos, Charlotte.

— Ah! — Ela corou lindamente.

— Ele vai ficar feliz em te ver. — Ela piscou insegura e eu alcancei seus lábios.

Beijei minha namorada como se nunca tivesse feito antes. A raiva e saudade que eu sentia faziam com que

meu corpo esquecesse que horas antes estávamos em um motel, um nos braços do outro. Imediatamente tive uma ereção e ela percebeu devido a bermuda de tecido leve que eu usava. O suspiro de prazer que escapou dos seus lábios me deu vontade de carregá-la para a cama.

Anita apareceu e com um pigarro nos obrigou a parar. Charlotte fez cara feia e virou o rosto para o outro lado, incomodada com a presença da madrinha do meu filho.

— Eu já vou — Anita anunciou.

— Certo. — Com as mãos longe de Charlotte tive que colocá-las no bolso da bermuda para disfarçar a ereção.

— Amanhã não vou poder pegar Lipe na natação. Vou acompanhar o andamento da ocupação da universidade. — Ela não olhava para Charlotte, embora não parecesse incomodada.

— Tá. Tudo bem. Eu posso buscá-lo já que não vou dar aula. — Ela concordou com a cabeça e olhou diretamente para a minha namorada que, de braços cruzados, aguardava.

— Seja bem-vinda de volta, Charlotte.

Sorrii amigavelmente, mas minha namorada não retribuiu. Pelo contrário. Por um segundo acreditei que Charlotte avançaria contra Anita, ou que iniciaria ali a terceira guerra mundial. Ela apenas fez um som de deboche e passou sem nada dizer, indo sentar no sofá da sala. Olhei para Charlotte e depois para Anita, que estava envergonhada. Abri a porta de casa e aproveitei a distância para tentar corrigir as coisas.

— Desculpe por isso. Ela não esperava te encontrar aqui a esta hora. — Era ridículo tentar justificar as grosserias de Charlotte. Eu me sentia um pai se desculpando por mais uma traquinagem do filho.

— Sem problema. — Anita piscou sem muita emoção. — Um dia ela vai entender que perder Tiffany e ganhar Lipe modificou a minha vida também. — Sorri entendendo o que ela dizia. Durante anos compartilhamos aquela mudança. Anita era outra mulher. — Eu ligo amanhã para saber do Lipe.

— Combinado. Tchau! — Ela ia me beijar no rosto, como sempre fazia e me incomodava, mas lembrou de Charlotte e acabou recuando, o que fez com que eu me incomodasse de novo.

Bati a porta e procurei pela minha namorada. Ela estava de pé, olhando para o lado de fora pela janela. Parecia aborrecida ainda. Suspirei. Quando voltaríamos a ter uma vida normal?

— Onde paramos? — Abracei-a por trás e me esfreguei em sua bunda para tentar recuperar o clima. Ela se afastou.

— É melhor eu ir embora. — Charlotte parecia não apenas aborrecida, mas também triste com alguma coisa.

— Você não vai embora — afirmei, fechando meus braços ao seu redor agora de frente para mim. — Ninguém te avisou?

— Avisou o quê? — Ela piscou confusa.

— Que quando você deixa um homem excitado tem que arcar com as consequências?

— Primeiro... — Ela levantou um dedo me impedindo de beijá-la. — Esse comentário foi ridículo, absurdo e machista. — Recuei sem acreditar no que ela me dizia. Acabei rindo. — Segundo... — continuou com os dedos em meus lábios me impedindo de falar. — Você ficou excitado sozinho. Eu nada fiz para provocar esta reação. — Tentei falar, mas ela levantou o terceiro dedo, que eu tive vontade de morder. — Terceiro: você já deveria estar satisfeito, professor Frankli, afinal de contas, passamos a tarde juntos.

— Primeiro... — Segurei sua mão levantando apenas um dedo. Dei um passo à frente fazendo-a recuar.

— Odeio seus pensamentos feministas. A vida seria mais fácil se você simplesmente me obedecesse e pronto. — Ela ia protestar, eu levantei mais um dedo seu. — Segundo: você me provoca, aluna, até mesmo com o simples fato de aparecer em minha casa, tarde da noite, com um vestido justo e curto que me deixa louco de raiva e tesão. — Ela riu. — E terceiro: eu nunca vou estar satisfeito.

Encostei Charlotte na parede e beijei sua boca com devassidão. Deixei minhas mãos invadirem seu vestido e buscarem seus pontos mais sensíveis até que ela gemesse entregue. Esfregando-me em seu

corpo, subi meus dedos pela sua calcinha e, invadindo a sua barra, rocei seus lábios úmidos e ansiosos. — Alex! — Charlotte gemeu alto e segurou em meu ombro. — Lipe... — Está dormindo. — Mordi seu lóbulo e levantei seu vestido até a cintura. — E se... — Ele não vai acordar. — Charlotte estava excitada e temerosa ao mesmo tempo. Eu me sentia cada vez mais excitado. Sabia que não havia chance de o meu filho nos flagrar, afinal de contas a grade da escada estava fechada, mesmo assim, sentir a tensão da minha namorada, sem saber se deveríamos continuar e ao mesmo tempo sentindo a urgência de estar comigo estava me deixando louco. — Vamos para a minha cama. — Levantei seu corpo fazendo-a me abraçar com as pernas. — Não! — Ela se afastou com os olhos imensos. — Ele não vai acordar, Charlotte! — Aproveitei a nossa posição e deixei meus dedos brincarem com a sua bunda. Ela gemeu manhosa. Porra, eu queria aquela bunda e teria que ser logo. — No sofá — implorou buscando meus lábios. Pensei por alguns instantes. Ela ainda não estava à vontade com a ideia de termos uma criança em casa, então poderíamos ficar no sofá e depois dormir em minha cama. Pelo menos assim ela sentiria segurança. — Ok. No sofá.

E levei minha namorada para o sofá, sentindo-me um adolescente ansioso para dar uns amassos na namoradinha enquanto os pais dela dormem no andar de cima. Porra, eu estava mesmo fodido!

Capítulo 18

“Farei com que comeces a pensar que esse teu cisne não passa de um urubu.” William Shakespeare
Charlotte

Nós fizemos amor preguiçosamente no sofá da casa do meu namorado. Alex foi atencioso, romântico, carinhoso... Deus! Como ele podia ser tão perfeito? E como ele podia ter tantas faces quando o assunto era sexo? Depois de uma tarde que fez meu corpo queimar, uma noite cheia de medos e aborrecimentos, terminar o dia nos braços dele, sentindo-o se desfazer em mim era simplesmente mais do que eu poderia desejar.

Anita quase estragou tudo. Quase. Eu não permiti que ela conseguisse ficar entre nós dois. Alex podia ser ingênuo o suficiente para acreditar naquela mulher, mas eu sabia que ela mentia. Se no passado foi capaz de prendê-lo em uma cama para forçá-lo a transar com ela, nada me impediria de acreditar que poderia fazer muito pior no futuro.

E eu deveria estar preparada para enfrentá-la. Não podia me consumir em minhas infantilidades e perder o homem que eu amava mais uma vez para uma pilantra com cara de boazinha.

Se Anita pensava que conseguiria me iludir com falsos sorrisos e carinhos exacerbados para o filho do meu namorado ela estava muito enganada. Eu estava mais esperta e desta vez estaria vigilante. Ninguém levaria Alex de mim. Ninguém.

Eu ainda dormia, sentindo a deliciosa sensação de adormecer exausta e satisfeita. De estar feliz por ser agraciada com orgasmos dignos de troféus pelo homem que eu amava. Estava tão feliz e relaxada que nem fiz objeção quando ele me carregou para o andar de cima e me envolveu em seus lençóis, com seus beijos e suas carícias mágicas.

Eu estava no céu! Sim, eu estava.

Ou achei que estava.

Um som estridente entrou em meu cérebro parecendo disposto a explodir tudo

o que encontrasse pela frente. De repente eu me vi despencar do paraíso para o inferno e, em poucos segundos, com o coração tentando sair pela boca, estava desperta e assustada com o barulho insistente que não parava nunca.

— Deus! — praticamente gritei, sentando imediatamente na cama, segurando o lençol no peito como se com isso pudesse impedir de escapar.

— O quê? — Alex pulou ao meu lado. Nu. Majestosamente nu. Assustado. — O que é isso? A casa está pegando fogo?

— Por Deus, Charlotte — ele gemeu e se deixou cair de volta no colchão, fechando os olhos.

— Alex!

— É o despertador — resmungou, abrindo os olhos para bater em uma pecinha oval que estava sobre o criado mudo. — Hora de acordar para levar Lipe para escola.

— Puta que pariu! — Levei a mão ao peito tentando acalmá-lo. — Para que você usa isso?

— Para conseguir acordar. — Puxou o lençol e tentou me fazer deitar novamente.

— E precisa ser assim? — Eu estava tão aterrorizada que mal conseguia pensar.

— Assim como, amor? — Alex beijou meu ombro e buscou meu seio. Bati em sua mão.

— Tendo um mini-infarto todas as manhãs? O que é isso? Uma forma de testar o seu coração? Saber se está tudo bem com ele? — Ouvi sua risada.

— Você é exagerada. — Ele me puxou outra vez e me deixei cair no colchão. Levei o edredom até o rosto e gemi desgostosa.

— Porra, Alex! Que horas são?

— Quinze para as seis. Por quê?

— Quinze para as seis? — gritei outra vez sem conseguir conter meu mau humor. — Porra, criança não precisa dormir bem? — Ele riu alto. — Por que tem que levá-lo de madrugada para a escola?

— Não é mais madrugada, Charlotte. Lipe não tem culpa de você gostar de fazer farra no meio da semana. — Ele se deitou sobre mim e beijou meu pescoço. Seu sexo já rijo roçava minhas pernas que ainda tremiam de susto. — Relaxe.

Ele se forçou entre as minhas pernas, que se abriram em resposta. Meu corpo inteiro respondia imediatamente quando Alex me queria, mas da mesma forma que meu corpo sabia relaxar em seus braços, minha mente sabia encontrar um problema rapidamente, foi o que aconteceu.

— Alex, não! — Empurrei meu namorado para que ele saísse de cima de mim.

— Ainda temos um tempinho — ele ronronou com a boca em meu pescoço.

— Não! — quase gritei e ele parou para me olhar com atenção. — A porta está aberta — e meu coração disparado. Em fração de segundos eu só consegui pensar em Lipe entrando naquele quarto e me flagrando com o pai dele na cama. Nus. Seria terrível.

— Vou fechar a porta. — Ele começou a se levantar.

— Não! — gritei outra vez fazendo-o parar e me olhar já quase sem paciência. — E se ele acordar? E se te procurar e a porta não estiver aberta?

— Ele não vai acordar. Eu acordo o Lipe todos os dias.

— E se ele acordar? É melhor não arriscarmos. — Puxei o lençol e me virei para fugir dele na cama.

— Charlotte, casais com filhos transam, você sabia? — Parei para pensar e tentei imaginar como isso funcionava. — Charlotte? — Alex me tirou do meu devaneio com uma cara divertida. Ele sorriu daquela maneira majestosa e eu mordi o lábio sentindo meu rosto esquentar.

— A noite, com a casa escura e a certeza de que o filho está mesmo dormindo? — Ele riu e eu me senti ainda mais ridícula. — Sou uma idiota, não sou?

— Não — ele continuou rindo. — Você é a mulher mais incrível que já conheci.

— Mentiroso. — Alex se aproximou, sua mão em minha cintura e seu rosto se enterrando em meu pescoço.

— É verdade. A prova disso é que casei com você. — Senti meu coração aquecer e ao mesmo tempo esmaecer com a lembrança de que agora éramos somente namorados.

Ele passou os dedos em minhas costas, percorrendo minha coluna. Os bicos dos meus seios ficaram duros e meu sexo molhado. Suspirei. Ainda era dia, estava claro e Lipe tinha que ir para a escola, mas...

Céus! Eu queria transar com aquele homem e gritar como se nada pudesse me impedir de fazê-lo.

— Posso fechar a porta.

Seus dedos queimaram minha pele, uma mão acariciando minhas costas, puxando-me para mais perto, e a outra em minha barriga, brincando com a incerteza do caminho que deveria tomar e me deixando louca de ansiedade.

— Ou posso deixar para mais tarde... — Decidindo-se desceu os dedos até o meio das minhas pernas e me tocou ali. — Até ficar escuro e...

— Meu Deus! — Deixei meu rosto cair em seu ombro enquanto ele me penetrava com dedos ágeis. — Alex!

— Ainda temos alguns minutos — sussurrou em meu ouvido sem interromper seus movimentos.

— Minutos? — Eu já arfava sentindo que estava pronta para recebê-lo.

— Sim, minutos. Vai ser rápido. — Eu não vi, mas pude sentir o sorriso que se abriu em seus lábios.

Alex me provocava.

Sem que eu esperasse ele me deitou na cama e se posicionou entre as minhas pernas. Passei a mão em seu peitoral sentindo-o me invadir devagar e sem parar, indo até o limite e me levando ao delírio.

Alex sustentava o próprio peso em seus braços e me observava enquanto iniciava o movimento de vai e vem. Corri minhas mãos pelo seu corpo, apreciando e me deleitando com cada investida. Ele rebojava quando estava todo em mim, tocando lugares que nem eu sabia que existiam. Minha pele formigava a cada rebolado, minhas paredes pulsavam, contraíam e protestavam todas as vezes que ele saía até o seu limite, voltando rapidamente e recomeçando.

Meu Deus! Realmente eram necessários apenas alguns minutos para Alex me levar ao céu. Como ele conseguia? Como eu conseguia? Seus lábios se fecharam em meu seio, fazendo-me deixar escapar o ar dos meus pulmões. Ele me mordeu e chupou com mais urgência. Tudo em mim era prazer e eu sentia cada partícula do meu corpo sensível, pronta para explodir e se libertar.

Ele se arrastava sobre mim, entrando e saindo, entrando e saindo, se afundando em mim e me levando para aquelas profundezas, onde eu era apenas sensações.

Alex gemeu ganhando a minha atenção. Olhei para nós dois enquanto o corpo dele subia e descia, vi seus quadris se projetando fazendo-o entrar mais e mais, vi seu abdômen se contraindo, suas veias alteradas, o brilho discreto do suor que vencia o ambiente climatizado.

— Ah, meu bem — gemendo ele se curvou sobre mim, diminuindo as entradas e saídas, mas fazendo com que seu corpo tocasse mais o meu.

Foi delicioso!

O prazer foi crescendo, surgindo de dentro, puxando a minha alma, cegando os meus olhos e arrancando do meu corpo um orgasmo que me fez levitar, flutuar e rapidamente despencar em queda livre.

Alex gozou junto comigo. Assim que sentiu meu sexo se apertando em torno do dele, explodiu em um prazer maravilhoso de se assistir. Meu namorado podia me dominar em quase toda a ação, porém, quando gozava, ele era apenas um garotinho entregue, apaixonado que não conseguia se conter diante da mulher amada.

Ah, porra! Eu merecia acordar daquele jeito todas as manhãs. Quer dizer... excluindo o despertador demoníaco que quase me fez enfartar. E a ideia de que Lipe estava no quarto ao lado e que a porta ainda estava aberta.

— Ah, porra! — gemi temerosa. Alex levantou o rosto e me encarou. — A porta ainda está aberta — esclareci, tateando a cama para encontrar o lençol que em algum momento escapou dos nossos corpos. — A porta está aberta! — Encolhi-me até estar escondida embaixo do lençol. Alex riu e saiu de dentro de mim.

— Eu vou arrumar as coisas para levar o Lipe para a escola — ele disse ainda rindo e tirando o lençol do meu rosto. — Você fica ainda mais encantadora quando está com vergonha.

— Puta merda, Alex! — gemi inconformada com a minha fraqueza. E se o menino acordasse? E se resolvesse ir até o quarto do pai? Meu Deus!

— Vamos, Charlotte. Eu vou te deixar no banho enquanto organizo tudo antes de acordar o Felipe. — Ele puxou o lençol e eu lutei contra a exposição que meu namorado me forçava a fazer.

— Para! — Afastei-me enrolando-me no lençol com mais firmeza. — Eu vou — Ele me encarou com aquele sorriso safado, lindo, capaz de me fazer ceder a todos os seus desejos. — Mas vou vestida. — Meu rosto esquentou e não consegui evitar o sorriso.

— Então vamos logo porque o tempo está passando. — Concordei e segurando o lençol fui para o banheiro tendo meu ex-marido em minha cola.

Eu podia ouvir o risinho do Lipe no quarto ao lado. Alex brincava com ele enquanto o vestia adequadamente. Eu tentava ignorar tudo o que minha mente gritava. Tentava não sentir o coração acelerado e a dor. Afivelando a sandália em meu tornozelo, eu me convencia a não me deixar abalar, a não mergulhar naquela dor outra vez.

Eles riam e eu me via sorrindo mesmo com uma lágrima escorrendo em meu rosto. Eu gostava de ouvi-los, gostava de saber que Alex tinha aquela oportunidade, que ele amava o filho e era feliz com aquela criança, independentemente de como ela surgiu em sua vida. Eu estava feliz por Alex. Mesmo assim eu sofria.

— Vai descer para tomar café com a gente ou vai ficar parada aí a manhã toda? Ouvi a voz do meu namorado e estremei. Limpar a lágrima discretamente não seria possível. Esconder-me dele também não. A única coisa que eu poderia fazer era encarar a realidade de frente. Olhei para Alex, que rapidamente entendeu o que acontecia. Ele olhou para trás, conferindo se o filho poderia nos flagrar e então se voltou para mim.

— O que houve?

Sua voz estava doce e preocupada. Com dois passos, ele estava diante de mim, seus dedos gentis tocaram meu rosto, limpando a lágrima. Ele aguardou sem querer quebrar o silêncio, ou talvez me dando tempo e espaço para que eu finalmente falasse. E foi o que eu fiz. Não totalmente e não honestamente.

— É cedo demais para fazermos isso. — Mordi o lábio querendo que ele me incentivasse a continuar sendo uma covarde.

— Cedo para tomar café?

— Você sabe sobre o que estou falando. — Alex pegou uma mecha do meu cabelo e brincou com ela em silêncio.

— Eu não sei — revelou baixinho. — Só sei que quero muito fazer isso.

— Alex...

— Se for ruim para você eu vou compreender — ele disse, recuando um passo, o que partiu o meu coração.

— Não é ruim. É... estranho. — Alex continuou me observando, aguardando que eu falasse tudo o que eu tinha para falar. — Eu não sei o que falar. Não sei como agir. Eu... — Desisti.

— Não precisa falar nada e nem fazer. — Sua voz era cuidadosa e suave.

— Papai?

Olhamos para o lado e ele estava lá. Lipe. Seu uniforme escolar amarelo e branco, apropriado para protegê-lo do frio ou ajudá-lo com o calor, os tênis pequenos, quase de bonecos, a carinha de sono e o cabelo que parecia ter sido bagunçado recentemente e de propósito. Ele era tão lindo e desconcertante quanto o pai. A diferença era que Lipe era lindo de uma maneira... eu não sei dizer, só sei que havia algo naquele menino que me fazia ficar sem ar.

Onde estavam os traços da mãe dele que deveriam me fazer odiá-lo? Onde estava a sua personalidade mimada e insuportável que me faria esquecer que Alex era tão importante para mim? E o que acontecia comigo que não conseguia tirar os olhos daquela criatura que me encarava com olhos azuis escuros como uma ágata turquesa.

Em suas mãos ele levava alguma coisa, os dedos me impediam de identificar o que era.

— Moleu? — Inclinei a cabeça sem me dar conta do que ele perguntava. Ele estava com as mãos estendidas para mim e me olhava diretamente nos olhos. Não era com Alex que ele falava e sim comigo.

— Moleu, Loti?

Olhei para suas mãozinhas onde havia alguma coisa que parecia uma tartaruga em miniatura. Fiquei olhando aquilo por um tempo. O pequeno animal não se mexia, a cabeça dentro do casco, as patas encolhidas e imóveis.

— Lipe...

— Não. Ele só está com medo. — Minha voz saiu fraca, mas foi o suficiente para impedir que Alex continuasse. A criança puxou o braço e olhou para o animal, procurando o seu rosto.

— Medo não. — Sua voz doce e infantil tentando acalmar o animal me fez sorrir. Ele era mesmo lindo.

— Lipe bonzinho.

— Se você ficar pegando nele, ele vai ficar com medo, filho. — Alex se abaixou ajudando Lipe a cuidar do animal. — Vamos colocá-lo na casinha dele.

— Ele vai pala icola. — Seus olhos ficaram imensos, as bochechas cheias projetando os lábios rosados em um biquinho.

— Nós já conversamos sobre isso, Lipe. O arroz vai ficar aqui até você voltar.

— Arroz? — Não consegui conter meu espanto. Quem neste mundo daria o nome de arroz a um cágado?

— Aloiz. — Ele me mostrou outra vez o bichinho, que colocou a cabeça para fora e se encolheu novamente. Olhei para Alex, mas ele parecia evitar me olhar, tentando esconder o sorriso que queria dar.

— Vamos. Você vai precisar lavar as mãos, rapazinho. — Alex praticamente arrancou o filho do quarto.

Quando chegou a porta me olhou por cima dos ombros. — Vamos descer para tomar café. Você vem? —

Lipe se virou me encarando com olhos que imploravam. Estreitei os meus e fiz cara feia para Alex, mesmo sabendo que ele não me olhava justamente para não constatar isso.

— Vem, Loti!

— Vou sim — respondi, incapaz de negar qualquer coisa para aqueles olhos azuis profundos e suplicantes.

Igualzinho ao pai.

Um inferno.

Alex

— Desculpe, Patrício, eu preciso voltar para casa. Marta só vai chegar à tarde e eu tinha que ter ligado a máquina de lavar roupa ontem à noite. — Com a chave do carro na mão eu rejeitava o meu irmão mesmo sabendo que ele precisava ter aquela conversa. — Charlotte dormiu lá em casa. — Sorri tentando me explicar melhor, quem sabe assim ele não se sentiria tão rejeitado. Ele me deu um sorriso honesto que não alcançava o seu coração.

— Tudo bem. Quando ela saiu da boate imaginei que fosse te procurar. Está tudo bem com Lipe?

— Sim. Tomamos café juntos e ele foi para escola. Ainda tenho que buscá-lo na natação hoje. Anita não vai poder.

— Não sei como voc e vai fazer isso funcionar. Eu espero que d e tudo certo. — Ele continuava s erio, sem as suas habituais gracinhas e eu sabia exatamente o motivo.

— Vai dar. — Meu celular vibrou em minha mão e eu vi que era uma mensagem de Charlotte.

“Muito trabalho?”

“Não. Voltando para casa” digitei rapidamente querendo dar mais atenção ao meu irmão.

— T a tudo bem? — Ele me olhou daquele jeito que j a me deixava preocupado.

— Est a sim.

— Onde est a Miranda? — Era estranho eu querer saber da vida dela, mas levando-se em conta o estado do meu irmão era prudente perguntar.

— Com a sua... O que Charlotte   sua mesmo?

— Namorada. — Sorri e o celular voltou a vibrar em minha mão. — O que me lembra uma coisa importante. As minhas camisas estão na máquina desde ontem. Preciso lav a-las e depois colocar na secadora.

— Por que tanta preocupação com as camisas? Voc e são tem estas? — disse um pouco rebelde.

— Não. Mas no meio delas est a uma que eu quero muito usar hoje   noite. — Olhei rapidamente o celular.

“Por que voltando para casa? Algum problema?” — Charlotte me fez sorrir como um bobo.

“Voc e é o meu único problema, Charlotte.” — Mande j a aguardando a sua resposta, que poderia ser desafortada, o que seria uma delícia, ou doce e sensual, o que não ficava muito atrás.

— Alguma reunião?

— Peter. — Ele me encarou e logo em seguida entendeu.

— Voc e é mesmo um man . — E balançou a cabeça rindo. — J a casou com a menina, para que querer impressionar o sogro?

— Porque ela não é mais a minha esposa, e a minha situação não é nada boa.

“Sou um problema com solução, professor Frankli.” — Senti meu corpo reagir a forma como ela me denominava. Eu adorava.

“Meu sonho é encontrar esta solução, menina confusa. Preciso voltar para ligar a máquina de lavar. Esqueci as roupas ontem.” — Enviei rapidamente e observei meu irmão passar as unhas no pulso do outro braço. Respirei fundo.

— Algum problema com Miranda? — Ele me olhou como se tivesse esquecido que eu estava ali.

— Não.

— Pat... Patrício — me corrigi a tempo. — Voc e est a ansioso. — Fui cauteloso. — Eu sempre fui.

— O que a Dra. Leila disse?

— O mesmo de sempre, Alex. Estou bem. — Eu não queria confront a-lo e nem fazê-lo reviver coisas que haviam ficado no passado, mas Patrício seria uma constante preocupação.

Meu telefone tocou. Olhei para a tela e vi o nome de Charlotte. Achei estranho. Ela nunca ligava.

— Só um minuto. — Levantei, afastando-me do meu irmão. — Oi! — falei baixo para que não virasse motivo de piada para o próximo encontro com meu irmão e cunhado.

— Oi! O que houve com a máquina? — Ela parecia se divertir. Sorri largamente. Charlotte era tão jovem que me fazia sonhar.

— Com a máquina nada. Ontem Marta deixou algumas camisas de molho e eu precisava ligar a máquina um tempo depois, mas acabei me distraíndo demais. Vou rápido em casa e resolvo isso.

— Eu posso ir. Quer dizer... eu moro perto e se não for ruim para você.

Mordi o lábio enquanto ela se justificava. Aquilo era tudo o que eu mais queria, a volta da nossa intimidade, de nossos afazeres que nos uniam e divertiam. Como eu senti falta de Charlotte em minha vida. Como eu senti falta da vida que criamos.

— Você sabe como ligar uma máquina?

— Morei sozinha por três anos, Alex. Posso muito bem me virar. — Pareceu ofendida, o que me fez sorrir ainda mais.

— Tem certeza? Tem camisas especiais naquela máquina — pirracei, embora não deixasse de ser verdade.

— Esqueça. Vá lá em sua casa e resolva o seu problema — rebateu com raiva.

— Tudo bem — ri, permitindo-me relaxar. — Cuide das minhas roupas, namorada.

— Este não é o meu papel — continuou ofendida.

— Mas me faria muito feliz.

— A felicidade só depende de você. Nunca de mim e jamais de qualquer atitude minha — ela estava mesmo zangada.

— E se eu disser que ficarei tão agradecido que vou te dar uma noite maravilhosa?

Ah, claro! — Eu podia ver Charlotte suspirando e revirando os olhos. — Na companhia de Peter. Essa não é bem a minha definição de uma noite maravilhosa.

— E que tal um final de noite? — Ela ficou em silêncio. — Vou dizer ao Peter que quero comer a minha namorada esta noite. — Ouvi sua respiração do outro lado e tive certeza de que a estava excitando. — E vou fazer uma coisa que você nunca vai esquecer. — Ah sim, eu faria.

— Onde está a chave?

— Tem uma cópia na portaria. Vou ligar avisando que você vai buscar.

— Ok!

— Obrigado, amor! Prometo que você vai gostar.

— Espero que eu goste mesmo — me desafiou.

— Amo você! — Ela demorou tanto para responder que pensei que não o faria. — Eu amo mais. — E desligou o celular deixando-me sem ação.

Com o celular na mão, encarando a janela e com um sorriso imenso me dei conta de que meu irmão continuava na sala. Virei em sua direção com o ânimo renovado.

— Sorte sua, mano. Charlotte vai ligar a máquina de lavar. — Bati as mãos com animação. — Vamos lá, sou todo seu. — Ele levantou os olhos, avaliou-me e depois riu.

Aquele era o meu irmão.

Charlotte

Ir até a casa do Alex, ligar a máquina e sair foi a parte mais fácil. Difícil mesmo foi tentar me conter e fracassar quando subi as escadas e conferi seu quarto. A cama ainda bagunçada, o cheiro de sexo quase que sumindo, os lençóis que faziam questão de me lembrar que pouco antes eu estava enrolada neles, com o meu namorado entre as minhas pernas... agarrei o travesseiro e o cheirei. Hum! Essa história de

namorar até que era interessante.

Também fui doente o suficiente para checar as gavetas. Assim, como quem não estivesse realmente procurando alguma coisa, com o coração disparado para caso encontrasse. O que eu estava fazendo? Lógico que três anos era tempo demais. Alex deve ter vivido outras histórias, e ele tinha esse direito, assim como eu tive, mas... puta que pariu! Eu odiava pensar no assunto.

Miranda ficou do lado de fora, no carro, aguardando-me, já que tinha me dado carona e ainda pretendia passar um tempo comigo discutindo meus compromissos no Brasil. Um saco!

E minha cabeça não deixava de pensar em Alex, as suas promessas e na conversa que ele insistia em ter com o meu pai.

Abri a porta da casa ainda com o sorriso bobo no rosto. Minha amiga parecia entediada, com seus óculos escuros e suas unhas bem-feitas batendo de leve no volante do carro, que estava estacionado na entrada da garagem.

— Tudo certo? — ela perguntou sem me olhar, já ligando o carro. — Acertou o botão de ligar?

— Rá, rá, rá — desdenhei. — Falou a mulher que precisa de uma empregada doméstica para cada turno.

— Eu jamais me ofereceria para sair da minha casa só para ligar a máquina de lavar do meu namorado.

— Seu mau humor era notável.

— Você já fez coisas piores por namorados, Miranda. Não desconte seus problemas em mim. — Ela suspirou e se concentrou no trânsito.

— Eu não entendo porque ele tem que ser assim. Ele não se abre. Não conversa. Prefere fingir que está tudo bem — reiniciou a conversa.

— Vai ver é porque está tudo bem mesmo e você está vendo problemas onde não existem.

— Charlotte, lembra aquela vez que terminamos? Começou exatamente assim. Ele se afastou, começou a inventar desculpas e depois chegou com aquele papo de que não estava pronto para compromissos.

— Vocês casaram. — Tentei fingir desinteresse. Pelo menos assim ela não ficaria tão encucada com Patrício. — São alguns anos juntos, não dá para acontecer outra vez.

— E se acontecer?

— Se acontecer você manda ele catar coquinho lá no inferno. Pelo amor de Deus! Onde está a mulher segura e que não está nem um pouco se importando com as coisas que o Patrício faz?

— Droga, Charlotte! Nós acabamos de casar e já estamos em crise.

— Pode nem ser uma crise. Pode ser uma invenção da sua cabeça. Patrício pode estar cansado, ele tem muito trabalho antes da Bienal.

— Não é o trabalho. É o nosso relacionamento.

— Miranda, relaxe! — Ela parou o carro no sinal vermelho e respirou fundo. — Por que você não faz... sei lá! Por que não saímos nós quatro para um jantar? Hum? Vai ser legal! Podemos chamar Lana e João.

— Esqueça. — Deu partida e continuou em direção a minha casa. — Nós já temos compromisso para hoje. — E me olhou de canto dos olhos como se estivesse me escondendo algo. Deixei para lá. Se ela preferia ficar em casa remoendo os problemas com o marido, por mim tudo bem. — Vamos discutir a sua agenda. Não vejo problema em ir para São Paulo e voltar no mesmo dia. O programa é ótimo! Muitos atores fazem isso, vão a um programa pela manhã em um estado e à noite estão em outro para apresentar uma peça de teatro.

— Tudo bem. Agende. — Desisti de tentar argumentar.

— E você tem uma leitura em New York em algumas semanas. Pelo que me lembro combinamos que depois disso daríamos seguimento à sua turnê internacional. — Movi meu corpo, incomodada no banco de couro. — Posso imaginar que vamos cancelar esta parte, estou certa?

— Ainda não sei — revelei baixinho.
— Você e o Alex estão namorando — disse sem paciência.
— Estamos tentando fazer dar certo — rebati sem saber o que decidir sobre a minha vida. — Eu não sei, Miranda. Eu tenho uma carreira fora do Brasil e Alex... Alex tem uma vida no Brasil.
— E como vão fazer funcionar? — Senti que o carro estava ficando abafado demais.
— É só uma turnê. — Respirei fundo precisando de ar.
— Que vai durar bastante tempo. Alex já sabe?
— Não. — Fiquei em silêncio querendo interromper o assunto.
— Charlotte!
— Nós mal ficamos juntos, Miranda. Eu nem tive tempo para conversar com ele.
— E mesmo assim vai deixar ele conversar com o padrinho e firmar outra vez esta relação?
— Eu não pedi para ele fazer isso. — Fiquei aborrecida. — Por mim esta conversa nem existiria.
— Por Deus! Você nunca vai aprender. — Bateu a mão no volante e balançou a cabeça rindo.
No final do dia Miranda já tinha ingerido uma garrafa de Coca-Cola, comido quase todo o bolo de chocolate que Odete havia preparado, devorado os sequilhos que estavam nas vasilhas e pensava se deveria ou não pedir alguma comida japonesa pelo aplicativo.
Ela tinha conversado com diversos produtores, discutiu a capa do meu novo livro comigo, definiu como deveria ser minha participação na Bienal e conseguiu muitos outros destaques na imprensa nacional para divulgar a minha passagem pelo Brasil.
Quando Alex ligou já estávamos mais relaxadas. Ela ria das bobagens que falávamos e anotava coisas em minha agenda, como horários que facilitariam a minha vida sexual. Naqueles últimos segundos eu não fazia nem ideia do inferno que a minha vida se transformaria.

Capítulo 19

“Meu marido está na terra; meu casamento, selado nos céus.” William Shakespeare

Alex

Sempre era estranho conversar com Patrício sobre o passado. Eu sabia o quanto meu irmão tinha sofrido, assim como toda a nossa família, mas não entendia como uma coisa aparentemente simples virava algo tão trágico na mente de uma criança e repercutia em sua vida adulta. Se, como adultos, tivéssemos consciência disso jamais deixaríamos uma criança passar pelo que Paty passou.

Eu tinha como exemplo a minha mãe, uma guerreira, que enfrentou todos para que seu filho não sofresse ainda mais. Era o que me fazia olhar para o meu filho e ter a certeza de que eu seria um bom pai para ele, porque eu entendia.

Abri a porta com a sensação estranha da conversa com meu irmão, mas logo a ideia de ter Charlotte mais disposta a estar em minha vida, querendo colaborar e voltando a se encaixar em minha casa me deixava aliviado.

— Tá iculo — Lipe sussurrou ganhando a minha atenção. Ele estava encolhido, abraçando a toalha que quando dobrava virava um ursinho, os olhos imensos, olhando para dentro da casa. Acendi as luzes da sala.

— Não está mais. — Ele passou por mim, a mãozinha pegando em minha perna, ainda inseguro. — Lipe, papai já disse que não existe nenhum monstro nessa casa — Ele me olhou com curiosidade, ajeitou os

óculos e pareceu ficar sem graça por sentir medo. — Vem cá. — Peguei meu filho no colo e entrei com ele. — Às vezes alguns monstros têm medo de gente. — Ele me olhou desconfiado. — Você sabe rugir? Assim, tipo um leão.

— Raum! — Ele fez uma carinha linda imitando um leão.

— Isso. Só que mais forte.

— Raummmmm! — Lipe rugiu com força e depois riu ajeitando os óculos. — Agora você aprendeu. Coloquei meu pequeno no sofá e comecei a organizar as suas coisas. As roupas

molhadas teriam que ir para dentro da máquina de lavar para quando Marta chegasse para ficar com Lipe até eu voltar da casa de Charlotte.

— Quando eu era pequeno tinha um monstro que morava embaixo da minha cama — menti, sabendo que ele se interessaria.

— Da minha. Da minha — ele se agitou pulando no sofá.

— Não tem um monstro embaixo da sua cama. — Ele parou me encarando. — Eu o expulsei de lá. Eu fui e fiz um “Raummmmmmm”. — Forcei o ar para fora, tentando rugir com força. — E ele foi embora correndo. Igualzinho ao que morava embaixo da minha cama. Você deveria fazer isso todas as vezes que desconfiasse que algum está pela casa.

— Rauuummmmm! — Fez uma careta engraçada e eu ri.

— Assim mesmo. Tá vendo. — Olhei ao redor da sala. — Nenhum monstro. Eles são uns fracotes, e nós — peguei Lipe outra vez nos braços —, nós somos fortes. — Flexionei o braço para fazer meu bíceps pular. Lipe riu e me imitou. — Muito fortes.

Caminhei até a cozinha e coloquei Felipe na sua cadeirinha próximo ao balcão. Dei a volta e abri o congelador para retirar a sopa que Marta tinha deixado no dia anterior e a levei até o micro-ondas.

— Está com fome?

— Muita fome. — Ele continuava brincando de ser um leão e se fazia de forte.

— Ok, companheiro! Coma estas torradinhas por enquanto.

Coloquei uma pequena vasilha com algumas torradinhas à sua frente e Lipe estendeu a mão para pegar um livro de colorir que havia deixado na cozinha. Entreguei a ele o material e voltei a atenção para as tarefas da casa. Eu precisava colocar a camisa na secadora logo ou não daria tempo.

Fui até a área de serviço, abri a porta da máquina de lavar roupas e puxei a primeira peça que minha mão alcançou. Eu ouvia o barulho de Lipe na cozinha, o que me deixava mais tranquilo. Estendi a camisa e vi algo estranho. Ela era preta, mas estava completamente manchada. Algumas partes estavam azuladas e outras desbotadas.

Estranho!

Peguei outra camisa e esta também estava manchada. Inconformado, comecei a tirar as camisas da máquina e constatei que todas estavam do mesmo jeito, inclusive a que eu queria usar para aquela ocasião.

Que merda Charlotte havia feito?

Charlotte

Eu não queria tratar a conversa entre meu namorado e meu pai com tanta formalidade. Se Alex achava que devia satisfações a meu pai ele que se preocupasse com isso. Eu vestiria um short, uma camiseta e demonstraria o maior desinteresse possível.

Miranda me olhou com cara de deboche quando o telefone tocou e eu sorri. Ela sabia que apenas Alex

conseguia aquele efeito em mim. Levantei com o celular na mão, afastando-me dela. Não por não confiar em minha amiga, mas principalmente por querer ser melosa e apaixonada sem que ela me olhasse como se quisesse dizer “eu sabia”.

— Oi! — Foi exatamente como eu disse: melosa e apaixonada.

— Oi! — Ele foi seco e duro. — Você colocou alguma coisa na máquina de lavar roupa?

— O quê? Como... — Pisquei várias vezes sem entender a forma dura como Alex falava comigo. Ele estava bravo, apesar de eu saber que tentava se segurar.

— Na máquina, Charlotte. Quando foi hoje em minha casa para ligar a máquina de lavar roupas. Colocou algum produto na água?

— Eu? — Sabia que estava parecendo uma imbecil não respondendo a sua pergunta tão óbvia. Bastava um sim ou não, mas eu não entendia o motivo da sua pergunta e estava confusa.

— Colocou ou não? — Foi rude.

— Não — respondi indignada. — Por que eu faria isso? Você me disse que as roupas estavam de molho, eu apenas liguei a máquina.

— Não colocou nada na água?

— Já disse que não — rangi os dentes sentindo a raiva chegar.

— Ótimo, porque agora minhas camisas estão todas destruídas. Manchadas. Acabadas. — O quê?

— Que parte do “eu não coloquei nada na máquina” você não entendeu? — Comecei a sentir que estava ficando mais irritada do que deveria.

— Eu entendi. Só não sei como as roupas que antes estavam perfeitas ficaram manchadas. — Ele se continha, mas a raiva era nítida.

— Por que não pergunta a sua funcionária, afinal de contas foi ela quem colocou as roupas na máquina?

— Ela trabalha para mim há anos e isso nunca aconteceu antes.

— Claro! Então eu estou mentindo. Que fantástico, Alex!

Ficamos em silêncio. Eu notei que a minha respiração estava acelerada quando me dei conta que eu podia ouvir a dele. Olhei para Miranda que me olhava com atenção e curiosidade. Olhei fixamente para a minha amiga, sentindo meu sangue ferver. Eu tinha feito um favor para aquele babaca e ele me ligava nervoso por algo que eu não fiz? Como apertar um botão pode manchar roupas?

— Eu não fiz essa merda, mas pode mandar a conta que faço questão de pagar pelas suas camisas perdidas. — Ele fez um barulho que para mim pareceu de raiva.

— Eu não quero o seu dinheiro. — Percebi que se esforçava para não gritar.

— Então vá para o inferno.

Desliguei o telefone.

Porra, eu desliguei o telefone. Desliguei o maldito telefone na cara do meu namorado. Um namoro que não tinha nem uma semana de vida. Que merda! Meu corpo inteiro tremia de raiva e medo.

— Que. Foi. Isso? — Miranda articulou me encarando com um sorriso irônico no rosto.

— Puta que pariu! — Desabei ao seu lado, sentindo meu celular vibrar em minha mão. Era ele. Eu nem precisava olhar para saber. — Ele acha que eu manchei as malditas camisas.

— As que estavam na máquina? — Confirmei, deixando a ligação cair na caixa postal. — O que você fez? — Ela riu divertida o que me deixou com mais raiva ainda.

— Nada. — Levantei e meu celular voltou a vibrar. — Você acha mesmo que eu não sei ligar uma máquina de lavar?

— Você não colocou água sanitária nas roupas, não é?

— Merda! Eu não coloquei nada. Cheguei, apertei o cacete do botão e fui embora.

— E por que demorou tanto? — Senti meu rosto esquentar.

— Porque precisei passar no quarto. — Minha voz diminuía à medida que eu tentava encontrar uma desculpa. Miranda estreitou os olhos e eu senti meu celular parar de vibrar. — Precisei fazer xixi, satisfeita?

— Dentro da máquina? — ela disse e riu jogando a cabeça para trás.

— Vá se foder!

Alex

Eu estava puto da vida e não havia como esconder de Lipe. No momento em que comecei a falar com Charlotte ele levantou a cabeça e ficou prestando atenção. Por isso tentei me segurar ao máximo.

Ouvi a porta abrir e me dei conta de que Marta estava chegando e eu precisava sair. Abri o micro-ondas, peguei a sopa e coloquei em uma panela para terminar de descongelar.

— Boa noite. — Marta cantarolou assim que entrou na cozinha. — Vamos nos divertir muito hoje? — brincou com Lipe.

— Boa noite, Marta. — Fui seco sem conseguir evitar. — Por acaso você colocou algum produto novo na máquina de lavar roupas ontem quando deixou minhas camisas de molho? — Continuei com os olhos na panela. Não podia ser indelicado com ela, já que nunca antes houve um episódio como aquele.

— Não. Aconteceu alguma coisa? — Sua voz cautelosa me fez respirar fundo para não descontar nela a minha frustração.

— Estão todas manchadas. Eu esqueci de ligar ontem e acabei fazendo isso só hoje pela tarde. Deve ter sido isso.

— Manchadas? — Ouvi sua voz se afastando e deduzi que ela ia até a área de serviço. — Essas roupas foram manchadas com água sanitária. — Sua voz estava próxima outra vez. Você fez isso?

— Não — suspirei. Charlotte com certeza tinha feito e não queria admitir para não ficar mal comigo. Que droga! E eu estourei com ela sem piedade. Que babaca eu fui.

— Nossa! Não dá para salvar esse estrago.

— Não tem problema. — Desliguei o fogo e coloquei a sopa no pratinho do Lipe. — Você precisa de muito tempo?

— Não. — Ela voltou para a área de serviço. — Só vou trocar de roupa e lavar as mãos. Deixa a sopinha dele que quando esfriar eu faço ele tomar todinha. — Tá certo.

Ela saiu e eu fiquei ao lado do meu filho, que comia a torrada, espalhando farelos por todo o desenho, misturando com lápis de cera. Minha cabeça estava longe. Eu queria continuar tentando falar com ela. Tentar consertar as coisas, deixar a raiva esfriar e seguir em frente. Mas eu não podia fazer isso na frente do Lipe, e nem podia chegar na casa dela sem saber se ela realmente queria a minha presença.

— Pronto! Você já vai sair?

— Não. Vou tomar um banho. — Eu estava um pouco aéreo, tentando entender o motivo de Charlotte ter feito aquilo, o motivo de eu estar tão aborrecido e encontrar uma forma de fazer com que a gente voltasse a se entender. — Papai já volta. — Dei um beijo em meu filho e subi para o banho.

No caminho eu já tinha um plano completo. Só precisava enviar uma mensagem para Charlotte e rezar para ela não estar muito puta comigo.

Charlotte

Eu estava puta da vida com ele. Como Alex podia pensar que eu faria uma coisa daquela? Como ele era capaz de duvidar de mim depois de tudo o que passamos? Era inaceitável!

Meus olhos ardiam, mas nenhuma lágrima desceu. Eu não tinha vontade de chorar, apenas de socar a cara dele. Mesmo sendo uma cara linda e apaixonante.

Que merda!

Era para ser uma noite maravilhosa e ele estragou tudo outra vez.

Deitada em minha cama, encarando o teto e sem vontade de atender as suas ligações, pensei em qualquer coisa que me ajudasse a colocar aquela raiva para fora. Escrever seria impossível. Eu mataria o personagem principal com toda certeza. Minhas leitoras enlouqueceriam.

Levantei decidida a pedalar. Eu precisava externar, precisava queimar aquela raiva que me consumia ou então não haveria chance de encarar Alex caso ele resolvesse dar continuidade a aquela palhaçada de conversar com o meu pai. Isso se a mancha em sua camisa favorita não fosse algo demais para ele.

Demais o suficiente para fazê-lo desistir. Desistir de mim.

Meu coração acelerou.

De short jeans curto, um top, boné e uma camiseta, calçada com meu tênis velho, peguei a bicicleta e saí para a rua quando meu celular apitou avisando a chegada de uma mensagem.

“Estou no bar da esquina aguardando por você”

Conferi o horário sem acreditar que Alex estaria mesmo em um bar ainda tão cedo. E o que ele queria me esperando lá se o plano era encontrar o meu pai para conversarem? Uma coisa era certa, se ele queria me encontrar em um lugar neutro, se não subiria para conversar com o meu pai, era porque a mancha em suas camisas causou mais estrago do que os aparentes.

Tremendo, montei em minha bicicleta e desci a rua tomando todo o cuidado para não me desequilibrar. Eu tentava manter minha mente aberta, controlar-me para não chegar parecendo desesperada. Ser firme era importante para que ele entendesse que eu não fiz nada que pudesse manchar as suas roupas. Eu só apertei a merda do botão!

O sol não estava forte, mesmo assim me arrependi de não ter colocado protetor solar. Segui o fluxo da rua arborizada até encontrar a encruzilhada que me levaria até ele. Um homem vestido de cachorro-quente atravessou a faixa na minha frente, fazendo-me parar bruscamente.

Meus olhos buscaram o meu professor do outro lado da rua, no entanto muitas pessoas caminhavam e o sol contra o meu rosto me impedia de enxergar o interior dos bares que ficavam na esquina. Aguardando para atravessar a rua observei vários carrinhos de bebê, o que fez meu coração doer mais.

A barraquinha de flores no acostamento deixava o ar cheiroso e romântico, no entanto eu não estava em paz. Era como se a vida me testasse o tempo todo, mostrando-me aquilo que eu não poderia ter e me fazendo reagir de uma forma que eu não imaginava que reagiria. Eu sofria.

Atravessei a rua ainda montada em minha bicicleta e resolvi tentar o primeiro bar. Desmontada passeei defronte ao estabelecimento. Não foi imediatamente que o reconheci. Alex estava em uma mesa distante, mesmo com o bar vazio. Com um copo de suco diante dele, estava praticamente escondido com seus óculos escuros e boné cobrindo o seu rosto. O que ele estava pensando?

Parei a bicicleta ao lado da mesa e aguardei até que ele me olhasse. Mesmo com os óculos escuros eu sabia que ele estava com o olhar fixo em mim, aguardando a minha reação. Seu rosto se movimentou correndo meu corpo, se demorando em minhas pernas expostas e no meu short curto. Alex levantou os óculos, os olhos lascivos, cheios de uma luxúria que me fez estremecer.

— Charlotte...

Desviei os olhos sentindo meu rosto esquentar, foquei em seu peitoral e... puta merda! Foi impossível não sorrir. O que ele estava fazendo?

— Alex... você... — Ele abriu os braços e sorriu lindamente me mostrando a camisa acabada, com manchas para todos os lados. Comecei a rir.

Eu sabia o que ele estava fazendo e tal fato me fez amá-lo ainda mais. Ele queria me pedir desculpas pelo ocorrido e deixar claro que não se importava com o estrago que acreditava que eu tinha feito. Isso me fez

rir um pouco menos.

— Eu não sou a responsável por isso. — Apontei para a sua camisa quando ele levantou e me tomou em seus braços.

— Eu não me importo — disse com o rosto enfiado em meu pescoço. — Não me importo com merda de camisa nenhuma. — Levantou o rosto para me encarar.

— Não foi o que pareceu — acusei.

— Desculpe.

— Tudo bem — sorri e ele me beijou com doçura, tomando cuidado para não bater os nossos bonés.

Tenho certeza que chamamos atenção, mas eu não estava me importando com esse detalhe. Eu queria ser beijada por aquele homem incrível. Passei a mão arrancando o seu boné e me apossando dos seus fios sedosos, sentindo-os em meus dedos.

Céus! Aqueles lábios, aquela língua, aquele toque cuidadoso, que deixava explícito que queria dizer muito mais do que dizia, aquele corpo colado ao meu, seu cheiro, seu jeito... eu estava completamente apaixonada por Alex... outra vez.

Ele se afastou como se lhe causasse dor estar distante naquele momento. Seus olhos encontraram os meus e seu sorriso era uma promessa. Meu corpo inteiro esquentou. Era impossível reagir a Alex de outra forma quando ele me olhava e sorria daquele jeito. Eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse sexo com aquele homem.

— Quer beber alguma coisa? — ele disse, porém minha mente não assimilava as suas palavras. —

Charlotte? — Sorri como uma boba sentindo meu corpo corresponder ao pedido que foi apenas

imaginário. — Caramba, menina! — Ele rosnou me puxando para mais perto. — Eu conheço essa

carinha. — Acariciou meu rosto com a ponta dos dedos. Mordi o lábio inferior e ele segurou meu queixo.

— Não faça isso.

— Eu pensei que...

— Nós temos que conversar com o seu pai.

— Alex...

— Eu vim com a minha melhor camisa. — Tentei conter o riso e não consegui. Ele riu também.

— Ele estava no banho quando eu saí.

Deixei que meu namorado me conduzisse à cadeira ao lado da dele e me sentei enquanto ele bebia um gole generoso do seu suco. Umedeci os lábios no mesmo instante em que ele o fez, por motivos diferentes, é claro.

— Vamos ficar muito tempo conversando com ele? — Meus olhos estavam fixos nos lábios do meu eterno professor. Ele sorriu. Meu coração disparou.

— Não muito. — Passou a mão em meus cabelos. — Você me mandou para o inferno. — Mantive o olhar apenas para disfarçar que eu não havia feito o que ele disse, embora soubesse que meu rosto estava vermelho.

— Você mereceu. — Minha voz fraca me entregava. Ele sorriu mais.

— Você me mandou para o inferno quando me pediu para tirar a sua virgindade, menina. — Puxei o ar, deixando-o preencher os meus pulmões com expectativas. — Acho que a ideia do inferno nunca foi tão atrativa.

— Você tem noção de que está me deixando excitada, não é? — Vi a ponta da sua língua roçar de leve a parte interna dos lábios. Meu sexo ficou molhado.

— Gosto quando você fica excitada. — Suas palavras ditas de forma casual, seguidas de mais um gole da sua bebida me fizeram sentir calor. — Só não gosto quando brigamos. — Ele me olhou daquela maneira que já me deixava desanimada. — Você me acusou de algo grave — disparei.

— Grave?

— Você estava nervoso. Rosnava para mim. — Alex passou os dedos no lábio inferior puxando-o.

— Eu exagerei. Confesso. É só que... — Sua mão correu pelos cabelos negros, jogando-os para trás.

— É só que...

— Porra, Charlotte! Se você não mexeu nas roupas e a Marta nunca fez isso antes, Lipe não fica sem supervisão... o que pode ter acontecido?

Fiquei sem resposta e acabei dando de ombros. Alex tinha razão em desconfiar de mim. Marta trabalhava para ele há anos, Lipe não era o tipo de criança que conseguia fugir sem ninguém perceber, alcançar uma garrafa de água sanitária e jogar dentro da máquina. Principalmente, ele nunca conseguiria fazer isso sem deixar rastros. Quem mais poderia ter feito aquilo?

Meus olhos ficaram arregalados.

Meu. Deus.

Voltei a encarar meu namorado, sem ter certeza se queria contar as minhas desconfianças. Nosso relacionamento ainda era delicado, nós estávamos nos ajustando, tentando entender como faríamos funcionar. Jogar em cima do meu namorado o que passava em minha cabeça era dar mais pano para manga. O melhor a fazer era manter firme a minha posição: eu não tinha feito aquilo.

Alex passou a mão no rosto como se quisesse espantar o aborrecimento, pegou a sua bebida tomando mais um gole e voltou a me olhar. Não havia mais o mau humor de minutos antes.

— Esse short não é curto demais? — Arqueei a sobancelha e um sorriso debochado brincou em meus lábios. — É curto demais, Charlotte. — Cruzei os braços na frente do peito.

— É mesmo?

— É. É mesmo.

— Problema seu — rebati sem nenhuma vontade de recuar. Onde já se viu Alex achar que poderia mandar em minhas roupas?

— Problema meu? — Pareceu indignado. — Não acha que está passando dos limites demais para um só dia?

— E você por um acaso é o meu pai? — Ele riu, relaxando.

— Sou o seu marido... namorado — corrigiu rapidamente, fazendo uma careta de quem não gostava nada da ideia. — Isso é estranho — revelou com outra careta.

— Não mude o foco da conversa. — Fui rápida. Era melhor conversarmos sobre os limites do que sobre a sua necessidade descabida de fazer nosso relacionamento evoluir em tão pouco tempo. — Conversávamos sobre o meu short.

— Ah sim. — Pegou o copo e bebeu mais uma vez. — Curto. E você é debochada.

— Debochada? — ri ironicamente.

— Completamente debochada. — Seus braços me cercaram, puxando-me para perto, entre as suas pernas.

— Sou realista. Se você achou curto é só não usar — continuei séria.

— Eu achei curto e não quero que “você” use — ressaltou.

— Por quê?

— Porque você é minha. — E ficou me olhando enquanto eu digeriria as suas palavras. Afastei-me necessitando de espaço.

— Eu não sou sua — declarei.

— É sim.

— Não. Não sou. — falei séria e ele recuou. Vi que algo mais do que surpresa alcançava Alex. — Ficar três anos longe de você me fez ver que eu sou apenas minha. — Tentei ser sutil, embora fosse impossível.

— Se eu fosse realmente sua, não sobreviveria.

— Você voltou — acusou sem a certeza presunçosa de antes.

— Voltei — continuei séria, encarando-o. — Mas não para ser sua, como se não houvesse uma vida sem você, porque eu sei que há. Nem para deixar que conduza a minha vida. Eu assumi as rédeas e não largo

mais — avisei.

Pensei que Alex ficaria aborrecido com a minha declaração súbita sobre algo que não merecia a seriedade com que eu tratava. No entanto ele sorriu com doçura e até... orgulho.

— Charlotte, eu acho que estamos levando muito a sério uma frase que é mais uma brincadeira do que uma afirmação de fato. Eu já te disse antes e não foi tão impactante como está sendo agora. Além do mais... — Suas mãos se cercaram da minha cintura e seus lábios foram para o meu ouvido. — Quando eu estou dentro de você nada se torna mais correto do que você ser minha.

Estremeci sentindo suas palavras me atingirem em cheio. Afastei-me olhando fixamente em seus olhos. Alex tentava me vencer, outra vez, com promessas de sexo.

— É impactante porque agora nós precisamos realmente estabelecer limites, Alex. Se queremos fazer dar certo, precisamos dos limites. Então eu não sou sua. Eu te amo, eu posso me render completamente a você quando estamos na cama, mas sou a única responsável pela minha vida. — Meu coração acelerado me avisava que era o momento de falarmos sobre esse assunto.

Era a minha chance. Antes de ele conversar com meu pai. Antes de afirmar com toda convicção de que queria mesmo aquele relacionamento. Alex precisava saber o que havia mudado, o que havia em mim, ou o que faltava. E depois, só então, ele poderia decidir que caminho tomar.

— Alex... — Engoli com dificuldade. — Esses anos longe... — Eu queria contar, mas não sabia como começar. Não tinha ideia de como dizer a ele a verdade.

— Você namorou outros caras. — Ele tentava parecer natural embora estivesse tenso. Sorri sem vontade. Como Alex podia acreditar que o fato de termos saído com outras pessoas quando estávamos separados poderia ser o motivo da minha tensão? — Isso importa? — Ele puxou o ar com força.

— É o que está tentando me contar?

— Não. — E eu não tinha coragem de contar. Deus! — Quer dizer... — Desisti completamente. — É sim. — Ele mordeu o lábio inferior.

— Muitos? — Pensei no assunto. Foram muitos caras? Bom... dependia do que ele considerava muito.

— Céus, Charlotte! Não... — Fechou os olhos com força. — Não precisamos conversar sobre isso.

— Você perguntou — provoquei covardemente, sentindo-me aliviada com o rumo que a conversa tomou.

— Mas não quero saber. — A irritação em sua voz foi perceptível.

— E você? — Pela maneira como o meu corpo reagiu eu logo descobri que também não queria saber.

— Não — Alex desconversou, negando com a cabeça. O que eu não entendi se ele dizia não ter se relacionado com mais ninguém ou se não foram muitas mulheres com quem ele foi para a cama.

Definitivamente eu não queria saber.

— Vamos logo falar com o Peter. — Fez sinal para o garçom, pedindo a conta.

— Tem certeza? — Seu olhar me indicava que ele não entendia o motivo da minha pergunta. — Você pode continuar fazendo o Test Drive por mais algum tempo. Só para ter certeza — brinquei, sentindo-me uma idiota por esconder a verdade.

— Charlotte... — Limpou a garganta com um pigarro. — Acho que nós deveríamos conversar. — As batidas aceleradas do meu coração me deixaram desconfortável.

— É o que estamos fazendo. — Alex, virado para mim, encarava-me com atenção. De uma forma diferente.

— Eu preciso ter esta conversa com Peter.

— Eu sei. — Minha mandíbula travada indicava que eu ainda não digerira muito bem a história.

— Você não está entendendo. Eu quero esta conversa, mas não quero te forçar a tê-la.

— Então se eu não estiver de acordo você não vai?

— Eu vou, Charlotte. — Ficou sério demais, o que me assustava. — Eu vou porque Peter precisa disso e eu também.

— Porque vocês dois me enxergam como uma criança — rebati indignada.

— Não por causa disso, e sim porque eu não fui bom para você na primeira vez. — Eu tentei falar, mas ele me impediu. — Tentei ser. Fiz o que foi possível, no entanto a verdade é que eu te manipulei para conseguir que concordasse com o casamento. Eu aceitei colaborar com o seu pai e escondi a verdade sobre a doença da sua mãe. Eu sabia que Tiffany era um problema e a mantive por perto por causa da editora...

— O que fez não o tornou ruim para mim. — Tentei fazê-lo parar, no entanto Alex estava decidido a ir até o fim.

— Eu tenho que dizer a Peter que continuo não sendo perfeito. Quando eu contei a ele que estávamos juntos acabei prometendo que te faria feliz independentemente da nossa situação, mas eu sempre soube que era uma mentira. Não posso garantir algo dessa magnitude. Eu te amo, mas não posso garantir a sua felicidade, assim como você não pode ser a garantia da minha.

Ele aguardou até que eu entendesse a lógica das suas palavras. Eu nada falei. Não havia o que acrescentar ou contestar. Eu entendia o que Alex dizia e concordava com ele. Se eu era uma mulher independente, se queria o meu direito a minha vida sem a interferência de ninguém, eu precisava entender que nem ele nem ninguém deveria ser responsável pela minha felicidade. Ela era minha e apenas eu poderia torná-la real.

— Mas eu devo esta conversa ao seu pai. — Concordei sem nada dizer. — Só que antes precisamos conversar.

— Estamos conversando — brinquei e ele sorriu sem muita felicidade, acariciando o meu rosto.

— Conversamos sobre limites. — Concordei outra vez de maneira muda. — Eu preciso saber de que forma você nos vê.

— Como assim?

— Eu quero ter ideia exata do que é o nosso relacionamento para saber o que dizer ao Peter. Não posso prometer um namoro ou qualquer outra coisa se você ainda não sabe o que quer.

— Eu sei o que quero.

— Tá certo. Eu sei que você quer ficar comigo, e eu quero ficar com você também — continuou com os dedos acariciando meu rosto. — Mas como isso vai funcionar? — Movimentou a mão entre nós dois. — Estamos namorando. — Mordi o lábio e concordei. — E eu tenho um filho. — Estreitei os olhos. — Você nunca namorou alguém com um filho, não é? — Continuei olhando-o sem entender.

Porra, eu nunca havia namorado antes. Nem mesmo ele, que havia sido meu marido, chegou a ser meu namorado. Como posso saber o que é namorar alguém com um filho? Mesmo assim não respondi. Alex não precisava desta informação.

— Esse foi o motivo de eu perguntar se não queria esperar antes de assumirmos um namoro.

— Por causa do Lipe? Eu tenho certeza que vocês vão acabar se entendendo muito bem. — Ele se afastou e eu senti falta da sua mão.

— E se não acontecer? E se eu me tornar um pesadelo na vida dele? Você nunca pensou nisso quando apresentou uma mulher ao seu filho? Como acha que uma criança pode ser afetada quando se acostuma com alguém e logo em seguida precisa desacostumar?

— Vamos com calma. Primeiro: eu nunca apresentei nenhuma mulher ao meu filho. — Soltei o ar me sentindo aliviada. — E eu não acho que você vá sair da minha vida novamente — sorri sem graça.

— É um risco.

— A vida é um risco.

— Tudo bem. — Tentei parecer desinteressada, mas estava feliz. — Então... o que exatamente você quer que eu entenda com essa história de namorar um cara com filho.

— Que eu possuo limitações. E... prioridades. — Umedeci meu lábio tomando ciência do que ele dizia.

— Tudo bem — repeti lentamente.

— Eu sei que você quer ir com calma, só que desde que Lipe nasceu e até hoje, minha vida foi dedicada

a ele. Fiz questão de ser presente e nunca tentei transferir para outras pessoas as minhas obrigações como pai. — Fiquei calada encarando-o com os olhos arregalados. — Eu tenho uma rotina com o meu filho, o que não significa que você não possa participar, mas é uma rotina dentro de casa. A psicóloga disse que faz bem para o desenvolvimento da criança já crescer com uma rotina... — Ele foi se calando quando percebeu que me dava informações demais. — Eu fico em casa todas as noites... quer dizer... não é que eu não possa sair à noite. Eu estou aqui, não é? — Concordei com a cabeça. Alex parecia desconfortável ao me dar aquele tanto de informações. — Não costumo sair, na verdade, me acostumei a ficar com ele. Gosto disso. — Continuei concordando sem nada dizer, mas comecei a ter vontade de rir. — E o Lipe... Levantei a mão impedindo que ele continuasse. Alex estava confuso e se perdendo no assunto como se fosse... eu. Sim. Alex estava parecendo comigo, o que, definitivamente, era estranho.

— Onde quer chegar? — Ele riu e passou as mãos pelos cabelos.

— Eu sei que você quer ir devagar, que está assustada com a convivência com o meu filho...

— Alex!

— Preciso de você comigo — confessou de vez. — Se somos namorados eu preciso que você relaxe e fique comigo.

— Eu estou com você.

— Em minha casa, Charlotte. Comigo.

— Ah! — Isso implicava em estar com o Lipe também.

— Vou respeitar a sua decisão e já estou cansado de te dizer isso — riu sem vontade. — Mas os namoros funcionam desta forma. Pelo menos os namoros com caras que têm filhos.

— Você tem mais filhos? — brinquei enquanto tentava digerir o seu pedido. Alex revirou os olhos. — Você tem que dizer isso ao meu pai, também?

— Não, embora ele precise saber o que esperar de mim. Ou eu vou passar para pegar a filha dele, ficar algumas horas no motel e devolver no final do dia, ou vou pegá-la para jantar, assistir a um filme e passar a noite comigo, como um casal de namorados faz.

— Namorados vão ao motel. — Tentei não rir. — Não posso ficar com as duas opções? Eu gosto de motéis. E você vai contar mesmo ao meu pai que vai me pegar para passar a tarde no motel? Alex, eu vou acabar ficando com a primeira opção só para ver você fazendo isso. Vou adorar. Estou até animada para participar desta conversa...

— Cala a boca, Charlotte! — Ele me puxou para um beijo apaixonado.

Relaxe senti seus lábios nos meus, sua língua em minha boca, seu desejo inconfundível, sua vontade de me calar que nunca acabava.

— Você é irritante — confessou respirando fundo.

— Vai falar do motel?

— Vai passar algumas noites comigo?

— Vou. — Peguei Alex de surpresa. Ele me encarou admirado. Pelo visto não esperava que eu cedesse tão rápido. Sorri gostando da sensação.

— Mesmo com a presença do Lipe? — Dei de ombros, apesar da certeza de que aquilo poderia ser um problema.

— Você disse que conseguiríamos nos acostumar.

— Eu disse.

— E eu confio em você. — Ele sorriu de maneira espetacular. — E sou a sua namorada.

Alex soltou o ar com força.

— Você me deixa tenso e confuso. — Sorri amplamente.

— A ideia é essa. — Nos encaramos por um tempo. Ambos sorrindo, curtindo a sensação.

— Vamos conversar com o Peter.

— E o Test Drive?

— Eu já fiz o Test Drive. — Bebeu o restante do seu suco e recebeu a conta do garçom. Pegou a carteira, tirou uma nota, entregou a pastinha de volta ao rapaz que aguardava tentando fingir que não aguardava. — Vamos. Peter não vai ficar nada satisfeito com um Test Drive tão estendido.

— Ai meu Deus! — ri da sua urgência. — Você não tem noção do tempo. Como pode ser estendido?

— Eu defino o meu tempo. Vamos! — Levantou, oferecendo-me a mão que aceitei imediatamente.

— Eu estou de bicicleta. — Ele me puxou colando os nossos corpos.

— Que sorte a minha. — Beijou-me com delicadeza. — Meu carro tem suporte para bicicletas — e seu beijo foi mais rápido e forte. — Vamos!

Capítulo 20

“Oh, doce Julieta, tua beleza enfraqueceu-me!” William Shakespeare

Alex

Eu estava definitivamente feliz. Tinha esgotado todo o meu estoque de conversa sobre o que éramos e o que seríamos. Toda a minha insegurança havia desaparecido, simplesmente porque ela estava ao meu lado. Charlotte estava comigo de verdade e disposta a fazer dar certo. Eu sabia que era sincera só de olhá-la.

Apesar de todo o seu medo em relação ao meu filho, da nossa história fracassada, do improvável futuro, ela estava decidida a fazer de tudo para dar certo, assim como eu.

Entramos de mãos dadas no flat. Vitor pegou a bicicleta para guardá-la, o que nos deixou mais livres. Charlotte não demonstrou indecisão nem por um segundo.

Estávamos tão felizes que nos beijamos do elevador até a sua porta, e, exatamente por isso, não ouvimos as vozes, nem vimos quando alguém abriu a porta do seu apartamento. Somente quando um pigarro alto alcançou meus ouvidos percebi a nossa situação.

Escorados na parede eu prendia Charlotte em meus braços e devorava a sua boca com uma ansiedade que até para mim parecia anormal. Eu não tinha nenhuma vontade de deixá-la, infelizmente precisei quando Peter colocou a mão no meu ombro.

Put a que pariu!

— Ok, Alex! Todo mundo sabe o quanto você ama a minha filha, só que vocês nos fizeram esperar por muito tempo e não vai dar para aguardar até que matem toda essa saudade.

Respirei fundo ouvindo as risadas, envergonhado e confuso. Olhei para Charlotte que estava tão vermelha que parecia prestes a ter um AVC. Ela não olhava para o pai, nem para mim, encarava o chão. Segurei sua mão com firmeza, meu gesto lhe dizendo que voltasse a ser a mulher forte e decidida e só então ela levantou a cabeça e, mesmo envergonhada, encarou o pai.

O problema é que, nem eu, nem a minha namorada, esperávamos pelo que estávamos vendo. Ali, dentro do apartamento, estavam as nossas famílias. Meus pais, meus irmãos, seus respectivos companheiros, o pai de Charlotte e Johnny. Faltavam apenas as gêmeas de Lana e Lipe.

O que era aquilo tudo?

Peter saiu da frente nos oferecendo passagem. Entramos de mãos dadas, ainda sem compreender. Eles sorriam nos encarando. Olhei outra vez para Charlotte, que estava na mesma situação que eu, sem entender nada.

— Eu sabia que vocês não fariam isso, então, pensei que, se era para assumir, que o fizessem na presença de todos — Peter esclareceu dando tapinhas em meus ombros. — E todos nós queríamos que vocês soubessem que estamos felizes pela decisão que tomaram.

— Pai... — Charlotte apertou a minha mão. Fiquei tenso porque sabia que ela pretendia ir aos poucos, acostumando com a situação, sem forçar a barra e sem precisar se justificar com ninguém. — Deus! Mas nossos familiares e amigos nos olhavam com carinho, exibindo uma felicidade sincera, sem nenhuma cobrança ou acusação. Eles queriam somente demonstrar que concordavam e desejavam o mesmo que nós dois. Puxei minha namorada para meus braços e beijei o topo da sua cabeça. Ela levantou o rosto ainda vermelho e me encarou.

— Já que estão todos aqui — anunciei em voz alta, sem tirar meus olhos dos dela. — Eu e Charlotte decidimos que vamos namorar. Vamos viver cada etapa como deve ser e iremos nos adaptando à nossa nova realidade. Queremos fazer do nosso jeito. — Olhei para Peter que concordou em silêncio. — Não estamos recomeçando. Estamos começando da maneira que deveria ter sido. — Ela sorriu o que me deixou um pouco mais feliz.

— Façam como quiserem — Peter anunciou em tom de brincadeira, mas eu sabia que ele não queria mais fazer como antes. Não iria interferir.

Suas escolhas, mesmo que por um motivo louvável, acabaram nos colocando numa situação difícil. Eu nunca o acusei, embora tanto eu quanto Charlotte estivéssemos cientes da sua parcela de culpa. Era reconfortante saber que, daquela vez, não sofreríamos pressão por parte dele.

— Já podemos comer? — Johnny se aproximou com uma taça de vinho na mão e me deu um tapa no braço como saudação para em seguida abraçar Charlotte. — O que houve com a sua camisa? É alguma moda? — Charlotte riu e eu me lembrei que estava no meio de uma pequena comemoração vestindo uma camisa arruinada.

— Um acidente — anunciei sem querer me aprofundar no assunto.

Os outros seguiram nos abraçando e nos felicitando. Trocando palavras amigáveis, eu procurava os olhos da minha namorada e via que ela estava tranquila, apesar de envergonhada.

Minha mãe me deu um beijo no rosto e sorriu com os olhos marejados. Ela me abraçou e sussurrou em meu ouvido:

— Que camisa é essa? — Seu tom de reprimenda me fez sorrir. Mães!

— Um pequeno acidente. E... — Olhei para Charlotte que sorria amplamente, atenta a minhas palavras.

— Uma declaração de amor. — Eu sabia que seria o suficiente para fazer minha mãe desistir da bronca. Ela me olhou emocionada e acariciou meu peitoral aprovando qualquer que fosse a minha decisão. — Neste caso considere-se perdoado.

Pensei em Mary de imediato. Ela também ficaria feliz com nossa reconciliação se estivesse viva?

Respirei fundo. Para começar, se Mary estivesse viva nada daquilo teria acontecido. Lipe não existiria... e confesso que eu não conseguia imaginar o meu mundo sem ele, sem me sentir sufocado pela angústia que a ideia me passava.

Eu nunca me arrependeria do meu filho. Ele era tudo para mim. Talvez as pessoas não entendessem. Provavelmente Charlotte demoraria para entender, mas eu sabia o que era só olhar aquele rostinho para me fazer sentir o imenso amor que existe dentro de mim. Eu era o único que entendia que quando carreguei meu filho no colo a primeira vez todo o resto deixou de fazer sentido.

Ser pai era, definitivamente, o meu melhor papel.

Minha mãe abraçou Charlotte, que corou e retribuiu sem a mesma força ou entusiasmo. Muitos pensamentos começaram a se formar em minha mente, porém foram interrompidos quando braços familiares me envolveram em um abraço apertado.

— Estou feliz por você, filho. — Meu pai se afastou para me encarar. — Agora sim eu vejo uma felicidade plena em seu rosto. — Sim, meu pai me entendia. E ele sequer mencionou minha camisa.

Adriano era um homem incrível e honrado. Ele havia se tornado uma parte importante de mim. Foi o meu exemplo e às vezes eu nem acreditava que não compartilhávamos a mesma carga genética. Eu o amava como se fosse meu pai verdadeiro e era este amor que me fazia acreditar que um relacionamento afetivo

entre Charlotte e Lipe era possível.

— Eu estou feliz — revelei e me encolhi ao levar um soco do meu irmão, que com um canapé na mão formulou um inaudível “se fodeu” antes de entupir a boca de comida.

— Que camisa é essa? — me recriminou. — Eu sempre disse que isso de ser surfista foderia com a mente dele. — Patrício não era nada delicado com as palavras.

— Olha essa boca! — Minha mãe lhe deu um tapa no braço fazendo-o rir alto. — Eu realmente não sei o que fazer com você, Patrício — resmungou, voltando sua atenção para Charlotte e Miranda, que riam de alguma coisa.

— Alguém aqui não está mais na seca. — João Pedro se aproximou, bebendo vinho e me encarando com olhos divertidos. Meu amigo fez uma careta ao olhar a minha camisa. Meu pai riu e eu fiquei sem graça. Não que falar de sexo com o meu pai fosse embaraçoso. Nunca foi. Porém, falar de sexo, com aqueles caras com problemas mentais, ansiosos para arrancar de mim qualquer detalhe para me sacanear até o fim da minha vida, era impossível.

— E alguém aqui dorme cedo e cansado todos os dias — Lana se intrometeu, acusando o marido e me dando um beijo na bochecha. — Estou muito feliz por vocês. Espero que Charlotte cuide melhor de você do que a sua empregada. — Tocou em minha camisa para deixar claro sobre o que falava. Coloquei a mão na cintura da minha irmã enquanto olhava debochado para João, devido à confissão de Lana.

— Porque alguém aqui trabalha até mais tarde deixando para mim a função de cuidar das duas criaturas mais bagunceiras que já conheci. Você tem ideia do que é colocar gêmeos para dormir? Primeiro você precisa convencê-las a deitar, e as pestinhas são boas de papo, acabam me enrolando...

— Pelo amor de Deus, João! Eu ainda quero ter filhos. — Miranda reclamou fazendo uma careta como se desfazer a mágica da maternidade fosse algo que o machucasse. Patrício lhe direcionou um olhar que eu bem entendia. Ele não queria ser pai.

— Porra, você precisa trocar as fraldas delas antes de dormir, mas elas são piores do que cobras...

Desviei a atenção da conversa quando vi Charlotte se afastar, andando até o pai que estava próximo à mesinha com alguns salgadinhos e o abraçar. Foi algo muito íntimo que passou despercebido por todos e me deixou emocionado. Tive vontade de ir até eles, contudo como sabia que ela precisava de um momento só deles, respeitei.

— E quando você percebe está acordado assustado, sem saber onde está, e descobrindo que adormeceu no quarto das filhas. Caralho, eu volto para o meu quarto praticamente me arrastando.

— Alex não reclama da paternidade — Lana brincou e eu tive que olhar para eles, deixando minha namorada em seu momento com o pai.

Charlotte

Ele me soltou e eu tentei esconder meus olhos úmidos. Eu não queria ter que dar uma satisfação pública, por outro lado, sentir a felicidade dos nossos parentes e amigos pela nossa reconciliação não podia ser classificado como algo ruim. O que mais me comoveu foi a maneira como o meu pai conduziu tudo. Ele deixou Alex tranquilo, sem cobranças ou ameaças. Isso era tão promissor!

Eu poderia namorar, passar dos limites, estendê-los, passar quantas noite desejasse na casa do meu eterno professor e voltar para casa quando quisesse que ele não estaria me aguardando com aquela baboseira de andar armada e de termos regras que devemos seguir.

Era felicidade demais.

Quando fui encontrá-lo eu queria somente fazer companhia para um homem solitário que fingia interesse na comida para dar a todos a chance de se expressar como desejassem. Porém, quando ele me olhou e

sorriui, eu me senti novamente como aquela menininha que corria para o seu colo todas as vezes que sentia medo e, bastava ele me abraçar, para eu me sentir mais corajosa. Não conversamos sobre o assunto. Ele sabia que aquela era a minha escolha e eu não precisaria me explicar. Pelo menos não para ele.

— Precisava mesmo chamar todo mundo? — Ele riu me segurando pelos ombros.

— A ideia não foi minha. Dana ligou logo cedo avisando que faria um jantar e eu só sugeri que fosse aqui em casa, já que Alex queria conversar. Tenho certeza que era o que você mais desejava. — Revirei os olhos e ele riu com vontade.

— Não acredito que você me ame — reclamei fazendo biquinho.

— Mais do que a mim mesmo. — Sua voz emocionada não passou despercebida.

— Esse é o grande problema. — Ele riu de novo, voltando a escolher alguma coisa para comer. — Não abuse do sal. — Meu pai pegou um salgado e o colocou inteiro na boca como se estivesse me desafiando. Captei a imagem do Johnny pelo canto do olho. Eu precisava mesmo conversar com o meu amigo. — Já volto.

Atravessei a sala rapidamente, tanto para impedir que alguém me interceptasse, quanto para evitar que qualquer outra pessoa se aproximasse do meu amigo e estragasse o meu plano. Johnny foi até a varanda, o que me deixou grata.

— Ei! — Ele virou me observando e sorriui. — O que faz aqui sozinho. — Optei por começar de leve para não assustá-lo nem ser interpretada como uma louca.

— Ah... — ele riu sem graça. — Vim conferir as mensagens. — Levantou o celular para que eu pudesse me certificar de que falava a verdade. — Posso deixar para depois. Está tudo bem?

— Sim. — Olhei para os lados para me certificar de que ninguém nos atrapalharia.

— Não está. Pela sua cara eu sei que não está. O que houve? — Peguei a taça da sua mão e bebi um longo gole.

— Você viu a camisa do Alex? — Ele abriu um longo sorriso irônico.

— Não me diga que você quem fez aquilo.

— Eu não fiz aquilo, idiota! — Bebi mais um pouco sentindo a raiva voltar. Eu precisava me controlar.

— Tá. O que aconteceu?

— Eu não sei! — Com um suspiro me encostei ao seu lado, olhando a paisagem. — Ontem as camisas dele estavam de molho e... eu... — Olhei para o meu amigo sentindo o rosto esquentar. — Eu dormi na casa dele e acabamos esquecendo delas. Hoje pela manhã me ofereci para voltar lá e ligar a máquina para lavá-las. Juro que só apertei a merda do botão.

— E as camisas mancharam? Tem certeza que não jogou água sanitária? Porque as manchas são mais claras do que a camisa, então só pode ter sido isso. — Olhei intrigada para o meu amigo. Como entendia tanto de lavagem de roupas?

— Eu só apertei a merda do botão — respondi com raiva, fazendo-o rir.

— Alex acha que você fez isso. — Cruzou os braços me observando beber todo o seu vinho.

— Ele se desculpou, mas é lógico que acredita que fui eu.

— E não foi você — continuou me encarando. Como eu fiquei calada ele continuou. — Qual o problema? Pode ter sido qualquer pessoa descuidada.

— Esse é o problema. Lipe não alcança a prateleira dos produtos e não consegue abrir a máquina. Marta trabalha com Alex há anos e nunca manchou uma camisa dele. Eu não fui e ele diz que não foi ele.

— Então não foi ninguém. Coisas sem explicação acontecem todos os dias. — Deu de ombros. Continuei olhando meu amigo sem saber como falar da minha suspeita. Ele suspirou pesadamente. — Você tem uma teoria. Desembucha.

— Anita.

— Anita? Por que ela faria isso?

— Para me incriminar. — E deixei minha raiva sair livremente. — Olha, Johnny, eu sei que vocês... ela não está muito feliz com a escolha do Alex. — Senti-me péssima por precisar dizer aquilo ao meu amigo, afinal de contas eles estavam dormindo juntos. Johnny me olhava tranquilamente, sem parecer ofendido ou magoado com o que eu tinha acabado de dizer.

— Eu não tenho nada sério com ela, Charlotte. É só sexo — riu sem graça, deixando de me encarar. — Sempre foi apenas sexo.

— Muito tempo para ser somente sexo, Johnny. Você não se incomoda?

— Não! — Fiquei horrorizada. Como ele podia transar durante tantos anos com uma mulher sem se importar com o fato de ela desejar outro homem? — As coisas funcionam de forma diferente para os homens, Lottie. — Apertou minha bochecha como se eu fosse uma criança. Bati em sua mão.

— Não sei como ela continua transando com você depois de você ter filmado tudo e ameaçado entregar ao reitor.

— Eu valho a pena. — Abriu um sorriso atrevido. — Por outro lado, o que eu fiz permitiu que ela continuasse próxima do Alex. Eu fiz para impedir que ela te prejudicasse, mas acabei fazendo com que Alex não se sentisse ofendido quando encontrou nela a ajuda que precisava. Se ela tivesse ido até o fim com aquela história, eu tenho certeza que Alex jamais permitiria que se aproximasse outra vez.

— Nem me fale disso. Não sei como ele permite que ela seja tão íntima. — Quase cuspi de tanto desprezo que sinto por aquela mulher.

— Ele precisou de ajuda e ela deu o que ele precisava naquele momento. — Fiz uma careta de desgosto.

— Como você pode dormir com ela sabendo que o desejo dela é o Alex?

— Eu não me importo com quem ela deseja. Simples assim. — Soltou o ar dos pulmões. — Anita é uma diversão. Minha vida ficou muito atribulada. Eu quase não consigo paquerar. O padrinho está sempre no meu pé e eu vivo cansado demais para investir em mulheres diferentes todas as noites. Até para sair com uma enfermeira eu preciso de um plano mirabolante, ou corro o risco de ele me deserdar. — Ri. Aquele era o meu pai. — Anita é mais fácil, prático, rápido e seguro.

— Que. Coisa. Hor-rí-vel! — Ele riu abertamente.

— É porque você é muito certinha. Miranda me entenderia melhor. — Meu rosto corou e eu abaixei a cabeça.

Eu sabia muito bem o motivo de Miranda entender as coisas que meu amigo fazia. Para ela sexo era algo diferente de amor. Os dois não precisavam estar na cama dela ao mesmo tempo. O que me levava a pensar no quanto eu era idiota.

— E Anita não é apaixonada pelo Alex.

— Ah não? — Arqueei uma sobrancelha ironicamente. Se aquilo não era paixão o que mais seria?

— Ela encara Alex como um prêmio. Algo que ela não teve e que a faz querer cada vez mais. A recusa dele é o combustível para todo o assédio. Se ele tivesse transado com ela resolveria todo o problema. Anita é como eu, não gosta de ninguém no pé dela, não curte relacionamentos.

— Ela não ficou nada feliz com a minha reconciliação com o Alex. — Ele riu.

— Porque agora ele terá que andar o mais certo possível, ou nunca mais terá outra chance. Ou seja, adeus a possibilidade de ele transar com ela.

— Espero que seja assim mesmo.

Olhei para a sala através dos vidros da varanda e vi Alex caminhando em nossa direção. Meu pai o interceptou, o que me agradou. Eu precisava terminar minha conversa com Johnny.

— E Anita não seria infantil a ponto de manchar as roupas dele. — Johnny não acreditava em mim, o que me irritava ainda mais. — E como ela faria sem que vocês descobrissem?

— Ela tem a chave da casa dele — rosnei, desta vez meu amigo não riu ou debochou de mim.

— Ela tem?

— Tem. — Minha raiva recuou diante da minha revelação. Por que Johnny reagira daquele jeito? Ele fez bico e deu de ombros.

— Não sei, Charlotte. Continuo acreditando que Anita não faria algo assim.

— Eu não confio nela. Se aquela mulher teve coragem para invadir a despedida do meu marido e forçar a barra para lhe dar um boquete, ela é capaz de qualquer coisa. Meus Deus! Onde todos estão com a cabeça que desconsideram tudo o que Anita já fez? — Johnny ficou calado, com o lábio inferior entre os dedos, esticando-o e refletindo.

— Você não tem como provar, então é melhor não compartilhar nada com Alex ou só vai provocar a discórdia entre vocês.

— Eu sei. Ele sequer pensou nela, em momento algum. Alex está com algum problema mental, é a única explicação. — Meu amigo riu com vontade.

— Charlotte, se Anita estiver envolvida vai chegar um momento em que ela vai se enrolar e se entregar. Ela não é o tipo de pessoa que consegue manter um segredo, entendeu? — E piscou para mim.

— Só espero que ela não apronte mais nada.

— Isso se ela for mesmo a responsável. — Não rebati. Eu sabia que era, mas, como meu amigo mesmo disse: eu não tinha como provar.

Alex

Charlotte estava na varanda com Johnny, o que aguçou a minha curiosidade. O que ela fazia com ele em um lugar afastado de todos? Não que eu sentisse ciúme do garoto. Claro que um dia já cheguei a cogitar a hipótese, mas agora, eu estava convencido do sentimento fraternal entre eles. O que me intrigava era que estávamos em uma comemoração, com os nossos amigos e família, então o que teria feito com que Charlotte preferisse se afastar?

Meu celular tocou. Olhei o visor e vi que era uma ligação de Anita. Tive vontade de ignorar. Não seria agradável dar satisfação a minha namorada bem no dia em que finalmente resolvemos assumir o nosso namoro, mas também não seria correto não atender a pessoa que mais me ajudou quando eu precisei.

Pedi licença à Miranda e Patrício e cruzei a sala com o telefone na mão. Eu atenderia, daria uma desculpa e partiria em busca da minha namorada.

— Oi! — Embora fosse ridículo, mantive a voz baixa, tentando não chamar atenção.

— Oi! Está em uma festa? — Ela parecia animada.

— Não. Estou na casa de Charlotte. — Evitei falar que estávamos reunidos lá para comemorar o nosso namoro. Era uma informação que poderia gerar mais assunto e era exatamente o que eu queria evitar.

— Ah! — Ela tentou disfarçar o desânimo que estava nítido em sua voz.

Olhei para fora e vi que Charlotte ainda conversava com Johnny, sem prestar atenção em mim. Fiquei aliviado, mas ainda estavam ali Peter e Miranda, que poderiam facilmente interpretar de maneira errada a ligação.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Eu ia passar em sua casa para ver o Lipe, então resolvi ligar para saber se você queria jantar.

— Desculpe. — E me senti ridículo por precisar me desculpar por estar com a minha namorada. — Vou passar a noite com Charlotte hoje. — Pelo menos esta informação deixaria claro como as coisas funcionariam dali para frente. Ela ficou em silêncio, o que me deixou ansioso.

— Posso pegar Lipe para passar a noite comigo? — Respirei aliviado. Anita gostava de levar Lipe para a sua casa onde eles faziam uma noite só deles, o que divertia o meu filho e me permitia ter a noite livre para... conhecer outras pessoas.

— Claro! Amanhã cedo eu vou surfar, então veja um horário bom para levá-lo de volta para eu me programar.

— Tudo bem. Não vou precisar sair tão cedo. Você vai passar a noite em casa?

— Não sei ainda. — Um pouco mais de silêncio e eu tive vontade de desligar antes que ela inventasse outro assunto.

— Vejo você amanhã então.

— Tudo bem.

— Tchau! — Sua voz melosa e animada contradizia sua reação anterior.

Desliguei sentindo uma vontade imensa de estar com Charlotte. Era como se cada segundo longe dela fosse capaz de nos separar e este era o meu pior pesadelo. Peter me impediu de seguir em frente. Ele me parou com um sorriso amigável no rosto e duas taças de vinho na mão.

— Alex! Eu estava querendo mesmo falar com você. Tome aqui. — Passou-me a outra taça.

— Eu não bebo, Peter. — Tentei devolver e ele se negou a pegar de volta com um sorriso estranho.

— Segure a taça. Acredite em mim, você vai precisar dela. — Com a mão ele me indicou o caminho do seu escritório.

Olhei para trás e vi que ninguém se preocupava com o fato de ele estar me levando para uma provável reunião mesmo com todos ali, comemorando. Não sei por que, mas o fato do Peter querer conversar comigo e deixar claro que eu precisaria da bebida já me deixava tenso. Entramos em seu escritório e ele trancou a porta, andando até o outro lado da mesa. O sorriso ainda estava lá. Amigável. Apesar de eu saber que havia algo de errado.

Puta que pariu! Que não fosse mais uma promessa louca que me envolvesse em mais uma mentira para a minha namorada. Eu me recusaria. Juro que não colaboraria com mais nada.

Ele suspirou pesadamente ao se sentar e fez sinal para que eu fizesse o mesmo. Eu estava cansado e tenso, o que fazia com que aquela bebida fosse uma tentação. Continuei firme, evitando olhar para a minha mão.

— O que houve, Peter?

— Foi Charlotte quem fez isso com a sua camisa? — Olhei para mim relembrando que estava usando uma camisa acabada, destruída pela falta de jeito da minha namorada.

— Foi sim, embora ela acredite que não. — Ele sorriu compreendendo. — Qual é o problema? — Ele soltou o ar e se encostou na cadeira. Tamborilando os dedos na mesa e umedeceu os lábios.

— Eu quero deixar claro que não vou me intrometer desta vez. Tenho consciência do meu erro, apesar de ter certeza de que faria tudo outra vez. — Continuei encarando o meu sogro, aguardando pela bomba que ele largaria. — Vou deixar por conta de vocês.

— O que é ótimo. — Tive coragem de falar, apesar de saber que nunca deveria desafiá-lo. Mas eu e Charlotte sabíamos o que queríamos e a sua influência só atrapalharia.

— Sim, é ótimo. — Tomou um gole da sua bebida. — Charlotte já é uma mulher.

— Exatamente.

— E ela sabe o que faz. — Outra vez eu concordei, mas sem nada acrescentar. — Charlotte sofreu muito com tudo o que aconteceu.

— Peter, eu sei. Eu... — Ele levantou uma mão para me impedir e conseguiu me calar.

— Ela sofreu. A culpa foi de todos nós, mas ela sofreu muito. E eu queria deixar claro uma coisa. —

Senti meus ombros enrijecerem instantaneamente. — Você é a escolha dela. O que não significa que pode magoá-la novamente.

— Peter... — Mais uma vez ele me impediu de continuar.

— Da outra vez eu interferei e deu no que deu, então não vou mais fazer nada. Vou por conta de vocês. Só quero pedir uma coisa: não magoe a minha filha. Não traia Charlotte outra vez, independentemente dos fatores e motivos, não faça isso por nada neste mundo.

— Eu não vou trair. — Minha negativa saiu um pouco indignada. O que Peter pensava que estava fazendo? — E eu não traí Charlotte de livre e espontânea vontade. Você sabe muito bem.

— Mas pode achar que tem o direito de trair. — Ficamos em silêncio nos encarando. Eu tentava encontrar um motivo para ele estar agindo daquele jeito e ele fazia questão de mostrar que seria irreduzível.

— Peter. — Inclinei-me um pouco me sua direção. — Eu não pretendo trair a sua filha, também não vou aceitar aquele papo de que ela merece alguém que possa cuidar dela e garantir a sua felicidade. Charlotte precisa andar com os próprios pés. E ela é perfeitamente capaz de ser feliz. Se vai ser comigo, sozinha ou com outra pessoa, nós não sabemos, mas a minha namorada não busca a felicidade em ninguém que não seja ela mesma.

Ele encostou os dedos no queixo e me encarou, ali estava aquele sorriso tranquilo que escondia toda a verdade e que me deixava cada vez mais tenso.

— Acho ótimo que pensem assim. — Suspirei aliviado. — Então, vocês conversaram e acertaram todos os pontos? — Não entendi a sua pergunta até porque pela maneira como ele me olhava eu sabia que existia algo por trás daquela pergunta.

— Conversamos. — Ele mordeu o lábio inferior e encarou a mesa, como se pensasse sobre o que poderia ou não falar.

— E... — Levantou ou olhos me encarando fixamente. — Ela te contou sobre o que aconteceu nesses últimos anos? Como foi a vida para ela...

— Nós preferimos não conversar sobre o que aconteceu durante o tempo em que ficamos separados. Charlotte teve uma vida. — Dei de ombros tentando fingir indiferença. — Olha, Peter, eu sei que estraguei tudo, mas eu amo a sua filha e quero que ela seja feliz. Não penso em separar a minha vida da dela nunca mais, acontece que não depende apenas de mim. Charlotte sabe o que está fazendo e eu confio nela.

— Que ótimo — repetiu me encarando com olhos ferozes. — Bom, eu não sei o que a minha filha te falou sobre a Bernadete. — Seu sorriso afiado fez meu sangue congelar.

— Bernadete? — Minha voz já começava a arranhar na garganta.

Ele estendeu o sorriso, abriu a gaveta e tirou de lá algo que eu nunca imaginei que fosse verdade. Sobre a mesa que nos separava Peter colocou uma arma. Eu não sabia dizer exatamente de que tipo era, até porque eu não entendia nada de armas, porém podia dizer com convicção que diante de mim estava algo ágil e potente.

Seus dedos envelhecidos percorreram o cano da arma, com uma admiração estranha. Seus olhos brilharam. Eu juro que vi acontecer.

— Essa é a Bernadete. — Segurou-a na mão.

— Peter... — Eu estava prestes a fugir correndo quando ele segurou a peça para admirá-la melhor.

— Eu quero apenas que você saiba que se magoar a minha filha de novo, eu te mato. — Puxei o ar segurando-o no peito. — Não me importa se foi ou não uma armação. Pouco vai me importar se vocês brigaram, ou qualquer coisa parecida. Se Charlotte voltar para casa chorando outra vez, se precisar desaparecer por longos anos só porque não conseguia imaginar como seria o trabalho com você, eu te mato.

Engoli em seco sem forças sequer para levantar daquela cadeira

— Eu mato você, Alex! Essa é a minha promessa.

Fiquei preso à cadeira, incapaz de levantar, retrucar ou até mesmo fugir. Minha única saída e, neste ponto Peter tinha toda razão, seria beber o vinho que estava naquela taça, porque ou eu bebia e encarava a realidade, ou não bebia e ficava com o peso da declaração.

Sem saída, bebi todo o vinho de um gole só e levantei.

— Se já acabou... — Ele concordou ainda com a arma na mão.

Dei as costas e saí. Confesso que precisei de toda a coragem do mundo para tal atitude. Assim que abri a porta e pude voltar a respirar, entendi o que havia ocorrido naquela sala. Passei a mão na testa sentindo-a úmida.

Encontrei Charlotte saindo da varanda com Johnny. Pela primeira vez, desde que finalmente me convenci de que não dava para ficar sem ela, eu me questioneei sobre a saúde daquele relacionamento. Depois constatei que se existia uma parte inocente naquela história, esta ainda era ela, a minha menina. Ela nem imaginava o que Peter havia dito ou feito.

Minha namorada me olhou e sorriu. Parecia um pouco tensa. Eu imaginava ser pelo fato de todos estarem ali e de ela, mesmo não sendo totalmente verdade, se sentir julgada pelos outros. Caminhamos na direção um do outro e nos abraçamos no meio do caminho. Senti seus ombros ficarem mais relaxados de imediato, e os meus também. Beije o topo da sua cabeça.

— O que quer fazer? — Minha pergunta foi aleatória. Não havia muito o que poderíamos fazer naquele apartamento. Charlotte olhou para mim com olhos suplicantes.

— Posso te pedir para me levar para a sua casa?

Encarei minha namorada. Ali estavam os nossos familiares e amigos. Eles comemoravam a nossa reconciliação e estavam felizes por nós dois. Seria de péssimo gosto sairmos antes mesmo de o jantar ser servido. Eu sabia que minha mãe não ficaria satisfeita, que iria contra as regras do Peter, que todos achariam que era uma grosseria sem tamanho, mesmo assim...

— Claro!

Beije mais uma vez a testa dela e me preparei para enfrentar tudo e todos para tirá-la de lá. Que se dane! Éramos adultos e tínhamos o direito de escolher e eu escolhia levar Charlotte para a minha casa.

Capítulo 21

“Eles lavam seus ferimentos com suas lágrimas. Minhas lágrimas devem cair quando as deles secarem.”
William Shakespeare

Charlotte

Alex estava tão tenso que era impossível disfarçar. Sem contar que eu senti o gosto do vinho em seus lábios quando me beijou com uma urgência que me assustou. Alguma coisa estava errada, no entanto eu tinha certeza de que ele não me diria, então me concentrei em juntar todos os fatos que eu tinha visto para tentar encontrar uma resposta e, quando finalmente encontrei a mais provável, meu sangue ferveu.

Lógico que Alex ficou daquele jeito depois que saiu do escritório do meu pai, ou seja, Peter aprontou alguma coisa. Ou... Puta merda! Ele contou. Céus! Meu pai contou a Alex o meu segredo. Como ele pôde? Esse era um problema meu e não dele, só deveria ser compartilhado quando e com quem eu permitisse.

Merda! Merda! Merda!

— Está tudo bem? — A voz de Alex me assustou e só então me dei conta de que estávamos na garagem da sua casa e eu com as mãos no colo fechadas em punho e os olhos cheios de lágrimas.

Respirei fundo, forçando minhas mãos a relaxarem. Eu não podia dar nenhuma pista. Primeiro precisava estudar o território.

— O que vocês conversaram? — Seus olhos ficaram imensos e ele não soltou o volante do carro, indicando o quanto aquela conversa o transtornara. — Alex, ou você vai me contar ou eu vou embora neste momento.

— O quê? — Ele ainda estava tenso e eu não tinha como ignorar este fato.

— Nada mais de mentiras, lembra? Não vamos recomeçar nosso relacionamento com mais segredos. Eu podia sentir o meu pulso acelerado pela minha própria mentira. Eu mesma escondia um segredo que não conseguia revelar, então como podia cobrar dele uma postura diferente?

— Droga, Charlotte — praguejou derrotado. — Seu pai me mostrou a arma dele e disse que se eu te fizer sofrer novamente ele vai me matar.

— O quê? — gritei.

Seria cômico se não fosse tão trágico. Meu pai era o tipo de homem mais ogro, retórico, antigo, ultrapassado que eu já conheci nesta vida. Como ele achava que podia apontar uma arma para alguém e fazer ameaças como se fosse a coisa mais normal do mundo?

Caralho! Eu queria voltar para casa e gritar com o meu pai, por outro lado, eu estava aliviada por ele não ter revelado o meu segredo, o que não me tornava mais nobre do que Peter e a sua querida arma.

— Fique calma! — Agora sim Alex havia despertado do seu transe.

— Calma? Céus! Como ele pôde fazer uma coisa dessa? Meu pai é... absurdo. Um idiota prepotente que ainda acredita que precisa me defender do mundo.

— Deus, Charlotte! — Alex encostou no banco do carro e fechou os olhos.

— Vou ter uma conversa com ele. Isso não pode ficar assim e...

— Você não vai fazer nada — anunciou se inclinando em minha direção com tanta segurança que me fez calar. — Esse é o Peter. Eu não imaginei que seria diferente.

— Mas...

— Eu só fiquei assustado, Charlotte. Nunca antes tive uma arma tão próxima de mim, foi apenas isso. Peter não me intimida. Nem mesmo se ele tivesse ameaçado atirar.

— Então por quê...

— O que me fez ficar assim foi o que ele me disse. Eu não tenho o direito de magoar você outra vez e não tenho tanta certeza se serei capaz de tal feito. — Soltei o ar dos pulmões aos poucos. — É essa pressão que me mata. Nada entre nós dois flui conforme manda o figurino. É incrível como o nosso relacionamento, em qualquer circunstância, não consegue ser normal.

Encolhi-me tendo consciência da veracidade de suas palavras. Se era assim sem ele sequer imaginar que havia algo de errado comigo, imagine quando ele descobrisse. Merda! Eu sempre seria um peso para ele.

— Infelizmente é o que eu sou. — Tentei não ser dramática, mas não havia como evitar o mínimo de drama. — Não tem como impedir as atitudes do Peter. Ele acha que tem obrigação de zelar pela minha felicidade e se isso implica em apontar uma arma para alguém, é exatamente o que ele vai fazer.

Desculpe, Alex, mas a única forma de não passar por isso é morando em outro país, longe dele, e eu... não tenho certeza se gostaria de fazer desta forma.

— Ah, Charlotte! — Ele me puxou para seus braços e me beijou com carinho. A ponta dos seus dedos acariciando minha nuca, desfazendo a tensão. — Seu pai só está tentando defender sua felicidade. Do jeito dele, que pode não ser o mais correto, mas me aponte um pai que ficaria só observando alguém brincar com a sua filha?

— Você não está brincando comigo.

— Não é o que todos pensam. Você estava com medo do julgamento dos outros. Eu também serei sempre julgado. Eu fui o homem que te traiu. O homem que trouxe um filho de fora do casamento para a relação. Fui a pessoa que não te respeitou e te fez infeliz durante três anos.

— Pare — sussurrei, sentindo o nó em minha garganta. — Você é o homem que me faz feliz. É o homem que se casou comigo mesmo eu sendo uma idiota infantil cheia de vontades. Foi a pessoa que teve paciência, que acreditou em mim e me amou independentemente da carga que a minha vida acarretaria sobre a sua. E eu te amo, Alex, então a escolha só pode ser minha. Mesmo que depois de três anos eu me magoe outra vez e decida ir embora.

— Isso não vai acontecer. — Sua afirmação veemente me comoveu.

— Não vai, porém, se acontecer, eu não vou me arrepender disso aqui. É a minha escolha. — Ele sorriu pela primeira vez desde que saímos da minha casa, foi um sorriso sincero.

— É a minha também. — Segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou de leve nos lábios. — E eu me sinto um merda de um adolescente todas as vezes que precisamos passar por isso. — Fiz uma careta de nojo.

— Eca! Prefiro você coroa.

— Eu não sou coroa.

— É claro que é. Já está quase quarentando.

— Não estou quase quarentando. Eu tenho trinta e oito anos. — Largou-me e abriu a porta.

— E eu ainda vou fazer vinte e cinco, ou seja, você é um velho sem vergonha. — Alex abriu a porta para mim e me deu a mão para que eu saísse do carro.

— Por falar em vinte e cinco anos... — Saiu da minha frente para que eu pudesse andar.

— Não vamos falar sobre isso. — E agradei mentalmente por não estarmos mais no assunto “meu pai e a sua arma”. Até mesmo o meu aniversário me agradava mais.

— O que foi? Medo de envelhecer?

— Não! — Fingi estar indignada. Alex sabia que eu estava enrolando para que esquecêssemos a história das ameaças, e ele entrava em meu jogo.

— Ainda bem, porque eu tenho uma regra que sigo até hoje. — Parou na porta da casa, a mão na maçaneta e os olhos em mim. Cruzei os braços aguardando. — Eu não namoro com garotas com mais de trinta anos. Então eu acho que você tem um pouco mais de cinco anos para curtir o seu status.

— Como assim? Então quando eu fizer trinta anos nós vamos terminar? — Eu tentava encontrar algum traço de brincadeira em seu rosto, mas não havia. — Não está falando sério, não é mesmo? — Ele continuou sério me encarando. A língua passou lentamente em seus lábios e ele estreitou os olhos. — Você não está falando a verdade. Nós fomos casados e até onde eu me lembro você quer passar o resto da vida ao meu lado. A não ser que... — Abri bem os olhos brincando com ele. — Você não planeja me matar quando eu fizer trinta, não é?

— Não, só devo dizer que eu não namoro garotas de trinta anos.

— Você é confuso. Abra logo esta porta. Onde já se viu? Eu não posso ter trinta anos e ser namorada dele — debati comigo, sentindo-me tão confusa quanto ele. — Então quando eu fizer trinta acabou. E passar a vida ao meu lado na verdade significa passar cinco anos e alguns dias.

— Bom... — Ele destrancou a porta abrindo-a. — Você ainda tem a opção de, neste meio tempo, se tornar minha noiva e depois... — Ficou parado, mas me impediu de entrar, encarando-me e exigindo que eu o encarasse de volta. — Ser a minha esposa.

Levei alguns segundos para compreender a sua brincadeira. Esposa? Droga! Começaríamos tudo outra vez. Presa em seus olhos azuis profundos e envolventes eu me questionei de todas as formas. Por que precisávamos conversar sobre casamento outra vez quando estávamos namorando há poucos dias?

— Como disse: são cinco anos e alguns dias, Charlotte! Tempo demais. — Piscou e me deu as costas. Dei um passo tímido para acompanhá-lo. A casa estava silenciosa e escura. Perguntei-me onde estaria o seu filho. Dormindo? Escondido para brincar com o pai?

Alex andou calmamente até a sala, retirando o celular e a carteira do bolso da calça para deixá-los sobre a mesinha próxima à TV. Ele saiu do meu campo de visão, indo até a escada. Caminhei lentamente até a sala, vendo um porta-retratos com uma foto dele com o filho, Alex sorria, usando uma camisa de um time de basquete, carregando Lipe, ainda com pouco tempo de vida, nos braços.

Eu me peguei admirando aquela imagem. Por um segundo me permiti acreditar que Alex não precisava de mais nada. Ele tinha tudo. Tinha o Lipe e me tinha de volta a sua vida, e que nós três, um dia, poderíamos funcionar como uma família. Porém eu sabia que aquilo ali não seria o suficiente. O próprio amor dele pelo Lipe deixava bem claro. Então eu me dei realmente conta de que não era o suficiente para o meu ex-

marido. Eu nunca seria.

— Charlotte. — Marta apareceu do nada, chegando por trás e me fazendo dar um gritinho de susto. — Desculpa! — Ela riu. — Eu estava nas dependências me trocando e não vi quando vocês chegaram — me cumprimentou com um sorriso largo nos lábios, seus olhos me conferiram. Já era noite e eu ainda vestia aquela roupa curta e justa, o que me fez sentir frio. Abracei meu próprio corpo e me senti fraca.

— Como vai, Marta?

— Estou bem. Lipe acabou de sair com Anita. — Estremeci apenas com a menção do nome daquela mulher.

— Ah, foi? — Ela ficou sem graça.

— Ela me disse que Alex estava sabendo que eles passariam a noite juntos. Lipe ficou bem animado. — Sorri docemente como se quisesse consertar as coisas e eu fiquei sem graça. Não sabia ao certo se seria bom encontrar Lipe acordado e em casa, mas saber que ele estava com Anita, uma mulher que era o mais próximo de mãe que ele tinha, deixava-me insegura. — Quer beber alguma coisa? Um suco, refrigerante... Ai meu Deus! Que ideia a minha — começou a rir. — É a sua casa.

— Não. Não é. — Só depois de rebater que me dei conta de que não deveria ter dito aquilo. — Quer dizer... nós estamos apenas... Hum!

— Ah, certo! — Ela também ficou sem graça. — Eu vou embora então. Acredito que ele não vá mais precisar de mim.

— Acredito que não — sorri sem jeito.

Caminhei até o sofá conferindo toda a casa com os olhos. Encontrei alguns brinquedos espalhados, lápis de cor e papel sobre a mesinha de centro onde antes eu e Alex costumávamos colocar vinho, comidas e taças. Olhei o móvel abaixo da TV e lá estavam vários DVDs, de várias cores, indicando desenhos infantis. Havia, mais ao canto da sala, uma pequena piscina de bolinhas. Estava tudo igual e ao mesmo tempo diferente.

Ouvi os passos na escada e me virei em sua direção. Só então percebi que ainda abraçava o meu corpo e olhava tudo com olhos esbugalhados, como se fosse uma cena de terror. Certamente não era, ou não deveria ser. Contudo, no meu caso, era uma cena habitual dos meus piores pesadelos.

Estremeci.

Alex diminuiu o ritmo, olhando-me com suspeita. Quando alcançou o último degrau vi que Marta ainda estava lá. Ela nos olhou demonstrando desconforto, o que me deixou mais sem graça.

— Anita o levou. Ela disse que havia combinado.

— Sim, ela me ligou — Alex disse sem emoção.

— Eu esqueci de arrumar os lápis e...

— Tudo bem, Marta. Já está bem tarde. Eu arrumo a bagunça — Alex respondeu amigavelmente, mas alguma coisa dentro de mim me dizia que ele tinha pressa em despachar a mulher.

— Certo. Então amanhã eu venho à tarde.

— Obrigado — ele sorriu educadamente, daquela forma encantadora que fazia qualquer mulher ceder aos seus encantos. Deus! Ele era tão lindo!

Marta saiu e eu assisti meu namorado começar a juntar os lápis e papéis. Ele nada dizia, só arrumava a bagunça do filho, olhando-me uma vez ou outra. Meu rosto esquentou porque eu me sentia uma idiota por estar tão amedrontada.

Com as mãos cheias de material infantil ele se aproximou. Sem querer preendi o ar nos pulmões. O corpo cheio de expectativa, tanto para o lado bom quanto para o ruim. Com os olhos atentos às minhas reações, ele se abaixou e beijou meu pescoço.

— Quer subir? — Afastei-me, desviando o olhar e me sentindo ainda mais sem graça.

— Lá no... quarto? — Não consegui olhá-lo, embora pudesse jurar que aquele sorriso torto e cafajeste estava lá.

— Eu pensei em um banho. — Por um segundo, só um segundo, eu me perguntei se eu estava fedorenta, mas sabia que era só o lado louco da minha mente querendo espaço em minha cabeça.

— E se Lipe voltar? — Eu tinha consciência de que meus olhos estavam imensos e que minha cara não deveria estar das melhores.

— Ele não vai voltar — confidenciou piscando, o que me fez abaixar as vistas sentindo meu rosto corar e meu corpo aquecer.

— Alex...

— Podemos ficar aqui na sala. Assistir um filme, ouvir música. O que você quiser. — E se Anita resolver trazê-lo de volta?

— Ela não vai. — E, não sei como explicar, eu senti que Alex ficou um pouco mais tenso.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque ela nunca trouxe. — Colocou a mão nos bolsos e ficou me encarando.

— E se for a primeira vez. — Ele sorriu e estreitou os olhos. — Você sempre faz isso, não?

— Isso o quê?

— Deixa ela levar Lipe para poder trazer mulheres para cá. — Mais uma vez a sensação de que Alex estava mais tenso do que o normal.

— Por que você permite que sua mente viaje tanto? — ironizou, mas a tensão ainda estava lá.

— Uma música — pigarreei e me afastei mais um pouco, deixando o assunto morrer. Era um caminho que eu não queria percorrer. — E eu vou voltar para casa hoje. — Arrisquei olhar para ele e me encolhi com o seu olhar de decepção. — Tá bom?

— Eu não quero te levar para casa, Charlotte. — Suspirei. Céus!

Eu precisava de um tempo sozinha para digerir tudo o que havia acontecido naquele dia. No entanto não era justo exigir que ele concordasse, levando-me embora após o sexo só para satisfazer um dos meus caprichos. E eu sabia que Alex jamais aceitaria que eu pegasse um táxi àquela hora.

Ou seja: eu dormiria na casa dele.

Alguns dias de namoro e eu já estava praticamente morando junto com o meu ex-marido. Não estava acontecendo como planejei.

— Tudo bem. — Acariciou minha bochecha e mais uma vez me senti ridícula por estar sendo tão implicante.

— Desculpe. Quando você me pediu para vir para cá não imaginei que voltaria esta noite.

— Não. Tudo bem. Eu só estou... — Puxei o ar com força e acabei rindo. — Estou sendo eu. Desculpe! Não dá para evitar ser eu mesma em situações como esta.

— Eu sei — ele sorriu daquela forma linda que arrancava de mim todas as minhas forças. Alex segurou minha mão e acariciou meus dedos. — Relaxe. Vamos ouvir música.

— Vamos. — Ele se afastou e com o controle escolheu uma música ajustando o volume.

Reconheci a letra de imediato, mas não a versão. Alex e o seu talento para novas roupagens. “Can’t take my eyes off you”. E eu me perguntei se ele escolhera aquela música de propósito ou foi uma feliz coincidência.

Alex se aproximou e, gentilmente, puxou-me pela cintura, colando-me ao seu corpo. Seus movimentos lentos, guiando-me em uma dança que deveria ser inocente, e que eu bem entendia que até poderia começar assim, mas jamais seria capaz de terminar desta forma.

Deixei ele me conduzir, fechando os olhos e aceitando seus carinhos. Ele me tocava com a ponta dos dedos, suavemente, subindo e descendo pelos meus braços enquanto continuava o vai e vem lento da dança. Seus lábios tocavam minha pele, tomando o cuidado de estar em vários lugares, nos ombros, pescoço, rosto... as suas mãos me mantinham próxima, nunca o suficiente. E então ele cantarolou em meu ouvido, derrubando qualquer barreira que insistia em permanecer ali.

— “Perdoe o jeito como eu olho, mas nada mais se compara a você. Ver você me deixa fraco. Não

sobram palavras para falar. Mas, se você se sente como eu me sinto, por favor, diga-me que é verdade. Você é boa demais para ser verdade. Não consigo tirar meus olhos de você.”

Porra! Como não amar aquele homem? Como não querer passar a vida com ele? Como não se sentir forte o suficiente para enfrentar todos os obstáculos quando ele confessava ser fraco por te amar? Deus! Eu queria nunca mais sentir medo. Ser forte o bastante por nós dois.

Virei o rosto e alcancei seus lábios. Acredito que nunca antes o beijei com tanta paixão. Se era a música, a melodia sensual, o movimento dos nossos corpos, os toques perfeitos ou a sua voz apelativa em meu ouvido, eu não sabia dizer. O fato foi que, naquele momento, ali em seus braços, eu me entreguei sem deixar nenhuma reserva.

Eu queria Alex. Eu o teria e me doaria porque ele era o amor da minha vida. E se nem uma traição, um filho e uma megera como reforço conseguiram me fazer desistir dele, nada mais faria.

Alex correspondeu com a mesma paixão. Agarrando-me pela cintura, tirando meus pés do chão e me levando até o sofá. Enrosquei minhas pernas em sua cintura e aprofundei o nosso beijo, sentindo sua língua deliciosa me exigir cada vez mais.

Ele sentou, mantendo-me em seu colo, então gemeu e não foi de prazer, o que fez com que eu recuasse procurando o que o incomodava. Alex riu e colocou uma mão para trás, retirando algo do seu bolso traseiro. Ele tentou esconder entre as almofadas. Como minha curiosidade já fora atizada, rapidamente enfiei minha mão junto.

— O que tem aí? — Ele recuou, rindo e tentando me segurar.

— Ainda não. — Tentou me beijar novamente enquanto mantinha o segredo escondido dos meus olhos.

— Alex! — Recusei seu beijo.

— Calma. — Retirando a mão de baixo da almofada, com cuidado para que eu não conseguisse retirar de lá o que ele escondia, segurou minha nuca exigindo meus lábios. — Me beije.

Pensei em negar. Resistir até saber o que ele estava aprontando, mas... porra! Era Alex e nada poderia ser mais perfeito do que Alex fazendo seus joguinhos. Meu corpo, já quente, pegou fogo. Eu queria descobrir o que ele escondia e ao mesmo tempo queria ser surpreendida. Por isso obedeci e beijei o meu professor. Meu eterno professor.

Rapidamente eu já estava de volta ao ritmo. Correspondendo ao seu toque, a suas vontades, enquanto minha mente voltava para aquela almofada. Eu tentava fugir, me concentrar em seus dedos em minha coluna, em seus lábios nos meus, em sua língua atrevida... chegava a me perder em tantas sensações, mesmo assim, era impossível não voltar a pensar naquele segredo.

Meu namorado entendia os meus sentimentos e, como sempre, atendia as minhas necessidades. Sabendo da urgência que me atingia, enfiou a mão por dentro da minha camisa, levantando-a. Como uma boa aluna, levantei os braços, permitindo que a retirasse.

Os lábios de Alex não estavam mais nos meus e sim em meu rosto, pescoço e busto, enquanto suas mãos me faziam fechar os olhos e me permitir alguns segundos de delírios de puro prazer. Elas invadiram o meu sutiã, tomando meus seios para si. Ao mesmo tempo eu podia sentir Alex duro embaixo de mim e não me continha de desejo de rebolar em seu colo, forçando o atrito entre nossos sexos.

Olhei rapidamente para o corredor que dava para a porta de entrada, perguntando-me se havia alguma chance de Anita voltar e entrar com a sua chave. Tive vontade de morder o meu namorado por isso. Sim, o fato de ela ter uma chave me incomodava e muito. No entanto, se ele afirmava que ela não voltaria era porque sabia que tal fato não seria possível.

Voltei a perder a capacidade de raciocinar quando senti que suas mãos exploravam outra região, deixando para os lábios e língua o cuidado dos meus seios. Fiquei arrepiada com o toque gentil da sua língua, contrastando com a urgência dos seus lábios. Era incrível como eu era estimulada em um ponto, mas podia corresponder em muitos outros, ao mesmo tempo, ou intercalando entre eles.

Gemi desfrutando de suas carícias, então Alex me afastou, tirando-me do seu colo com muita facilidade,

deixando-me de pé. Ele puxou a camisa, revelando seu peitoral perfeito, bronzeado e esculpido, que me fazia esquecer o restante do mundo.

Sem se importar com o meu olhar guloso, retirou o cinto e abriu o botão da calça, depois, se inclinando em minha direção, colocou as mãos em meu short. Seus olhos se voltaram para os meus e logo eu sentia minha roupa descer pelas minhas pernas. Em seguida eu estava em seu colo, uma mão me segurando pela nuca a outra em meu sexo, enquanto a boca voltava a brincar com meus seios.

— Alex — gemi tentando encontrar as palavras. — A porta... — Ele apertou o polegar em meu centro de prazer e eu estremeci. — Deus! A porta... trancada — Ele mordeu meu queixo, fazendo-me ficar ainda mais excitada.

— Relaxe!

Choraminguei ao sentir seus dedos espalhando minha umidade e me proporcionando mais prazer do que eu julgava ser capaz. A junção de sua boca em meus seios, revezando-se entre eles, seus dedos em minha entrada, esfregando e atijando minhas terminações nervosas, era mesmo o ingresso para a perdição.

Por poucos segundos me permiti fechar os olhos e esquecer os riscos que eu cismava em acreditar que existiam, tipo Anita voltando com Lipe com qualquer desculpa esfarrapada e nos surpreendendo. Sim, eu tinha esse medo e era justificável. No entanto, sentindo Alex tão seguro, fazendo o seu trabalho como se nada pudesse nos atrapalhar, rapidamente o pensamento perdeu força e foi esquecido.

Putaquepariu! Quem havia ensinado aos homens que os dedos valiam tanto quanto o seu próprio órgão sexual, definitivamente estava disposto a subjugar as mulheres, porque eu estava tão entregue às carícias do meu namorado que era capaz de atender a qualquer ordem sua. Qualquer uma.

Meu corpo arrepiou, meu ventre se contorceu e eu pude sentir aquela ansiedade que me dominava anunciando o orgasmo tão almejado. Gemi sem vergonha alguma de admitir que iria gozar a qualquer momento. E ele entendeu o meu recado. Tanto que sua mão me abandonou, deixando-me frustrada. Eu deveria ter adivinhado essa parte.

Alex me levantou um pouco e abaixou a própria calça, deixando-a no joelho. Sua ereção ganhou a minha atenção imediatamente. Umedeci os lábios em expectativa. Eu sabia a perfeição que era o nosso encaixe, como se fossemos feitos exatamente um para o outro, então ansiar, cobiçar e desejar não poderia estar fora dos meus sentimentos.

Ele segurou o próprio sexo e, com um olhar lascivo, começou a se tocar enquanto usava a outra mão para me provocar tocando e apertando meus seios. Por Deus! Alex queria me enlouquecer. Eu amava quando ele se masturbava. Era tão... soberano, perfeito, mágico, íntimo... uma infinidade de palavras que se encaixariam perfeitamente naquela cena.

Então, por mais que eu estivesse tentada a me sentar sobre seu sexo e forçá-lo a transar comigo acabando de vez com aquela angústia, eu queria ficar ali, parada, admirando-o extrair do próprio corpo o seu prazer.

— Tenho uma coisa para você. — Tentei desviar a atenção da sua mão para olhar o seu rosto, mas era impossível. Mordi o lábio me sentindo tentada. Alex levou uma mão ao meu rosto, passando o polegar em meus lábios. — Você quer?

— Quero — respondi de imediato, sem perceber que a pergunta não era exatamente a que eu imaginava. Ele riu. — O que você tem aí? — Com o rosto quente me forcei a olhá-lo. Eu precisava ouvir o que ele estava me ofertando, para não acabar prometendo algo ruim.

— Alguns brinquedinhos — revelou sem deixar de se masturbar.

— Alex...

— Você vai gostar. — Levantou a coluna e alcançou meus lábios para um beijo apaixonado. — Diga que sim — implorou fazendo todo o meu corpo corresponder.

— Tenho certeza de que vou me arrepender — sussurrei já sabendo que faria o que ele me pedisse. Alex riu.

— Não vai. Confie em mim. — Me segurou com as duas mãos, deixando assim de me manter hipnotizada.

— O que vai fazer?

Ele colocou uma mão embaixo da almofada e retirou de lá um pequeno anel que parecia ser de borracha. Sim, eu me lembrava daquilo. Alex o ajustou no próprio sexo, deixando o que deveria ser o motor posicionado em sua base. Em seguida ouvi um barulhinho, indicando que estava ligado.

— Venha. — Segurando-me pela cintura ele me conduziu para que pudesse me penetrar.

Eu estava com o coração martelando no peito. Era estranho e ao mesmo tempo excitante. Ele continuava seguro, guiando-me para que seu membro se posicionasse na minha entrada. Eu queria ficar olhando para baixo, até que aquela pequena peça me tocasse, assim ficaria melhor preparada, no entanto era impossível perder a cara que Alex fazia quando me penetrava. Era de puro prazer e satisfação, o que me deixava ainda mais excitada.

Subindo uma das mãos pelos meus quadris ele aquecia toda a minha pele, enquanto a outra me puxava para baixo até que eu sentisse a ponta do seu sexo. Ele não esperou por nenhum sinal meu, apenas continuou me abaixando, entrando em minha carne, tocando minhas paredes, arrastando-se pelos meus pontos e fazendo o meu corpo entrar em parafuso.

— Ah, Charlotte — gemeu sem esconder como se sentia.

Escorreguei em seu sexo até que não restasse mais nada, nenhum espaço entre nós dois. O fato de ter Alex completamente dentro de mim foi ofuscado pela pecinha que vibrava tocando meu clitóris.

— Puta merda! — gemi alto e rapidamente me levantei, como se aquilo fosse capaz de me fazer perder o juízo.

E faria realmente.

— Calma! — Ele me segurou com força, obrigando-me a voltar ao nosso encaixe.

— Alex!

— Bom?

— Merda! — Tentei levantar. Aquilo estava fazendo com que todo o meu corpo ficasse angustiado. Como se houvesse orgasmos ansiosos para escapar por todos os meus poros. — Alex... Isso...

— Suba um pouco. — Eu não queria, mas obedeci, o que foi um alívio. Então ele me puxou para baixo outra vez e tudo recomeçou.

Com as mãos em seus ombros eu me apoiava para me manter em seu ritmo. Alex me tocava, não apenas com as mãos, que me faziam subir e descer, mas também com seus lábios, dentes e língua, e tudo virou uma imensa mistura capaz de enlouquecer qualquer mulher.

Ficamos assim, eu subindo e descendo em seu colo, sendo atingida por todos os tipos de prazeres possíveis para um corpo só. Eu amava tudo o que estava acontecendo. A forma como ele me pegava, a delícia do seu sexo entrando e se arrastando pelas minhas paredes úmidas e sensíveis, a sensação quente dos seus lábios em minha pele.

Eu estava quase lá. No limite. Pulsando e me entregando. Chegando na beirada do precipício. Tão entregue e dentro de mim mesma que não vi quando ele resolveu me atingir com a segunda surpresa. Então algo gelado e melado passou no centro entre a minha bunda, escorregando e espalhando com a ajuda daqueles dedos que todas as vezes que se aventuravam por aquele campo arrancavam de mim até o que eu era incapaz de imaginar.

Estremeci tentando me desvencilhar, ele me manteve no lugar usando apenas uma mão, e ao mesmo tempo que me estimulava por trás, forçou-me para baixo, fazendo-me arfar com seu membro todo dentro de mim e o pequeno motor fazendo sua parte em meu clitóris.

Devo confessar que o que quer que ele estivesse utilizando para facilitar o trabalho dos seus dedos em minha bunda estava dando muito certo. Deslizava facilmente, sem contar que esquentava do jeito que eu gostava, tornando tudo muito mais agradável. Então, quando ele sentiu que meu corpo se entregava mais uma vez, com o familiar formigamento se espalhando e meus gestos completamente fora de controle,

parou tudo o que fazia.

Abri os olhos sem entender o motivo daquela tortura. Eu podia sentir que Alex também estava no seu limite, que ele queria aquele orgasmo tanto quanto eu. Podia até entender a deliciosa sensação que a espera nos causava. O sabor irrecusável que nos fazia querer adiar sempre um pouco mais, porém eu estava no meu limite. Precisava daquele orgasmo urgentemente ou meu corpo todo travaria. Ele lentamente me levantou, saindo totalmente de dentro de mim, para em seguida me sentar outra vez em seu colo. Não pude deixar passar despercebido quando ele posicionou sem sexo rígido entre minha bunda. Fiquei tensa imediatamente.

— Alex...

— Você sabe o que eu quero. Não me faça pedir. — Foi firme e decidido, o que ao mesmo tempo me excitou e assustou.

— Eu não...

— Você quer, Charlotte! Sempre quis. Não precisa ter medo.

— Não... — Engoli com dificuldade.

A porra do motorzinho estava lá, tentando-me como um diabo enviado especialmente do inferno, bem naquele pequeno espaço que liga uma entrada a outra. Ca-ra-lho! Eu nem fazia ideia de que aquele local poderia ser tão sensível. Instantaneamente me lembrei de quando Alex quase me beijou... lá. E da sensação da sua língua naquela região. Algo dentro de mim se contraiu, impulsionando-me.

— Não sei se estou preparada. — No fundo eu sabia que aquela insegurança não fazia sentido nenhum.

— Você está. — Ele me segurou pela nuca me puxando para sua boca. Com um beijo selvagem e com mãos mais ousadas ele me tentava cada vez mais. — Vai ser gostoso — sussurrou quando roçou seus dentes pelo meu pescoço.

— Vai doer. — Meu rosto esquentou consideravelmente com a minha confissão. — Doeu da outra vez?

— Levantei os olhos para encarar o meu namorado.

Não doeu da outra vez. Aliás, foi muito, muito bom. Só que o que ele havia introduzido em mim nem se comparava ao seu pênis. Mordi o lábio sem saber o que responder. Se eu dissesse “não” seria uma permissão. Se eu dissesse “sim” estaria mentindo descaradamente.

— Não vai doer — ele rompeu o silêncio. — Vou fazer você adorar. Juro!

Meu Deus! O que dizer? O que fazer? Meu coração estava tão acelerado que tive medo de ter um piripaque.

— E se eu não gostar?

— Eu paro. Na hora que você quiser eu paro. — Havia tanta verdade naquele olhar e em suas palavras que eu não me senti incapaz de recuar. E também de dizer as palavras, então apenas aguardei.

— Porra, Charlotte! Eu amo você! Amo essa carinha de tesão e vergonha — sorri. E ali estava a minha permissão.

Capítulo 22

“Eis minha dama. Oh, sim! É o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando.” William Shakespeare

Charlotte

Eu estava tensa. Meus ombros doíam só com a pressão da minha decisão. Alex me olhava nos olhos, sem desviar nem por um segundo, querendo me tranquilizar, mas a verdade era que até que o fato estivesse consumado eu não relaxaria. Era necessário que acontecesse para que eu soubesse como me sentiria em relação à situação. Então que acontecesse logo de uma vez.

Mais uma vez senti seus dedos melados esquentando e umedecendo o local. Era gostoso e provavelmente me ajudaria e muito. Com a mão ele ajustou seu sexo entre minhas pernas. Senti a cabeça também melada se posicionar. Os olhos de Alex estavam quase negros de tão escuros e demonstrando uma expectativa cheia de prazer que me convencia a continuar.

Ele, segurando-me pela cintura com um braço, subiu a mão até meus cabelos e com as pontas dos dedos, massageou minha nuca. A boca muito perto da minha, tudo estrategicamente pronto, mas nada acontecia.

— Quero fazer uma coisa com você — ele disse me mantendo no suspense. — Outra coisa? — Seu sorriso me roubou o chão. Sorri de volta. — Preciso manter você estimulada, para que seja bom para nós dois. — Ah! — Meu rosto esquentou e eu me perguntei como isso ainda era possível.

— O que vai fazer?

— Colocar isso em você. — Ele levantou a mão e me mostrou uma pequena cápsula prateada. Era como um comprimido gigante, mas tinha um cordão que o fazia parecer mais um espermatozoide gigante. Se eu não estivesse tão tensa riria da situação. — Só no começo. Até você ter certeza de que quer continuar. — Engoli com dificuldade.

— E o que isso faz?

— Vibra e estimula. — Respirei fundo e concordei. — Podemos trocar a posição também. Se você preferir.

— Facilitaria? — A tensão estava voltando aos meus ombros. Por que tanta explicação e coisas para decidir? Alex acariciou meus cabelos e sorriu, fazendo-me derreter.

— Isso só você pode saber.

Ele não esperou que eu dissesse que estava tudo bem. Com o dedo virou a cápsula e ela emitiu aquele mesmo som do motorzinho, então, sem qualquer aviso, a introduziu em meu sexo. Dei um pulinho me assustando, então mordi o lábio para evitar o gemido de prazer por ela ter ido tão longe e fundo, fazendo minhas paredes corresponderem.

Ele também não me deixou ter alguns minutos de adaptação. Seus lábios cercaram os meus enquanto suas mãos me puxavam para baixo, fazendo com que o seu sexo estivesse em minha entrada, forçando. Alex ameaçava e voltava, como se estivesse me testando.

E eu sentia tantas coisas! Expectativa, ansiedade, as paredes vibrando e se contraindo, o lubrificante esquentando, a cabeça do seu pau me forçando e me fazendo gostar da sensação... então ele me puxou com um pouco mais de força e nós dois reagimos ao mesmo tempo.

Porra! Alex gemeu um prazer que fez minhas células tremerem, enquanto eu gemi de dor. Não uma dor insuportável, e sim a dor de algo sendo realmente invadido. Uma ardência que me deixava preocupada. Ele parou e me olhou. Seus olhos pareciam lutar para não se perderem no prazer que sentia. Ele precisava se concentrar em mim.

— Está tudo bem? — Respirei fundo e balancei a cabeça concordando. Com aquela pequena parte já dentro de mim, suas mãos me seguraram pelas costas, abraçando-me para que ele me beijasse. O beijo era uma ótima maneira de me distrair, enquanto seu corpo forçava o meu pedindo mais espaço. Eu estava

quieta, enquanto ele se movimentava, lentamente, entrando e saindo apenas com o mínimo.

O gel facilitava realmente. Eu podia sentir que quando ele se empurrava para dentro, o escorregar ficava mais fácil. Apoiei-me em seus ombros e busquei uma posição melhor.

A cápsula estava vibrando dentro de mim, estava difícil me concentrar sentindo seu pau afundar um pouco mais e vendo meu namorado gemer fechando os olhos como se ali fosse o seu paraíso. O que havia de tão errado com os homens que tinham o sexo anal como momento mais glorioso da relação sexual? Aquilo não estava dando certo. Eu ainda estava excitada, embora perdesse feio

a batalha para a sensação estranha que era ter um corpo invadindo um lugar ainda não desbravado. E ele ainda tinha muito mais para me oferecer. Por isso resolvi participar. Eu precisava me envolver. Esquecer os medos e participar. Quando Alex levantou os quadris para entrar mais um pouco eu rebolei. Ok!

Ele gemeu forte, segurando-me no lugar, e eu me senti realmente aberta. Contudo, de uma maneira improvável. Quando rebolei a cápsula se movimentou dentro de mim e eu senti o prazer começar a se espalhar pela minha corrente sanguínea. Tentei me movimentar outra vez, acreditando ser esta a chave para o sucesso, mas Alex me impediu, segurando-me com força.

— Não me segure. — Fui firme. Eu estava ansiosa, com aquele troço vibrando dentro de mim, ele entrando cada vez mais, minha pele esquentando. Eu queria abreviar tudo e ganhar logo o prêmio.

— Você vai me fazer gozar, Charlotte. — Sua voz roca e esganiçada indicava que ele estava mesmo no limite.

— A ideia não é essa? — Ele sorriu. Sim, Alex, no limite das suas forças, segurando-me para não perder aquela batalha, conseguiu sorrir e me desarmar. — A ideia é essa. Mas você primeiro. Fique quietinha. — Ele arqueou a coluna e me tomou em um beijo delicioso ao mesmo tempo que me descia sem cuidado, forçando a sua entrada de uma forma mais feroz e atrevida.

Sua mão se fechou em meus cabelos, puxando-me para trás. Senti que com isso ele ganhava mais espaço em meu corpo. Ardia, mas eu não queria parar, principalmente depois que sua boca se fechou em meu seio e seus dedos brincaram com o meu clitóris. Gemi alto e ele se aproveitou para estocar mais fundo, me fazendo gritar. Alex mordeu meu bico e apertou meu sexo. Era estímulo demais. Tanto que o entrar do seu pau em mim passou para segundo plano. A sensação era sempre a mesma, sem modificar, em compensação, o que ele fazia com os dedos e os lábios, em conjunto com o aparelhinho dentro de mim, fez com que calafrios comessem a me atingir.

Até que, com uma única estocada, ele foi fundo, sem piedade, entrando completamente. Senti o outro motor estimulando o espaço que ligava os dois pontos. Céus! Alex parou, a respiração pesada, seus dedos continuaram. Rebolei. Sim, eu queria rebolar e sentir ele todo dentro de mim, afinal de contas, se eu estava na chuva o ideal era me molhar e me esbaldar na água.

— Charlotte, não! — Ele me levantou do seu colo, saindo completamente de dentro de mim.

Putá merda!

Aquilo foi realmente a pior coisa que ele poderia ter feito. Porque sem seu pau

dentro de mim, sem o estímulo do anel que ele usava, sem suas mãos, restava pouco para me manter corajosa. Aliás, com a ausência dele eu me enchi de medo, dúvidas e inseguranças. O mesmo de sempre. Droga!

— Vamos com calma, amor. — Respirou fundo e eu comecei a me retrair. Porra, quem em sã consciência faz anal pela primeira vez e não imagina um monte de besteira? Eu imaginei, e a situação foi crescendo em minha cabeça a ponto de me fazer travar. Sentei no sofá, arranquei, muito constrangida por sinal, a tal cápsula de dentro de mim, decidida a não mais levantar. Vai que... era melhor nem começar a pensar.

— Ok! — Ele soltou um suspiro impaciente e, como se minha vontade não valesse nada, colocou-me em seu colo, desta vez de costas para ele. — Joelhos no sofá. — Sua ordem dada em um tom incontestável me fez obedecer, embora temendo consideravelmente. Gritei quando recebi um tapa na bunda, enquanto Alex me equilibrava no sofá com a outra mão. — Vamos fazer de outra forma. Porra, que outra forma ele poderia inventar? Eu estava de joelhos no sofá, de costas para ele, com a minha bunda ardendo, nada insuportável e começando a me sentir excitada outra vez.

— O que você vai fazer? — Eu sabia o que ele ia fazer e não havia como impedi-lo. — Vou fazer exatamente o que você quer que eu faça. — Ele me puxou para trás, me forçando para sua ereção. — Mas vou usar isso aqui.

Quando Alex me mostrou o que havia em sua mão eu me perguntei como ele conseguiu esconder aquilo de mim? Em que momento aquilo coube no bolso do seu jeans, junto com as demais coisas e eu sequer percebi a sua presença? — Vai usar isso para? — Engoli com dificuldade sabendo exatamente o que ele faria com aquilo.

— Você vai ver. E vai gostar.

— Como você trouxe...

— Venha, Charlotte. — Puxando-me contra a sua ereção Alex me fez inclinar um pouco para frente, tendo assim uma visão privilegiada da minha bunda. Senti a cabeça do seu sexo me invadindo sem nenhum preparo. Fechei os olhos e aceitei, ciente de que era só a estranheza do momento. Então, lentamente, ele começou a me puxar para trás, entrando em mim sem o esforço de antes, sem parar, sem acelerar e sem me dar a chance de protestar. Uma mão me conduzia pelo quadril e a outra apalpava meu seio, como se quisesse me dizer que seria realmente bom.

Com ele todo dentro de mim outra vez, ousei descansar a cabeça em seu peito e testar os meus limites, mas perdi todo o meu foco quando Alex pegou o vibrador que estava em sua mão, aquele rosa que um dia ele havia comprado para mim, e o introduziu em meu sexo.

— Puta que pariu — rosnei ao ser invadida, sentindo aquele troço vibrar acariciando cada centímetro da minha vagina.

No embalo empinei a bunda para trás e foi a vez de Alex rosnar de prazer. E assim voltamos ao nosso ritmo. Eu me perdia com o entrar e sair do objeto que ele usava para me masturbar, ao mesmo tempo começava a me sentir bem com a sua penetração, que acompanhava meus movimentos, dando-lhe tanto prazer que me fazia sentir poderosa, enquanto sua mão livre brincava com meus seios e seus lábios com meu ombro e pescoço.

Devo confessar que estava bom. Não. Estava muito gostoso. Rapidamente perdi a compostura, desfiz a imagem de garota recatada e entrei no seu jogo, aproveitando cada estocada e me embalando conforme ele me conduzia.

— Por Deus, Charlotte! — Alex rosnou atrás de mim.

Meu corpo inteiro tremia anunciando o orgasmo que fatalmente me consumiria.

Sinceramente, eu não estava preparada para o que aconteceria. Enquanto Alex brincava comigo de todas as formas que ele encontrava eu me vi explodindo, queimando, desintegrando em um orgasmo avassalador.

O tremor não passava, minhas pernas vacilavam, ainda assim, eu podia sentir meu corpo continuar correspondendo. Alex gemia atrás de mim, movimentando -se para proporcionar a ele mais prazer e o mais incrível de tudo era que eu estava gostando, sentindo que minhas partículas se reagrupavam para me manter no jogo. Mais ousada me permiti rebolar em seu colo, então Alex me puxou com força, indo mais fundo e gozando.

E então eu gozei outra vez. Entregando-me e me liquefazendo em suas mãos. Não sei quanto tempo fiquei à deriva, mergulhando naquele mar de luxúria, sentindo que meu corpo nada mais era além de prazer, sentindo a respiração pesada do meu namorado logo embaixo de mim, e suas mãos em um ritmo lento acariciando a minha pele. De olhos fechados eu me sentia leve, acompanhando o compasso das nossas respirações que se acalmavam. Alex se mexeu e um leve incômodo me fez voltar a realidade.

Put. Merda!

Alex

Eu estava nas nuvens. Porra, eu estava realmente nas nuvens!

Sejamos sinceros, qual homem não gosta de um anal? Agora potencialize a situação quando você consegue fazer isso com a mulher que ama, com quem quer ficar o resto da sua vida e que acabou de lhe dar passe livre para satisfazer as suas vontades? Entendeu? Eu estava nas nuvens e nada me faria descer de lá.

Charlotte sempre me deu sinal de que não manteria a sua postura de recatada por muito tempo. Ela gostava quando eu brincava com o seu corpo, quando a tocava com mais ousadia, quando forçava o seu limite ao máximo. Ela sempre deixou claro, apesar de nunca usar as palavras, que um dia aconteceria. E aconteceu.

Graças a Deus ela estava de costas para mim e não pôde ver o sorriso imenso que eu exibia. Era delicioso saber que consegui convencê-la e, melhor ainda, que consegui fazer com que ela correspondesse à altura.

Minha namorada se retesou quando me movimentei para tirá-la do meu colo. E ali eu soube que a sua insegurança, assim como todas as fantasias e lendas urbanas que ela guardava naquela cabecinha confusa a fariam sofrer por algumas horas. Era melhor não deixá-la muito tempo dentro da sua própria imaginação.

— Que tal o banho agora? — Sugeri já consciente de que ela me mandaria ir na frente, só para não ter que admitir que durante algum tempo debateria com todas as inseguranças relacionadas ao seu corpo.

— Eu preciso de uma cama. — A voz fraquinha indicava que ela realmente estava cansada.

Pudera. A garota foi corajosa se entregando para mim daquela forma e, ainda por cima, foi premiada com dois orgasmos sensacionais de se assistir. Ri baixinho e beijei seu ombro, levantando-a com todo cuidado.

— Quer que eu te leve para cama? — Fiquei atento a todas as suas reações. Charlotte deitou no sofá, tomando cuidado para ficar de lado e me encarou.

— Eu tenho duas perguntas. — Ela me encarou séria. — Primeira: Como isso veio parar aqui? — Pegou o vibrador que havíamos comprado juntos e me mostrou. Sorri achando lindo ela falar com tanta naturalidade sobre algo que eu sabia que a constrangia.

— Desci com ele na mão e precisei esconder por causa da Marta. Por isso me ofereci para juntar a bagunça do Lipe. — Ela me encarou sem acreditar e depois riu.

— Você desceu com isso não mão? Meu Deus!

— Pensei que estávamos sozinhos e quis fazer a proposta. — Dei de ombros e ela riu um pouco mais. — Você disse que tinha duas perguntas — provoquei, acariciando suas pernas. Charlotte voltou a ficar séria e eu fiquei preocupado.

— Você já... — Brincou com o acessório enquanto escolhia o que falar. Gelei imediatamente. — Você usou isso aqui em outra mulher? — Umedeci o lábio pensando no que poderia responder sem causar um problema para nós dois.

— Esse não. — Rápido, direto e sem chances de mais perguntas.

Ela me encarou e eu vi muitos sentimentos em seus olhos, mas Charlotte nada disse. Ela mordeu o lábio e levantou. Rápido até demais para alguém com medo das reações do seu corpo.

— Vou tomar aquele banho — Ah, claro! O banho. Ela sempre se escondia com esta desculpa.

— Posso esfregar as suas costas — provoquei.

— Já sou bem crescida para saber tomar banho sozinha. — Saiu do sofá sem olhar para trás. Suspirei. Não dava para esperar maturidade demais de Charlotte.

— E vai conseguir lavar as costas sozinha? — continuei provocando, sem querer entrar em seu clima.

— Claro — falou um pouco mais alto, já da escada. — Fiz aula de yoga na Inglaterra. Estou bem flexível. — E com essa ela me derrubou de vez.

Minha imaginação perversa já me inundou com muitas e muitas imagens de posições que poderíamos fazer com toda a sua flexibilidade.

— Isso é um convite?

— Não! Boa noite!

Dei risada, deixando-a em paz e voltando a ficar agradecido pelo sexo maravilhoso.

Charlotte

Ele estava tão agarrado a mim que chegava a ser sufocante. Não sei o que havia com Alex para ele ficar tão bobo por ter conseguido comer minha... por ter conseguido fazer anal comigo. Aquilo tudo era uma bobagem tão grande que eu nem tinha ficado insegura.

Mentira, eu estava insegura. Acordei várias vezes no meio da noite para conferir se estava tudo certo e por isso o fato de Alex estar tão grudado em mim estava me incomodando tanto.

Abri os olhos e percebi que já era dia, apesar do silêncio que só foi quebrado pelo cantar dos passarinhos. Tentei não me mexer muito, assim evitaria acordar Alex, porém assim que me virei senti suas mãos possessivas me puxando para perto.

— Bom dia. — Sua voz rouca e repleta de sono me fez sorrir. Ele se esfregou em minha bunda, demonstrando o quanto já estava acordado.

— Hum! — provoquei empinando a bunda. Ele riu baixinho.

— Duvido que você me deixe brincar aqui outra vez. — Mordeu meu lóbulo me fazendo ficar arrepiada.

— Você é o cara que sabe das coisas. — Espreguicei-me e Alex se aproveitou passando a mão com mais vontade em meu corpo.

Ele rolou para cima de mim, acomodando-se entre as minhas pernas, tirou os lençóis, expondo os nossos corpos nus. Fiquei apreensiva, porém, como Alex sempre sabia o que fazia, relaxei. Suas mãos carinhosas cercaram o meu rosto e seus olhos incríveis me prenderam naquela visão maravilhosa.

— Você é linda! — Aquele sorriso perfeito me brindou.

— Eu sei. — Ele sorriu ainda mais.

— E eu amo você, mas isso você sabe também.

— Eu tenho um problema sério de memória — provoquei, mexendo-me embaixo dele. Alex se ajeitou, deixando a ereção acariciar a minha entrada.

— Eu acabei de dizer. — Ele abaixou o rosto para beijar meu pescoço.

— O quê? — Senti sua risadinha em minha pele e me peguei sorrindo amplamente. Quando foi que me senti tão feliz?

— Que eu amo você! — repetiu já aguardando a minha brincadeira.

— O que mesmo? — Ele riu e começou a distribuir beijos pelo meu rosto.

— Quero fazer amor com você. — Mordeu a ponta do meu queixo, roubando de mim um gemido genuíno.

— Faça — sussurrei já entregue. Alex levantou um pouco, ajeitou-se e começou a me penetrar. Gemi um pouco mais, de olhos fechados e ciente de que os dele estavam atentos.

— Hum! — ele gemeu deixando o rosto entre os meus seios. — Adoro fazer amor com você quando acordamos. — Sua mão foi para meu quadril, puxando-me ao seu encontro.

— Eu não tenho nenhuma objeção — brinquei, recebendo uma mordida leve no bico do seio. Mordi o lábio contendo a minha vontade de gemer mais alto.

— Se você dormir comigo todos os dias podemos colocar essa atividade na nossa rotina. — Ri baixinho, enfiando minhas mãos em seus cabelos.

— Bela tentativa. — Alex se levantou e tomou os meus lábios com avidez, indo mais fundo dentro de mim. Minhas paredes íntimas pulsaram com o prazer.

Deixei que ele me devorasse, que sua língua me exigisse e que seus lábios me dominassem. Cruzei minhas pernas em sua cintura, dando-lhe maior acesso e Alex levantou o quadril para se enfiar lentamente, fazendo com que eu voltasse a fechar os olhos. Eu estava no paraíso, sem imaginar que seria atirada no inferno dentro de segundos. — Papai!

Não sei dizer o que demorou mais. Se foi o fato de meu cérebro reconhecer a voz de Lipe e me mandar a mensagem de que algo estava fora do lugar, ou se o de Alex tomando consciência do que acontecia e nos envolvendo com o lençol. Se eu levei horas ou segundos para ser coberta, não sei afirmar, o fato foi que eu me senti exposta por tempo demais.

Em minha cabeça não importava quanto tempo levou realmente e sim o fato de que Lipe estava ali e havia nos vistos.

Putá. Que. Pariu!

Eram tantos sentimentos dentro de mim que congelei. Sim, eu simplesmente não conseguia me mover, falar, gritar, chorar ou até mesmo respirar. Vi tudo acontecer como se estivesse distante da cena, só observando o seu desenrolar.

Lipe gritou pelo pai, correu e se atirou na cama. Aparentemente sem se importar com o que estava acontecendo. Nós estávamos nus, envolvidos pelo mesmo lençol, Alex tentando nos manter cobertos, ao mesmo tempo que recebia o filho nos braços, tentando disfarçar a situação, mas estando tão tenso quanto eu.

Pela minha visão periférica registrei a entrada de Anita. A sua parada teatral colocando as mãos na boca, sem nenhum sinal verdadeiro de constrangimento. Ouvi a respiração pesada do meu namorado, a risada brincalhona do seu filho.

— Paia — Lipe dizia se movimentando de maneira perigosa, prestes a arrancar o lençol de nós dois. — Paia, papai.

— Calma, filho. — Alex estava com a voz calma, o que para mim era completamente irritante. Com um esforço imenso fechei os olhos.

— Meu Deus, Alex! Eu... — Anita se justificava, o que ia me deixando cada vez mais irada. — Vem, Lipe. Vem comigo, amor. — Senti a movimentação na cama.

— Não — ouvi o menino se negar, de maneira malcriada, a nos deixar.

— Vá com sua madrinha, Felipe. — Alex foi mais duro. — Papai já vai descer. — Tentou amenizar.

— Não. Paia!

— Papai vai conversar com você lá embaixo.

— Vem, Lipe — Anita continuava tentando.

A situação toda era tão embaraçosa que eu implorava que um buraco se abrisse na cama e me engolissem. Era realmente um azar sem tamanho o Brasil não ter atentados terroristas, pois eu queria ser um homem bomba e me detonar naquele instante.

Lipe choramingou e eu finalmente consegui levar as mãos ao rosto cobrindo a minha vergonha. Eu ainda ouvia Alex consolar o filho sem perder a paciência, enquanto Anita se desculpava de todas as formas. Eu apenas queria que eles sumissem daquele quarto para que eu pudesse morrer em paz.

Até que o silêncio prevaleceu. Eu sequer ouvia as nossas respirações.

— Eles já desceram — Alex falou baixinho, mas eu não consegui me destravar.

Eu estava absurdamente envergonhada, embora a raiva prevalecesse. Raiva de tudo e todos. De Alex por ter permitido que aquilo acontecesse, de mim por ser idiota o suficiente para confiar e, principalmente de Anita, que eu tinha certeza, havia feito aquilo de propósito.

— Charlotte? Amor...

Levantei em um rompante, sentindo todo o meu corpo dolorido, e fui para o banheiro. Eu queria sumir, queria não precisar ouvir a voz de nenhum deles, não precisar olhar para Lipe e ser lembrada a vida inteira do que havia acontecido.

Como Alex pôde? Como permitiu que aquela mulher tivesse a chave de sua casa? Como nunca imaginou que um dia isso poderia acontecer? Como pôde ser tão descuidado com o filho? Com nós dois?

— Charlotte! — Ouvi sua batida na porta e me encolhi. Não dava para olhar para Alex. Não dava para olhar para ninguém. — Charlotte abra a porta. Vamos conversar!

Entrei no chuveiro desejando um banho que pudesse limpar até a minha alma. Eu sabia que chorava porque os soluços rompiam em meu peito, mas a água do chuveiro não me deixava sentir as lágrimas descendo.

Que merda!

Meu Deus! Eu fui cautelosa. Neguei muitas e muitas vezes a correr este risco. Fiz o que pude. Estava decidida a encarar o nosso namoro e aceitar todas as condições que ele impunha, mas Anita estava ansiosa para tornar a minha vida um inferno e deixava bem claro em todas as suas atitudes.

Alex continuou tentando me fazer abrir a porta até que desistiu. Confesso que foi quando consegui respirar outra vez. Sozinha era possível pensar melhor sobre o ocorrido, culpar os verdadeiros culpados e tentar me situar. Eu sabia que precisava sair daquele banheiro, encarar Alex, Anita e Lipe antes de finalmente conseguir chegar à rua.

Desliguei o chuveiro, respirei fundo segurando o choro. Peguei a toalha que encontrei e comecei a me enxugar sem coragem de me olhar no espelho. Eu me sentia suja demais para me encarar, mesmo sabendo que não tive culpa do ocorrido.

Abri a porta do quarto rezando para que Alex não estivesse ali. Meu coração acelerado suavizou um pouco ao se certificar de que não havia ninguém. Peguei minhas roupas, que estavam arrumadas na poltrona, vesti sem me importar por estarem sujas, passei as mãos pelos cabelos molhados sem querer

perder tempo penteando-os e saí do quarto.

Ouvi a voz de Alex no quarto do Lipe. Ele conversava com o filho, mantendo uma serenidade na voz que me deixava desconcertada. Eu estava quase surtando e ele precisava manter a pose na frente de uma criança com menos de três anos para não alertá-lo da merda toda que havia acontecido.

Desci as escadas sem querer encontrá-lo, mesmo sabendo que seria necessário. Eu precisava de espaço e Alex com certeza não permitiria. Meu inferno ficou mais doloroso quando vi Anita parada na sala, as mãos cruzadas na frente do peito e os olhos atentos às escadas.

— Charlotte — ela disse sem muita emoção. — Desculpe. Eu realmente não sabia que...

— Guarde suas mentiras para quem acredita nelas. — Tentei passar rapidamente para que Alex não conseguisse me alcançar. Mas ela parou a minha frente, um sorriso debochado em seu rosto. Ouvi os passos na escada e tive vontade de correr.

— Isso nunca aconteceu antes. — Sua voz baixa indicava que ela não queria que Alex ouvisse o seu comentário. — Você sabe. — Olhou rapidamente para a escada. — Todas as vezes que Alex trazia uma mulher para casa eu levava Lipe comigo. Nunca aconteceu de voltarmos antes da hora. Eu não sabia...

— Charlotte! — A voz de Alex vibrou em meu corpo. A raiva corria em minhas veias.

Eu sabia que Anita havia dito aquilo de propósito, porém era impossível, depois de tudo, manter a calma e assimilar que Alex não era culpado. O que eu esperava, que ele não tivesse transado com ninguém enquanto eu afirmava veementemente que jamais voltaria?

No entanto doía saber pela boca daquela mulher a realidade do meu namorado. E doía muito. Porque ele levava as mulheres para aquela casa, para a nossa cama, para o lugar que um dia eu pensei em viver. Sem pensar caminhei até a porta.

— Alex, eu preciso ir embora — Anita disse aumentando a voz, o que me levou a acreditar que ele não se importou com ela enquanto tentava me alcançar.

— Charlotte, espere. — Abri a porta da casa decidida a sair, principalmente porque estava sufocada com tudo o que tinha acontecido. — Espere. — Sua urgência e desespero me fizeram parar, mas eu não conseguia olhá-lo, então fiquei parada, de costas e mantendo os olhos baixos. Ouvi sua respiração pesada pelo esforço para me alcançar. — Charlotte, não vá embora. Vamos conversar, por favor! Merda! Entre, Charlotte!

— Não! — Continuei sem olhá-lo. Ameacei continuar andando para ir embora o quanto antes e ele me segurou pelo braço.

— Não fuja de mim. Eu não posso ir atrás de você. Não tem ninguém para ficar com Lipe hoje pela manhã. É meu dia, então, por favor, entre, Charlotte e vamos conversar como dois adultos. — Ri sem vontade e finalmente consegui encará-lo.

— Como adultos? Adultos como as mulheres que você trouxe para casa? — Alex me largou me encarando sem graça.

Eu sabia que não tinha direito de cobrar nada, que ele não tinha culpa das coisas que Anita fazia, apesar de poder culpá-lo por aceitá-la em sua vida mesmo depois de tudo o que ela já havia aprontado, mas estava tão furiosa que não conseguia evitar.

— Charlotte...

— Era assim que funcionava, não era? Anita te encobria ficando com seu filho para que você pudesse transar livremente. Que conveniente! O que será que ela ganhava em troca para ajudar no esquema?

— Pare, Charlotte!

— Não. Pare você! — gritei com raiva. — Onde está aquele homem que me disse que tinha uma rotina com o filho, que vivia com ele e por ele? Onde está esse homem, Alex? — Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Eu vou embora. — Recuei consciente de que estava passando dos limites e dando à Anita o que ela queria.

— Que droga, Charlotte! Eu não posso ir atrás de você — repetiu sem paciência.

— Ótimo! Eu preciso mesmo de espaço. — Comecei a me afastar e ele não me seguiu.
— Nós precisamos conversar — alertou.
— E vamos. Mas não agora. — Senti meu peito doer e as lágrimas se formarem.
Eu precisava mesmo da distância para acalmar minha dor, colocar a cabeça no lugar e não deixar que a raiva despejasse tudo o que eu sentia no homem que eu amava.
— Quando? — Dei de ombros vendo a decepção em seus olhos. — Charlotte, não vá! — Ele não agia com raiva, estava com medo.
Dei as costas e saí sem saber como seria dali para a frente. Eu só precisava ir embora.

Capítulo 23

“Farei com que comeces a pensar que esse teu cisne não passa de um urubu.” William Shakespeare
Charlotte

— Pelo amor de Deus! Às vezes eu acho que você conseguiria ser mais rica do que o padrinho se escrevesse um livro contando a sua história. — Miranda riu e conseguiu me fazer rir um pouco também enquanto eu limpava as lágrimas que ainda caíam. — Seria um sucesso como novela mexicana — continuou rindo, ajudando-me a relaxar.

Quando saí da casa do Alex e me vi na rua fiquei perdida. Eu não sabia o que fazer para onde ir e como me sentir, então fiz a coisa mais lógica do dia, liguei para Miranda, que foi me buscar imediatamente. E, claro, já entrei no carro chorando, tremendo e me sentindo uma imbecil.

— Você fica rindo, mas o caso é sério — afirmei voltando a sentir a angústia no peito quando a imagem do Lipe entrando no quarto no momento em que transávamos voltou a minha mente.

— Ele só tem dois anos, Charlotte! Nem faz ideia do que viu. — Afagou meu ombro. — O que não significa que podemos transar livremente com ele em casa. — Ele não estava em casa. A megera da Anita fez de propósito e você deveria

conversar sobre isso com Alex.

— Ele não vai acreditar em mim — suspirei derrotada. — Alex acha que deve a vida a Anita. — Ela me olhou com aquele olhar que me dizia que o assunto ficaria sério. Encostei no banco do carro e encarei o flat. Estávamos lá há quase uma hora, conversando sem coragem para descer e entrar em casa.

— Foi difícil para ele — disse com pesar. — O que não dá a Anita o direito de fazer o que fez.

— Anita poderia ter infartado quando soube da morte de Tiffany. Facilitaria muito a minha vida. — Ela riu.

— Que horror, Charlotte! — Dei de ombros.

— Sou humana. Não posso evitar meus pensamentos nada ortodoxos. — Limpei as novas lágrimas sentindo o choro ceder. — Estou tão envergonhada! — Eu te entendo. Tenha em mente que o Lipe não vai lembrar do que viu. Agora é deixar passar e cuidar para que não volte a acontecer.

— Eu fico pensando em como casais com filhos podem ter uma vida sexual. — Ela riu como se a minha pergunta fosse absurda.

— Todo mundo encontra um jeito e você e Alex têm recursos para ter uma vida

independente de filhos. É só contratar alguém que possa dormir com ele. — Piscou para mim. Suspirei.

— E você acha que eu teria uma vida sexual normal sabendo que uma pessoa dorme no quarto ao lado ouvindo tudo o que aprontamos durante a noite? —

Miranda riu alto. — Não fique rindo de mim. — Cruzei os braços aborrecida. — É que você é engraçada. Lottie, todo mundo se adapta. Sem contar que é só uma fase, depois fica melhor. Só não desista — colocou a mão sobre a minha apertando-a. — Vocês se amam e Alex não fez nada de errado.

— Eu sei. — Lamentei a briga. — Mas foi horrível ouvir da boca de Anita que ele levava outras mulheres para casa.

— E o que você esperava? Você estava na Inglaterra, ignorando completamente o cara. Foram três anos, Lottie! Ele é lindo, maduro, rico... — Soltou o ar dos pulmões. — E as mulheres não esperam por um convite.

— Eu sei! — Fechei os olhos evitando as imagens das mulheres se atirando para Alex. — O que não ameniza a minha raiva — rosnei. — E eu que fui burra. Deveria ter transado com todos os garotos com quem tive oportunidade. Eu deveria ter seguido em frente com minha vida sexual.

— Você faria se não tivesse voltado para o Brasil e reencontrado Alex, mas você voltou e ele é o homem da sua vida. Tenha isso em mente. Não é possível fugir de um amor assim.

— Eu me sinto uma imbecil. — Limpei mais uma lágrima que escapou. — Só não consigo deixar de culpar Alex por ser tão idiota e aceitar Anita em sua vida. — Ela revirou os olhos e encostou também no banco. — Eu sei. Estou sendo repetitiva. Vou parar de falar — Miranda riu. — Como estão as coisas com Patrício? — Estranhas — suspirou. — Estranhas mesmo. Ele fica bem e fica mal. Tem dias que está numa boa, todo carinhoso e romântico, em outros se tranca no escritório e joga PlayStation até tarde da noite.

— PlayStation? Tá falando sério?

— Patrício é uma criança. Tem síndrome de Peter Pan. — Ri e ela também. — Eu posso sondar Alex. Quem sabe ele pode nos dar alguma informação... — Não. — Ela me encarou séria. — Deixa todo mundo fora disso, Lottie. Ele é criança, mas eu sou adulta e como tal vou resolver este problema de maneira madura.

— Como ensinar a uma criança a resolver as coisas de maneira madura? — Ela ficou me olhando séria, depois começou a rir.

— Você não existe! Não sei. Realmente não entendo nada do universo materno.

— Olhou-me de soslaio para conferir a minha reação. — Você sabia que Patrício não quer ter filhos?

— Não. — Encarei minha amiga com mais atenção aguardando pelo que ela diria. — Ele disse que não quer e eu disse que achava que seria legal um dia, não agora, um dia. — Eu sentia o quanto o assunto constrangia a minha amiga, mas precisava levar tudo naturalmente para que ela entendesse que poderia conversar sobre qualquer coisa comigo. — Foi depois disso que ele mudou.

— Depois que você disse que queria ser mãe? Tem alguma coisa errada nisso tudo. Patrício curte os sobrinhos. Ele parece um bobo quando está com as crianças. Quer dizer... ele parece um bobo o tempo todo, piora quando está com as crianças.

— Pois é. Eu não entendo. Pode ter sido outra coisa e eu não percebi. Eu preciso voltar para casa. Precisamos conversar sobre a Bienal, Lottie.

— Ainda temos tempo.

— Lana viaja amanhã para a última reunião. Recebi a sua agenda e agora está confirmado. Amanhã eles vão liberar as senhas para a sua tarde de autógrafos. — Ok! — Eu estava sem cabeça para discutir trabalho, mas sabia que quando Miranda agia como profissional era porque não queria mais conversar sobre os problemas dela, então a deixei falar.

— O padrinho quer que você vá no avião particular. — Foi a minha vez de revirar os olhos.

— O padrinho — desdenhei da forma como ela falava do meu pai — não pode mandar em minha vida profissional. Vou em um voo comercial, como todos os mortais.

— Tá bom, só acho que ele vai ficar aborrecido. Já passou a ordem, escolheu os pilotos e combinou tudo. E ele pretende te acompanhar. — Era mesmo uma droga! — Certo, deixe o avião particular. Não vou enfiar meu pai em um avião com poltronas apertadas e mais duzentas pessoas dividindo o espaço com ele. — Miranda riu e concordou com a cabeça.

— Vejo você mais tarde?

— Sim. Vou ficar em casa o dia todo. — Imediatamente fiquei triste ao lembrar da briga com Alex e da situação constrangedora. — Vou tentar escrever. — Faça isso. Também preciso ficar rica.

— Como se você fosse pobre. — Miranda riu e eu desci do carro.

Alex

O meu dia foi um inferno! Primeiro eu tive que me manter calmo na frente de Lipe quando a situação era desesperadora. Não podia surtar e deixar que ele percebesse o que tinha presenciado. Segundo, tive que ficar com ele a manhã toda, ansioso para conversar com Charlotte e consertar a merda, mas não podia.

Trabalhei em casa depois que Anita saiu. Com o computador no colo respondi os e-mails supervisionando Lipe que brincava no chão da sala. Eu estava muito puto da vida, mas não podia culpar ninguém. Foi uma fatalidade. Anita pensou que eu estava na praia e quis fazer uma surpresa levando Lipe para me encontrar. Ninguém imaginou que aconteceria o que aconteceu.

Charlotte ficou desesperada e eu podia entendê-la. Ela sempre teve esta preocupação. Como eu poderia saber que aconteceria? Nunca aconteceu antes. Nunca.

E eu estava aborrecido com Anita por ter dito sobre as garotas que eu levei para casa. Não foram tantas, uma ou outra, esporadicamente, quando o tesão falava mais alto e quando eu sabia que Lipe não estaria lá, o que facilitava, no entanto, essa informação Charlotte não precisava receber.

“Eu só quis me desculpar, Alex! Ela estava tão assustada!”, Anita se justificou e eu tive que aceitar a sua defesa. Charlotte estava assustada e nervosa, o que faz com que qualquer pessoa se perca e faça mais besteiras.

Pela tarde, após Marta chegar, eu ainda precisei ir para a editora. Lana estava agitada por causa da viagem para os últimos ajustes relativos à Bienal e eu não estava no clima. Tudo me aborrecia. Tudo

mesmo. A sorte era que eu não precisaria buscar Lipe na natação, assim ganhava mais tempo para resolver a minha situação com Charlotte.

No meio da tarde eu já j o aguentava mais. Ela não havia telefonado, nem enviado uma mensagem. Eu também não fiz isso e sabia que estava sendo tão teimoso e infantil quanto ela, mas não queria conversar através de mensagens, muito menos por telefone. Eu precisava ver Charlotte e me certificar de que tudo ficaria bem entre nós dois.

Desliguei o computador, organizei os arquivos e comecei a me organizar para sair quando Lana entrou na sala.

— Já vai? — Pareceu espantada. Eu não estava disposto a lhe dar muita atenção. — Alex! — Suspirei.

— Preciso encontrar com Charlotte. Temos um problema para resolver.

— E vai resolver no meio do expediente?

— Vou. Sou o dono desta editora e não tenho horário para trabalhar. Pensei que isso já havia ficado bem claro.

Olhei minha irmã com uma fúria que ela não merecia. Odiava quando Lana tentava me controlar dentro da minha própria empresa. Eu trabalhava até mais do que deveria, nunca me neguei a fazer a minha parte então não queria ser cobrado quando eu precisava priorizar a minha vida particular.

— Mas eu viajo amanhã! Tem muita coisa para resolver ainda.

— Tudo que faz parte da sua função dentro desta empresa. V c  é a editora-chefe, v c  resolve os problemas. A minha parte está toda pronta. — Ela me olhou ofendida pela minha recusa em ajudar. Senti-me culpado. — Eu volto mais tarde e coloco tudo em ordem.

— Deve ter sido um problema bem grave. V c  está azedo hoje. — Peguei a carteira e o celular.

— Foi grave, mas nada que não tenha solução.

— Vocês não conseguem ter paz? — Aquela era a mais pura realidade. — Foi por isso que fugiram do jantar ontem? — Suspirei pesadamente.

— Lana. — Voltei pela sala e sentei no sofá. — Lipe me viu transando com Charlotte!

— Puta que pariu! — Ela se encostou a mesa com os olhos arregalados. — Puta que pariu! Valentina uma vez foi para a nossa cama e s  vimos quando ela já estava deitada tentando me abraçar. Foi uma semana infernal. — Passou a mão na testa como se pudesse expulsar os pensamentos com este gesto. — Vocês sabem que ele nem percebeu o que via, não é?

— Eu sei, mas... merda! Charlotte ficou transtornada. Ela vinha tocando neste ponto há dias, sempre com medo e eu, todo cheio de certezas, fazia com que ela relaxasse. Me sinto péssimo e culpado. Passei a manhã com Lipe e sei que ele não ficou com nada na memória, mesmo assim... porra, eu fui muito descuidado!

— Isso acontece, Alex! Ninguém nunca morreu porque o filho o surpreendeu transando. V c  precisa relaxar. Charlotte eu sei que não vai fazer isso tão cedo. Além de ser dramática ela não   mãe, não está habituada a esta realidade. Com certeza foi um grande choque para ela.

— Sim, foi! Por isso preciso ir até a casa dela para tentar fazê-la entender que ninguém teve culpa.

— Pois  . Qualquer criança acorda fora do horário, no meio da noite, pela manhã muito cedo... uma hora ou outra poderia acontecer.

— Esse é o problema. — Esfreguei a mão na testa sentindo meu corpo esgotado. — Lipe não estava em casa, por isso me descuidei. Ele dormiu na casa de Anita.

— Que merda, hein? Com Anita envolvida fica ainda mais difícil acalmar Charlotte. V c  não combinou um horário?

— Ela nunca chegou tão cedo. Eu nem sabia que Charlotte iria comigo para casa e disse a Anita que sairia para surfar. Foi uma sucessão de acontecimentos desconhecidos. E eu estava me reconciliando de

outra briga por causa das camisas manchadas, ou seja, dois dias de brigas e acertos.

— Uma grande merda mesmo. Bom... não tem jeito, você vai sair então eu preciso colocar a mão na massa. Me avise se puder voltar, vou realmente precisar desta força.

— Farei o possível. — Levantei e quando estava quase na porta Patrício entrou abrindo um grande sorriso quando me viu.

— E aí, vacilão! — Deu um tapa em meu braço. Que droga!

— Charlotte conversou com Miranda. — Constatei o óbvio. Ele riu. — E Miranda comigo. — Entrou na sala sem nenhuma cerimônia. — Essa é a grande merda de se ter filhos. Ninguém pode transar em paz na sua própria casa.

— Não existe merda em ter filho — Lana retrucou e piscou para mim.

— Isso eu jamais saberei. Não vou ter filhos.

— Você não quer filhos porque tem medo que ele seja como você. — Toquei na ferida. Patrício sempre deixou bem claro para todos nós.

— Pois é. Não vou correr este risco.

— Miranda tem direito de ser mãe — Lana falou indignada, mas Patrício não se importou.

— Miranda não quer ser mãe. Ela nem leva jeito para essas coisas. É só fogo de palha porque vocês tiveram filhos.

— Eu tenho mesmo que ir. — Dei minhas desculpas deixando os dois naquele debate.

Eu gostaria de ajudar o meu irmão a superar seus medos, a acreditar que sua história não precisava se repetir, porém, nós teríamos tempo para conversar em outra hora. Naquele momento eu tinha que encontrar Charlotte.

Charlotte

Assim que saí do banho meu celular parou de tocar. Eu estava ansiosa, mas me decepcionei ao verificar que a ligação era de Johnny e não do meu namorado. Talvez eu tivesse pegado pesado demais. Ou talvez ele estivesse trabalhando e sem tempo para perder com as minhas inseguranças.

Enquanto eu pensava no assunto o telefone voltou a tocar. Dei um pulo com o susto.

— Oi, Johnny! — Minha voz demonstrava a minha falta de ânimo.

— Oi, gatinha! O que aconteceu?

— Eu liguei várias vezes e você não atendeu — acusei, sendo ainda mais infantil. — Onde você está?

— Em Belo Horizonte, Lottie. — Soltou o ar demonstrando cansaço. — Seu pai agendou uma reunião de surpresa e tivemos que voar para cá sem nada preparado. Como estão as coisas?

— Ele está com você?

— Agora não. Está no quarto dele. Acabamos de chegar ao hotel. Aconteceu alguma coisa? — Johnny ficou em alerta.

— Aconteceu uma grande merda.

— Quantas camisas desta vez?

— Johnny!

— Desculpe! Foi mais forte do que eu. É com o Alex?

— É. Nós... ele... eu...

— Fala, Charlotte! Você não engravidou, não foi? — Sua voz nervosa fez meu coração doer.

— Você sabe que não! — Ouvi seu suspiro de alívio e me senti péssima.

— Por que o nervosismo?

— Ah, Johnny! Eu nem sei como dizer de tão constrangedor que é, mas queria a sua opinião — choraminguei.

— Desembucha!

— Tá bom! Lipe nos surpreendeu transando. — Ele fez silêncio por alguns segundos, depois sua risada estrondosa fez com que eu afastasse o celular do ouvido. — Johnny a situação é séria.

— Porra, imagino que — continuou rindo. — E ele fez o quê? Cara, eu queria ver a sua cara na hora em que aconteceu.

— Foi um grande erro te procurar, Johnny. Tchau! — Desliguei o celular e levantei da cama. Ele começou a tocar imediatamente. Atendi e meu amigo não ria mais.

— Tá certo. Vou tentar te ouvir sem rir. Como você está?

— Envergonhada. — Ele riu baixinho e eu fechei os olhos. — É sério, Johnny!

— Lottie, eu sei que é uma coisa embaraçosa, que você jamais queria que acontecesse, porém tem que admitir que namorar com um cara que tem um filho tão pequeno é correr este risco. Ainda mais você, toda fogosa. Até do jantar sumiu ontem.

— Meu pai apontou uma arma para Alex e o ameaçou caso me magoasse. Foi motivo de sobra para fugir daquele jantar — menti.

— Não! O padrinho fez isso? — Outro momento de gargalhada que quase me fez desligar de novo.

— Não tem graça. — Mas eu estava sorrindo. Era impossível ouvir a risada do meu amigo e não rir junto.

— Ah, tem sim! Tem muita graça. Eu sempre perco estas coisas. O padrinho poderia me dar mais crédito e me chamar para assistir quando resolvesse intimidar alguém.

— Johnny, não tem nada de engraçado em ameaçar os meus namorados.

— O seu namorado — me corrigiu sem titubear.

— Que seja! — Revirei os olhos. — O problema maior é que Anita está envolvida outra vez.

— Anita? Como assim?

— Ela pegou o Lipe para dormir na casa dela na noite passada, hoje pela manhã bem cedo levou o menino de volta e tudo acabou acontecendo. Eu tenho certeza de que ela fez de propósito. — Johnny ficou em silêncio me ouvindo e mais uma vez me questionei até quando aquilo seria saudável para ele. — Ela tem a chave, estava com o menino... sei lá! Provavelmente Alex comentou que estaria comigo... e ela ainda fez questão de me contar que aquela era uma rotina do Alex. Levar mulheres para casa enquanto ela tirava o Felipe de lá para lhe dar cobertura.

— Ela disse?

— Disse, Johnny. E eu sei que foi de propósito, para me atingir.

— É provável.

— Por quê?

— Porque Anita sempre deixou claro que não gostava de você e não se conformava com a sua relação com o seu professor. Ela pode estar implicando mesmo.

— Implicando? Ela quer acabar com o meu namoro com o Alex.

— É engraçado te ouvir falar dele como seu namorado.

— Johnny!

— Tá certo! Ela pode ter feito de propósito. Você já conversou com Alex?

— Não. Não consegui. Eu estava muito envergonhada.

— Imagino — suspirou audivelmente. — Bom, primeiro tente descobrir se ela sabia mesmo que você estava lá. Caso seja verdade, conte ao Alex sobre a sua desconfiança.

— Eu não posso fazer isso.

— Pode sim. Se Anita sabia de vocês e mesmo assim levou o menino ela tem que ter um motivo muito justo para ter feito isso. Já aviso que Alex provavelmente não contou sobre vocês. Ela nunca nem aceitou me receber na casa dela nos dias em que Lipe estava por lá, então não vejo como poderia querer que o afilhado presenciasse algo do tipo.

— Ela é doente — rebati com raiva.
— Anita é doidinha, mas não faz esse tipo de besteira. Ela realmente ama o Lipe.
Ouvi a batida em minha porta e logo em seguida Odete apareceu.
— O senhor Alex está lá embaixo — anunciou baixinho.
— Obrigada! Já desço. — Ela concordou e fechou a porta. — Johnny, Alex está aqui.
— Escute o que ele tem para dizer. Junte os fatos e só fale com ele sobre o assunto se tiver realmente certeza.
— Ok! — Engoli com dificuldade. — Obrigada, Johnny!
— Use e abuse, gatinha!
Desligamos e eu fui para o closet escolher o que usar para encarar o meu namorado.

Alex

Bati à porta e a empregada me recebeu. Implorei mentalmente para que Peter não estivesse em casa e pelo visto não estava mesmo. Odete subiu para avisar a Charlotte da minha presença e eu fiquei aguardando na sala. Confesso que meu coração estava acelerado com a expectativa.

Charlotte desceu as escadas sem demonstrar qualquer insegurança. Ela não sorriu, nem parecia relaxada o que me deixou ainda mais tenso. Veio até a sala e parou a uma distância segura de mim. Era uma merda voltarmos a este ponto, como se fôssemos dois estranhos e não dois namorados.

— Você está bem? — comecei com cautela. Era importante estudar o caso antes.

— Ainda não. — Ela olhou para o lado, conferindo se estávamos sozinhos. — O que aconteceu? — Cocei a cabeça. Como assim o que aconteceu?

— Lipe não se deu conta do que estava acontecendo, Charlotte. Eu entendo o seu embaraço, a preocupação, mas...

— O que aconteceu para ele voltar tão cedo? — continuou firme, fazendo-me entender a sua pergunta.

— Hum! Ontem ele foi para a casa de Anita. Quando ela me ligou eu não sabia se você iria querer dormir lá comigo depois da surpresa do jantar, então eu disse a ela que iria para a praia logo cedo. — Charlotte fez uma careta e virou as costas para mim.

— Ela não teve culpa, Charlotte. A sua intenção era pegar as coisas de praia do Lipe para me encontrar. Era uma surpresa.

— Surpresa? — perguntou, virando-se para mim e me olhando sem acreditar em minhas palavras. — Então Anita não teve nenhuma intenção maldosa ao levar Lipe tão cedo para casa.

— Ela nem sabia que eu estava lá. — Vi minha namorada rir com escárnio. — Como não? O carro estava na garagem. Qualquer um poderia ver. — Não sei. Provavelmente ela não prestou atenção. — Ela recuou com descrença. Eu sabia que seria uma conversa difícil, só não estava preparado para tanto.

— Como você pode ser tão idiota?

— Charlotte...

— Anita está fazendo de propósito e você não quer enxergar!

— Fazendo o quê?

— Tentando nos jogar um contra o outro. Ela manchou as camisas e agora levou o Lipe para que passássemos por aquela situação. — Balancei a cabeça negando a sua afirmação.

Anita não tinha porque fazer o que Charlotte a acusava. Ela não estava de acordo com o nosso relacionamento, daí a fazer aquelas loucuras era demais. Charlotte estava enciumada, envergonhada e com raiva pelo ocorrido esta manhã, então tentava encontrar um culpado.

— Se tem alguém culpado nesta história, sou eu — admiti, não me sentindo nada bem com aquilo tudo. — Eu não disse a Anita que você estaria lá em casa. Não fiquei atento aos seus alertas todas as vezes que você sentiu medo de que acontecesse.

— Claro que o culpado é você, por acreditar em uma mulher como Anita. Alex, ela tentou te prejudicar muitas e muitas vezes. Eu não me conformo com sua ingenuidade — esbravejou. Charlotte estava impossível.

— Eu já contei que ela me ajudou...

— Ah sim! Ela te ajudou, cuidou do seu filho para que você transasse com quantas mulheres quisesse.

— Porra, Charlotte, não faça isso!

— Isso o quê? Te acusar de ser um mentiroso?

— Eu nunca te disse que não tive outras mulheres — comecei a perder a paciência. Não era para ser tão difícil.

— Você disse que nunca levou uma mulher para casa — acusou com fúria e lágrima nos olhos.

— Não disse, não! — Charlotte ficou me olhando com mágoa. Merda! — Charlotte você não voltou.

Estava convencido de que não voltaria mais. Isso aqui — sinalizei nós dois — jamais voltaria a acontecer. Nós não deveríamos estar justificando o que aconteceu.

— Anita fez questão de me contar, Alex. Ela sabia que me magoaria e criaria esta situação entre nós. — Suspirei cansado.

— Anita estava tentando consertar a besteira que fez.

— Meu Deus! Você não enxerga mesmo quem ela é!

— Charlotte, Anita é uma amiga, a madrinha do meu filho mais nada. Você está sentindo ciúmes sem necessidade.

— Ciúmes? É o que você acha que está acontecendo?

— Anita não voltou lá em casa quando aconteceu o episódio das camisas. Ela não sabia que estaríamos lá. Não tem como acusá-la quando eu sei que não existem provas. E ela nunca fez isso antes, por que faria agora?

— Ela não fez isso, mas tentou chupar o seu pau mesmo contra a sua vontade um dia antes do nosso casamento.

— Por Deus! — Eu realmente detestava quando ela falava daquele jeito. — Vamos manter o nível.

— Vá para a merda!

— Charlotte!

— Vá para o inferno! — gritou me alertando que estava em seu nível máximo.

— Não dá para conversar quando você fica assim. — Meu telefone tocou.

Vi que era Anita e cogitei não atender. Depois decidi que Charlotte precisava entender que as coisas mudaram e que Anita havia se tornado uma amiga valiosa. Além do mais, era hora de pegar o Lipe na natação e se ela estava me ligando era porque ou não poderia buscá-lo ou estava com algum problema.

— Diga. — Acabei sendo brusco.

— Alex, estou com um problema aqui. — Soltei o ar dos pulmões.

— Lipe está bem?

— Deve estar. Ele adora quando pode ficar mais tempo na piscina.

— O que aconteceu? — Olhei para Charlotte que acompanhava a conversa de perto, com os braços cruzados e o olhar desafiante, como se soubesse que era Anita do outro lado.

— Meu carro quebrou. Eu peguei Marta porque queria fazer uma surpresa para o Lipe e levá-lo para comer uma pizza, mas a merda do carro quebrou outra vez. Agora estamos as duas paradas em uma avenida de alta velocidade e correndo o risco de sermos assaltadas.

Que merda!

— Não pode chamar um táxi? Eu posso buscar Lipe.

— Alex — gemeu descontente. — Eu já chamei o seguro, mas estamos com medo. Um homem aqui seria ótimo!

Merda!

— Tá! Manda a sua localização por mensagem que eu estou indo.

— Que ótimo! Obrigada!

Desliguei assistindo a expressão de incredulidade de Charlotte. Eu tinha certeza de que seria mais problema, mas não podia deixá-las sozinhas só porque minha namorada estava com ciúme.

— O carro de Anita quebrou — Ela se afastou como se o simples nome lhe causasse repúdio. — Marta está com ela e as duas iam buscar o Lipe na natação — Charlotte nada disse. — Eu tenho que ir. Você pode vir junto.

— O quê?

— Charlotte, não vai levar a nada continuarmos brigando. Elas precisam de mim e o Lipe não pode ficar tanto tempo me esperando. Se você vier comigo nós continuamos a conversa em minha casa.

— Anita pode pegar um táxi.

— Ela chamou o seguro, está com medo de ficar sozinha aguardando. — E Marta?

— As duas estão com medo.

— Ela quer que você faça exatamente isso, que me deixe por ela. — Puta merda! Não dava para ficar pior.

— Então ela quebrou o próprio carro arriscando que eu estivesse com você só para nos prejudicar? — Rebatí sem paciência nenhuma. Charlotte estava passando dos limites.

— Se ela quebrou o carro ou não eu não sei, mas Anita sabe que só o fato de ter você à disposição já me irrita.

— É pelo Lipe, Charlotte! Ele está sozinho na natação.

— Você não vai buscá-lo. Vai resolver o problema da frágil Anita.

— Puta que pariu! — Puxei o ar com força. — Eu preciso mesmo ir. Você vem?

— Não!

— Então, Tchau!

— Não precisa voltar — ela gritou revoltada. Aquelas palavras me feriram, mas eu não voltaria para tentar reverter.

Dei as costas e saí da sua casa sem olhar para trás.

Charlotte

Fiquei enfurecida. Estava claro para mim que o nosso relacionamento não tinha como seguir em frente. Alex continuaria permitindo que Anita se intrometesse em nossas vidas e pelo visto a louca era eu, dando ataques de ciúme e acusando uma sensível donzela em perigo.

Porra!

Eu estava furiosa! Nas horas que se passaram eu apenas deixava as lágrimas caírem sem me preocupar em detê-las. Eu buscava força para colocar um fim em tudo ou viveríamos naquele inferno para sempre e eu sabia que não queria viver desse jeito.

Só que desta vez eu não poderia ir embora e pronto. Não poderia me esconder em um apartamento em Londres e seguir com a minha vida como se Alex não existisse. Eu tinha uma agenda para seguir, compromissos para cumprir e quase tudo diretamente ligado a ele.

Pensei em milhares de motivos para convencer Miranda a aceitar a minha fuga, mas eu sabia que ela nunca aceitaria, então decidi cumprir aqueles últimos dias e partir logo em seguida.

Pensar em deixar Alex doía muito, principalmente depois de todos aqueles momentos incríveis juntos.

Infelizmente era uma atitude necessária. Ele não cederia e eu não me conformaria com tudo o que estava acontecendo. Restava apenas ter coragem e seguir em frente.

No fundo eu sempre soube que as dificuldades impostas pelo tempo em que ficamos afastados acabariam nos separando novamente. Não era apenas Anita, mas toda a bagagem que a vida de Alex trazia para o nosso relacionamento.

O fim era inevitável.

Alguém bateu à porta do escritório do meu pai. Provavelmente Odete para me perguntar se eu precisaria de mais alguma coisa, contudo quem entrou foi Miranda, e eu pude ver Patrício do lado de fora, nervoso, sem conseguir se manter quieto.

— O que houve? — Fiquei aflita. Johnny e meu pai estavam longe e se ela estava ali era porque algo estava errado.

— Charlotte... — Minha amiga hesitou. Merda! Levantei rapidamente.

— O que aconteceu, Miranda?

— Alex! — Caí sentada sentindo uma pedra em meu peito.

— O que tem ele?

— Charlotte, Alex sofreu um acidente de carro. Ele está no hospital.

E meu mundo desmoronou.

Capítulo 24

“Do fatal seio desses dois rivais um par nasceu de amantes desditosos.” William Shakespeare
Charlotte

Meu mundo pareceu ter parado. Eu pensava em tudo e em nada ao mesmo tempo. Miranda não tinha muitas informações, ela havia obrigado Patrício a ir primeiro a minha casa me contar o ocorrido e só depois iriam para o hospital.

Parada olhando pela janela do carro eu via a noite chuvosa. Eu não chorei, não queria chorar como se fosse uma sentença de morte, porque Alex não podia morrer. Não ele. No entanto, por mais incrível que pareça, quando Miranda apareceu em minha porta meu desespero seguiu em outra direção.

“Lipe. Ele estava no carro?” Perguntei diversas vezes sem conseguir ouvir a resposta, porque eu sabia que o objetivo de Alex era esse: buscar Lipe na natação, então o acidente poderia ter acontecido quando ele estivesse no carro. E ele poderia estar machucado, poderia ter... não! Eu nem podia imaginar algo deste tipo.

Graças a Deus ele estava bem e foi justamente por ter ficado esquecido na natação que eles descobriram sobre o acidente. Lipe estava bem e na casa de Lana. Só depois que soube disso consegui respirar mais aliviada e sentir o meu peito mais leve. No entanto eu não conseguia entender o porquê de me sentir assim.

— Certo, Lana! Já estamos chegando. O trânsito está horrível por causa da chuva, já estamos quase chegando — Miranda dizia ao celular. Apesar do meu medo, eu sentia dentro de mim que estava tudo bem e que eu precisava ser forte.

— Como ele está? — A voz de Patrício parecia um trovão no meio da chuva e escuridão.

— Lana disse que está bem. Vai passar a noite no CTI por causa da pancada na cabeça. Teve uma fratura

na perna esquerda que não precisou de cirurgia, as duas mãos estão machucadas, mas nada grave, alguns arranhões, hematomas no rosto e duas costelas trincadas.

Fechei os olhos imaginando o seu sofrimento e meu coração ficou apertado. Engoli em seco, ainda sem chorar, sem me desesperar.

— Anita e Marta? — Patrício continuou.

— Marta só teve alguns hematomas e está com uma forte dor nas costas, foi quem se machucou menos.

Anita se machucou mais e vai precisar de maiores cuidados. Quebrou três dedos da mão direita, teve um corte profundo no abdome... — Olhou para trás para verificar se eu estava prestando atenção. — Perdeu um dente da frente. — Tentou não fazer uma cara divertida e eu juro que me esforcei para não abrir o sorriso que teimava em querer se apresentar. — Eu acho que este será o que ela mais vai reclamar — brincou rindo ligeiramente. — Ela bateu a cabeça também e teve um corte na testa. Precisou de cirurgia em uma das pernas, machucou bastante o pé da outra e mais alguns cortes e hematomas pelo corpo.

— Que merda! — Patrício resmungou.

— É. Que merda! — Tentei não ser irônica, mas não consegui.

— Graças a Deus ninguém se feriu gravemente ou corre risco de morte — Miranda rebateu.

— Graças a Deus Lipe não estava com eles — completei e houve um silêncio constrangedor dentro do carro.

— Chegamos. — Patrício anunciou, parando o carro para pegar o cartão de acesso na portaria. — Devemos agradecer também ao seu pai, Charlotte. Ele conseguiu transferir todos para cá. Quando conseguimos localizá-los, os três estavam nos hospitais públicos por causa do atendimento de emergência.

— Anita também está aqui?

Não me senti uma boa cristã com tantos pensamentos negativos. Não dava para esquecer tudo o que ela havia feito, nem minha briga com Alex por causa das coisas horríveis que ela fez, contudo me obriguei aceitar que ela receberia um tratamento digno.

— Está sim, Lottie. — Miranda olhou para trás preocupada. — Mas você não precisa visitá-la. — Piscou tentando ser divertida.

— Obrigada por me desobrigar. — Ela sorriu e eu também.

— Charlotte! — Dana se levantou da cadeira em que estava e me abraçou. — Ele está bem, querida. — Concordei com a cabeça e tentei sorrir confiante.

Meus olhos vermelhos devido ao choro aparentemente fizeram-na acreditar que eu havia chorado por causa do acidente. Ninguém imaginava o que havia acontecido durante a tarde. Eu havia mandado Alex embora da minha vida e ele foi sem sequer olhar para trás. Lana saiu por uma porta e veio em minha direção me abraçar.

— Como ele está, Lamara? — Dana perguntou apreensiva.

— Ele está bem, mãe. Sonolento por causa da medicação.

— Você estava com ele? — perguntei, sentindo-me ansiosa. Depois do susto e do medo eu me perguntava se Alex gostaria de me ver.

— Sim e ele já perguntou por você. — Lana passou a mão em meu braço tentando ser confiante. Sorri envergonhada. Ela também não sabia da nossa briga. — Mãe, a senhora deveria descansar. Ele vai ficar lá a noite toda.

— O médico disse alguma coisa? — Dandara continuou a perguntar sem se importar com o pedido da filha.

— Peter disse que acabou de conversar com a equipe médica e que o quadro dos três é estável —

Adriano falou com o celular na mão. Ele se aproximou e afagou meu ombro. — Eu vou passar a noite aqui porque não preciso de autorização para transitar entre as unidades. Vou acompanhar o nosso filho de perto. — Sorriu amorosamente para a esposa. — Você deveria ir descansar porque amanhã Alex precisará de alguém para ajudá-lo.

— Tem certeza de que ele está bem? — Como a mãe zelosa que era, Dandara não poderia fazer outra pergunta. Adriano sorriu.

— Sim. Eu verifiquei pessoalmente o prontuário dele, Dana. E Peter me garantiu que não tem como haver uma regressão no quadro.

— Está bem. Posso vê-lo?

— Melhor não. Alex precisa descansar. Amanhã ele será transferido para o quarto e você poderá cuidar do seu filho.

— Vamos, Dana. — Miranda abraçou a sogra. — Nós vamos passar a noite na sua casa, assim ficamos todos juntos. — Olhou para Patrício, que concordou com a cabeça.

— Você vai ligar se algo acontecer? — Olhou apelando para o marido.

— Ligo sim, meu bem. Descanse. — Adriano abraçou a esposa. Quando falou com o filho lhe entregou, discretamente um comprimido, que eu deduzi que seria para a mãe, para fazê-la dormir realmente.

— Tem certeza que não precisa de mim aqui? — Patrício perguntou ao pai. Ele parecia agitado, um pouco nervoso. — Eu posso levá-las e voltar.

— Não, filho. Vocês todos devem ir para casa. Ninguém poderá entrar. Eu fico e mantenho todos informados.

— Tudo bem — resmungou. — Charlotte vou deixá-la em casa. — Olhei para Lana e meu coração acelerou. Ela fez uma cara de incentivo.

— Eu vou ficar mais um pouco. Vou tentar falar com o meu pai.

— Charlotte, está tarde — Miranda tentou, porém eu estava decidida.

— Eu vou ficar bem. Levem Dana para descansar. — Minha amiga entendeu que eu não iria e concordou.

— E você, Lana? — Patrício se virou para a irmã desistindo de mim.

— Eu fico mais um pouco também, depois deixo Charlotte em casa.

— Certo. Vamos então.

Assisti os três se afastando. Eu precisava ter certeza de que Alex estava bem e ter coragem para saber o que fazer.

— Eu preciso me preparar para acompanhar a equipe de perto. — Adriano tocou outra vez o meu ombro e beijou o rosto da filha. — Vejo vocês amanhã. — Então entrou por uma porta destinada apenas aos funcionários. Ficamos somente eu e Lana.

— Ele está bem, Charlotte — tentou me acalmar.

— E Lipe? — Seus olhos se abriram surpresos, ela disfarçou tentando não ser indelicada.

— Está em minha casa. João está com ele e as meninas. — Fez uma careta. — Não sei como será. Ontem a babá que nos ajuda à noite entrou de férias e, por causa da minha falta de tempo, não arrumei ninguém para substituí-la. Com Marta e Anita internadas, Alex sem previsão de alta e minha viagem agendada para amanhã pela manhã tudo se complicou mais. Tenho certeza que minha mãe vai se recusar a deixar o hospital para ajudar a cuidar das crianças.

— Eu posso ficar com o Lipe. — Meu coração acelerado me fazia questionar se eu deveria realmente fazer aquilo.

— Ah, não precisa, Charlotte! — Lana foi gentil, mas eu sabia o que ela pensava.

— Lana, eu quero. É importante para mim. Se existe alguém que pode fazer isso, sou eu.

— Você tem os seus afazeres, e...

— Que droga! — Sobressaltei-me indignada com a sua recusa. — Qual é o problema? Por acaso você acha que eu sou incapaz ou que vou fazer alguma maldade com o menino?

— Não. — Ela piscou várias vezes tentando conter a surpresa. — Tá certo, Charlotte — suspirou derrotada. — Eu só preciso que Alex concorde, mas não se ofenda. É que você... — me encarou com firmeza —, você tem tudo para não gostar do garoto. Me desculpe a sinceridade, mas se vamos fazer isso funcionar tem que ser assim.

— Mas eu gosto. — E até eu me surpreendi com as minhas palavras. — Lipe não tem culpa do que aconteceu e não precisa pagar por isso. Essa vai ser a minha oportunidade de iniciar o nosso relacionamento, Lana. Eu quero... na verdade eu preciso. Por favor!

— Certo — ela recuou. — Não vou conseguir falar com Alex hoje mesmo. — Mordeu o lábio hesitante. — Droga! Eu viajo amanhã muito cedo e Lipe tem que ir para a escola. — Olhou para os lados planejando como fazer aquilo dar certo. — Vamos. Eu vou te explicando tudo pelo caminho. — Sorri aliviada.

Eu faria dar certo.

— Ele é alérgico a muitas coisas — Lana continuava sussurrando enquanto caminhávamos para a casa de Alex. Lipe dormia em meus braços e eu me sentia segura carregando-o.

— Eu sei. — Esforcei-me para não revirar os olhos. Será que ela não sabia o quanto aquele menino pesava?

— Tem uma lista de tudo na porta da geladeira. Alex vai atualizando à medida que vamos descobrindo. Tem também o número da emergência, mas acredito que você não vai ter problemas.

— Não terei. — Ela abriu a porta e me deu passagem.

— Alex sempre tem comida congelada. Não sei como será nos próximos dias. De qualquer forma...

— Posso pedir ajuda à Odete. Ela é boa cozinheira.

— Certo — continuou, subindo as escadas. Senti o celular vibrar no bolso da minha calça. Ignorei. — Ele tem que ir para a escola amanhã cedo, você acha que consegue? — Desta vez revirei os olhos mesmo.

— Claro que sim. — Lana riu.

— E o endereço da escola? É melhor eu colocar na porta da geladeira também.

— Ótimo! Eu não sei onde fica. — E me dei conta de que não sabia praticamente nada da vida daquela criança.

— Vou pedir para o João te ajudar sempre que puder. — Lana continuava insegura.

— Miranda vai me ajudar. Pode ficar tranquila. Qualquer coisa eu pergunto.

— Tá bom, Charlotte. — Ajudou-me a colocar Lipe na cama. — Vou colocar o endereço na geladeira. Não esqueça de manter esta portinhola fechada.

— Não vou esquecer. — Observei o menino deitado, a boquinha em formato de coração, a serenidade em sua face. Ele era lindo.

— Eu ligo amanhã antes de embarcar. Boa sorte! — Ela me abraçou e beijou. Vou trancar a porta com a chave reserva. — Concordei e voltei a olhar para Lipe.

Assim que me dei conta de que estávamos sozinhos me senti insegura. Céus! Como eu faria aquilo?

Pensei em sair do quarto, depois achei que era melhor não. Sem Alex ali ele poderia acordar no meio da noite e se sentir inseguro. E se ele precisasse de mim e eu não acordasse? Era melhor passar a noite com ele. E a lista de produtos que ele não podia comer? Deus, eu nunca podia me esquecer de olhá-la.

— Certo, Charlotte. É só um menino e você é perfeitamente capaz de cuidar dele — falei em voz alta e ele mexeu. Fiquei tensa observando a pequena criança abrir os olhos sonolentos.

— Papai? — Meu coração se quebrou. O que eu poderia dizer? Eu deveria contar sobre o acidente? —

Loti? — Fechou os olhos e se ajeitou no travesseiro.

— Está tudo bem — sussurrei e me agachei para acariciar seus cabelos. A sensação dos fios em meus dedos era um pouco melhor do que a que eu sentia quando tocava os do pai dele. — Loti está aqui — continuei sussurrando, mesmo com ele já dormindo outra vez. — Vou ficar bem aqui — constatei em choque. — Vou cuidar de você, Lipe.

Tirei o tênis e deitei ao seu lado na cama sem me preocupar com a calça jeans ou o desconforto que o cuidado que eu deveria ter me causaria. Eu apenas queria ficar com ele e me certificar que nada lhe aconteceria.

E assim adormeci.

O barulho incômodo do celular vibrando me despertou. Senti uma movimentação estranha do meu lado, mas não tive coragem de abrir os olhos. Quanto tempo eu havia dormido? E por que a minha cabeça doía tanto? Um som oco se repetia juntamente com o movimento. O que era aquilo em minha cama?

Lipe.

Porra!

Levantei num sobressalto procurando desesperadamente pela criança até que

me dei conta de que ela estava sentada na cama, as pernas cruzadas e com o meu celular na mão. Seus olhos azuis com cílios longos e negros me atraíam tal e qual os do seu pai.

Alex!

Merda!

— Loti. — Sua mãozinha me mostrava o celular. Ele sorriu mostrando uma

fileira de dentes brancos e perfeitos.

— Lipe. Acho que... — Olhei o relógio. — Droga, estamos atrasados. O quê...

Deus!

Olhei para os lados sem saber o que fazer. Onde ficava o uniforme escolar? E ele escovava os dentes? Tomava banho? Sim, banho eu sabia que tomava. Alex deu banho no filho no dia em que quase morri com o despertador. Então... — Loti, xixi. — Arregalei os olhos. Deus! Como eu poderia levá-lo ao sanitário?

Ele não usava fralda? — Xixi. — Pareceu mais desesperado.

— Certo. Vem aqui. — Lipe pulou em meu colo e rapidamente entramos em seu banheiro.

Ele se debateu para que o colocasse no chão, então correu para um mictório colorido que ficava ao lado do vaso. Era baixo e parecia ser de borracha e plástico, feito especialmente para crianças. Vi a pequena criança correr até lá e abaixar a calça do pijama florido, emprestado das primas, para fazer o seu desejado xixi e me vi sorrindo. Era mesmo lindo!

Com os cabelos em desordem e olhos sonolentos, ele voltou para mim levantando os braços para ser carregado outra vez. Assim que o fiz ele se inclinou em direção a pia e deduzi que era para lavar as mãos. Coloquei-o sentado sobre o mármore e comecei a fazer a sua higienização. Ao lado estava a sua escova pendurada na parede e a pasta de dentes. Não precisei descobrir como fazer, assim que peguei a escova ele abriu a boca me permitindo fazer o trabalho.

— Agora um banho. — Ele concordou com a cabeça. Tirei o pijama dele e o conduzi até o chuveiro, conferindo a temperatura.

— Loti, papai? Saiu! — Levantou as duas mãos fazendo um lindo gesto. — Seu pai está um pouco ocupado. Vamos ficar alguns dias só nós dois. — Ele me encarou sério, coçando os olhos e percebi que ele sentia falta dos óculos e só então me dei conta de que havia dormido com os meus. Levei as mãos ao rosto ajustando a armação. Lipe sorriu. — Vai ser divertido — brinquei enquanto ele colocava a cabeça embaixo do chuveiro para tirar o shampoo.

De banho tomado e depois de eu praticamente desorganizar todo o seu closet para encontrar o uniforme escolar, estávamos na cozinha. Ele, já com os óculos, sentadinho em sua cadeira e me encarando como se estivesse achando tudo estranho. Conferi a lista de alimentos proibidos e me peguei perdida sem saber o que oferecer ao menino.

— Muito bem, Lipe. O que você quer comer? — Pensei em torradas com manteiga e ovos e uma boa xícara de café.

— Gagau — disse prontamente com os olhos maximizados como se estranhasse minha pergunta.

— Gagau? O que diabos é gagau? — Abri as prateleiras e ele se agitou. — Ali. Ali. — Apontou para alguma coisa sobre a pia e, seguindo a direção em que apontava, descobri a mamadeira.

— Mingau? — Agitei a mamadeira e ele riu confirmando a minha recente descoberta. — Hum! Isso deveria ser mais fácil.

Pensei em leite, mas não sabia se deveria ser em pó ou líquido. E o que colocava no leite? Voltei a abrir os armários, encontrando em uma porta, separadamente, leite em pó e uma lata de farinha para fazer mingau. Era aquilo. O leite era especial para crianças alérgicas, pelo que dizia na embalagem. Graças a Deus não peguei o da geladeira.

— Como fazer? Tem alguma sugestão? — Lipe deu de ombros e fez biquinho, fazendo-me sorrir. Ele não tinha nada da mãe. Era uma cópia exata do Alex. O que me deixava extasiada e magoada ao mesmo tempo. — Ok. Vamos descobrir. Peguei o telefone ao lado do balcão e disquei o número de Lana, ao perceber que o meu celular havia ficado no quarto do Lipe. Depois eu conferiria as chamadas. — Oi, Charlotte? — Lana parecia agitada. — Estou tentando falar com você há um tempão? Vocês ainda estão em casa? Como está o Lipe? O que ele comeu? — Esse é o problema? Como fazer um “gagau”? — Ela riu divertida. — Anota aí. — Procurei um bloco de notas e achei preso na geladeira. Anotei

tudo o que Lana falou. — Ele já está atrasado e eu também. Preciso correr para o aeroporto. Avisei a meu pai que você estava com o Lipe e ele ficou de contar a novidade ao Alex. Assim que chegar ligo para saber como estão as coisas.

— Ok! Deixa eu fazer logo esse “gagau” antes que Lipe comece a gritar. — João vai para a editora, mas estará à sua disposição.

Desligamos e tratei de fazer o que ela havia me ensinado. Logo Lipe estava com a sua mamadeira em mãos e eu comia apressadamente metade de um pão e uma xícara de café.

Conferi a mochila da escola, coloquei um dos pacotes de biscoito integral e uma caixinha de suco com leite de soja que era o que tinha dentro da geladeira, rezando para ser este o lanche dele. Ele dizia sim para tudo o que eu oferecia, então estava

seguindo conforme a sua vontade.

Bastou colocar o pé para fora de casa, ainda sem conferir as chamadas e mensagens, mas com o celular no bolso e o papel com o endereço na outra mão, para me lembrar de que estávamos sem carro. Merda! Eu não tinha mais carro no Brasil e o de Alex estava destruído em algum lugar daquele Rio de Janeiro. — Merda!

— Meda! — Lipe repetiu e riu.

— Não fale isso, Lipe!

— Meda! — continuou com a sua risada infantil. Acabei rindo também. — Seu pai vai me matar.

Descemos para procurar um táxi e vi o carro do Johnny se aproximando da portaria. Respirei aliviada. Era tudo o que mais precisava.

— Que sorte a minha — ele disse assim que abriu a porta para mim. — Liguei tanto que pensei que você tinha tocado fogo na casa, só vim conferir. — Idiota. — Confundi-me com o cinto de segurança.

— Iota! — Lipe repetiu e riu.

— Hum! Acho que isso não vai dar certo — Johnny reclamou ao ouvir Lipe repetir os meus xingamentos. Eu precisaria me controlar se quisesse fazer um trabalho bem feito.

— Quer ser a babá? — Desisti de tentar e sentei no banco de trás ajeitando a mochila para colocar Lipe em meu colo.

— Deus me livre! — resmungou. — E aí companheiro. Pronto para a aula hoje? — Iotaaaaaa — Lipe gritou apontando para Johnny.

— Você estragou a inocência do menino. Nem quero imaginar como será no final destes três dias.

— Cala a boca e dirige.

Alex

Aquele bip estava me enchendo o saco. Os fortes remédios ministrados para conter a dor que eu sentia me deixavam grogue e eu oscilava entre estar desperto e atento a sonolento e delirante.

Os médicos chegaram cedo, conversaram, conferiram minha pressão, minha temperatura, verificaram minha cabeça, meus ferimentos, minhas pernas e chegaram à conclusão de que eu poderia ir para um quarto, mas até aquele momento ninguém tinha voltado. Nem o meu pai.

O tempo inteiro eu revia o acidente e o desespero que me dominou. Lembro-me de ter chegado ao local onde o carro de Anita estava praticamente na mesma hora que o carro-guincho. Depois que levaram o carro dela entramos no meu. A ansiedade por deixar Lipe aguardando por tanto tempo já começava a me dominar e a recente briga com Charlotte me deixou com um péssimo humor.

— Algum problema? — Anita perguntou sem se importar com a presença da Marta.

— Alguns, mas vai ficar tudo bem.

— Brigou com Charlotte. — Cruzou os braços na frente do peito. Notei o tom azedo. Olhei pelo retrovisor, verificando se Marta estava prestando atenção. Ela parecia atenta à chuva que começara a cair.

— Não quero conversar sobre isso. Charlotte é assunto meu, Anita. E você precisa aprender a se cuidar sozinha. Não pode me ligar todas as vezes que tiver um problema.

— Meu Deus! Sua briga foi com Charlotte e não comigo.

Soltei o ar me sentindo péssimo, mesmo sabendo que Anita não tinha tanta culpa em minha briga com Charlotte, era necessário impor limites, mais limites, a aquela amizade.

— Charlotte não gosta desta situação, então vamos evitar. — Olhei para Marta que ainda encarava a chuva, embora eu soubesse que estava prestando atenção em tudo.

— Então eu saio perdendo nessa? — Umedeci os lábios e fechei os dedos no volante. — Charlotte volta depois de anos e eu simplesmente tenho que sumir do mapa?

— Anita, você sabe muito bem como tem que ser. Não seja difícil.

— Difícil, não infantil — rebateu. — Charlotte é imatura demais para aceitar que somos amigos e você simplesmente faz o que ela quer.

— Vamos conversar sobre isso depois. Não quero esse clima no carro quando o Lipe entrar. — Franzi os olhos para chuva que ficava cada vez mais forte. Conhecendo o Rio como eu conhecia rapidamente o trânsito estaria parado e algumas partes alagadas.

— Ah, claro! Eu sempre ficando para escanteio. Poxa, o que eu fiz desta vez? Só liguei pedindo ajuda.

— Anita, pare! — Fui incisivo. A chuva estava me deixando ainda mais nervoso.

— Aquela menina mimada sempre agiu assim. Tem que ser a vontade dela ou nada e você cede todas as vezes, como um cachorrinho.

— Merda, Anita, pare! Eu já falei. Você não tem o direito de opinar a respeito do meu relacionamento com Charlotte. Eu não me intrometo nos seus.

— Por que eu não deixo que ninguém atrapalhe nós dois.

— Não existe nós dois — falei alto demais, gerando um silêncio constrangedor no carro. — Eu estou pedindo para você parar. Não estou me recusando a te ajudar, mas Charlotte tem razão em não gostar. Se fosse o contrário eu detestaria também. Você não precisa de mim para nada.

— Você é um ingrato — jogou em minha cara com mágoa em sua voz. — Eu servia quando Charlotte o abandonou, mas agora...

— Não faça isso, pelo amor de Deus! — Minha paciência estava por um fio e eu não queria ser injusto com ninguém.

— É a verdade.

— Não é. Você está me cobrando o que não tem direito. Anita, eu estou com Charlotte, não importa de que forma eu farei esse relacionamento dar certo, é com ela que eu estou e com quem quero ficar o resto da minha vida, então você tem que aceitar e não mais me criticar ou então...

— Ou então?

Foi quando o carro foi atingido por baixo por alguma coisa nos jogando para o lado. Com o impacto perdi a direção e capotamos algumas vezes. Cada segundo passou em câmera lenta a minha frente. Eu vi tudo, todos os giros, baques ensurdecedores, os gritos... senti todas as vezes que meu corpo se chocou contra a lataria, a força com que bati no volante e quando finalmente parou estávamos de cabeça para baixo.

Depois o choro, gritos, pessoas correndo em nossa direção, a demora do resgate, minha preocupação em permanecer vivo e meus pensamentos voltados para o Lipe e no quanto eu estava grato por ele não estar no carro. A sequência foi uma sucessão de sirenes, luzes e imagens desconexas.

Quando eu acordei já estava no hospital, com a perna coberta com gesso, a cabeça latejando, o queixo parecendo estar quebrado, a língua grossa e seca e o corpo triturado.

Reconheci alguns rostos, amigos do meu pai, pessoas que conheci rapidamente quando precisei passar pelo hospital então logo soube exatamente onde eu estava. Fiquei agitado. E Anita? E Marta?

— Alex, você precisa descansar. — Ouvi a voz de Lana enquanto uma enfermeira me aplicava algo que me fez viajar. Lutei contra o sono.

— Como... Anita? Marta? — Minha língua pesava me impedindo de falar coerentemente.

— Elas estão bem. Machucadas, mas bem. Não se preocupe porque não aconteceu nada grave com

nenhum de vocês. Você bateu forte com a cabeça, vai precisar fazer alguns exames e descansar muito. Relaxe!

— Lipe. — Forcei meus olhos a abrirem e quase perdi a batalha.

— Lipe está ótimo. João Pedro está cuidando dele e das meninas. Mandou te dizer que você é um filho da puta do caralho e que é para assustar a sua mãe. A verdade é que assustou mesmo. — Tentei rir e senti meu peito doer. — Descanse Alex. Você está com duas costelas fraturadas.

— Puta merda! — rosnei sentindo as costas arderem.

— E Charlotte? Ela... — Engoli em seco. Será que Charlotte estava sabendo? Como ela estava? Alguém precisava cuidar dela. Alguém...

— Miranda foi buscá-la. Agora descanse.

Meus olhos venceram a batalha e logo fui tragado pelo sono onde eu dormia sem sonhos ou perturbações. Quando acordei, sem saber quanto tempo havia passado, se era dia ou noite, se estava tudo bem comigo e com os outros que estavam no carro, peguei-me pensando em como aquele acidente aconteceu na hora mais errada possível.

Quem ficaria com Lipe se Anita e Marta estavam no hospital? Lana precisaria viajar e eu duvidava que minha mãe aceitasse fazer o papel de boa avó sabendo que eu estava no CTI. Os bipes ficaram mais altos me alertando que minha ansiedade estava passando dos limites.

— Qual é o problema, filho? — Ouvi a voz do meu pai e procurei por ele. — Estou aqui atrás conferindo seu prontuário. — Sua voz relaxada e divertida me indicava que estava tudo bem.

— Pai... — testei a voz e senti a garganta arranhar. — Água.

— Não pode. Vou molhar seus lábios. — Ele apareceu em meu ângulo de visão, sorriu e foi buscar a água. Demorou o que me pareceu uma eternidade para voltar com um copo de água e algodão. — Como está se sentindo? — Passou o algodão molhado em meus lábios. Era bom, embora não o suficiente.

— Preciso de água... minha garganta — pigarreei para conseguir falar melhor. Ele colocou o pequeno copo em meus lábios derramando um pouco do líquido. Um alívio. — Quem... quem está com o Lipe?

— Charlotte — falou naturalmente, como se não fosse algo realmente assustador. Os bipes voltaram a ficar altos. — Alex, qual é o problema? Seu coração está disparado!

— Merda! Lipe... Charlotte não... ela não vai saber...

— Fique tranquilo, meu filho. Lana instruiu sua namorada e até onde eu soube o Lipe está na escola, são e salvo — ele sorriu divertido. — É sério, fique calmo.

— Charlotte não sabe cuidar de crianças — disparei sem saber ao certo porque não conseguia confiar na mulher que eu amava para cuidar do meu filho. — Onde Lana estava com a cabeça?

— Foi Charlotte quem quis cuidar dele. — Conferiu o acesso em meu braço. — Se você não se acalmar vou pedir que apliquem algo que o tranquilize.

— Charlotte não sabe fazer arroz sem quase causar um incêndio na cozinha. Lipe... — Minha garganta voltou a arranhar. — A alergia... ela...

— Ela vai fazer um belo trabalho. Miranda e Johnny se comprometeram a ajudar e sua mãe também vai ficar atenta. João disse que vai levar as meninas para brincar com Lipe todos os dias, assim poderá verificar como as coisas estão. — Ele sorriu largamente e apertou minha mão. — Dê mais crédito a mulher que escolheu para passar a vida — fechei os olhos. Eu amava Charlotte e queria passar a minha vida com ela, mas nem sabia se continuávamos juntos depois da briga. — As opções eram poucas, Alex. — Suspirei e me concentrei em sair dali o mais rápido possível para ficar com o meu filho.

— Tudo bem. — Mantive as palavras como um mantra em minha cabeça. Ficaria tudo bem. — Quando vou ter alta?

— Sem pressa — continuou sorrindo. — Vamos ver como a sua cabeça vai ficar. Trate de descansar. O restante do corpo nós podemos consertar.

— E... Anita... Marta?

— Estão bem. Foi um acidente horrível. Um bueiro explodiu justamente quando vocês passavam. A força da água fez o carro capotar. Um susto terrível, mas estão todos bem. Agora é fazer esta cabeça continuar funcionando.

— Caralho! — Fechei os olhos sentindo as dores do acidente. — E Charlotte... ela...

— Esteve aqui ontem, depois foi com Lana cuidar do Lipe. Ela deve aparecer hoje para saber de você.

— E ela estava bem? — Ele franziu o cenho, conferindo o gesso em minha perna.

— Ela estava um pouco assustada. Os olhos vermelhos mostravam que esteve chorando, mas me pareceu bem, equilibrada. Por quê?

— Por nada.

E eu me sentia um merdinha por estar amargurando pela falta de sofrimento da minha... ex?... Namorada.

Charlotte estava mesmo aborrecida comigo, a prova disso era que ela não estava lá naquele momento.

Merda!

Charlotte

— Tenho que ser rápida e pegar tudo que vou precisar. Já está quase na hora de buscar o Lipe. —

Miranda sorriu me ajudando a colocar algumas roupas na mala. — Não dá para ficar voltando em casa o tempo todo. Eu estou sem carro.

— Podemos alugar um. Vai facilitar para todo mundo.

— Estou quase me rendendo a esta alternativa.

— Resolvo rapidinho. Vai ao hospital ver o Alex? Patrício disse que ele vai

fazer um exame e após o resultado será transferido para o quarto. — Fiquei tensa imediatamente. Não sabia como encarar Alex depois da nossa briga. E ainda tinha o Lipe que nem sabia o que estava acontecendo com o pai.

— Acho que hoje não. Tenho que cumprir com as atividades do Lipe. Hoje ele tem aula de pintura, então eu tenho que levá-lo de volta à escola depois do almoço. — Miranda me lançou aquele olhar que eu queria evitar. — Ele não pode almoçar na escola por causa das alergias. Lana disse que Alex prefere assim. — Ela continuou me observando e eu já estava incomodada. — Concordo que devemos alugar um carro. Nada muito chamativo, tá bom?

— Pode deixar comigo. — Colocou minha necessaire com meus produtos de higiene e fechou a mala. — E o que vocês vão almoçar hoje?

Parei assustada. Puta que pariu! Eu precisava providenciar o almoço do menino. E tinha a alergia, o que ele pode e o que não pode comer. Merda, merda, merda! Ouvi a risada da minha amiga.

— Você queria ser mãe... — Arqueou a sobrancelha se divertindo com o meu desespero.

E foi quando caí na real. Eu era mãe. Mesmo que contra a lógica, a natureza, o meu corpo, a história de vida com Alex... eu tinha me tornado mãe de Lipe, mesmo que por poucos dias.

Céus! Eu era mãe.

Capítulo 25

“Poderá acabar mal todo esse enlço, se não for afastada a causa disso.” William Shakespeare

Charlotte

Meu telefone tocou praticamente a manhã toda. Eu não estava com vontade de encarar algumas pessoas

que com certeza estranhavam o meu desejo de cuidar do filho do meu namorado. Ou ex-namorado...

Peter era um dos que eu evitava encarar. Eu me neguei a atender todas as suas ligações. Saí de casa correndo não apenas por causa do horário do Lipe, mas, principalmente, para não precisar ter aquela conversar com ele.

No entanto, enquanto Lipe brincava com as tintas que a professora ofereceu, tentando pintar um quadro usando apenas os dedos, vi-me obrigada a atender a sua ligação. Eu não conseguia tirar os olhos do menino e ainda estava abalada pela constatação de que, naquele momento, eu era o que havia de mais próximo de uma mãe para ele.

Devo admitir que, apesar de ser desconcertante, não era complicado conviver com Lipe. Ele era amoroso, educado, sorridente... lindo! Não questionava o que eu fazia e parecia confiar em mim, mesmo sendo a coisa mais louca que poderia fazer em sua vida.

— Charlotte! — começou usando aquele tom de pai que eu bem conhecia. —

Está tudo bem?

— Maravilhosamente bem. Por que não estaria? — E eu usava o meu tom infantil de filha mimada que desafiava o pai em qualquer situação.

— Bom... eu estou no hospital desde cedo e você não apareceu. — Eu sabia exatamente aonde aquela conversa chegaria e já estava na defensiva. — Alex piorou? Houve alguma mudança no quadro dele?

— Bem... não... mas...

— Então não vejo motivo para estar aí quando me predispus a cuidar do Felipe. — Charlotte...

Ele se conteve. Eu sabia muito bem o que ele diria. Que eu não estava sendo racional ou agindo coerentemente. Que era estranho simplesmente abrir mão de estar ao lado do meu namorado para cuidar de uma criança com quem eu não tinha a mínima intimidade. Pior, uma criança que eu tinha todos os motivos para odiar. Sim, meu pai também não estava seguro da minha decisão.

Ele não sabia o que estava acontecendo em meu relacionamento, não sabia da briga que provavelmente colocaria um fim no meu romance com Alex. Não fazia ideia de como eu me sentia em relação à Anita e como passei a me sentir na presença daquele garotinho e na oportunidade que a vida estava me dando. Então entendi que o que eu estava fazendo talvez fosse um tiro no meu próprio

pé, porque Alex e eu não tínhamos um destino certo. Tudo seguia com tempo determinado para acabar. Eu ainda precisava definir a minha situação com Alex, mas

era certo que tão logo Anita se recuperasse, aquele espaço que eu preenchia seria

reivindicado. E Alex concordaria, porque ele não via maldade naquela mulher. — Charlotte?

— Oi, pai. — O desânimo em minha voz deixava claro meu estado de espírito. — Você não ouviu nada do que falei, não é? — Suspirei.

— Não. Eu acabei viajando aqui. O que estava dizendo?

— Que eu não quero interferir nas suas escolhas. Você já é adulta. Mas é meu dever te alertar...

— Pai, eu sei o que estou fazendo.

— Compensando. — Foi duro comigo. Estremeci.

— Não estou compensado nada. Felipe não tem culpa do que aconteceu. Alex

está hospitalizado, Lana precisou viajar, Dana está decidida a cuidar do filho, Adriano está acompanhando a situação de perto, João Pedro está com as gêmeas, Marta e Anita estão tão quebradas quanto Alex, quem pode cuidar do menino? — Uma babá contratada especificamente para este fim.

— Uma estranha?

— Que possa ser acompanhada de perto por João e a sua assistente, ou qualquer outra pessoa.

— Não estou entendendo. — Levantei-me saindo do local em que aguardava o fim da aula. — Qual é o problema em me oferecer para cuidar do filho do meu namorado? Não era o que todos queriam, que nos aproximássemos? Que eu entendesse que Lipe era uma criança linda sem culpa dos fatos?

— Era o que todos queriam, só que em outras circunstâncias. Você tem que admitir que até ontem nem conseguia falar quando ele estava por perto e hoje Alex, que é o seu maior interesse nisso tudo, está hospitalizado e você não está dando a devida importância ao fato porque resolveu estreitar os laços com o filho dele da noite para o dia. — Suspirei cansada demais para ficar argumentando. — Alex está muito bem assistido.

— Você nem foi visitá-lo! — Por que era tão estranho eu não visitar o Alex no hospital. Eu estava sem tempo por estar cuidando do filho dele?

— Eu vou amanhã? — Tentei encurtar a conversa, já que não chegaríamos a lugar nenhum.

— Amanhã? E o que digo a ele? Alex já me perguntou duas vezes por você. — Diga que eu vou amanhã. Não sei por que tanto drama, pai. Alex é um homem crescido, não precisa dos meus cuidados.

— Não, ele não precisa. — Ficou em silêncio, o que me incomodou absurdamente. — Pai preciso desligar. Lipe...

— Tem certeza que quer mesmo fazer isso? — Respirei profundamente até sentir meus pulmões no limite.

— Já estou fazendo.

— Você vai se machucar.

— É um risco. — Desafiei-o mesmo sabendo que era a mais pura verdade. — Olha filha, eu quero muito que isso dê certo. Quero inclusive ignorar a pulga que está atrás da minha orelha. Alex é um bom homem e Lipe é uma criança incrível. Eu só tenho medo da forma como você está encarando isso tudo, mas... você e Alex estão juntos e... se for realmente algo que vocês querem fazer dar certo, aproximar-se da criança é mais do que necessário. O meu medo é que você... — Eu sei qual é o seu medo. — Se alguém precisava dizer aquilo eu diria. Não precisava que ninguém me mostrasse com meias palavras. — Porém, mesmo que eu pudesse mudar a situação, viver bem com Lipe é importante. Eu preciso superar esse obstáculo ou então é melhor cair fora de uma vez por todas. Lipe faz parte do Alex, é um pacote, pai, se eu levo um tenho que aceitar o outro.

— Então você está tentando aceitar o Lipe? — Pensei no assunto. — Talvez eu esteja tentando aceitar o Alex. — E sorri pensando que no final daqueles dias, essa poderia ser a minha realidade.

Alex

Eu estava mais do que angustiado. A única resposta que eu obtinha era a de que estava tudo bem.

Charlotte tinha ligado e Lipe estava bem, mas ela não aparecia para que eu pudesse ter esta certeza olhando em seus olhos. E se Charlotte não aparecia, mesmo sabendo que eu estava hospitalizado, alguma coisa estava muito errada.

— Você precisa comer, Alex. — Minha mãe insistia, com o garfo suspenso próximo a minha boca, com se eu fosse uma criança.

— Eu posso comer sozinho, mãe. — Tentei não ser rude.

— Pode, mas não vai. E não conteste. Eu sou a sua mãe. Depois do susto de ontem o mínimo que eu posso exigir é o direito de ter o meu menino de volta.

— Só falta dizer que vai me dar banho também — resmunguei sem esconder o meu mau humor.

— A não ser que você prefira uma das enfermeiras. Com a sua perna deste jeito, banho só na cama. — Fiz uma careta de nojo.

Porra, eu estava cheirando a sangue, suor e sujeira, por melhor que as enfermeiras tivessem feito eu ainda podia sentir o cheiro. Precisava de um chuveiro potente.

— Charlotte não vai gostar nada disso — provocou. Levantei a mão para passar nos cabelos, lembrei-me dos machucados e parei. Minhas mãos estavam enfaixadas, deixando apenas as unhas sujas e nojentas expostas.

— Quando ela vem? — Minha mãe desviou a atenção para o prato. Droga! — Espero ter tomado banho até lá. — Ouvi o seu risinho e acabei sorrindo também.

— Só se aceitar a minha ajuda. — Colocou um punhado de comida em minha boca. Estava horrível. Nada de sal, nada de alho, nada de nada. — Não é a comida da Marta, mas...

— Como ela está?

— Vai receber alta hoje. — Fiquei feliz com a notícia. — Disse que vem te visitar antes de partir para a casa da irmã em Niterói. Ela vai ficar lá alguns dias até estar realmente recuperada.

— Ela vai se ausentar? Por quantos dias? E o Lipe?

— Alex, ela também estava naquele carro, lembra? — Fiz cara feia. Claro que eu lembrava. Como não lembrar? O problema era que enquanto Marta não pudesse voltar, Anita estivesse no hospital e eu impedido de voltar para casa, Charlotte era a única opção do meu filho. — E você deveria confiar mais na sua namorada. — Fechei os olhos.

Aquele era outro ponto a ser discutido. Ela ainda era a minha namorada? Eu queria que fosse? Sim, eu queria que fosse. Amava Charlotte mesmo enlouquecendo com as suas infantilidades, inseguranças e ciúme. Eu a amava e a queria por perto, só não confiava em uma pessoa que simplesmente congelava quando estava na presença do meu filho.

A incapacidade da minha namorada em interagir com o meu filho era um fato que não poderia ser ignorado, então estar angustiado para saber como ela estava se saindo não deveria ser encarado como algo anormal.

— Charlotte será uma excelente mãe, meu filho. Ela tem todo este jeito desinteressado, é descoordenada, mas é generosa e tem um coração enorme. É lógico que ela vai amar o Lipe e todos os outros filhos que vocês terão. Eu quero mais netos.

Recebi mais uma quantidade de comida e divaguei no assunto. Filhos com Charlotte era um sonho antigo, desde quando pensamos que havia a possibilidade, um pouco antes de tudo desmoronar. Muitas e muitas vezes fantasiei ela grávida, principalmente quando precisava viver com a parte ruim da gravidez da Tiffany. Eu fechava os olhos e me imaginava vivendo tudo diferente com a mulher que eu amava. E era bom.

Olhei minhas mãos sujas e pensei em como seria quando Charlotte chegasse. A ideia me deixou agitado. Eu precisava melhorar minha aparência. Precisava estar limpo e apresentável. Só assim poderíamos conversar. Ou não.

— Não quero mais comer, mãe. Quero tomar banho.

— Comigo ou com elas?

Suspirei resignado. Aquilo seria humilhante.

De banho tomado esperei por Charlotte. Mas ela não apareceu. Todas as vezes que a porta abria, uma enfermeira entrava, um médico ou algum amigo que resolvera saber como eu estava, meu coração acelerava e se desiludia. Por que ela estava fazendo aquilo comigo?

Sim, eu sabia que fui duro e que ela disse para eu nunca mais voltar, mas... caramba! Eu quase morri. Não seria o suficiente pelo menos para uma trégua? Além do mais eu estava confiante de que o fato de ela ter se oferecido para cuidar do meu filho fosse uma maneira de me avisar que estava tudo bem. Do contrário, qual motivo ela teria para fazer aquilo tudo?

Foi a tarde mais torturante que já passei na vida. Nem mesmo o dia depois de ela ter ido embora me fez ficar tão agitado. Daquela vez eu sabia que ela não voltaria mais e arrumava formas em minha cabeça de aceitar e seguir em frente. Agora era tudo diferente. Charlotte havia voltado, estávamos juntos... ou, ao menos, corrigindo e organizando nossas vidas para nos readaptarmos, e evoluindo bem. Depois de ter provado outra vez o que era tê-la comigo eu não queria que acabasse.

Foi quando Patrício entrou, após o horário de visita, com aquela cara cansada e cheia de preocupação, que eu tive a ideia.

— E aí? Como andam as coisas? — Aproximou-se da minha cama evitando tocar em mim.

Provavelmente com medo de me machucar ainda mais, o que não seria nenhuma surpresa vindo do meu irmão desajeitado.

— Não andam. Preciso do seu celular. — Fui rápido e preciso. Se meu pai ou Peter entrassem com certeza tentariam me impedir de ligar.

— Meu celular? — Automaticamente colocou a mão no bolso traseiro, como se quisesse conferir se ele estava lá.

— Sim. Preciso que faça uma ligação. — Levantei minhas mãos para que ele visse os ferimentos e entendesse que eu precisava da ajuda dele.

— Alex, está tudo bem. Dei um duro danado na editora hoje. Lana não me deixou em paz. Não tem nenhuma pendência...

— Quero que ligue para a minha casa. — Ele me olhou curioso, mas não demorou a entender.

— Lipe está bem. — Encarou-me sério.

— Vá se foder, Paty! Eu quero falar com o meu filho e com a minha namorada e se você não me ajudar não conte nunca mais comigo. Que inferno!

— Ei! Calma! E vá se foder você e sua mania de me chamar de Paty. Caralho! Charlotte não apareceu, não foi? Eu disse a Miranda que isso não terminaria bem.

— Isso o quê? — Encarei meu irmão com medo de que ele acabasse revelando algo que me fizesse fugir do hospital.

— De ela não aparecer. Charlotte está focada no Lipe, passou a tarde na aula de pintura do menino. Não sei o que está rolando entre vocês, mas que ela está estranha, isso está. — Engoli com dificuldade.

— O telefone. — fui seco. Ele suspirou tirando o aparelho do bolso e já procurando o telefone da minha casa em sua agenda. — Não vou colocar no viva-voz. Não quero ouvir a conversinha de bicha de vocês dois. Então seja rápido porque não quero ficar segurando o telefone e...

— Vá à merda! Coloca logo a porra do telefone em meu ouvido. Inferno! Eu tinha que machucar justamente as mãos. — Ouvi os toques da chamada.

— Vai ficar sem apalpar a menina por um tempão. — Aquele sorriso filho da puta estava em seu rosto. O que era verdade e ele me sacanearia o quanto pudesse por causa disso.

— Vá se...

— Alô.

A voz doce e educada da minha namorada me fez parar imediatamente. Ouvi-la me fez suspirar. Era incrível como aquela menina conseguia me levar ao céu e ao inferno em apenas um minuto. O que aconteceu comigo desde que Charlotte entrou em minha vida? Eu simplesmente não era mais eu mesmo. Era um idiota apaixonado, incapaz de agir por vontade própria, sendo um adolescente o tempo todo e sorrindo muito satisfeito.

— Charlotte? — Tentei deixar minha voz calma.

— Alex? É... — Pigarreou para limpar a garganta, o que demonstrava que estava nervosa. — O que você... eu...

Eu queria dizer muitas coisas. Queria perguntar porque ela estava se recusando a ir me ver. Por que quis tanto ficar com o Lipe. Se ela tinha me perdoado. Se ainda estávamos juntos. Mas a única coisa que saiu foi:

— Como está o Lipe?

— Lipe? Ele... está aqui. Estávamos montando um quebra-cabeça. — Sorri. Aquela era uma imagem que eu gostaria de assistir.

— Posso falar com ele?

— Claro! Lipe, advinha quem quer falar com você? — A forma doce como ela falava com o meu filho quebrou todas as minhas barreiras.

— Alô! — Fechei os olhos ouvindo a voz do meu filho. Ter a experiência do acidente me fez pensar nele incansavelmente. Eu estava com muita saudade.

— Filho! — Engoli com dificuldade para conter a emoção. — Está tudo bem?

— Papai! — gritou alegre. — Papai! Xaudade!

— Eu também, Lipe. Estou com muita saudade.

— Loti aqui com eu. — O riso próximo da minha namorada me fez entender que eles estavam no viva-voz. — Loti aqui — enfatizou. — Papai, xaudade. Lipe que paia — Foi o suficiente para eu saber que estava tudo bem.

— Você sabe onde eu estou?

— Chei. Uililanca. — E começou a rir. Uma risada tão gostosa que me fez abrir um sorriso imenso.

— Onde? — Comecei a rir acompanhando o meu filho.

— Sri Lanka, Lipe. — Charlotte também ria e eu pude ouvir aquele gritinho divertido dele, de quando achava engraçado a forma errada que falava.

— Sri Lanka? Como assim?

— Eu contei a ele que você foi surfar. — Sua voz continuava divertida, só que um pouco mais cautelosa.

— Meu Deus, Charlotte! — Sorri ainda mais. Como ela conseguia chegar tão longe? Era um alívio Lipe não saber que eu tinha me acidentado.

— Lipe que paia — reclamou e eu podia imaginar seus bracinhos cruzados no peito e o biquinho que sempre fazia.

— Papai já vai voltar para casa e nós vamos para a praia. Tá bom?

— Não. Loti leva Lipe.

— Ah, não. — Tentei ser educado, porém, eu não podia nem imaginar Charlotte na praia com o meu filho, sem nenhuma supervisão. — Papai te ama. Charlotte, pode tirar do viva-voz?

— Toma. Onde vamos colocar esta peça? — Ouvi minha namorada tentar desviar a atenção do meu filho.

Depois o barulho do telefone e o som do ambiente foi abafado. — Pronto.

— Nada de praia com o Lipe. — Não dava para ser cauteloso. Era uma ordem e esta não poderia ser desobedecida.

— Por quê? — Sua voz ainda brincalhona me advertia. — Bom, eu não estava pensando nisso. Mas, se você demorar para voltar, eu não vou conseguir segurá-lo por muito tempo. — Meu sorriso voltou com força total. Porra, aquela era a minha Charlotte.

— É o que você quer? Que eu volte?

— Lipe quer ir para praia e essa tarefa é sua. Eu já aprendi a fazer o gagau, já decorei todos os horários dele e aluguei um carro, ou seja, você tem que voltar para casa. Tem alguma previsão de alta?

— Em dois dias, se tudo correr bem.

— Tempo demais. — Pareceu pensativa. — Acho que teremos que ir à praia sem você.

— Charlotte...

— Dois dias é o seu prazo. Nem um dia a mais.

— E você... — pensei no que eu poderia dizer com Patrício por perto. — Vai ficar?

“Dois dias é tempo demais, Alex” — provocou.

— Quem eu tenho que matar para sair daqui? — Ouvi seu risinho que conseguiu acalmar o meu coração.

— Está tudo bem por aí?

— Hum, sim. Foi meio desesperador ontem, mas hoje está tudo bem.

— Desesperador?

— Eu não sabia o que era gagau — riu divertida. — Também precisei de Lana para aprender como fazer, depois que descobri que seu filho ainda toma mingau.

— Ele só tem dois anos.

— Quase três — me corrigiu. — Bom, teve também a questão do... hum... cocô. — Eu podia jurar que Charlotte estava corada e fiquei desejoso de ver aquele rosto vermelho, com um sorriso discreto e as sardas aparentes.

— O que tem o cocô?

— Ele não sabe se limpar, Alex, — Ri alto. Charlotte era maravilhosamente absurda.

— Ele só tem dois anos — continuei rindo.

— E quando as crianças começam a ser responsáveis pela sua higiene pessoal? — Se eu fechasse os olhos poderia até ver seus olhos maximizados. — Ah, droga! Vai demorar, não é?

— Eu dou conta desta parte. Sinto sua falta. — Patrício pigarreou e me apontou o braço com os olhos.

— Eu também. Volte logo. — Sua voz ficou séria, o que indicava que estava dizendo a verdade.

— Venha me ver — quase implorei, já prevendo a reação do meu irmão que acompanhava a nossa conversa de perto.

— Eu não posso. — Havia lamento em sua voz além de certo pânico.

— Por quê?

— Alguém tem que cuidar do Lipe. — Eu sabia que esse não era o único motivo.

— Charlotte!

— Não posso ficar neste hospital. Desculpe!

A urgência em sua voz me pegou de surpresa. Claro! Por que não pensei nisso antes? Foi ali que Mary esteve quando Charlotte descobriu a sua doença. Não era nada fácil conviver com o passado e eu bem sabia disso.

— Desculpe! Eu... eu até tentei, mas não consigo.

— Tudo bem.

E então eu entendi o que provavelmente ninguém entendera ainda. Charlotte tinha se apoiado no fato de Lipe precisar de alguém para não ter que ficar no hospital cuidando de mim. Aquela foi a sua fuga que pelo visto a ajudava a resolver dois problemas.

— Volte logo — repetiu mais relaxada.

— Vólto sim. — Patrício resmungou me alertando que meu tempo havia acabado. — Preciso desligar.

— Descanse. E não se preocupe, Lipe está bem agora.

— Agora?

— Sim. Depois que eu descobri que ele não usa mais fralda. — Ri da sua animação.

— Eu amo você! — sussurrei mesmo sabendo que de nada adiantaria. Meu irmão estava ao lado revirando os olhos.

— Também amo você.

Desliguei me sentindo bem. Como se o acidente não tivesse acontecido e eu estivesse mesmo no Sri Lanka. Foi impossível não exibir um sorriso imenso.

— Satisfeito? — Patrício se mexeu, esticando o braço como se eu o tivesse inutilizado.

— Muito, Paty. Obrigado!

— Paty é o caralho! Pede um favor e ainda quer sacanear. Talvez você esteja querendo mais algumas costelas quebradas. — Continuei sorrindo. — É um mané mesmo. Basta a menina dizer algumas coisas doces para que você volte a ser o seu cachorrinho.

— É. Eu sou o cachorrinho dela e você é o vira-lata da Miranda — provoqueei, sabendo que ele se revoltaria.

— Você não sabe nada da minha vida — rebateu agitado.

— Claro que sei. Você é o cara que ama fingindo não amar, que se importa fingindo não se importar e que presta atenção em tudo fingindo ser um desligado. Miranda não sabe quem é você, mas eu sei, Paty. — Ele estreitou os olhos me encarando sério.

— Patrício? — Meu pai entrou na sala nos atrapalhando. Meu irmão demorou a desviar a atenção de mim, o que alertou o Dr. Adriano. — Algum problema?

— Não, pai. Patrício ameaçou quebrar algumas costelas minhas, mas está tudo bem. Ele não teria coragem mesmo. — Meu pai balançou a cabeça e riu sem vontade.

— Vocês dois parecem duas crianças. Patrício, não aborreça o seu irmão. Ele precisa descansar. Sorri como uma criança que acabou de achar uma moeda na rua, aproveitando que meu pai estava de costas conferindo o meu prontuário. Patrício estreitou ainda mais os olhos e cruzou os braços no peito. Quando meu pai virou em minha direção fiz cara de quem realmente precisava de cuidados.

— Está sentindo alguma coisa?

Olhando para o meu irmão, respondi:

— Minhas costelas estão incomodando. — Meu pai fez uma careta.

— Acho que ele precisa de remédio para dor, pai. — Meu irmão entrou no jogo. — Direto na veia. Como é mesmo o nome daquele remédio?

— A sua medicação já está excelente, Alex. Não vamos exagerar na dosagem.

— Ele estava se queixando de fortes dores. Dores absurdas! Mas quer fingir que não porque prometeu a Charlotte que não relataria nenhum problema para conseguir alta antes do planejado.

— Alex! — E foi a vez do filho da puta sorrir. — Você não pode fazer isso. Sabe que precisa relatar tudo o que está sentindo. Vão conversar com o Dr. Caio...

— Pai, eu estou bem. Patrício está exagerando.

— Ele acabou de ligar para Charlotte do meu telefone — acusou.

— Alex — meu pai rosnou.

— Eu só queria saber do meu filho. Ai! — Tentei me levantar e a pontada em minhas costelas me impediu, o que só alimentou as mentiras do Patrício.

— Viu que eu disse? — O filho da puta conseguiu reverter o jogo, só que eu não me entregaria tão fácil.

— Pai, você sabia que Patrício voltou a ter insônia? Aliás, ele anda bastante agitado, não reparou? — Meu pai suspirou pesado.

— Vocês dois podem parar com essa implicância? Eu estou tentando trabalhar. Paty, tem ido ao consultório da Dra. Leila?

— Paty é... — Vi meu irmão respirar fundo. — Está tudo normal, pai. E eu tenho ido sim. Uma vez por mês, como sempre tenho feito todos esses anos.

— Até onde eu sei foram três vezes neste último mês — provoquei e ouvi meu irmão xingar algo que não consegui identificar. Ri sem me controlar.

— Sua mãe sabe disso? — Meu pai rapidamente se esqueceu de mim e começou a dar atenção ao problema do meu irmão.

— Não — Patrício rebateu já na defensiva. — E eu preciso ir para casa. Estou cansado. Alex fica o dia todo deitado aqui enquanto eu me fodo para dar conta do meu trabalho, do dele e do de Lana, que deveria ser dele também. Algo me diz que ele provocou este acidente para se livrar de tudo. — Ri alto. — Tchau, babaca! Não precise do meu celular outra vez.

— Amo você também, irmão — continuei rindo enquanto via meu pai sair com Patrício.

Até relaxei um pouco pensando que não estava tudo tão ruim quanto eu pensava, até que meu pai voltou com uma enfermeira. Eles conversavam sobre dor o que me deixou alerta.

— Pai, Patrício estava brincando. — Eles trocaram um olhar cúmplice. — É sério! Não preciso de remédio para dor, vou acabar dormindo mais do que preciso.

— Na sua situação não existe dormir mais do que você precisa. — Ele conferiu o meu acesso, confirmando com a cabeça para a enfermeira, que já preparava a medicação.

— Pai, eu estou bem. — Na ânsia me movimenteí forte demais e gemi o que fez com que ele acreditasse na versão absurda do meu irmão.

— Deixe de ser chorão, Alex — brincou, dando passagem para que a mulher aplicasse o remédio.

— Ai! — Ardeu, porque sempre ardia para entrar, mesmo sendo uma merda de um líquido indefeso.

— Ele pode chorar — a enfermeira gracejou, acariciando minha mão para acalmar a ardência. Fiquei tenso. — Relaxe e descanse. — Com um sorriso provocante ela piscou e juntou tudo para sair do quarto.

— Sua mãe já está vindo. Descanse.

E no final das contas o filho da puta do Paty venceu.

Charlotte

— Pare de andar de um lado para o outro — Miranda quase gritou. — Vou ficar maluca.

— Ninguém me ligou até agora para dizer se ele recebeu ou não alta. — Ela riu.

— Ligue para o hospital. — Estremeci.

— Posso aguardar uma mensagem do meu pai — resmunguei, abrindo as embalagens da comida que eu havia encomendado.

Dois dias após a nossa conversa eu estava mais do que ansiosa para encontrar aquele par de olhos azuis que arrancavam o meu juízo. Foram longos dias aprendendo a ser alguém em quem Lipe pudesse confiar. Esforçando-me para não falhar em nada e me perguntando se era assim que funcionava com a minha mãe. Eu havia aprendido a fazer mingau, cuidar da sua higiene pessoal, estar atenta aos seus horários e atividades, a identificar cada sorriso, a entender quase todas as palavras, porque as vezes era impossível decifrar o que ele dizia, a segurar a sua mão, a pentear o seu cabelo e acariciá-los para que ele pudesse dormir em segurança.

Também aprendi que nem sempre dava para me manter naquela rotina. Às vezes eu estava tão cansada que adormecia na cama do Lipe e às vezes estava tão solitária e saudosa que o levava para dormir na cama do Alex comigo. No final dos três dias eu já estava completamente envolvida e me perguntando como seria depois de ficar tanto tempo sendo apenas eu e ele.

Cuidar de criança tinha umas coisas legais. Eu quase sabia todas as músicas do Mundo Bit e foram

tantos episódios da Peppa que estava sendo fácil decorar as falas. Também dava para passar boas horas desenhando e montando quebra-cabeças, o que alimentava o meu lado criança sem chamar muito atenção. E confesso que era divertido comer com ele, e que não me assustava mais com a forma como ele ajeitava os óculos, muito parecido comigo. Ainda me sentia insegura quando ele perguntava pela madrinha, ou quando a desenhava, porque eu sabia que ela fazia parte da vida dele e que eu nada poderia fazer a respeito.

— Já ligou para a escola para avisar que hoje eu que vou buscar o Lipe?

— Já sim. — Olhei mais uma vez pela janela e como não havia nada de novo conferi pela milionésima vez o celular.

— Eu vou ligar para o Patrício — minha amiga informou, sem nenhuma paciência.

— Miranda, não precisa. Ele vai... — Ouvi o barulho de carro entrando na garagem e meu coração acelerou. — É o Dr. Adriano — afirmei já eufórica e correndo para a porta.

— Charlotte? — Miranda me segurou pelo braço. — Pelo amor de Deus, se contenha. Olha como você está! Fique calma. Está parecendo aquelas mulheres que recebem o marido vindo da guerra. — Ri da tentativa da minha amiga. — É sério! Não o deixe perceber que você já está toda fácil. — Respirei fundo e arrumei o cabelo.

Miranda tinha razão. Eu estava morrendo de saudade do meu namorado, mas precisava agir da forma certa, sem entregar o jogo, principalmente porque Anita ainda estava entre nós dois, mas aquele assunto ficaria adormecido. Por enquanto.

Ouvimos a voz do meu namorado, resmungando, provavelmente de dor. Dana parecia alegre e Dr. Adriano sério, conversando como se ainda estivesse em seu modo médico. Barulhos de portas se fechando e só depois disso Miranda liberou a porta para que eu abrisse.

Aguardei alguns segundos, até que não aguentei a ansiedade e saí para encontrá-lo já quase na entrada de casa. Alex estava em uma cadeira de rodas, o que me chocou um pouco. As duas mãos envoltas em ataduras, um olho roxo como se tivesse levado um soco, o canto da boca machucado, alguns arranhões pelo rosto e pescoço, mas aqueles olhos azuis maravilhosos estavam lá e posso afirmar, com convicção, que eles continuavam profundos e intensos como sempre foram.

Sorri, ele retribuiu, e eu senti como se o meu mundo estivesse de volta ao eixo.

Capítulo 26

“Se você não tem fracassos na sua vida, é porque deixou de assumir os riscos que deveria.” William Shakespeare

Alex

Minha perna coçava me irritando consideravelmente. Minhas duas mãos estavam enfaixadas, o que eu achava desnecessário, pois me limitava muito, mas meu pai, e toda a equipe médica haviam insistido que ficasse assim por mais um dia. Meu rosto não estava nada bom. Com certeza Lipe se assustaria com o meu estado. E Charlotte, ela também ficaria assustada? Sim, ela ficaria preocupada e cheia de cuidados.

Sorri convencido.

Era mesmo ridículo que eu estivesse satisfeito com o fato de a minha namorada precisar cuidar de mim. Mas não era o que eu me tornava quando se tratava de Charlotte? Um nada. Um idiota submisso. Um adolescente apaixonado entregue a mais malvada de todas as garotas. Mesmo assim eu sorria e ansiava por chegar em casa.

Minha mãe insistia que eu deveria passar alguns dias com ela, em sua casa, para que pudesse cuidar

adequadamente de mim. Meu pai insistia para que ela me deixasse me paz, afinal de contas eu já era adulto e Charlotte estava em casa. Eu apenas pedia para que aquele carro andasse mais rápido e me levasse de volta ao meu mundo, junto do meu filho e da mulher que eu amava.

E ainda existia aquela maldita cadeira de rodas. Aquilo sim era desnecessário, apesar de eu bem saber que com as mãos enfaixadas e machucadas, somadas às costelas que ainda estavam se recuperando, não seria nada bom usar muletas. E eu não podia colocar o pé no chão. Como faríamos aquilo funcionar eu não fazia a mínima ideia.

Quando o carro estacionou na garagem da minha casa pensei que meu coração abriria espaço em meu peito e sairia sozinho até aquela porta. Foram quatro longos dias sem olhar aqueles olhos meigos e cheios de amor, aquele rosto pintadinho, como uma obra de arte, que corava sem perder a ousadia. Puta merda! Eu queria poder tocá-la. Poder segurar minha namorada e conduzi-la da forma como eu desejasse. Queria poder beijá-la sem qualquer cuidado ou pudor e fazer amor com aquela mulher incrível que me atirava ao inferno sem nenhum receio.

— Venha, filho. Não force a perna. — Meu pai me apoiou para que eu conseguisse passar do banco do carro para a cadeira.

Eu odiava ser tão inútil e precisar de tanto tempo para alcançar aquela porta. E onde estava Charlotte que não havia aparecido? Com certeza ela estava em casa. Aquele carro estranho só poderia ser o que ela havia alugado. E o carro de Miranda estava parado do lado de fora. Então por que ainda não tinham aparecido?

— Você vai ficar no quarto de hóspedes. Não tem cabimento subir as escadas todos os dias — minha mãe resmungava sem esconder sua contrariedade. — E eu venho trazer o almoço de vocês.

— Dana, ele vai ficar bem. — Meu pai respirou fundo já sem paciência para a insistência da minha mãe.

— Ninguém perguntou a Charlotte se ela vai ficar, não é? — Olhei atento para minha mãe enquanto ela ajeitava a minha pequena mala. — E se ela não ficar? Nem no hospital ela foi? Quem garante que vai ficar e cuidar deles dois?

— Dana! — meu pai a advertiu com um simples olhar, calando-a.

— Ela vai ficar, mãe. Relaxe! E eu estou bem. Amanhã estarei com as mãos livres e vou poder cuidar de mim mesmo.

— Nem pensar! — Olhou horrorizada para o meu pai. — Ele não pode ficar pulando de um lado para o outro, Adriano. Eu tinha certeza que era isso o que esse menino queria. Alex não vai conseguir ficar quieto e...

— Alex não é mais nenhum menino, Dandara. — Meu pai passou para trás de mim e começou a empurrar a cadeira. Respirei aliviado. Estávamos cada vez mais perto.

— Ele herdou esse seu gênio. É igualzinho. Impossível como você. — Meu pai riu e eu também. Minha mãe às vezes se esquecia que não éramos de fato pai e filho, e esse fato me agradava. Eu também me esquecia na maioria das vezes.

A porta abriu e meu coração perdeu uma batida. Eu vi uma Charlotte aparentemente calma, mas com olhos que buscavam loucamente por algo. Eu. E eu soube que sua calma era apenas para me tranquilizar. Charlotte vasculhou meu rosto, minhas mãos e minha perna. O horror malmente disfarçado, até que ela finalmente me encarou e eu pude ver o amor que eu tanto sentia falta. Estávamos conectados.

— Alex! — Ela deu um passo em minha direção, mas se deteve. As mãos pareciam perdidas, como se não pudessem me tocar sem me machucar.

— Eu estou bem. — Ela soltou o ar dos pulmões, relaxando os ombros.

— Sua cara está horrível. — Eu ia responder, porém optei por sorrir. Esta era a forma que Charlotte encontrava para não surtar. — Foi uma bela surra.

— Você precisa ver como o outro cara ficou. — Ela sorriu também.

— Crianças, podemos entrar? — Minha mãe falou nem um pouco satisfeita.

— Ah, Dana, desculpe! — Charlotte saiu da frente para me dar passagem, ainda sem me tocar e sem o beijo que eu tanto desejava.

— Charlotte, Miranda — Dana cumprimentou educadamente, sem dar a devida atenção a suas noras. — O quarto de hóspedes está pronto?

— Sim — Charlotte estava insegura diante da sogra exigente, o que me incomodava um pouco.

— Charlotte, querida, como vai? — Meu pai se saiu melhor, suavizando o clima. — Miranda. — Ele beijou as noras e voltou para empurrar a minha cadeira, sendo seguido por todos de perto. — Hoje Alex vai precisar descansar. Seu corpo ainda está se recuperando e não podemos forçar muito a sua estrutura, por isso nada de escadas ou tentativas de caminhar. Vamos manter a cadeira de rodas, as ataduras das mãos tiraremos amanhã. Por enquanto ele volta a ser um bebezinho. — Ouvi o riso de Miranda e mordi o lábio para não dizer nada desagradável.

— Credo! — Charlotte resmungou. — Casei com um velho caquético que agora precisa de cuidados especiais.

— Você não são mais casados — Miranda rebateu sem nenhuma sensibilidade.

— Ah... — Sem ao menos olhar para trás pude perceber o quanto o comentário embaraçou a minha namorada.

— Posso voltar a ser seu marido quando você quiser, amor. — Mesmo tentando continuar emburrada minha mãe sorriu. — É só querer.

— Gosto de ser solteira. — Ri com vontade das birras da minha namorada.

— Você é um porre — rebati rindo e virei para encarar seus lindos olhos.

— Gosto de ser um porre — ela entrou na brincadeira.

— Não seria Charlotte se não fosse um porre. — Miranda estava sorrindo, o que me levou a acreditar que não falou por maldade.

— É assim que uma mulher deve ser: marcante. Todos sabem as características mais marcantes da sua personalidade. — Minha cunhada revirou os olhos e meu pai riu.

Entramos no quarto destinado para mim. Não havia nada que me deixasse mais confortável. Não era a minha cama, o meu banheiro, a minha poltrona, nada. Mas eu não poderia reclamar, afinal de contas não havia o que ser feito. O que realmente me afligia era que Charlotte não poderia dormir comigo. Primeiro porque ela realmente poderia me machucar e segundo porque alguém precisava estar com Lipe, e lá embaixo seria complicado.

Captei o seu olhar e entendi que ela pensava o mesmo que eu naquele momento. A forma como inclinou a cabeça me encarando com um sorriso morno deixava claro que ela também lamentava.

— Alex precisa manter as medicações. — Minha mãe chamou a sua atenção ainda contrariada por não ser ela a cuidar de mim. — É importante que siga corretamente os horários. Fiz uma lista. Aqui. — Meu pai sorriu e piscou para mim ao ver minha namorada acompanhar atentamente tudo o que minha mãe lhe dizia. — E eu vou providenciar a comida para vocês. Alex precisa se alimentar bem para se recuperar mais rápido. — Foi a minha vez de revirar os olhos.

— Não faço nenhuma objeção, Dana. Jamais castigaria o seu filho forçando-o a comer a minha comida.

— Minha mãe riu e pareceu um pouco mais relaxada.

— O que deu ao Lipe esses dias? — provoquei.

— Gagau. — Ela cruzou os braços no peito e estreitou os olhos me desafiando. — Posso dizer que aprendi a fazer alguma coisa comível.

— Bebível — Miranda a corrigiu e minha namorada sorriu concordando.

— Lipe ficou apenas de mingau? — Comecei a entrar em desespero. — Você está brincando, não é?

— Tudo bem, abusamos dos congelados da Marta. — Rendeu-se como uma criança birrenta. — Como acabou ontem, hoje tive que pedir comida pronta.

— Comida pronta? O Lipe não pode comer qualquer coisa.

— Bom, eu fiquei atenta, pedi pelo imã da geladeira e quando atenderam já sabiam quem era e tudo o que podia ou não colocar. Acho que alguém aqui anda pedindo comida pronta demais. — Levantei a sobancelha. Eu já era grandinho demais para ser repreendido por não querer cozinhar de vez em quando. — Tá certo. A partir de agora eu sou a responsável pela comida. — Minha mãe parecia orgulhosa de poder assumir aquela tarefa. Eu jamais contestaria. Qualquer coisa menos a comida da minha namorada. — Vamos para a cama, filho? — Meu pai bateu em meu ombro para me auxiliar. — Quer alguma coisa antes?

— Não. Onde está o Lipe?

— Ah, Deus! Preciso sair agora. — Miranda se agitou. — Vou chegar atrasada. Beijos para vocês. — E saiu imediatamente do quarto. Olhei para Charlotte questionando.

— Ela vai buscar o Lipe na escola. — Deu de ombros. — Eu preferi ficar para te receber adequadamente.

— Obrigado!

— Por falar nisso — minha mãe começou quando meu pai me levantou da cadeira para me transferir para a cama. Fiquei contrariado. Eu queria conversar com Charlotte quando estivéssemos a sós — , você vai ficar, Charlotte? Vai dar conta deles dois? Eu posso...

— Dana! — meu pai a advertiu e eu pude ver que Charlotte ficou desconcertada.

— Eu pretendo ficar até Alex se recuperar, se... não for ruim para vocês. — Ela estava achando que eu preferia outra pessoa?

— Não é, Charlotte — meu pai se antecipou, impedindo que minha mãe se atrevesse a se oferecer. — Vamos estar sempre por aqui para te dar apoio. Não vai ser fácil por alguns dias. Pelo menos até ele poder se apoiar em uma muleta.

— Continuo sem objeções. Toda ajuda é bem-vinda. — Então ela parou, pensou e fez uma careta que não consegui identificar o motivo.

— Confortável? Está com dor? Esse travesseiro não parece ser o mais adequado.

— Dana, ele está bem. Alex é perfeitamente capaz de dizer quando não estiver confortável. — Minha mãe me olhou com tristeza. Eu sabia que para ela seria difícil ir embora, também sabia que antes do dia terminar ela estaria de volta.

— Eu estou bem, mãe.

— Tudo bem — suspirou derrotada.

— Obrigado pelos cuidados no hospital, mas agora a senhora precisa descansar.

— Não preciso descansar. Eu estou ótima! Posso muito bem cuidar de você mais uma noite ou duas...

— Dana! — E meu pai outra vez foi quem a conteve. Sorri.

— Tudo bem. Tudo bem. Então... — Olhou para os lados conferindo o quarto. — É melhor irmos. Eu ligo para saber... — Seus olhos estavam cheios de lágrimas, até me deu vontade de reconsiderar a minha decisão.

— Dana, não fique assim. — Meu pai a abraçou e ela finalmente soluçou deixando a mágoa extravasar.

— Querida, Alex já é um homem! Por que as mães são assim?

— Ele nunca vai ser velho o suficiente para não merecer os meus cuidados — ela rebateu se afastando do meu pai. — E você vai me prometer ligar se ele tiver qualquer coisa. — Charlotte sorriu amorosa e surpreendeu a todos ao abraçar minha mãe com carinho.

— Não se preocupe, vou seguir corretamente as suas instruções e vou manter o telefone por perto para não perder nenhuma ligação.

— E eu virei todos os dias. — Minha mãe fungou voltando a recuperar a compostura.

— Claro que vai — Charlotte brincou. — Ou vai matar seu filho e seu neto de fome. — Dana riu relaxando outra vez. — Vai dar tudo certo, Dana. Eu nem vou achar ruim trocar as fraldas do Alex.

— O quê? — Todos riram da minha cara, mas eu sabia que não seria nada fácil depender da minha

namorada, nem que fosse por apenas um único dia.

Charlotte

Dana e Adriano foram embora e finalmente ficamos apenas nós dois. Eu sabia que ele estava machucado, que fora um acidente grave, mas não estava preparada para a gravidade da situação. Alex debilitado, mais magro, pouco, mas dava para notar, dependendo de mim até para comer. Não estava mais tão certa se era uma boa ideia enfrentar tudo sozinha.

— Vai ficar aí me encarando e mordendo o lábio? — Encostado na cabeceira da cama, ele não parecia tão frágil quanto naquela cadeira de rodas.

— Não. — Tentei sorrir. — Preciso saber exatamente o que tenho que fazer agora. — Procurei pelo papel que Dana havia me passado e que coloquei no bolso da minha calça.

— Um beijo.

— Hum? — Levantei a cabeça para conferir o que meu namorado havia dito e fui sugada por aqueles olhos fantásticos. — Alex...

— Eu quero um beijo — não titubeou. Estava decidido e ansioso. Meu corpo formigou.

— Você está machucado — afirmei me aproximando aos poucos.

— E você estranha. — Parei imediatamente. — Nós precisamos conversar, Charlotte. Não podemos fingir que nada aconteceu antes do acidente, só não quero que seja agora. Eu quero te beijar, já que é a única coisa que posso fazer no momento. — Sorri ao assistir seu sorriso torto e cafajeste se apresentar.

— Você pode fazer muitas coisas ainda, Alex. — Tentei ignorar a forma como meu corpo reagia ao pensamento, mas era impossível. Eu estava com tanta saudade!

— Posso é? — Continuou aguardando por mim, olhando-me com expectativa, desejando que eu realmente lhe mostrasse o que poderíamos fazer.

Eu me aproximei com cuidado e deixei que nossos lábios se juntassem. Testei a maneira como ele reagia com cada movimento, para não machucá-lo ainda mais. Ele abriu a boca, provocando-me com sua língua. Com um gemido de prazer deixei que ele me beijasse, trazendo-me recordações de um mundo só nosso, de momentos deliciosos e prazeres magnânimos. Suspirei me afastando.

— Senti sua falta — ele sussurrou, roçando os lábios em meu rosto. — Por Deus, Charlotte, nunca mais me diga para eu não voltar.

— Desculpe — gemi arrependida.

Eu estava de cabeça quente e nem imaginaria, apesar de conhecer as fatalidades da vida, que ele poderia nunca mais voltar mesmo. Tive vontade de abraçá-lo e nunca mais deixá-lo partir. Todo o restante se resolveria se ele estivesse em meus braços.

— Não! Me desculpe você! Eu fiquei nervoso e não te ouvi. Não dei importância aos seus sentimentos, não me coloquei no seu lugar. — Arrisquei levantar a mão e acariciar seu peito. O meu ardia com as suas palavras. Finalmente Alex me daria razão? — Eu sei como se sente em relação a Anita, Charlotte. Eu também tenho as minhas ressalvas, mas entenda, ela é madrinha do Lipe. Não foi uma escolha minha. Tiffany quis assim e na época... nossa! — Ele se acomodou fazendo uma careta de dor.

— Está doendo? — Não sabia onde tocar nem o que fazer.

— Só um pouco. Não é nada demais. — Tentou sorrir para me enganar e passou a ponta dos dedos machucados em meu rosto. — Quando você foi embora a minha vida virou um inferno. Eu não tinha cabeça para nada, mas me forçava a continuar. Tiffany piorava tudo. A gravidez foi de risco, ela tentou se matar, me acusava, me perseguia...

Abaixei a cabeça desconfortável com a conversa. Aquele período não era a época predileta da minha vida e saber o quanto foi ruim para Alex também não me deixava mais feliz.

— Anita foi a única pessoa que me ajudou com Tiffany. Todo mundo brigava, achava que eu deveria ser mais enérgico com ela, que não poderia agir como eu agia. Eles não entendiam, eu estava com medo de tudo. Me sentia péssimo pelo meu filho que ainda era cativo das loucuras da mãe. Anita fez tudo o que podia para facilitar para mim. Ela cuidou da prima com carinho e quando tudo acabou ela me ajudou com Lipe sem exigir nada em troca. Eu não esqueci as coisas que ela aprontou, mas tenho que ser justo e reconhecer o quanto ela foi útil, não posso simplesmente dizer que você voltou e que agora eu não preciso mais dela. — Suspirei derrotada.

O que eu poderia dizer? Eu sempre soube que voltar com Alex seria aceitar Anita em minha vida e, mesmo me recusando e me rebelando, eu sabia que nunca seria justo privá-la da presença do Lipe. Era uma situação complicada e muitas vezes aterrorizante. Precisar aceitar que ela estaria naquela casa, que ocuparia o tempo do Lipe, que estaria perto do Alex...

— Se te aborrece tanto, peço a ela a chave da casa. Talvez seja melhor. — Concordei sem nada dizer. A chave da casa seria a solução? Não, mas aquilo era tudo o que eu teria do meu namorado por enquanto.

— Tudo bem, Alex! Vamos deixar para pensar nisso outra hora. — Ele escrutinou meu rosto, buscando qualquer comprovação do meu aborrecimento, o que não aconteceu. Era melhor me agarrar a o que eu tinha. — Quer alguma coisa? — Ele deitou a cabeça no travesseiro suspenso para apoiar o seu pescoço e me encarou.

— Não. O que tem feito? — Deixou que os dedos acariciassem minha mão em seu peito.

— Além de seguir o Lipe por todos os lugares? — Sorri largamente. — Pouca coisa. Escrevi um pouco, aprendi para que servem os códigos das embalagens plásticas. — Ele riu. — Relembrei porque não gostava muito de pintar na escola.

— Ah é?

— Eu era péssima! Continuo sendo. — Seu sorriso se alargou.

— Imagino.

— Sério? O que quer dizer com isso, professor Frankli? Por um acaso está me chamando de descoordenada? Porque eu gostaria de lembrá-lo que posso deixá-lo gritando por mim a noite toda.

— Não seria má ideia. — E seu sorriso se tornou aquele cafajeste, cheio de promessas pecaminosas.

Porra, meu corpo realmente se animava quando Alex sorria daquele jeito!

Ouvimos a porta abrir e o barulho era inconfundível. A mochila sendo puxada pelo assoalho da casa, os pés pequenos correndo para dentro e a risadinha que fazia aquela casa ganhar vida. Lipe tinha chegado.

— Loti, Loti, Loti, Loti. — Alex ergueu a sobancelha surpreso com o filho. — Lotiiiiiiiiiiii! — Lipe puxou o i fazendo-me rir.

— Aqui. — Levantei correndo para impedi-lo de entrar de vez.

— Loti, oh, oh. — Ele estendeu um papel para mim com um desenho. Peguei e fiquei tentando entender o que tinha ali.

— Que lindo, Lipe! Quem é essa?

— Loti.

— Eu?

— É. — Ele estava tão eufórico que nem notou o pai dentro do quarto, mesmo ainda estando na porta.

Deixei ele se alojar entre as minhas pernas. — Loti. — Passou a mão pequena no meu cabelo indicando ser igual ao do desenho. — Linda! — Ri. — Ei, rapaz! A namorada ainda é minha. — Lipe procurou pelo pai de imediato.

Assim que seus olhos encontraram o que procuravam ele parou sem nada dizer. Fiquei tensa. Lógico que os machucados do Alex assustariam o garoto. Como não? Levantei segurando-o no colo e caminhei com ele até a cama.

— Papai voltou. Não está feliz? — Ele continuava observando Alex, seus olhos nos ferimentos, nas mãos enfaixadas e na perna coberta pelo gesso.

— Ei, filhão! — Alex tentou, mas Lipe continuou segurando em meu pescoço, só olhando para ele. — Papai está um pouco dodói, mas vai melhorar rapidinho.

— Dodói? — ele repetiu baixinho.

— Um pouco. — Alex levantou a mão para mostrar ao filho. Lipe virou para me encarar.

— Papai, dodói?

— Só um pouquinho. Hoje vamos ter que cuidar dele. Você me ajuda? — Ele concordou e voltou a olhar para o pai. — Não está com saudade do papai?

— Eu estou com saudade de você — Alex provocou. — Vem cá!

Eu sabia que não poderia deixar Alex carregar o filho, por isso fui até a beira da cama e sentei com Lipe no colo. Ele ficou olhando o rosto machucado do pai por um tempo enorme. Depois estendeu a mãozinha e, com muito cuidado, acariciou a bochecha do Alex. Foi um alívio.

— Papai caiu?

— Papai bateu o carro — Alex explicou. — Lembra que eu sempre digo para você ir na sua cadeirinha? Então, é importante para não ficar dodói assim. — Lipe levou a mão a boca, assustado. Tive vontade de rir, mas não o fiz.

— Papai bateu o carro — repetiu perfeitamente.

— Isso. — Acariciei seus cabelos sentindo-me orgulhosa.

— Agora que estão todos bem e felizes, eu preciso voltar ao trabalho. — Miranda estava na porta, os braços cruzados na frente do peito e um sorriso imenso no rosto.

— Obrigada, Miranda.

— Bigado, tia Mimi — Lipe falou com a voz triste. — Papai dodói.

— Ele logo vai ficar bom, lindinho. Não se preocupe. Eu tenho que ir, Charlotte. Tome a chave. — Ergueu para mim a chave da casa que eu tinha lhe dado para facilitar com o Lipe.

— Pode deixar na mesinha da sala? — Ela revirou os olhos, mas concordou.

— Vejo vocês amanhã. Tenho que me apressar porque vou almoçar com o meu marido. Preciso que você confirme a agenda.

— Esqueça a agenda. — Minha amiga suspirou insatisfeita.

— Conversamos depois. Tchau para vocês. Tchau, lindinho!

Miranda saiu e eu consegui captar um olhar preocupado de Alex para mim. Não adiantaria alimentar aquele olhar, eu estava decidida a não cumprir com nada da agenda até Alex estar realmente recuperado. A ideia de contratar uma enfermeira era absurda. Eu dava conta do recado.

— Veja papai, Lipe me desenhou. — Peguei o papel e passei para Alex que segurou com dificuldade. — Está vendo esse nariz aqui. — Apontei o nariz imenso que ele havia feito. — Parece muito com o meu. — Alex riu da minha ironia.

— Parece mesmo. Lipe, você está desenhando cada vez melhor, meu filho.

— É Loti. — Agitou-se para descer do meu colo.

— Ei, para onde pensa que vai?

— Atiti dejenho. — Livrou-se de mim rapidinho. — Vem, papai. — Pegou a mão de Alex e puxou.

— Não. Ai, Lipe!

— Lipe. Vem! — Peguei o menino, afastando-o do pai.

— Papai dodói? — Ficou assustado.

— Que nada. Seu pai é fresco mesmo — ri e Alex me encarou sério.

O repreendi com o olhar por ter gritado assustando o menino. Vi quando seus olhos ficaram carinhosos e fiquei constrangida. Eu não queria aquele papo de que finalmente eu aprendi a conviver com o filho do meu namorado, ou do quanto era louvável a nossa relação. Eu estava ali e pronto.

— Vamos tomar banho para almoçar? Lipe está com fome?

— Sim.

— Então vamos deixar papai descansar um pouco enquanto Loti cuida de você, tá bom? — Lipe concordou com a cabeça, bocejou e coçou os olhos por trás dos óculos. — Ih! Já vi que ninguém vai assistir desenho por aqui.

Virei para Alex que nos observava quieto. Eu sabia exatamente o que ele estava pensando. É isso mesmo, Alex. Você conseguiu o que tanto queria. Quase revirei os olhos. Precisava de tanta emoção só porque eu estava convivendo bem com o Lipe?

— Já volto. Tem um porquinho fedorento aqui. — Lipe riu quando funguei em seu pescoço, como o meu pai fazia comigo quando eu era pequena. — Descanse, Alex.

Deixei o quarto para fazer uma atividade que eu descobri amar. Cuidar daquela criança. Se eu estava feliz por ganhar mais alguns dias naquela casa, com aquele menino? Bom... sim. Claro que sim. Ao mesmo tempo eu sentia medo do que poderia ser prolongar aquela situação.

Alex

Ficar sobre uma cama o dia todo, apenas ouvindo os sons que Charlotte e Lipe faziam na sala, as risadas mágicas e as brincadeiras carinhosas estava acabando comigo. Eu queria participar. Queria que aquela fosse a nossa realidade e quando finalmente acontecia eu precisava ficar deitado, sem ao menos poder carregar o meu filho e beijar a minha mulher.

Eles fizeram o esforço de almoçar comigo naquele quarto. Charlotte levou os pratos e ela e Lipe almoçaram sentados no chão, bem ao lado da minha cama. O que parecia ser desnecessário para mim virou uma grande festa para os dois, que brincaram de tudo enquanto comiam.

Consegui dormir um pouco durante a tarde, mas grande parte do tempo aproveitei para ler alguns originais que estavam em meu computador. Graças a Deus eu ainda conseguia fazer alguma coisa.

A diversão toda da casa estava na sala, com a minha namorada e meu filho interagindo, longe dos meus olhos. Fiquei frustrado.

— Precisando de alguma coisa? — Charlotte entrou no quarto levando um copo de suco.

— Não. Onde está o Lipe? — Ela sorriu.

— Pegou no sono. Venha, chega de trabalhar por hoje. — Afastou a bandeja suspensa que mantinha o computador em uma altura boa para mim e me deu o suco. Segurei-o com as duas mãos, sem a firmeza necessária para fazer apenas com uma das mãos.

— Tem certeza de que deve desenfaijá-las amanhã?

— Nem um minuto a mais — resmunguei. — Deixe o computador aqui, estou sem sono. Lembrou de fechar a portinhola?

— Lembrei sim, pode ficar tranquilo. — Pegou o copo da minha mão, mas não devolveu o computador, levando-o para a mesinha do quarto. — Já volto.

— Volta?

— Vólto. — E saiu sem olhar para trás.

Estava tarde, a casa estava escura e Charlotte havia prometido voltar ao meu quarto. Eu não deveria, mas fiquei animado. Ouvi seus passos subindo as escadas. O que ela estava aprontando? E Lipe? Ele não poderia dormir comigo e deixá-lo sozinho no andar superior. Passei tanto tempo tentando adivinhar o que ela estava fazendo que não percebi quando ela voltou.

Charlotte usava uma camisola preta de alcinhas finas e seios soltos. Os cabelos desciam pelos ombros emoldurando o rosto perfeito. Aquele olhar tímido, mas que demonstrava aprontar algo, que tanto mexia comigo. Ela colocou alguma coisa no criado mudo e se demorou ajustando-a.

— Vai dormir aqui?

— Não. — Nem se virou para me olhar. — Vou ficar um pouco com você. Veja — Saiu da frente para me mostrar um aparelho que eu conhecia muito bem, mas que há muito estava esquecido por falta de utilidade. — Assim podemos ver o que Lipe pode aprontar. — Piscou confidente e se deitou com cuidado ao meu lado. Olhei para a pequena tela que mostrava a cama com o meu filho dormindo sem nada o incomodar.

— Onde encontrou isso?

— No closet do Lipe. Por que nunca utilizou?

— Usei só no início, mas eu ficava mais no quarto dele do que no meu, e depois acabou perdendo a utilidade, já que ele levantava e ia para a minha cama mesmo.

— Bom, agora voltou a ser útil. — Ela se virou e me abraçou cuidadosamente, passando as mãos delicadas pelo meu abdome. — Está sentindo alguma dor?

— Não. Eu estou bem.

— Bem mesmo? — Seus lábios tocaram o meu pescoço me fazendo estremecer. — Hum! Talvez não tão bem assim.

— O que posso fazer por você?

Levando os lábios até o meu queixo ela foi mais ousada e me mordeu ali. Ao mesmo tempo que sua mão desceu até o meu pau, fechando-se nele. Por cima do short leve eu me vi endurecendo naquela mão deliciosa.

— Charlotte! — gemi inconformado. Não poderíamos levar adiante e eu queria muito poder levar.

— Estou te machucando?

— Não. — Permite que ela me beijasse. — Mas pode.

— Se você ficar bem quietinho isso não vai acontecer.

Nem tive tempo de contestar. Eu entendia o risco que corria, afinal de contas era Charlotte ali e era certo que eu poderia sair machucado, mas minha mente foi preenchida pelo seu corpo perfeito subindo cuidadosamente sobre o meu. Ela não esperou nem um segundo para que eu me acostumassem à ideia e puxou a camisola pela cabeça revelando sua nudez.

A luz do abajur jogava sobre ela uma camada iluminada que lhe fazia parecer um anjo. Com os cabelos caindo na frente do rosto ela me olhou e sorriu. Era um anjo com certeza. Um anjo caído, prontinho para me desvirtuar.

— Estou te machucando? — Rebolou lentamente em meu pau, fazendo-me ficar ainda mais duro. Sem conseguir articular qualquer palavra apenas neguei, desejando poder tocá-la. — Fique quietinho, Alex. Deixe que eu faça o trabalho desta vez.

— Charlotte, eu... — Puxei o ar com força. — Merda! Eu quero te tocar...

— Para que esta pressa toda? — Inclinando-se, ela alcançou os meus lábios e me fez calar. — Vamos ter tempo, saúde e disposição para você fazer o que quiser comigo. Agora eu faço e você assiste.

Charlotte levantou, voltando a se expor apenas para mim. Com muita habilidade começou a escorregar as mãos pelo próprio corpo, tocando aquela pele macia. Seus dedos pareciam estar interligados a minha mente e faziam exatamente aquilo que eu queria fazer naquele momento.

Incapaz de desviar os olhos daquela imagem encantadora, vi a minha namorada acariciar os seios, brincar com os bicos que pareciam implorar pelos meus lábios, apertar a carne com a mesma intensidade que eu apertaria e descer em direção ao seu próprio sexo.

Todo o meu ar ficou preso nos pulmões enquanto eu esperava aqueles dedos encontrarem aquela parte sua que eu tanto ansiava. E foi o que ela fez. Sem nenhum pudor Charlotte deixou que os dedos entrassem em seu sexo, tocando todos os seus pontos sensíveis e me fazendo enlouquecer.

— Porra, Charlotte! — Avancei sobre a minha namorada em uma atitude inconsequente, mas ela me impediu de levantar, jogando o corpo sobre o meu e parando todo o espetáculo. — Eu quero te tocar —

rosnei de frustração.

— Se não se comportar vai perder a melhor parte — provocou, dando uma mordidinha em meu lábio inferior.

— Isso é injusto!

— Não é. Pelo contrário, é estimulante. — Levantou sorrindo e já correndo as mãos pelas coxas roliças, buscando mais um pouco de prazer em seus dedos.

— Ah, merda!

— Você está sendo malvado, Alex.

Ela rebolou no próprio dedo. Porra! Charlotte sabia que eu amava vê-la se masturbar. Que eu enlouquecia. Subindo uma das mãos começou a se estimular nos seios também.

— Você está sendo malvada!

— Não fale assim. — Desceu a mão até o meu pau e facilmente conseguiu retirá-lo do short. Sem me poupar começou a me masturbar. — Vai se comportar?

— Porra, vou!

— Ótimo!

E então, realizando o meu pedido interno, ela levantou e guiou o meu pau até a sua entrada quente e inchada. Imediatamente eu pude sentir o quanto minha namorada estava molhada, o que me deixou louco. Eu queria levantar os quadris e me enfiar nela, porém sabia que não podia, ou então ela pararia.

Descendo completamente em meu sexo, pude sentir sua carne resistente se abrindo para mim à medida que ela se forçava contra o meu corpo. Toda a minha extensão demonstrava uma sensibilidade anormal, quase não resistindo ao calor daquele local que me acolhia tão bem.

— Ah, Alex!

Ela gemeu inclinando-se para trás para melhor me sentir dentro dela. Era uma delícia! E então, lentamente, provavelmente para não me machucar, ela começou a subir, rebolar e descer, assumindo um padrão enlouquecedor.

Eu amava ver Charlotte tão entregue, dona da situação, embora odiasse não poder fazer nada além de observá-la brincar comigo. No entanto, vendo-a ali, tão sensual, arrematando-me, se empenhando em extrair não apenas o meu prazer, mas o seu próprio, era de me fazer ajoelhar aos seus pés. E eu o faria se pudesse.

Gememos juntos enquanto ela voltava a se tocar, deixando-me entrar até o seu limite para depois ser arrancado de lá. O orgasmo estava tão próximo que ameaçava não me dar a chance de resistir. Eu queria que ela terminasse primeiro, queria vê-la gozar se esbaldando em mim e só depois eu me saciaria nela.

— Assim, amor! Deus! Você é uma delícia, Charlotte!

Ela levou um dedo até o seu clitóris e começou a se acariciar, deixando-se levar pelo momento e gemendo sem nenhum receio. A outra mão estava em seu seio, apertando-o como se a minha própria mão estivesse ali. Ela iria gozar. Eu podia sentir sua bocetinha se apertando em volta do meu pau, envolvendo-me por completo e aquecendo minha pele como nunca. Porra, eu também estava prestes a gozar.

— Ah, porra, Charlotte!

— Alex!

Gemeu e eu senti o calor do seu gozo. Seu corpo enrijecendo e se entregando ao prazer tão merecido. Segundos depois eu gozei, jorrando para dentro dela todo o meu desejo e agradecendo por ter uma namorada fogosa a ponto de me querer mesmo estando sobre uma cama todo quebrado.

Quem estava preocupado com machucados? Depois de um orgasmo como aquele meu corpo estava tão relaxado que era impossível sentir qualquer dor.

Ela se deitou sobre mim, sem fazer peso e me beijou. Retribuí abraçando-a e pedindo a Deus para ter logo minhas mãos livres para que pudesse acariciar aquela mulher maravilhosa.

— Descanse — sussurrou ainda em meus lábios.
— Fique.
— Não. Lipe pode precisar de mim. — Tirou-me de dentro dela me levando de volta a realidade.
— Eu também preciso de você.
— Vou acabar te machucando. — Vestiu a camisola e eu odiei não poder mais ver o seu corpo.
— Tire a roupa e deite aqui. — Ela riu.
— Não.
— Se você tivesse que me machucar já teria feito. — Charlotte me olhou e suspirou. Ela queria ficar. — Fique comigo.
— E o Lipe?
— Se ele precisar de você nós vamos ouvir. — Apontei a babá eletrônica.
— Tem certeza? E se ele for para o seu quarto procurando por mim?
— Se ele levantar nós vamos ouvir. Venha. — Puxei o cobertor para que ela pudesse deitar do meu lado.
— Não vou ficar agarrada a você — me alertou. — E nada de safadeza, mocinho!
— Safadeza? Eu? — Ri da sua cara de pau. — Ok! Sem safadezas. Venha!
Charlotte deitou e eu logo a envolvi com meus braços, mesmo contra a sua vontade. Ela se ajeitou até ficar confortável e em poucos minutos adormeceu. Eu fiquei acordado, pensando nela, em Lipe e no quanto estava feliz.
— É, Shakespeare, você sempre tem razão.
Beije o topo da cabeça da mulher que eu amava e fechei os olhos me sentindo agradecido por arriscar.

Capítulo 27

“Quem chegou a cegar, jamais se esquece da joia rara que perdeu com a vista.” William Shakespeare
Charlotte

Assim que Alex adormeceu profundamente eu levantei sentindo meu corpo pesado e dolorido. Não foi uma boa escolher adormecer tendo em mente que eu poderia machucá-lo se caísse em sono profundo. Assim, sem desejar piorar o seu estado, adormeci sem conseguir realmente me entregar e quando meu corpo, rígido pela postura imposta, não aguentou mais, levantei e fui para o quarto do meu namorado, o qual eu ocupava desde o seu acidente.

Levei comigo a babá eletrônica e antes de realmente alcançar a cama tão ansiada, entrei no quarto do Lipe para conferir se estava tudo realmente bem. Depois me arrastei até a cama e me joguei lá, adormecendo imediatamente.

Levantei em um pulo. Quanto tempo eu havia dormido? E Alex? E Lipe? Procurei meus óculos e me dei conta de que havia adormecido usando as lentes, o que poderia me causar desconforto durante o dia. Conferi a imagem de um Lipe ainda adormecido em sua cama e só então me convenci de que poderia ir ao banheiro.

Tirei as lentes, coloquei os óculos, fiz xixi, cogitei a possibilidade de um banho e após um bom tempo analisando a possibilidade de Alex precisar de mim ou do Lipe acordar, optei por um banho rápido de chuveiro, sem lavar os cabelos. Escovei os dentes e escolhi um vestido comportado para aquele dia.

Verifiquei novamente e Lipe continuava dormindo, então desci para pegar o remédio que Alex precisaria tomar. Fui até a cozinha, providenciei tudo e levei até o seu quarto, onde flagrei um Alex arfante dando o

seu último pulo para alcançar a cadeira de rodas e erguer a perna para que ficasse no ângulo correto.

Encarei incrédula aquele homem tão cheio de si se esforçando para fazer um movimento mínimo e quase, quase mesmo, sorri. Mas não o fiz porque tinha recomendações explícitas para não deixá-lo ficar pulando de um lado para o outro.

Sem desviar a atenção do meu namorado, pude notar que ele estava barbeado, tomado banho, com roupas limpas e sem as faixas nas mãos. Céus, o que ele havia feito?

— Alex! — Coloquei o copo com água na bancada, juntamente com a embalagem contendo o comprimido e fui em sua direção conferir como estava. — O que pensa que está fazendo?

— Acabando com essa palhaçada. Fora a minha perna, eu estou perfeito.

— Não está não! Você tem duas costelas fraturadas, não pode ficar pulando por aí. E suas mãos! O que fez?

— Tirei as faixas. Estavam incomodando e era mesmo desnecessário. Assim as feridas vão cicatrizar com mais facilidade.

— Alex, você às vezes é mais infantil do que o Lipe!

— Devo ser, mas não vou ficar com as mãos enfaixadas. Fiz curativos nos cortes que ainda não cicatrizaram. — Levantou as mãos para que eu pudesse ver dois pequenos curativos se destacando entre diversos arranhões e alguns cortes mais significativos já em processo de cura.

— Adriano vai ficar aborrecido e Dana... nem quero imaginar o que sua mãe será capaz de fazer quando descobrir que você tomou banho sozinho e fez tudo isso. — Indiquei seu corpo com a mão. Dana com certeza faria aquele discurso, onde ressaltava que ele deveria estar sob os seus cuidados. Suspirei.

— Sou maior de idade, Charlotte! Vem cá. — Segurei em meu braço para tentar me fazer sentar em seu colo, mas a prancha acoplada à cadeira para manter a perna elevada não facilitava.

— Alex, suas mãos... — Ele me segurou com mais força para me provar que eu estava errada. — Você está machucado! — Ouvi seu riso rouco, o que mexeu com a minha imaginação. — E está nesta cadeira...

— Toda a minha convicção se esvaia à medida que ele me segurava com mais firmeza.

— Tem alguma coisa contra os cadeirantes? — Pegou-me pela cintura me forçando a fazer a volta e sentar em seu colo. Cedi rindo das suas palavras.

— Hum! Não. Até que é... — Fingi analisar o seu corpo. — Sexy!

— Sexy? Você tem fetiche com um cadeirante?

— Tenho fetiche com você — rebati sentindo o meu corpo ansiar por mais um pouco do meu namorado.

— E é mesmo sexy saber que está fragilizado e que, por causa disso, eu posso me aproveitar deste corpo.

— Tentei levantar e ele me manteve facilmente no lugar.

— Então abuse de mim. — Inclinou o rosto para me beijar. Eu recuei.

— Não posso ficar sentada em seu colo com a sua perna pronta para ser quebrada em mais dois lugares.

— Fiz outra tentativa de levantar e foi em vão.

— Charlotte, eu estou morto de saudade. — Mordeu meu pescoço.

— Você está muito vivo pelo que estou percebendo. — Encarei meu namorado evidenciando que havia sentido a sua ereção. Alex riu e me puxou para um beijo selvagem.

Deus, ele estava mesmo com saudade. Que beijo foi aquele? Alex não tinha cuidado nenhum, ele simplesmente me devorava, esmagando seus lábios aos meus e me incentivando com aquela língua atrevida e mágica que me mantinha cativa. Suas mãos machucadas não pareciam ser um problema, porque elas estavam em todos os lugares me segurando e me puxando como se eu nunca estivesse perto o

suficiente.

Santa mãe de Deus! Eu estava tão excitada! Transar com meu namorado em uma cama enquanto ele nada poderia fazer foi algo gostoso, porém ser dominada por ele mesmo estando naquelas condições era mesmo algo que conseguia me deixar rendida.

Deixei que ele me beijasse à vontade e que suas mãos ousadas abusassem de mim, só não sabia de que forma faríamos aquilo acontecer ali, sentados em uma cadeira desconfortável.

— Alex... — O ar faltava e as palavras custavam a sair. Ele desceu os dentes pelo meu pescoço e não se preocupava se as chupadas que dava em minha pele deixariam marcas. — Alex... Lipe...

— Ele está dormindo — resmungou sem parar o que fazia. — Vai ser rápido. — E aquela urgência foi muito bem-vinda para o meu corpo ansioso.

Alex me levantou, deixando-me entre as suas pernas. Rapidamente suas mãos subiram pelas minhas coxas alcançando a calcinha. Contorci-me ansiosa e temerosa ao mesmo tempo, mas não o impedi. Terminei o seu trabalho, já que a perna elevada dele não permitia que fizesse grandes movimentos. Assim que arranquei a peça do corpo ele me puxou de volta, sentando-me de frente para ele, mantendo-se entre as minhas pernas.

Eu sabia o que deveria fazer, mas estava perdida sendo devorada outra vez pelos seus lábios exigentes e dominadores. Então, por saber que ali eu não era nada além de alguém que se entregava, Alex me segurou pela cintura e com um único braço conseguiu me levantar, livrar seu membro do short folgado que havia escolhido para usar e direcionar seu sexo para o meu. Tudo isso sem abandonar a minha boca.

Gememos juntos quando ele finalmente entrou em mim. Seus dentes prenderam meus lábios, apertando-os. Doeu, mas foi delicioso na mesma medida. Eu sentia medo de machucá-lo, medo de me perder em nosso ato e não estar presente se Lipe precisasse de mim, medo de estarmos passando dos limites e quebrando todas as regras, mas nem isso me impedia de continuar subindo e descendo, deliciando-me em seu sexo.

As mãos dele subiram pelas minhas costas, prendendo-me ao seu peitoral, deixando meu quadril livre, o que me fez rebolar de maneira mais ousada, estremecendo com os calafrios que me atingiam todas as vezes que eu sentia seu pau roçar minhas paredes com mais intensidade.

Alex tinha razão. Aquilo seria rápido. E delicioso.

Pela sua respiração descompassada e nossos gemidos eu sabia que era exatamente o que ele queria, rápido e forte. Meu sangue esquentou, entrou em ebulição e circulou em disparada através das minhas veias. Minha pele suada facilitava os movimentos do corpo.

Trêmula e ofegante eu sentia que a qualquer momento o orgasmo seria uma realidade palpável, que eu seria enviada ao céu, que poderia tomar sol deitada nas nuvens, no paraíso. A urgência colaborava com a necessidade, então começamos a nos movimentar sem nenhum receio, tornando tudo mais carnal e intenso.

Eram gemidos fortes, altos e cheios de tesão. Gemidos que confessavam o quanto o que fazíamos ali era único e exclusivamente nosso. Eu e Alex. E ninguém mais. Não apenas porque nos amávamos, apesar deste ser o nosso combustível, mas, principalmente porque nos conhecíamos e sabíamos exatamente como agir em cada momento. A hora certa de se entregar e a de recuar, a certeza e segurança nas nossas escolhas, o respeito pelo nosso limite e, acima de tudo, o tesão absurdo e desenfreado que sentíamos e que, sabíamos, não sentíamos por mais ninguém.

Comprovando as teorias científicas, sabíamos que a química entre nossos corpos, a resposta dos nossos hormônios, era real. Éramos formados por células, moléculas, partículas que se buscavam a todo momento. Tudo em mim seguia em direção a Alex e tudo nele em minha direção, fazendo com que correspondêssemos de maneira harmoniosa, mesmo quando tudo parecia uma explosão de sentimentos. Senti duas gotas de suor escorrendo pelas minhas costas e minhas mãos comprovavam que Alex também suave. O balançar dos nossos corpos fazia um ruído todo nosso, uma melodia de prazer que nos

estimulava cada vez mais.

Ele puxou meu vestido para baixo, conseguindo assim alcançar meus seios, que foram abocanhados e sugados com a mesma intensidade que usava em meus lábios. Arfei e tudo em mim estremeceu.

— Alex...

O barulho que ouvi não estava nada relacionado a nós dois. Primeiro uma parte mínima da minha mente se perguntou o que era e de onde vinha, mas em seguida uma luz forte e piscante se acendeu em minha cabeça e eu me dei conta. Alguém estava na porta e queria entrar.

O pavor me fez tentar levantar. Alex me segurou com força e seus lábios voltaram aos meus, exigindo-me sem reservas. O leve tremor em seus braços me indicava que ele estava bem perto de gozar, assim como eu estava. Quem quer que estivesse lá fora saberia instantaneamente o que estávamos fazendo e eu não sabia se suportaria tal situação.

— Alex! A campainha. — Tentei mais uma vez me desvencilhar e fui impedida. — Alex!

— Não, amor — gemeu sua súplica. — Agora não. Só mais... oh, Deus! — Suas mãos se fecharam em minha cintura com força e eu entendi que seu esforço era para não gozar antes de mim.

Confesso que vê-lo tão forte e fraco ao mesmo tempo, lutando para que eu também curtisse o momento, para não estragar tudo e me deixar na mão, já era o suficiente para me esquentar ainda mais. Mas foram seus tremores incontidos que me colocaram na beira daquele penhasco.

Eu queria aquele orgasmo, queria Alex gozando em mim, confirmando que era por mim, que eu era a sua fraqueza e a sua força e que nada nem ninguém poderia roubar isso de mim. Assisti-lo entregue e submisso me fortalecia, porque eu não precisava de artifícios para ter Alex em minha cama, ele sempre iria por não conseguir ficar longe. Eu não precisava de artifícios para ter Alex em minha vida, ele entrou nela por livre vontade e continuava nela por não querer viver de outra maneira.

Então, ciente de que eu era o elo forte daquela história, eu era a que conduzia, decidia e dominava, o orgasmo me encontrou. Com um sorriso de satisfação senti o fogo queimar minhas veias em lambidas luxuriosas, o ar ser arrancado dos meus pulmões, e tudo em mim se fragmentar, permitindo que minha alma leve alcançasse o céu.

E como não podia ser diferente, ainda ouvindo os gemidos do meu namorado, fui trazida de volta à realidade pela campainha insistente. A visita que precisava entrar.

— Merda!

— Vamos ignorá-los — Alex resmungou ainda beijando meu dorso nu.

— Ignorá-los? Então... — Com os olhos maximizados encarei meu namorado ao tomar ciência de quem poderia estar na porta. — Alex, eles... puta merda!

— Calma. — Mantive-me quieta, sem deixar que o expulsasse de dentro de mim. — Eu abro a porta.

— Você? Acho que ainda não se deu conta da situação, não é? Estamos suados e cheirando a sexo. — Ele riu descaradamente. — É sério, Alex! Seus pais vão sacar de cara o que estávamos fazendo.

— E daí?

— E daí? Céus! São os seus pais!

— E eu já tenho trinta e oito anos, Charlotte. Não preciso esconder dos meus pais que tenho uma vida sexual ativa com a minha espo... ex-esposa... namorada. — Parecia que, naquele momento, nossa realidade o incomodava.

— Que seja! — resmunguei me esforçando para sair de cima dele. — Eu preciso de um banho. Merda!

— Papai! — Lipe gritou do andar de cima, deixando-me ainda mais tensa. O banho estava suspenso. — Loti!

— Caralho! Não poderia ser pior — gemi desolada. — Aliás... poderia sim. Poderia ser Anita naquela porta. — Vi a careta que Alex fez e nem assim me arrependi do que disse. Ele era amigo de Anita, não eu. — Aliás... se fosse Anita eu não me importaria em demonstrar o que estávamos fazendo.

— Charlotte! — A campainha insistiu o que nos deixou mais alerta. — Vá verificar Lipe e eu cuido da

porta.

— Sua mãe vai me matar, mas eu não vejo solução melhor. — Beijei rapidamente os lábios do meu namorado e sorri. Apesar do pânico era engraçado. — Vou levar isso comigo. — Peguei a calcinha do chão e vesti imediatamente. Ela ficaria molhada, o que eu detestava, porém era melhor do que ficar sem calcinha com o gozo do Alex escorrendo pelas minhas pernas.

— Loti!

— Estou indo, docinho — gritei de volta. — Vejo você em alguns minutos — pisquei para um Alex que não desgrudava os olhos de mim.

Subi correndo os degraus, ouvindo o barulho da cadeira de rodas se arrastar pelo chão da casa. Lipe estava na portinhola, os dois braços para fora e a cara entediada e marcada pelo sono.

— Ei! O que faz em pé tão cedo, mocinho? — Não era cedo, mas eu precisava falar alguma coisa que não fosse “eu estava transando com o seu pai e precisei sair correndo para te pegar”.

— Cadê papai?

— Lá embaixo. Vamos fazer xixi e escovar os dentes?

Conduzi Lipe para o banheiro sem deixar de pensar, nem por um segundo, no quanto eu precisava daquele banho.

Alex

Minhas mãos doíam pelo esforço que eu precisava fazer para conduzir a cadeira. Meu pai queria uma motorizada, eu achei que seria bobagem, uma vez que a ideia era usar muletas no dia seguinte. Não foi o que aconteceu.

Depois de levar uma bronca chata por estar me esforçando com a cadeira e por ter, sozinho, resolvido me livrar das faixas, fui informado que ficaria mais um dia sem as muletas e que no dia seguinte eu só poderia usá-las após um exame que indicasse que o esforço não pioraria a situação das minhas costelas.

Um saco!

Se eu não tivesse transado com Charlotte minutos antes estaria insuportavelmente mal-humorado. Porém, só de lembrar que ela estava tão participativa, com tanta saudade quanto eu e empolgada com o Lipe, esquecia todo o restante e me sentia bem para aguentar mais um dia naquela cadeira.

Por falar em Charlotte, ela demorou mais do que o necessário para descer e isso me preocupou. Minha mãe falava sem parar, exigindo que eu ficasse quieto na sala enquanto ela providenciava o meu café da manhã e meu pai fazia questão de me fazer cumprir o que minha mãe ordenara, mas aproveitou para fazer muitas perguntas sobre a minha noite, o quanto de esforço eu havia feito, apalpou-me para verificar onde doía e cuidou das feridas em minhas mãos, tornando a me proibir de empurrar a cadeira.

Era uma droga.

Foi quando ouvi as risadas e os passos na escada que me senti de fato uma pessoa de sorte. Charlotte descia os degraus com Lipe no colo, o que, certamente, era um risco, embora a imagem fosse linda. Ela com os cabelos molhados, um short e uma camiseta, carregando o meu filho e rindo.

Espera um pouco. Charlotte estava com cabelos molhados e roupas limpas, ou seja, ela havia tomado banho. A questão era: e o Lipe? Como ela conseguiu tomar banho sem ele? E se foi com ele... será que Charlotte teria coragem? Fiquei intrigado. Mas eu nada poderia dizer na frente dos meus pais.

— Diga: bom dia, vovô! — A pele fresca pelo banho recente, o sorriso aberto e o brilho de felicidade em seus olhos deixavam tudo ainda mais perfeito. — Diga: Bom dia, vovó! — Minha mãe entrou na sala levando uma bandeja que exalava o cheiro de café e pão quente com manteiga derretida. Um sonho!

— Vovó! — Lipe levantou os braços chamando pela avó que logo o atendeu deixando-o acariciar o seu

rosto.

— Oi, meu amor! Vovó trouxe bolo para você. E já fiz o seu gagau. — Olhou para Charlotte esperando que ela rebatesse, minha namorada sorriu, colocando Lipe no chão e nada disse.

— Papai! — ele gritou assim que conseguiu correr em minha direção.

— Lipe, cuidado com a perna do papai — meu pai o alertou enquanto Charlotte ajudava minha mãe a improvisar o nosso café da manhã sobre a mesinha de centro.

Meu filho subiu em meu colo sem nenhum cuidado, eu não me importei. Estava louco de saudade dele. Assim que Lipe cansou de ficar pegando em meu rosto para conferir os machucados, começou a analisar minhas mãos, repetindo sempre um “oh! Papai dodói” que me fazia sorrir pelo cuidado velado.

— O que aconteceu com os seus lábios? — O comentário da minha mãe chamou a minha atenção, então eu pude ver uma Charlotte corada levar as mãos aos lábios sem nada dizer.

— O que tem os lábios dela? — Meu pai se interessou. Claro! Ele era médico e jamais deixaria passar algo deste tipo.

— Estão roxos — minha mãe o informou. Me amaldiçoei mil vezes. Eu sabia exatamente o motivo de eles estarem assim.

— Frio? — Meu pai levantou para analisá-la. Charlotte recuou sem saber ainda o que dizer. Sua mão não deixava a boca, como se quisesse esconder a nossa travessura.

— Não — minha mãe continuou. — Parece mais com um hematoma. — Puta merda!

— Ah! — Meu pai entendeu no mesmo segundo, se mantendo no lugar. Graças a Deus minha mãe não foi tão rápida. Pelo contrário. Foi inocente.

— O que aconteceu? — continuou preocupada.

— Um brinquedo do Lipe — ela conseguiu dizer sem esconder o constrangimento.

— Ah, Deus! Uma vez ele puxou um carrinho e acabou batendo em meu rosto. Imagino a dor. Ainda bem que não cortou, não é mesmo Adriano?

— Hum, sim, com certeza. — Meu pai voltou a sentar, tão constrangido quanto a minha namorada.

— Vou buscar o gagau — minha mãe disse, e finalmente deixaram o assunto morrer. Não antes de Charlotte me acusar com um olhar terrível.

Após o café da manhã meus pais ficaram um pouco mais. Minha mãe arrumava todas as desculpas possíveis para não ir embora. Falava sobre o almoço, que já havia levado para a geladeira, sobre as roupas, a limpeza da casa, salientando que mandaria uma faxineira de confiança para cuidar da parte mais pesada.

O celular de Charlotte apitou. Ela conferiu a mensagem e pediu licença para buscar um dos remédios que eu precisava tomar. Ficamos na sala conversando bobagens. Aproveitei a ausência da minha namorada para me inteirar da situação.

— E Anita, pai? — Tomei o cuidado de deixar a voz baixa e manter os olhos no espaço por onde Charlotte passaria para nos encontrar.

— Ela está se recuperando muito bem. O ferimento da barriga cicatrizou perfeitamente. Dr. Alexandre disse que provavelmente dará alta amanhã ou depois.

— Quem está com ela? Todos os parentes vivem distantes.

— Uma colega de trabalho está acompanhando de perto. Como é mesmo o nome dela? Hum! Não lembro, é uma com os cabelos curtos, cacheados.

— Vitória? — Fiquei surpreso. A professora Vitória e Anita eram amigas, mas eu acreditava que era apenas de farra.

— Sim, acho que é Vitória mesmo.

— Charlotte não está demorando demais para buscar um único comprimido? — Minha mãe chamou a nossa atenção e eu fiquei intrigado.

— Ela deve estar respondendo as mensagens dela. Com tantos afazeres, Charlotte provavelmente não está

conseguindo dar conta das coisas dela. Apenas a professora Vitória está acompanhando a Anita? — continuei aproveitando o tempo que tinha para me inteirar da situação da madrinha do meu filho sem despertar a fúria da minha namorada.

— Johnny — meu pai respondeu e sorriu maliciosamente. — Ele tem dedicado um tempo à Anita, mesmo com o peso da agenda apertada do Peter.

— Johnny? — Eu sabia que eles dois andavam tendo um caso, mas não acreditava que era algo que merecesse horas de cuidados da parte do melhor amigo da minha namorada.

— Eu vou buscar o comprimido. — Minha mãe levantou, mas meu pai a impediu.

— Pode deixar, Dana. Eu aproveito e levo o Alex para descansar um pouco. Por que não começa a organizar as coisas por aqui? Eu tenho plantão hoje. Tenho que compensar os que troquei com os colegas para me dedicar exclusivamente a você, filho. — Ele logo se posicionou para empurrar a cadeira e eu continuei pensando no que poderia fazer para facilitar a vida de Anita.

Eu nem imaginava o que viria pela frente.

Charlotte

Entrei no quarto e imediatamente ouvi o barulho do celular de Alex vibrando sobre o criado mudo. Peguei o aparelho para levá-lo até o meu namorado, no entanto quando vi o nome na tela estremeci.

Anita.

Respirei fundo pensando no que deveria fazer.

Eu não queria aquela mulher em nossas vidas, apesar de não haver nada que

eu pudesse fazer para impedir. Não por enquanto. Ao menos até conseguir provar alguma coisa contra ela. Então eu sabia que suportar seus telefonemas para o meu namorado era algo com que eu teria que me acostumar.

Porém, como dizem por aí: o que os olhos não veem o coração não sente. Logo, se Alex não soubesse daquela ligação não se importaria com ela.

Continuei encarando o celular em minha mão que parou a chamada e em seguida recomeçou. Fiquei furiosa! Quem ela pensava que era para ser tão inconveniente? Se existe uma coisa que eu detesto é quando uma pessoa começa a ligar insistentemente para outra. Poxa! Se não atendeu na primeira vez era porque ou não estava próximo do telefone ou não estava podendo falar. Claro que ainda havia a opção da pessoa simplesmente não querer atender, mas nem isso dava o direito do outro atormentar a cabeça da pessoa até ser atendido.

Quando Anita insistiu pela terceira vez, eu tomei a decisão. Encostei no batente da porta conferindo se Alex continuava conversando na sala e assim que me certifiquei, atendi a ligação.

— Alex? — Ela foi mais rápida, não aguardando pelo cumprimento. — Anita! — Fui irônica.

— Charlotte? — A surpresa em sua voz me deixou deliciada. — Onde está o

Alex? Eu quero falar com ele.

— Infelizmente o meu namorado não pode atender. Ele ainda está bastante debilitado. — Fiz um muxoxo falso para que ela entendesse. — Eu estou cuidando dele. — Passe o telefone para Alex agora, menina! — Sua ousadia atçou o meu lado infantil.

— Como vai você? — Continuei ignorando o que ela dizia. — Consegui colocar o dente de volta? Ficou perfeito? Porque quase nunca fica, não é mesmo? Mas não se preocupe, tenho certeza que quem não sabe do acidente nem vai notar. — Não seja ridícula, garota! — E a cicatriz na barriga? Pelo que fiquei sabendo nenhum biquíni será capaz de esconder. — Ela riu com escárnio.

— Acha mesmo que isso vai me atingir, Charlotte? Pensa que não sei que suas palavras não passam de insegurança? Você continua sendo a mesma menina tola, infantil e mimada e não vai tardar para Alex perceber isso mais uma vez — riu um pouco satisfeita por conseguir me calar. — Vocês estão juntos agora, mas, até quando? Até quando acha que vai conseguir mantê-lo sob o seu olhar? Alex vai cansar outra vez e vai te trair novamente. Com quem será que vai ser desta vez? Meu coração ficou acelerado e minhas mãos suadas.

— E você, Anita? Longos anos se oferecendo para um homem que nunca cogitou te levar para a cama. Que preferiu a sua prima a você. Que te usou para cuidar do filho dele enquanto comia outras aqui, na casa dele, no local onde você tem livre acesso. Não passa pela sua cabeça o quanto isso é ridículo?

— Você está pensando que está por cima, não é mesmo? — riu com vontade. — Tão ingênua? Nem sabe quem é o homem que tem ao seu lado. Está toda animada brincando de casinha com o namorado e o filho dele. Que lindo! Mas torna-se incrivelmente ridículo quando eu percebo que você nem faz ideia de como o Lipe foi gerado, não é mesmo?

— Como ele foi gerado? O que é isso? Está me chamando de burra? — ridicularizei sem querer demonstrar o quanto estava abalada. Contudo eu estava. E muito! — Alex não te contou. Eu tinha certeza de que ele nunca contaria. Que tolo!

Pensando bem... você realmente não suportaria. E Alex é um idiota quando se trata de você. Tem medo de te perder e certamente perderia se soubesse da verdade. — Do que está falando?

Eu não conseguia mais ser irônica. Se quando atendi aquele telefone tinha como objetivo mostrar a Anita que não seria tão fácil quanto parecia, o feitiço virou contra o feiticeiro. A sua risada apenas comprovou isso.

— Sabe o que realmente aconteceu naquela noite? Quando Tiffany foi burra o suficiente para aceitar ir para a cama com um Alex bêbado, desesperado e... — Charlotte? Ouvi a voz de Alex logo atrás de mim e no desespero interrompi a ligação, não dando chance a Anita de me contar o que tanto desejava. Olhei para o meu namorado, que me encarava ao perceber que o celular na minha mão era o dele e não o meu. Seu pai, o Dr. Adriano, também me olhava com desconfiança. Se eles não imaginaram que eu estava aprontando alguma coisa só pelo fato de ter desligado quando eles chegaram, o meu rosto me denunciava, devido ao calor que demonstrava o meu estado febril.

— Quem ligou para mim, Charlotte? — Alex foi gentil em não me acusar diretamente na frente do pai. Olhei para o Dr. Adriano, com vergonha da situação ridícula em que eu havia me metido.

— Vou ficar um pouco com o Lipe. — Ciente da minha situação desconfortável com o seu filho, Dr. Adriano arrumou uma boa desculpa para sair do quarto. — Quando estiver pronto para se deitar me chame filho.

Ficamos nos encarando. Eu não queria contar, também não queria ignorar a história que Anita havia começado a contar. Se era verdade ou não eu precisava saber. — Anita —

anunciei observando a sua reação.

— Anita? Charlotte você... — Alex respirou fundo, impaciente e se atreveu a levantar uma mão para passar nos cabelos, mas se conteve por causa dos machucados.

— Por que não levou o telefone para mim?

— Porque eu não quis. — Engoli com dificuldade. O que eu estava fazendo era absurdo, mas eu iria até o fim.

— Charlotte, você não pode atender o meu telefone e...

— O que aconteceu naquela noite? — Fui direta. Alex parou imediatamente, encarando-me sem nada dizer. — Você ia me contar, não é mesmo? Naquela noite lá em Curitiba, quando finalmente ficamos sozinhos. Você começou a falar, lembra? — Charlotte...

— Eu quero saber, Alex! Você disse que eu não entenderia. O que eu não entenderia? — Do que você está falando? Foi algo que Anita te disse?

Pensei no que poderia responder. Se eu contasse que Anita começou a me contar ele daria um jeito de impedi-la. Se eu não contasse ele nunca saberia e eu ainda teria a chance de descobrir através dela, sem a sua interferência. Encarei o meu namorado ponderando se eu deveria ou não continuar naquela direção. — Não — recuei. — Anita queria falar com você. Provavelmente pedir mais algum favor.

— Então por quê...

— Eu lembrei daquela noite e fiquei curiosa. — Ele me encarou e eu não sabia mais o que seu olhar queria dizer.

— Eu já te contei o que aconteceu. — Ele estava na defensiva, mas poderia ser por medo de estragar tudo o que estávamos construindo.

— Tem certeza? Naquela noite...

— Eu estava nervoso. Era a primeira vez que nos encontrávamos sem reservas. Isso mexeu com a minha cabeça. Eu te disse. No dia eu não tinha certeza se deveríamos ou não deixar acontecer. — Fiquei atenta aos seus olhos e o arrepio que senti na espinha me indicava que nem tudo era verdade.

— Mentiria para mim? — Seus olhos cresceram um pouco e Alex puxou o ar.

Era um momento decisivo. — Me enganaria mais uma vez?

— Não. Eu não mentiria, Charlotte. — Ficamos em silêncio nos encarando. — Mas... — Alex sabia que eu entendi as letras mínimas no pé do contrato.

Havia algo a mais.

— Tenho ressalvas — admitiu demonstrando a sua insegurança. — Ressalvas? — Ponderei o que poderia dizer.

— Sim — Alex mordeu o lábio. — Existem coisas da minha vida que não vejo necessidade de serem expostas.

— Não?

— Não. — Continuei encarando o meu namorado.

— Ok! — Dei um passo à frente. — Eu também tenho ressalvas. — Tem? — Ele ficou confuso com a minha atitude.

— Tenho. E já te adianto que elas vão destruir nós dois.

— Charlotte...

— Faça como quiser, Alex! Empurre toda a sujeira para debaixo do tapete. — Pare com isso, Charlotte.

— Está na hora do seu remédio. — Virei para pegar a medicação sem conseguir olhar em seus olhos.

— Converse comigo!

— Já conversamos. — Levei o comprimido até ele junto com o copo com água que já estava no quarto.

— Você disse que tem ressalvas — ele insistiu.

— Você também — meu namorado pegou o remédio e o tomou rapidamente. — Não dá para ser assim, Charlotte.

— Ótimo! Não dá para ser desta forma. O que sugere que façamos? Temos duas opções: confessamos ou... — Tentei me manter calma, embora estivesse destruída por dentro. — Terminamos.

— O quê?

— Você ouviu — rebati irritada. Vi a mandíbula do meu namorado ficar rígida. — Eu não tenho nada para contar. — Fiquei enfurecida.

O que havia de tão absurdo naquela história? Ele havia me traído. Insistia no fato de que pensava ser eu e não Tiffany. Tinha um filho fruto daquela traição. Teria como ser pior do que isso?

— Ótimo! Eu também não.

Passei pelo meu namorado decidida a encerrar o assunto. Era isso ou eu faria jus a minha imaturidade fugindo daquela casa sem me importar com o compromisso que tinha firmado com Lipe e com o próprio Alex.

— Charlotte!

Eu o ignorei. Era melhor assim. Se Alex não queria me contar eu teria que descobrir sozinha. Estremeci só de tentar imaginar o que mais de ruim existia naquela história a ponto de Alex estar aterrorizado com a minha reação se eu descobrisse. Por mais que aquilo tudo me assustasse, descobrir passou a ser uma necessidade.

Eu jamais teria paz se simplesmente ignorasse, aceitasse e continuasse ao lado dele.

Bom... continuar com ele poderia não ser uma questão discutida, mesmo assim, eu precisava saber para tomar as minhas próprias decisões.

— Alex já está pronto para descansar, Adriano — anunciei voltando à sala. —

Eu vou levar o Lipe para brincar um pouco no jardim. Um pouco de sol não faz mal a ninguém. — E de ar também, pensei, sentindo-me sufocada.

— Vou me despedir do meu filho. — Dana levantou deixando claro o constrangimento. Lógico que eles sabiam que algo havia acontecido. — Qualquer coisa me ligue.

O almoço está na geladeira.

— Obrigada, Dana!

— Voltaremos à noite. — Adriano se despediu com um afago em meu ombro. Peguei Lipe e fugi para o jardim. Ele não contestou. Eu estava angustiada e precisava ficar sozinha para organizar os meus pensamentos. Eu tinha dois problemas: precisava saber o que aconteceu, e só Anita poderia me contar. Como conseguiria encontrá-la antes de Alex juntar as peças e tentar impedi-la? Que Deus tivesse piedade de todos nós, mas eu conseguiria aquela informação, custasse o que custasse.

Capítulo 28

“Ora, rapaz! Incêndio a incêndio cura. Uma dor faz minguar a mais antiga. Desvirar do vira sara a tontura. Um desespero a velha dor mitiga. Deixa os olhos pegarem nova infecção, porque da velha possas ficar são.” William Shakespeare

Charlotte

Duas semanas se passaram sem que tocássemos no assunto. Os primeiros dias foram estranhos. Eu me esforçava para não pensar no assunto e falhava todas as vezes. Quem disse que o tempo era o remédio para todos os males não conhecia o significado da palavra ansiedade. Eu sofri por cada minuto perdido que me impedia de correr até a maldita Anita e arrancar dela a tal informação.

Alex tentou se fazer de vítima. Ele usou uma técnica que nunca funcionava comigo: manteve a cara fechada e ficou frio, o que só me deixou mais obstinada, e neste ponto a minha imaturidade foi um fator bem-vindo. Enquanto ele se esforçava para me fazer perceber que estava magoado, eu deixava claro que não mudaria de opinião. E assim levamos quatro longos dias para conseguirmos falar sobre algo que não fosse nada relacionado a Lipe ou aos remédios que meu namorado ainda precisa tomar.

No final do quarto dia finalmente conseguimos conversar. Precisávamos fingir que o incômodo havia passado. Era necessário. E eu estava decidida a procurar Anita na primeira oportunidade, contudo, enquanto não desvendasse aquele mistério, e não via motivos para deixar o meu namorado, não poderia julgá-lo e condená-lo. Por isso permiti a sua reaproximação.

— Não conversamos sobre a Bienal.

Ele começou encostado no balcão da cozinha, observando-me limpar os pratos do jantar e ao mesmo tempo com os olhos no Lipe que estava na sala assistindo um desenho. Dava para sentir a insegurança do meu namorado ao finalmente tentar conversar comigo.

— Você sabe exatamente como está a minha programação. — Ok! Eu estava sendo difícil. Suspirei colocando o último copo na máquina de lavar louça. — O que quer saber? — Liguei a máquina e virei para o meu namorado que me olhava inseguro.

— Como você pretende ir? Já comprou as passagens? Qual a companhia? Qual o seu horário? Levantei a mão para que ele parasse de falar tanto. Meu Deus! Longos dias praticamente em silêncio e ele resolvia atirar tudo de uma só vez para cima de mim. Respirei fundo. Por que mesmo nunca tínhamos conversado sobre aqueles detalhes antes?

— Vou no avião do meu pai. — Vi que a resposta não o agradou muito. — Quando decidimos eu ainda não estava com você, Alex e depois foram tantos acontecimentos que não colocamos nossas agendas como prioridade.

— Eu vou em um voo comercial. — Deu de ombros. — Onde vai ficar hospedada?

Ok! Estávamos em um campo minado.

— Nós temos um problema. — Eu me aproximei para que ele entendesse que eu estava mesmo disposta a resolver. — Você não está em condições de viajar em um voo comercial.

— Vou trocar minha passagem para um assento com mais espaço. — Eu tinha certeza que seria uma conversa difícil, afinal de contas Alex nunca se mostrou confortável com o fato de eu ser milionária. Suspirei.

— Qual era o seu plano inicial? Digo... como ficaria o Lipe. — Seus olhos se abriram um pouco mais e pela forma como Alex respirou, puxando o ar com força e demorando para soltá-lo, eu soube que a resposta não me agradaria.

— Ele ficaria aqui com Marta e Anita. Eles iriam me encontrar nos fins de semana.

— Anita e Lipe? — Encarei-o, incrédula. Merda! Alex mordeu o lábio e confirmou. Dei as costas para fazer um café. Eu precisava de alguma distração para não jogar alguma coisa nele.

— Conversei com minha mãe e ela concordou em ficar com o Lipe já que nós dois ficaremos fora — continuou timidamente. — E vamos cancelar os finais de semana.

— Vocês dois poderiam viajar comigo. — Não fui nada delicada ao introduzir o assunto. Ter Anita tão presente em seus planos me irritava profundamente.

— Nós vamos trabalhar, e eu não posso ir em um voo comercial com esta perna, cuidando de muletas e do Lipe ao mesmo tempo.

— Eu falei viajar comigo. — Fui seca. — O avião é grande, tem lugar de sobra. Vamos apenas eu, Miranda e meu pai. Não seria problema ter vocês dois a bordo.

— Ah! — Eu sabia que ele queria negar, assim como também sabia que Alex faria o possível para evitar mais problemas comigo. — Se nós dois vamos trabalhar quem ficaria com o Lipe? — Escolhi a cápsula de café e liguei a máquina, evitando olhá-lo diretamente.

— Vamos ficar na minha casa. A que eu vivia com os meus pais antes de me mudar para cá. Temos muitos empregados por lá e não será difícil escalar alguém para ficar com o Lipe quando eu estiver trabalhando. Eu tenho eventos pontuais, não vou todos os dias e nem precisarei ficar o tempo todo por lá. — Dei de ombros. — E só vou ficar para o primeiro final de semana. Posso voltar com o Lipe ou ficar por lá enquanto você trabalha.

Alex continuou mordendo o lábio enquanto me encarava, pensando no que responder. Ele sabia que não estava em uma posição confortável para se negar a fazer como eu pedia só porque não queria usufruir da minha fortuna.

— Prefiro que vocês voltem — respondeu por fim. — Lipe precisa seguir a rotina. — Quase revirei os olhos. Que fixação por uma rotina! — Sei que com essas muletas não vou ter muita utilidade por lá, mas preciso dar um suporte a Lana. Vou entrar em contato com minha irmã para resolver a questão da passagem.

Respirei aliviada. Pelo menos ele não criou confusão, mesmo demonstrando que não estava muito contente com o arranjo. De certa forma me tranquilizava saber que Lipe estaria conosco e não me importava nem um pouco que Alex não gostasse da ideia.

— Ótimo! — Peguei a caneca fingindo interesse no café. — Vou avisar a Miranda e pedir para ela providenciar tudo. — Ele me lançou um olhar intrigado, mas não comentou nada. — Mais alguma coisa?

— Hum... sim. — Ajeitou-se no banco demonstrando estar ainda mais desconfortável. — Anita teve alta hoje. — Abri e fechei a boca diversas vezes sem saber o que poderia dizer.

Odiei o fato de tentar ser superior o tempo todo não buscando informações sobre ela. O que a cobra estaria aprontando agora que estava à solta? Por outro lado, com ela livre o nosso encontro poderia acontecer a qualquer momento, o que me levaria mais rápido ao mistério que Alex tanto tentava esconder.

— Ela ainda precisa de cuidados e...

— Ela te ligou? — Pela cara do meu namorado eu soube que sim. — Não está pensando em me pedir para cuidar dela também, não é? Porque agora só falta você colocar esta mulher aqui dentro. — Alex se assustou com a minha explosão. Céus! O que acontecia comigo quando o assunto era Anita?

— Claro que não, Charlotte! — Passou a mão no cabelo. — Se eu e Lipe somos um fardo muito pesado para você, eu...

— Droga! — Fechei os olhos tentando me controlar. — Não é nada disso, Alex! Eu só... perco a cabeça quando precisamos falar sobre esta mulher. Como se já não bastasse esses dias que estamos brigados por causa dela.

— Tudo bem. Você tem razão. — Fui pega de surpresa.

— Tenho?

— Claro que tem. Não estou sendo muito justo com você. — Pisquei várias vezes tentando me encontrar naquele assunto. — Anita se tornou um problema maior do que deveria ser só porque estou insistindo nela. Sei que não deveria impor a presença dela e não vou mais fazer isso. Aliás, foi exatamente por este

motivo que brigamos naquele dia segundos antes do acidente.

— Vocês brigaram?

— Não foi realmente uma briga, mas eu pedi para que ela se afastasse para que você tivesse mais espaço.

— Você fez isso?

E, droga, Alex conseguiu me fazer derrubar de uma só vez as minhas barreiras. Eu tinha consciência de que ele usava aquela conversa para me convencer a ficar mais receptiva, já que a situação dele não estava tão favorável, mas quem ligava para o meu lado racional quando meu coração batia descompassado pelo que ele acabara de me contar?

— E foi por isso que houve o acidente? — De repente eu me senti péssima. Se eles brigaram por minha causa e Alex se machucou, não seria nada satisfatória aquela vitória.

— Não exatamente. Estava chovendo muito e eu me distraí... o que causou o acidente foi a explosão do bueiro.

— Ah! — Senti meu rosto esquentando.

Naquele momento eu me sentia uma idiota por ainda brigar por causa de Anita ou por duvidar completamente do meu namorado por causa das sementes de discórdia que aquela mulher lançava.

— Vamos fazer as pazes? — ele sugeriu me olhando com intensidade, já que se aproximar era algo trabalhoso na sua atual situação.

— E estávamos de mal? — Ok! Foi uma pergunta ridícula, mas o que eu poderia dizer?

— Não. Não estávamos. — Ele esticou o braço e me puxou para perto. — Me beije. — A ordem foi dada com um tom de apelo que foi impossível não obedecer.

Deixei que Alex me acomodasse ao seu corpo e que desfrutasse da minha boca sem nenhuma resistência. Como eu disse: foram longos quatro dias que não passaram despercebidos. Eu estava sedenta de saudade. Alex brincou com minha língua, acariciando e chupando todas as vezes que eu a ofertava. Não tive medo do que aconteceria com os meus lábios, um batom os tiraria da atenção da minha sogra e não precisaríamos mais passar por aquele constrangimento, então deixei que Alex me devorasse como bem queria.

Sim, ele conseguiu me convencer. E sim, eu queria recompensá-lo por tirar Anita do meu caminho, por isso não voltaria a levantar o problema que me consumiu nos últimos dias e também me empenharia para fazê-lo esquecer.

— Nunca mais diga que vai me deixar — me repreendeu, rosnando em meus lábios.

Um tremor delicioso se espalhou em meu corpo, alojando-se exatamente entre as minhas pernas. Se provocá-lo me traria mais sensações como aquela essa seria a minha eterna missão.

— Você me provoca — pirracei, voltando a colar as nossas bocas.

Alex me mordeu e foi uma delícia. Gemi sentindo meu sexo ficar úmido. Mas uma pequena mão me despertou do transe em que eu entrava todas as vezes que Alex me segurava daquele jeito.

Lipe.

Forcei-me a separar nossos corpos e só então Alex se deu conta daquela pequena presença. Ele nos encarava com a cabecinha inclinada para o lado, com olhos curiosos e a boquinha em um biquinho que me deu vontade de apertá-lo.

— Beijo? — Seu rosto sério e feições concentradas me fizeram rir.

— Por que, quer um beijo também? — Ele sorriu daquela forma que me deixava rendida.

Putá merda! Lipe era uma versão melhorada do pai. Se é que podíamos melhorar alguma coisa em Alex.

Lipe tinha a graça típica das crianças e ganhava o coração de qualquer pessoa com aquele sorriso.

— Vou beijar você. Venha cá!

Ele gritou e começou a rir na hora em que o levantei do chão. Lipe se encolheu me impedindo de beijar o seu rosto. Ataquei seu pescoço, ganhando em troca uma gargalhada deliciosa. Eu ria livremente,

segurando com força enquanto me empenhava em conseguir beijar o seu rosto. Quando parei, acomodando-o melhor em meus braços, vi o Alex bobo nos olhando com tanta emoção que me comoveu. Só então me dei conta de que aquela era a primeira vez que eu beijava Lipe e os meus olhos também ficaram úmidos.

Alex

Lipe ficou inseguro quando embarcou, por isso permaneci tranquilo. Bem, tranquilo por fora. Não era novidade para ninguém que conviver com a fortuna da minha namorada me incomodava, mesmo eu tendo plena certeza de que se queria Charlotte para a vida toda eu precisaria me acostumar com aquela parte da vida dela.

Por isso não fiz nenhum comentário quando nos preparamos para a viagem, também me esforcei para não demonstrar aborrecimento. Concentrei-me no Lipe e no seu medo do avião. Pelo visto o mesmo aconteceu com Charlotte. Ela queria ajudá-lo e eu me embevecia com qualquer demonstração de carinho da minha namorada pelo meu filho. Eram momentos como aqueles que me faziam esquecer qualquer incômodo.

Anita ligou logo cedo pedindo para falar com Lipe. Claro que permiti. Eu precisava me manter longe dela, mas não poderia jamais afastá-la do afilhado. Eu acho que ela estava magoada pelo fato de eu não ter ido visitá-la. O que Anita queria? Eu também estava preso em casa, mal podendo me locomover. A Bienal seria um sacrifício necessário. Visitá-la não.

Lipe conversou com a madrinha demonstrando saudade, o que eu sabia que incomodava Charlotte, mas não quis esconder nada dela. Então assisti minha namorada fingir não se importar com aquela conversa, mesmo não conseguindo enganar ninguém.

No avião eu sentei ao lado do Lipe e Charlotte ao lado de Miranda. A mesa de centro foi providencial, pois eu ainda precisava manter a perna suspensa. Sem contar que sentar com um gesso acima da altura do joelho era realmente impossível.

Peter preferiu viajar na cabine. Eu ainda não havia conseguido relaxar perto dele desde que me mostrou a sua arma, no entanto deixar que um clima ruim se instalasse entre a gente não seria um bom plano. E eu era grato pela sua imensa generosidade com Marta e Anita, além dos cuidados que teve comigo e com minha família enquanto eu estive hospitalizado.

— Não se preocupe, assim que chegarmos eu confiro todas as mensagens —

Miranda falava ao telefone sem se importar com a decolagem próxima. — Claro que ela vai poder! Pode confirmar a presença de Charlotte. Obrigada, querido! Um beijo!

Encarei minha namorada tentando entender do que se tratava, e ela revirou os olhos demonstrando falta de interesse. Charlotte se inclinou para o Lipe e acariciou a sua mão.

— Quer alguma coisa? — Observei minha namorada se ocupar do meu filho com satisfação. Lipe negou com a cabeça e se encostou em mim. Ele estava realmente com medo. — Nós vamos ver as nuvens — ela sorriu e piscou com uma animação forçada, que Lipe não perceberia. — Eu acho que tem gosto de algodão-doce.

— Você nem vai acreditar o que acabei de agendar para você, Lottie. — Minha namorada suspirou e voltou ao seu lugar dando atenção a sua agente.

— Não me diga que me encaixou no último programa do Jô. — Cruzou os braços sem muito interesse no que Miranda tinha a revelar.

— Não, meu amor! Infelizmente neste eu não consegui te encaixar, mas acabamos de ser convidadas para o programa da Roberta Cruz e você sabe que a audiência dela é imensa. Eles vão fazer um programa inteiro sobre livros e leitores e você é a convidada de honra. — Sorri. Era uma grande oportunidade para divulgar o livro dela.

— Você sabe que detesto televisão. Não sou tão interessante para manter a audiência por muito tempo.

— Você é muito interessante — Miranda a corrigiu e Charlotte suspirou derrotada. — E o foco será nos seus livros, não você. Vamos ter perguntas das fãs, bate-papo básico, o de sempre. Fique animada! Uma divulgação como esta, alguns dias antes da sua participação na Bienal, é o sonho de qualquer autor.

— Miranda tem razão — corroborei.

— Eu sempre tenho — ela rebateu fazendo-me lembrar do motivo de eu sempre querer me manter distante. — Vai ser ótimo para você. Até o Alex sabe disso.

— Eu sempre sei. — Encarei a melhor amiga da minha namorada com certo deboche. Ela preferiu me ignorar e voltou a sua atenção para Charlotte.

— Então... hoje vamos ter o dia de folga, como você pediu, mas amanhã gravaremos o programa e temos também o programa de rádio que já estava agendado.

— Tudo bem. — Ela me lançou um olhar cheio de significados.

Eu a entendia, mas sabíamos que estávamos em uma viagem a trabalho e que não teríamos muito tempo livre, mesmo assim era complicado viajarmos juntos sem pensar em alguns momentos só nossos.

— Decolamos em cinco minutos. — Um comissário informou, levando o copo que Miranda havia dispensado.

Verifiquei o cinto do Lipe e ele se encolheu um pouco mais. Eu queria poder colocá-lo no colo, infelizmente não podia. Eu mesmo não me sentia muito à vontade em aviões menores, mesmo sendo um jato de puro luxo. Assim que sentimos que os motores foram ligados e o avião começou a se movimentar, abracei Lipe com um braço e mantive seu rosto bem próximo a ele tentando lhe transmitir segurança. Pouco tempo depois estávamos no ar. Ele assistia um desenho no tablet de Charlotte e parecia ter se esquecido que estávamos vários metros acima da terra. Miranda colocou os fones e se concentrou em conferir as mensagens, utilizando o celular no modo avião.

Charlotte era quem se preocupava. Muitas vezes a flagrei olhando pela pequena janela com um olhar distante, melancólico. Os seus suspiros de tempos em tempos justificavam minha apreensão. Eu sabia que não havia mais nenhum problema entre nós dois. Depois dos dias em que perdemos por orgulho, conseguimos dias de paz onde vivemos momentos maravilhosos.

Enquanto eu pensava a esse respeito ela me olhou. Havia uma saudade em seu olhar que dificilmente eu conseguiria aplacar, pois sabia que a mínima distância entre nós já nos deixava tristes. No entanto, eu também entendia que depois de tudo o que passamos aquela viagem poderia ser para que pudéssemos nos curtir um pouco mais, o que, aparentemente, não seria possível, já que nossas agendas estavam lotadas e, muitas vezes, incompatíveis.

Sorri buscando aquele brilho que ela sempre ostentava, mas, mesmo com o sorriso com o qual me retribuiu, não chegou nem perto do que eu almejava. Ele só surgiu quando ela olhou para o Lipe. O ar ficou preso em meus pulmões.

Lipe, avesso ao que acontecia, mantinha os olhos focados na pequena tela, enquanto Charlotte lhe presenteava com o sorriso mais verdadeiro e espontâneo que consegui assistir desde a sua volta para o Brasil. Seus olhos brilharam e ela finalmente ficou em paz. Foi lindo e impressionante.

Peter saiu da cabine e, segurando uma garrafa de água mineral, sentou-se na poltrona ao lado, nos

observando com atenção. Charlotte não notou a sua presença, no entanto ele percebeu o mesmo que eu e passou alguns minutos só olhando a filha com admiração. Até que ela finalmente desviou a sua atenção e o encarou.

O que vi não me deixou muito confortável. Charlotte se encolheu e a tristeza voltou ao seu olhar enquanto sustentava o do pai, que a fitava com o mesmo sentimento. Foi estranho. Muito estranho.

— Lottie — ele pigarreou para limpar a garganta. — Hoje eu vou ao hospital para uma reunião que não vai tomar todo o meu tempo — Ela suspirou e concordou. — Não quer me acompanhar?

O pedido nos pegou de surpresa. Ele foi claro. O convite era para Charlotte, não extensivo, o que me deixou ainda mais intrigado. Ela olhou para o pai e depois para mim, o rosto assumindo um tom avermelhado.

— Prefiro ficar e deixar tudo pronto para o Lipe. — Sua voz não tinha tanta firmeza, o que me surpreendeu. E o seu olhar inseguro lançado diretamente para mim só alimentou a minha desconfiança. O que estava acontecendo?

Charlotte

Por mais ridículo que pareça eu estava completamente constrangida por Alex ficar em meu quarto quando não éramos nem mais casados. Éramos simples namorados e aquilo soava estranho para mim.

Não que eu não quisesse o namoro. Eu queria. Aliás, fui eu que quis assim. Porém, nunca imaginei que algum dia em minha vida teria um namorado dormindo em meu quarto na casa do meu pai.

Definitivamente era embaraçoso.

E meu pai em momento algum me questionou quando eu disse, um dia antes, que precisava que fosse colocada mais uma cama em meu quarto para acomodar o Lipe. E lógico que eu precisei de muita coragem para fazer esse pedido, mas não tive escolha ou eu fazia ou precisaria passar alguns dias longe do Alex, afinal de contas, jamais permitiríamos que Lipe ficasse sozinho enquanto escapulíamos para nossas noites.

Mesmo assim, após o jantar e com um Lipe sonolento quase deitando sobre o prato, subi com a criança no colo, acompanhando o ritmo lento de um Alex que andava com auxílio de muletas. Na escada ele cheirou o cabelo do filho e encarou o seu rostinho, sorrindo. Aquela cena foi uma comprovação de que estava tudo bem comigo. Eu não precisava de mais nada.

Meu pai não pensava assim, e o seu pedido na noite passada, que foi a única coisa que me disse após eu ter avisado sobre Alex e Lipe dormirem no meu quarto, foi que eu não engravidasse. Esse era o seu grande medo. O meu também. E este pedido me desestabilizou de uma forma que quase me fez recuar em meu relacionamento.

— Está tudo bem? — Alex sussurrou assim que entrou no quarto.

Eu havia colocado Lipe na cama improvisada ao lado da nossa e troquei suas roupas pelo pijama da galinha pintadinha que ele tanto adorava. Olhei aquele anjinho e meu coração disparou. Mordi o lábio e apenas confirmei com a cabeça.

— Charlotte? — Ele me segurou pelo braço quando tentei passar para o closet. Nossos olhos se encontraram. — O que está acontecendo?

— Nada — rebati insegura. Claro que Alex percebeu.

— Não minta para mim. O que aconteceu? — continuou paciente e preocupado com o fato de que alguma coisa tivesse mudado. Ele não sabia que tudo havia mudado e que a mudança era irreversível.

— Não sei do que você está falando — menti. Não havia como falar sobre aquele assunto ali. Alex suspirou e alisou meu rosto.

— Você às vezes fica triste e seu pai hoje foi estranho. — Suspirei me sentindo cansada. Era horrível carregar o peso de uma mentira por tanto tempo.

— Ele não queria que você se esforçasse muito, por causa da perna. — Lógico que Alex só aceitaria aquela desculpa por não querer forçar a barra. — E hospital não é um ambiente para o Lipe.

— Eu sei que não é. Não vai me dizer o que está te deixando assim? — Olhei em seus olhos e resolvi contar parte da verdade, contudo, aquela era uma pequena parcela que apenas ocultaria a real verdade.

— Sinto falta da minha mãe. Só isso. — Seus olhos se compadeceram e eu me senti péssima por não estar lhe contando tudo. — É a Bienal. Ela estaria eufórica. — Alex sorriu e alisou o meu braço se equilibrando na muleta.

— Ela estaria muito feliz — ele confirmou mantendo os olhos carinhosos e o afago em meu braço. — Todos nós estamos. Você conseguiu realizar o seu sonho. — Sorri sem realmente me sentir feliz. Nem todos os sonhos eram possíveis para mim.

— Verdade. Vou trocar de roupa e já volto. — Deixei Alex no quarto e no closet consegui desfazer a minha cara de felicidade. Pelo menos de tentativa de felicidade.

Peguei a camisola que eu havia escolhido com muito cuidado, mas que naquele instante não me deixava animada. Alex ainda estava debilitado, porém nunca usamos esta desculpa para ficarmos longe um do outro. Principalmente depois que resolvemos parcialmente o nosso problema com Anita. Depois disso as noites ficaram mais interessantes.

Contudo, ali, mesmo tendo a intimidade de um quarto para nos resguardar, mesmo tendo a liberdade concedida pelo meu pai e, principalmente, mesmo sabendo que independentemente de como começaria, Alex conseguiria fazer a noite terminar de maneira satisfatória, eu não me sentia disposta.

Era a primeira vez que eu não sentia vontade de transar com ele. Na verdade, eu voltava ao meu estado de não me sentir disposta a nada. E isso também me preocupava.

Parte da minha obstinação em permanecer distante quando nos separamos se deu pela mudança brusca em minha vida. Eu não queria levantar todas as manhãs, não queria encarar as pessoas, não queria acordar e lembrar que a saída de Alex da minha vida foi somente um passo para todas as outras coisas que se sucederam e me fizeram almejar o esquecimento.

Demorou para que eu voltasse do meu ostracismo e, quando aconteceu, eu logo entendi que nada nunca mais seria como antes. Eu segui em frente. Cumpri tudo o que havia planejado, mas não esperava pelo meu retorno ao Brasil e conseqüentemente a minha reconciliação com Alex. E, depois de assistir o medo nos olhos do meu pai e reviver incansavelmente tudo o que havia me acontecido, eu me sentia voltando ao estado de indiferença em que me coloquei durante muito tempo.

— Charlotte? — Olhei pelo espelho e vi um Alex preocupado atrás de mim. — Você estava demorando.

— Ele se equilibrou nas muletas chegando um pouco mais perto.

Olhei para mim e vi que eu segurava a camisola sem reagir e que algumas lágrimas rolaram pelo meu rosto. Abaixei o olhar sem coragem para encarar o homem que eu amava.

— Amor, o que está acontecendo? — Ele deixou uma muleta de lado e me abraçou pelas costas. Seus lábios tocaram meu pescoço. — Por que você está desse jeito?

— Eu não sei — menti mais uma vez. — Voltar aqui tantos anos depois me deixou melancólica. Acho que é isso. — Seu abraço ficou um pouco mais apertado.

— Você não voltou depois da morte dela, não é? — Mais uma vez meus olhos ficaram marejados.

— Não. — Encarei meu eterno professor pelo espelho. — A sensação é de que ela vai aparecer a qualquer momento. — Ele sorriu e cheirou meu pescoço depositando mais um beijo.

— Deus me livre — brincou e riu. Acabei rindo também. Eu nunca imaginaria um Alex com medo de espíritos. — Vem para a cama — suplicou. Nem assim eu me senti animada.

— Estou cansada — afirmei sem querer ser direta. Ele me encarou pelo espelho sem demonstrar descontentamento.

— Então vem deitar. Está frio e eu preciso estar bem para amanhã.

Virei em sua direção e fui surpreendida com um beijo nos lábios. Foi gostoso, embora meu corpo continuasse apagado, sem vida. Alex se afastou e pegou a muleta que havia encostado na arara.

— Vamos, preciso te colocar para dormir.

Ele aguardou que eu passasse à sua frente e me acompanhou de perto. Ajudei ele a deitar na cama, acomodando a sua perna sobre o suave encosto e me deitei ao seu lado, assumindo a minha posição abraçada ao seu peito e permitindo que ele acariciasse minhas costas até que o sono me tomasse. E eu adormeci em paz.

Capítulo 29

“Coisa terna julgais que seja o amor? Não; muito dura: dura e brutal, e fere como espinho.” William Shakespeare

Charlotte

Aconteceu exatamente como prevíamos. Naquele dia eu acordei melhor e me entreguei a um amor preguiçoso e cheio de carinhos. Seguimos com nossas agendas, com Miranda se dividindo entre levar e buscar Alex ao local da Bienal e estar comigo nos meus compromissos.

Como combinamos, meu pai escolheu a funcionária de maior confiança para se responsabilizar por Lipe, e, claro, a alertou sobre tudo o que podia e não podia. O primeiro dia foi complicado. Eu tinha a tal gravação do programa e Alex precisava ajudar Lana com os compromissos da Bienal. Nós dois ficamos inseguros quanto a Lipe, então voltei para casa assim que pude, apenas para constatar que estava tudo bem e ele muito feliz, apesar do frio.

No dia seguinte eu tive a entrevista na rádio e Alex seguiria acompanhando de perto tudo o que envolvesse a sua editora. Ele voltava para casa empolgado apesar do cansaço. E eu e Lipe terminávamos de esgotá-lo, cada um da sua maneira.

Minha participação na Bienal Internacional do livro de São Paulo começou no quinto dia após a nossa chegada. Alex foi mais cedo, como sempre fazia. Eu só precisava ir no meu horário. Um bate-papo com mais duas autoras em uma tenda com o nome de uma revista famosa, organizado por uma blogueira que estava em destaque.

Miranda me acompanhou de perto, e foi uma determinação sua que me impediu de aparecer no estande da editora antes de cumprir a minha obrigação. Assim, aguardei quase uma hora na sala dos autores, sorrindo e conversando com escritores que eu nunca tinha ouvido falar e com outros que eu já havia encontrado em outros eventos, mas com quem não desenvolvi uma amizade. Por culpa minha, confesso. Ser tímida em um meio tão extenso não me ajudava muito.

Quando fui chamada para me apresentar na tenda, deixei-me conduzir por Miranda e mais três seguranças. As duas autoras se juntaram à comitiva e logo estávamos atrás de uma malha, aguardando a hora de entramos.

— Charlotte Middleton! — Uma delas exclamou com admiração sincera. — Sou fã do seu trabalho. — Sorri decorando o seu rosto. Aquela provavelmente era a Nanda Araújo, que escrevera uma série de livros eróticos que ganhavam o mercado. — Obrigada! — Olhei para a outra autora e ela me mediu com

certo despeito. — Então você é a autora que precisou apenas de um livro para fazer sucesso. — O

tom utilizado deixava claro que ela não acreditava que algo desse tipo fosse possível.

Não fiquei surpresa. Muita gente menosprezava meu trabalho por acreditar que o fato de eu ser uma herdeira multimilionária facilitou o meu ingresso no meio, já que eu conseguia abrir muitas portas. Outros defendiam que meu casamento com o editor-chefe da maior editora do país foi o que me lançou no mercado com tanta aceitação.

Bom, aquela era, sem sombra de dúvidas, Roberta Tanajura. A autora que se estabilizou no mercado devido aos problemas que gerava falando mal das colegas nas redes sociais. Um problema ambulante.

— Ah, seu livro é maravilhoso! Eu li — Nanda a interrompeu com entusiasmo. — Comprei o primeiro e já pedi a meu namorado para passar lá no estande para comprar o segundo. Se ele chegar antes de acabarmos você autografa para mim?

— Claro! — Vi a tal Roberta revirar os olhos.

— Obrigada! Eu estou tão animada! É um prazer tão grande estar com vocês duas aqui! — A garota continuava a fazer cara feia e eu estava cada vez mais desconfortável. — Charlotte, me conte o que vem agora. Qual a sua nova história?

— Ah... — Olhei para os lados buscando apoio. Miranda tinha desaparecido. — Tenho alguns projetos em mente.

— Ligados ao casal atual ou algo novo?

— Quero escrever algo novo, mas também quero contar a história do meu mocinho antes de tudo acontecer.

— Que máximo! — Nanda exultou.

— É prequel — Roberta murmurou com uma expressão cansada. Olhei para ela sem entender e mais uma vez a garota revirou os olhos. — Você quer escrever um prequel — continuei sem entender. — Santo Deus! A mulher é escritora e nem sabe que o que quer escrever é um prequel.

— O que é um prequel? Eu não sei o que é um prequel — Nanda se intrometeu enquanto eu tentava esconder a minha vergonha por não saber do que se tratava.

— Você não disse que quer contar o que aconteceu antes da sua história? — Confirmei com a cabeça sem coragem de abrir a boca. — Isso é um prequel.

Hum! Prefери ficar calada enquanto a outra autora falava sem parar. Prequel era um nome que jamais me levaria a aquela definição. Confesso que minha mente pervertida me fez pensar que o nome estivesse relacionado a certas brincadeiras sexuais, uma vez que as três escreviam romances eróticos. Eu poderia inclusive classificar algumas posições que facilmente receberiam o nome prequel.

— Do que está rindo? — Roberta me questionou impaciente e só então me dei conta do enorme sorriso que eu ostentava.

— Gostei da explicação. — Outro muxoxo que foi interrompido pela assessora nos convidando a entrar. Os gritos e flashes nos fizeram esquecer o assunto. Como num passe de mágica Roberta passou a exibir um sorriso exuberante e sentadas ali, de frente para uma plateia imensa, parecíamos amigas de infância. Quanta hipocrisia!

Alex

— Alex, as caixas chegaram? — Lana entrou na sala destinada aos nossos autores como um furacão. Apesar do frio que fazia do lado de fora do centro de convenções, dentro estava quente até demais.

— Ainda não — continuei organizando os marcadores que ela havia solicitado há cinco minutos.

— Estamos perdendo vendas — esbravejou. — Como podem demorar tanto? — Suspirei. Lana era ansiosa e imediatista. Mesmo depois de tantos anos de experiência ainda se aborrecia com os atrasos da Bienal.

— O estoque é perto, porém temos que contar com a burocracia, que é um saco, e os corredores estão lotados. Tenha paciência. Quem quer realmente o livro vai voltar para comprar. — Ela abriu a geladeira e pegou uma garrafinha de água mineral. — Onde está o Peter?

— Disse que ia dar uma volta. — Este detalhe me deixava aliviado. Peter estava estranho. Ou eu estava estranho. O calor não facilitava. Se estava ruim para quem conseguia andar com as duas pernas imagine para quem usava gesso e precisava do auxílio de muletas para se locomover.

— E Charlotte, quando chega? — Sorri diante da menção a minha namorada.

— A qualquer momento.

— Você nem faz ideia de quantas pessoas estão aguardando por ela aí fora. Não sei como descobriram que ela viria para cá. Vai acabar tumultuando a sessão de autógrafos da Natasha.

— Infelizmente não há como impedir que isso aconteça. Charlotte é um sucesso mundial. As pessoas querem estar com ela. E a Natasha está começando, não tem esse público ainda.

— É. Um empurrãozinho da nossa estrela não seria nada mal.

— Lana!

— Aff! O que custa um autor ajudar ao outro? Charlotte só precisaria sorrir para algumas fotos, abraçar a Natasha como se fossem amigas e sugerir que seus leitores comprem o livro da colega. Ninguém morre por isso.

— Nós não podemos pedir coisas deste tipo aos nossos autores. Eles fazem se assim o desejarem. — Deixei os marcadores sobre o balcão e fui me sentar. — E Charlotte não gosta de indicar livros que não leu.

— É apenas marketing, Alex! E não seria ruim vendermos mais alguns livros de outros autores. A ideia é levar o mínimo possível de volta para casa.

— Deixe Charlotte fazer por conta própria, tá legal? Nada de pressão. — Ela ficou irritada e saiu da sala.

Balancei a cabeça tentando me convencer que não era um protecionismo e sim o respeito aos autores, embora no fundo eu soubesse que se estivesse no lugar de Lana e se fosse outro autor eu faria a mesma sugestão. Talvez de maneira mais sutil.

— Charlotte ainda não chegou? — Ouvi a voz do Peter e o encontrei parado a porta.

— Não. Já acabou o evento dela?

— Já sim. — Entrou, fechando a porta e permitindo que o ar condicionado, mesmo não conseguindo trabalhar direito, nos refrescasse um pouco. — Pensei que ela e Miranda já estivessem aqui.

— Elas devem chegar a qualquer momento. Como está lá fora?

— Cheio. — Pareceu assustado, mas riu. — Encontrei alguns livros interessantes. — Bateu na sacolinha que levava na mão.

— Eu até precisava encontrar alguns amigos, conversar e saber das novidades do mercado, mas o gesso me impede. Com os corredores cheios não vou me arriscar a ser levado pela multidão.

— Você vai acompanhar a tal autora internacional?

— Não. Lana vai e eu vou ficar organizando as coisas aqui.

— Melhor assim. Não é bom forçar tanto a barra. Você ainda não está totalmente recuperado.

— Eu sei. — Peter olhou para a porta e parecia querer me dizer alguma coisa. Fiquei em alerta. Não precisava de outro aviso como o anterior.

— Charlotte se adaptou bem ao Lipe — Olhou-me como se quisesse descobrir algo que estava em minha alma. Mas o quê?

— Pois é. Eles estão mais entrosados do que imaginei ser possível — sorri e Peter tentou retribuir, no entanto sua expressão era de preocupação.

— Alex... — Aproximou-se um pouco mais. — Você e Charlotte conversaram sobre isso? Digo... essa aproximação repentina não te surpreende?

— Bom... sim. Sei lá, não é exatamente uma surpresa. Charlotte é uma pessoa boa e jamais me viraria as costas quando eu realmente precisava dela. Ela viu a situação e encarou. Foi bastante corajosa e graças a Deus deu certo.

— Compreendo. Vocês nunca conversaram sobre filhos? — Sorri tentando entender o que exatamente ele queria.

— Está querendo ser vovô, Peter? — Seus olhos brilharam e ele finalmente sorriu de verdade.

— Hum... se formos levar em consideração o relacionamento de vocês eu acho que já sou avô, não? E Charlotte não precisa exatamente gerar uma criança para ser mãe dela.

— É sim. Eu penso assim, só acho que é precipitado pensar em Lipe como filho da Charlotte. Acho que esta relação vai ser construída pelos dois e sem pressão. Nunca conversamos a respeito então não sei como Charlotte se sente sobre este assunto, nem o que ela espera.

— Mas... — Olhou outra vez para a porta. Estava cauteloso. Escolhendo as palavras. — Vocês querem ter mais filhos?

— Não seria uma ideia ruim, não é mesmo? — Não houve alegria no rosto do Peter após a minha resposta. Ele me encarava sério.

— Alex acho que precisamos conversar.

Uma gritaria do lado de fora desviou a nossa atenção. Levantei para verificar o que estava acontecendo quando a porta abriu e Miranda entrou, dando passagem para uma Charlotte corada que ainda acenava para suas fãs ensandecidas do lado de fora.

— Meu Deus do céu! Elas estão em todos os lugares — Miranda riu curtindo o tumulto.

— Oi! — Charlotte olhou para mim e depois para o pai, desconfiada. — Tudo bem?

— Fora o calor, está tudo ótimo — brinquei me aproximando para beijá-la. — Como foi o evento?

— Ótimo! Passei muito tempo autografando. Eles só permitiram para as pessoas que estavam dentro da tenda.

— Tem que ser desse jeito Lottie, ou então vira uma bagunça. Sente um pouco ou sua coluna não vai aguentar esses saltos.

— E o senhor, pai? Ficou o tempo todo aqui ou foi dar uma volta? — Ela ainda estava desconfiada, e eu, com a pulga atrás da orelha. O que Peter tinha para me dizer?

— Fui fazer umas compras — sorriu tranquilamente, dando tapinhas na sacola com seus livros.

— Que ótimo! — A porta voltou a abrir e uma Lana agitada entrou.

— Charlotte! Graças a Deus! Suas leitoras estão te aguardando há horas. O que faço? Você não pode autografar lá fora porque já temos uma autora fazendo a sua sessão de autógrafos e aqui dentro vai ser impossível. Por falar nisso, você poderia ir lá cumprimentar a Natasha. Ela adora o seu trabalho e ficaria tão feliz!

— Lana! — ralhei.

— A Natasha ama os livros da Charlotte. Não custa nada ser educada — rebateu sem se importar comigo.

— Claro que sim. — Charlotte se levantou ajeitando o vestido. — Ela é a que está lá fora sentada à mesa?

— Exatamente. Poucas pessoas compareceram, o que é uma pena. — Fez cara de preocupada. Tive vontade de matar a minha irmã.

— Eh... eu posso conversar um pouco com ela, quem sabe consigo chamar a atenção para o livro. — Lógico que Charlotte seria educada e se ofereceria para ajudar.

— Ótimo! — Lana se animou e eu queria avançar sobre ela para esganá-la. — Tive uma ideia. E se você

levasse um livro dela para ser autografado? As suas leitoras veriam e fariam o mesmo.

— Pode ser. — Olhou para Miranda que deu de ombros.

— Vou pedir o livro. Só um minuto. — Minha irmã saiu pela porta de dentro, que dava acesso ao caixa e chamou uma das funcionárias. Quando voltou não deixava de exibir o seu sorriso vitorioso. O mesmo que eu queria poder arrancar da cara dela. — Obrigada, Charlotte! Você é muito generosa. Venha.

— Já volto. — Minha namorada se deixou levar sem me olhar daquele jeito que eu bem conhecia. Que merda!

Peter não voltou a falar sobre o assunto que tanto me intrigou. Com Miranda dentro da sala eu sabia que ele não voltaria a me abordar, no entanto, depois do que conversamos eu não conseguia mais me concentrar em nada. Peter tinha algo importante para me dizer e eu queria muito descobrir o que era.

Charlotte

Cansada era pouco. Foram três dias de trabalho. Seis horas de autógrafo. Mais de três mil exemplares vendidos apenas no meu final de semana. Muitos gritos. Muitas fotos. Muitas entrevistas...

De banho tomado eu penteava meu cabelo observando Lipe dormir. Quase não consegui ficar com ele nos últimos dias. Estava frio e o menino acabou ficando gripando. Com tanta alergia a asma acabou atacando e passamos uma boa parte da noite anterior no hospital com ele.

Alex já estava acostumado, mas eu não, e ver Lipe naquele estado me assustou. Agora ele descansava enquanto eu verificava a sua respiração. Apesar da gripe ele respirava sem problemas. O nariz avermelhado e machucado pela coriza era uma marca da doença e partia o meu coração.

Por causa da saúde do Lipe adiantei a nossa volta. Alex ficou triste, mas também preferiu que Lipe estivesse de volta ao Rio e ao calor, então iríamos nos despedir naquela noite e passaríamos uma semana separados. Meu namorado entrou no quarto quando eu estava perdida em pensamentos.

— Como ele está? — Aproximou-se tentando não fazer barulho com as muletas.

— Bem melhor. Não teve febre o dia todo. Sem tosse — relatei as informações que a babá havia me passado um pouco antes.

— Que bom. — Acariciou minhas costas. — E você? — Suspirei derrotada.

— Quebrada em um milhão de partes. Meu corpo todo dói. — Ele sorriu.

— Esse é o lado ruim da fama.

— Hum! Vou repensar a minha carreira. — Alex se aproximou, segurou meu rosto e me beijou. Foi rápido, mas revigorante.

— Parabéns, amor! Estou orgulhoso de você.

— Obrigada! — Senti meu rosto esquentar.

Por tanto tempo sonhamos aquilo juntos e nunca tínhamos vivido de fato o que tanto buscamos. Ali estava o nosso momento de festejar e de comemorarmos.

— Você foi o assunto principal deste primeiro final de semana da Bienal. Todos os meios de comunicação comentavam o seu sucesso estrondoso.

— Eles exageram — brinquei, ficando ainda mais envergonhada.

— Eles até podem exagerar, os números não. — Alex me olhou com atenção. — Quando quis publicar o meu livro eu já imaginava que seria sucesso. — Acariciou meu rosto, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Só não fazia ideia que seria dessa proporção. Estou muito feliz.

— E eu devo isso a você. — Ele tentou negar com a cabeça, mas o impedi. — Se não fosse você, não

aconteceria. Eu não teria coragem, Alex. Você acreditou em mim e fez com que eu também acreditasse. — Você acreditava! Tanto que me fez entrar naquela ideia louca — ele sorriu. — A ideia mais maluca e gostosa que eu já me envolvi. — Sorri de volta sentindo meu corpo esquentar. Alex me beijou mais uma vez, com mais vontade e desejo. O seu gemido confirmou o que eu já esperava. Me aproximei tentando juntar nossos corpos, no entanto, como sempre, a perna ainda atrapalhava. Ele desceu a mão até minha cintura, acariciando-a. — Eu preciso de um banho. — A voz rouca me dizia que era sacrificante se separar de mim naquele momento. — Essa frase é minha. — Voltei a colar as nossas bocas e ele riu. — Eu preciso realmente de um banho. Sem a necessidade de fuga. — Se afastou me encarando. Havia tanto amor naquele olhar que meu coração disparou. — Obrigado por cuidar do Lipe para mim — sussurrou com veneração. — Vou sentir falta de vocês dois. — Vamos ficar bem. Fique e venda muito os meus livros. Faça-me uma mulher rica. — Ele riu e me beijou rapidamente. — Não se atreva a dormir, mocinha! — Pode deixar. Enquanto Alex se empenhava em tomar banho com aquela perna engessada, eu observava Lipe dormir. Aquela era uma cena que eu tinha me acostumado a vivenciar e adorava. Tanto tempo ao lado daquele menino e eu já começava a me torturar com o fim daquela brincadeira de casinha. Porque, em algum momento, eu teria que voltar para casa e deixar o relacionamento seguir o seu curso normal. Não era esse o plano? Namorar, curtir amassos no sofá, as despedidas fogosas na porta de casa... não acordar todos os dias com o despertador maldito para não se atrasar para a escola do Lipe, não precisar fazer o gagau nem curtir seus olhinhos fechados de prazer ao degustar a iguaria. Seria não precisar aguardar quase duas horas de aula de pintura na escola, nem precisar acenar na natação todas as vezes que ele conseguisse cumprir a missão ditada pelo professor. Eu não ouviria mais Mundo Bitá todos os dias, cantando por osmose as suas canções ou me preocuparia com remédios, banhos, hora do soninho, as alergias... seria como não ter um filho. Era o que eu queria? — Não vejo a hora de tirar esse gesso e... — Limpei rapidamente a lágrima que escorreu pelo meu rosto, porém sabia que não fui rápida o suficiente para esconder o fato do meu namorado. — O que aconteceu? — Com a toalha enrolada na cintura, Alex se aproximou com as muletas. — Nada. — Charlotte? — Droga! Eu só estava pensando bobagens. Nem sei por que chorei. — Lógico que ele não cairia nessa. — Eu só estou cansada e mente cansada faz essas coisas com a gente. — Tem certeza? — Claro que tenho. — Revirei os olhos e me encostei no travesseiro. — Estava pensando no que me disse a pouco. Sobre o meu sucesso como escritora. Acho que fiquei emocionada. — O calor que tingia meu rosto me ajudou a encobrir a verdade. — Amo quando você fica emocionada. — Alex sorriu com carinho, deixou as muletas ao lado da cama e se estendeu no colchão. — E eu amo quando você fica totalmente sem roupas. Olhei sugestivamente para o seu corpo, indicando que a toalha deixaria a sua cintura, revelando um Alex nu e perfeito. Ele olhou para o próprio corpo e sorriu com malícia para então se acomodar melhor na cama. — E eu odeio quando você está completamente vestida. — Está frio.

— Eu vou te esquentar. — segurou-me da forma como podia, já que a perna realmente nos atrapalhava. Suas mãos subiram pelas minhas costas, por dentro do casaco de lã e encontrando a camisa que eu usava por baixo. — Para que tantas roupas? — resmungou com a boca em meu pescoço.

— Estava frio — ele riu.

— Estava? Pensei que você tinha dito “está frio”.

— Isso foi antes de você colocar as mãos em mim. — Alex gemeu me puxando para perto enquanto eu tentava arrancar o maldito casaco de lã.

Deus, eu amava os gemidos do Alex!

Assim que consegui me livrar do casaco e da camisa, conservando o sutiã, montei no colo do meu namorado e paramos cientes de que estávamos fazendo barulho demais e Lipe dormia ao lado. Alex sorriu com malícia, segurando em minha bunda e me puxando um pouco mais.

— Preciso te livrar desta calça — reclamou baixinho, enfiando as mãos por dentro do meu jeans.

— Eu me livro da calça, você fica aqui bem quietinho. — Levantei da cama já abrindo a peça.

Pensei em tentar ser sensual, até imaginei a cena antes de fazê-la acontecer. A estatística apontava para os piores desfechos possíveis e eu bem conhecia aquela história: meu pé ficaria preso na calça, eu cairia sobre a perna do Alex e provavelmente a quebraria em mais dois lugares.

Definitivamente era melhor não arriscar.

Então abaixei a calça sem nenhum floreio, mesmo com aquele olhar quente me avaliando e aproveitei para me livrar também do sutiã e da calcinha, afinal de contas Alex já estava sem nada mesmo, por que não fazer o mesmo? Meu namorado aprovou minha ousadia e me recebeu tirando os cobertores para que eu pudesse me acoplar ao seu corpo e ao mesmo tempo nos proteger caso Lipe acordasse.

Merda! O que estávamos pensando? Lipe dormia ao lado e eu tive a ousadia de levantar para tirar a roupa? Meu Deus, eu só podia estar louca! Todos os outros dias tivemos o cuidado de fazer tudo embaixo dos cobertores. Tudo bem que não era a melhor de todas as transas, tudo muito silencioso e sem grandes movimentos, mas era gostoso, carinhoso e chegava até a ser romântico. O importante era não acordar o Lipe.

Naquela noite, sendo ela uma espécie de despedida, vacilamos. Ou quase vacilamos. Ali, nos braços do Alex, segura pelos cobertores que nos cobriam parcialmente, sentada em seu colo e sentindo o seu sexo rígido roçando a minha entrada. Ele me acolheu me beijando imediatamente.

Sua língua serpenteou em minha boca ao mesmo tempo em que suas mãos brincaram em minha pele.

Antes estava frio, agora a temperatura subiu rapidamente e eu estava fervendo.

Alex segurou firme em minha bunda me fazendo roçar seu sexo em uma fricção gostosa, enquanto me alisava com vontade. Nosso beijo ficou mais profundo, fazendo com que meu corpo inteiro reagisse. Ele subiu a mão e tomou meu seio, que coube perfeitamente na sua palma. O bico já sensível enrijeceu sob o contato. Gemi extasiada.

Alex apertou meu seio com cuidado, apenas com a pressão exata para me fazer arfar, enquanto sua língua me mantinha firme em nosso beijo fazendo minha mente voar e meu corpo relaxar consideravelmente, esquecendo todo o restante.

Seus dedos beliscaram o bico do meu seio. No mesmo instante ele desceu os lábios pelo meu queixo, arranhando a minha pele com os dentes e descendo ao encontro do outro seio que implorava por atenção. Senti seus lábios se fechando me fazendo puxar o ar com força e soltá-lo de vez quando iniciou a leve sucção.

— Ah, céus! — gemi me controlando para não ultrapassar os limites e acabar acordando o Lipe. — Não pare! — implorei segurando-o pelos cabelos.

Alex me obedeceu e a sucção ficou mais intensa, marcando-me não apenas na pele, também na alma. Movimentei-me devagar, espalhando a umidade do meu sexo no dele, demonstrando o quanto eu o queria, e lhe dando permissão para me tomar quando bem quisesse.

Ele entendeu o recado e, sem afastar a boca do meu seio, segurou seu membro para melhor posicioná-lo. Levantei permitindo que a cabeça do seu pau se alojasse em minha entrada e então pude deslizar para baixo, recebendo-o, sentindo minha carne se abrir e estremecer ao ser tocada de forma tão íntima. Libertando o meu seio, seus lábios voltaram a buscar pelos meus, sufocando nossos gemidos. Ansiosa não me dei por rogada e iniciei os movimentos, cavalgando em meu namorado, sabendo que assim eu arrancava dele um prazer mais urgente, enquanto trazia para mim um orgasmo que rapidamente atendesse aos meus anseios.

Alex me apertava, deixando suas mãos abusarem de mim, estando ora em minha cintura, forçando o rebolado e ora em meus seios, pressionando-os, provocando-os. Era uma mistura formando o todo e me levando para um oceano profundo, mágico e excitante.

E o fogo cresceu dentro de mim, queimando-me e me consumindo. Um incêndio completo, forçando-me a manter o movimento até que meu namorado me segurasse no lugar, explodindo e jorrando dentro de mim o seu amor.

Gozamos juntos. Corpos acelerados perdendo o ritmo, alimentando-se do prazer libertado, ficando cada vez mais lento. As respirações descompassadas, o ar que faltava, pois tinha escapado dos pulmões no rompante da luxúria. As mãos que ainda buscavam e os lábios que insistiam em se manter unidos. Eu podia dizer, se conseguisse nos olhar de fora, que aquela poderia ser uma pintura que retratava perfeitamente o amor. Porque naquele momento eu era apenas amor e gratidão.

— Vou sentir a sua falta — sussurrou mantendo meu rosto bem próximo ao dele. Meu coração inflou.

— Eu te amo, Alex! — Ainda de olhos fechados eu pude sentir o seu sorriso.

— Você nem imagina o quanto eu te amo — confessou me segurando em seus braços.

Deitei sobre o seu peito e pude sentir o seu coração. Parecia que o meu batia no mesmo compasso, com o mesmo amor e a mesma esperança.

Eu amava Alex. E este amor era tão forte que transporia qualquer barreira, suportaria qualquer situação e se fortaleceria a cada obstáculo derrubado.

Capítulo 30

“Se o amor convosco é duro, sede duro também com ele, revidando todas as pancadas que der. Ponde-o no chão.” William Shakespeare

Charlotte

Os dias passaram deixando-me acreditar que estava tudo bem e que todos os medos e inseguranças não tinham mais sentido. Isso é o que faz a vida ser engraçada. Quando está tudo bem esquecemos o que existe de ruim e nos deixamos iludir, desfrutando os dias de paz e das promessas que fatalmente acompanham momentos como estes.

Quando deixei São Paulo meu coração estava leve. Eu me sentia realizada profissionalmente pela primeira vez em toda a minha curta carreira. Era como se eu tivesse passado os três anos em que me consagrei mantendo tudo suspenso no ar, aguardando até que Alex estivesse de volta para então usufruir daquela alegria.

Junto com isso eu poderia somar o meu relacionamento que parecia de contos de fadas. Alex estava tranquilo, carinhoso e sempre demonstrando o seu amor. Ele não dizia, mas o meu relacionamento com o Lipe havia lacrado as portas da nossa relação deixando todo o restante de fora. Éramos inabaláveis, ou era o que acreditávamos.

Por isso esquecemos que os problemas jamais poderiam ser varridos para debaixo do tapete, pois um dia alguém poderia levantá-lo e espalhar toda a sujeira. Recolher e organizar tudo poderia ser tão trabalhoso quanto impossível.

Então, navegando naquela maré mansa que havia se tornado a nossa vida, eu e Alex vivemos dias de paz. Eu cuidei do Lipe por tempo demais para precisar me afastar quando meu namorado finalmente voltou para casa, então, mesmo não dormindo lá todos os dias, eu sempre estava presente, pois Alex tinha que trabalhar, envolvido em infindáveis reuniões, frutos da Bienal.

E eu? Bom... eu usava como desculpa o fato de poder escrever em qualquer lugar e, realmente, Lipe nunca atrapalhava. Eu até gostava de observá-lo enquanto estava reorganizando as ideias.

Marta voltou um mês após o acidente e nem por isso eu deixei de ser importante para aquela família. No entanto, assim como Marta conseguiu se restabelecer para voltar, Anita também reapareceu. Ela ia na casa do Alex, não com a mesma frequência, mas se mantinha presente para o Lipe.

Alex não impedia Lipe de estar com ela. Ele não queria que acabasse de uma maneira ruim então me pediu um tempo para que o afastamento parecesse natural e Anita seguia este rumo, mantendo-se longe do Alex, embora muito mais próxima do Lipe.

Naquele final de tarde carioca eu jamais poderia imaginar o que nos aguardava. Estacionei na porta da casa do meu namorado, utilizando o carro que o seguro havia enviado e que, devido ao ainda impedimento da sua perna, estava comigo até Alex poder dirigir. A casa estava silenciosa como sempre, mas eu sabia que ele estava lá.

Abri a porta com a minha chave e fui surpreendida por um Lipe cheio de energia que se atirou em cima de mim na primeira oportunidade. Rimos e eu curti os seus gritinhos enquanto fazia cosquinha em seu corpinho. Marta nos acompanhava de perto, rindo contagiada pela alegria dele.

A minha função naquele dia era simples: liberar Marta, que precisava ir ao médico que acompanhava o seu caso e as dores na coluna, resquício do acidente, ficar com Lipe até a hora de sairmos para buscar Alex e de lá iríamos jantar na casa de Lana, apesar da ameaça de chuva prevista para aquele dia.

— Preciso adiantar para não ficar presa no trânsito. O horário já não ajuda e com essa chuva... — Marta reclamou buscando a bolsa para sair.

— Eu posso te levar — sugeri enquanto arrumava a camisa do Lipe que tinha subido com a minha brincadeira.

— Não precisa — sorriu sem graça. — Não vou fazer você se deslocar só para me levar.

— Não tem problema. A sua consulta é no hospital?

— É sim. Sou muito grata ao seu pai. Ele é um homem muito generoso.

— Ele é. — E era sempre assim quando alguém falava do meu pai, eu sentia meu coração inflar. — Nós vamos ter que buscar Alex na editora e não é um desvio muito grande.

— Não está muito cedo? — Estava, só que eu tinha outros planos.

— Vamos parar para tomar um sorvete. — Pisquei para Lipe que começou a pular fazendo uma dancinha maluca. Rimos. — Mas vai ser um bem pequenininho porque vai chover e eu não quero ninguém doente aqui.

— Vai chover, mas não aliviou nem um pouco o calor de hoje — Marta completou olhando pela janela.

— Vamos Lipe. Já que ganhei uma carona posso demorar mais um pouco para te arrumar.

— Obrigada!

Ela pegou Lipe no colo e subiu para providenciar tudo o que precisávamos. Aproveitei para conferir mais uma vez a bendita lista de alimentos proibidos. Confesso que no início fiquei tensa com a possibilidade de fazer alguma coisa errada, mas, como Dana ficou responsável pela nossa alimentação, Alex voltou para casa e Marta já havia assumido o seu posto, eu simplesmente relaxei. Deixava para conferir somente quando precisava sair do habitual.

Certa de que não havia nada que Lipe não podia consumir, saímos de casa ansiosos pelo sorvete. Escolhi uma sorveteria próxima à editora, assim não precisaríamos ficar atentos ao trânsito ou horários.

Deixamos Marta no hospital. Eu não quis entrar até porque meu pai estava viajando com Johnny, então eu nada tinha para fazer naquele lugar que não me trazia nenhuma boa lembrança.

— Animado, Lipe? — Ele estava sentado na sua cadeirinha, olhando para fora do carro com os óculos tortos, mas parecia não se importar.

— Loti é mamãe?

Fiquei em choque e o carro que vinha logo atrás do meu passou por mim buzinando como se estivesse me dizendo os piores xingamentos possíveis. Rapidamente voltei a minha atenção para o trânsito, as mãos tremendo, a respiração acelerada e o suor descendo pelas minhas costas.

Eu não fazia nem ideia do que poderia responder, porém o que me emudeceu realmente foi o fato de não saber o que queria dizer. Encarando a pista a minha frente, as mãos apertando o volante, deixei morrer o assunto. Perdi a oportunidade de dizer alguma coisa construtiva, ou qualquer coisa que definisse de uma vez por todas o que vivíamos. Incapaz de falar, deixei que tudo se perdesse.

— Papai vai? — Limpei a garganta recuperando a voz.

— Não. Papai está trabalhando. — Não havia emoção em minha voz. Eu ainda estava bastante abalada.

— Nós vamos buscá-lo e depois vamos para a casa de Catarina e Valentina e vocês vão poder brincar muito.

Olhei pelo retrovisor captando o seu sorriso. Ele endireitou os óculos e se espreguiçou. Minha cabeça não parava de repetir a sua pergunta e a cada segundo eu me sentia pior. Miseravelmente pior.

Que a nossa relação tendia para este lado eu não podia mentir que não sabia. O problema era externar. Colocar em palavras o que só havia como sentimento. Tornar real o que para mim era apenas um sonho bom.

A conversa acabou ali. Pensativa, dirigi quase que no piloto automático. A sorveteria não era tão próxima da editora, porém não nos deixaria em uma situação ruim, já que para buscar Alex não demoraríamos mais do que dez minutos.

Lipe pulou do carro com energia renovada. O estabelecimento tinha um painel luminoso bastante colorido, projetado especialmente para despertar a atenção das crianças. Sem contar que, a variedade e opções de cobertura, que poderiam ser servidas diretamente pelos seus pequenos consumidores, era um atrativo a mais.

— Chocolate! Chocolate! — Lipe correu para o interior da sorveteria, fazendo-me acelerar os passos.

— Calma, calma, rapazinho! Antes vamos lavar as mãos e depois fazer o nosso pedido ao moço ali para só depois colocarmos todas essas gostosuras. — Ele fez muxoxo se deixando conduzir ao lavabo.

— Chocolate? — Olhou-me com aquela carinha de menino pidão que derretia o meu coração.

— Para falar as bobagens que você gosta de comer as palavras saem certinhas — reclamei, já aceitando o cardápio oferecido pelo garçom. — Dois sorvetes de chocolate, por favor. — Pisquei para Lipe que sorria como se eu tivesse dito palavras mágicas.

Rapidamente os sorvetes chegaram e eu precisei deixar a minha taça sobre a mesa para acompanhar Lipe. Eu precisava ficar atenta a tudo o que ele pegava, associando à lista feita por Alex e rezando para não ter esquecido nada do que eu decorei que pudesse ser colocado em um sorvete inocente.

Com um sorriso do tamanho do mundo e os olhos quase vinhos de tanto que encarava a taça em suas

mãos, Lipe começou a lamber o sorvete antes mesmo de chegar à nossa mesa.

— Cuidado para não sujar a roupa. Lembre-se que ainda vamos na casa da tia Lana, tá bom?

— Tá bom! — E sua boca já estava cheia de sorvete, confetes, castanhas e amendoim.

— Não fale com a boca cheia. Vai melecar tudo. — Peguei o guardanapo para ajudá-lo com a bagunça enquanto ele continuava enfiando porções e mais porções da mistura em sua boquinha.

Olhei a criança tão frágil diante de mim e meu coração apertou. Por que eu não falei nada? Por que não aproveitei o momento para termos aquela conversa? E onde eu estava com a cabeça para acreditar que aquela conversa poderia acontecer com uma criança que nem tinha completado três anos? Lipe certamente nem sabia o que dizia, ou apenas repetia o que alguém tinha dito. Provavelmente ali, naquele momento, ele nem se lembrava mais o que me perguntou.

Levei a colher à boca sem sequer sentir o sabor do sorvete. Os olhos fixos em meu enteado, mas sem enxergá-lo de fato. O que Alex pensaria a respeito daquela pergunta? E como ele nos via? Lipe levou a mão ao pescoço coçando-o. A boquinha toda melada de chocolate. Peguei o guardanapo para limpá-la quando percebi que ele já finalizava o seu sorvete, enquanto o meu derretia sem que eu tivesse me dado conta.

— Será que seu pai já está livre? — Ele tossiu, voltando a coçar o pescoço. — Você está bem? — Lipe fez uma careta voltando a tossir. — Lipe?

Então notei que em seu pescoço algumas placas vermelhas apareciam. Um frio correu minha espinha fazendo-me levantar. O que eu tinha deixado passar? Tudo o que ele consumiu não estava na lista, eu tinha certeza.

— Lipe, olhe para mim? — Meu pânico alertou a moça da mesa ao lado. — Olhe para mim, bebê — sussurrei desesperada ao notar que a orelha dele estava um pouco mais grossa.

Put a que pariu!

A mochila dele estava no carro e eu pensei nisso exatamente quando a chuva grossa e forte começou a cair. Marta certamente colocara algum remédio para ocasiões como aquela. Peguei minha bolsa, chamei o garçom e lhe entreguei uma nota de cinquenta reais. Eu precisava sair de lá o quanto antes.

— Venha comigo. — Puxei um Lipe já totalmente vermelho para o meu colo. — Meu Deus, Lipe! O que eu fiz de errado? — Acelerei para fora da sorveteria com o garçom em meu encalço.

— Moça. — Sua voz assustada me deixou ainda mais apavorada. — Seu troco.

— Pelo amor de Deus, meu senhor! E eu quero lá saber de troco? — A chuva forte nos ensopava.

Acionei o alarme do carro e abri a porta traseira para colocar Lipe na cadeirinha.

Foi quando o senti puxando o ar com força. Não foi parecido com o seu ataque de asma. Era muito pior.

Acendi a luz e encarei uma criança vermelha, os olhos inchados e a boca aberta procurando pelo ar.

— Lipe? — gritei desesperada. — Lipe? — Abri a mochila procurando pelo remédio e não o encontrei.

— Merda! — Corri para fora dando a volta no carro para assumir o volante.

— A senhora precisa de ajuda? — O garçom continuava ao meu lado.

— Preciso chegar ao hospital — Liguei o carro antes mesmo de fechar a porta e arranquei sem ouvir o que o rapaz dizia.

Com as mãos tremendo procurei meu celular na bolsa. Eu precisava avisar o Alex, mas todas as vezes que eu olhava para Lipe eu só pensava em conseguir chegar o mais rápido possível. O hospital não estava distante, o problema era a chuva e o trânsito que logo me obrigou a desacelerar consideravelmente. Eu o ouvia tentar respirar e comecei a sentir como se o meu próprio ar faltasse.

— Lipe, por favor! Agente firme!

Buzinei como se essa atitude pudesse abrir o caminho para mim. A chuva engrossava cada vez mais. Eu precisava sair dali. Faltava pouco. Muito pouco. Mas o carro não andava. Parecia que o mundo estava desmoronando bem na minha frente.

Sem conseguir pensar em mais nada, peguei a minha bolsa passando-a pelo braço e deixei o carro. Abri a

porta traseira, tirei Lipe da cadeirinha carregando-o no colo. Eu precisava tentar chegar. Comecei a andar o mais rápido possível, já sabendo que não era o suficiente, então arranquei as sandálias de saltos médios e comecei a correr pela rua com Lipe nos braços, rogando a Deus para não me deixar cair e acabar com tudo de uma vez.

Vi quando alguns carros buzinaaram, mas nem me virei para saber a confusão que havia causado ao abandonar o carro no meio da rua. Eu precisava salvar Lipe e naquele momento essa era o meu único pensamento.

Não sei de onde tirei forças para prosseguir. A chuva forte tentou me impedir de todas as formas, mas as minhas pernas seguiam em frente, como se tivessem vontade própria, enquanto meus braços não cediam nem um centímetro do abraço apertado que o mantinha junto ao meu corpo, emprestando o ritmo do meu coração e dos meus pulmões, para que Lipe permanecesse forte, que insistisse e lutasse.

— Já estamos chegando — eu repetia insistentemente, como um mantra que me fazia prosseguir. — Estamos chegando, bebê.

Eu não conseguia chorar. Tudo em mim estava focado em conseguir chegar e todas as minhas energias eram guiadas pelo mesmo objetivo. Então quando virei a esquina e dei de cara com o hospital comecei a gritar por ajuda. Um carro que estacionava próximo a guarita me ouviu e correu para alertar na recepção. Antes que eu conseguisse alcançar a entrada da emergência duas pessoas já corriam em minha direção. Graças a Deus!

— Charlotte Middleton — falei ofegante. — Eu sou Charlotte Middleton. — Vi quando eles se entreolharam entrando no salão da emergência onde uma maca aguardava por nós. — Ele comeu alguma coisa que provocou reação alérgica. — continuei em pânico ao constatar um rosto inchado e os lábios roxos. Rapidamente Dois homens de branco começaram a verificar os sinais vitais, levando a maca para dentro. — Ele é alérgico a quase tudo.

— Choque anafilático — um dos homens falou para o outro, ganhando a sua atenção. Passamos pela primeira porta enquanto o outro homem corria na frente para providenciar o que era necessário. — Colapso cardiorrespiratório — gritou ao passarmos para outra área do hospital enquanto uma enfermeira colocava uma máscara de oxigênio no Lipe. — Vamos injetar adrenalina, tem que ser agora — ele falou enquanto a maca ganhava mais velocidade.

— Senhora? — Uma mulher segurou meu braço. Eu não queria parar. Precisava acompanhá-lo.

— Eu sou Charlotte Middleton. Sou a herdeira deste hospital então não me impeça de entrar — rosnei. — Meu filho está morrendo.

E então as lágrimas desceram como se só naquele momento eu me desse conta do que estava acontecendo e do que eu poderia perder.

Alex

Tremer e me equilibrar sobre muletas não era nada agradável. Meu coração acelerado e a ansiedade que o medo me causava iam de encontro ao marasmo dos meus movimentos devido ao gesso em minha perna. Mesmo assim eu segui em frente, ganhando cada metro daquele hospital para encontrar o meu filho.

Quando me ligaram para avisar que Lipe dera entrada na emergência, levado por Charlotte eu pensei que meu coração não suportaria o terror. Patrício e João me acompanharam, e foi graças a eles que eu não surtei de vez. Meu irmão ligou para Miranda, que ligou para Peter que estava chegando em casa e se empenhou em conseguir maiores informações. E foi ele mesmo quem me ligou para dizer que Lipe não corria risco de morte e que estava muito bem assistido.

Mesmo assim eu não sosseitaria até colocar meus olhos nele e me certificar de que tudo estava bem

mesmo. Não entendia o que podia ter acontecido. Charlotte conhecia a lista, nunca tinha vacilado, então a única justificativa seria uma reação alérgica a algo ainda não descoberto. O que era uma merda!

— Lana está vindo para cá — João avisou e só consegui assentir enquanto avançava em direção a UTI pediátrica.

De longe eu avistei Charlotte. A posição em que estava, com os braços apoiados nos joelhos e o rosto nas mãos, os cabelos fazendo uma cortina e escondendo ainda mais a sua face, quase irreconhecível. Mas eu sabia que era ela e não conseguia saber como agir.

Os passos ecoaram no piso, fazendo-a virar em nossa direção. Seus olhos encontraram os meus e eu pude ver o pavor que ela sentia. Foi um dos motivos para refrear os meus impulsos.

— Charlotte? — João a chamou como se estivesse surpreso.

— Como ele está? — Patrício se apressou, mas manteve distância. Eu apenas encarava o seu rosto sofrido, os cabelos molhados e desgrehados.

— Bem melhor. — Sua voz frágil demonstrava seu sofrimento, mesmo assim eu ainda não conseguia me aproximar. — Os médicos informaram que serão necessárias setenta e duas horas na UTI.

— Porra! — Patrício resmungou e João se aproximou da minha namorada, colocando a sua jaqueta em seu ombro. Só então me dei conta de que ela estava molhada. Ensopada.

— O que aconteceu? — Consegui falar, dominando a minha raiva.

— Eles disseram que foi o amendoim, mas...

— Amendoim? Você deu amendoim a ele? — Não consegui evitar a voz alta. Como Charlotte pode ser tão descuidada?

— Nós paramos para tomar um sorvete e ele colocou todas as coberturas que quis, eu não sabia...

— Como não? Está na lista — rebati sem paciência. — Está na maldita lista presa na geladeira, Charlotte! — Patrício colocou a mão no meu peito para me advertir.

— Não estava. — Ela parecia mais assustada com a minha reação do que com o ocorrido. — Eu olhei a lista e não tinha amendoim.

— Lógico que tinha. — Recuei ciente de que minha raiva não seria nada boa. — Eu mesmo coloquei na lista. Era o último alimento.

— Não tinha — rebateu com raiva e indignação. — Eu olhei aquela lista por dias e não tinha amendoim.

— A sua convicção me fez calar.

— Alex, você tem certeza de ter colocado amendoim na lista? — João tentava apaziguar. — Cara, às vezes a gente pensa que fez uma coisa, mas só aconteceu em pensamentos mesmo.

— João... — respirei fundo. Eu tinha colocado na lista e ninguém me convenceria do contrário. — Estava lá.

— Não estava — ela falou outra vez com raiva. — O que você acha que eu sou? Uma irresponsável? Acha mesmo que ofereceria qualquer coisa a uma criança extremamente alérgica sem me preocupar com as consequências? — Olhei para Charlotte me conscientizando do que estava fazendo. Ela nunca faria aquilo por negligência.

— Eu quero ver o meu filho.

Vi Charlotte se afastar decepcionada com a minha reação. Nós precisaríamos conversar, mas antes de qualquer coisa eu precisava ver o meu filho e conversar com o médico.

Enquanto João cuidava de Charlotte, Patrício me ajudou a chegar na recepção e após a identificação eu fui recebido pelo médico, a pedido do Peter. Ela me informou que Lipe teve um choque anafilático causando um colapso cardiorrespiratório, que foi rapidamente atendido e não corria risco de morte. Como Charlotte havia informado, Lipe ficaria por setenta e duas horas em observação, pois, segundo o médico, eles precisavam monitorar os seus sinais vitais, já que algumas reações poderiam acontecer tardiamente. Eu ainda estava nervoso, embora mais aliviado ao saber que meu filho estava bem.

Assim, após a conversa breve e esclarecedora, consegui entrar no quarto em que Lipe estava e fiquei chocado. Seus olhos ainda estavam inchados, assim como o nariz e as orelhas. A pele vermelha indicava a alergia. Ele dormia devido à anestesia geral, mais um procedimento necessário.

— Quando ele acordar já vai estar mais desinchado — a enfermeira me informou. — Os sinais vitais dele estão ótimos. — Concordei limpando a lágrima que descia pelo meu rosto. — A mãe dele conseguiu chegar a tempo. Coitada! Estava tão desesperada! Mas ela chegou, mesmo com toda a chuva que cai lá fora.

Não desmenti seja lá o que Charlotte tenha dito, ou que a mulher tenha deduzido. Eu estava grato por minha namorada ter conseguido chegar, mesmo assim, ainda precisávamos conversar e descobrir o que realmente havia acontecido.

Acaricieei os cabelos do meu filho, sentindo meu coração apertado. Talvez se eu ficasse em casa aquilo não estivesse acontecendo, embora bem dentro de mim, eu tivesse a certeza de que Charlotte não seria tão descuidada. Mas o que então? Eu tinha certeza que o nome estava lá, então não havia justificativa. — O senhor não pode ficar por muito tempo. O horário de visitas já acabou e o menino precisa descansar — a enfermeira me avisou. — Não se preocupe, nós vamos cuidar dele e qualquer alteração no quadro vocês serão informados.

Eu não queria sair dali. Queria ficar segurando a mão dele até o médico liberá-lo para ir para casa, porém eu sabia que a enfermeira estava certa, e deixar Lipe receber os cuidados necessários era fundamental para a sua recuperação, por isso saí, voltando para o corredor onde havia deixado Charlotte e os demais.

— Como ele está? — Patrício se adiantou. Charlotte me olhou ainda com mágoa, aguardando por notícias.

— Melhorando. Precisa ficar aqui, como Charlotte já disse, mas está bem.

— Charlotte? — Peter saiu por uma porta destinada apenas aos funcionários, seguido por Johnny. — Por Deus! Como você está? — Charlotte encarou o pai e algumas lágrimas caíram.

— Estou bem — disse com voz rouca e cansada.

— Alex — bateu em meu ombro com confiança — graças a Deus está tudo bem. Acabei de conversar com os médicos que fizeram o primeiro atendimento. Parece que Charlotte conseguiu chegar antes de ele entrar em um estágio crítico, por isso a cirurgia não foi necessária. Agora é só medicação.

— Merda, Charlotte! — Johnny ajoelhou ao lado da minha namorada fazendo-nos olhar para o que despertara a sua atenção.

Caralho!

Eu estava tão louco para saber como estava o meu filho que não olhei direito para Charlotte, até que Johnny me fez encarar os pés dela.

— Merda! O que aconteceu? — Encostei ao seu lado enquanto Peter corria até a recepção. Ela me olhou e depois olhou para os pés, dando de ombros.

— Eu devo ter pisado em alguma coisa. — A voz sem emoção me chocou.

— Pisou em alguma coisa e não sentiu dor? — Johnny a encarava sem acreditar.

— Sei lá. — Passou as mãos pelos cabelos deixando-os ainda mais desgrehados. — Precisei correr pelas ruas com Lipe no colo. Estava tudo engarrafado e chovia muito.

— Você perdeu os sapatos? — questionei quando Peter chegou com um enfermeiro que levava uma maleta.

— Ninguém viu isso? — esbravejou fazendo o funcionário se encolher. — Como não perceberam o sangue? Você está bem? Ela não pode perder tanto sangue.

— Eu estou bem, pai. Deve ter sido apenas um corte.

Charlotte não se exaltava, nem demonstrava sentir dor. Ela havia dito que correu na chuva com Lipe no colo para fugir do engarrafamento, estava com os pés cortados e eu a havia culpado de ser irresponsável.

Deus!

— O que aconteceu, Charlotte? — Tentei mais uma vez.

— Ele comeu amendoim. Colocou na cobertura do sorvete. Eu não o impedi porque não estava na lista. A reação foi rápida e assim que notei as placas vermelhas e a coceira coloquei-o no carro e trouxe para o hospital.

— Como perdeu os sapatos? — Peter questionou, acompanhando de perto o trabalho do enfermeiro.

Charlotte não demonstrava sentir dor.

— Eu os tirei. Precisava correr e eles me atrapalhavam. — Ele sorriu compreensivo e acariciou o joelho da filha. — O trânsito não colaborava. Estava tudo engarrafado e o Lipe... — Piscou algumas vezes e mordeu o lábio se impedindo de chorar.

— Fez um bom trabalho, filha — Peter disse com orgulho. — Graças a você ele está bem.

Charlotte me olhou rapidamente e eu sabia que era uma acusação, mas ela nada disse, apenas encarou os pés sendo cuidados.

— Você precisa tirar essas roupas molhadas — Johnny falou.

— Não vou sair daqui. — Ela não foi rebelde, só foi convicta e decidida e todos souberam que nada a tiraria dali.

Foi neste momento que me dei conta do quanto aquilo tudo a machucava. Charlotte detestava aquele hospital. Não fora me visitar quando precisei ficar alguns dias lá por causa do acidente, mas estava lá pelo Lipe e se recusava a sair. Mesmo com os pés machucados e o corpo castigado pelo frio.

Charlotte amava Lipe.

O calor que aqueceu o meu coração rapidamente foi esquecido quando uma Anita enfurecida apareceu. Ela não usava mais a bota de gesso, mas mancava um pouco. Os olhos molhados e vermelhos indicavam que havia chorado, e ostentava uma fúria que me assustou.

— Sua cretina! — gritou para Charlotte. — Irresponsável!

— Anita, contenha-se! — Johnny se levantou para segurar a madrinha do meu filho que avançava decidida a desestabilizar Charlotte.

— Assassina! Era o que você queria, não é mesmo?

— Chamem a segurança e mandem tirar essa mulher daqui — Peter esbravejou e o enfermeiro saiu rapidamente para atender a sua ordem.

— Anita, o que está fazendo?

— Como você pôde confiar nela, Alex? Ela odeia o Lipe! — continuou gritando. — Ela odeia o Lipe!

— É mentira — Charlotte choramingou chocada demais com a acusação.

— Como alguém pode achar que uma criança que nasceu de uma traição poderia ser amada pela pessoa traída? — Ela continuava descontrolada. — Eu sabia que ela estava aprontando alguma coisa. Que esta garota mimada e egoísta faria alguma coisa para se livrar do Lipe.

— Pare com isso, Anita! — Tomei à frente, decidido a fazê-la parar com o ataque.

— Não consegue enxergar? Ela quis fazer isso. Ela quer vê-lo morto. Ela quer se livrar do meu menino, Alex! Pelo amor de Deus, abra os olhos!

— Já chega. — Peter avançou, a segurança chegou para fazer o seu serviço. — Tirem-na daqui. E a proíbam de voltar.

— Não pode me impedir de ver o Lipe. — Anita ficou assustada com a possibilidade. — Alex, faça alguma coisa. Eu tenho o direito de ver o Lipe. Eu criei ele!

— Anita, vá para casa. Lipe está bem. Descanse — tentei apaziguar. — Eu ligo para dar notícias — Charlotte levantou e saiu de perto do grupo, andando em direção à passagem de funcionários. — Charlotte, espere!

— Sua louca! Assassina! — Anita voltou a gritar enquanto um segurança a afastava.

— Pode deixar — Johnny intercedeu. — Eu vou levá-la daqui.

Segurando Anita ele praticamente a arrastou até o elevador. No entanto Charlotte desapareceu e eu fiquei ali, no corredor, assustado, cansado, confuso e doido para consertar aquela merda.

Capítulo 31

“O intruso que hoje é mel, será amanhã o mais amargo fel.” William Shakespeare

Alex

Peter foi atrás de Charlotte pedindo-me para que eu aguardasse ali até que ele resolvesse algumas coisas. A contragosto obedeci. Era difícil correr atrás de Charlotte, embora soubesse que ela precisava ouvir de mim que eu não acreditava em nada do que Anita disse, enquanto meu filho estava apagado em uma UTI.

Cansado, deixei-me cair sobre a cadeira, o gesso pesando mais do que o habitual. João e Patrício me olhavam como se precisassem de um comando meu.

— O que foi? — Minha raiva transpareceu na forma rude como falei com eles. Não conseguia evitar.

— Que merda, cara! — João suspirou sentando do meu lado. — Por que Anita já está sem o gesso e você ainda tem que usar o seu? — Olhei para ele sem acreditar no que dizia.

— Às vezes eu acho que você ainda está no ginásio — o repreendi e Patrício começou a rir.

— Que pensamento de merda — meu irmão esbravejou ainda rindo. — Só poderia ter saído da sua boca, seu imbecil!

— Porra, cara! Eu só pensei — resmungou se desvencilhando do tapa de Patrício em sua cabeça. — É estranho, caralho!

— Cala a boca, João! — ralhei tentando colocar a cabeça no lugar. — Charlotte não está nada bem.

— Se Charlotte não desmoronou por você ter comido Tiffany e tido um filho com ela, nada mais derruba a garota — João soltou mais uma das suas pérolas e se encolheu quando o olhei com raiva. — Tá, tá, parei! — Patrício continuou rindo.

— Vou ligar para Miranda e pedir para ela trazer algumas roupas para Charlotte. Ela vai precisar.

— Se ela não der uma de louca e desaparecer de novo. — João levou um murro no braço com essa. — Porra, Alex!

— Você precisa se decidir, João — Patrício brincou. — Ou Charlotte vai levar numa boa ou vai pirar.

— Merda! Essa porra doeu. — João alisava o braço se afastando de mim.

— O próximo eu dou na boca, assim você não fala mais merda na minha orelha.

— Você está um saco, Alex!

— Meu filho quase morreu, minha namorada está despedaçada e Anita acabou de fazer mais uma merda para tornar a minha vida um inferno.

— É um dos problemas que acontecem quando se tenta manter duas mulheres — rebateu, já se afastando.

— João, porra! — Patrício o empurrou enquanto ria das merdas que meu cunhado falava.

Peter voltou. Desta vez pela entrada normal, acompanhado do meu pai e da minha mãe. Levantei outra vez, sentindo o peso do gesso e o incômodo que eu já não aguentava mais.

— E Charlotte? — Meu pai pegou em meu ombro e minha mãe, com os olhos vermelhos, se controlava para não chorar.

— Ela está bem. No último andar tem um apartamento que eu reservo apenas para mim. Era onde Mary ficava quando precisávamos acompanhar o seu tratamento e onde eu me hospedava quando ainda não morávamos no Rio de Janeiro. Charlotte está lá. Johnny pediu para Miranda trazer algumas roupas.

— Eu estava providenciando isso — Patrício desistiu do telefone.

— Eu vou entrar um pouco, filho. Peter já me colocou a par da situação e tenho certeza que nada deixou de ser feito, mesmo assim vou dar uma olhada nele, apesar de não ser a minha especialidade.

— Eu queria vê-lo também — minha mãe falou com voz chorosa.

— Dana, eu te disse que não seria possível. — Meu pai cuidava da minha mãe do jeito que ele sempre fez, com muito carinho, tentando acalmá-la.

— Ele está bem, Dana — Peter reforçou. — Já está fora de qualquer perigo. Por que não sobe e descansa um pouco?

— Eu vou ficar aqui aguardando Adriano voltar. — Meu pai e Peter trocaram um olhar cúmplice e sorriram.

— Tudo bem. Então eu vou entrar — meu pai deu um tapinha em meu braço e saiu para se preparar.

— Alex, eu preciso cuidar de algumas coisas, mas não gostaria que Charlotte ficasse sozinha por muito tempo. Ela vai tomar um banho e eu pedi para levarem um calmante que, tenho certeza, ela não vai tomar. Miranda deve chegar a qualquer momento, enquanto isso seria bom ter alguém com ela.

— Pode deixar, Peter. Eu subo para esperar Miranda com Charlotte. — Patrício se ofereceu e eu me amaldiçoei por ainda não conseguir deixar a sala de espera da UTI para cuidar da minha namorada. Não enquanto meu pai não voltasse para me dizer que estava realmente tudo bem.

— Já deixei uma ordem para avisarem lá no apartamento caso ocorra qualquer mudança. Lá todos vocês ficarão melhor acomodados.

— Obrigado, Peter. — Meu sogro sorriu com tristeza e saiu para resolver o que quer que fosse do seu interesse àquela hora da noite.

Patrício saiu junto com Peter. Apesar de grato eu não sabia se Patrício era a escolha certa. Da mesma forma que eu tinha minhas ressalvas a respeito da esposa dele, Charlotte tinha em relação ao meu irmão. No entanto a ajuda era muito bem-vinda, assim eu conseguiria manter um olho em minha namorada e outro em meu filho. João estava afastado e, quando percebeu que eu o encarava, guardou o celular e se aproximou.

— Lana está chegando — avisou, dando de ombros. Acredito que quis justificar a sua permanência ali. Como se fosse necessário. — Cara, eu estou morrendo de fome. Com essa loucura o jantar acabou esquecido. Fico pensando no desperdício de toda aquela comida lá em casa. — Minha mãe riu. Era só o que ela fazia quando estava perto do meu cunhado.

— Por que não vai para casa? — Ele me olhou como se eu estivesse falando um enorme absurdo. — Vocês não podem passar a noite toda aqui, então o melhor é irem mesmo para casa. Eu ligo avisando.

— Assim que seu pai voltar, querido. — Minha mãe colocou a mão sobre a minha.

— Minha sogra, ainda bem que a senhora está aqui. Veja como este desalmado me trata. Eu aqui, com fome, cansado, preocupado e ele me descartando como se eu não servisse para nada.

— Você não serve para nada — brinquei e minha mãe riu um pouco mais. — Mas eu fico feliz por você estar aqui falando todas as suas besteiras.

— Eu mereço mais essa. — Foi sentar do outro lado da pequena sala. — Graças a Deus Lana chegou. — Olhei para a porta e vi minha irmã entrando com a habitual cara preocupada. — Finalmente alguém que reconhece o meu valor.

— Sem brincadeiras, João. — Minha irmã entrou como se estivesse disposta a matar um. — Alex, como ele está?

— Bem melhor. — Analisei as feições de Lana e implorei para ela não ser mais uma a disparar suas armas contra Charlotte. — Meu pai está com ele.

— João me contou o que aconteceu. Desculpe, tomei a liberdade de ir até a sua casa. — Olhei intrigado para Lana que não aguardou por qualquer comentário meu — Eu sei onde fica a chave reserva. Sempre achei uma loucura, mas, no final das contas serviu para alguma coisa.

— O que você foi fazer lá em casa?

— Eu tenho que dizer que tive medo o tempo todo. — Minha mãe nos cortou. — Não quero colocar toda a culpa em Charlotte, até porque tenho certeza que nada aconteceu pela vontade dela, mas eu sempre

achei que ela não ficaria atenta à lista.

— Ela foi atenta por todos esses dias, mãe!

Eu sabia que todos pensávamos a mesma coisa, Charlotte não era a pessoa mais indicada para cuidar do Lipe. Não por ser incompetente ou irresponsável e sim por sua inexperiência e, principalmente, pela confusão que ela mesma fazia em sua vida. Confesso que só de saber que ela queria estar com Lipe e que não era uma situação forçada, me fez aceitar, recebendo tudo como a concretização de um sonho.

Talvez eu tenha errado ao deixar de ser tão vigilante, ou talvez estivéssemos crucificando a pessoa que salvou a vida do meu filho, e era na segunda opção que eu queria me apegar.

— Se ela não tivesse abandonado o carro e saído na chuva com ele nos braços provavelmente estaríamos organizando um enterro.

— João! — Lana repreendeu o marido que não entendeu o que havia feito de errado.

— É verdade — minha mãe cedeu. — Seu pai me contou o que ela fez.

— E quase perdeu os pés para conseguir chegar — João completou.

— Como assim? — Ele explicaria, mas eu não estava disposto a aguardar.

— Lana, o que você foi fazer lá em casa.

— Pode até me condenar, porém, quando João Pedro me enviou a mensagem contando o que causou o problema com o Lipe e a dúvida sobre amendoim estar ou não na lista eu decidi tirar a prova.

— Como assim? — Meu coração acelerou.

— Amendoim estava na lista. — Ela declarou o óbvio.

— Eu sei — suspirei derrotado. — Eu mesmo coloquei lá.

— Eu tirei uma foto para que não restassem dúvidas. — Pegou o celular para buscar a prova. — Mas não quero que isso cause um problema entre você e Charlotte. Ela deve ter esquecido, ou não associou o nome, sei lá! Charlotte não é irresponsável, nós sabemos muito bem.

Enquanto minha irmã falava, eu me encarreguei de olhar a imagem em seu celular. Encarei a lista fixada na porta da minha geladeira, conferindo todos os itens que eu sabia de cor e um detalhe despertou a minha atenção.

— Porra!

Eu sabia que o palavrão surpreendeu a todos, porém não consegui desgrudar os olhos da foto. Meu coração acelerado antes, por um motivo diferente, batia desesperado com a recente descoberta. Cheguei a sentir minhas mãos formigarem e minha boca secar.

— O que foi, Alex? — Minha mãe já estava assustada.

— O nome está na lista. — Minha voz saiu rouca e parecia arranhar a minha garganta.

— Você já disse isso — João falou impaciente. Olhei para o meu amigo que logo entendeu que a situação era séria.

— Só que a letra não é a minha — revelei, sentindo meu cérebro dar um nó.

— Como assim? — Lana pegou o celular da minha mão questionando seu engano.

— A letra. Veja! — Indiquei abrindo ainda mais a imagem. — Não é a minha letra.

— E daí? Provavelmente não foi você quem colocou. — Lana não conseguia entender.

— Eu coloquei. Sei que eu mesmo coloquei o nome na lista. Lembro inclusive do dia, eu estava com Anita, conversando na cozinha e informando sobre a nova descoberta. Lipe ficou com placas pelo corpo todo e eu conseguir conter a alergia com o remédio. Eu mesmo coloquei o maldito nome na lista.

— Caralho!

— João! — Minha mãe repreendeu o meu amigo.

— Desculpe, sogra! Mas que é uma teoria da conspiração fodida, isso é — ele rebateu, pegando o celular para verificar.

— Você acha então que... não! Seria fantasiar demais. Quem faria um absurdo como este? Não existe ninguém que queira o mal do menino. — Lana tentava encontrar uma explicação junto comigo. — E se for

verdade, a pessoa apagou o nome e voltou esta noite mesmo para colocá-lo de volta.
— Usando letras de fôrma para encobrir o que fez — completei o raciocínio.
— Não — ela negou outra vez como se precisasse disso para se convencer. — Ninguém faria uma coisa dessas — me encarou chocada — ou faria?
— Não! — Eu também não conseguia acreditar. — Provavelmente Marta apagou sem querer e escreveu de volta. — E eu queria mesmo crer que esta era a verdade, porque só de imaginar que alguém apagou o nome com a intenção de machucar o meu filho já me fazia estremecer.
— Ou isso ou alguém queria queimar o filme da Charlotte com você — João se manifestou mais uma vez. Eu queria mandá-lo calar a boca, mas o que ele disse me deixou ainda mais gelado.
— Ninguém faria uma coisa dessas, João! — Minha mãe falava com convicção. O que eu já não conseguia fazer mais. — Todas as pessoas que frequentam as nossas casas amam o Lipe. Ninguém colocaria a vida dele em risco só para prejudicar a Charlotte.
— E a única pessoa que não quer ver Charlotte com meu irmão é Anita, só que eu não consigo pensar que ela seria capaz de fazer uma coisa como esta — Lana falava e eu tentava a todo custo não pensar naquela possibilidade. — Apesar de não prestar, Anita ama o Lipe. — Colocou a mão em meu ombro buscando a minha confirmação. Olhei nos olhos de Lana e não consegui falar nada.
— Tudo certo. — Meu pai entrou na sala e parou instantaneamente. — Aconteceu alguma coisa?
— Pai preciso da sua ajuda. — Com o auxílio da muleta fui até o meu pai.
— Claro! — Ele olhou curioso para o grupo. — O que quer que eu faça?
— Que tire este gesso.
— Alex! — Minha mãe se agitou. Ela até podia protestar, mas eu estava decidido. — Ainda falta uma semana.
— Pai, se o senhor não ajudar, eu mesmo vou tirar — ameacei. Meu pai olhou outra vez para o grupo e depois para mim.
— Tudo bem. Eu tiro.

Charlotte

Assim que Miranda chegou, Patrício deixou o quarto. Ela me entregou a pequena sacola de viagem e eu fui direto para o banheiro. Eu sabia que Anita não estava mais lá, mesmo assim, depois de tudo o que ela disse, eu não tinha coragem de encarar Alex e os outros.

Entrei no banho, deixei a água quente esquentar meu corpo e acalmar os calafrios e só neste momento eu me permiti chorar. Por tudo. Pela minha situação, pela de Alex, por Lipe e pelas acusações que eu sabia, não partiriam apenas de Anita.

O que aconteceu? Eu vi a lista e não tinha amendoim nela. Deus! Eu jamais colocaria a vida do Lipe em risco. Eu jamais... deixei que o desespero chegasse e fosse embora enquanto eu ainda estava no banho. Ninguém precisava ser testemunha da minha fraqueza. E eu permaneceria naquele hospital mesmo que Alex não me quisesse mais por perto.

Eu não podia deixar Lipe.

Nunca mais.

De jeans, camisa de manga longa e uma sandália aberta para não abafar os

cortes dos meus pés, saí do banho penteando os cabelos molhados. Miranda me aguardava sem conseguir conter a ansiedade.

— Alguma novidade? — indaguei imaginando se tratar de algo com o Lipe.

— Não. Patrício mandou uma mensagem dizendo que Adriano foi ver o Lipe e que está tudo bem, como os outros médicos já haviam dito. Só nos resta esperar. — Sentei no sofá próximo a janela e continuei observando a minha amiga. Eu sabia que havia alguma coisa que ela queria dizer e não sabia como. — Fala logo de uma vez, Miranda. — Ela suspirou e coçou a testa. — Você deveria abrir o jogo com Alex. — Foi direto ao ponto. Senti o ar pesar em meus pulmões. — Eu não posso. — Desviei o olhar incapaz de sustentar o dela. — Charlotte, você precisa contar o quanto antes. Não é justo! E... — Eu te contei o que Anita disse, Miranda. — O pavor começava a voltar. Me esforcei para não entrar em desespero outra vez. — Como você acha que Alex vai encarar tudo isso se eu contar? Todo mundo acha que eu sou uma irresponsável, que não sou de confiança... Anita acha que eu fiz de propósito. Que tentei matar o Lipe. O que acha que Alex vai pensar quando souber que eu perdi um filho dele e que não posso mais engravidar? — O quê?

Meu coração disparou e por um segundo eu vi tudo escurecer. Eu sabia que a voz era de Alex, mas não queria acreditar que era. Não podia acreditar que a vida estava me pregando aquela peça. Que merda era aquela? Não estávamos em uma novela onde as cenas eram ensaiadas e o mocinho surpreendia a mocinha contando um segredo, então por que inferno ele entrou justamente naquela hora sem me dar a oportunidade de continuar escondendo o que tanto me feria?

— Puta merda! — Miranda resmungou. As palavras entravam em meus ouvidos, mas eu não as assimilava.

Congelada no mesmo lugar, eu mantinha meus olhos fixos em Alex enquanto todo o restante dentro de mim entrava em colapso. Eu vi um pouco de tudo passar pelos olhos do meu namorado, mas o que mais me abalou foi a dor.

— Vou buscar um café e... volto logo?

Tive medo de ficar sozinha com Alex e quase implorei para que ela ficasse, porém como a merda já estava feita, eu precisava encará-la.

E que Deus tivesse piedade de mim.

— Você perdeu um filho meu? — Alex permanecia no mesmo lugar. Firme. Sem se mexer nem um centímetro.

— Você tirou o gesso? — O que eu estava fazendo?

— Não faça isso, Charlotte!

Respirei fundo avaliando a situação. Mentir não era uma opção. Fugir não seria mais possível. Só me restava uma única alternativa: a verdade.

— Sente-se, Alex. — Indiquei a poltrona ao lado da cama. Ele não queria, contudo como eu mesma voltei a sentar no sofá, ele mancou até onde eu estava e sentou ao meu lado, virando completamente para mim e me encarando como se não pudesse perder nenhum detalhe. Apesar de estar apavorada, eu iria até o fim.

— Você perdeu um filho meu?!

— Eu não sabia que estava grávida — revelei baixinho sem saber como começar a contar.

— Porra! — Alex fechou os olhos e esfregou as mãos no rosto. — Quando iria me contar?

— Nunca. — Fui sincera. Ele me olhou espantado. — Não havia por que contar.

— Quando? — A raiva estava explícita em sua voz, mas nem isso me impediria mais de colocar para fora toda aquela história.

— Quando eu fui embora.

— Mas... — Ele procurou em meu rosto alguma resposta.

— O bebê já estava morto. Quatro semanas apenas, Alex. Eu não sabia.

— Deus! — Voltou a esconder a mão no rosto. — Por que escondeu de mim? — E estava lá a acusação

que eu tanto temia.

— Não sei. Eu estava com raiva, com mágoa, com medo... — Dei de ombros deixando a primeira lágrima rolar. — E eu tinha perdido o nosso filho enquanto Tiffany desfilava a gravidez dela.

— Eu tinha o direito de saber!

— Naquela época eu acreditava que você não tinha direito algum. — Ele engoliu com dificuldade aceitando a sua culpa. — Alex... — Não tive coragem de tocá-lo. — Eu tenho trombofilia.

Dizer em voz alta me machucava mais do que eu poderia imaginar. Ele me encarou sem entender.

Respirei fundo sabendo que eu teria que narrar tudo outra vez.

— Quando eu fui embora, como eu disse, não sabia que estava grávida. Eu viajei para a Suíça onde fiquei trancafiada em um hotel por três dias, pensando no que deveria fazer. De lá resolvi seguir para Nova York e foi nesta viagem que comecei a me sentir mal. Eu pensei que era o meu corpo cobrando o sofrimento pela descoberta da gravidez da Tiffany e a nossa separação, mas quando dei entrada no hospital descobri que havia perdido o filho que eu nem sabia existir e a causa foi clara: trombofilia.

— E o que é isso? — Novas lágrimas rolaram pelo meu rosto.

— Uma trombose que se manifesta durante a gravidez. O sangue coagula e o feto morre. — Ele continuava sem entender o processo. — Não é uma doença. É uma... uma condição. Grosseiramente falando, o sangue engrossa e entope as veias. O meu caso não é hereditário, foi adquirido. É chamado de Síndrome antifosfolípide, quando os anticorpos são estimulados por um determinado hormônio, fazendo o sangue coagular. O sangue que leva os nutrientes para a placenta fica obstruído, as veias entopem e o bebê morre.

— Você disse quatro semanas. — Eu já esperava pela sua constatação.

— Pode acontecer em qualquer momento durante a gravidez.

— Então...

— Não foi um caso isolado. Não aconteceu por um acaso. É uma condição. É a forma como o meu corpo reage, Alex!

— Você não...

— É um risco muito grande... — Encarei meu namorado que me olhava como se estivesse perdido. Não havia mais como parar, eu teria que ir até o fim. — Para o bebê e... para mim.

— Charlotte...

— Eu teria que tomar uma injeção durante três meses antes de engravidar, continuar durante todos os dias da gestação e mais um tempo após. E nem assim há garantias. O bebê pode morrer a qualquer momento e eu... as circunstâncias são ruins. Todas as vezes que... que eu não conseguir, vai ser necessário retirar a criança. Como um aborto. Se o útero não abrir para expelir a criança é necessária uma intervenção. Foi o que aconteceu comigo. Fiquei três dias no hospital esperando e nada acontecia, então foi necessário que o médico fizesse uma cirurgia.

— Mas se você conseguir levar a gravidez até o final...

— Eu não quero tentar. O meu caso foi grave, eu... eu quase morri, Alex. Meu pai ficou desesperado. E minhas chances são mínimas. Fizemos todos os exames, buscamos os melhores especialistas. Sempre será uma gravidez de risco. As injeções podem causar hemorragia nas primeiras doze horas após a aplicação. Considerando-se que eu deveria tomar uma por dia seria muito tempo de repouso absoluto. E é preciso levar em consideração que todo este sacrifício pode ser em vão. Uma gravidez pode me destruir, física e psicologicamente, porque não quero perder vários filhos até conseguir dar vida a um, se é que eu conseguirei algum dia.

Alex me abraçou, pegando-me de surpresa. Ele me segurou em seus braços como se o que eu tinha acabado de revelar pudesse me afastar dele. E poderia mesmo.

— Durante três anos eu me forcei a acreditar que não me importava. Eu não pensava em ter filhos, nunca me preparei psicologicamente para isso, e sem você... eu não queria pensar em você, em seu filho e em

tudo o que poderíamos estar vivendo juntos e que Tiffany vivia em meu lugar. Foi fácil enquanto eu não pensava em relacionamentos, enquanto eu vivia para minha carreira e deixava para trás o filho que nunca tivemos. Mas, quando eu voltei... — O aperto em meu coração fez novas lágrimas rolarem. — Quando eu te encontrei naquela praia e vi o Lipe... eu enxerguei tudo o que não tive. Olhar o Lipe e ver os seus olhos nele, o formato do seu rosto, me fez pensar em como seria o nosso filho. Com quem ele pareceria? Eles teriam a mesma idade, seriam parecidos? E o amor que você tinha por ele? Eu não conseguia me decidir se amava ou odiava, porque... eu comecei a desejar que fosse possível. Que aquela criança tivesse nascido e que pudéssemos viver aquela família que poderia ter existido se... por isso eu não conseguia reagir quando Lipe se aproximava. Eu via nele o meu filho, como um fantasma voltando para me assombrar. E estranhamente, ele queria estar sempre perto de mim, como um filho faz com a mãe, como deveria ser com o meu filho, o nosso filho. — Precisei parar para respirar e deixar que as lágrimas caíssem.

Alex me mantinha em seu peito, acariciando minhas costas e me confortando, e, em determinado momento, onde eu me permiti sentir, ouvi o seu fungar e me dei conta de que Alex também chorava. — Eu nunca faria mal a ele. Nunca desejei o mal do menino, Alex. Eu... eu amo o Lipe. Amo como amaria o meu filho. Eu nunca deixaria que nada de ruim acontecesse com ele e...

— Shii! — Ele me separou para que pudesse me impedir de continuar. — Eu sei que você jamais faria isso.

— Mas Anita...

— Anita não sabe o que diz. — Segurei em meu rosto para que eu pudesse encará-lo, então eu enxerguei as suas lágrimas e todo o seu sofrimento. Alex me olhava como se decorasse cada pedaço. — Eu queria este filho, Charlotte! — Sua voz saiu entrecortada pelo choro. — Durante anos eu imaginei como seria se Lipe fosse nosso filho. Eu pensava em você grávida, em como seria ter você por perto nas madrugadas de cólicas, quando ele queria apenas brincar, tudo isso eu desejei que fosse com você.

— Eu sofri desde que voltei porque nunca poderia te dar esta realidade. Eu nunca poderia ser mãe dos seus filhos, não poderia te fazer feliz como Lipe te faz...

— Isso não é verdade — me recriminou, colocando o dedo em meus lábios. — Esqueceu quem eu sou? Esqueceu a minha história? Esqueceu a sua própria história? — Seus olhos úmidos assumiram outro sentimento, o de esperança, o que me comoveu. — Mãe e pai são os que amam, Charlotte. Lipe te ama! Eu te amo!

Ele fechou os olhos e novas lágrimas caíram. Apesar de não dizer mais nada eu sabia o que ele queria dizer. Alex, naquele momento, dava-me permissão para ser mãe do Lipe. Para ser mãe do filho dele, como deveria ser desde sempre.

Sentindo que meu corpo encontrava paz, a gratidão foi muito bem-vinda, por isso juntei meus lábios aos dele, selando a nossa união. O surgimento da nossa família.

Capítulo 32

“Em tua boca me limpo dos pecados.” William Shakespeare

Charlotte

Lipe finalmente teve alta. Eu e Alex ficamos no hospital durante os três dias aproveitando a oferta do meu pai de usarmos o apartamento reservado para ele. Depois da nossa conversa eu me sentia mais leve. Conversamos pouco sobre o assunto, era como se soubéssemos que ele estava lá, em um cantinho, olhando para a gente o tempo todo, mas nos deixando seguir.

Alex só me contou no dia seguinte sobre o que desconfiava ter ocorrido com a lista de produtos que Lipe

não poderia consumir. Ele não conseguia condenar ninguém, assim como Lana e todos os outros. Nem cogitavam pensar em quem eu facilmente apontaria.

Anita.

Contudo, o momento não era para acusações, principalmente quando eu não poderia provar nada. Apenas me arrepiava pensar que ela poderia fazer aquilo com um ser inocente que dizia amar tanto. E o pior: ela continuaria presente, se valendo do fato de ser a madrinha e de o Lipe ter sofrido o ataque enquanto estava comigo.

Alex estava aborrecido com as acusações que ela fez, no entanto, apesar de saber que a convivência entre nós duas era impossível, ele não podia impedir que o filho estivesse com a madrinha, e justificava a reação horrível da comadre como desespero pela situação do Lipe.

Devido à minha fragilidade pelo mesmo motivo, preferi não criar caso, apenas ficaria mais atenta, tomaria mais cuidado e, sempre que possível, vigiaria a presença dela de perto. Era o que eu poderia fazer até conseguir provas para afastar aquela mulher de uma vez por todas da minha família.

Agora, sentados no chão da varanda, observando Lipe brincar no jardim com Marta, rindo e correndo atrás de uma borboleta, eu não poderia me sentir mais grata. Ele estava bem e isso era o que mais importava naquele momento. Eu ainda acordava a noite com as imagens dele sufocando e a sensação de que não conseguiria chegar a tempo para salvá-lo. Graças a Deus eu consegui e Lipe estava ali, brincando e saudável.

Alex me abraçou pela cintura e pousou o rosto em meu ombro. Sentado atrás de mim e me mantendo entre as suas pernas ele também emanava paz e gratidão. Era o nosso primeiro dia de calma após a tempestade.

— Obrigado! — sussurrou em meu ouvido e beijou atrás da minha orelha me fazendo arrepiar.

— Pelo quê? — Ele riu e voltou a descansar o rosto em meu ombro.

— Por salvar o Lipe. Por não ter se desesperado e se conformado com a situação. Se não fosse por você não estaríamos aqui, ouvindo os risinhos divertidos dele, nem observando o quanto ele gosta do sol. — Olhei para Lipe que abria os braços e girava com os olhos fechados e o rosto para cima recebendo o sol. — Qualquer pessoa faria o mesmo que eu. — Abracei meus joelhos e senti os braços de Alex mais fortes em volta da minha cintura.

— Não faria, não. Você foi... mãe. Não aceitou o que acontecia e mudou o rumo dos acontecimentos. — Senti meus olhos marejarem, porém eu não queria chorar. Eu queria me sentir leve e feliz.

— Vamos deixar que ele decida sobre isso.

Foi o que eu disse a Alex durante os três dias que ficamos no hospital. Lipe precisaria decidir se me aceitaria como sua mãe e a resposta só chegaria com o tempo, sem a nossa imposição. Deveria ser natural e partir do amor que sentia, não da conveniência.

— Conversei com Peter e com meu pai. Não fique aborrecida comigo. — A cautela em sua voz me fez sorrir.

— Não vou ficar. Passou a ser um problema nosso e você tem direito de conversar com quem quiser.

— Peter não quer arriscar de jeito nenhum.

Eu já sabia disso. Meu pai tinha pavor de me perder. Não queria me ver sofrendo a cada filho perdido, ou me arriscando para tornar a maternidade possível. Eu não podia julgá-lo. Se estivesse no seu lugar muito provavelmente também quisesses impedir a minha filha de engravidar.

— O meu acha que deveríamos tentar. Existem muitos casos que deram certo. Principalmente agora que já sabemos de tudo e podemos seguir as regras. — Senti um aperto no coração.

— E o que você acha?

Não tínhamos conversado muito sobre o assunto. Eu sabia que sempre seria uma pessoa pela metade para Alex, mas senti meu corpo esfriar só de imaginar ouvir aquela verdade dita pela sua boca. Ele soltou o ar

em meu pescoço e se afastou um pouco. Tive medo de virar para encará-lo, então continuei olhando para o Lipe, como a boa covarde que eu era. Seus dedos percorreram minha coluna.

— Eu tenho medo de arriscar também — disse, por fim. — Nós temos o Lipe e podemos ter mais quantos quisermos. Não precisamos arriscar nada.

— Você fala em adoção?

— Se for uma decisão madura, que seja realmente a nossa vontade, sim.

Pensei a respeito. Assim como aconteceu com os meus pais, que se tornaram pais de Miranda e Johnny por acontecimentos que tornaram a adoção inevitável, eu sabia que a minha relação com Lipe seguiria o mesmo rumo. Daí a resolver procurar uma criança para levar para casa, sem nenhum laço ou vínculo não era algo que passava pela minha cabeça ainda.

E se eu não conseguisse amá-la? E se Alex não se sentisse pai de verdade, como era com Lipe? E se Lipe não quisesse um irmão ou irmã? E se tantas coisas que eu paralisava só de pensar.

— Não precisa decidir nada agora, amor. É apenas uma opção, quando e se um dia você quiser.

— Ok.

— Vocês vão passar o dia nesse chão? — Dana ralhou se aproximando da varanda.

Ela tinha se convidado para preparar o almoço de boas-vindas e nós não fizemos nenhuma objeção. Era tempo de relaxar e curtir a família.

Meu celular tocou, ganhando a minha atenção. Era Miranda.

— Oi!

— Como estão as coisas? — Ela parecia preocupada.

— Bem. Lipe está ótimo e Dana está fazendo o almoço — ri observando Alex se afastar para se apoiar nos braços, jogando o corpo para trás. Ele queria me dar espaço.

— Que ótimo! Eu não queria ligar para falar de trabalho, mas... — Suspirei.

— Trabalho? É sério?

— Você tem, ou tinha, uma agenda para cumprir. Esqueceu que sua volta para a Inglaterra está programada para daqui a cinco dias? O padrinho precisa confirmar o voo. Ele não quer que você viaje sozinha, então precisa saber a sua decisão.

Olhei para Alex e depois para Lipe. Eu não podia voltar para a Inglaterra e deixá-los no Brasil. Também não podia pedir para que modificassem as vidas deles para viajar comigo. Acontece que voltar não era somente uma questão pessoal. Eu tinha compromissos importantes agendados na Europa e nos Estados Unidos.

— Quando mesmo tenho que iniciar a turnê? — Olhei para Alex e ele me observava atentamente.

— Em vinte e dois dias. — Senti os dedos de Alex em meu rosto, acariciando meus cabelos.

Droga! Eu precisava discutir com ele sobre o que fazer.

— Posso confirmar amanhã? — Ela deu um risinho.

— Pode sim. Cuide do Lipe.

— É o que estou fazendo.

Desliguei e encarei meu namorado. Ele sabia sobre o que conversaríamos e já esperava pelas minhas palavras.

Alex

Eu sabia que em algum momento Charlotte precisaria conversar comigo sobre a sua turnê. Lógico que sabia! Eu ainda era responsável pela editora e não havia como não saber que a minha principal autora estava prestes a iniciar sua turnê internacional.

— Quando você vai precisar ir?

— Não sei ao certo. — Ela me olhou como se quisesse mudar o que aconteceria. — Eu tinha programado a minha volta para daqui a cinco dias, mas não preciso voltar logo. Minha turnê só começa em vinte e dois dias.

— Charlotte, como vai fazer estas viagens se você não pode passar tanto tempo dentro de um avião? — Ela sorriu compreendendo a minha preocupação.

— Eu vou no avião do meu pai. — Seu rosto começou a ficar rosado, como se precisasse se desculpar pelo fato de ser rica. Milionária. Eu sabia que aquele embaraço era culpa da minha resistência ao seu dinheiro. — Depois que descobrimos o meu problema ele vendeu o avião que tínhamos e comprou um mais confortável, com mais espaço para que eu possa me movimentar e até tem um quarto com cama de casal.

— Nada mau — graciei, correndo as pontas dos meus dedos em seu rosto. — Vá, faça o seu trabalho e volte. — Fui direto ao ponto. Era necessário. Mas não pude deixar de perceber a decepção em seu olhar. — Vai ser muito tempo longe — ela sussurrou. — E eu não vou poder voltar enquanto não acabar por causa da duração dos voos.

— Nós vamos conseguir ajustar nossas agendas. — Seu sorrisinho fez o meu dia ficar mais iluminado. — Lipe pode faltar a algumas aulas. Vamos nos organizar e fazer dar certo.

— Vamos sim. — Aquilo me pareceu uma promessa de felicidade.

Voltei a abraçar Charlotte sentindo uma vontade incontrolável de beijá-la. Enquanto Lipe estava no hospital nos ocupamos apenas do que ele precisava, deixando para trás a saudade e o desejo. No entanto ali, sabendo que ela ficaria longe por um tempo, e de tudo o que precisou enfrentar sem mim, a minha única vontade era mantê-la em meus braços.

Ela cedeu ao beijo rapidamente, permitindo-se ser amada. A maciez dos seus lábios era um convite à perdição, e o calor do seu corpo era a certeza de que eu aceitaria me perder sem questionar. Puxando-a pela cintura me moldei melhor a suas curvas e lógico que não foi possível segurar a excitação.

Depois de tudo o que Charlotte me contou eu não conseguia parar de pensar no quanto Deus sempre escreve certo por linhas tortas. Não que quisesse justificar o meu erro com Tiffany, mas... porra!

Charlotte não podia se colocar em risco para me dar um filho. Eu queria um filho. Tiffany me deu um filho. Tiffany morreu.

É. Deus sempre escreve certo por linhas tortas.

Eu queria poder carregar Charlotte para o meu quarto... o nosso quarto. Queria poder fazer amor com ela e demonstrar o quanto a amava e queria. Deixar claro que nada do que aconteceu diminuiu a força do que eu sentia, pelo contrário, fortaleceu.

Mas eu não podia ter a minha namorada — e depois de tudo continuar pensando nela como namorada era cada vez mais difícil —, pois meus pais estavam em minha casa e Lipe ainda precisava da gente. Por isso me contive. À noite eu poderia cobri-la de atenção.

— Alex, Charlotte — minha mãe nos chamou da cozinha. — Já vamos servir o almoço.

— Eles parecem um casal de adolescentes — meu pai falou bem perto da gente, provavelmente parado na porta que dava acesso ao jardim. Não me importei.

— Então que sejam um casal de adolescente com fome. Entrem! — Dana usou o seu tom especial para adolescentes e eu quase ri.

Fazendo um esforço gigantesco para romper o beijo, separei nossos lábios e coleí minha testa na dela. Charlotte suspirou e sorriu. Os lábios rosados se abrindo em um sorriso inocente e doce. Ela era linda!

— Com fome? — Acaricieí o seu rosto demorando um pouco na bochecha afogueada.

— Não de comida — sussurrou e mordeu o lábio inferior. Ah, aquela era a minha Charlotte!

Puxei minha namorada para mais um beijo e comecei a me levantar levando-a pela mão, então Lipe correu e se atirou sobre Charlotte que caiu sobre mim e ficamos os três no chão, rindo. Foi impossível

não lembrar de quando caímos na igreja e como ela ficou desesperada. Agora eu compreendia o seu pavor e lhe dava razão, também agradecia por não saber antes e justamente por causa da minha ignorância, ter insistido naquele relacionamento e ali estavam eles, rindo abraçados no chão da minha casa. Era perfeito e bom demais para ser verdade.

Charlotte

Olhei para o celular tocando ao mesmo tempo em que Alex voltava para o quarto. Lipe havia dormido e meu namorado entrou levando a babá eletrônica. Atendi a ligação do meu pai antes que ele desistisse.

— Pai.

— Quer dizer então que você está casada outra vez e eu nem fui avisado? — Revirei os olhos para um Alex com cenho franzido, que se aproximou puxando-me pela cintura para sentar na cama.

— Eu ia te contar quando o senhor me contasse sobre a sua namorada.

— Namorada? — ele riu sarcástico. — De onde tirou essa história?

— Das suas saídas quase furtivas sem nenhum tipo de satisfação — o desafiei.

— Ah, então te dar espaço e te fazer querer enxergar que estou bem e não preciso dos seus cuidados significa que estou com uma mulher?

— Não tente fazer eu me sentir culpada. Não é problema algum o senhor arrumar uma namorada. Ainda é jovem, bonito...

— Essa é a desculpa que vai me dar para ficar indefinidamente na casa do Alex?

— Eu vou fazer vinte e cinco anos. — Alex beijou meu ombro. Levantei a mão livre e acariciei seus cabelos. — E eu vou voltar para casa hoje, se isso o faz feliz.

— Hoje? — Alex se manifestou surpreso. Meu pai riu.

— Pode ser que eu volte amanhã — corrigi, abrindo um grande sorriso. Era impossível não sorrir quando meu único sentimento era de plenitude.

— Amanhã então, Charlotte Middleton — assumiu o seu tom de pai que em outra época eu tanto temia.

— Pode ser que seja depois de amanhã — provoquei.

— Assim como pode ser que eu vá pessoalmente buscá-la. Pode não parecer, mas eu ainda sou o seu pai e ainda prezo pela moral e o bom costume.

— Hum! — brinquei. — Então em nome da moral e do bom costume eu volto amanhã.

— Estarei te aguardando. Amo você!

— Também te amo!

— Mande um abraço para Alex.

— Vou dar o recado. — Olhei rapidamente para Alex que me encarava carrancudo. — Beijos, Pai!

— Beijos, Lottie!

— Então você não pode mais dormir na casa do seu namorado? — Mordi o lábio tentando não sorrir e abri bem os olhos.

— Eu acho que... não com tanta frequência. — Continuei observando sua reação.

— Isso é um absurdo, Charlotte!

— Absurdo é dormir todos os dias com o namorado. O que aconteceu com o nosso “um passo de cada vez?”.

— Ficou esquecido no momento em que você aceitou cuidar do Lipe. Eu ainda preciso da sua ajuda. — Aquele sorriso torto estava lá para me fazer fraquejar.

— Eu venho ver o Lipe todos os dias. E nós podemos brincar um pouco de guarda compartilhada. — Suas mãos apertaram as minhas coxas. Alex não estava nada satisfeito com aquela conversa.

— Nada de guarda compartilhada. Se você quiser ver o meu filho tem que ficar e fazer parte desta

família. — Aproximei-me provocando-o com os lábios.

— Ih! Isso está parecendo papo de mulher inconformada com a separação que tenta segurar o marido usando a desculpa dos filhos. — Deixei que nossas bocas se encontrassem.

— É exatamente o que estou fazendo. E não me envergonho — Passei os braços pelo seu pescoço e me aproximei.

— Vai precisar ser mais persuasivo. — Alex subiu as mãos pelas minhas coxas, permitindo que eu brincasse em seus lábios.

— Eu sei ser bastante persuasivo.

— E eu bastante decidida.

— Vou te fazer implorar, Charlotte. — Ele se curvou sobre mim, me fazendo deitar no colchão. — Vou te fazer voltar todos os dias querendo mais. — Fechei os olhos aceitando seus dentes em meu pescoço, em direção aos meus seios.

— E eu vou fazer você relembrar o quanto namorar é gostoso — continuei provocando.

— Casados também namoram. — Abri os olhos rapidamente.

Eu conhecia aquela história, sabia muito bem onde chegaríamos e não estava muito ansiosa para fazer aquele caminho de novo. Precisava frear Alex antes que ele continuasse. Tirei os braços do seu pescoço e o obriguei a olhar para mim.

— Namorados, lembra? — ele rosnou baixinho.

— Namorados casam. — Ficou firme, encarando-me e deixando claro que não seria tão fácil.

— Um dia — rebati.

— Exatamente. Um dia. Qualquer dia. Inclusive hoje.

— Quem está morrendo desta vez?

— Eu.

— Alex! — Ele riu e tentou me beijar. Virei o rosto para que conseguíssemos terminar aquela conversa.

— Vou morrer um pouco todos os dias que você não estiver comigo. — Segurei o meu rosto fazendo-me encará-lo. — Antes eu tinha que aceitar. Era uma proposta vantajosa para ambos. Precisávamos de espaço e tempo, mas agora...

— Continuamos precisando de espaço e tempo.

— Lipe se apegou a você.

— Não use Lipe como arma, Alex. Não é justo.

— Eu nunca disse que seria — ficamos nos encarando.

— Eu não quero casar rápido. Não quero ser precipitada outra vez. Estaríamos atropelando as etapas de novo!

— Charlotte eu... — Ele respirou fundo. — Merda! Eu vou perder esta merda de disputa.

— Vai.

— Então não vou gastar minha energia com um assunto que não vai chegar a lugar nenhum.

— Acho justo. — Voltei a colocar meus braços em torno do seu pescoço.

— Vou guardá-la toda para amanhã. — Ele se levantou, soltando-se do meu abraço. — Boa noite! — E girou para o lado como se há dois minutos não estivéssemos loucos de tesão.

— O quê! — Levantei para encará-lo. — É sério? — Ele continuou com os olhos fechados, os braços cruzados embaixo da cabeça e sustentando aquele sorriso miseravelmente sensual. — Acha mesmo que vai me convencer a casar fazendo greve de sexo? — Seu sorriso se ampliou.

Fiquei furiosa. Alex não podia simplesmente querer me persuadir a fazer tudo errado outra vez. Ele sabia que as coisas não poderiam ser precipitadas. Já havíamos feito uma vez e deu tudo errado. Eu sabia muito bem como acabar com aquela brincadeira sem graça.

— Tudo bem então! — Levantei da cama sabendo que ele abriria os olhos. — Acho que já sou grandinha para saber que não preciso da sua participação todas as vezes que eu quiser ter um orgasmo.

— Ah é? — ele riu virando-se em minha direção. A mão sustentando a cabeça e o corpo inclinado.

— Tenho um amiguinho que pode ser bem interessante. — Fui para o closet rezando para não precisar procurar por muito tempo.

Abri a gaveta — a mesma de sempre — e encontrei tudo o que eu precisava. Peguei o vibrador que o próprio Alex havia comprado para mim decidida a entrar naquele jogo com todas as minhas armas.

Ainda no closet tirei toda a minha roupa e voltei para cama. Muito satisfeita vi os olhos do meu namorado arregalarem ao me ver nua, no entanto ele não se moveu nem um centímetro quando deitei me colocando sob o cobertor. Só quando liguei o vibrador e o ruído abafado revelou o que eu faria, ele se deu conta do quanto seria difícil não participar.

— O que tem aí? — Ah, ele sabia muito bem o que eu tinha ali e com certeza já imaginava o que eu faria.

— Hum! — Fechei os olhos fingindo prazer ao posicionar o vibrador entre as minhas pernas.

— Ei! — Senti sua mão segurando a minha antes que o aparelho realmente me penetrasse. — Não pode se divertir sozinha.

E ele já estava colado a mim, os lábios em minha pele, traçando um caminho excitante dos ombros até o meu pescoço.

— Pensei que você não queria brincar — provoquei, deixando que ele tirasse o aparelho da minha mão.

— E deixar você ter toda a diversão sozinha? Nem pensar. — Alex já estava entre as minhas pernas. — Nosso amigo aqui até pode participar da brincadeira. — Não consegui evitar a minha cara de espanto. Eu sabia muito bem qual seria o papel do “nosso amigo” na brincadeira. Aliás, eu sabia muito bem onde ele entraria, e não estava muito disposta. Alex riu debochado. — Quem vê essa sua cara de espanto até acredita que você não gosta. — E, lógico, meu rosto esquentou absurdamente. Mais uma vez Alex riu. — Tá bom! Vamos deixar nosso amiguinho de fora desta vez.

— E quanto a me fazer implorar? — Tentei provocá-lo, mas a verdade era que eu estava louca para saber como ele conseguiria aquilo de mim. Se bem que não precisava de muito.

— Vou ver o que consigo fazer. — Seus lábios já desciam em direção aos meus seios. O arrepio que correu o meu corpo era apenas uma antecipação do que viria.

— Acho bom se esforçar. — Ele mordeu minha carne e eu gemi sem conseguir conter a reação. — Para quem estava disposto a fazer greve você até que foi fácil.

— Eu sou fácil. — Não se abalou com o meu comentário. — E você sabe ser persuasiva. — Gemi alto quando, com a ponta da língua, Alex contornou o bico do meu seio.

Ele repetiu o processo, lentamente, acariciando o local até que este ficasse completamente rijo. Eu o senti endurecendo à medida que a língua passeava, sem pressa, e quando ficou como Alex queria, seus lábios se fecharam no pequeno espaço e ele iniciou a tortura com um beijo sensual.

Foi impossível não mover os quadris em busca do dele, mas Alex concentrava suas ações ao pequeno bico e minha ansiedade começou a crescer, alojando-se com força total entre as minhas pernas. Eu sabia, por experiência própria, que eu poderia gozar apenas com aquelas chupadas, mas também sabia que se Alex quisesse que eu implorasse ele não permitiria que fosse tão fácil.

Por isso tentei me concentrar o máximo possível, perdendo a batalha todas as vezes que ele recomeçava a sucção e eu me via envolvida em uma bolha de puro prazer e desejo. Era incrível como um estímulo em um ponto tão distante pudesse causar o furacão que se instalava entre as minhas pernas.

Mordi os lábios para não começar a implorar antes da hora no momento em que ele trocou de seio e recomeçou a tortura. Todas as sensações reiniciaram me atingindo como um raio.

Alex era gentil, carinhoso e ao mesmo tempo senhor de si, cheio de certezas e determinações, que me faziam desintegrar com os seus caprichos. Ali, presa em suas mãos, sob o domínio dos seus lábios, eu não conseguia ser mais nada, completamente entregue e disposta a concordar com qualquer pedido.

Os gemidos não cessavam, a ansiedade que esquentava o meu corpo me forçava a buscar o alívio que nunca vinha. Meu sexo úmido latejava por mais contato, porém, por mais que meu quadril se projetasse

em busca do dele, Alex não se movia, deixando-me enlouquecida.

Eu já estava pronta para implorar quando fui calada pelo movimento dos seus lábios que desceram pela minha barriga. As mãos quentes em minha cintura me mantinham cativa. Sua língua me provocou, acariciando minha pele. Somado a isso tudo estava o calor dos seus lábios que veneravam minha cintura em beijos suaves e quentes.

E eu ansiava para que ele descesse mais. Para que cansasse de me maltratar com a doce promessa silenciosa do que seria quando finalmente atendesse aos meus anseios. No entanto Alex parecia estar alheio às minhas expectativas. Ele estava naquele modo que me forçava a esperar, deixando claro que seria como e quando ele quisesse.

A mim restava aceitar e saborear cada detalhe. Havia um misto de sensações que me confundia. Ao mesmo tempo que me sentia absurdamente ansiosa por alcançar a satisfação imediata, eu sentia a deliciosa expectativa da espera, o prazer parcial que antecipava a satisfação plena.

A invasão da sua língua no meu umbigo me trouxe de volta à realidade. Gemi despertando do transe doce que era a sensação dos seus beijos em minha pele sensível. Eu o sentia tão próximo e ao mesmo tempo tão distante que tive vontade de gritar para que acabasse logo com aquilo.

Segurar o bailar dos meus quadris era impossível, mesmo sabendo que a nossa posição não me favorecia muito. Alex estava especialmente concentrado em me torturar e usava toda a sua habilidade decidido a me destruir. Sim, porque quando finalmente o orgasmo chegasse não sobraria nem um pedaço de Charlotte Middleton para contar a história.

E então ele, lentamente, porque a tortura até ali não era o suficiente, desceu até o centro entre as minhas pernas. Fraquejei, tremi e me contorci de expectativa, mas Alex dirigiu os lábios para a minha coxa direita, beijando o espaço mínimo que separa meu sexo da minha perna. Rosnei de frustração e prazer, fechando meus dedos em seus cabelos para repreendê-lo.

— Alex... — Não consegui terminar. Eu estava acabada, entregue, submetida, contudo não o suficiente ainda para implorar. Eu resistiria até o limite, até que meu corpo me desobedecesse e agisse por conta própria.

Ele continuou distribuindo beijos muito próximos ao meu sexo. O calor dos seus lábios fazia todo o meu íntimo se aquecer. Suas mãos seguravam minhas coxas permitindo a sua brincadeira. Eu queria que ele me tocasse, que me invadissem com tudo o que podia, que seus lábios se fechassem em meu ponto sensível... eu queria tanta coisa que era impossível enumerar, ou conseguir uma ordem coerente. Eu apenas queria. Qualquer coisa estava de ótimo tamanho.

Quando meu eterno professor se satisfez, resolveu levar o suplício para a outra coxa. Respirei fundo forçando-me a permanecer no lugar quando ele correu o espaço sobre o meu sexo, os lábios quase roçando a minha pele sensível e o hálito me instigando a me entregar e a me oferecer com tudo o que eu pudesse ofertar.

Os beijos na coxa esquerda seguiram o mesmo padrão, lentos, molhados e cheios de tesão. Era como se cada pedaço da minha pele tivesse um sabor especial, capaz de lhe fazer desejar provar com mais demora, aproveitando e degustando. Tive vontade de arrastá-lo até o meu centro de prazer e forçá-lo a me libertar daquela dor, mas eu simplesmente permiti que Alex me devorasse aos poucos, aproveitando-se de mim e da minha incapacidade de resistir.

Até que ele se fartou e decidiu que era a hora de me fazer quebrar todas as minhas barreiras. Alex me tocou com uma mão e lógico, eu me contorci completamente gemendo alto que era para não deixar dúvidas do quanto eu estava gostando. Com o polegar ele me acariciou e me abriu para finalmente sua língua me provar.

Choraminguei porque não havia mais nada em mim que conseguisse criar resistência. Bastou a ponta da língua do meu namorado roçar os lábios da minha vagina para a comichão se espalhar. Céus! Eu queria me esfregar naquela boca, forçá-lo a me chupar, penetrar-me com a língua e me fazer gozar explodindo

em fogos de artifício. No entanto minhas mãos não me obedeciam e eu apenas me segurava em seus cabelos como se pudesse conseguir me manter forte e consciente.

Alex me lambeu, tocando-me em todos os lados, depois seus lábios se fecharam, sugando-me, beijando meu sexo como se estivesse beijando minha boca. De olhos fechados eu comecei a sentir o corpo esquentar e o prazer me lambeu com força. Quando acreditei que finalmente iria gozar ele parou. Não abri os olhos. Era o que Alex queria, testar-me e me levar ao limite. Mordi os lábios aguardando que meu corpo se acalmasse e a forte explosão contida voltasse ao nível aceitável. Enquanto isso ele beijava os lados, chegando bem perto, apenas para me provocar e me manter no ritmo.

Permiti que meu coração desacelerasse. Eu deveria imaginar que Alex jamais me deixaria chegar ao zero outra vez. Ele me queria quente, ansiosa, desejosa, suplicante... e estava quase conseguindo.

De olhos fechados senti quando seu dedo me penetrou. Apenas a ideia já era o suficiente para me deixar excitada. Como Alex não era homem de me deixar só na ideia, logo outro dedo se juntou a brincadeira, roçando minha carne lentamente, sentindo o pulsar insistente do meu sexo. Eu sabia que ele me observava, que assistia atentamente o movimentar dos meus quadris impulsionados pelas estocadas leves que me permitiam saborear um prazer preguiçoso.

— Já está pronta para implorar?

Ainda de olhos fechados, mordi meu lábio e neguei com a cabeça. Alex riu, deixando seus dedos se afundarem em mim, permitindo que as pontas provocassem minhas terminações nervosas. Gemi e rebolei sem nenhum receio.

— Acho que terei que utilizar o plano dois. — Em um segundo ele parou de me penetrar com os dedos.

— Eu estava ansioso para isso, Charlotte. — A ansiedade da sua voz e a leve alegria me deixou curiosa.

Alex abandonou a penetração dos dedos, mas continuou me estimulando acariciando meu clitóris.

Soltando a cabeça no travesseiro aguardei por seus lábios em meu sexo, mais fortes e decididos. Eu esperava que ele me sugasse com força, deixando-me no limite e então parasse novamente, recomeçando em seguida, até que meu corpo não suportasse mais.

O que definitivamente eu não esperava era pelo o que ele fez.

Com o polegar acariciando meu centro de prazer, ele levou a outra mão por baixo da minha coxa me abrindo com facilidade. Me posicionei para que sua língua me castigasse, no entanto, o que aconteceu estava fora de qualquer expectativa. Sem pestanejar Alex abaixou a cabeça e me cavou fundo com a língua. Sim, ele lambeu entre as minhas nádegas, roçando de leve aquele ponto recém-descoberto e que ainda me desestabilizava.

Abri os olhos em choque, mas não tive tempo de pensar mais em nada. Ele introduziu o polegar em mim, acariciou-me com o indicador e me lambeu mais profundamente. E o que aconteceu? Porra! Jamais imaginei que algo assim pudesse ser tão... excitante! Não. Não era apenas excitante, mas era... extasiante!

Instintivamente minhas pernas se abriram e meus quadris levantaram permitindo que meu namorado alcançasse o local com mais facilidade. Os lábios me tocaram e a língua me provocou fazendo-me gemer descontroladamente.

Meu. Deus!

Eu queria gritar que casava, que ficaria desde já, que me submeteria a todos os seus caprichos, mas as palavras não saíam. Parecia que meu corpo estava em estado de transe. O prazer era como a língua do meu namorado, só que serpenteava todos os meus espaços, transbordando pelos meus poros e causando as mais fantásticas sensações.

Gemer era a menor das reações.

Alex não parou mais. Seus dedos me prendiam pela frente, seus lábios e língua por trás e meu corpo não conseguia mais se controlar. Antes mesmo que ele pudesse me impedir, o estrago já estava feito.

O orgasmo chegou como se quisesse explodir meu corpo, partindo-me de dentro para fora, tirando-me do

ar por segundos intermináveis. Tenho certeza de que gritei. Foi inevitável, já que o prazer jorrou por todos os lados.

Ainda sentindo o tremor que me mantinha presa ao momento não me dei conta quando Alex levantou e me penetrou de uma vez só. O preenchimento foi bem-vindo. Era como se eu precisasse disso para me sentir na Terra outra vez. Olhei meu namorado que iniciou as estocadas sem aguardar por qualquer reação. Ele se enfiava em mim, perdido em seu próprio momento, sentindo o meu aperto, a carne se fechando em seu membro, molhada e ainda pulsante.

Ele gemia deliciosamente. As veias do seu pescoço alteradas e o peitoral trabalhado enrijecendo a cada movimento. Mantendo o corpo acima do meu, Alex entrava e saía sem dó. Abri ainda mais as minhas pernas para que ele pudesse ter mais espaço para seus movimentos e, quando recuperei a posse do meu corpo, agarrei-me a suas costas, incentivando-o a continuar.

Ele entrava e saía me forçando outra vez até o limite. Eu não sabia como ele conseguia aquilo de mim, mas a verdade era que quantas vezes Alex me exigisse eu estaria pronta para atendê-lo, porque me excitava vê-lo excitado. Eu conseguia gozar ao saber que ele se deliciava em mim. E eu estremecia só de imaginar o prazer que ele sentia ao escorregar em minha carne, recebendo o seu abraço apertado.

— Oh, céus! — Joguei a cabeça para trás sendo invadida por mais um orgasmo que me tiraria de combate.

— Porra!

Ele se esforçou, mas perdeu a batalha, jorrando o seu gozo em meu interior. Seu corpo forte caiu sobre o meu. Recebi meu namorado com um abraço, sentindo-o estremecer e se enfiar em mim com mais força enquanto o orgasmo se esvaía.

Ele se apertou em mim com a respiração ofegante, depois lentamente saiu para entrar com tudo outra vez. Gemidos mais fracos faziam a nossa trilha sonora. Alex ainda aproveitava o restinho de prazer que podia arrancar do meu corpo, até que relaxou, distribuindo beijos pelos meus seios. Balançando a cabeça ele se levantou para olhar em meus olhos.

— Você é uma criatura má. — O suor que escorria da sua face corada deixava-o ainda mais bonito.

— Sou? — Testei minha voz rouca.

— É sim. Não implorou. — Sorri amplamente.

— Quem disse que não? — Suas sobrancelhas se uniram demonstrando a sua estranheza quanto a minha afirmação. — Foi um apelo mudo. — Assisti aquele sorriso encantador, arrastando-se para apenas um lado, tornando-o um cretino adorável.

— Então eu ganhei? Você vem? — Sorri largamente.

— Acho que preciso de mais algumas doses para chegar a alguma conclusão.

— Será um prazer inenarrável, futura senhora Frankli. — Revirei os olhos, mas gostei da ideia de ter o seu sobrenome de volta.

Capítulo 33

“Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e asnado muito tarde. Como este monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada ver-me do inimigo.” William Shakespeare

Charlotte

Durante dez dias eu vivi o mesmo impasse com Alex. Ele não aceitava mais dormir sem mim. Nós vivíamos como uma família, nos revezando nos cuidados com o Lipe, mas quando chegava à noite eu tinha que voltar para casa.

Confesso que gostava da sensação. Nas noites em que eu dormia sozinha me consumia em saudade, nas que dormia com ele aproveitava o máximo. E a sensação deliciosa do namoro não me abandonava, fazendo-me permanecer firme em minha decisão.

Anita tentou voltar à rotina. Ela queria manter o mesmo nível de envolvimento com o Lipe, porém não havia mais clima. Alex cedia às vezes e era justamente nesses dias que eu implicava e voltava para casa.

— Eu não posso impedi-la de ver o Lipe — ele dizia. — Ela é madrinha, Charlotte! A única parente próxima pelo lado da mãe. — E era o bastante para me magoar. Eu odiava o fato de Lipe ainda precisar conviver com esse fato.

— Eu tenho que ir para casa, Alex — suspirei, derrotada.

Ver Lipe saindo com Anita para passar a noite com ela era estressante. Eu não tinha provas, mas tinha convicção de que ela apagou o nome da lista para me fazer pisar na bola com Alex e quase matou o menino.

— Charlotte, nós temos a casa só para a gente. — Lancei para ele um olhar assassino que o fez encolher. — E desde quando Lipe é um peso? Você fala como se estivéssemos nos livrando do menino. — É só uma noite. Amor — Alex me abraçou tentando me beijar. Desvencilhei -me dos seus braços. — Eu preciso trabalhar.

— Você precisa se acostumar. Anita tem direito legal sobre o Lipe. Ela é parente dele.

— Primo de segundo grau nem é reconhecido como parente perante a justiça. — Ele riu nervoso.

— Mas ela é prima dele. E madrinha. Relaxe, Charlotte! Lipe dorme na casa de Lana, na da minha mãe, até na sua casa ele já foi dormir sem mim quando vocês inventaram aquela ideia maluca de acampar em seu quarto — sorri.

Foi a ideia maluca mais doce que eu já tive. Nós dormimos na cabana improvisada, abraçados e com uma lanterna para fingir que era a fogueira. Foi mágico.

— Relaxe, amor! — Ele me abraçou por trás e beijou o topo da minha cabeça. — Fique. Vamos assistir um filme, ouvir música, pedir uma pizza...

— Meu pai vai me matar, Alex. — Usei minha última desculpa.

A verdade era que eu não queria ficar e deixar Alex perceber o meu receio. Estávamos bem e entrar em outro embate por causa de Anita não seria nada legal. No entanto relaxar como ele estava me pedindo seria uma missão impossível. Eu não parava de pensar no que mais a maluca poderia aprontar e me desesperava sempre que imaginava as possibilidades.

— Então vamos para a sua casa. — Suas mãos envolveram minha cintura, avançando sob a camisa e testando minha pele.

— Meu pai está em casa.

— E quantos anos você tem mesmo?

— Vinte e quatro. Quase vinte e cinco.

— Isso eu tenho ouvido há bastante tempo. O que vamos fazer no seu aniversário?

— Uma festa. — Eu já pensava no assunto, embora nunca tenha sido fã de grandes comemorações. No entanto eu enxergava a vida sob outra ótica depois do Lipe. Alguns balões e bolo colorido não fariam mal nenhum.

— Sério? — ele riu aproveitando a trégua. — Desde quando você gosta de festas?

— Desde que Lipe apareceu e ele gosta de balões, bolo, brigadeiro...

— É o seu aniversário, não o dele. — Não dei atenção, jogando a bolsa sobre o ombro. Alex segurou a

alça fazendo-a cair até minha mão. — Então você quer uma festa com bolo decorado e balões? — Ri.
— Só eu, você e o Lipe.
— E o Peter? Tem Miranda, Johnny, Lana, minha mãe, meu pai, as gêmeas, o padre que realizou o nosso casamento.
— Ele morreu. — Alex ficou tenso e logo em seguida relaxou.
— Sem o padre que realizou o nosso casamento então. — Ri da sua tentativa de me persuadir. — Poderia ser um jantar intimista e uma comemoração só nossa, o que acha?
— E os balões e o bolo decorado?
— No aniversário do Lipe. — Sua mão já estava quase em meu seio e seus lábios em minha orelha.
— Talvez eu não queira nem uma coisa nem outra. — Desvencilhei-me, voltando a jogar a bolsa sobre o ombro. — Vou viajar no dia seguinte, esqueceu?
— Esqueci. — Seu sorriso deixava claro que era mentira. — Poderíamos comemorar em Paris.
— Pode ser uma boa ideia, mas você só vai me encontrar uma semana depois.
— Posso reformular a agenda. — Ele tentou me alcançar e eu fugi — Charlotte!
— Boa noite, Alex!
— Charlotte! — Fui até a porta ainda rindo da sua cara de desesperado. — Eu vou com você. — Correu para pegar a chave do carro e a carteira.
— Meu pai vai te matar. — Continuei com a porta aberta aguardando por ele.
— Às vezes eu acredito que vale a pena morrer. — Deu-me um beijo de leve quando passou por mim.
— E eu acredito que você não tem juízo. — Fechei a porta gostando da ideia de ter o meu namorado comigo em minha casa, na minha cama.

Alex

— Não tem problema. Charlotte vai estar em casa — falei baixinho enquanto Anita me informava que deixaria Lipe mais cedo.
Era sábado, eu só precisaria passar rapidamente na editora para a reunião de balanço e depois curtiria o dia com meu filho e minha namorada. Charlotte estava no banho e eu já estava vestido, deitado em sua cama, aguardando-a.
Havíamos feito amor pela manhã daquela forma deliciosa que só os adolescentes conseguem fazer. Sem barulho, sem muitos movimentos bruscos e achando tudo muito engraçado. Era até interessante Peter estar em casa para apimentar a nossa vontade de fazer o que era proibido.
Na verdade, ele não implicou com a minha presença. Claro que fez comentários como “nada mais é como antigamente” ou “eu não sou deste tempo”, porém em momento algum fez objeção à minha estadia, muito menos ficou em nosso pé até ter certeza de que eu iria embora ou dormiria no outro quarto. Quando deu o seu horário ele pediu licença, desejou boa-noite e se retirou.
Trocamos alguns amassos ali na sala mesmo, com direito a mão boba e olhar atento à escada. E quando Charlotte já estava toda quente, subimos nos agarrando, evitando os barulhos e nos trancamos em seu quarto, arrancando as roupas e nos embaralhando como um casal inexperiente.
Foi uma delícia!
No banho, após me provar que também era capaz de me dar dois orgasmos, utilizando a sua boca hábil, após a nossa brincadeira ainda na cama, Charlotte ficou para lavar os cabelos e eu preferi responder as minhas mensagens e conferir se estava tudo bem com Lipe.
Eu sabia que falar abertamente com Anita seria o mesmo que desencadear a terceira guerra mundial com a minha namorada, então moderei a voz e permaneci atento a tudo o que acontecia no banheiro.
— Eu tenho uma reunião rápida agora pela manhã — avisei. — Como foi a noite com ele?
— Tranquila, como sempre. Combinamos que vamos juntos ao parque na próxima semana. Lipe tem

reclamado que eu não apareço mais. — Eu não tinha tanta certeza quanto a veracidade da sua afirmação. Anita não estava satisfeita com a distância imposta por Charlotte e eu a entendia.

— Você está trabalhando muito — desconversei.

— Pensei em combinar uma praia, então lembrei que sua menina não ia gostar da ideia. — Ri sem graça. Antes de Charlotte, Anita aparecia nas minhas idas à praia. Ela cuidava do Lipe enquanto eu surfava. — Conseguiu descobrir alguma coisa sobre a lista?

Quando contei a Anita o que havia ocorrido com a lista, ela ficou desesperada. Chegou a dizer que a própria Charlotte havia colocado o nome para se livrar da culpa, mas rapidamente recuou quando eu não aceitei a sua teoria e fiquei aborrecido. Eu entendia o seu amor pelo Lipe, mas não era certo culpar Charlotte quando já havia ficado claro que alguém apagou o nome da lista. Com intenção ou não, o nome foi apagado, fazendo com que Charlotte se perdesse neste cuidado.

— Eu preciso ir, Anita. — Apressei-me assim que ouvi o barulho de água cessar. — Vou tentar chegar cedo em casa. Se eu não estiver lá pode deixá-lo com Charlotte. Ela ficará esperando.

— Vou fazer assim porque é a sua vontade, Alex. Você sabe como me sinto em relação à Charlotte. Durante esses anos eu te ajudei a cuidar do Lipe e nunca nenhum incidente ocorreu. Sei que você não quer que eu a acuse, e eu não estou acusando de ter feito de propósito. É necessário levar em consideração que depois de tantos dias cuidando do Lipe ela já estivesse habituada a lista. Ela foi displicente.

Eu estava cansado daquela discussão. Anita tentava me convencer de que Charlotte não servia para o Lipe e Charlotte tentava a todo custo me fazer enxergar que Anita continuava sendo a vilã. Eu apenas me sentia cada vez mais cansado.

— Charlotte vai ser mãe do Lipe um dia. — Eu sabia que minha declaração era rude e magoaria Anita, porém não dava para evitar. — Ela ama o meu filho.

— Ela nem quer casar com você, Alex — me reprimiu tocando direto na ferida. — Charlotte continua sendo a mesma menina mimada e egoísta.

— Não fale o que não sabe. Charlotte passou por muita coisa, Anita. — Ouvi seus passos se aproximando. — Eu preciso desligar agora. Faça como combinamos, tá bom?

— Sim, farei como combinamos.

Desliguei no exato momento em que Charlotte entrou no quarto. Seu olhar desconfiado enquanto secava os cabelos deixou claro que ela sabia que eu falava ao telefone e provavelmente imaginava com quem. Tentei manter a serenidade. Eu não viveria mentindo para a mulher da minha vida, então se eu estava falando com Anita não podia fazer daquilo um problema maior.

— O que vai fazer agora pela manhã? — Ela me analisou enquanto penteava os longos cabelos molhados.

— Escrever. É isso ou Lana me mata.

— Anita vai deixar Lipe mais cedo lá em casa e Marta está de folga. Seria ruim para você...

— Era Anita ao telefone? — Sentou-se na cama ainda me encarando. Charlotte falava com cautela, como se quisesse evitar outra briga.

— Era. Como eu disse, ela vai deixar Lipe mais cedo.

— Eu posso trabalhar em sua casa. — A resposta foi rápida e concisa. No entanto eu sabia que não era tudo o que ela pretendia dizer. — Que horas ela vai levar o Lipe?

— Antes das dez — continuei aguardando. Charlotte mordeu o lábio inferior e desviou o olhar. — É ruim para você? Eu posso...

— Não. Tudo bem — continuou respondendo mecanicamente, sem precisar pensar muito. — E você? Vai fazer o que hoje? — Desconfiei da sua súbita mudança, mas preferi aguardar.

— Reunião com Lana e Patrício, lembra? Vamos receber o balanço.

— Ah sim! Vai ser demorada, não?

— Não sei, acredito que não. Por quê? — Ela piscou como se estivesse acordando de um transe e sorriu.

— Por nada. Só para saber o que programar para hoje. — Continuei desconfiado e ela notou. — Preciso superar a noite do Lipe — e sorriu inocentemente.

Então era isso. Charlotte estava com ciúmes. Não sei porque não pensei nisso antes. Suspirei colocando para fora o meu desagrado e resolvi não mexer mais naquela caixa de marimbondos. Se as duas queriam competir e tornar a convivência mais difícil eu pelo menos teria uma manhã de paz.

Depois do café da manhã e de ter deixado Charlotte em minha casa, segui para a editora com os pensamentos longe do trabalho. Fazia tempo que eu não surfava. Ir a praia no domingo pela manhã não seria um bom programa. Pelo menos não com o Lipe.

Saquarema poderia ser uma boa pedida. Eu poderia ficar dois dias por lá com Charlotte e Lipe, vivendo o que sonhava como família para todos nós, sem a interferência de ninguém. Poderíamos sair à noite para que eu pudesse estar lá bem cedo. Dormiríamos em uma pousada. Qualquer uma que encontrássemos. Com certeza não seria problema para minha namorada, mesmo sendo ela uma multimilionária. Charlotte com certeza gostaria da proposta e Lipe... Lipe ama a praia.

Entrei em minha sala me sentindo melhor e dei de cara com um Patrício que não parecia nada bem. Freei minha ansiedade e me concentrei nele.

— E Lana?

— Deve ter se embaralhado com as gêmeas. Logo ela chega. — Ele nem levantou os olhos da mesa e continuou batendo o lápis em uma marcação irritante.

— Algum problema? — Sentei diante dele e vi meu irmão suspirar, abrindo bem os olhos e encarando a vista do lado de fora.

— Quando você casou teve a sensação de estar fazendo tudo errado? — Hum! Mais um momento confuso do Patrício.

— Depende. Eu sabia que estava errado pelo fato de estar escondendo a doença da Mary, mentindo para a Charlotte, mas não acredito que seja esta a questão.

— Não é. Eu fico me perguntando se fiz a coisa certa, se não foi precipitado.

— Precipitado? — Dei risada, mas ele continuou sério. — Paty, você se apaixonou pela Miranda, depois não quis a relação, se arrependeu e correu atrás, morou junto com ela e ficou três anos enrolando a garota para casar. Como algo assim pode ser precipitado? — Ele não esbravejou por eu ter usado o seu apelido. Pelo contrário. Patrício encarou a mão com o lápis e recomeçou a batida. — Qual é o problema? Não ama mais a Miranda?

— Amo. — Pela prontidão eu tive certeza de que ele não mentia. — Porra, eu amo a Miranda! Mas...

— Mas...

— Alex, quando você conheceu Charlotte ela era virgem e isso facilitou um pouco a vida sexual de vocês dois. Ela era crua e você experiente.

— Não seja o imbecil que lamenta a mulher não ser virgem.

— Não se trata disso. Deixe-me reformular. Miranda é vivida, experiente e eu sempre adorei isso nela, por outro lado, justamente por este fato, existe um entrave entre a gente. Ela já veio pronta, assim como eu.

— E daí? Patrício eu realmente não sei aonde você pretende chegar.

— Ninguém sabe. Ninguém nunca me entendeu.

— Porque é complicado quando você usa estes argumentos. — Nos encaramos enquanto ele pensava em como me explicar.

— Você tinha uma vida sexual antes de Charlotte, mas o fato de Charlotte não ter vivido nada fez com que você a colocasse no seu caminho, entende? — Fiz que não. — Deixou-a como queria, Alex! Fez ela gostar e aceitar o que você gosta em termos de sexo. — Fiz uma careta sem acreditar no que meu irmão dizia. Quanta bobagem! — Tá! Vou ser mais direto. Eu não sei como propor certas coisas à Miranda e são coisas que eu realmente gostaria que fizessem parte de nossa vida sexual.

— O fato de ela ser experiente não seria um ponto positivo para esse tipo de situação? — E eu sabia que isso acontecia porque Patrício não fazia nem ideia de quem era a esposa dele. Naquele momento eu me odiei por nunca ter contado nada.

— Não é um ponto positivo. Ela já tem todas as ideias formadas.

— Como o quê?

— Como aceitar outra mulher em nossa cama. — Continuei impressionado com as coisas que Patrício dizia.

— Eu acho que nem todas as mulheres concordariam com algo assim, Patrício.

— Não as que escolhemos para casar.

— Não fale besteira. Isso não tem nada a ver com casamento. Tem a ver com atração pelo mesmo sexo. Charlotte jamais aceitaria porque ela não acha interessante outra mulher comigo, nem se anima em ter algo com alguém do mesmo sexo, mas Miranda pode pensar completamente diferente. — E eu sabia que ela pensava. — Vocês já conversaram sobre esse assunto?

— Você não conhece Miranda, Alex! Qualquer insinuação, comentário ou brincadeira já vira uma sessão de perguntas. E ela fica nervosa. — Porra, eu imaginava o motivo de ela ficar tão preocupada.

— Vocês conversaram ou não sobre isso?

— Não sobre convidarmos uma terceira pessoa, mas sobre outras coisas. Lembra do convite... o cartão para aquele clube de sexo.

— Swing — corriji já com toda a situação formada em minha cabeça.

— Isso. Ela ficou ofendida. Eu juro que nunca imaginei que Miranda se ofenderia com algo deste tipo, mas ela ficou. E muito nervosa também. Ficou perguntando quem tinha me convidado e o porquê, chegou até a te acusar. — Deu uma risada nervosa. — Lógico que nós não éramos casados ainda. Eu nem imaginava que casaria com ela.

— Patrício, se isso é algo que te incomoda ou que realmente é importante para o relacionamento de vocês, seja franco com Miranda. Exponha o que acha, o que deseja. Diga de que forma isso tudo envolve ela, porque relacionamentos assim precisam de confiança e de muito amor. Não é só o tesão. Eu não suportaria ver Charlotte com outro homem então entendo o fato de ela não querer me assistir com outra mulher, porém se você não se importa e Miranda concordar, não há nada de errado.

— Eu não sei se me importo. Nem pensei a respeito. O convite para outra mulher é só um dos meus pensamentos sobre o relacionamento. São muitas outras questões.

— Envolvendo sexo? — Ele respirou fundo e mordeu o lábio, cruzando os dedos sobre a mesa.

— Basicamente.

— Eu no seu lugar conversaria com Miranda. Tenho certeza que vocês vão encontrar um equilíbrio e vão resolver esta falha. — E eu me sentia péssimo por não dizer a ele que, da forma certa, Miranda toparia tudo, e envergonhado por saber exatamente o que Miranda era capaz de fazer.

— Desculpe o atraso, rapazes. Podemos começar?

Lana entrou na sala daquele jeito só dela, como um furacão de salto alto e cabelos esvoaçantes. Ela não notou o clima entre nós dois, ou se notou, preferiu não se importar e seguiu com o combinado.

E eu não sabia se ficava agradecido ou irritado. Aquela poderia ser a última chance de eu dizer a verdade ao meu irmão.

Charlotte

Com o computador no colo eu mal conseguia me concentrar. Era muito fácil ignorar Anita quando Alex ou Marta estavam em casa e eu não tinha motivos para precisar olhar na cara dela. Contudo, aquele momento talvez fosse o único para mim. Quando mais eu poderia fazê-la falar sem a interrupção do meu namorado?

Digitei algumas frases. Parecia que nada entrava no clima e os personagens ficavam perdidos em diálogos fracos e acontecimentos rasos. Merda! Era impossível escrever.

Quando ouvi o barulho do carro e alguns minutos depois o barulho da chave abrindo a porta cheguei a pensar que Alex voltara mais cedo, uma vez que Anita não usava mais a chave dela desde que havia entrado e feito Lipe nos surpreender.

Cheguei a ficar desanimada imaginando ter perdido a oportunidade, no entanto, e confesso que para o meu espanto, Anita abriu a porta carregando Lipe em seus braços, e ela agia como se estivesse em sua própria casa.

Lógico que a maldita me viu, sentada no sofá, com o computador no colo e a surpresa no rosto. Apesar de ter desejado que ela chegasse antes do Alex, vê-la usar a própria chave me deixou enfurecida. Então, quando meu namorado não estava em casa ela entrava e fazia o que queria? Um arrepio percorreu o meu corpo quando imaginei que foi exatamente o que ela fez quando Lipe teve a crise alérgica.

Lipe se agitou em seus braços chamando “Loti” sem parar até que ela o deixou no chão e ele correu até mim, subindo no sofá para me abraçar e exigir o seu lugar em meu colo. Ainda em choque não consegui retribuir como deveria e me surpreendi quando ele conseguiu colocar o meu computador no colo e encarar a tela.

— Ei, mocinho! Isso aqui não é para você. — Fechei a tela e puxei o notebook para o lado. Ouvi a risada cínica de Anita que ainda segurava a mochila dele no ombro.

— Você sabe que ele ainda não completou três anos e que não sabe ler, não é? — A ironia em sua voz me deixou ainda mais irritada.

Claro que eu sabia que Lipe não sabia ler, mas não era legal vacilar, e... sei lá. Vai que ele era mais inteligente do que eu imaginava? Mesmo irritada não consegui deixar de encará-la. Anita era muito abusada. Alguém precisava colocá-la no seu devido lugar.

— E você sabe que o dono desta casa não quer mais que você utilize a chave que ele disponibilizou em outro tempo, quando você ainda era útil, não é? — Não apenas vi seu olhar endurecer como assisti Anita ficar tensa e irritada. Antes que ela conseguisse responder tratei de tirar Lipe da nossa linha de fogo. — Venha lindinho. Vamos colocar um desenho bem legal.

Afastei a criança levando-a para o sofá mais distante, em frente à TV e liguei em um canal de desenhos. Ele rapidamente se acomodou, ficando vidrado na tela que exibia ursinhos pulando. Era o suficiente.

Voltei para perto de Anita que, de braços cruzados, encarava-me.

— Lipe já está entregue, Anita. — Eu sabia que demonstrar desinteresse seria a forma mais rápida de fazê-la abrir o jogo.

— Você deveria se preocupar, Charlotte. — Ri com desdém e andei em direção a cozinha.

Ela me seguiu fazendo exatamente o meu jogo. Pelo menos estaríamos longe do Lipe. Anita parou no balcão me observando abrir a geladeira. Eu nem sabia o que pegaria ali dentro. Simplesmente precisava fingir interesse em alguma coisa. Então peguei um copo com água.

— Você está muito segura quanto ao seu relacionamento.

Sorri com cinismo fingindo não me abalar, apesar de saber que me abalaria, mesmo querendo ser forte e lutando para não deixar que Anita conseguisse destruir o que eu vivia com Lipe e Alex. No fundo eu acreditava que provavelmente me aborreceria, que, o que quer que ela tivesse para me contar, não mudaria muito a forma como eu me sentia em relação àquela história. Afinal de contas o que poderia mudar na maneira como Lipe fora concebido?

Ela podia afirmar que Alex e Tiffany tinham um caso. Claro que ela poderia ser ridícula a tal ponto para acreditar que conseguiria me convencer, contudo algo me dizia que Anita não iria por este lado. Ou então ela poderia dizer que foi meu namorado que quis transar com a prima dela. De verdade eu também não me surpreenderia. Eu vivia com este fantasma há muito tempo para me desesperar depois de já ter aceitado Alex de volta na minha vida.

Bom... se eu queria acabar com aquilo era melhor encarar de vez e deixá-la falar. Então eu ria e deixaria que ela fosse embora. Só depois decidiria se iria chorar, gritar ou matar o Alex.

— Por que não diz logo o que quer dizer? Eu sei que viu que eu estava ocupada, então... — Fiz um gesto vago com as mãos. Anita estreitou os olhos e um sorriso escroto brotou em seus lábios.

— Você já parou para pensar que Alex, o homem perfeito que ele demonstra ser para você, pode ser apenas uma ilusão?

— Você vai precisar ser mais direta. Eu estou bastante cansada e tentar juntar os pontos vai ser um saco — ridicularizei.

— Alguma vez já se perguntou se ele foi sempre assim?

— Assim como?

— Perfeitinho. Companheiro. Amoroso... o homem perfeito, encantador, capaz de tudo para fazer a mulher que ama feliz.

— Provavelmente não. — Dei de ombros. — Eu fui a primeira mulher que Alex amou, então devo imaginar que ele não foi desse jeito com nenhuma outra. — Mantive o meu sorriso confiante, mesmo sem entender o que ela queria provar.

Que diferença faria o que Alex foi com qualquer outra mulher da vida dele? Se ela mesma estava me dizendo que ele não foi o que era para mim eu deveria me sentir feliz, não?

— Depende do que você acredita ser o amor. — Ela relaxou sentada no banco alto da cozinha. — Há quem diga que amar é se submeter a tudo para agradar o seu parceiro. Há quem diga que é não se submeter. Também pode ser aquela pessoa tão viciada na outra, a ponto de fazer loucuras.

— Hum! Eu não chamaria isso de amor, mas tudo bem, continue. — Coloquei o copo sobre a pia e encostei para observar Anita fazer a sua encenação.

— As pessoas tendem a deturpar a ideia de amor. — Nos encaramos.

Neste momento tive medo de fraquejar e deixar que Anita realmente conseguisse abalar o meu namoro.

Se eu estava tão certa de que o que ela tinha para me dizer era algo que não significaria nada para mim... ou quase nada, por que queria tanto que ela me contasse?

— Ok, Anita! Alex pode não ter sido o homem perfeito para muitas mulheres. Para mim, mesmo com tudo o que aconteceu de errado, ele continua sendo perfeito. Continua sendo o homem da minha vida e nada vai mudar isso.

— Ah, não? — Sua risada ousada me fez estremecer. — Nem mesmo se ele for um cara que gosta de espancar mulheres? — Foi a minha vez de rir.

— O que é isso, Anita? Estamos falando da mesma pessoa? — Ela passou a língua no lábio inferior e sorriu com a segurança que me faltava.

— Se você descobrisse que Alex possui gostos... peculiares? — Respirei fundo, já completamente insegura. — Ah, você sabe, Charlotte! Muitas e muitas vezes Tiffany lhe disse que você não era mulher para ele. Por que será?

— Do que você está falando? — praticamente rosnei.

— E se eu te contar que o homem dos seus sonhos não só gosta de espancar mulheres indefesas como também se delicia abusando sexualmente delas?

No primeiro segundo eu pensei no que ela havia revelado e senti o ar preso nos pulmões, logo em seguida minha mente voltou a ficar clara e eu parei de buscar qualquer possibilidade de ser verdade. Alex nunca machucaria alguém e muito menos abusaria sexualmente. Estava completamente fora da realidade.

— Definitivamente não estamos falando da mesma pessoa. Se fosse verdade ele já teria partido a sua cara ao meio, depois de tudo o que fez. Quanto a abusar sexualmente — ri com escárnio — você deve ter batido forte com a cabeça no acidente.

— Charlotte você é muito ingênua, inocente mesmo. Também sei que não é tão idiota que não tenha

capacidade de juntar as pontas que estão soltas. — Fiquei calada aguardando. Anita estava delirando se imaginava que eu acreditaria naquela baboseira toda a respeito do meu namorado. — Alex nunca namorou, nunca se deu ao trabalho de ficar com ninguém, não por muito tempo. Você acredita mesmo naquela história de que ele era um solteirão em busca de emoções? Alex frequentava um clube de sexo, onde ele podia fazer o que bem quisesse com as mulheres que estavam lá, só que ele não ficou satisfeito com a fantasia. Era preciso ser real.

— Clube do sexo? — rebati sem acreditar.

— Talvez Miranda possa te esclarecer sobre este fato.

— Miranda? — quase gritei. — O que Miranda tem a ver com isso? — Ela riu com gosto.

— É melhor perguntar a ela. Vamos ao que realmente importa. Alex não foi seduzido por Tiffany na noite em que achou que você assinou o divórcio. Ele bebeu? Sim. Muito. Foi o combustível para fazer o que fez.

— E o que ele fez?

— Alex estuprou Tiffany. — A calma com que falou não me deixou assimilar as palavras imediatamente.

— Quando Tiffany chegou, disposta a fazer mais uma tentativa, ele a estuprou. Minha prima me contou tudo no dia seguinte. Ela estava assustada, desesperada. Ele não usou camisinha, foi agressivo e tudo isso culminou com a morte dela. Tiffany amava Alex e não aceitou que ele a destruísse, primeiro agredindo, abusando e depois a abandonando quando mais precisava dele.

— Essa sua história é absurda. — Eu não ria. Dentro de mim algo me dizia que não brincávamos mais. O assunto era sério. Grave.

— Lipe é fruto de um estupro — continuou. — Por que acha que ele se empenha tanto em cuidar do menino? A culpa o consome.

— Anita!

Ouvir a voz de Alex não me puxou imediatamente para a realidade. Eu ainda encarava a mulher que empalidecia mortalmente enquanto se dava conta do que havia feito. Na minha cabeça muitas imagens de meus momentos com ele tentavam me provar de que Anita inventara aquela história para me machucar, para provocar mais um desentendimento com Alex e quem sabe assim minar de vez o nosso relacionamento.

— Você ouviu isso? — perguntei a Alex sem desviar os olhos dela.

Meu peito vibrava de raiva e ao mesmo tempo de vitória, pois pelo menos havia conseguido mostrar a Alex quem era Anita. Ela não conseguiria se justificar e não haveria mais espaço para ela naquela casa, nem em nossas vidas.

— Você ouviu isso, Alex? — falei mais alto disposta a encerrar de vez aquela farsa. — Olha o que ela está me dizendo! Veja o absurdo que ela acabou de me contar.

Enquanto eu falava caminhei em direção ao meu namorado, dando a volta no balcão. Eu me sentia forte, determinada, mas bastou olhar para Alex para tudo começar a desmoronar. Pensei que meu coração pararia de bater. Diante de mim eu via um homem em sofrimento atroz, com os olhos cheios de pavor e vergonha. Sem perceber comecei a ofegar. Não existia ar suficiente dentro daquela casa.

— Alex, eu... — Anita tentou, embora já soubesse que não havia como voltar atrás no que tinha feito.

— Saia da minha casa — ele disse sem emoção. Os olhos fixos em mim, mas com toda raiva direcionada para ela.

— Eu não quis...

— Saia da minha casa — rosnou me fazendo estremecer. O ódio que eu via em seu olhar não se comparava a nada visto antes.

Anita pegou a bolsa e saiu rapidamente. Eu não conseguia deixar de olhar para Alex. Minhas pernas tremiam e um frio mórbido me fazia congelar. Eu não queria acreditar que era verdade, porém o que eu poderia dizer? Estava tudo ali, estampado em seu rosto.

— Charlotte...

— É verdade?

— Charlotte eu...

— Só... — Engoli o choro e me forcei a dizer. — Só me responda se é verdade.

— Não como ela contou.

Puta merda!

A primeira lágrima caiu sem que eu pudesse impedi-la. Não havia como impedir.

— Charlotte, deixe eu contar o que realmente aconteceu.

— Todas as vezes que você se impedia de falar... todas as vezes que me dizia que não foi como eu imaginava, era isso, não era? Era isso que queria me contar?

— Era. Mas continua não sendo como você imagina.

— Papai! — Lipe gritou com alegria sem descer do sofá.

— Eu já vou aí Lipe. — Alex não tirou os olhos de mim, como se eu pudesse fugir no momento em que ele virasse o rosto. — Charlotte, por favor!

— Eu preciso ir. — E precisava de ar.

— Não! — Recuei instintivamente, mas me arrependi no momento em que percebi que o havia magoado.

— Não foi como ela disse.

— Eu só preciso ir embora, Alex.

— Não faça isso, Charlotte! Não fuja de mim outra vez. — A sua dor era real, mas como eu poderia conviver com o que fora revelado?

— Eu estou com medo — revelei.

— Eu também. — Ele não se aproximava, mas parecia disposto a avançar caso eu resolvesse fugir.

— Você estuprou Tiffany?

— Não. — A forma como ele negou acalmou um pouco mais o meu coração. — Como ela morreu, não existe mais ninguém além de mim para falar sobre o que aconteceu. Se você não acreditar em mim eu não vou ter como provar que estou dizendo a verdade.

— Ela disse não?

— Disse. — Fechei os olhos querendo não ver a cara de sofrimento dele.

— Como ela pode ter dito não e não ser um estupro?

— Porque existe muito mais além do que Anita contou. Ela não faz ideia do que estava falando.

— Eu não estou entendendo. — Outras lágrimas desceram. — Eu não entendo, Alex!

— Eu vou explicar. Eu vou te contar tudo, Charlotte.

— Você bateu nela? — Alex se calou e eu soube a resposta.

— Charlotte, pelo amor de Deus, só me deixe explicar! Deixe eu te contar tudo.

— Não! — Chorei desesperada. Eu não estava pronta. Não podia ouvir mais nenhum detalhe sem me destruir.

— Charlotte, não faça isso. — Eu sabia que Alex se controlava por causa do Lipe. — Olhe para mim. — Forcei-me a obedecer. — Você me conhece. Você sabe quem eu sou e sabe que eu não seria capaz de fazer isso. É no que precisa se apegar. Você sabe quem eu sou. Eu, o verdadeiro Alex.

— Por quê? Outros Alex existiram?

— Não outros, no entanto nem sempre fui este que sou para você. O Alex real.

— Eu não entendo. — As lágrimas caíam com muita facilidade me impedindo de enxergar corretamente.

— Me deixe ir embora!

— Loti?

Lipe estava lá, bem próximo a mim, a mãozinha em minha perna como se quisesse me consolar. Foi infinitamente pior. Porque ele era a prova viva do que aconteceu.

— Vem cá. — Alex se aproximou pegando o filho no colo.

Olhei para eles dois e me perguntei como era possível? Não existia um Alex como o que Anita havia descrito. Ou então eu estava tão louca de amor que não enxergava quem ele realmente era. Porque não era possível que um homem como Alex, que arriscou várias vezes a própria felicidade para me fazer feliz, que abria mão da própria vida pelo filho, que me respeitou até descobrir que me amava, que teve todas as chances de abusar de mim e nunca o fez. Ele foi justo, honesto, correto, profissional até o seu limite. Não. Não havia espaço para um Alex abusivo, agressivo, violento... um Alex que não respeitava, que se colocava acima de um “não”. Aquele Alex não existia. Por outro lado, eu não poderia ser tão ingênua a ponto de ignorar tudo o que ele mesmo afirmou. Ele bateu em Tiffany. Ela disse não.

— Eu vou embora, Alex. — Ele me olhou em pânico, sem poder fazer nada pois estava com o filho nos braços.

Era uma atitude covarde, com toda certeza. Mas era o que eu poderia fazer. Analisando de uma forma mais fria, eu estava abalada demais para ouvir qualquer coisa que ele pudesse me contar. Não encontrava forças para conseguir uma solução ou definição. Havia apenas dor e dúvida.

Eu precisava de espaço e tempo. Precisava de ar.

— Você não vai voltar, não é? Vai embora de novo sem ouvir o que eu tenho para dizer.

— Não. — A firmeza da minha voz me deixou mais leve. Eu sabia exatamente o que queria fazer. — Eu vou para a minha casa organizar os meus pensamentos e acalmar a minha dor. Preciso chorar, pensar, relembrar cada detalhe e, quando me sentir pronta, eu volto para ouvir o que você precisa me contar.

— Charlotte...

— Não podemos fazer isso agora. Lipe precisa de você.

— De você também. — Sorri sem vontade sabendo que Lipe me olhava com medo.

— Não vai funcionar desta vez, Alex. — Ele engoliu com dificuldade e concordou.

— Quando você volta? Quando eu poderei relatar o que realmente aconteceu? Charlotte... — Puxou o ar com força. — Não vá embora outra vez.

— Eu não vou. — Senti que o choro estava prestes a me dominar. — Eu vou cuidar de mim e voltar para te ouvir.

— Quando?

— Quando eu estiver pronta.

— Mas...

— Você precisa confiar em mim, Alex. Essa é a minha maneira de resolver o que está acontecendo dentro de mim.

Ele assentiu sem nada dizer. Com cautela me aproximei deles e abracei Lipe. Eu sentiria saudade.

Morreria de saudade, assim como sabia que ele também sentiria. Controlando a respiração, consegui impedir que as lágrimas descessem. Beije o seu rosto com carinho e ele tocou o meu com os olhos atentos.

— Eu amo você! — sussurrei com a voz presa na garganta.

Sem conseguir continuar, dei as costas e fui embora, sentindo no ombro o peso de todas as minhas decisões.

Capítulo 34

“Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.” William Shakespeare

Alex

Eu queria avançar em Anita e matá-la, porém, se fizesse isso iria comprovar a versão distorcida que ela tinha passado para Charlotte. Então eu precisava ser o cara que sempre fui. Seria duro, com toda certeza, sem ultrapassar nenhum limite.

— Eu só falei o que Tiffany me contou — ela rebateu completamente na defensiva. — Você não pode me impedir de ver o Lipe.

— Posso e vou. Lipe é meu filho e você está prejudicando a minha vida. Eu decido quem convive com ele ou não. Eu pensei que você tivesse mudado, Anita, agora vejo que continua sendo a mesma pessoa mesquinha, egoísta, invejosa...

— Por causa da Charlotte? — riu cinicamente. — Por que eu sentiria inveja daquela... retardada? — rosnou a palavra.

— Deve ser porque ela é uma pessoa muito melhor do que você. — Vi que tinha magoado Anita, e, pela primeira vez em três anos, eu não me importei.

— Você não pode tirar o Lipe de mim. Se alguém nesta história tem o direito de ser mãe dele esse alguém sou eu. Não Charlotte! Eu criei o Lipe, eu estive com ele nas noites de cólica, eu o eduquei, cuidei em todos os ataques alérgicos, fui ao primeiro dia de aula. Eu! — Lágrimas desceram e eu vi o quanto ela odiava estar chorando. — Eu sou a parte que representa Tiffany.

— Você perdeu o direito de ser qualquer coisa para ele quando resolveu interferir em minha vida.

— Por que contei à idiota da sua namorada que você estuprou a mãe do seu filho?

— Eu não fiz isso. — Senti a raiva subindo pela minha garganta e minha mão fechou em punho. Era terrível ouvir aquilo.

— Fez! — ela rebateu e me encarou em desafio. — Eu cuidei dela quando foi enxotada. Eu cuidei das marcas que você deixou no corpo dela.

— E por que não me denunciou? Você tinha tudo o que precisava. Se acredita mesmo por que não me jogou na cadeia como sempre desejou fazer?

— Porque Tiffany não queria que fosse assim. Ela te amava e justificava todos os seus atos. Como você faz com Charlotte, ignorando completamente o fato de ela quase ter matado o seu filho.

— Eu não vou mais discutir esse assunto com você, Anita. Só vim para te avisar que troquei a fechadura da minha casa e proibi a sua entrada em meu condomínio. — Eu tenho o direito de ver o Lipe! — gritou mais enérgica.

— Você pode tentar conseguir uma autorização na justiça. Assim eu poderei pedir ajuda do conselho tutelar e, se o juiz decidir que você tem direito à visitas programadas, que seja com a presença do serviço social.

— Você não tem esse direito! Não tem!

— Como você não tinha o direito de destruir a minha vida.

— E você esconderia a verdade para sempre?

— Não é a verdade.

— Então do que você tem medo? — Cruzou os braços me encarando com firmeza.

Eu tinha medo de tudo. Sabia muito bem como Charlotte era, conhecia a fundo a sua infantilidade e imaturidade para já sofrer imaginando o quanto seria difícil convencê-la do contrário se eu lhe contasse toda a verdade. Charlotte se chocaria com o que eu tinha para contar. No entanto, não estava disposto a discutir os meus medos com Anita, muito menos falar sobre os pontos negativos da minha namorada.

— Adeus, Anita! — Comecei a sair e ela se colocou na minha frente me impedindo de alcançar a porta.

— Você destruiu tudo. Você me deixou de lado quando Charlotte voltou. Você foi o ingrato, mal-agrado... você me usou como faz com todo mundo.

— Você estava lá e se ofereceu para me ajudar. Eu nunca te pedi. Não depois do que aprontou, quase destruindo o meu relacionamento com Charlotte, quase destruindo a minha carreira.

— Esquecer estes detalhes foi bem conveniente quando se viu com uma criança no colo, não é mesmo?

— É. Exatamente. Tiffany equivocadamente te escolheu como madrinha. Provavelmente para me punir. Para continuar me infernizando quando não estivesse mais aqui. Para me mostrar que eu não me livraria dela nunca! — gritei fazendo-a recuar. — Eu não queria Tiffany, não queria você, não queria a merda de

vida em que fui jogado, mas aceitei tudo com resignação.

— Motivado pela culpa.

— Que seja! Eu não deveria ter permitido que Tiffany ou você continuassem na minha vida, mas aconteceu. Lipe veio e eu o amo. Nunca me isentei do papel de pai e seria assim mesmo se a louca da sua prima não tivesse morrido. Você ficou porque quis, foi uma escolha sua e não minha, porém não vou ser ingrato a ponto de dizer que não precisava. Por outro lado, você não tinha o direito de interferir em minha vida. Se fosse realmente minha amiga teria conversado comigo. Teria me dito o que Tiffany contou e eu esclareceria, mas não. Sua intenção era me afastar de Charlotte. Tirá-la do meu caminho. Para quê?

— Você não entende. — Continuava chorando e sustentando a mesma raiva por estar sendo frágil.

— Não entendo mesmo, Anita. Nunca vou entender. Qual, finalmente, é o seu objetivo? Transar comigo? Qual é o seu problema?

— Ela não tinha o direito de ir embora e voltar tirando tudo o que é meu. — Que é seu? O que é seu? Lipe? Eu? Não vejo nada seu aqui.

— Lipe. O que vivíamos — rebateu raivosa. — Ela te abandonou.

— Ela foi traída! — Eu não acreditava que precisava explicar aquilo tudo à Anita. — Você fala tanto das infantilidades dela e muitas vezes age exatamente do mesmo jeito. Quantos anos você tem? Dezesete? Está parecendo uma adolescente problemática, com todos esses ataques de ciúmes e...

— Eu tentei te mostrar. Fiz tudo o que pude para que você enxergasse a besteira que estava fazendo. — Ela atacou e como se tivesse me dado a peça que faltava para um quebra-cabeça, eu me vi diante de uma cena completa.

E então a minha ficha caiu. Porra! As coisas nunca melhoravam. Naquele momento, no segundo de lucidez, como se tivesse acordado depois de um longo sono, eu constatei o tamanho da besteira que havia feito em minha vida. Anita... Deus! Como não consegui enxergar antes?

— Alex, tente me entender. — Ela pegou em meu braço e eu me libertei dela como se sua mão me queimasse. Ela me olhou assustada, provavelmente se dando conta do que eu finalmente havia entendido.

— Alex, não...

— Foi você, não foi? — Ela recuou.

— Eu o quê? — O espanto em seus olhos já era o suficiente para mim.

— As camisas manchadas. — Ela engoliu com dificuldade, dando alguns passos para trás. Minha raiva ia crescendo à medida que eu enumerava os acontecimentos. — Chegar cedo com Lipe também foi uma tentativa de nos separar, não foi?

— Não era para ele entrar no quarto. — A segurança da sua voz tão ostentada anteriormente não existia mais. — Eu só queria te mostrar que Charlotte não te fazia bem. Que ela te fazia esquecer do Lipe, de mim. — Respirei fundo sabendo que aquele era o meu limite. Não daria para segurar.

— Você apagou o nome da lista — afirmei demonstrando que não teria como negar.

— Quando você me contou sobre os amendoins me disse que conseguiu perceber os sintomas e com o antialérgico conseguiu conter a reação. Não aconteceu nada de grave. Eu não quis machucar o Lipe. Eu... Avancei sobre ela incapaz de pensar com clareza. Eu estava tão tomado pelo ódio que mal consegui ouvir o grito que ela deu ao ser subjugada e arremessada contra a parede. Naquele momento eu só pensava que meu filho poderia estar morto por causa de um capricho daquela... daquela desequilibrada.

— Alex. Pare! — ela gritou quando mais uma vez avancei segurando em seu pescoço. Apertar foi instintivo. Matá-la era uma necessidade, precisava afastar o mal do caminho do meu filho. — A-Lex. Pare. — Eu não conseguia soltá-la.

Até que algo se chocou contra mim, derrubando-me no chão da sala do apartamento de Anita.

Defensivamente levantei no mesmo instante e vi Johnny parado, os braços abertos aguardando o ataque, e mantendo Anita atrás dele para defendê-la.

Agradei a intromissão. Eu poderia realmente matar aquela mulher. Claro que não valia a pena. Nem

Lipe nem Charlotte mereciam pagar pela minha burrice e pelas loucuras dela.

— Alex, é melhor se afastar. — Eu sabia que ele não queria se envolver em uma briga comigo.

— Eu vou embora — anunciei.

— Faça isso. — Johnny apaziguou ainda impedindo que Anita estivesse em meu campo de visão. — Esfrie a cabeça.

— Vou esfriar. O que precisava fazer aqui eu já fiz. Nunca mais se aproxime do meu filho, Anita. — Vi a surpresa no rosto do melhor amigo da minha namorada. — Foi ela, Johnny. Ela apagou o nome da lista. Ela quase matou o meu filho. Apenas porque queria incriminar Charlotte.

— O quê?

— É mentira dele — Anita choramingou. — Ele quer me incriminar para me manter longe do Lipe. Para atender um capricho da namorada.

— Anita, fique calada — Johnny pediu.

— Eu não vou tentar te convencer, Johnny! De qualquer forma, obrigado por me impedir de matar essa maluca. Ela não vale a pena.

— Seu cretino! Eu vou acabar com você na justiça. Vou contar para o mundo o que você fez a Tiffany. Vou destruir o seu conto de fadas.

— Você já destruiu! — Saí batendo a porta, selando e encerrando, de uma vez por todas, aquele capítulo da minha história.

Charlotte

Sete dias de silêncio. Uma semana inteirinha. Eu não conseguia pensar, não conseguia me entender e não sabia o que fazer. Falar com Alex era essencial. Ouvir a sua versão dos fatos era o correto a ser feito, independentemente da minha decisão. No entanto eu não me sentia forte o suficiente para saber toda a verdade.

Anita tinha dito para eu procurar Miranda, mas para a minha infelicidade, minha amiga partiu com o marido por uma semana visitando Angra e Parati. Eles tinham conversado e acertado as pontas soltas. Agora ela irradiava felicidade, enquanto eu vivia sob a sombra escura dos últimos acontecimentos.

Não achei justo interferir no momento deles. Além do mais, eu não poderia expor Alex. Seria um problema maior se eu contasse o que Anita havia me dito. Eu amava Alex e estava disposta a ouvi-lo, dando-lhe todos os méritos que alcançou em seu relacionamento comigo. Mas Miranda, Johnny, meu pai, ou qualquer outra pessoa poderia não levar em consideração quem Alex foi para todos nós, e declarar o seu ódio.

Era pesado e sério demais para ser aceito ou perdoado.

Porém, eu ainda pensava que aquela era uma história excessivamente fantasiosa.

Como ele poderia ser uma pessoa para mim e outra para qualquer outra mulher? Como conseguia manter duas caras? E se ele era esse tipo de homem, porque Anita e Tiffany fizeram tanta questão de tê-lo? Não dava para ignorar os fatos.

Tiffany quis o meu marido mesmo quando já havia ocorrido a agressão. Eu lembrava muito bem da nossa última conversa, do brilho louco dos seus olhos ao projetar um romance que ela nunca viveria. Não havia ódio, nem tristeza, rancor ou medo. Havia a certeza de que ela o amava e que aquele filho seria a união dos dois.

E Anita? Se ela sabia da verdade... se tinha conhecimento de todos os fatos, inclusive sobre o tal clube do sexo, por que não estava horrorizada? Por que não o repudiava e o incriminava?

Além de todas as questões sem respostas eu ainda precisava lidar com o fato de Alex realmente ter agredido Tiffany. Ele não negou, não tentou me convencer do contrário. E havia a sua versão que provavelmente não me convenceria, como ele mesmo havia dito.

Eu estava preparada para ouvi-lo? Não. Talvez nunca estivesse. Eu ouviria? Sim. Devia isso a ele. Por todas as vezes que ele acreditou em mim.

Eu tremia sentindo um frio que sabia não existir. E foi assim todos os dias desde que saí da casa do Alex. A sensação de vazio, a saudade que eu sentia do Lipe e do Alex. O meu Alex. Não aquele que Anita me revelou existir.

No quarto dia em que mantive o meu silêncio me refugiando em meu quarto e fingindo estar em um surto criativo, resolvi dar uma caminhada pela orla e, sem perceber, acabei parando no Arpoador. Era noite, mas nem isso me deteve. Fazia muito tempo que eu não ia ali, apesar de gostar do local.

Instantaneamente lembrei de tudo o que eu gostava e que não fazia há anos. Tantas coisas que ficaram para trás porque eu me apaixonei, casei, me desesperei e fugi. Tudo ficou para trás com a minha fuga. E quando voltei imaginei que poderia continuar de onde parei, no entanto era impossível. Tudo havia mudado. Tudo.

Eu não era mais a mesma pessoa e Alex... subi as pedras pensando em quem era Alex. Eu não sabia. Não poderia saber. Nos conhecíamos há tão pouco tempo que se somássemos o curto período de namoro e casamento não chegávamos a um ano de relacionamento, então, como eu poderia afirmar que o conhecia? Alex era um homem maduro, vivido, experiente e eu nunca me iludi a respeito das suas vivências, no entanto, nunca, em meus piores pesadelos, cheguei a cogitar algo parecido com o que Anita havia contado. Nada condizia com o homem que eu julgava conhecer.

Pelo menos não com o professor resistente, que se negou veementemente a se envolver com uma aluna, que teve todas as chances e armas para abusar de mim, que nunca me tocou de uma maneira mais rude, que era amoroso e atencioso com o filho, educado e grato aos pais, paciente, amigo, companheiro... Eu não queria acreditar que ele não era nada daquilo, ou que fosse, embora existisse algo mais sombrio em sua personalidade capaz de fazê-lo agir de maneira tão absurda.

Johnny apareceu quando eu pensava em voltar. Eu imaginava que alguém apareceria, até porque meu pai havia percebido que eu não procurava Alex e nem buscava o Lipe. Apesar de Peter respeitar o meu silêncio, contudo tratou de ficar ali, rondando-me e tentando me atrair de todas as formas. Johnny era uma delas.

E como ele conseguiu me encontrar? Bom, eu sabia que um segurança me seguia o tempo inteiro. Que ele me rastreava quando bem quisesse. Meu pai não tocava no assunto e, como eu sabia que ele precisava disso para se sentir feliz e seguro, fingia não perceber.

— Você aqui no meio da noite e com esta cara, deve ter acontecido realmente algo grave — graciei sabendo que meu amigo abriria o jogo.

— É fácil saber onde você está. — Ele subiu o que restava para ficar ao meu lado. — Tenho uma coisa para te contar. — Folgou a gravata e se sentou ao meu lado. Seus olhos sérios denunciavam a gravidade do assunto.

— O que aconteceu, Johnny?

— Precisei tirar Alex de cima da Anita. — Meu coração acelerou quando meu cérebro não captou a mensagem, fazendo-me formular teorias absurdas. — Ele estava tentando matá-la. — Meu queixo caiu literalmente. — Pelo menos foi o que me pareceu.

— Porra, Johnny! — Escondi o rosto com as mãos.

Eu não sabia se ficava aliviada ou temerosa. Era ótimo saber que Alex não via mais Anita com bons olhos, no entanto, saber que ele agredira a madrinha do Lipe apenas reforçava a imagem que ela tentou pintar.

— Charlotte, o assunto é sério. — Voltei a olhar para meu amigo que continuava tenso. — Ele acusou Anita. Você sabe de quê. Todas as suas suspeitas.

— O caso do Lipe?

— Principalmente.

— Ai meu Deus! Ela confessou?

— Não para mim. — Continuou me olhando. — Tá legal! Eu estou mais inclinado a acreditar no seu namorado do que nos apelos dela.

— Ele vai dar queixa?

— Duvido muito. Mas eu tive que convencê-la a não dar queixa dele. Os hematomas em seu pescoço são o suficiente para enquadrar Alex.

— Puta merda!

— Exato. Agora é a sua vez. O que aconteceu?

— Como assim? — Recuei. Eu não podia contar ao meu amigo o que Anita havia dito. Não sem antes dar a Alex a chance de se defender.

— Não se faça de idiota. Pelo menos não comigo — rebateu, cansado demais. Suspirei.

— Anita fez algumas acusações graves contra Alex. Ela as usou como arma para nos separar. — Johnny fechou os olhos e coçou a testa. Ele estava mesmo cansado.

— Que tipo de acusações. — Fiz uma careta.

— Desculpe, mas não posso contar.

— Charlotte!

— Não posso, Johnny! Eu e Alex ainda não conversamos e eu preciso saber dele o que realmente aconteceu para chegar a minha própria conclusão.

— Que merda!

— Por favor, confie em mim.

— Vocês terminaram?

Encarei meu amigo e de repente eu não sabia nem o que fazer com as minhas mãos. Qual resposta eu poderia dar? Estávamos juntos? Com certeza não. E separados? Também não. Então o quê?

— O que está faltando para você ouvir o que ele tem para dizer?

— Algumas coisas. — Meu amigo arqueou a sobrancelha me cobrando uma posição. — Coragem. — E uma conversa com Miranda, mas esta parte eu também não poderia contar a ele.

— Lottie... meu amor. — Ele segurou em minha mão.

Imediatamente meus olhos encheram de lágrimas. Johnny só me chamava assim quando realmente estava preocupado, ou triste, ou qualquer outra coisa que exigisse o nível máximo de intimidade entre nós dois.

— Você sabe que Anita não é confiável. Ela não é ruim, também não é muito certa da cabeça. — Tentou sorrir, mas foi em vão. — Ela não quer perder o Lipe e é o que vem acontecendo desde que você voltou para aquela casa.

— E isso justifica ela ter tentado matar o menino?

— Não. Nada vai justificar o que ela fez. Se é que fez. — Mordi o lábio contendo a minha raiva. — Ok! Tudo indica que ela fez, porém... o que eu quero de fato dizer, Charlotte, é que você já passou por muita coisa por causa deste relacionamento. Você casou rápido demais, descobriu a mentira em que foi envolvida, foi traída, separou, perdeu um filho, descobriu que não poderia ter outro, voltou para Alex, amou o filho dele e reconstruiu tudo com muita nobreza e dignidade. Eu achei que você não conseguiria, mas você conseguiu. Mesmo com Anita, com o seu pavor de crianças, com a mágoa... seu amor por Alex é puro e verdadeiro e o dele por você também. — Solucei deixando cair as lágrimas contidas. — Eu não

sei o que Anita aprontou desta vez, mas tente enxergar apenas Alex e o que vocês dois passaram para chegar até aqui.

— Você não está se importando? Não te incomoda o fato de Anita estar tão obcecada com meu relacionamento?

— Eu já disse que não. Há muito Anita deixou de ser interessante para mim. Era só sexo.

— Era?

— Não posso ficar com uma pessoa que te faz mal. Mesmo que seja só para sexo. — Piscou de forma descarada, embora eu soubesse o quanto tal decisão custava ao meu amigo.

— Obrigada, Johnny! Você merece uma pessoa melhor.

— Eu mereço muitas pessoas melhores. — Levantou de um pulo. — Não sou homem de ficar preso a uma única mulher.

— Pela primeira vez eu fico feliz em ouvir isso. — Levantei e abracei o meu amigo. — Obrigada!

— Você está gelada. — Acariciou meus braços tentando me aquecer. Ele não sabia que o gelo vinha de dentro e não do vento local. — Vamos. O padrinho está preocupado. Você não contou nada a ele, não é?

— Não. Com certeza ele já deve ter uma ideia do que está acontecendo.

— Ele tem. Vou te deixar em casa.

Descemos a pedra de mãos dadas. Qualquer pessoa que nos visse acharia que éramos um casal de namorados. Ele me conduziu com cuidado até que estivéssemos no chão, e depois caminhou ao meu lado, abraçando os meus ombros como se quisesse me confortar.

Não havia muita gente por lá, por isso era fácil ver e prestar atenção aos movimentos. Não sei por que minha atenção se voltou para um casal que deixava um carro. O rapaz ajeitava o boné da garota, prendendo seus cabelos vermelhos como se desejasse ocultá-los. Ele sorria e ela parecia emburrada, e então, quando passamos por eles, ela se virou e levantou o dedo do meio.

Meu rosto esquentou consideravelmente. Se ela havia feito aquele gesto indecente para mim foi bem merecido. Eu estava olhando para os dois como se estivesse enfeitiçada pela composição. O rapaz jovem, pele bronzeada, feições finas, bonito, podemos dizer, a garota que não parecia com nada que harmonizasse com a figura dele e que, mesmo assim, tornava a pintura algo admirável.

Claro que eu olhei e lógico que pensei que seria uma ótima dupla para a construção de personagens. Mas foi apenas isso. Obviamente a garota não entendeu assim e reagiu. Parei chocada e Johnny me puxou pelos ombros.

— Você viu o que ela fez? — perguntei perplexa. — Eu só olhei para eles! — Johnny riu. — Não tem graça ser agredida sem ter feito nada.

— Não foi com você, princesa!

— Como pode saber?

— Tá vendo ali? — Apontou um rapaz escondido com uma câmera apontada na direção do casal. — Se eu não me engano o rapaz de boné é um ator internacional famoso.

— Sério? — Olhei outra vez para eles que já se afastavam sem olhar para trás.

— Sério. Pelo menos desta vez as lentes não estavam voltadas para você. Como se não bastasse o escândalo com o Thomas para apimentar o seu namoro.

Sorri descansando no peito do meu amigo até alcançarmos o carro. Ele tinha razão. Graças a Deus não chamamos atenção.

Alex

Cinco dias sem que ela mandasse qualquer notícia. Eu estava quase enlouquecendo.

Eu olhava o computador e não conseguia sequer me concentrar para organizar minhas ideias. Foram cinco dias vivendo no modo automático. Tentando não passar para Lipe o que estava acontecendo, apesar de

ele perguntar insistentemente por Charlotte. E eu me sentia péssimo!

Não apenas por ter escondido dela a verdade mais uma vez. Eu não conseguia contar e não pensei que Anita poderia estragar tudo contando uma versão fantasiosa. Eu me sentia péssimo por ter aberto a porta da minha casa e permitindo que Charlotte entrasse, mesmo quando imaginava que tudo acabaria outra vez. E com isso criei um mundo mais vazio não apenas para mim, para o meu filho também, que já estava contagiado por aquela garota maluquinha, de sorriso fácil e cheia de amor.

Mais uma vez eu estraguei tudo e a culpa me corroía.

— Por que você não procura ela e conta logo de uma vez o que realmente aconteceu? — João estava tentando a todo custo encontrar uma solução para o meu problema.

Eu não queria conversar. Ele não sabia o que eu tinha feito, apenas acreditava em mim quando dizia que a versão de Anita era mentirosa. E ponto final. Com João era assim, não precisava de muita explicação.

Ele mantinha uma fé em mim que nem eu chegava a ter, mas naquele momento eu era muito grato por isso.

— Charlotte precisa do tempo dela — expus o mantra que exercitava a cada minuto para não sair correndo atrás da minha namorada. — Eu preciso ter paciência ou vou estragar ainda mais as coisas.

— Cara, você devia denunciar Anita. O que ela fez não tem perdão.

— E vou fazer isso como? Não tenho provas do que ela fez. Quando Johnny chegou lá ela tinha acabado de confessar, mas desmentiu tudo. Vai ser a minha palavra contra a dela e, levando-se em consideração o fato de Tiffany ter atentado contra a própria vida mesmo estando grávida, vai ser muito fácil as pessoas acreditarem na versão dela. Será um escândalo enorme que poderá afetar não apenas a minha carreira como também a vida do meu filho e da própria Charlotte.

— Foda! Eu mesmo mataria aquela desgraçada, se isso não me levasse a ficar longos anos na prisão e longe das minhas pestinhas. — Tive que sorrir. Era bom saber que João era um pai tão dedicado e amoroso. Assim como eu. — Patrício já está sabendo?

— Não. Ele está tentando salvar o casamento. Preferi deixá-lo em paz.

— Patrício é um babaca — ele sorria, então eu soube que meu amigo se referia ao fato do meu irmão enxergar mais problemas do que soluções para viver bem com Miranda.

— Ele é sim. — Olhei mais uma vez o celular. Eu ainda nutria a esperança de receber alguma mensagem. Qualquer coisa que me dissesse que aquela angústia teria fim.

— Ligue para ela, Alex! Você está péssimo!

A sensação de peso no peito, tão descrita nos livros, acompanhava-me desde que Charlotte passou pela porta da minha casa e foi embora. Eu queria poder massagear o local mesmo sabendo que nada aliviaria a dor. Seria assim até ela voltar ou até eu me acostumar a viver outra vez sem a mulher que amava.

— Charlotte vai me procurar quando estiver pronta.

— E se ela nunca estiver pronta? — Olhei para João com o coração acelerado. Ele disse em voz alta o que eu tanto temia e me obrigava a não acreditar. — Da última vez levou três anos até que ela parasse para te ouvir.

— Da última vez não havia nada que eu pudesse dizer para fazê-la ficar.

— Então ela voltou e te perdoou. Poderia muito bem ter poupado três anos de sofrimento e lamentações em meus ouvidos. — Ri.

— Você sabe que nada funciona assim.

— Mas poderia funcionar — suspirou pesadamente passando as duas mãos nos cabelos. — A vida seria bem mais fácil se fosse como nos livros.

— Eu leio tantos dramas nos livros que penso que a vida já é bem mais fácil e menos complicada — rebati, agradecendo pelo desvio dos meus pensamentos.

— Nos livros os finais são sempre felizes. — Arqueei uma sobrancelha pronto para negar o que ele

dizia, mas desisti. Eu almejava um final feliz típico dos livros que o João Pedro citava.

— Não seria uma ideia ruim.

Ficamos em silêncio. Eu sabia que João me observava tentando encontrar qualquer outra coisa que me fizesse sair um pouco daquela apatia. Uma prova disso era ele estar em minha sala há quase duas horas sem nenhum motivo aparente, apenas jogando conversa fora e tentando me convencer a procurar Charlotte.

— O que vai fazer no feriado? — Ele tentou mais uma vez.

— Vou para o rancho com os meus pais. E vocês?

— Vamos para Brasília. Meu pai tem reclamado que nunca mais fomos então pensamos em aproveitar para fazer este passeio com as meninas.

Eu entendia a necessidade do meu amigo passar um pouco mais de tempo com a própria família. Durante anos ele se afastou para viver o mundo de Lamara. Não estava arrependido, mesmo assim eu sabia que ele sentia falta do pai.

Só que eu não esperava ficar sozinho com o Lipe e meus pais em um feriado prolongado e contava com a presença do meu amigo e das suas filhas para fazer o tempo passar mais rápido.

— Patrício também não vai.

— É. — Ele me olhou com culpa. — Eu estou sabendo.

Claro que sabia. Era o aniversário de Charlotte e Miranda não abriria mão de ficar com a amiga. Todos ficariam com ela, menos eu e Lipe. Isso considerando-se que as coisas não estariam resolvidas até lá, como eu almejava.

— E Anita tem tentado alguma coisa? — Ele desviou a conversa.

— Não, mas Lipe não tem ido à escola. Eu ainda não sei como farei para mantê-lo na rotina. Não posso acompanhar todos os seus passos para me certificar de que ela não aparecerá. Também não posso confiar que ela não vai tentar nada.

— Filha da puta! — rosnou. — Eu sempre te disse que essa reaproximação não era legal. — Passei a mão no rosto cansado daquelas acusações.

— Sim, você avisou. Todo mundo avisou e todo mundo aceitou muito bem que Anita assumisse o posto que assumiu em minha vida. Vamos ser realistas: quem poderia dizer que ela seria capaz de atentar contra a vida do Lipe?

— Pelo que você disse ela acreditou que seria apenas um susto.

— Um susto que quase matou o meu filho.

— Você está certo. Lipe ainda não está em idade colegial então não vai ficar atrasado em nada. É melhor prevenir do que remediar.

— É sim. Vai ser melhor tirá-lo um pouco da cidade. Fazê-lo se concentrar em outras coisas. — João fez uma careta que eu já conhecia.

— Ele está sentindo a falta dela, não é mesmo? — Concordei com a cabeça. — Essa é a grande merda de tudo. Da próxima vez pense dez vezes quando for apresentar uma mulher ao seu filho. Quer dizer... caso Charlotte não volte. Claro que ela vai voltar — se corrigiu rapidamente ao ver a minha cara de poucos amigos.

— Eu não apresentei uma mulher qualquer, eu apresentei a mulher da minha vida, a que eu quero que fique comigo para sempre.

— Eu sei, eu sei. — Levantou a mão se rendendo. — Falei bobagem.

— Mais uma das suas bobagens — rebati ofendido. João Pedro riu concordando comigo, o que me deixou mais tranquilo.

Ainda tínhamos duas noites antes de viajarmos e eu precisaria de toda minha força de vontade para permanecer firme e respeitar o tempo de Charlotte.

Charlotte

Abri a porta de casa e dei de cara com meu pai. Ele estava sentado no sofá, o celular na mão e os olhos demonstrando claramente que daquela noite não passaria. Soltei o ar dos pulmões decidida a não travar uma guerra. Conhecia meu pai o suficiente para saber que ele cavaria aquela informação até consegui-la. Era melhor que fosse através de mim, colocada pelas minhas palavras e não por uma mente doentia como a de Anita.

— O que houve? A namorada não quis sair esta noite? — Ele riu irônico.

— Se um monte de planilhas e executivos engravatados fossem considerados namorada muitas pessoas estariam solteiras.

— Muitas pessoas estão solteiras. — Sentei ao seu lado aguardando pela bomba.

— Você está? — Pensei a respeito. Aliás, era só no que eu pensava nos últimos dias.

Muitas e muitas vezes precisei frear o impulso de procurar Alex. Eu não queria vê-lo porque queria ouvir o que tinha para me contar e sim porque a saudade estava me castigando de forma injusta e cruel. Só que saudade não poderia ser a mola propulsora daquela conversa. Eu precisaria estar desprovida dela para conseguir ouvir e tirar as minhas próprias conclusões.

Eu sabia que se fosse vê-lo sentindo falta do Lipe, sentindo falta do que vivemos nos últimos tempos, Alex poderia confirmar que era tudo verdade e ainda assim eu voltaria, apenas para me culpar todos os dias e me condenar por aceitá-lo mesmo depois de tudo.

E também havia o medo que me congelava. Eu queria acabar com a distância, resolver logo, no entanto havia a possibilidade de que o que ele tivesse para me contar acabasse colocando um fim em tudo. E só de imaginar o fim eu me escondia covardemente na ideia de que precisava de mais tempo e assim os dias passavam sem que eu tivesse coragem de dar aquele passo.

— Charlotte?

— Não sei pai. — Fui o mais honesta possível. — Eu me afastei porque precisava de um tempo para entender algumas coisas.

— Alex fez algo errado?

— Eu não sei. Esse é o problema. — Ele me encarou como se quisesse encontrar a verdade além da minha máscara muito bem colocada de mulher madura e serena.

— Você não sabe — repetiu, ainda me analisando. — E o Lipe? — Escondi meu rosto entre minhas mãos tentando acalmar meu coração. Lipe era o meu ponto fraco.

— Eu não sei o que fazer com o Lipe, pai. Não quero perdê-lo. Não quero abandoná-lo, mas qualquer atitude que eu tome em relação a ele vai envolver Alex e eu não sei se estou pronta para encará-lo agora.

— Meu pai suspirou e colocou uma mão em meu joelho.

— Você sabe que pode me contar tudo, não é mesmo?

— Da mesma forma que eu sei que se não te contar o senhor vai descobrir. — Ele ficou surpreso, mas sorriu convencido.

— Apenas porque quero o seu bem.

— Não. Porque o senhor não pode ficar sem estar no controle de tudo.

— Charlotte...

— Anita acusou Alex de estupro. — Vi confusão no rosto do meu pai. — Tiffany — tentei consertar, mas vi que o deixei ainda mais confuso. — Ok! Anita disse que Alex estuprou Tiffany na noite em que Lipe... eles... o senhor entendeu. — Meu rosto esquentou e meu pai ficou sem graça com a minha tentativa de informá-lo.

— Alex confirmou?

— Não. O problema é que ele disse que eu ficaria horrorizada com o que ele poderia me contar sobre aquela noite, então eu posso acreditar que ele não violentou Tiffany, mas o que mais de horrível poderia ser envolvendo sexo? — E com isso meu rosto esquentou um pouco mais. Ajustei os óculos tentando esconder o meu embaraço.

— Isso é grave.

— Muito grave. Principalmente porque Tiffany morreu. Ninguém pode dizer que Alex vai falar a verdade, nem Anita.

— Bom... — Ele se acomodou no sofá sem me encarar. Os olhos maximizados buscavam pelas palavras certas. — Levando-se em consideração quem é Alex e quem é Anita eu acho que a versão dele deveria ter mais credibilidade.

— Existe algo de muito ruim nesta história — falei mais para mim do que para ele. — E eu não sei se quero ouvir.

— Você está me dizendo que está se recusando a ouvir a versão dele?

— Estou dizendo que pedi um tempo para me preparar. — Meu pai ficou me encarando como se eu fosse uma idiota. Provavelmente eu era mesmo.

— Charlotte, eu quero ser o mais honesto possível com você...

— Eu ficaria grata — salientei devido a todas as vezes que ele não foi honesto quando tivemos problemas.

— Não posso dizer que Alex não fez isso, apesar de querer acreditar com todas as minhas forças. Não posso acreditar que casei minha filha com um homem doente. — Comecei a ficar tensa. — Alex sempre foi um homem justo, nunca houve nada que pudesse desonrá-lo... não me olhe assim. Você jamais se casaria sem que eu investigasse a vida do sujeito.

— Não sei porque isso não me surpreende. — Revirei os olhos.

— Alex é uma figura pública. Não acha que se ele já tivesse feito algo parecido a pessoa não tardaria a acusá-lo?

— E se for a primeira vez? E se aconteceu apenas com Tiffany devido à insistência dela?

— Eles foram namorados, Charlotte.

— Como se fosse algum indicador contra abusos. — Meu pai me encarou, olhando-me com curiosidade.

— Você está buscando justificativas para acreditar nesta história? — Recuei. Era exatamente o que eu estava fazendo?

— Só não quero deixar que o amor que eu sinto me cegue. Não posso ficar com Alex sem ter certeza de que nada aconteceu.

— E como vai conseguir isso sem conversar com ele? — Emudeci. O que eu poderia dizer se meu pai estava coberto de razão? — Filha — sua mão subiu do meu joelho para minha mão — pare de se sabotar. Todas as vezes que tem um problema você se fecha e fica incapaz de seguir em frente. Eu entendo todas as suas dúvidas e medos, mas sem dar uma chance a ele de se explicar nunca vai conseguir uma verdade. Uma que te ajude a decidir o que fazer.

— Eu sei.

— Todas as vezes vou precisar te dar um pontapé? — Olhei para ele sem entender. — Alex foi para Petrópolis com Adriano e Dandara.

Entendi a informação e entendi a sua alusão a um pontapé. Era o mesmo de quando eu me escondi na Inglaterra sem coragem de salvar o meu casamento. Meu pai era durão, exigente, antiquado e cheio de manias chatas, porém, quando ele assumia o seu papel de pai, era sempre para me dar aquele empurrão que faltava para me jogar na estrada.

— Ouça o que ele tem para dizer. Olhe nos olhos dele. Eu sei que você vai saber a verdade.

— Pai...

— Vá. Use o meu carro, cuidado com a estrada. Eu mandei Odete fazer uma mala pequena para você,

para o caso de querer ficar alguns dias por lá.

— Mas, pai...

— Se ele disser algo bom, fique, se não, acerte o nariz dele por mim e volte para casa. — Tive que rir — Eu me entendo com ele depois.

— Pode deixar. Eu me resolvo com Alex e o senhor mantém a sua arma muito bem guardada.

Ele riu ainda mais quando me atirei em seus braços como aquela criança de muitos anos atrás. Beijeí seu rosto e fui embora. Era hora de descobrir a verdade.

Capítulo 35

“Sendo inimigo, acesso junto dela não obtém ele para suas juras; nem ela sabe, como, com cautela, lhe poderá dizer palavras puras.” William Shakespeare

Alex

Estava frio. A noite ainda estava se iniciando e já parecia bem tarde. Conferi mais uma vez a bota do Lipe e o seu casaco. Não queria que ele tivesse outro ataque de asma ou qualquer outra reação relacionada a sua saúde.

A lareira estava acesa, mesmo minha mãe reclamando que não era necessário. Na verdade, ela tinha medo por Lipe e eu a entendia, mas como não pretendia tirar os olhos do meu filho, manter a casa aquecida não seria nada ruim.

— Vai chover. A cerração já tomou quase tudo — meu pai anunciou, sentando com uma taça de vinho. — Vamos ter uma noite gostosa e aconchegante. — Abriu os braços para que minha mãe sentasse ao seu lado. Ela riu apaixonadamente.

— Ainda bem que mandamos consertar o telhado — ela disse tentando disfarçar o embaraço por ser cortejada na minha frente.

— E colocamos aquecedores nos quartos — meu pai completou.

— O que foi uma extravagância — me intrometi, quebrando o clima dos dois. — Aqui não é sempre frio. Nada que alguns cobertores não consigam resolver.

— Nós gostamos de fazer extravagâncias — meu pai me censurou beijando o topo da cabeça da minha mãe, que sorriu imediatamente.

— Lipe, não coma tanto chocolate, meu amor — ela advertiu e eu voltei minha atenção para o meu filho que mantinha na mão o palito com os morangos banhados em chocolate. Os morangos ainda estavam lá, já o chocolate...

— Alguém vai ter que tomar banho antes de dormir — brinquei, beliscando a sua barriga. Meu filho riu lambendo os dedos. — Você vai virar uma formiga.

— Será que o rio vai transbordar?

Estremeci com a pergunta da minha mãe. Há alguns anos eu me fiz aquela mesma pergunta e foi graças a ele que finalmente eu tive Charlotte em meus braços. Também estavam lá Tiffany e Anita e elas quase destruíram a minha relação com a mulher que eu amava. O engraçado daquilo tudo era perceber que ali era apenas o começo do inferno ao qual elas me condenariam. Os anos passaram, Lipe nasceu, Tiffany morreu e nem assim elas deixaram de me atormentar. Era impossível não pensar em tamanha semelhança, apesar de Charlotte não estar presente.

— Se formos ter chuva forte é melhor pedir para prenderem os cavalos — minha mãe continuou.

— Vou fazer isso. — Meu pai levantou. — Se aquela cabana não cair hoje não cai nunca mais. Outra vez fui levado pelas lembranças. Charlotte fugiu de mim quando pensou que eu estava brincando com os seus sentimentos e que tinha um caso com Anita. Eu já estava completamente apaixonado e não pensei duas vezes antes de me atirar naquele rio para encontrá-la. E foi maravilhoso! Depois disso não voltamos mais à cabana, como ela tanto desejou. Eu deveria levá-la lá para lembrá-la do nosso amor, do meu amor. Suspirei e encontrei o olhar da minha mãe que me fitava com pesar. Meu pai não estava mais lá, o que me fez perceber que fiquei muito tempo perdido em meus pensamentos.

— Lamara e João Pedro gostam tanto do friozinho daqui — ela começou, puxando o casaco para se aquecer melhor. — Pena eles não terem vindo.

— É sim. — Alisei o cabelo do meu filho rezando para que ela não tocasse no nome de Charlotte. Lipe ficaria triste outra vez e eu estava preparando o terreno para o caso de ela não voltar mais.

— Espero que não tenha trovoadas. Os cachorros vão ficar agitados — ela continuava puxando assunto, ou tentando me fazer esquecer as lembranças. Como se fosse possível.

— Tem que mandar prendê-los também.

— Eu já fiz isso. — A voz do meu pai denunciou a sua volta. Ele estava mais animado. — Vejam só quem eu encontrei perdida por aqui. — Olhamos todos no mesmo instante e eu não conseguia acreditar no que meus olhos me mostravam.

— Charlotte? — Minha mãe levantou, mas Lipe foi mais rápido.

— Loti! — ele gritou correndo em sua direção.

Charlotte abaixou para recebê-lo em seus braços e retribuiu a emoção ao levantá-lo rodopiando e beijando seu rosto. Tenho que confessar que a cena me emocionou como há muito eu não me emocionava. Eu senti medo, por tudo, por mim, por ela e principalmente pelo Lipe. Como seria para ele se Charlotte simplesmente decidisse que não daria mais para continuar?

A sua recepção calorosa não dizia nada sobre nós dois, apenas confirmava o seu amor pelo meu filho.

— Entre, Charlotte. Está gelado — meu pai a incentivou a se aproximar.

Foi quando ela finalmente olhou para mim. Ainda segurando Lipe, abraçando-o como se apenas aquilo não fosse o suficiente para aplacar a sua saudade, Charlotte me olhou. Não havia a emoção que eu imaginei que haveria quando nos reencontrássemos. Ela estava serena, contudo, cautelosa.

— Charlotte, querida, você viajou até aqui sem um casaco? — Ela sorriu envergonhada do comentário da minha mãe.

Foi quando consegui prestar mais atenção naquela mulher linda e me dei conta do seu jeans, tênis sem meias e uma camisa fina de manga curta. Como ela podia ser tão irresponsável? Imediatamente retirei meu casaco levando em sua direção. Ela não recusou, o que me deixou animado.

— Tome. — Entreguei-lhe o casaco e tirei Lipe dos seus braços para que ela pudesse se cobrir. A pele arrepiada indicava o frio que sentia.

— Traga um vinho quente para ela, Adriano. — Minha mãe já se aproximava puxando Charlotte para perto da lareira. — Você não vai voltar hoje, não é mesmo? Então não tem problema beber um pouco.

— Loti!

Lipe abriu os dois braços querendo ir para o seu colo, o que conseguiu tão logo minha namorada... ex... eu não sabia, sentou-se no sofá em que estávamos antes.

— Eu não sei, Dana — começou a falar, mas minha mãe a cortou de imediato.

— Você vai ficar. Onde já se viu voltar para o Rio de Janeiro com toda esta cerração. Você precisa ficar. Peter nunca nos perdoaria. — Ela sorriu educadamente e me olhou com receio.

— Aqui. — Meu pai lhe entregou uma taça que imediatamente ela levou aos lábios. Eu não sabia se era por causa do frio ou pela situação.

— Chocolate — Lipe mostrou o palito que havia deixado de lado quando ela entrou na sala.

— Hum! Dedos de chocolate, que delícia! — Ela fingiu que morderia os dedos dele e meu filho riu como

há dias não o ouvia rir.

Eu sabia que estava sendo difícil para ele perder Charlotte e Anita ao mesmo tempo, contudo enquanto eu desejava fervorosamente que uma voltasse, cuidava para que a outra nunca mais se aproximasse.

— Me conte, pintou mais algum desenho?

— Não. — Fez um biquinho de desolação. — Não foi.

— Não foi? — Charlotte me olhou curiosa, mas eu não queria conversar sobre aquilo na frente da minha mãe.

— Eu não foi pala ecolinha — resmungou se queixando das minhas decisões. Mais uma vez Charlotte me lançou um olhar buscando por respostas que eu continuei sem dar.

— Lipe, vamos até o quarto da vovó? — Minha mãe levantou, tomando a decisão mais sábia daquela noite. — Vamos lavar essa mãozinha ou então a Charlotte vai comer seus dedinhos. — Charlotte fingiu fazer o que minha mãe falava e meu filho riu deliciosamente outra vez. — Vamos, meu amor. Vovó quer te mostrar um desenho muito legal lá naquela TV grandona do meu quarto.

— Você já vão dormir? — Charlotte ficou agitada, como se de repente estivesse com medo de ficar sozinha comigo.

— Vou só cuidar do Lipe — minha mãe anunciou. — Já está na hora dele. Alex, cuide para que Charlotte esteja bem instalada. Boa noite, querida. Vamos, Adriano?

— Eu vou fechar o portão. Quando vi o carro do Peter entrando em nossa propriedade acabei deixando minhas tarefas para trás. Vão na frente. Eu vou cuidar dos últimos detalhes porque a chuva já começou a cair e eu ainda não dei as coordenadas ao pessoal. — Meu pai começou a sair e voltou para a sala. — Bom ter você aqui, Charlotte. — E foi embora.

Minha namorada demorou um longo tempo encarando a porta por onde meu pai saiu. Eu reconhecia a sua atitude, a protelação, a dúvida sobre estar ou não fazendo a coisa certa, o medo de me encarar de frente e constatar que o pesadelo era verdade.

Então ela se virou em minha direção e, contra todas as previsões, me encarou. A taça ainda em sua mão já não era mais relevante. Ela não sorria, também não recriminava com os olhos ou atitudes. Era como se estivesse vazia, desprovida de qualquer julgamento. Charlotte estava ali para me ouvir, então eu teria que falar.

— Você cumpriu a sua promessa — comecei indeciso sobre como deveria conduzir aquela conversa.

— Demorei um pouco, agora estou pronta. Preciso ouvir o que aconteceu naquele dia, e, por favor, não me esconda nada.

— Não vou esconder. Eu vou te contar tudo. Não sou um monstro, também não estou isento de culpa. E com isso eu iniciaria a conversa mais importante da minha vida.

Charlotte

Estremeci com as palavras dele. Eu precisava continuar forte, ir até o final e tomar uma decisão. Não dava mais para voltar atrás. Por isso permaneci calada, ouvindo e deixando que ele falasse.

— Vamos para um lugar mais reservado? — Fiquei tensa.

Eu também acreditava que se ficássemos ali na sala, Adriano logo voltaria, Lipe poderia nos procurar e a qualquer momento, Dana poderia acreditar que sentíamos fome, o que não vinha ao caso. Era melhor que conversássemos sem interrupções. No entanto, estar em lugar reservado com Alex seria um risco muito grande.

Se por um lado eu não queria interrupções, por outro eu não queria ser influenciada. Tê-lo tão perto,

conhecendo o seu poder de persuasão e sabendo o quanto eu era fraca, o melhor a fazer era ficar em um lugar neutro, de onde eu pudesse fugir, para ser mais específica.

— Podemos ficar no escritório do meu pai — ele sugeriu fazendo-me pensar. O escritório poderia ser um lugar neutro, apesar de eu saber que se Alex quisesse me dominaria em qualquer ambiente.

— Pode ser. — Eu não estava tão certa, mesmo assim aceitei. Era melhor começarmos logo. Alex não segurou em minha mão, nem tentou me abraçar. Era como se ele soubesse do meu medo e respeitasse a minha necessidade de distância. Fiquei feliz ao constatar tal fato. Se ele respeitava o meu espaço seria capaz de respeitar qualquer outra coisa. Inclusive uma mulher que não quisesse transar com ele.

Será? Eu não estava sendo muito ingênua?

Caminhamos em silêncio até entrarmos no escritório. Estava tudo exatamente como da última vez em que estive naquele lugar. Se eu fechasse os olhos poderia sentir a vergonha que senti quando flagrei Miranda e Patrício em uma situação imprópria.

Parecia que o passado visitava o presente. Na ocasião eu me sentia insegura quanto a Alex. Não sabia do seu amor, apenas do meu. Queria alcançar o meu objetivo mesmo sabendo que sairia em frangalhos. E foi tudo completamente diferente do que eu acreditava.

Será que seria assim novamente?

Alex me indicou a cadeira em frente à mesa e, dando a volta, sentou do outro lado, estabelecendo uma barreira entre nós dois. Mais uma vez me dando a chance de escapar, de fugir e de encerrar a nossa história.

Com um suspiro pesado e demonstrando estar desconfortável, ele começou:

— Como eu te disse, naquela noite eu bebi além do normal. Cansado e sem ânimo para sair, misturei tudo o que encontrei em minha casa que continha álcool. Você sabe, eu achei que era o fim. Estávamos afastados fazia tempo demais e você não demonstrava intenção de voltar. Por uma confusão seu pai acabou me fazendo acreditar que você tinha concordado com o divórcio e eu enlouqueci.

Eu já conhecia toda aquela história e não entendia porque Alex queria repeti-la, porém não o interromperia por nada. Era melhor deixar que ele completasse o seu raciocínio e esclarecesse de uma vez por todas aquela confusão.

— Quando Tiffany chegou eu já estava muito bêbado, mal me aguentava em pé. Ela estava tentando imitar você, usando roupas parecidas com as suas, o cabelo estava pintado, você se lembra disso. Eu estava tão fodido que, por algum problema em meu cérebro acreditei ser você. Tiffany tentou me dizer a verdade, mas eu só pensava que não podia perder você novamente. Ela sabia do meu engano, o tempo todo eu a chamava de Charlotte e declarava o meu amor. Como você sabe nós fomos para a cama e a esta altura ela não tentava mais me chamar para a realidade, muito pelo contrário, ela participou ativamente.

Eu queria fechar os olhos, tapar os ouvidos e pedir para ele não continuar. Se imaginar já era ruim, ouvir o homem que eu amava me contar com detalhes como fora a sua traição doía absurdamente. Mesmo assim continuei encarando Alex e ouvindo, embora os olhos estivessem ardendo e o estômago revirado.

— Em determinado momento eu percebi que não era você. Foi estranho, porque eu estava bêbado realmente, mas quando finalmente percebi ser Tiffany, parece que o nó que tinha atordoadado minha mente se desfez e a única coisa que eu conseguia sentir era raiva. Não era uma raiva momentânea, era uma raiva acumulada. Foram segundos entre eu pensar no fato de Tiffany estar ali embaixo de mim e em tudo o que ela havia feito para nos separar, mas também, Charlotte...

Ele remexeu na cadeira, se aproximando um pouco sobre a mesa. Eu quis me afastar. Pode ser bobagem depois de ter perdoado e aceitado viver outra vez com ele, aceitando o seu filho como meu, no entanto ouvir a história sempre abriria uma falange entre nós dois.

— Eu sentia uma raiva especial por você.

— Por mim?

— Por tudo o que eu estava passando porque você não conseguia amadurecer. Eu... não sei, Charlotte! Ele parecia inseguro sobre o que poderia ou não revelar. Eu queria saber de tudo, até o final. Não importava o quanto doeria. Então me calei e aguardei que ele continuasse.

— Eu não entendia e não aceitava a nossa situação, mas isso você já sabe também. Então... — Seus olhos foram para a madeira da mesa, como se estivessem decorando as suas falhas, e eu soube que, o que dissesse a partir dali, selaria o nosso destino. — Eu quis mostrar a Tiffany o quanto poderia ser ruim ficar comigo. Ela pensava que me conhecia, que sabia até onde eu poderia ir. Eu usei a raiva para condená-la.

— Então é verdade. — Não resisti. O nó em minha garganta ardia, queimava, e meu coração estava acelerado.

— Não. Não exatamente.

— Eu não entendo.

— Vou explicar. Antes preciso te contar como funcionava o meu relacionamento com Tiffany. — Fiquei incomodada, mesmo sabendo que era importante conhecer aquela parte da história também. — Tiffany sempre foi aquela mulher que você conheceu. Era educada, gentil, meiga e delicada. Sua postura social era totalmente diferente da sexual. Eu não julgo ou considero como algo anormal. Como tínhamos um relacionamento aberto, onde eu não queria nada sério, comprometimento, nada disso, curtíamos juntos, algumas vezes ela encrencava, outras apenas participava. Até que fomos convidados para um clube onde tudo era possível.

— O clube de sexo. — Mais uma vez comprovei o que Anita tinha dito e fui atirada ao inferno.

— Uma casa de swing, Charlotte. Um clube fechado onde todos os participantes são convidados e todos os seus desejos são atendidos. — O ar ficou preso em meus pulmões enquanto eu o ouvia relatar aquela parte obscura do seu passado. — Tiffany resistiu bastante a princípio, mesmo sendo uma pessoa muito liberal na cama ela demonstrou uma resistência que ganhou a minha atenção. Ela... — Ele engoliu com dificuldade, recuperando a coragem, continuou. — Tiffany só relaxou depois que conheceu uma pessoa. Uma mulher. E foi assim que eu descobri o seu desejo mais obscuro. Na verdade, eu deveria saber como ela funcionava, já que a maneira como agia na cama já dava todos os indícios.

— Do que você está falando? — O temor em minha voz não ficou escondido porque eu sabia o que ele diria.

— Tiffany fantasiava com abusos. — Abaixei a cabeça passando as mãos pelos meus cabelos. — De várias formas. Ela gostava de ser subjugada, submetida, não apenas por homens, por mulheres também. Em sua fantasia ela não queria a relação e era forçada. Quanto mais geniosa a pessoa fosse mais fácil ela sentia prazer.

— Puta que pariu!

— Era uma fantasia, Charlotte! Apenas uma fantasia. Ela não saía na rua buscando violência sexual. Naquele clube... ali você pode ser tudo o que quiser. E não se espante, as pessoas que julgamos mais normais são as que mais frequentam lugares como estes, realizando as mais variadas fantasias.

— Então ela permitiu. Não foi um abuso.

— Ela permitiu, tanto que sentiu prazer, só não foi como das outras vezes. Odiei ouvir aquilo. Odiei aquela história e, acima de tudo, odiei Alex, mesmo sabendo que era direito dele viver qualquer situação antes de me conhecer. A idiota ali era eu.

— Porque você a machucou — afirmei e ele concordou.

— Esse foi o meu erro e eu vou viver eternamente com esta culpa. Não transei com Tiffany contra a sua vontade, porém eu fui muito mais rude, muito mais perverso, quis fazê-la sofrer de fato, mostrar o quanto um abuso poderia ser cruel. Eu... porra, eu estava bêbado e com raiva, nem por isso quero ser liberado

do meu erro.

De cabeça baixa permiti que as lágrimas caíssem. Eu precisava delas para aliviar o aperto em meu peito e conseguir pensar corretamente.

— Você... — Limpei a garganta para conseguir falar sem assustá-lo com a minha dor. — Vocês sempre transavam assim? Como se fosse uma violência sexual?

— Se você está querendo saber se eu gostava, se também era a minha fantasia, a resposta é não. Não era agradável transar com alguém que ficava repetindo que não queria e que era para você parar.

— Então...

— Eu entrava na onda dela. Tiffany também se empenhava em realizar as minhas fantasias. Não mais naquela casa de swing, mas em nossas casas. Não era sempre assim. Não era nem quase sempre. Eu neguei algumas vezes e cedi outras e em outros momentos nem cogitávamos a ideia.

— Alex, porque Anita te acusou então?

— Provavelmente porque Tiffany usou como desculpa, ou porque não soube justificar os machucados... eu não sei, Charlotte!

— Ela ficou muito machucada?

— Ela ficou machucada o suficiente para eu nunca mais esquecer, mas não para fazê-la desistir de mim. Tiffany não se importou e tentou voltar sempre que teve oportunidade.

— Merda!

— Você nem faz ideia do quanto eu me sinto sujo com essa história toda. Quando lembro que foi assim que Lipe foi gerado eu me envergonho tanto! Nunca poderei olhar nos olhos do meu filho se ele descobrir uma aberração como esta. Nunca serei um homem respeitável se ele souber que eu machuquei a mãe dele, que quis puni-la por tentar a todo custo me atrapalhar.

— Eu te entendo.

Foi o que consegui dizer. Não dava para me sentir melhor. De uma forma ou de outra ele machucou uma mulher por sentir raiva dela. Mesmo tendo o seu consentimento para o sexo, ele não teve para a punição. Tiffany poderia ter uma mente doentia, mas a minha não era a ponto de aceitar e justificar todos os erros dele.

No entanto eu o entendi quanto ao medo em relação ao filho. Eu seria muito injusta se não atribuísse a Alex o fato de ele ser realmente um excelente pai. Ele conseguia uma relação segura e equilibrada com o filho, mesmo sendo Lipe tão criança. Eu sabia que Alex amava o filho acima de qualquer outra coisa, inclusive de mim e tal atitude era louvável. Por isso sabia que se Lipe descobrisse o que o pai fez com a mãe, provavelmente Alex deixaria de ser o seu herói. E, acredito, não há nada pior para um pai do que perder tal posição.

Por outro lado, Lipe também poderia um dia descobrir tudo o que a mãe e a madrinha fizeram para afastar o pai de mim, o amor da sua vida, como ele mesmo dizia. Ele poderia entender que a mãe era louca e que desenvolvera uma obsessão pelo seu pai, fazendo com que ele fosse gerado.

Para ser bem sincera, eu não desejava que ele descobrisse nenhuma das duas verdades. Seria doloroso. E eu desejava uma vida plena e cheia de amor para aquele menino.

— Isso nunca aconteceu antes, Charlotte. Nem com Tiffany nem com ninguém. Eu sempre tive fantasias, as que eu alimentava e as que surgiam conforme a situação, mas nunca me imaginei fazendo algo assim. Também nunca acreditei que seria uma coisa danosa atender a fantasia da minha parceira. Hoje eu enxergo tudo diferente. Queria poder mudar a situação, apesar de saber que é impossível.

— Eu sei.

Eu não conseguia pensar em nada que me fizesse pender para um lado ou para o outro. Tudo era novo e fora da realidade. Eu precisava de mais um tempo para digerir todas as informações e então decidir, mas, eu teria este tempo?

— Você está estranha.

— Eu... — Puxei o ar com força e não consegui encará-lo. — É tudo muito complicado, Alex. Eu acredito em você, mesmo assim...

— Miranda pode te ajudar com as dúvidas.

— Miranda? — Vi que meu namorado estava pálido e que, recorrer a minha amiga, era algo extremamente custoso para ele.

— Charlotte... — Ele se inclinou outra vez sobre a mesa. — Eu sei que nunca deveria te dizer isso, mas Miranda sabe muito mais sobre esse assunto do que você imagina.

— Como assim?

— É só o que eu posso te dizer. Cabe a Miranda a decisão de te contar ou não. Hoje, eu dependo dela para ter você de volta.

— Mas...

— Não posso te contar. Por favor, me entenda! Eu jurei a... eu jurei que nunca contaria.

— Jurou a Miranda?

— Não apenas a ela. — Ele me olhava apreensivo e eu ficava cada vez mais confusa. Soltei-me na cadeira sentindo todo o peso do mundo em minhas costas. Alex me olhava com atenção. Eu sabia muito bem o que elealaria, só que eu não poderia tomar nenhuma decisão sem pensar muito bem no assunto. Como ele mesmo disse: Tiffany morreu e restava apenas a versão dele.

Mas o que eu estava pensando? Era do Alex que estava falando. E eu não podia pensar nele de uma forma tão ruim.

— Você não vai voltar, não é?

A certeza sofrida em sua voz fez o meu coração perder uma batida. Eu não sabia a resposta. Na verdade, era muito provável que eu superasse. Estava muito inclinada a aceitar a sua palavra desde que recebi Lipe em meus braços outras vez. Eu não suportaria deixá-lo.

Quanto a Alex, bem... eu não duvidava da sua versão. Como meu pai disse, se olharmos quem era Alex e quem foi Tiffany, não havia como incriminar o meu namorado. Seu pecado existia. Fora demasiadamente violento com uma pessoa que gostava de violência. O que eu poderia dizer?

— Alex, eu...

Fomos interrompidos pela batida na porta que logo em seguida foi aberta. Dana entrou com um sorriso nervoso, seus olhos analisaram tanto o filho quanto eu, mas procuraram por mais alguém.

— Lipe está com vocês? — Alex olhou para mim e depois de volta para a mãe.

— Ele não estava com a senhora? — Percebi que ele estava tenso, mas ainda se mantinha equilibrado, buscando pelas informações.

— Estava. Eu fui até a cozinha fazer um chocolate quente e o deixei adormecido em minha cama, quando voltei ele não estava mais lá. — Alex se levantou imediatamente.

— Onde está o meu pai?

— Lá fora ainda. Eu vou procurar no seu quarto. — Dana saiu em busca de Lipe e eu já tremia imaginando o pior.

— A porta da rua estava aberta? — questionei andando logo atrás de Alex, que voltava para a sala procurando pelo filho.

— Se meu pai está lá fora, sim. Ele pode ter passado para a área da piscina. — Mesmo ciente de que Lipe sabia nadar eu estremeci. A água devia estar gelada.

— Eu vou sair pela frente e dar a volta, encontro você lá fora — Alex estava agitado demais para me impedir.

No instante em que coloquei meus pés do lado de fora da casa um trovão soou e logo em seguida começou a chuva grossa, paralisando-me. Era como se o pesadelo estivesse se repetindo, desta vez eu estava no lugar de Alex, desesperada, sem conseguir encontrar soluções, enlouquecendo a cada segundo que se passava sem que eu conseguisse colocar meus olhos em Lipe.

Porra!

Corri na chuva chegando rapidamente à garagem. Ninguém estava lá, eu logo percebi, apesar do escuro. Mesmo assim entrei e vasculhei cada pedaço chamando pela criança.

Sem me importar com a chuva que me ensopava continuei andando, gritando por ele, até chegar ao celeiro. O mesmo que eu estive em busca do cavalo para conseguir fugir. Meu coração acelerado ia de encontro a tudo o que eu via, porque parecia que tudo transcorria em câmera lenta.

A porta estava aberta e as luzes acesas. Corri para dentro e dei de cara com Adriano e mais três homens, eles estavam conversando como se já estivessem de saída. Parei sem saber se deveria dar a notícia ou esperar por Alex para saber se Lipe fora encontrado.

— Charlotte, o que houve? — Olhei para os homens ao meu lado. O frio colaborava para a minha tremedeira e tenho certeza de que meus lábios estavam roxos. — Charlotte?

— Eh...

— E então? — Alex entrou logo atrás de mim, os olhos buscando por Lipe e seu desespero crescendo ao constatar que ele não estava lá.

— O que está acontecendo, Alex? — Adriano se adiantou já sabendo que havia algo errado.

— Lipe sumiu.

— Sumiu?

Meu celular tocou. Eu havia esquecido que estava com ele quando corri para a chuva. Olhei a tela e vi que era uma ligação do Johnny. Pensei em recusar, mas atender parecia ser o mais correto.

— Charlotte? — ele falou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — Onde está Alex?

— Aqui. Por quê? — O tom de voz dele me deixou aterrorizada.

— Porra, Lottie! Anita vai aprontar alguma coisa.

— Como assim? — Alex logo estava ao meu lado. — Por que está dizendo isso, Johnny?

— Ela apareceu aqui em casa dizendo que não estava bem e que não queria ficar sozinha.

— O que ela fez?

Eu não queria grandes explicações, queria que ele dissesse logo o que aconteceu para que eu pudesse me certificar de que ela não conseguiu colocar as mãos no Lipe.

— Ela estava aqui quando o padrinho ligou. Eu atendi no viva-voz porque estava arrumando os papéis da minha pós-graduação que estavam sobre a mesa. Então no meio da conversa ele acabou dizendo onde você estava. Imediatamente peguei o celular e saí da sala, mas quando voltei fui atingido na cabeça por uma garrafa.

— O quê? — gritei e Alex se agitou.

— O que aconteceu?

— Anita deu uma garrafada no Johnny depois de descobrir que eu estava aqui com você.

— Puta que pariu! — Alex rosnou.

— E você está bem? — continuei com o meu amigo ao telefone, assistindo Alex correr para fora do celeiro.

— Com uma puta dor de cabeça. Levei quatro pontos, mas aquela maluca me paga.

— Johnny, chame a polícia, conte tudo.

Vou fazer isso, mas por que o desespero?

— Lipe sumiu. — E o nó em minha garganta já me dizia que Anita, de alguma forma, conseguiu colocar as mãos no Lipe.

Capítulo 36

“O excesso de demência causa mortes também, por imprudência.” William Shakespeare

Alex

Minhas mãos tremiam, minha boca estava seca, apesar da chuva que me molhara por completo, meu coração parecia que sair do meu peito. Eu estava desesperado.

Correr até a garagem foi apenas uma reação. Eu não fazia ideia do que fazer. Não sabia que direção seguir nem com quem falar. Tinha medo de voltar ao Rio de Janeiro apenas para descobrir que ela havia deixado a cidade. Ela tinha que estar lá, em algum lugar, com o meu filho, no meio daquela chuva absurda.

Meu Deus!

— Ela está por perto. Sua mãe deixou Lipe sozinho apenas por alguns minutos. Foi o tempo de ir até a cozinha, fazer um chocolate quente e voltar para o quarto. Logo em seguida ela nos procurou. Anita deve estar uns vinte minutos a nossa frente. Se ela pegou o Lipe tem que estar aqui na propriedade — Charlotte falava atrás de mim fazendo a minha cabeça dar um nó.

— Se ela estiver de carro já deve estar longe. — Procurei minha chave e não encontrei.

— Alex, pense um pouco. Charlotte está certa. Eu fechei o portão assim que saí de casa. Se Anita entrou não foi de carro e, com certeza, ela não conseguiria sair com Lipe pela entrada principal sem chamar a nossa atenção. Ela não contava com o portão fechado. — Meu pai tentava me chamar para a realidade, mas eu estava quase enlouquecendo.

— O que ela pretende? — Senti que o desespero começava a querer me dominar. — Como ela pode afirmar amar o menino e tirá-lo de casa assim, no meio desta chuva, mesmo sabendo de todos os problemas que ele tem?

— Não tem ninguém na casa. — Minha mãe voltou com Doroteia, a mulher que a ajudava com a casa e um dos homens que administravam a propriedade. — Nós procuramos em todos os lugares, dentro de todos os cômodos e armários. Se essa mulher pegou o meu neto eles estão fora da casa.

— Na merda da chuva — rosnei.

— Tem um carro encostado na estrada, há uns trinta metros daqui, logo na virada. Não tem ninguém nele.

— Outro funcionário informou.

— Só pode ser ela. Temos que nos garantir que ela não vai alcançar aquele carro. — Charlotte começava a esquematizar um plano. — Se ela não conseguiria sair pela frente qual outro caminho poderia tomar?

— Provavelmente desceria em direção ao rio. Seguindo a margem ela consegue achar um caminho para voltar à estrada. Isso se ele não transbordar, que é o que provavelmente vai acontecer com essa chuva. — O outro homem acrescentou.

— Ela tem que estar no meio do caminho. Andando e com Lipe no colo não deve ter chegado lá ainda. — Entrei no modo operante. — Preciso da chave do meu carro.

— Vamos no meu. — Charlotte sacou a chave dela e imediatamente destravou o carro. Não era muito adequado para o que enfrentaríamos, mas eu estava com pressa.

— Eu dirijo. É melhor você ficar e aguardar por alguma novidade. — Passei por ela pegando a chave em sua mão e abrindo a porta do carro.

— De jeito nenhum! — Charlotte rosnou correndo para o lado do carona.

— Charlotte!

— Ele é meu também, Alex! — Foram poucos segundos nos encarando, mas suficientes para saber que ela não desistiria.

Entramos no carro e partimos em direção ao rio.

Charlotte

— Dirija mais devagar, Alex — alertei com o estômago embrulhado.

Alex corria apesar da chuva torrencial nos impedindo de enxergar direito o que havia do lado de fora.

— Preciso encontrá-los.

— Se ela estiver por perto vai se esconder. Precisamos ter condições de observar tudo, encontrar qualquer pista. — Ele freou bruscamente e eu quase vomitei.

— Merda! Eles podem estar em qualquer lugar.

— Seu pai já ligou para a polícia e eles estão a caminho. Os outros estão na estrada. Se Anita tentar voltar ao Rio com Lipe nós vamos saber.

— Puta merda! Puta merda!

— Ela não vai fazer nada, Alex!

— Como não? Ela quase matou o meu filho apenas para me jogar contra você.

— Deus! Não podemos nos desesperar. Já estamos perto do rio?

— Provavelmente, se ele realmente transbordou.

— É tão rápido assim?

— Não está lembrada?

Mais uma vez senti um frio anormal. Eu não consegui voltar, Alex quase morreu atravessando, Anita e Lipe não teriam a mínima chance.

Não precisamos procurar muito. O barulho da chuva estava alto, mas o do rio estava ainda maior. Alex reduziu sabendo que era arriscado demais continuar. Olhamos ao redor, ainda sem sair do carro e meu coração congelou. Seguindo a correnteza eu vi primeiro o movimento anormal para uma noite de chuva e alagamento, rapidamente eu entendi do que se tratava.

Ela corria com Lipe no colo, se valendo da escuridão para fugir de nós dois. Ela estava muito próxima da margem e qualquer vacilo poderia pôr um fim a tudo. — Alex! — Eu não conseguia gritar, não conseguia sequer sair do lugar.

O pavor que me mantinha presa naquele banco me impedia de agir. Eu tinha medo de ela escorregar, de ela entrar em desespero e decidir arriscar. Se Anita entrasse naquele rio tudo estaria acabado. Perderíamos Lipe para sempre. Eu não suportaria.

Meu Deus, eu não suportaria!

Alex não pensou como eu. Assim que seus olhos avistaram a fonte do meu desespero ele abriu a porta e correu na direção do vulto que seguia sua corrida desesperada.

— Anita! — Ouvi ele gritar. Ela parou. Olhou para trás e seguiu correndo.

Alex continuou correndo na direção deles dois. Era lógico que ele os alcançaria. Alex era mais forte, mais rápido e Anita estava em desvantagem por estar correndo a mais tempo e carregando uma criança. Ela sabia que perderia e poderia tentar qualquer coisa.

Abri a porta do carro e corri na direção deles. Alex precisaria de ajuda. Eu não sabia como iria ajudá-lo, mas não entregaria a vida de Lipe sem antes lutar por ela.

Foi quando vi Alex reduzir. Anita estava perto demais da margem. A correnteza deixava claro que traria qualquer coisa que conseguisse alcançar. Ela sabia que a ameaça era real e estava disposta a conseguir se livrar. Alex parou, próximo o suficiente para ouvir o choro do Lipe. Céus! Era desesperador.

— Não se aproxime! — ela gritou. Nós sabíamos o que ela faria se não fizéssemos o que pedia.

— O que está fazendo? — Alex gritou de volta tentando conter a raiva e o pânico. — Isso é sequestro, Anita.

— Você não me deu escolha — ela rebateu dando mais um passo para trás.

— Anita, por favor, não! — Dei um passo à frente e ela girou Lipe como se fosse jogá-lo no rio.

Gritamos desesperados. — Não faça isso, por favor — implorei sem nenhum receio. — Ee não vai resistir. — Minhas lágrimas se confundiam com a chuva.

— Anita, deixe Lipe vir para mim. — Alex estendeu a mão. — Eu deixo que você vá embora. É melhor ir o quanto antes. Meu pai já chamou a polícia logo você estará em uma situação muito complicada.

— Olha o que você fez comigo! — Pela sua voz percebemos que ela estava chorando. — Você destruiu a

minha vida, Alex.

— Você sabe que não é verdade.

— É verdade! — gritou girando um Lipe desesperado que se debatia tentando se livrar dela. — Você tirou a vida da minha prima e agora quer tirar o Lipe de mim.

— Anita, vamos conversar. — Alex deu um passo mínimo e eu entendi o que deveríamos fazer. Enquanto ela prestava atenção nele eu me aproximei um pouco mais. — Vamos encontrar uma solução, fique calma. — Solução? Você é um mentiroso, egoísta, hipócrita! Eu estive com você esse tempo todo. Eu cuidei do Lipe e o amei como mãe e o que você fez? Você destruiu tudo quando ela resolveu voltar. Você não levou em consideração o que eu fui e tudo o que fiz. Eu fui a única que te ajudou e apoiou, mas nada disso foi importante. Quando esta menina entrou em sua vida nada mais existia para você, nem eu, nem mesmo o Lipe. — Dei outro pequeno passo, aproveitando da oportunidade.

— Você não respeitou a minha decisão, Anita. Eu sustentei o seu direito como madrinha até o último momento, você que pôs tudo a perder quando resolveu interferir no meu relacionamento com Charlotte.

— Porque você estava cego!

— Você colocou a vida do meu filho em risco — Alex gritou descontrolado e eu vi que Anita recuou um pouco mais. Tínhamos pouco tempo.

— Alex, calma! — Vi meu namorado respirar fundo. A chuva não cedia e o rio corria com fúria.

— Era para ser um susto. — Sua voz mudou de tom, como se estivesse se desculpando e realmente estivesse arrependida. — Eu só queria que você enxergasse que Charlotte não podia ser a mãe dele. Que ela não tem responsabilidade para tanto e nem direito de assumir tal cargo.

— Eu não entendo. — Alex demonstrava o seu medo em cada palavra. — Por que você fez isso? Você não é apaixonada por mim.

— Você não é o motivo, Alex. — Ela olhou para mim como se quisesse que eu morresse com apenas aquele olhar. Antes de focar meus olhos nela consegui ver que Alex se aproveitou da situação e chegou mais perto. Ele conseguiria segurá-la se corresse. — Ela não pode ter tudo o que quer.

— Charlotte não tem culpa de nada. Eu sou o único culpado aqui. — Ela voltou a olhar Alex permitindo que eu desse mais um passo. — Eu errei.

— Você sempre tenta tirar a culpa dela. Você está sempre justificando as infantilidades dessa menina, passando a mão pela cabeça e agindo como se ela nunca tivesse a intenção de fazer mal. — Lipe chorava com as mãos estendidas em minha direção. Meu coração estava machucado. Eu queria poder arrancá-lo das mãos daquela louca, mas não podia arriscar.

— Anita, deixe o Lipe. Ele está assustado. — Tentei convencê-la e também dar a Alex a chance de se aproximar ainda mais.

— Quem você pensa que é? Você não é a mãe dele. Tiffany morreu por sua causa. Você tirou tudo dela. Tudo — ela gritou segurando Lipe com mais firmeza. — Você não pode ter tudo, Charlotte! Tiffany perdeu o Alex para você, perdeu o seu lugar na editora, perderia o público dela, perdeu a vida e agora, não satisfeita, você quer ficar com o filho dela também? Pois não vai. Lipe tem uma mãe e você não vai apagá-la de sua vida apenas por um capricho. Eu não vou deixar. — Ela deu um passo para trás e escorregou.

Corremos em sua direção, mas ela levantou desajeitadamente, ainda mantendo Lipe nos braços. Ele tossia e chorava muito. Paramos assim que vimos que a água estava quase neles. Teria que ser uma ação conjunta e certa. Estávamos muito perto, só teríamos uma chance.

Como arriscar?

— Anita não dê mais nem um passo — Alex ameaçou. Mesmo com tanta chuva eu pude ver o sorriso perverso em seus lábios. Sim, ela seria capaz.

— Não se aproxime. — Ela inclinou o corpo em direção ao rio e respirar ficou mais complicado.

— Não seja burra — eu comecei a falar para que Alex conseguisse agir. — A polícia está vindo, você

está encrencada, o que vai fazer? Vai tirar a vida do menino? Que culpa ele tem dos nossos erros. Ele é só uma criança e está assustado demais.

— Ele não está assustado. — Ela o abraçou ainda mais. — Vocês é que estão assustando ele. Vão embora.

— Não sem ele, Anita. — Ela olhou para Alex com um olhar assassino. Era como se dissesse que não importava o quanto sofreríamos.

Ouvimos a sirene e conseguimos enxergar os faróis ao longe. Não daria tempo. Olhei para Anita e vi a determinação em seu olhar.

— Não se aproxime. Eu estou avisando...

E foi quando vi a minha oportunidade. Quando Alex tentou chegar mais perto Anita puxou Lipe para o meu lado. Sem pensar duas vezes segurei a criança com toda força possível e puxei. No mesmo instante Alex se jogou contra ela impedindo-a de reagir ao meu ataque. Impossibilitada de segurar o menino, ela desequilibrou e eu finalmente consegui segurá-lo, afastando-o dela.

Com a força acabamos caindo no chão. Agarrei-me a Lipe para impedir que ele fosse retirado dos meus braços e levantei como pude para acompanhar a situação deles. Mas o que vi me deixou em choque. Eles não estavam em lugar algum. Por um segundo pensei que meu mundo estava parado. Nada fazia sentido. Onde eles estavam?

No segundo seguinte eu me dei conta. Alex e Anita caíram nas águas revoltas do rio. Eu não conseguia chorar. Minha reação foi segurar Lipe com mais força e gritar. Gritar o mais alto possível.

— Alex! — continuei gritando, esperando que ele respondesse.

Eu não queria acreditar no que estava acontecendo. Não podia acreditar. Ele conseguiria sair do rio. Alex conseguiu uma vez. Era forte o bastante para conseguir. Abraçada a Lipe eu me prendia a esperança que seguia o fluxo das águas, afastando-se de mim cada vez mais.

— Alex! — gritei inúmeras vezes até minha voz ser abafada pela sirene, o barulho do motor e a chuva que, de maneira implacável, ficara mais forte.

— Charlotte! — Era Adriano. Ele me segurou pelos ombros. Eu não conseguia deixar de olhar o rio e nem de segurar Lipe. — Onde Alex está?

Se eu estava em choque não sabia, as palavras não saiam da minha boca simplesmente porque se eu as falasse tudo se tornaria real e eu não queria acreditar.

— Vão pela margem. Olhem para todas as pedras, troncos caídos e fiquem atentos ao outro lado. Eles podem estar agarrados a alguma coisa. — Ouvi Adriano dando as ordens e alguém me puxou fazendo-me andar.

— Vamos, moça. A criança precisa sair da chuva. — Era um homem. Eu não olhei para ele. Agarrada a Lipe eu me mantinha firme com o olhar no rio.

Lipe chorava baixinho, a cabeça apoiada em meu ombro. Eu precisava cuidar dele, certificar-me de que não estava machucado. Ter certeza de que aquela chuva não havia causado muitos danos e principalmente acalmá-lo. Ao mesmo tempo eu precisava ficar ali, esperando que Alex aparecesse, que alguém gritasse que eles estavam bem e do outro lado, ou presos a alguma pedra, qualquer coisa.

— Moça, o menino precisa de cuidados — o homem falou tentando me fazer entrar no carro.

— Charlotte, vá com ele. Lipe precisa de cuidados. Eu vou ficar aqui. — Adriano se voltou para mim, os olhos preocupados, cheios de medo.

— Alex... — Eu tentei, mas não consegui.

— Ele está bem, eu tenho certeza. Alex já conseguiu uma vez, vamos ter fé.

Era o pesadelo se repetindo.

— Loti — Lipe falou baixinho. Pela primeira vez consegui desviar minha atenção do rio e encarei o menino em meu colo, com a pequena mão em meu rosto. Ele estava gelado, os lábios roxos e os olhos vermelhos.

— Vai ficar tudo bem, Lipe. Eu vou cuidar de você.
E me deixei ser levada.

Alex

Inacreditavelmente eu caí na água com Anita.

Primeiro eu pensei que, como estávamos na margem, conseguiria levantar facilmente, mas percebi meu engano ao tentar levantar e ser arrastado muito rápido. Eu não conseguia me segurar, rolei e em alguns momentos acreditei que não conseguiria colocar o rosto para fora da água.

Anita foi levada com muita facilidade, desaparecendo rapidamente do meu campo de visão. Tentei me segurar nas pequenas pedras que ficavam no raso, no entanto a verdade era que não existia mais o raso e sim a correnteza que me levava sem piedade.

Nadar contra era impossível, eu só me cansaria. Me deixar levar até onde o rio desejasse também era arriscado demais. Então me concentrei em manter minha cabeça fora da água o máximo que pude, só que até isso era arriscado, já que as águas arrastavam o que encontravam pela frente.

Depois de um tempo que me pareceu uma eternidade, quando eu sentia meu corpo cansar e aumentar o desespero para me manter vivo, choquei-me com uma estrutura flutuante, que parecia ser o lastro de uma cama, já reduzido a pedaços. Segurei-me nele me esforçando para ficar em cima e não precisar mais gastar energia para manter a cabeça fora d'água.

Com o corpo parcialmente flutuando consegui ter uma visão melhor do local e o caos estava estabelecido. A chuva não cedia, o rio parecia possuído pelo demônio, ganhando força e proporção de uma maneira absurda. Era inacreditável.

E mais inacreditável ainda foi ver, agarrada em um arbusto preso entre duas pedras, Anita, tentando se salvar. Eu sabia que aqueles galhos finos não suportariam e ela logo seria tragada outra vez.

Eu deveria deixar Anita se virar e me preocupar com a minha própria vida. Graças a ela estávamos naquela situação. E poderia ser muito pior. Lipe poderia ter caído também. Virei o rosto para ignorá-la, no entanto eu sabia que nunca seria capaz. Por pior que Anita fosse eu nunca conseguiria carregar aquela morte em minhas costas. Mesmo que a tentativa de salvá-la pudesse custar minha própria vida.

Com cuidado me equilibrei na ponta do lastro. O medo do material não me aguentar e afundar não foi o suficiente para me impedir de continuar. Eu estava perto e passaria por ela rapidamente, então ela só teria uma chance.

— Anita — gritei sentindo minha garganta arranhar. — Anita! — Ela me olhou com pânico, mas logo entendeu minha intenção. — Quando eu passar deixe a água te levar. — Faltava pouco. Ela parecia não entender. E estava cada vez mais perto. — Solte o galho!

— Não! — Ela se segurou com mais força.

— Solte e venha que eu te seguro — gritei quando já estávamos equiparados. Ou ela soltava ou não daria mais tempo. — Você vai morrer! — Ela estava apavorada. — Eu vou te segurar, juro! É agora ou nunca. Sem esperar por mais nada Anita se soltou e a água a empurrou com toda força em minha direção. Ela se chocou contra mim e afundou. Segurando na madeira agarrei o corpo dela com as pernas e tentei levantá-la, mas ela estava embaixo do lastro. Afogaria em pouco tempo.

Desesperado segurei com apenas uma mão e me abaixei para tentar puxá-la, descobrindo que a nossa única chance seria afundar e tentar sair na frente do lastro, para nos segurarmos outra vez. Era isso ou eu assistiria Anita morrer sem poder fazer nada para impedir.

Sem querer pensar no que faria, afundei empurrando meu corpo para frente. A água me levou com facilidade. Em uma manobra cinematográfica, segurei Anita pela cintura e me projetei para frente da madeira, levantando a tempo de segurar e nos apoiar.

Com a chuva forte eu não fazia nem ideia do que vinha pela frente, por isso, assim que consegui colocá-la

presa entre meu corpo e o lastro, apoiando-me para equilibrar nós dois, não prestei atenção na pedra grande as minhas costas e senti todo o ar ser arrancado de mim quando chocamos contra ela. Era o meu fim.

Charlotte

Lipe teve febre. Nada assustador. Tudo o que ele apresentava, como os tremores fortes e espirros, eram consequência da forte chuva que havia tomado. O medo era que evoluísse enquanto ainda aguardávamos por notícias.

Eu tentava me concentrar, pajeando a criança adormecida ao meu lado, no chão da sala, em frente à lareira. A cada minuto eu conferia se os cobertores estavam no lugar certo, ou se a temperatura continuava controlada, além de averiguar a respiração dele.

Contudo a minha mente estava lá fora, na chuva fina que cedia aos poucos, no frio que só aumentava, e nas vozes que não chegavam.

Dana estava comigo, sentada no sofá, uma xícara de café nas mãos, os olhos fixos no fogo que crepitava e a mente, provavelmente, vagando pelo mesmo lugar que a minha.

Ninguém aparecia para nos dar notícias e, quanto mais demoravam, mais minha esperança perdia a força. Se Adriano tivesse achado eles nós já saberíamos e se não sabíamos ainda era porque Alex e Anita ainda estavam na água.

Ou não.

Eles poderiam estar do outro lado, na cabana, se protegendo do frio e da chuva, como aconteceu comigo. Deus! Eu nem conseguia sentir ciúme de algo assim. Para mim bastava que Alex estivesse vivo. Eu já seria grata apenas por isso.

O tempo parecia não passar e a escuridão da noite deixava tudo ainda mais sinistro, mas o tempo passara e, se eu olhasse mais atentamente para o céu através da janela de vidro que resistira ao vento daquela madrugada, poderia ver as finas listras alaranjadas que riscavam o horizonte de maneira quase imperceptível.

Perguntei-me como a minha mãe se sentiu quando foi a minha vez de desaparecer. Provavelmente ela deve ter ficado como Dana naquele momento, encarando o fogo e orando em silêncio, implorando pela vida do filho. Meu coração doía só de olhar para ela.

E Lipe? Ele estava tão assustado. Às vezes choramingava enquanto dormia e eu me inclinava sobre ele, abraçando-o e sussurrando que estava tudo bem, até que ele se acalmasse e voltasse ao sono profundo. Alex tinha que voltar. Ele precisava estar lá para me ensinar a ser mãe do Lipe. Ele sabia que sozinha eu nunca conseguiria, então ele tinha que voltar. Nós dois precisávamos dele.

Ouvi o barulho dos passos e levantei imediatamente. Dana só percebeu quando eu já estava de pé, encarando a porta que se abria lentamente. Vi meu pai entrar e depois Johnny, seguidos de dois homens com rostos que não me pareciam estranhos, só não me recordava de onde os conhecia.

Eles estavam estranhos, com aparências cansadas e ensopados. Os quatro juntos pareciam seguir um cortejo. Meu corpo enregelou no instante em que minha mente me enviou esta informação.

— Pai? O que faz aqui? — Ele me olhou com pesar e depois olhou para Johnny, como se buscasse apoio. — Acharam eles.

Minhas pernas fraquejaram. Eu não estava pronta para ouvir o que ele iria me dizer.

Capítulo 37

“Mas o amor, em tamanha extremidade, sabe fazer da dor felicidade.” William Shakespeare

Alex

Quando abri os meus olhos, voltando a recuperar a consciência eu conseguia sentir o chão molhado embaixo de mim e a dor em minha cabeça que chegava a me enlouquecer. Meu corpo todo também doía, inclusive quando eu respirava.

— Não se mexa. — Ouvi a voz de Anita e meu corpo retesou. — Você está machucado.

Onde estávamos e como fomos parar ali eu não sabia dizer. Só sabia que estava escuro o suficiente para não me deixar enxergar nada, o barulho do rio ainda estava alto, então não estávamos muito distantes e a chuva continuava, só que havia reduzido para um fraco chuvisco.

— Fique bem quieto, Alex. Tem um buraco na sua cabeça. — Que merda! — Eles logo vão nos encontrar.

— O que aconteceu?

— Ah... basicamente fomos jogados contra uma pedra, o que foi bom e ruim ao mesmo tempo. Bom porque ela nos impediu de continuar, ruim porque o impacto fez você apagar, além de abrir uma ferida nesta sua cabeça dura.

— Se eu apaguei como chegamos aqui? — Eu não via Anita, porém, pelo que pude sentir, eu estava com a cabeça apoiada em suas pernas, embora ela não me tocasse.

— Você ficou preso entre a pedra e o meu corpo. Com a força da água e das madeiras que nos levavam você não afundou. Eu consegui sair quando senti a pressão diminuir e segurei você com força. Chegar à margem foi fácil, nós já estávamos bem perto.

Eu duvidava que fosse verdade, porém não havia como questionar. Apenas ela sabia o que precisou fazer para nos tirar de lá.

— Eles logo vão nos encontrar. Deixei meu casaco em uma madeira fincada na margem, quando precisei trazer você para cá. Eu estou atenta, assim que aparecer qualquer luz do outro lado vou até lá gritar por eles.

Engoli em seco. Anita passou a vida tentando me seduzir, não aceitou a rejeição, forçou a barra, ameaçou me prejudicar e a Charlotte também, foi a pessoa com quem pude contar quando Tiffany engravidou, se tornou uma amiga valiosa, não se conformou com as minhas escolhas, criou situações para prejudicar a minha relação com Charlotte, atentou contra a vida do meu filho, o sequestrou e por sua causa quase morremos afogados.

No entanto estávamos ali, no meio do mato, com a chuva em nossos rostos, ela preocupada comigo e disposta a se entregar para me salvar. Era confuso demais para tentar entender.

— Eu me desesperei. Quando Tiffany dava sinais de que não suportaria a gravidez, acreditei que você não merecia passar por aquilo. Eu não sou santa, Alex. Sempre fui uma pessoa que fazia primeiro e pensava depois. Minha independência me permitiu ser assim. Eu não media as atitudes e estava sempre disposta a pagar pelas consequências. Nunca fui obcecada por você, era apenas tesão e birra, mas me aproveitei do amor de Tiffany para me aproximar e conseguir te levar para cama. Só que eu não sabia que ela estava doente e acabei piorando as coisas. Eu a incentivava a te procurar, porque sem Charlotte por perto seria mais fácil. Era uma brincadeira. Perversa, é a verdade, mas nunca foi com a intenção de enlouquecê-la.

— Foi perversidade. Ainda bem que você sabe. Não foi nada justo brincar comigo, com os sentimentos de Charlotte e principalmente com os da sua prima.

— Eu sei. Nunca pensei que me arrependeria. Cuidar de Tiffany mudou tudo. Ela me falava de você de uma forma diferente. Dizia que você era cruel, que não se dobrava, que desprezava os sentimentos dela. Tudo isso mexia comigo, como um desafio. E quando Charlotte chegou eu me senti realmente desafiada.

— Que absurdo!

— Absurdo mesmo. — Ela ficou em silêncio por um tempo.

Eu queria que a polícia chegasse logo, que eu tivesse tempo de ter um atendimento médico que me livrasse de qualquer sequela, que estivesse livre para abraçar meu filho e a mulher que eu amava. Não queria ficar ali ouvindo as suas justificativas.

— Lipe mudou tudo. — Sua voz embargada me deixou incomodado. Eu não queria sentir pena de Anita e muito menos relevar as suas atitudes. — Um dia antes de Tiffany morrer ela me contou que você a estuprou. Contou a mesma versão que você sustentava, com o acréscimo de que quando ela disse não você a agrediu e violentou. Eu me lembrava dos machucados. Foi para a minha casa que ela foi para se recuperar, lamentando ter te magoado e temendo ter te perdido para sempre. Como minha prima era burra!

— Eu não estupro Tiffany. — Tive vontade de rosnar, mas minha cabeça latejou.

— Ela me contou que você fez isso porque a queria longe do seu caminho — continuou sem se importar com o que eu acabara de dizer. — E me contou como Charlotte conseguiu se inserir em sua vida, roubando tudo o que era dela, inclusive o contrato. Tiffany me fez prometer que Charlotte nunca colocaria as mãos no Lipe. Acreditava que tinha perdido tudo, só não poderia perder o próprio filho. Tiffany sabia que morreria e não queria ser apagada da vida do Lipe, tendo mais aquele papel roubado por uma menina mimada que fazia tudo isso apenas por capricho.

— Anita, não... — Minha cabeça doía cada vez mais.

— Não se agite — continuou com calma. — Eu prometi a Tiffany, mas nem precisei cumprir minha promessa porque a própria Charlotte fez questão de sumir. E quando voltou deixou claro que não suportaria a barra. Mas você... Deus! Você parecia ter esquecido de viver, Alex! Mesmo que ela nunca voltasse, não tinha mais jeito, ela estava em nossas vidas e nunca mais sairia. Eu senti raiva, ciúme, medo... sei lá! Quando Lipe olhava para ela eu estremecia. Não entendia aquela admiração, o fascínio, como se eles estivessem ligados. Foi quando eu realmente me dei conta de que, com a volta de Charlotte eu voltaria a ser aquela pessoa egoísta, mesquinha e inconsequente que era antes de precisar me tornar responsável pelo Lipe. Senti tanto medo! Ter Charlotte de volta àquela casa era a certeza de que eu seria trancada do lado de fora. Ela ficaria com tudo outra vez, você, a fama, a família feliz, o Lipe...

— Deus! Não seria deste jeito. Eu nunca aceitei nenhuma exigência dela a este respeito. Sempre ressaltei a sua importância na vida do meu filho. Eu te prometi isso, por que não confiou em mim? Por que precisou atacá-lo? Lipe poderia ter morrido!

— Eu sei. — Ela soluçava sem tentar esconder. — Como eu disse, não pensei nas consequências. O nosso acidente colocou Charlotte de vez na vida dele e eu fiquei desesperada. Não pensei que seria tão grave. Achei que seria como foi com você, apenas uma pequena reação... — Continuou chorando copiosamente. — Eu morreria se alguma coisa acontecesse com ele. Fosse culpa minha ou não. Você precisa acreditar em mim!

Fiquei calado. Eu não sabia se poderia acreditar em Anita depois de tudo o que ela aprontou, mas... merda! Eu odiava ver uma mulher chorando daquela forma. Era quase impossível não se compadecer.

— No final acabou acontecendo o que eu mais temia. Eu perdi tudo, até o Johnny. Perdi todas as pessoas que estiveram comigo depois que o Lipe nasceu. E quando você descobriu tudo me deu a tacada final tirando Lipe de mim. Eu estava sozinha outra vez.

— Não teria sido desse jeito se você jogasse limpo comigo — rebati sem sentir a mesma raiva de antes.

— Eu sei, Alex. Eu sei. Eu sou essa pessoa. Cada um tem o seu defeito. Charlotte é infantil e mimada, você aceita qualquer coisa dela, e eu... eu não penso direito quando me desespero.

— Eu queria poder te matar, Anita, então agradeça a Deus pela pedra que afetou a minha cabeça. — Ela riu um pouco e fungou.

— Eu não queria fazer nada disso. Enquanto Charlotte se mantinha distante eu acreditei que você me daria uma chance, que reconsideraria a sua decisão de me impedir de ver o Lipe, mas quando descobri

que ela estava aqui com você eu surtei. Com Charlotte de volta, a ideia de família feliz ficava mais forte, deixando-me para trás. Não pensei duas vezes, Alex. Entrar foi muito fácil, porém a chuva e o portão fechado me impediram de sair. Entrei em desespero porque eu não podia voltar, nem ficar ali com o Lipe nos braços, ele começou a chorar quando sentiu a chuva, mesmo com todas as minhas tentativas de acalmá-lo. Afastei-me para não ser surpreendida e pensar melhor no que fazer.

— Você ia fugir com ele? Ia realmente tirar o meu filho de mim? — Ela demorou para responder.

— Eu queria fugir, só não sei se teria coragem. Há três dias recebi uma resposta que eu esperava há muito tempo. Uma bolsa de estudos para um mestrado em Angola. Na verdade, é uma instituição do Canadá que patrocinará o estudo. Era a oportunidade perfeita.

— Meu Deus!

— Eu desisti quando vi vocês dois desesperados. Dispostos a tudo para me impedir.

— Então por que continuou?

— Eu não tinha escolha. Era continuar ou ser presa. Nas duas opções eu seria presa, ficaria sem Lipe e sem a bolsa de estudos.

— Você podia tê-lo matado — acusei.

— Não, eu não podia. Não sou burra, Alex. Eu vi vocês se aproximando e deixei. Não queria admitir para mim mesma que estava abrindo mão dele, então me enganei, aceitando que ele fosse tirado de mim e não entregue por mim. Lipe nunca vai esquecer o terror que o fiz passar e minha prisão vai ganhar os meios de comunicação. Ninguém vai deixar de noticiar que a professora maluca tentou sequestrar o enteado de Charlotte Middleton. No final das contas eu perdi mesmo, não foi?

— Ainda não. — Amaldiçoei mil vezes por estar facilitando as coisas para ela, contudo não dava para ser diferente. — Eles ainda não chegaram. Se você fugir agora vai conseguir ir embora. — Ela riu com pesar.

— Eu nunca te largaria no mato, machucado e precisando de ajuda. — Eu era um imbecil por me sentir tocado com aquela afirmação.

— Eu estou bem. Posso sentar na margem e gritar se vir alguma luz. Vá de uma vez, Anita. Aproveite a oportunidade.

— Não, Alex. — Sua voz carregada de emoção estava mais suave. — Eu já estou velha demais para continuar fugindo de mim. É hora de encarar de frente as consequências.

E foi neste momento que vimos o primeiro feixe de luz. Cuidadosamente Anita me tirou do seu colo e levantou. Eu queria poder dizer para ela ir embora, mas ela já estava correndo em direção à margem, com as mãos para cima e gritando por ajuda.

Charlotte

Quando meu pai chegou com a notícia eu não consegui deixar o rancho. Dana estava lá e ela tinha mais direitos do que eu. Além disso, Lipe não podia sair de casa, ser exposto novamente à chuva e ao frio, então preferi ficar e aguardar.

Dana cuidaria de tudo por mim, enquanto eu cuidaria do Lipe pelo Alex. Na manhã seguinte Miranda estava no rancho, acompanhada de Patrício que não deixou de brincar afirmando que Alex sempre arrumava uma maneira de chamar atenção para estragar os feriados dele. Lógico que dava para ver em seu rosto o sofrimento, mas nada comentamos.

Lipe não teve mais febre, apenas um resfriado que tratamos de cuidar com bastante atenção. Ele falou na madrinha algumas vezes, dizendo que ela apertou e gritou. Estava tão assustado que eu me sentia péssima, mesmo não tendo culpa das loucuras de Anita.

E, lógico, ele perguntou pelo pai. Muitas e muitas vezes. Eu apenas dizia que papai teve outro dodói e

que ficaria um pouco no médico igual ao que ele havia ficado da outra vez. Ele fez uma careta estendendo o braço.

— Dói. Ai! — E fingiu tomar uma injeção.

Sim, Lipe, eu bem entendia como você se sentia em relação às agulhadas malditas.

— Ai! — repeti brincando para que ele esquecesse o assunto.

Quando finalmente consegui distraí-lo com um desenho, Miranda aproveitou para conversar comigo.

Patrício estava no hospital, ajudando os pais a cuidarem de tudo.

Eu sabia que tentar tirar aquela história a limpo chegava a beirar o absurdo. Depois de tudo o que passamos, de assistir o sumiço de Alex naquele rio, de passar horas de desespero me culpando por ter esperado tanto, por não ter acreditado nele de imediato e me sentindo a pior de todas as pessoas depois das acusações de Anita, não havia mais o que ser explicado.

— Vocês estavam separados? — ela começou a falar enquanto eu ainda pensava no assunto.

— Não. Eu só precisava de um tempo para colocar a minha cabeça no lugar.

— Ah! — Minha amiga aguardou que eu dissesse mais.

Eu não precisava de mais. Não precisava da confirmação dela quando eu já acreditava plenamente em Alex. Anita dissera que Alex encobria os meus erros, que aceitava as minhas falhas e justificava as minhas atitudes. Ela tinha razão.

Alex era esse homem, que amava a ponto de assumir toda a carga pesada para que nada respingasse em mim. Que amou e respeitou uma criança que ele não queria, fruto de uma relação doentia, que tirou dele tudo o que ele sempre buscou, e ele nem conseguia atribuir ao filho qualquer culpa. Alex era o homem que não concordava com metade das minhas infantilidades, mesmo assim me apoiava e se mantinha junto de mim.

E, acima de tudo, ele foi o homem que mesmo contra, resistindo, sentindo medo, embarcou naquele plano doido para me ajudar. Ele podia ter se aproveitado da situação, eu queria, forcei a barra, testei todos os seus limites e ele resistiu bravamente para que não tivesse que ir contra os seus princípios, até que o amor venceu a guerra e então tudo se tornou possível e justificável.

Esse era o Alex que eu conhecia e nem Tiffany nem Anita conseguiriam destruir aquela imagem. Nunca mais.

— Então... você estava aqui porque estava tudo bem entre vocês? — Olhei minha amiga e não tive nenhum medo de mentir.

— Sim. Estava tudo bem.

— Que bom! — Ela sorriu e não foi forçado, foi um sorriso verdadeiro e honesto.

— E você e Patrício? — Miranda riu feliz com uma história só dela.

— Eu e Patrício poderíamos ser personagens de um romance maravilhoso. Um dia eu ainda escrevo esta história. — E piscou para mim.

— Hum! Não sei se eu teria coragem de ler esse livro.

— Acredite em mim, você iria se escandalizar. — Minha amiga voltou a sua atenção para o Lipe e alisou o seu cabelo.

Lipe sorriu para Miranda, mas levantou para se sentar em meu colo, voltando a ficar agarrado em mim, como tinha feito desde que consegui tirá-lo de Anita. Beijei o topo da sua cabeça, acariciando seu bracinho. Então ele levantou o rosto e me encarou. Fiquei presa ao seu olhar, como acontecia quando Alex me olhava com aqueles mesmos olhos hipnotizantes. Lipe tocou meu rosto com carinho, deixando-me comovida.

— Loti é mamãe?

Outra vez aquela pergunta.

Encarando seus olhos eu não me senti em pânico. Não havia dúvidas nem medo, apenas uma felicidade que aquecia o meu coração e transbordava os meus olhos.

— Se você quiser. — Minha voz rouca, tomada pela emoção, quase não saiu.

Lipe sorriu e voltou a deitar a cabeça em meu peito, aceitando meus braços como sua proteção. Olhei para a minha amiga enquanto as lágrimas complicavam a minha visão. Ela também sorria, de uma maneira tão plena e reconfortante que me fez aceitar que sim, era possível.

Alex

Era uma merda ficar no hospital outra vez. A pancada fez o que eu já tinha previsto. As costelas mal recuperadas protestaram e a porrada em minha cabeça somada ao corte preocupou o médico. Principalmente porque eu havia batido no mesmo local no momento do acidente com o carro. Eles sabiam do risco, mas os exames não apontaram nada, graças ao corte, que permitiu que o sangue saísse.

Ficar alguns dias no hospital era apenas precaução, e justamente por isso eu estava louco para ir embora. Precisa abraçar o meu filho. Precisava encontrar Charlotte, olhar em seus olhos e saber que estava tudo bem.

Eu conhecia o seu medo de hospital e as lembranças horríveis que amedrontavam a minha garota. Entendi quando ela não apareceu da última vez, mas aquela era uma situação diferente e eu não conseguiria ficar nem mais um dia se Charlotte não fosse me visitar. Era angustiante demais não saber o que esperar da nossa história.

— Alex, você não está colaborando — meu pai comentou.

Era frustrante para o Dr. Adriano não poder agir como médico da casa, uma vez que ainda estávamos em Petrópolis e ele podia apenas contar com a boa vontade de amigos de profissão.

— Vamos lá. — Ele levantou para me fazer deitar na cama. — Você precisa descansar. Essa sua ansiedade não vai dar em nada.

— Pai!

— Vou pedir um tranquilizante. Se acha que o que passou foi pouca coisa, você nem imagina o que sua mãe será capaz de fazer quando souber que você está insistindo em se dar alta.

— Merda!

— Ela vai aparecer, Alex. Dana me disse que Charlotte estava cuidando do Lipe para deixar tudo em ordem antes de sair de casa. E Peter me garantiu que vem com ela, então deite e relaxe.

— Eu preciso ver o meu filho. Não é justo ficar aqui quando ele passou por um trauma tão grande e precisa de mim.

— Ele tem Charlotte. — Meu pai estava irredutível. Cansado de reclamar me deixei guiar até a cama e deitei decidido a dormir esperando assim que o tempo passasse mais rápido.

No entanto, mal fechei os olhos e iniciei o processo de inspirar, expirar, até que o sono me tragasse, quando ouvi a porta abrir. O silêncio e imobilidade dentro do quarto me fizeram abrir os olhos e imediatamente encontrei os de Charlotte. Aquele azul leve, transparente e sincero, encarava-me sem desviar sua atenção do meu rosto.

Ela sorriu e tocou meu tornozelo, como se quisesse me garantir que era ela mesma ali, diante de mim, enfrentando todos os seus medos. Meu pai levantou com aquela cara que, eu acho, todos os pais fazem quando o filho encontra sua namorada.

— Onde está Peter? — Charlotte não desviou os olhos de mim.

— Lá fora. Disse que ia se atualizar.

— Então eu vou procurá-lo. — Sem aguardar pela nossa permissão ele saiu nos deixando a sós. Foi

inevitável sorrir.

— Pensei que você não viria — comecei, deliciando-me ao assistir a vermelhidão que se espalhava em seu rosto. Charlotte ficou séria, mesmo deixando transparecer o esforço que fazia para parecer aborrecida.

— Não sorria para mim quando eu estiver chateada. — Meu sorriso ficou ainda maior.

— Não acredito que esteja chateada comigo. Eu quase morri!

— E eu não acredito que você se negou a prestar queixa contra Anita.

Hum! Eu já esperava por isso. Só não imaginava que seria de cara, antes que ela dissesse que me amava e que estava tudo bem entre nós dois. O problema com Anita seria debatido em um nível mais brando, abordado com cuidado. Pelo visto eu não conhecia muito bem a minha namorada.

— Ela salvou a minha vida — comecei usando o argumento ensaiado. Eu já tinha toda aquela discussão decorada em minha mente. Tive tempo de sobra para pensar no assunto.

— Ela quase matou o Lipe — Charlotte rebateu realmente aborrecida. Não seria como eu imaginava.

— Anita se arrependeu.

— Claro! — Revirou os olhos e cruzou os braços na frente do peito me encarando com a acusação nítida.

Respirei fundo e senti minhas costelas protestarem. — Ela queria uma forma de ficar livre da prisão.

Anita nunca foi confiável. — Charlotte...

— É inacreditável, Alex! Ela ameaça jogar o Lipe naquele rio e você a perdoa?

— Ela não jogaria. — Vi que meus argumentos estavam deixando Charlotte cada vez mais enraivecida.

— Não brigue comigo.

— Não brigar? Se você não estivesse em uma cama de hospital eu te chutaria. — Tive que rir. — Não ria de mim. Eu não consigo acreditar que estamos discutindo esse assunto. Depois de tudo o que Anita nos fez você a perdoa? Mais uma vez? Até quando?

— Eu não perdoei Anita.

— Ah, não? E fez o que? Graças a Deus aquele policial na porta do quarto dela me impediu de entrar, porque eu ia mesmo ter uma conversa séria com ela.

— Anita ainda está aqui? — Todas as pessoas que estiveram lá se recusaram a me dar notícias de Anita. Ninguém concordava com a minha atitude. Eles não entendiam.

— Vai sair hoje. Vai daqui para a delegacia.

— Como assim?

— Johnny. — Ela me disse como se estivesse me cobrando uma atitude parecida.

— Bom, eu não posso fazer nada quanto a isso. — Pensei em dar de ombros, mas rapidamente desisti. Provavelmente doeria.

— É, não pode — ela revidou com uma ameaça verdadeira. — Não se atreva!

— Já disse que não vou fazer nada. Só fiquei admirado.

— Johnny não é idiota. — Ok! Entendi muito bem o recado.

— Pelo visto eu sou — provoquei porque estava achando linda a sua fúria.

— Você é... nem sei denominar.

— Charlotte, eu precisei fazer isso. Venha cá. Eu preciso te tocar e não posso fazer movimentos bruscos.

— Ela me olhou com desafio, porém acabou cedendo e se aproximou, mesmo ainda com os braços cruzados na frente do peito.

Toquei seu braço, subi até o pescoço, acariciando a pele, sentindo uma saudade absurda daquela menina. Eu queria poder abraçá-la, beijá-la... céus! Como eu podia amar tanto?

— Não brigue comigo — pedi, querendo que ela se aproximasse mais, que colasse o seu corpo ao meu.

— Impossível, Alex! O que vamos fazer? — Ela já estava desarmada, como eu queria. — Se Anita não for presa pela queixa do Johnny, eu, você, o Lipe, todos nós vamos correr o risco de ela aprontar outra vez.

— Não vai acontecer.

— Urgh! — Charlotte se afastou outra vez e eu me senti só. — Como você pode colocar tanta fé naquela mulher?

— Eu não coloco.

— Então por que fez isso?

— Porque eu queria que Lipe tivesse direito a uma história mais limpa. Não quero que ele cresça enfiado nesta confusão. Com a madrinha presa por tentativa de assassinato e sequestro, com uma mãe que foi tão louca a ponto de criar toda essa situação mesmo depois da sua morte. Lipe merece algo melhor e nós podemos fazer isso por ele. — Mantive a voz baixa e decidida. — Eu e você, vamos dar esta família que ele merece ter, uma história linda, só nossa.

— Com Anita livre para nos atormentar?

— Anita vai embora do Brasil. — Vi a surpresa em seu rosto, nem assim ela se rendeu.

— E quem garante que em algum momento ela não vai voltar exigindo fazer parte da vida do Lipe?

— Ninguém garante, mas eu quero acreditar que Anita deixou de ser uma ameaça. Ela estava com medo, assustada e com raiva. Acabou, Charlotte. Anita sabe tudo o que fez de errado e se envergonha disso. E sempre podemos contar a verdade ao Lipe. Prepará-lo para não aceitar uma reaproximação.

— Então não vamos ter uma história feliz, Alex. Não com ele sendo lembrado de tudo o que sofreu.

— Vamos deixar acontecer então. Anita vai embora eu acredito que tão logo se resolva com Johnny e espero que não volte mais.

— É confiar demais. — Ela se aproximou e finalmente, sentou com cuidado em minha cama e se inclinou para me beijar. — Senti tanto medo!

— Eu também. — Abracei Charlotte querendo beijá-la até não restar mais nada da saudade que eu sentia.

— Tive medo de não poder ter você assim, perto de mim, me querendo também.

— Ah, Alex! — Ela fechou os olhos e, tomando bastante cuidado, encostou em meu peito. — Eu fui tão burra! Outra vez fui burra, infantil, egoísta...

— Não foi! — Puxei seu rosto para que ela me encarasse. — Não foi, amor. Eu deveria ter te contado a verdade antes de Anita ou qualquer outra pessoa te envenenar. A culpa foi minha, mais uma vez. Eu tive tanto medo de que você me deixasse que preferi esquecer, acreditando que o problema havia morrido com Tiffany. Acabou acontecendo exatamente o que tentei evitar.

— Eu devia ter confiado em você. Não esperar tanto tempo.

— Você deveria não esperar tanto — acusei me divertindo com a sua culpa. — Quase me enlouqueceu.

— Me perdoe! — Ela riu um pouco. — Eu já fiz tantas bobagens que nem sei como te recompensar.

— Mas eu sei. — Charlotte me deu aquele olhar quente, o rosto ficando ainda mais vermelho. Fiquei feliz assistindo seu pescoço e orelhas assumindo o mesmo tom. Passei a mão em seu cabelo e ela sorriu tímida. Linda! — Case comigo.

O espanto em seu olhar era esperado. O ar preso em seus pulmões também. Ela mordeu o lábio inferior e sorriu. Essa reação foi totalmente inesperada para mim.

— Você sabe que existe um livro que termina assim, não é?

— Sei. E você sabe que a vida imita a arte e a arte imita a vida, então... Por que não?

— Porque é clichê demais.

— O clichê é o ouro da literatura, Charlotte. — Seu riso infantil tomou o ambiente. — Pensei que fosse o erótico.

— Erótico paga as contas.

— Isso foi horrível!

— Case comigo! — insisti disposto a usar de todos os meus argumentos até conseguir o seu sim.

— Eu caso.

Foi minha vez de me assustar. Definitivamente eu não esperava pela sua rendição tão fácil. Ela me

observava com aqueles olhos cheios de expectativas, e repletos de uma confiança antes desconhecida.

— Casa? — Não pude esconder a minha surpresa.

— Caso.

— Sério?

— Por que o espanto? Por um acaso não tem certeza do pedido?

— Não... — De repente me senti incomodado. — Eu tenho... apenas pensei que passaria uns seis meses tentando te convencer.

— Por que achou isso? — Ela parecia indignada.

— Como assim por quê? E toda a conversa de um passo de cada vez?

— Lipe precisa de mim como mãe e não poderei ser mãe dele se não estiver casada com você — ela disse assim, como se não fosse algo absurdo.

— Então é só por isso? Não quer casar comigo porque me ama? É tudo por causa do Lipe?

— Principalmente. — Seu sorriso maroto me fazia pensar no enigma que sustentava. O que realmente Charlotte queria? — Você é um ótimo bônus.

— Bônus?

— Bônus — repetiu sem titubear.

— Hum! — Fingi pensar no assunto. — Tudo bem.

— Tudo bem?

— Sim. Tudo bem. — Charlotte estreitou os olhos me encarando sem acreditar. — Lipe precisa mesmo de uma mãe. É para o bem dele.

— Alex! — Ela riu me batendo no braço. Doeu mais do que deveria. — Então não caso.

— E vai deixar Lipe sem uma mãe?

— Eu não preciso estar casada com você para ser mãe dele.

— Ah não?

— Não!

— Então case comigo porque me ama. — Ela sorriu de maneira esplêndida, linda e leve, exatamente como Charlotte era.

— Eu caso — sussurrou.

— Obrigado — sussurrei de volta, enlaçando o seu pescoço para puxá-la para mim. — Eu amo você, Charlotte!

— E eu amo muito você, Alex! — Ela me beijou com cuidado, mas logo se afastou me encarando com um sorriso desconcertante. — Mas amo mais o Lipe. — Eu tive que sorrir satisfeito com aquele adicional.

Capítulo 38

“O céu se encontra onde Julieta vive.” William Shakespeare

Alex

No dia seguinte, logo pela manhã bem cedo, recebi alta do hospital. Charlotte fez questão de me buscar, juntamente com meu pai e Peter, que mais parecia uma celebridade do que um médico aposentado. Todos queriam falar com ele.

Enquanto meu pai e Peter tratavam de agradecer pelo ótimo trabalho deles comigo, assim eles disseram, eu e Charlotte saímos do quarto para aguardá-los no carro. Eu estava ansioso demais para ver o Lipe e comunicar à família sobre a nossa decisão.

Casar outra vez com Charlotte era algo que me empolgava demais. Minhas esperanças estavam

renovadas, eu me sentia leve, feliz, tudo parecia mais bonito e brilhante. Tudo porque aquela menina mimada decidiu dizer sim e casar comigo, ser a mãe do meu filho e de quantos outros quiséssemos ter. Havia uma promessa de final feliz que me animava e impulsionava.

Ela, ao meu lado, o braço entrelaçado ao meu, sorria com uma jovialidade que me fazia parecer um adolescente apaixonado. Não havia nada que eu não amasse naquela garota. Nada que eu desejasse modificar. Ela era perfeita para mim.

Até que vimos Anita no final do corredor. Os braços cruzados na frente do peito em uma posição que indicava fraqueza logo me fizeram ver que ela não queria briga, nem armava nada para nos prejudicar. Mas Charlotte não via o que eu via, e se empertigou.

Agradei por ter seu braço preso ao meu. Assim eu conseguiria segurar a minha namorada antes que ela cumprisse a promessa de dar uma lição em Anita. Eu sabia que a raiva que praticamente saía dos olhos da minha futura esposa poderia facilmente atingir a madrinha do meu filho.

O olhar inseguro de Anita demonstrava o seu nervosismo. Ela hesitava, principalmente por causa de Charlotte e parecia tentada a desistir do que quer que tenha planejado para estar ali.

— Alex! — Ela olhou rapidamente para Charlotte que a encarava com uma acusação nítida. — Eu queria... eu só vim... — Olhou outra vez para minha namorada, como se a sua presença fosse fator decisivo para fazê-la não falar.

— Pensei que você estivesse presa — Charlotte começou. Apertei seu braço para que ela encurtasse a conversa.

— Vou responder pelos meus atos, Charlotte. — Não havia arrogância em Anita, apenas a vergonha pelo que tinha feito. — Meu advogado disse que ainda estamos na fase da queixa, então...

— Johnny irá até o final — Charlotte provocou.

— E eu vou aceitar. Foi absurdo o que eu fiz. Johnny não merecia ser ferido. —

Anita abaixou o olhar e Charlotte se surpreendeu, porém, sem ceder. — O que você quer, Anita? —

Minha namorada atacou mais uma vez. — Eu

avisei, Alex. Ela não vai nos deixar em paz.

— Charlotte! — Tentei conter minha namorada, mas Anita nos surpreendeu mais uma vez.

— Eu vim me despedir. — Anita olhou diretamente para mim. — E agradecer. — Tchau! — Sim, Charlotte conseguia ser infantil quando queria. — Aceitou a bolsa?

— Aceitei. Vai ser melhor assim. Graças a você.

— Pelo amor de Deus! — Charlotte se soltou de mim e se afastou enfurecida. — Se você tivesse dado a queixa eu não poderia ir — Anita continuou. — Não vou esquecer disso. — Apenas concordei com a cabeça. — E não volto mais — acrescentou com tristeza.

— Então vai aborrecer outras pessoas e sequestrar as crianças das famílias desavisadas? — Charlotte agrediu e Anita se encolheu com as palavras sem nada responder. —

Espero que não volte mais mesmo! E que não se atreva a se aproximar do Lipe! Era ridículo me sentir orgulhoso do instinto materno da minha namorada? Por

mais que eu não quisesse aquela conversa, mesmo desejando que Anita realmente não se aproximasse outra vez do Lipe, eu gostei de ouvir Charlotte defendendo o meu filho como se fosse realmente dela.

— Pode deixar, Charlotte. — Anita sorriu com tristeza. — Alex já deixou este detalhe bem claro. — Minha namorada me olhou sem entender. Bom, a verdade era que de uma forma ou de outra, ela nunca entenderia, então...

— Seja feliz, Anita. — Com isso eu esperava encerrar o assunto e seguir meu caminho.

— Este é o meu objetivo de vida, Alex. — Ela sorriu com tristeza, fazendo-me entender que seria mesmo difícil.

Segui em frente conduzindo uma Charlotte cheia de dúvidas e receios. Ela temia por nós dois e principalmente pelo Lipe. Eu também temia, apesar de acreditar que Anita cumpriria com a sua promessa. De uma coisa eu estava certo: quando Charlotte dissesse que deveríamos prestar mais atenção, eu obedeceria. Não dava mais para ignorar a sua sagacidade.

Charlotte

— Para, Miranda — resmunguei quando minha amiga tentou pregar mais uma flor em meu cabelo.

— É necessário, Charlotte! — Ela continuava insistindo e eu estava em meu limite. — Não é não! Já está ótimo! E eu te disse: eu quero um penteado simples. — Mais simples do que esse é impossível. — Lana estava de cara amarrada

observando Miranda argumentar comigo. As duas não aceitavam as minhas determinações. — Nunca vi um casal tão frustrante.

— Não esqueça que eu e Alex já casamos antes e tivemos a festa dos sonhos. Agora eu quero tudo como eu sonho, então, parem de tentar me convencer. — Miranda colocou as mãos em meus ombros e sorriu.

— A madrinha ficaria orgulhosa. — Nossos olhos se encontraram através do espelho e eu vi que minha amiga estava emocionada.

Eu evitava pensar na minha mãe, principalmente nos dois dias que se passaram após eu aceitar me casar outra vez com o mesmo homem. Ela ficaria escandalizada na mesma proporção que deliciada. Se antes já foi estranho organizar tudo em quinze dias, como ela reagiria a dois? Sorri imaginando.

— Mary estaria vivendo o seu pior momento de frustração — Lana continuava reclamando. — Onde já se viu um casamento assim? A noiva não quer nada além de flores, com apenas treze participantes, isso já contando com os noivos, um cardápio escandaloso, nada de músicos e apenas um juiz de paz, que, diga-se de passagem, aceitou propina para realizar um casamento em tão pouco tempo. — Tive que rir. — E eu nem vou falar do vestido comprado em uma loja comum, pronto e ajustado.

— Está tudo lindo, Lana. — Eu não conseguia, nem mesmo com toda a reclamação da minha cunhada, sentir-me menos feliz.

— Se você acha. — Revirou os olhos e desistiu de não participar. — Você podia pelo menos ter aceitado um maquiador profissional. — Pegou o pincel da minha mão e me encostou na cadeira. — Eu cuido disso. Como se já não bastasse todo o restante teríamos que encarar uma noiva pintada para um circo. — Ri alto. — Pare de rir. — Obedeci de imediato.

— Graças a Deus desta vez não tivemos despedida de solteiro — Miranda brincou. A ideia me fazia estremecer. Eu bem lembrava de tudo o que vivemos por causa das loucuras do João e depois das de

Anita e Tiffany. — Como eles voltariam hoje? Pelados? — Lana riu e eu tive liberdade para rir também. — Posso dizer que vocês me devem esta — minha cunhada brincou espalhando a base em meu rosto. — Deixei claro que não admitiria, mas, só para garantir, providenciei algo para entreter o João, distraíndo-o de qualquer ideia absurda. — Eu te devo a minha felicidade — agradei dramaticamente a força que Lana me deu. — Deveria ter me agradecido concordando que convidássemos pelo menos alguns amigos mais próximos. — Eu permiti que convidasse a Aline. — E foi um escândalo não admitir ninguém mais. — Porque sabia que ela estaria fora do país. Isso foi um absurdo, Charlotte. — E vale ressaltar que desta vez ela não aceitou ser depilada — Miranda acrescentou querendo colocar mais lenha na fogueira. Lana suspirou descontente. — E Alex gostou tanto! — Seu pesar me deixou em alerta. — Alex gostou? Então ele conversou sobre isso com você? Lana, ele... céus! Como... eu vou matar o seu irmão! — Meu rosto ficou tão quente que eu tive certeza que nem precisara de mais maquiagem. — E eu já estou depilada — informei com raiva. — Toda? — Lana não entendia que aquele assunto era íntimo e pessoal? — Porque Alex gosta de... — Tá legal! Já chega. Eu sei exatamente como o meu marido gosta. — E o calor já descia pelo meu pescoço. — E vamos adiantando esta maquiagem porque eu não quero me atrasar. — Claro, claro — Lana falou com ironia. — Você é a noiva que é do contra, então, por que não ser pontual? E com essa eu tive que voltar a sorrir.

— Pai, para de ficar me olhando com essa cara de bobo — preferi reclamar do que dar atenção para as lágrimas que se formavam em meus olhos. — O senhor entendeu mesmo o meu motivo?

— Sim, filha. Entendi e estou orgulhoso.

— Não está aborrecido e nem magoado? — Ele sorriu, fazendo-me lembrar do pai que sentava para tomar chá com as minhas bonecas sem se importar com os olhares divertidos dos empregados.

— De forma alguma! Eu já fiz isso antes. Não tem problema nenhum aceitar da sua maneira agora. — Com os olhos marejados abracei o meu pai me sentindo tão grata que chegava a me questionar se eu não estava sonhando. — Vá em frente. Você já é uma mulher.

— O senhor demorou muito tempo para perceber isso. — Funguei sem me importar com a falta de boas maneiras.

— Um dia teria que acontecer. Por falar nisso... — Pegou uma caixa vermelha do bolso de trás e me entregou. — Parabéns!

— Ah, pai! — Lógico que ele não aceitaria que o casamento ofuscasse o meu aniversário de vinte e cinco anos. Abri a caixa e retirei de lá uma pulseira de ouro branco com pedras azuis lindas. Ela sabia que eu amava aquela cor por ser a mais próxima possível da cor dos olhos do Alex e agora do Lipe também. Era tão delicada e ao mesmo tempo tão cheia de personalidade que imaginei se algo poderia ser tão parecido comigo.

— Obrigada! — Entreguei a joia a ele para que a fechasse em meu pulso.

— Agora precisamos mesmo ir. O que quer que eu faça?

— Pode chamar o Lipe para mim?

— Claro, filha! — E seus olhos emocionados demonstravam o orgulho que sentia.

Meu pai saiu e eu me preparei para viver o momento mais mágico e encantador da minha vida: o meu casamento.

Alex

Eu não estava nervoso e nem com medo, como fiquei da primeira vez. Naquele momento tudo era diferente. Charlotte queria casar, não havia nem ameaça nem pressão do Peter, Lipe estava muito feliz e nós sairíamos dali para a cabana e só voltaríamos dois dias depois para seguir viagem. Nossa lua de mel seria acompanhando a turnê da minha esposa famosa e bem-sucedida.

Dava para aguentar.

Patrício estava do meu lado, mas não tirava os olhos da esposa. Dava para notar que havia algo diferente entre eles. Algo mais carnal do que o habitual, mas também mais cúmplice, como se compartilhassem um segredo só deles.

João ficava um pouco comigo, sempre precisando correr atrás das gêmeas, como se as babás não fossem o suficiente para aquelas duas. E provavelmente não eram mesmo.

Meu pai namorava a minha mãe, acariciando o seu rosto e lembrando do casamento deles. Enquanto Lana andava de um lado para o outro conferindo se tudo estava de acordo, mesmo sendo apenas nós e uma única mesa que serviria o almoço. Ela queria que tudo fosse impecável e com isso deixava os cinco funcionários loucos.

Lipe não estava em lugar algum. Eu acreditava que ele deveria estar com Charlotte, já que eles não se desgrudavam. E Peter certamente estava com eles também. Ele conduziria a filha até o local em que o juiz de paz nos aguardava.

Estava tudo caminhando bem e conforme o planejado. Charlotte provavelmente atrasaria, porque era o que as noivas faziam. Então eu podia relaxar e me sentir confortável naquela roupa completamente desconfortável que Lana me forçou a usar.

— Isso vai ser divertido — Patrício riu.

— O que vai ser divertido?

— Esse casamento. Não é forçado demais? Vocês já foram casados, então bastava ir ao fórum e casar outra vez. — Olhei para o meu irmão sem acreditar no que ele dizia. — Ah, tudo bem que nossos pais te censurariam eternamente, mas... precisa mesmo de tudo isso? — Apontou para a própria roupa.

— E isso é divertido?

— Vai ser. Quando Charlotte atrasar e você ficar com aquela cara de bobão que ficou na primeira vez. Eu nunca acreditei que você pudesse ser um homem inseguro, Alex. — Dei risada observando João Pedro se aproximar.

— Eu posso ser muitas coisas que você nem imagina. Posso te mostrar. Quer?

— Vá se foder!

— Ei, meninas! O que é isso? Estamos aqui, reunidos na presença de Deus para... — Vá se foder, João!

— Eu e Patrício dissemos ao mesmo tempo e começamos a rir. — Vocês são uns babacas mesmo. Onde está a Charlotte? — Ele olhou para o espaço do lado de fora da nossa casa do rancho e nós o acompanhamos por instinto.

— Ela vai atrasar. — Patrício me lançou um olhar de deboche. — Ou desistir.

— Por que ela desistiria? Você é um idiota, Paty — João rebateu e se afastou para não ficar ao alcance das mãos do meu irmão.

— Paty é a...

— O que Peter faz aqui — interrompi os dois com o coração acelerado.

Peter deveria conduzir Charlotte até o local onde o juiz de paz nos aguardava. Ele tinha ido buscar a filha

e voltou sozinho. Meu coração acelerou a um nível humanamente impossível.

— Eu disse que ela desistiria — Patrício provocou.

— Cala a boca, mané! — João me defendeu, mas havia muita preocupação em sua voz que não passou despercebido por mim. — Ele deve ter vindo avisar que ela vai atrasar.

— Ou que desistiu. — Lancei um olhar assassino para o meu irmão que se afastou rindo.

Peter se curvou para falar no ouvido da minha irmã, que me olhou rapidamente e logo em seguida foi para dentro da casa. Porra! Eu não deveria, mas meus pés não me obedeceram e comecei a caminhar em busca da minha noiva. O que estava acontecendo? Sem tirar os olhos do local por onde Lana entrara, fui interrompido por Johnny.

— É melhor você ir para o seu lugar. A noiva já está vindo. — Peter passou por mim e me deu um tapinha amigável no ombro, sem nada dizer.

Que merda estava acontecendo? Peter, que deveria estar com Charlotte, estava ali, sentado na primeira fileira das poucas cadeiras dispostas defronte da mesa que serviria para assinarmos os papéis, isso significava que minha noiva entraria sozinha?

Johnny me levou de volta e confesso que a confusão não me deixava raciocinar direito, por isso fui sem protestar. Todos sentaram e uma música instrumental preencheu o ambiente. Clair de Lune. Tão apropriado! Meu coração, já acelerado, iniciou um ritmo diferente, mais emocionado, ansioso e agradecido.

E então Charlotte surgiu no meu campo de visão. O ar ficou preso em meus pulmões. Ela estava deslumbrante! Um vestido todo de renda justo até a cintura definida e esvoaçante em uma saia rodada de tecido leve, até os seus joelhos. Não era longo, nem um vestido tradicional de noiva. Era exatamente como minha Charlotte. Simples, leve e lindo.

Mas o que me deixou extasiado não foi a beleza da sua escolha pelo vestido, nem as flores que ornamentavam o seu cabelo. O que me deixou sem fala e com lágrimas nos olhos foi um pequeno detalhe. Tão pequeno e imenso na sua importância: Lipe.

O meu Lipe, fruto da minha traição e também o motivo para eu merecer o perdão, o filho que eu tive com uma mulher que tentou a todo custo nos separar. Era ele quem conduzia Charlotte.

Ele, a criança que ela não pôde gerar, mas que amava como mãe, trazia para mim, outra vez e de volta, o amor da minha vida. A mulher que eu precisei deixar para trás para assumir a minha obrigação com aquela pequena criança. E era tão perfeito que eu não quis evitar que as lágrimas caíssem dos meus olhos.

Eu não me importava se as pessoas estavam vendo. Ali, naquele momento, era como se estivéssemos fechando um ciclo de amor, medo, derrotas, dor e rendição. Era a certeza de que não importava o rumo que tomássemos, o nosso amor era verdadeiro e forte o bastante para resistir a todas as provações, entender, redefinir-se, adaptar-se e permanecer.

O fruto da nossa separação me entregava pela mão o amor que perdi um dia. E era como se me dissesse que tudo era possível, até mesmo aquela armação do destino, que parecia impossível e que agora não me parecia menos adequada.

Quando eles chegaram eu me abaixei e abracei meu filho, que, inocente como era, abraçou-me com pernas e braços. Não consegui deixá-lo, então levantei com Lipe no colo e beijei minha noiva, que também chorava emocionada.

— Obrigado! — sussurrei em seus lábios. Ela apenas sorriu.

Com Lipe no colo e Charlotte com a mão na minha, nos viramos para o juiz para darmos início àquela nova etapa da nossa vida. Ou, para finalizarmos uma que precisava ser encerrada de uma vez por todas. O juiz disse algumas palavras, que eu não consegui prestar atenção, já que meus olhos e ouvidos me levavam o tempo inteiro na direção daquela mulher inacreditável ao meu lado. E, muito rápido, assinamos os papéis, nos tornando marido e mulher novamente. Quando beijei Charlotte ouvimos os

murmúrios.

— Não vamos ter declaração de amor desta vez? — Lana falou alto, fazendo os outros rirem e protestarem.

Olhamos um para o outro e eu sabia que muito poderia ser dito, mas nada que eu quisesse declarar. No pouco tempo que ficamos separados eu aprendi que palavras eram apenas palavras. Poucas mereciam ser repetidas, ou precisavam. Então, ali, de frente para a mulher da minha vida, eu muito sentia, sem nada conseguir dizer.

— Casados outra vez? — Sorri me sentindo um bobo.

— Outra vez — ela sussurrou com a voz rouca e embargada. — Desta vez para sempre. — Aquelas eram palavras que significavam muito. — Para sempre — ela repetiu, como se quisesse fixar as palavras no firmamento.

— Sim, para sempre.

Voltei a beijar minha noiva quando senti os pequenos braços do nosso filho cercando nossas cabeças. Ele nos abraçou, como se seus braços fossem capazes de nos manter ali, sem deixar nada nos atrapalhar, protegendo-nos e selando aquela união.

Sorrimos e eu senti que o mundo não poderia ser mais perfeito.

Capítulo 39

“Não o duvides; todas estas dores nos servirão ainda unicamente para doces deixar nossos colóquios.”
William Shakespeare

Charlotte

Desci as escadas tentando conter a ansiedade. Alex estava com os meninos: Lipe e Francisco, ou Chico, como chamávamos o nosso filho caçula.

Há três anos, quando completávamos um ano do nosso novo casamento, recebemos a notícia que tanto esperávamos: Chico, um garotinho, magro, com apenas um ano e dois meses, abandonado pela mãe em uma casa de adoção, seria nosso filho.

Quando entramos para a fila de adoção conversamos com Lipe sobre como seria ter mais uma criança dentro de casa e ele nos surpreendeu. Ele disse:

— Meu irmãozinho vai nascer do seu coração também? Assim como eu nasci? — Fiquei admirada e, lógico, chorei. Porque eu nunca deixaria de ser aquela garota que corava e chorava em qualquer situação. Lipe sabia que eu não era a sua mãe verdadeira, ou, a mãe que o gerou. Nós nunca apagaríamos Tiffany da sua vida. Mas eu era a mãe dele, a que o amava e criava. Como também seria a mãe dessa outra criança confiada a nós. Ele ficou feliz e nos acompanhou em todo o processo.

Junto com a gente ele escolheu o Chico. Francisco não se parecia com a gente, apesar de sua pele acompanhar o bronzeado da pele do Alex. Ele tinha cabelos castanhos, com cachos grossos, olhos de um tom avelã invejável e um sorriso que derretia o meu coração.

Parece bobagem e provavelmente muita gente não me entenderá. Escolher uma criança para adotar não é como chegar em uma loja e escolher a camisa mais bonita. Talvez até fosse para algumas famílias, mas eu e Alex sabíamos como teria que ser, então visitamos alguns orfanatos, conhecemos as crianças, brincamos com elas sem nenhuma promessa.

Nós tínhamos algumas ideias, tais como preferir meninos porque seria mais fácil para o Lipe, e não queríamos que fosse um bebê pelo mesmo motivo, mas tínhamos consciência de que seria aquele que nosso coração indicasse, por isso escolhemos o Chico. Ele não falava quase nada, andava cambaleando e era tão tímido que se escondia da gente todas as vezes que chegávamos para uma visita.

Na primeira vez não prestamos atenção nele. Chico se escondeu e ficou com uma das funcionárias o tempo todo, sendo carregado para ver as árvores ou para brincar no parquinho. Na segunda, quando estávamos deixando o local, eu já desanimada por não sentir aquele calorzinho que eu acreditava que sentiria quando colocasse os olhos na criança que seria “minha”, vi uma garota com o Chico no colo. Ela lia um livro para ele usando sempre o tom calmo. E ele olhava para ela encantado, como se a historinha contada o fascinasse. Aquela cena ganhou o meu coração.

Fiquei um bom tempo, parada na porta vendo os dois. Ele sorria olhando para a imagem quando ela indicava e depois voltava a olhar atentamente o seu rosto, exatamente como o Lipe costumava olhar para mim quando conversávamos. E exatamente como que eu queria que aquela criança me olhasse.

Alex chegou sem que eu percebesse e ficou me observando. Eu não sei que tipo de conexão ele teve com o Chico, porém quando o percebi parado atrás de mim ele sorriu e me abraçou por trás para sussurrar em meu ouvido.

— Achemos o nosso filho. — E me beijou de leve sabendo que eu concordava com a sua afirmação. Todo o processo burocrático de adoção chega a ser injusto com a família e com a criança. Tenho que contar que todas as noites, desde que encontramos o Chico, eu sentia medo de alguém chegar primeiro, de ele não nos aceitar ou de qualquer outra coisa absurda projetada pela minha mente muito criativa, acontecesse.

Então depois de alguns meses, ele finalmente foi para a nossa casa e meu mundo azul se transformou em uma mistura de azul e marrom tão harmoniosa que eu não conseguia me imaginar sem esses tons.

Agora, sendo mãe de um menino de quase sete anos e outro de quase cinco, eu me sentia forte para mais uma batalha.

Eu conseguia ouvir a risadas deles três antes mesmo de alcançar o jardim e ver a farra. Alex, só de sunga, brincava com nossos filhos, que tentavam limpar as pranchas. A cena era digna de novela. Os três se encaixavam tão bem que ninguém diria que não eram corpos do mesmo sangue.

O amor que Alex dedicava a Lipe era o mesmo que ele dava a Chico. Nunca houve em nossa casa um momento em que a adoção fosse colocada em evidência. Eu sabia que poderia acontecer, afinal de contas um dia os hormônios tomariam conta daqueles meninos e sabe Deus o que dois adolescentes dentro de uma mesma casa são capazes de fazer. Meu pai e meus sogros que o digam.

— Achei que o desperdício de água era um assunto sério dentro desta casa. — Alex se virou para mim, com a mangueira ainda na mão, rindo de duas crianças que fugiam do seu jato d’água. Meu marido riu, constrangido e fechou a mangueira.

— Mamãe tem razão. — Ouvi o lamento dos dois. Pronto, logo eu seria a bruxa daquela casa. — Podemos fazer guerra de bexigas, o que acham?

— Eles vão molhar a casa toda — Marta gritou lá da cozinha e eu olhei para Alex censurando-o.

— Só aqui fora. Vão pela porta dos fundos pedir à Marta as bexigas. — Os meninos saíram correndo e Alex veio em minha direção.

Os cabelos negros molhados estavam um pouco maiores do que o habitual. A pele morena, queimada de sol, brilhava com a água que escorria. O corpo espantosamente magnífico totalmente exposto naquela sunga azul e o sorriso torto... ah, o sorriso torto! Por que ele não cansava de me deslumbrar?

— Aproveitaram a praia? — Ele se aproximou para beijar meu pescoço, com cuidado para não me molhar.

— Sim, preguiçosa. — Ri sem graça. Nos últimos meses eu arranjava todas as desculpas para não precisar levantar da cama antes da hora. — Você precisa parar de trabalhar tanto durante a madrugada. Os homens da sua vida agradeceriam.

— É só uma fase. — Eu me distraí acariciando seu peitoral. Alex era delicioso.

— Uma fase longa — reclamou, beijando meus lábios e me envolvendo com seus braços longos, fortes e molhados.

— Alex! Você vai me molhar! — Ele riu, soltando-me.

— Posso saber para onde a senhora vai toda arrumada assim?

Olhei para mim mesma me perguntando se eu realmente estava sendo descuidada comigo, já que meu marido acreditava que um vestido estampado com corte reto e uma sapatilha era estar tão arrumada.

— Hoje é quinta-feira. — Cruzei os braços observando a reação dele e outra vez me questionei.

As quintas-feiras eram nossas e apenas nossas. Quando nos casamos e começamos a rotina de casados e com filhos, determinamos que tiraríamos um dia, que não poderia ser final de semana, para ficarmos juntos sem a interrupção de nada nem ninguém. Eu não trabalharia e Alex também não. A surpresa nos olhos do meu marido me fez pensar se eu não estava realmente negligenciando a nossa relação, já que nos últimos meses eu arrumei todas as desculpas possíveis para não termos o nosso dia.

Mas foi por uma boa causa.

Assim eu queria acreditar.

— O que foi? — Ele continuava me olhando daquela forma desconcertante.

— Nada. — Alex pareceu sem graça. — Pensei que você precisaria resolver alguma coisa. — Ok! Eu realmente negligenciei o meu marido. Era hora de consertar.

— Nada para resolver.

Ele continuou me encarando como se eu estivesse fazendo uma besteira. Senti o sangue esquentar meu rosto. Era ridículo pensar assim, mas parecia que eu estava me oferecendo. E de fato eu estava me oferecendo. E daí? Era quinta-feira.

— Mesmo local — disse por fim.

— Te encontro lá. — E saí para me despedir dos meninos.

Desde que escolhemos a quinta-feira para ser apenas o nosso dia, definimos todos os detalhes como se fôssemos amantes nos encontrando escondido. Alex ia no carro dele e eu no meu. Sairíamos em horários diferentes. Cada semana um escolhia como seria o nosso dia e o outro aguardava para ser surpreendido.

Alex nem imaginava o quanto seria surpreendido.

Dirigi até o apartamento que mantínhamos na Gávea e que utilizávamos quando precisávamos trabalhar sem a interrupção das crianças ou para os nossos encontros de quinta. Nos últimos meses utilizei mais o apartamento do que Alex julgava aceitável. Estacionei na nossa vaga dupla, cumprimentei os funcionários que encontrei pelo caminho e subi para o apartamento carregando a sacola com tudo o que eu precisava. Abri a porta indo direto para a cozinha, onde deixei uma parte das compras. Depois fui até o quarto, escolhi um lençol, perfumei o ambiente, troquei as fronhas e coloquei a caixa azul com uma fita marrom sobre a cama.

No banheiro tirei o vestido e a sapatilha e me cobri com o roupão. Conferi a maquiagem, reforcei o perfume e voltei para a cozinha, onde preparei o vinho, servido em apenas uma taça. Foi quando ouvi a porta ser destrancada. Sentei no banco no balcão da cozinha americana e aguardei.

Alex entrou desconfiado. O tempo que ele levou para tomar banho, se arrumar e me encontrar no apartamento foi realmente recorde. Quase ri, mas mantive a postura séria. Ele vestia uma camisa de algodão com gola polo e mangas curtas e uma calça jeans. Os cabelos molhados e a barba por fazer, provavelmente devido à pressa de me encontrar, davam um charme todo especial ao meu eterno professor.

— Professor Frankli — provoquei, saboreando o prazer que ele sentia com aquela brincadeira.

Sim, este era mais um detalhe dos nossos encontros. Ali dentro Alex seria sempre o professor Frankli e eu a sua eterna aluna Charlotte Middleton. Um fetiche que adorávamos. Ali ele continuava a sua missão

de me ensinar e eu, como ótima aluna, aprendia corretamente.

— O que aconteceu? Terminou o livro? — Respirei fundo.

Na verdade, eu queria que Alex atendesse aos meus pedidos silenciosos e simplesmente não questionasse os meus motivos para estarmos ali depois de tanto tempo.

— Não! — brinquei, levando a taça até ele.

— Você sabe que eu não bebo, Charlotte. — Eu sabia, assim como sabia que ele precisava relaxar.

Depois de tantos anos meu marido ainda não se sentia confortável com a bebida. Ele ainda se culpava pela situação que viveu com Tiffany. Apesar de também não me sentir confortável com tudo o que aconteceu, eu acreditava que Alex já sofrera demais e que era hora de simplesmente esquecer.

Aparentemente ele nunca esqueceria.

Mesmo assim fiz com que ele segurasse a taça e o conduzi até o sofá. — Acredite em mim, você vai precisar. — Ele parou me detendo.

— O que está acontecendo? — Seus olhos preocupados quase conseguiam me fazer sentir culpada.

Porém, continuar com o plano era uma missão, então me aproximei e beijei meu professor, que correspondeu, mesmo ainda intrigado. — Charlotte!

Alex gemeu em meus lábios lançando uma corrente de energia violenta pelo meu corpo. Deus! Eu estava morta de saudade. Quanto tempo fazia? Uma semana, duas? Quatro. Quatro semanas inteiras evitando o meu marido.

— Não preciso beber para te ensinar alguma coisa, menina. — Mesmo assim ele continuava com a taça na mão, enquanto a outra me mantinha presa ao seu corpo.

Porra, e que corpo! Na ponta dos pés, mesmo com o roupão grosso entre nós dois e uma calça jeans, eu pude sentir que meu marido já estava mais do que excitado.

— Eu preciso... — gemi, sentindo seus dentes arranharem meu pescoço e suas mãos avançarem em minha coxa para levantar minha perna e me prender ainda mais a ele. — Alex... professor... — me corrigi a tempo. Ele riu. — Céus! — Com uma mão em seu ombro e a outra em seu cabelo eu me prendia com força a ele, sentindo seus dedos invadirem a borda da minha calcinha e me provocarem.

— Deixa eu colocar isso aqui em algum lugar. — Ele começava a parar para deixar a taça sobre uma mesinha alta ao lado do sofá quando o impedi.

— Não. — Afastei-me aproveitando para recuperar minhas forças. — Beba.

— Charlotte!

— Beba, Al... professor Frankli. Por favor! — Com os olhos atentos ele virou a taça na boca e bebeu todo o vinho de uma só vez. Bom... não era bem o que eu esperava, mas estava de ótimo tamanho. — Vou pegar mais um pouco.

— Não — ele me deteve. — Não vou beber mais do que isso. O que está acontecendo?

A ideia era contar para ele, então por que inferno eu estava tão nervosa? Não foi o que eu quis? Eu não tinha me preparado para isso e estava segura da minha decisão?

— Charlotte?

Alex estava tenso, não era a reação que eu queria. Precisava dele relaxado e receptivo. Por isso o beijei mais uma vez para eu voltássemos ao clima.

— Eu quero fazer amor com você — sussurrei sem que minha boca deixasse a dele.

Senti que suas mãos fizeram mais força em minha cintura. Lógico que meu marido também queria. Sexo sempre foi importante para o nosso bom entendimento, no entanto as quatro semanas que não permiti que encostasse em mim também serviram para me mostrar que sexo podia ser importante sem ser o fator principal, porque Alex me respeitou e aceitou com resignação. Mesmo tentando todos os dias encontrar um jeito de se reaproximar.

— Bem lentamente. — Acaricieei seu peitoral largo e enrosquei minha língua na dele aprofundando nosso beijo.

Suas mãos desceram para a minha bunda e me puxou para cima, demonstrando a sua ereção. Provavelmente uma maneira de me dizer que lentamente talvez só fosse possível após o primeiro round. Tolinho!

— Lentamente? — Sua voz rouca e carnal era mais um alerta.

— Muito, muito lentamente. — Ele rosnou quando mordeu o lóbulo da sua orelha.

— Por quê? — Ainda com as mãos em minha bunda, prendendo -me em sua ereção gritante, ele afastou a boca da minha para me encarar.

Com a mão em seu peito me afastei e abri o roupão. Eu usava uma única peça, maiô, com rendas nos lugares apropriados e transparências no que eu sabia, mexeria com a sua imaginação. Os olhos gulosos do meu marido fizeram minha pele arder. E quando ele avançou eu recuei.

— Lentamente, Alex — o alertei. — E você está muito vestido. — Com outro rosnado ele puxou a camisa para cima retirando-a rapidamente.

O sol da manhã deixou a sua pele mais brilhante e as quatro semanas sem sentir aquele corpo maravilhoso me fizeram arfar. Mesmo assim me mantive no lugar enquanto ele, que me olhava como se estivesse me devorando, abria a calça, puxando-a para baixo. Uma cueca branca sendo revelado à medida que minha imaginação fazia um ótimo trabalho em meu corpo.

Alex puxou os tênis, sem se importar por deixá-los caírem longe e retirou a calça, ficando apenas com a peça branca que mal escondia a sua ereção fabulosa.

Ah, como eu sentia falta daquela visão!

— E agora? Mais alguma ordem? — Algo me dizia que meu marido não estava muito satisfeito com a nossa inversão de papéis.

— Uma — sorri inocentemente. — Me leve para a cama. — Ele revirou os olhos e sorriu, para logo em seguida me erguer, fazendo-me abraçá-lo com as pernas.

— Alex!

— Calada, Charlotte! Você hoje está exigente demais. — E me beijou com ardor enquanto me conduzia. Meu coração acelerou. Era a hora da verdade e aquele momento poderia ser perfeito ou simplesmente desesperador. Não havia como saber.

Alex, gentilmente, me levou até a cama, sem interromper o nosso beijo, e me deixou sobre o colchão, cumprindo com a minha determinação de ser algo lento. No entanto sua mão esbarrou na caixa deixada estrategicamente ali e sua atenção se voltou toda para a pequena surpresa.

— O que é isso? — Seu rosto franzido demonstrava também diversão. Não era a primeira vez que inventávamos presentinhos para apimentar nossa relação.

Ele nem fazia ideia do presente que o aguardava.

— Abra.

Tentei não parecer tão nervosa, porém eu estava quase enlouquecendo. Alex sentou sobre as minhas pernas para não me deixar escapar e segurou a caixa com atenção.

— O que tem aqui? — Quase surtei de ansiedade.

— Abra! — Ele sorriu daquela forma que tirava todo o meu ar. Puxei o travesseiro e apoiei a minha cabeça.

Alex retirou o laço, e, sendo o sacana que ele era, demorou uma eternidade observando a fita. Quase arranquei das suas mãos e rasguei a caixa, mas me contive. Então ele, depois de admirar a caixa, resolveu que era hora de parar de me torturar e a abriu retirando de lá o papel.

— O que é isso? — Ainda estava com a expressão divertida, embora houvesse certa tensão em seus ombros. — Comprou um apartamento ou um carro para mim. — Seu sorriso tenso me indicava que aquela seria uma péssima ideia, então anotei mentalmente para nunca me atrever a presentear o meu marido com algo parecido.

— Leia. Você é frustrante. — Ele riu.

— Você é frustrante. Parar uma transa para me dar um papel de presente. — Continuou abrindo sem entender do que se tratava.

O ar ficou preso em meus pulmões enquanto eu observava a sua reação. Sua expressão passou de divertida a preocupada em dois tempos. Lógico, ele reconheceu o papel timbrado do hospital, que ganhou imediatamente a sua atenção.

— Charlotte... — Comecei a tremer. — Você...

— Estou grávida — falei de uma vez. Não dava para conter a ansiedade que ameaçava explodir dentro de mim. — Seis semanas.

Alex, com o papel na mão e os olhos fixos em mim parecia apavorado. Até o brilho do seu bronzeado recém-adquirido parecia ter se apagado. Merda, merda, merda!

— Alex...

— Como isso aconteceu? — Ok! Eu não teria como impedir que a risada saísse. Ele fechou a cara aguardando pela minha explicação.

— Bom... teoricamente o homem introduz o pênis na...

— É sério, Charlotte! Esqueceu as pílulas? O que houve? — Eu não queria chorar, mas vendo o pavor no rosto do meu marido e não a emoção que eu imaginei que nos dominaria, meus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Eu quis engravidar. — Se era para ser uma merda então que fosse logo de uma vez. Alex me encarou incrédulo. O pânico não abandonava o seu rosto. — Alex, eu quis tentar. Não dava para viver sempre com medo.

— Mas... — Ele balançou a cabeça e deixou o papel de lado, saindo de cima de mim. — Por que não me disse antes? Por que não conversou comigo? Você sabe o que pode acontecer, sabe de todos os detalhes necessários. Não poderia ser assim.

— Eu tomei todos os cuidados e não quis te contar porque sabia que você nunca iria permitir. — Nos encaramos. Ele desesperado e eu desafiante. Até que meu marido desistiu e me abraçou. As lágrimas finalmente caíram e eu me senti uma criança inconsequente.

Pela primeira vez desde que tomei aquela decisão eu me perguntei se não estava sendo egoísta. O mais justo seria dividir com ele aquela vontade, uma vez que decidimos juntos que não tentaríamos, assim como juntos resolvemos adotar, porém aquela decisão, engravidar ou não, era algo meu. Como se eu nunca fosse me sentir completa se não tentasse. Pelo menos tentar. Uma única vez eu queria saber o que era ter uma criança dentro de mim, mesmo correndo todos os riscos.

— Me desculpe — ele falou antes que eu fizesse o mesmo. — Deus, Charlotte, eu estou sendo injusto com você! — Funguei sem conseguir dizer nada. — Pare de chorar. Vamos conversar. Olhe para mim. — Eu não conseguia. Estava tão envergonhada de ter feito tudo pelas costas dele e contra a sua vontade que me sentia péssima. — Charlotte, olhe para mim. — Levantei o rosto, mesmo consciente de que meu nariz vermelho e as lágrimas que melecavam tudo estavam destruindo a minha imagem. — Ah, Charlotte! Eu te amo tanto! Tanto! — Distribui beijos pelo meu rosto que segurava com as duas mãos. — Não chore, por favor!

— Você tem razão. Eu devia ter conversado, ter a sua aceitação. Agora estou grávida e nem é o que você deseja. — Chorei ainda mais.

— Não é o que eu desejo? Como pode dizer isso? Você sabe que eu quero esta criança como quis todos os nossos filhos. Eu só... droga, amor! Eu estou com medo. Desesperado para ser mais exato. Você sabe que engravidar pode te destruir. Se não fisicamente, emocionalmente. E eu não queria correr este risco. Não quero que você sofra e não quero... não quero perder vocês. — Os olhos dele também estavam marejados.

— Há quatro meses eu tomo a injeção todos os dias — relatei. — Por isso precisei me afastar. Você sabe como funciona. Eu tenho que me proteger antes, assim as chances aumentam.

— De madrugada. — Enfim ele entendeu o que aconteceu comigo nos últimos meses.

— Quando todos dormiam. Eu precisava de repouso absoluto pelas primeiras doze horas.

— Por que não me contou?

— Porque você não aceitaria correr o risco. — Pelo seu olhar eu confirmei a minha teoria. Alex nunca permitiria.

— Quando descobriu?

— Há uma semana.

— E já tem seis semanas? — Um sorriso fraco iluminou a sua face. Ele olhou para a minha barriga coberta apenas pelo tecido transparente da lingerie. — Não apareceu ainda... digo... tem pouco tempo, então...

— Eu já sinto a barriga um pouco arredondada. Aqui. Bem embaixo. — Ele sorriu um pouco mais.

— E agora? — Seus olhos se voltaram para mim, ainda havia sofrimento, também admiração e fascínio.

— Eu tenho que continuar com as injeções e com as horas de repouso. — Ele concordou com a cabeça.

— Nada de aviões, de esportes radicais, precisamos de uma casa nova e... — Sorri sentindo minhas bochechas arderem. — Sexo lento e com cuidado. — Alex me deu um sorriso encantador que me fez acreditar que estava tudo bem, mas logo este sorriso sumiu.

— E se... E se não acontecer? — Eu já esperava por aquela pergunta, mesmo assim senti o frio na barriga por ouvi-la.

— Será a minha única tentativa. Se não acontecer nós adotamos uma menina. — Ele mordeu o lábio inferior.

— E se for mais um menino. — Sua mão tocou a minha barriga e todo o meu medo foi embora com aquele toque. Como podia algo tão inocente ter um significado tão grande.

— Se for mais um menino nós adotamos uma menina. — Ele voltou a sorrir largamente e me puxou para um beijo de gratidão que fez com que eu ficasse ainda mais emocionada.

— Você sabe que eu ficarei insuportável, não é?

— Pensei que esse era um direito apenas da grávida. — Levei minhas mãos aos seus cabelos para acariciá-los. Eu precisava me sentir normal depois daquele estresse.

— Você é uma grávida atípica, então vai apenas relaxar e deixar que eu cuide de tudo. E nada de reclamar. A escolha foi sua, porém a missão de manter esta criança firme e forte aí dentro vai ser minha.

— Soltei o ar preso em meus pulmões como se eu estivesse sufocando.

— Não está mais aborrecido?

— Estou. Você deveria ter conversado comigo e usado todo o seu poder de persuasão para me convencer. Você sabe que acabaria me convencendo. Mas ele já está aí dentro, e eu estou feliz, apesar de estar em pânico.

— Vai dar certo, Alex.

— Tem que dar. — Ele me beijou com devoção, as mãos em meu rosto. — Foi por isso que me evitou este tempo todo?

— Sim. Quando desconfiei que estava grávida tive medo de perder antes de saborear a descoberta, então tomei todos os cuidados do primeiro mês. — Seus olhos intensos me avaliavam enquanto suas mãos me acariciavam com ternura. — Desculpe se te fiz pensar outra coisa.

— Eu só pensava que você estava mesmo empolgada com o livro — sorriu sem graça e suas palavras aqueceram o meu coração. — Ou cansada demais com os cuidados com os meninos.

— Não pensou em nenhum momento que eu deixei de te desejar? — Seu sorriso tímido entregou o seu medo. Levei a mão ao rosto do meu marido puxando-o para mim. — Isso nunca vai acontecer.

— É só insegurança de um marido apaixonado. — Pegou minha mão e beijou. — Muito apaixonado!

— Mesmo com uma esposa que entope a sua vida de filhos?

— Três. — Seus olhos brilharam. — Mais do que eu achava possível. — E o sorriso que ele dava

indicava que estava muito feliz com a notícia, apesar de todo medo que nos cercaria até o último momento. — Eu quero que dê certo, Charlotte! Quero muito esse filho, só não quero que você se cobre ou se sinta culpada se...

— Está tudo bem. Eu amo tanto você!

Ficamos nos olhando por um tempo, absorvendo os nossos sentimentos, ajustando os temores, confirmando as certezas, até que ele me beijou com força, com uma paixão familiar, que envolvia medo, saudade, tesão e muito amor. Ele me deitou no colchão e se deitou sobre mim. Meu sangue aqueceu, então Alex se afastou com os olhos enormes.

— Desculpe! Te machuquei? — Ri.

Minha vida seria um inferno com Alex e Peter controlando todos os meus passos, pulsação, batimentos cardíacos e qualquer outra coisa para garantir que aquela criança nascesse. E eu seria apenas grata por todo cuidado compartilhado.

— Não machucou, mas como eu te disse: muito, muito lento. — Ele me olhou deitada embaixo dele e não escondeu o tesão que estava sentindo e que precisava ser contido.

— Tem certeza? Não é melhor esperarmos?

— Ainda temos trinta e duas semanas pela frente — o desafiei. Ele franziu o cenho, então fiz logo questão de explicar. — O máximo que eu posso chegar são trinta e oito semanas. O bebê tem que ser retirado de mim.

— Cesárea? — Confirmei com a cabeça e seus olhos correram outra vez o meu corpo. — Não vai ser ruim ter uma cicatriz bem aqui. — Seus dedos longos correram meu sexo indicando o local da cicatriz de uma maneira lasciva.

— Vai ser horrível! — lamentei.

— Não se eu puder beijá-la todos os dias — Seus lábios quentes desceram pelo meu pescoço em uma lentidão sufocante. — Posso começar desde agora para que você se acostume. — A língua provocante traçou um caminho perverso entre meus seios, parando no tecido que cobria o restante do corpo. — Preciso tirar isso de você. — Determinou me pegando com cuidado para que eu pudesse virar. — Preciso beijar você toda, Charlotte!

— Não com tanta lentidão, por favor! — Implorei ao sentir seus dedos abaixarem as alças da peça para retirá-la de mim.

— Tem que ser lentamente — provocou, beijando meus ombros enquanto descobria meus seios. Sua mão logo se apossou de um e o calor da sua palma aqueceu a intimidade entre as minhas pernas.

— Não... não tão lentamente. — Me mexi quando ele colocou a ereção em minha bunda e roçou a língua pelas minhas costas, subindo os quadris e me levando com ele.

— Muito... — mordeu com cuidado a minha pele. — Muito lentamente.

— Alex...

— Sem reclamar, Charlotte — me advertiu puxando o tecido para o meio das minhas pernas.

Eu estava nua, com a lingerie presa em minhas coxas, prendendo-as naquela posição, com a ereção do meu marido me provocando, suas mãos vagarosamente atijando minha pele e seios, sua boca saboreando o meu prazer e seus dentes arrepiando o meu corpo.

— Se incline um pouco para frente. — A voz baixa em meu ouvido me fez estremecer. Obedeci sendo guiada por suas mãos que me acariciavam, apalpando meus seios e instigando os bicos já rijos de desejo.

— Assim. — Sensualmente, lambeu minha orelha roubando um gemido de mim. — Vou entrar em você, amor — anunciou deixando-me em uma expectativa alucinante.

— Pensei que queria beijar todo o meu corpo — instiguei sem saber qual das duas partes eu queria primeiro.

— Vou fazer isso. — Sua mão correu entre minhas pernas fechadas até alcançar meu sexo molhado.

— Alex! — gemi abertamente. Eu queria ser penetrada e depois beijada.

— Bem lentamente — indicou escorregando para dentro de mim sem tirar seus dedos do meio da minha perna.

Na posição em que eu estava, com as coxas juntas e impedidas de se abrirem para lhe dar mais espaço e a sua mão em meu sexo me fechando ainda mais, Alex não tenha escolha, ele precisaria mesmo entrar aos poucos, conquistando o território e me condenando a loucura.

— Ah, Deus! — A satisfação em sua voz era afrodisíaca. Nada melhor do que saber que seu marido se perdia em prazer quando entrava em você.

Incapaz de me conter e consciente de que eu não poderia fazer grandes esforços, empinei um pouco mais a bunda, sentindo minhas paredes espremerem o sexo duro do meu marido. O prazer era instantâneo, ele entrava e meu corpo correspondia deixando-me cada vez mais entregue.

Quando Alex estava todo dentro de mim, depois de me torturar com a sua lentidão e de quase me fazer ter um orgasmo três vezes, ele saiu, correu as mãos pelas minhas costas, inclinou-se para beijar meus ombros e, aos poucos, descer cada centímetro até chegar a minha bunda. O tempo inteiro ele me tocava e estimulava com a pressão certa em cada ponto.

Segurando em meus quadris ele mordeu cada nádega, beijou e chupou para logo em seguida descer seus lábios até o centro, levando-me aos céus com aquele beijo tão pecaminoso.

Com o rosto no travesseiro e os olhos fechados eu recebia e aceitava todas as carícias que meu marido me ofertava, e amava cada detalhe. Principalmente aquele.

Sua boca logo me deixou, descendo pelas minhas pernas até que ele me segurou com cuidado para me virar de frente. Sem pedir permissão arrancou a peça das minhas coxas e abriu minhas pernas, massageando-as com a mão.

— Isso é tortura — reclamei. — Se não me deixaria gozar porque começou pela penetração. — Ele me deu um sorriso descarado, puramente carnal e cheio de luxúria.

— Gosto daquela posição. — Suas mãos subiram a massagem chegando na junção que levaria ao meu sexo. Me contorci.

— Eu também — gemi deliciada com seu polegar me tocando tão intimamente. — Então por que parou?

— Quero te beijar todinha, esqueceu?

Ele se abaixou e, levantando meu joelho, começou a beijar meus pés. Céus! Só a ideia já me deixava excitada, imagine seus lábios em meus pés? Eu estava em puro êxtase. Qualquer partícula do meu corpo entrava em transe quando Alex me tocava, beijava, mordia... era a forma mais fácil de me subjugar. Seus beijos continuaram trabalhando com a língua, subindo pela minha perna, sem perdoar nenhum detalhe. Na panturrilha ele teve ajuda dos dentes, mordendo a carne nos pontos certos, que reverberavam no meu centro de prazer. Meu corpo vibrava e implorava por mais. Sempre mais.

E ele continuava sua excursão. Sua língua provocando minhas coxas em uma ousadia ultrajante e excitante na mesma medida. Senti uma vontade absurda de fechar as pernas, de roçar uma na outra e me tocar, porque minha mente implorava para que eu atendesse o apelo do meu corpo dando-lhe alívio. Ao mesmo tempo, o prazer que lambia minhas terminações nervosas me lembrava o quanto a espera era saborosa, incentivando-me a continuar aguardando até que esperar não fosse mais uma opção.

Alex ignorou meu sexo, subindo até meus seios para abocanhar um por um. Ele sabia que assim me manteria equilibrada por mais tempo, fazendo-me continuar no jogo. Com as mãos em seus cabelos eu o incentivava a continuar. Ele sugou meu seio, provocou o bico, mordeu, atçou, apalpou e, quando pensei que era demais para suportar, recomeçou no outro seio. O ambiente estava completamente preenchido com os meus gemidos e gritinhos, além dos sons de satisfação que meu marido fazia.

Porém, o que realmente me deixou fora do ar foi quando ele, seguindo o mesmo padrão lento, parou em minha barriga. Seus dedos me tocaram com tanta sutileza que preendi o ar. Suas carícias eram apenas com as pontas dos dedos, como se quisessem de fato afagar o bebê. Seus olhos se encheram de ternura em uma concentração única.

Ele suspirou e beijou minha barriga com carinho. A impressão que eu tive era que ele conversava em silêncio com o filho, para então voltar a cuidar da mamãe.

— Será que ele vai ficar bem? — As pontas dos dedos corriam com ternura pelo pé da minha barriga. Era excitante e emocionante.

— Ele, ou ela — ressaltei. — Vai ficar ótimo, ou ótima. — Sorri largamente encontrando o seu olhar. — Termine a sua promessa.

— Qual promessa?

— De me beijar todinha.

Alex deu um sorriso torto e tão levado que me deu vontade de abraçá-lo. Ele era tão lindo! Especialmente com os cabelos despenteados e entre as minhas pernas.

— Te beijar todinha pode não ser tão ruim assim para o bebê.

— Me comer todinha também não. — Seu olhar espantado e guloso me fez rir.

— Que boca suja. — E suas mãos já me tocavam de uma forma diferente, mais forte, com mais intensidade.

— Eu falei comer e não foder. Fica muito mais leve — provoquei. — E nós precisamos de sexo leve.

— Cala a boca, Charlotte!

— Me faça calar. — Ele então enfiou a cabeça entre as minhas pernas e seus lábios arrancaram meu fôlego.

Seus lábios se fecharam em um beijo ardente, exigente. A língua me penetrou, invadiu-me sem receio, tocando minha carne provocantemente. Toda a minha extensão era massageada pela sua boca e eu me contorcia saboreando cada investida. Mas foi quando ele resolveu sugar aquele pequeno ponto que me dava tanto prazer que eu praticamente perdi a batalha.

— Puta que pariu! — Consegui dizer com o último resquício de ar que restava em meus pulmões. Alex riu e se afastou contendo o fogo que quase incendiava tudo.

— Era para calar a boca, mas você nunca obedece. — Caída sobre o travesseiro, com a cabeça jogada para trás e louca de prazer consegui rir. Levantei para encarar meu marido e segurei em seus cabelos.

— Professor Frankli, eu quero um orgasmo. — Abri um pouco mais as minhas pernas para que ele entendesse o recado.

— Quer? — Ele já levantava se posicionando. — Então fique quietinha. Não vamos abusar. — Enlacei sua cintura com as minhas pernas enquanto ele, com os dois braços nas laterais do meu corpo, apoiava-se para sustentar o próprio peso e me acariciava a face como conseguia. — Bem devagar, amor!

Eu sabia que era necessário e queria de fato conseguir fazer tudo de acordo com as recomendações médicas, mas... porra! Depois de quatro semanas era frustrante. E Alex me conhecia como ninguém.

— Não há nada de errado em te amar, Charlotte. — Não consegui responder. Alex falava e entrava em mim no ritmo de suas palavras, lenta e constantemente. Ele gemeu baixinho encostando a testa no espaço entre meu pescoço. Os lábios sempre lá, em mim. — Eu amo entrar em você... — E ele ganhava meu corpo com facilidade. — Bem lentamente... — A voz rouca, controlada e calma fazia minhas células se agitarem em uma dança louca e frenética. — Sentindo e venerando cada centímetro seu. — Era como se ele estivesse gemendo as palavras de tão deliciado que estava. — Assim... — Eu me movia em sintonia com seus movimentos, indo e voltando sem nunca perder a calma.

Porra, eu queria gritar e me mover mais rápido, segurá-lo com força, mas só conseguia acompanhá-lo, seguir o seu ritmo lento e constante. E, por incrível que pareça, estava muito gostoso. Tão gostoso que eu não conseguia mais parar.

E assim, aceitando aquele amor cuidadoso, senti os primeiros formigamentos se formando. Alex mantinha estocadas suaves, entrando e saindo, enlouquecendo-me.

E então, como se nada mais pudesse ser perfeito, eu me senti flutuar. O prazer percorrendo todo o meu corpo, dividindo cada pedaço meu em minúsculas partículas que pareciam estourar como fogos de

artifício. Eu gozei sentindo minhas pernas ficarem dormentes, meu ventre se contorcer e meu ar faltar. Alex me acompanhou, entregando-se com uma desenvoltura fascinante. Seus gemidos nada contidos seguiam conforme suas estocadas lentas e profundas. Ele se derramou em mim, enchendo-me do seu amor.

Ainda ficamos abraçados, ele beijando meu torso, venerando-me enquanto eu acariciava seus cabelos, de olhos fechados, desfrutando de cada segundo daquele nosso dia encantador.

— Está tudo bem? — Ele rolou para o lado, mas continuou deitado em meu ombro para que eu pudesse manter a carícia.

— Tudo ótimo. — Sorri pensando se eu me acostumaria com tanto cuidado. Alex passou a mão em minha barriga e ali ficou acariciando-a suavemente.

— Eu vou cuidar de vocês — sussurrou com a voz sonolenta. — Essa vai ser a minha mais nova missão. E eu sabia que ele cumpriria sua promessa, então, sonolenta como todas as grávidas, adormeci sendo velada pelo homem dos meus sonhos, sabendo que nada seria mais bonito do que a nossa realidade.

Capítulo 40

“Se eu tiver de dar crédito à verdade do sono adúltera, os sonhos dizem-me que está iminente alguma alegre nova.” William Shakespeare.

Alex

— Por que está demorando tanto?

Eu não conseguia ficar sentado como meus irmãos e amigos. Minhas pernas me levavam de um lado para o outro sem saber ao certo o que fazer. Cada segundo contava como horas e o tempo assim parecia demorar uma eternidade para passar.

— Filho, você precisa relaxar. — Era tudo o que meu pai dizia nos últimos meses, ou semanas, como eu vinha contando desde que descobri a gravidez de Charlotte. — Logo vocês vão passar muitas noites acordados com um menino chorão para atrapalhar o sono.

— Ou menina. — Minha mãe sorriu orgulhosa. Ela também estava ansiosa e nervosa, obviamente não tanto quanto eu.

— Eu devia ter entrado — reclamei pela milionésima vez. — Peter não tinha o direito de me impedir.

— Você atrapalharia tudo — Miranda rebateu impaciente. — Charlotte precisa estar tranquila. Sua ansiedade não ajudaria em nada. — Olhei para a esposa do meu irmão ciente de que ela não sentia nenhum medo de mim.

— Alex, ela vai ficar bem. Você não tem mais idade para ficar nervoso — Lana brincou. — Por que não vai beber alguma coisa com o João? — E olhou sugestivamente para o marido que não gostou nada da ideia.

— Ele não bebe mais — resmungou. — Alex virou uma bichinha desde que Charlotte foi embora.

— Vá à merda, João! — xinguei fazendo todos rirem. Eu não estava com vontade de rir.

— Por que está demorando tanto? — repeti voltando a andar de um lado para o outro.

— Por que você não vai para casa cuidar dos meninos? — Lana propôs, levantou as mãos retirando o que disse assim que viu a minha cara feia.

— Nem é o seu primeiro filho — Patrício se manifestou com a mesma falta de paciência da esposa. — Não é nem o primeiro filho que você vê nascer. Esse seu nervosismo está me deixando nervoso.

— Vá se foder!

— Alex! — Minha mãe me recriminou fazendo-me recuar. Merda! Eu não tinha mais idade para aquilo.

— Peter não vem dar notícias — resmunguei me afastando do meu irmão.

— Ele está acompanhando o parto — Johnny me informou outra vez. Ele se mantinha firme, embora eu soubesse que o seu medo era o mesmo que o meu.

— Filho, está tudo bem com o bebê. Você acompanhou todos os exames. Acabou! — Meu pai tentava me animar. Ele não entendia.

— E Charlotte? — Todos pararam para me olhar. — Não acabou ainda, pai! Eu preciso sair daqui com ela. Aliás, eu preciso que passe todo o primeiro mês, até que ela tenha realmente alta. Aliás, o primeiro ano seria mais seguro.

— Você está exagerando — ela continuou com toda a calma que eu precisava. — Charlotte está ótima também.

— Eu preciso vê-la para ter essa certeza. — Passei a mão pelos cabelos. Eu estava sendo castigado. Não havia outra explicação.

— E aí? — Lana se aproximou com uma animação irritante. — Já escolheram os nomes? Se for menino vai chamar como?

— Charlex — João brincou e todos riram. Eu acabei rindo também. Era tão ridículo que acabou me vencendo. — Não, Charlex é para o caso de ser menina. Se for menino será Alottie.

— O contrário ficaria melhor — Miranda contribuiu.

— Ah, eu não sei qual dos dois poderíamos considerar melhor. São horríveis. — Minha mãe se envolveu na brincadeira.

— Já temos Felipe, Francisco então agora teremos ou Fedora ou Fedorento — Patrício falou e gargalhou.

— Porra, Fedorento é bem capaz.

— Não fale assim. — Miranda lhe deu um tapa no braço, mas ela também ria. — Toda criança é cheirosa. E linda!

— Linda será de qualquer jeito — Lana gracejou e eu sorri pensando no rostinho do meu filho, ou filha. Charlotte insistiu em não saber o sexo. Eu acredito que ela escolheu assim para o caso de não dar certo. Seria mais fácil superar a perda de alguém sem rosto e sem nome. No fundo eu sabia que nunca seria fácil superar e, à medida que a gravidez avançava, eu tinha mais consciência desta realidade.

— Espero que não tenha os olhos dos pais. — Meu pai falou ganhando a minha atenção. — O Chico pode se sentir diferente.

Esse era outro problema que um dia enfrentaríamos. Lipe era meu filho e agora teríamos um filho legitimamente nosso. Se o bebê se parecesse comigo esta realidade pesaria quando adolescência chegasse. Precisávamos nos cercar de todo o cuidado.

Enquanto eles discorriam sobre o assunto eu aproveitei para encostar no batente da porta, olhando diretamente para o corredor por onde Peter, ou qualquer outro médico, passariam para nos dar notícias. Eu já tinha presenciado um parto para saber que estava demorando demais. Já era para alguém ter aparecido para nos informar. Um suor frio escorreu pelas minhas costas.

Miranda passou por mim e parou bem perto, do lado de fora da sala. Com um suspiro pesado ela encarou o corredor vazio.

— O bebê está bem, Alex. — Sua voz contida indicava que não queria me provocar ou qualquer coisa do tipo. — E ela também vai ficar. Você precisa acreditar nisso — Olhou outra vez para o corredor. — Todos nós devemos acreditar.

Olhei para a mulata diante de mim. Miranda sempre foi dona de si. Era desafiadora, persistente, inabalável. Ali, ela era somente a irmã da minha esposa, que sofria e temia tanto quanto eu. Relaxei completamente.

— Quando ela me disse que estava grávida eu senti muito medo, mas eu sabia que Charlotte conseguiria, por isso nunca parei para pensar em como seria quando a hora do parto chegasse. Esperar está me

matando. — Miranda sorriu amigavelmente.

— Logo o padrinho chega para te dizer o sexo do bebê.

— Eu sei. — Desviei o olhar e encarei meus pés. — Só não sei como me sentir.

— Como assim?

— Eu quero muito ver o meu filho, ou filha. Quero pegar ele no colo e me certificar da sua saúde. Ao mesmo tempo... é muito egoísmo eu pensar mais nela? Quer dizer... chegamos bem até aqui. O bebê estava ótimo quando fizemos o ultrassom hoje cedo, mas Charlotte... não quero sequer pensar em perdê-la. Não posso passar por isso. — Meu coração disparou com a possibilidade.

— Eu te entendo. — Ela passou a mão em meu braço e avistamos Peter andando pelo corredor ainda vestindo as roupas do centro cirúrgico.

Adiantei-me quase correndo em sua direção. Quando Peter me viu parou de andar e me aguardou. Sua cara não estava nada boa. Pensei que minhas pernas não suportariam. Ele entendeu o meu estado levantando a mão para me pedir calma. Quando nos encontramos, Miranda logo atrás de mim, ele soltou o ar.

— Primeiro de tudo: parabéns! É uma menina linda! — Seus olhos se repuxaram em um sorriso de pura alegria. Senti meus olhos ficarem úmidos. Uma menina? Deus! — É, Alex! Bem-vindo ao clube dos pais enlouquecidos. — Sorri um pouco ainda anestesiado com a notícia.

— E Charlotte? — Seu sorriso se desfez um pouco. — O que houve, Peter?

— Charlotte está bem, mas tivemos algumas complicações.

— Complicações? Como ela está? Eu quero vê-la.

— Acalme-se Alex! Charlotte ainda está em observação.

— Não me peça para ter calma — me rebeleí sentindo meu mundo desabar.

— Se ela não estivesse bem eu não estaria aqui para te dar a notícia. — Parei assimilando as palavras do meu sogro.

Era verdade o que ele dizia. Se alguma coisa estivesse acontecendo com a minha esposa ele certamente estaria pior do que eu. Respirei fundo e tentei me acalmar. Senti a mão de Miranda em meu braço e pelo canto dos olhos vi que meu pai se aproximava.

— Ele teve uma hemorragia forte, falando em termos vulgares. — Porra! Foi impossível não tremer. — Precisamos realizar uma histerectomia, a retirada do...

— Eu sei o que é? Ela perdeu o útero. — Ele concordou com pesar. — Como Charlotte está? Quais são os riscos?

— A hemorragia foi contida, ela reagiu bem à cirurgia, porém não poderá amamentar e precisará de cuidados durante esta primeira etapa. Sem muitos esforços, sem grandes sacrifícios, repouso absoluto, mais ou menos como deveria ser mesmo por causa da cesárea. — Continuei em pânico. — Ela está bem, não precisa achar que é o fim do mundo perder o útero, então melhore esta cara antes de vê-la.

— Está tudo bem, filho. — Meu pai já estava do meu lado. — Vocês não tentariam mais um filho mesmo, não é? — Apenas concordei sentindo o meu desespero não ceder nem um centímetro. — Charlotte está sabendo, Peter?

— Sim. Ela estava consciente e autorizou o procedimento sem nenhum medo. Agora ela está dormindo na sala de observação e a nossa neta já está no berçário. Uma legítima princesa.

— Eu quero ver Charlotte, Peter. — Ele me olhou compreendendo minha ansiedade.

— Ela está na sala de observação e você não pode entrar lá. Assim que passar o tempo necessário vamos transferi-la para o quarto. Por enquanto você pode conhecer a sua filha — sorriu orgulhoso. Um pequeno sorriso brotou em meu rosto. Eu queria conhecer a menina, mas ver Charlotte era uma necessidade. — Ela está no berçário. — E me indicou o caminho com Miranda e todos os outros já caminhando em sua direção.

Através da imensa janela de vidro eu via a enfermeira cuidando da minha filha. Era engraçado como eu me sentia. Era meu terceiro filho e mesmo assim eu me sentia como da primeira vez. Ela era tão frágil, pequena, cabeluda e linda! Tão linda! Parecia com Charlotte em tudo, na cor da pele e cabelos, nos olhos azuis transparentes, nas bochechas redondas que com certeza corariam como a mãe.

Ela seria o meu pesadelo de pai. Sorri apenas com a ideia.

— Como vão chamá-la? — Lana falou baixo, como se fosse possível que sua voz mais alta ultrapassasse o vidro e incomodasse as crianças.

— Não sei. — Ela ficou espantada. — Eu escolhi o nome de menino e Charlotte escolheu o de menina.

— Minha irmã riu balançando a cabeça.

— E como seria se fosse um menino? — João participou da conversa.

— Luiz Gustavo.

— Credo! Parece nome de novela mexicana — Miranda comentou sem tirar os olhos da minha filha.

— É um nome lindo — minha mãe sorriu orgulhosa. — Como é uma menina...

— Que Charlotte não invente nada como “Maria do Bairro” — Lana brincou e Miranda riu.

— Ou “Esmeralda”. — Elas ficaram rindo e eu nem fazia ideia de onde elas tiraram aqueles nomes.

— Tenho certeza que ela escolheu um nome adequado — E só em pensar nisso eu já sentia a urgência de vê-la voltar com força.

— Luiz Gustavo é um nome lindo, filho. Você pode deixar este para o próximo. — Meu pai me ajudou.

— Próximo? — João se virou para mim com os olhos arregalados. — Quem em sã consciência tem quatro filhos? Pelo amor de Deus! — Acabei rindo.

João ainda não tinha se recuperado das gêmeas e pelo visto não se recuperaria nunca, pois, à medida que elas cresciam o trabalho crescia na mesma proporção.

— Que horas ela vai para o quarto? — perguntei diretamente a meu pai que conhecia os trâmites do hospital.

— Quando Charlotte for. Acho que temos tempo para um café. O que acha? — E, mais uma vez, eu precisava conter minha ansiedade e esperar.

Charlotte

A primeira coisa que vi quando abri meus olhos foi Alex com nossa menina nos braços. Ele balançava lentamente o pequeno embrulho e a olhava com tanto amor que imediatamente as lágrimas surgiram em meus olhos. Eu não queria chorar. Eu queria sorrir e pegar minha filha nos braços. Ela era a nossa vitória, a certeza de que eu era forte para encarar qualquer problema.

Quando meu pai, desesperado, acompanhou a hemorragia que preocupou os médicos, eu tive a certeza do que aconteceria, mas não tive medo. O que importava era que minha filha estava bem e que eu conseguiria voltar para casa para cuidar dos meus filhos, então sem pensar duas vezes autorizei a retirada do meu útero. Era isso ou correr o risco de não voltar mais e eu queria voltar. Queria continuar nossa vida e dar seguimento a tudo o que sonhei.

Meu pai chorou. Escondido, lógico! Fingindo não estar chorando. Quanto a mim não derrubei nenhuma lágrima. Precisava ser feito. Eu tinha chegado longe até demais. Arrisquei tudo quando decidi engravidar. Arrisquei a felicidade dos meus filhos, do meu marido, porque se alguma coisa desse errado, eles ficariam sozinhos. Mesmo assim eu quis. Uma única vez, uma única tentativa. Era tudo o que eu me

permitiria.

E deu certo.

Minha pequena Betina conseguiu vir ao mundo. Minha pequena guerreira que aguentou firme, ouvindo todas as minhas súplicas, as orações, os desesperos. E eles estavam lá, juntos. Ela quietinha se deixando embalar pelo papai mais babão que eu já havia conhecido.

— Cuidado para não estragar a menina antes do tempo. — Minha voz estava rouca e cansada, além de embargada pela emoção. Alex levantou a cabeça e me olhou a princípio com preocupação e depois com devoção.

— Ela é linda — disse baixinho levantando para se aproximar de mim. — Parece com você.

— Oh, droga! Isso não é nada justo. Não acredito que arrisquei tudo por uma menina sem sal e sem graça

— brinquei e ele sorriu amplamente.

— Talvez nossa filha consiga fazer você se enxergar melhor. Veja, uma linda miniatura da menina mais cheia de vontades que eu já conheci. — Inclinou-se e beijou meus lábios ressecados. — Obrigado!

— Não se torne um novo Peter. Betina não precisa ser uma nova Charlotte — Ele sorriu, voltando a olhar a nossa filha.

— Hoje eu entendo o seu pai. — Revirei os olhos. A menina só tinha um dia de vida e ele já entendia os absurdos que meu pai cometeu para me defender do mundo. — Você disse... Betina? — Sorri amplamente. Nós não sabíamos o sexo do bebê então eu escolhi o nome para o caso de ser uma menina e ele para o caso de ser um menino.

— Gosto deste nome.

— É antigo, mas... gostei. Betina! — Repetiu olhando diretamente para a nossa filha. — Combina muito bem com você, princesa. Princesa Betina. Que nome mais lindo a sua mãe escolheu.

— Como seria se fosse menino?

— Luiz Gustavo. — Havia certo receio nos olhos do meu marido cujo motivo eu não entendi.

— É um nome lindo, Alex! Quem sabe um dia. — E o constrangimento modificou para algo maior que eu logo identifiquei. — Nós ainda podemos adotar.

— Podemos sim, amor. — Seu compadecimento me alertava.

— Eu estou bem, Alex. Bem de verdade. Há alguns anos não existia sequer a possibilidade de eu engravidar. Era algo com o qual eu já estava conformada. Hoje eu tenho você, Lipe, Chico e agora Betina. Estou completa e realizada. — Ele me olhava com admiração enquanto continuava embalando a nossa filha. — Posso pegá-la? — Alex me passou Betina com cuidado.

— Ela acabou de mamar. — Outra vez o constrangimento. — Na mamadeira.

— Você deu a primeira mamadeira dela?

— Eu tenho experiência na área. — Sorriu de maneira encantadora.

— Que traição, Betina. Você mal o conhece e já permite que ele seja o primeiro em sua vida. — Alex riu. Revirei os olhos teatralmente. — Tudo bem, eu te entendo. É difícil pensar direito quando encaramos estes olhos profundos e sedutores.

— Olhos profundos e sedutores?

— E ele também é convencido. — Ouvi seu riso que fazia todo meu ser vibrar de felicidade. — Às vezes ele é muito convencido.

— Então não seja como a sua mãe, Betina. Ela é persistente, exigente, nunca aceita um não como resposta. É uma verdadeira pentelha, mimada e cheia de vontade. Quando ela quer muito uma coisa insiste até conseguir. — Colocou uma mão na cabecinha da nossa filha, alisando a cabeleira vasta e clara. — E ela sempre consegue. — O orgulho que enxerguei em seus olhos, assim como a emoção deixaram os meus ainda mais marejados.

— Você vai assustar a menina. Ela vai acreditar em suas palavras.

— Eu espero que ela acredite. — Seus dedos subiram da nossa filha para mim, tocando meu rosto com devoção. — Ela tem que saber que a mãe dela me venceu pelo cansaço. — Aquele sorriso sacana estava lá para encobrir o clima.

— Ah, claro! Até parece que você não toparia transar comigo logo de cara se eu não fosse sua aluna.

— Eu nunca gostei de virgens — revelou fingindo prestar atenção na criança em meu colo. Betina olhava para o pai atenta a tudo o que ele dizia. E ela tinha mesmo os meus olhos, só que nela ficavam lindos.

— Você adorou a ideia de tirar a minha virgindade.

— Como eu disse: você é muito insistente.

— Se eu pudesse fazer grandes esforços acertaria a comadre na sua cabeça. — Ele riu com gosto. — Se eu soubesse disso teria preferido virar freira.

— E eu invadiria o convento e escandalizaria a igreja católica.

— Pensei que tinha dito que nunca gostou de virgens.

— Toda regra tem a sua exceção — sentou na beirada da cama e me encarou sério.

— Eu sou a sua exceção?

— Sempre. — E continuou me hipnotizando, puxando-me para aquele oceano profundo tão cheio de promessas, que me faziam mergulhar sem medo. — Eu não fazia nem ideia do quanto a minha vida era chata e vazia antes de você chegar com um chute na porta e colocando ordem no pedaço.

— Eu fiz isso?

— Fez! — Ele não desviava o olhar e eu mal conseguia me concentrar. — Você me confundiu completamente e me estragou. — Sem entender continuei me deixando levar pelo oceano azul escuro que eram os seus olhos. — Eu não conseguia mais olhar para ninguém. Não desejava mais ninguém. Senti raiva muitas vezes por reagir assim a você, uma menina que vivia presa em seu próprio mundo. Uma garota que acreditava que poderia ter o que quisesse e, principalmente, quando acreditei que você queria apenas sexo, enquanto eu queria muito mais. — O sorriso imenso que se abriu em meus lábios foi involuntário. — Hilário, não?

— Muito. Você era o cara cheio de si. Que sabia o que queria, que não se abalava, inatingível, impossível. Que aceitou me dar uns amassos apenas para conter a minha fúria e não se sentir culpado.

— Você sabe que não foi assim. — Seus dedos correram da minha bochecha aos meus lábios. — Eu quis te levar para cama desde a primeira noite, mas alguma coisa me impedia de agir assim com você. E eu gostava das aulas. Tive medo de ir até o final e você sumir.

— E eu tive medo de ir até o final e você sumir. — Ele riu e se inclinou para beijar o topo da cabeça da nossa filha.

— Como será que os meninos vão reagir? Acho que eles estavam torcendo por um menino.

— Eles vão superar. São seus filhos — provoquei, apesar de eu também sentir receio, mesmo sabendo que era normal. Foi exatamente assim quando escolhemos o Chico e o levamos para casa.

— E vão cair de amores por essa menininha linda — brincou com carinho fazendo meu coração inflar.

— Nós temos uma família linda, não é mesmo? — A primeira lágrima desceu sem que eu me sentisse envergonhada por isso.

— Linda e perfeita. — A voz rouca do meu marido também indicava a sua emoção. — Eu vou cuidar de vocês — sussurrou limpando minha lágrima. Revirei os olhos.

— Ah, para com isso. Eu sou a heroína desta história. Eu vou cuidar de vocês. — Alex riu e levantou da cama.

— Tudo bem, heroína. Só que, pelo menos por enquanto você está fora de combate. Repouso absoluto — gemi descontente.

Foi um tempo longo demais precisando de repouso. Eu queria poder simplesmente levantar e seguir com a minha vida, sem recomendações médicas, sem injeções e sem quaisquer restrições.

— Repouso, Charlotte! Nada de invenções ou estratégias para burlar as regras. O seu caso é ainda mais

delicado do que de qualquer outra cesárea.

— Eu sei. As injeções continuam. — E, de repente, eu me senti outra vez aquela menina mimada e birrenta, porque continuar tomando agulhadas durante mais um tempo, era revoltante.

— Não apenas as injeções. Você fez duas cirurgias sérias, precisa de cuidados. — Seus olhos apelativos me faziam concordar com tudo.

Alex sofreu muito durante a minha gravidez. Ele vivia preocupado. Não havia nenhuma garantia e nós tínhamos filhos pequenos, que precisavam de mim e que muitas vezes contavam apenas com o pai. Por causa da minha escolha ele precisou se afastar ainda mais da editora. Era inevitável. Contudo nunca ouvi meu marido reclamar ou demonstrar qualquer insatisfação.

Ele estava lá. Fazia questão de estar. Mesmo quando Miranda dizia que era a vez dela, ou quando Dana levava os meninos para um passeio, ou até mesmo quando Marta terminava tudo mais cedo e se oferecia para me fazer companhia, porque ele não me queria sozinha nem por um minuto. Não, Alex queria estar comigo, vivendo cada momento ao meu lado.

Foi complicado, mas vencemos e eu não podia estragar tudo na última etapa. Seria só mais um mês de sacrifício, talvez um pouco mais e eu teria que encarar e aceitar com a mesma boa disposição que tive desde que resolvi que valeria a pena arriscar.

— Tá bom. — Aceitei que ele tirasse Betina dos meus braços para colocá-la no berço que ficava bem ao lado. — Vou deitar aqui e deixar você aproveitar tudo sozinho. — Ele riu, voltando a sentar na cama para me dedicar toda a sua atenção. Seus olhos vasculharam o meu rosto e ele voltou a me acariciar com as pontas dos dedos. — Preciso que você fique bem — sussurrou.

— Você não aguenta mais esta versão doente e impossibilitada, não é mesmo? — Ele estreitou os olhos, mas sorriu como um menino travesso.

— Tem suas vantagens. — Abaixou-se para beijar o meu pescoço.

— Alex, eu estou suja, nojenta, com resquícios do parto. — Tentei afastá-lo.

— Você está maravilhosa como sempre.

— E lógico que você não seria capaz de dizer a verdade para uma mulher que acabou de dar à luz uma filha sua.

— Você está linda, Charlotte! Linda de uma forma especial — ele continuava sussurrando e eu sabia muito bem o que aquela voz arrastada e leve era capaz de fazer comigo.

— Com os cabelos emaranhados parecendo um ninho de sabiá?

— Com os cabelos emaranhados parecendo que acabou de transar com o marido louco de saudade. — Mordeu meu lábio inferior ao tentar me beijar.

— Alex!

— A pior parte disso tudo é a droga do resguardo. — Eu tive que rir enquanto ele distribuía beijos leves e mordidas pelo meu rosto.

— Não pode sentir desejo por uma mulher deitada em um leito de hospital. — Minhas pálpebras pesaram indicando que eu ainda não havia dormido tudo o que precisava.

— Eu posso sentir desejo pela minha mulher quando e onde eu quiser — ressaltou o minha, fazendo-me estremecer.

— Que possessivo. — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha quando bocejei para falar. — Eu estou sangrando como nunca achei que seria possível. Que tal me desejar assim.

— Eca! — Ri quando ele se afastou teatralmente, voltando rapidamente. — Me beije. — Não foi uma ordem e sim uma súplica que me fez atender de imediato.

Ele não se importou com meus lábios ressecados. Alex me beijou como se fosse o nosso primeiro beijo. E havia tanto amor naquele beijo que me fez esquecer o mundo. Minha mão estava presa no soro, nem isso me impediu de segurá-lo pelo pescoço pedindo mais. E eu queria muito mais. Só que de uma maneira sonolenta e preguiçosa.

— Charlotte! — Ele se afastou, mas eu mantive meus braços em seu pescoço. — Merda de resguardo!
— Merda de resguardo — repeti, sempre presenteada com aquele sorriso lindo que derretia meu cérebro e me tornava sua escrava.
— Não xingue na frente da menina. — Me repreendeu se afastando, ainda sorrindo. — Não quero que minha filha tenha a boca suja da mãe.
— Acho que vou fugir com essa menina. — E me senti cansada. Esgotada para dizer a verdade. — Você vai estragá-la. — Alex notou o meu estado e voltou para o meu lado.
— Descanse um pouco. — Acariciou meus cabelos. Era bom.
— Para você ficar aqui fazendo com que Betina se apaixone ainda mais por você? Isso não me parece nada justo — reclamei já sentindo meu corpo inteiro implorar para que eu dormisse mais um pouco.
— Se formos levar em consideração o quanto os meninos preferem você, eu acho que já perdi esta disputa. — Fechei os olhos e sorri. Era um sono tão gostoso e repentino que eu não conseguia recusá-lo.
— As meninas sempre preferem o pai. — Minha voz saiu baixa e meus olhos não abriam mais. Ainda ouvi o risinho baixo do meu marido e sorri acompanhando-o.
— Eles sempre vão preferir você, amor. — Eu quis responder que não, mas fui sugada pelo sono e apenas aceitei.

Sentada na poltrona de balanço colocada estrategicamente na varanda da casa, eu observava Lipe e Chico brincarem na grama enquanto Betina dormia tranquilamente no cestinho de vime forrado com detalhes rosa sobre a mesa ao meu lado. Foi um presente de Miranda, comprado no dia em que minha filha nasceu. Eu adorava. Marta o deixava sempre perto de mim para que eu não fizesse muito esforço e assim eu podia ficar sempre junto dos meus filhos.

Um mês depois eu ainda me recuperava do parto e da histerectomia. Mesmo com todo o pesar que as pessoas demonstravam quando falávamos sobre o assunto eu nunca me senti mal pela retirada do útero. Achei até que este detalhe me impediria de cometer novas loucuras, como tentar mais um filho. E não poder mais engravidar era muito pouco quando comparado ao fato de nunca poder engravidar, nunca poder ser mãe e que era o que eu tinha antes reencontrar Alex.

— Mamãe, olha! — Lipe gritou quando deu uma estrelinha perfeita. Bati palmas, sem querer gritar nenhuma palavra de incentivo e assim acabar acordando a princesa que dormia bem pertinho de mim.

— Eu também! Eu também! — Chico fez uma desajeitada e sorriu como se tivesse conseguido fazer igual à do irmão. Bati palmas da mesma forma e com o mesmo entusiasmo. Eles eram lindos juntos.

— Cuidado para não se machucarem — Alex falou logo atrás de mim, me surpreendendo. Ele se aproximou, beijou minha cabeça e se inclinou para olhar Betina. Seu sorriso foi encantador. — Não está calor para ela?

— Está sim, por isso não coloquei a manta. — Ele concordou e se voltou para mim. — O que é isso? — Ele estava com um embrulho grosso nas mãos e tinha acabado de chegar da rua.

— Como você está? — Esforcei-me para não revirar os olhos.

— Ótima! Já estou pronta para outra. — Eu sabia que ele não gostava que eu falasse assim, mas desta vez meu marido não me repreendeu nem ficou aborrecido.

— Mas precisa continuar de repouso. — Ele pegou o copo com suco que Marta havia deixado para mim e bebeu metade do conteúdo. Estreitei os olhos como se quisesse acusá-lo e ele não se importou. — Está quente hoje.

— Onde você estava? Liguei para Lana e ela disse que você não apareceu por lá hoje. — Seu rosto de divertimento era um convite à loucura.

— No apartamento. — Continuou com aquela expressão de pirraça que me enlouquecia de fato.

— Fazendo o quê? O que está aprontando, Alex Frankli?

— Fui fazer o que não posso fazer aqui. — Eu não queria acreditar no que ouvia. Usávamos o apartamento para trabalhar, mas a sua função principal era... eu não queria acreditar naquilo. — Depois de satisfeito, precisei ir em um lugar buscar uma encomenda.

— E eu vou levantar para arrancar esse sorrisinho da sua cara. É divertido fazer isso comigo? — Ele riu com vontade.

— É divertido. Pode ler isso aqui para mim e colocar as devidas orientações? — Entregou-me o embrulho e cruzou os braços me observando. Abri rapidamente o papel e dei de cara com um volume grosso de papéis devidamente encadernados.

— O que é isso?

— Leia.

Comecei a ler o que estava escrito na primeira página e não consegui fazer meu cérebro funcionar corretamente. Eu estava tão confusa e emocionada que meus olhos ficaram turvos.

— A aluna? — Meu coração acelerado não conseguia acreditar no que ele colocara em minhas mãos.

— Só consegui terminar ontem. Deu trabalho convencer Lana a imprimir e me entregar sem ler nenhuma página.

— Alex... é...

— Meu livro — ele revelou. — Finalmente consegui finalizar a história. — Duas lágrimas desceram sem que eu me esforçasse para impedi-las.

— A aluna. — Li em voz alta. — Uma história de amor sem fim. — Funguei ainda sem acreditar. — É a nossa história?

— Com um pouco de floreios, alguns detalhes retirados, outros inventados e um pouco mais de drama. Porque não existe um bom romance sem um bom drama.

— Então você contou a nossa história todinha, recheada de dramas como ela é. — Ele riu baixinho.

— É a história de um professor sério e ranzinza, que acreditava já ter vivido tudo na vida, além de ter conquistado todos os seus sonhos.

— Esqueceu de dizer que ele era velho.

— Ah, sim. Um professor velho, sério e ranzinza. — Limpou meu rosto molhado pelas lágrimas. — Um dia ele encontra uma aluna desafiadora.

— Vai desenvolver o transtorno desafiador? — brinquei.

— Não porque não acredito na existência deste transtorno — ele riu. — Mas fiz questão de mostrar que não existe barreira que permaneça de pé quando uma aluna com o sonho maior do que ela mesma, decide torná-lo possível. — Solucei deixando as lágrimas rolares livremente.

— Tenho certeza que vou amar o livro.

Folhee as páginas e logo no primeiro capítulo, no primeiro parágrafo, encontrei algo que me fez sorrir. Uma frase de Shakespeare: “Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.”

Suspirei me acomodando para começar aquela leitura que com certeza me ganharia, porque eu sabia que aquele livro era só o começo de uma longa história de amor.

“Bons amigos são a família que nos permitiram escolher.” William Shakespeare

Estávamos sentados no sofá aguardando a chegada deles. Tia Lana escolheu as nossas roupas. Eu achei que era exagero nos arrumarmos para esperar a chegada dos nossos pais e da nossa nova irmãzinha. Mesmo assim obedeci e ajudei Chico a se arrumar também. Agora, enquanto aguardávamos, eu assistia meu irmão balançar os próprios pés enquanto olhava para eles.

— É uma irmãzinha?

Ele me olhou com aqueles olhos assustados que sempre usava quando queria dormir, mas estava com medo de ficar sozinho. Eu costumava dormir com ele quando ele me olhava daquele jeito. Então eu logo percebi que Chico estava com medo. Eu entendia o seu medo. Eu também senti quando ele nasceu do coração da mamãe.

— Papai disse que sim e que o nome dela é Betina.

— Be... — Buscou segurança em mim. — Bedina? — Ri.

— Não. Be-ti-na.

— Ah!

Ele não repetiu. Chico não repetia quando não conseguia. Ele pensava no assunto

e quando se sentia seguro voltava a perguntar. Ajustei meus óculos que insistiam em escorregar pelo meu nariz.

— Mamãe comprou ela? — Ri das bobagens que meu irmão falava. Ele não gostava quando eu ria, mas eu ria assim mesmo.

— Lembra que a mamãe ficou com a barriga bem grande? — Ele concordou com aqueles olhos assustados. — E lembra que papai contou que era lá que nossa irmãzinha morava? — Ele voltou a concordar. — Agora ela saiu e vai morar aqui em casa com a gente.

— Como ela saiu? — Seus olhos ficaram ainda maiores. — Ela machucou a mamãe?

— Não. O médico tem uma faca mágica. Ele corta a barriga da mamãe e não sangra. Depois ele coloca uma cola mágica que fecha. A mamãe vai voltar sem aquele barrigão.

— Ah! — Ele voltou a encarar os pés, balançando-os sem parar.

— A mamãe não vai mais ser a mamãe? — Eu já esperava que ele pensasse assim. Foi o que eu pensei quando ele chegou.

— A mamãe sempre vai ser a mamãe. E o papai sempre vai ser o papai. Da mesma forma que eu vou continuar sendo o seu irmão. Só que agora eu sou o irmãozão e você o irmãozinho da Betina. Nós vamos cuidar dela como todos os meninos devem cuidar das meninas. O papai que falou. Ela é muito pequena e vai precisar de nós dois, tá bom?

— Tá bom!

Olhei meu irmão imaginando o quanto ele estava confuso. Eu também me sentia assim quando ele foi morar com a gente. Eu tive medo da mamãe não me amar mais, já que ela tinha escolhido um novo filho. Mas o que eu não sabia era que a mamãe podia me amar, amar o papai e amar o restante todo do mundo. Porque a mamãe tem um coração enorme e ela ama demais. Tem muito amor no seu coração, mesmo ele sendo pequeno, como a professora ensinou na escola.

Por isso eu sabia que Betina não faria a mamãe deixar de me amar, nem de amar o Chico. Era o contrário. Ela nos amaria mais ainda porque nós também amaríamos a Betina.

Eu acho que o amor funciona assim. O coração é só a fábrica. Ela pega um pouco do amor e transforma em mais amor e assim a mamãe tem cada vez mais amor para dar. Por isso ela precisa de novos filhos,

porque ela tem muito amor para dar. Meu coração também tem muito amor. Eu amo o papai, o Chico, a mamãe e toda a minha família. E vou amar a Betina também, porque a mamãe escolheu ela para ser a minha irmãzinha, e ela estava feliz. Papai também estava feliz. O mundo todo parecia feliz, então eu também estava. Olhei meu irmão que levantou a cabeça olhando para a porta. Tia Marta correu para abri-la e papai e mamãe entraram junto com vovó e Tia Mimi. Corremos os dois ao mesmo tempo. Eu até queria chegar primeiro, como sabia que Chico não queria ficar por último, deixei ele ganhar. Papai se abaixou para carregar meu irmão.

— Olha quem está com saudade da mamãe? — Chico se encolheu quando mamãe se aproximou.

— Que saudade do meu garotinho! — ela disse com aquela voz que me lembrava algodão doce. — E do meu garotão também. — Olhou-me sorrindo. — Venha ver a sua irmã. — Papai abaixou Chico para que ele pudesse ver o bebê e eu vi Chico sorrir, sem aquele medo que ele estava antes.

— Não vem conhecer a sua irmã? — meu pai falou para mim e eu me aproximei.

Mamãe abaixou um pouco para que eu pudesse ver o que um bocado de pano escondia. E então eu vi o seu rostinho. Ela tinha uma boca pequena, rosinha, as bochechas iguais a da mamãe, um nariz tão pequeno que eu não sabia por onde ela respiraria até o nariz crescer e os olhos... eram lindos! Pareciam as minhas gudes. Tão linda!

E eu também amava a minha irmãzinha. Eu estava feliz. O mundo todo estava feliz.

Agradecimentos

Finalizar um livro envolve muitas emoções. Uma delas é a gratidão. É impossível agradecer a todas as pessoas que lutaram comigo para que chegássemos até aqui. São muitos amigos, muitos profissionais e muitos leitores que me ajudavam com mensagens de carinho e amor, que me incentivavam sempre a continuar independentemente dos problemas.

Torna-se imprescindível agradecer a toda equipe da Editora Pandorga. Eu amo trabalhar com vocês! Obrigada pela confiança e por acreditar em todas as minhas loucuras.

Também preciso agradecer verdadeiramente à Mariza Miranda por continuar sendo a minha revisora, leitora beta, amiga, conselheira e leitora empolgada. Como eu sempre digo, nenhum livro meu teria brilho sem a sua ajuda.

À Janaina Rico, hoje e sempre, por ter sido a primeira pessoa a acreditar em mim, acolhendo-me como ninguém mais foi capaz de fazer.

Às Maritacas, minhas amigas fiéis, que leram as minhas primeiras linhas e nunca me abandonaram. Amo vocês mais do que o amor é capaz de explicar.

À minha amiga e leitora apaixonada, Gisele, por me emprestar um pouco da sua história para escrever o desfecho de Charlotte. Gi, Deus sempre escreve certo por linhas tortas. Você entrou em minha vida quando eu mais precisava e me ajudou a contar para o mundo que mesmo no pior problema, na mais triste desilusão, é possível ser feliz, recomeçar e acreditar. Obrigada por tudo!

O meu marido pela paciência e ajuda. Por ser pai e mãe quando eu precisava ser apenas a escritora.

À minhas irmãs por me cobrarem o livro todos os dias. Escrever tem um sabor todo especial quando tenho vocês como leitoras.

O meu irmão Igor pelo apoio e paciência quando eu atrasava a entrega de todos os materiais que ele me pedia. Nano, obrigada pela força!

Aos meus filhos, meus 3Ds. Acreditem quando mamãe diz que é por vocês. Sempre será. E perdão pela ausência, pela falta de paciência quando o prazo estava acabando, por deixar o pôr do sol acabar sem estar com vocês, por deixar o papai mais tempo do que o necessário fazendo tudo o que eu deveria fazer. Um dia mamãe encontra um equilíbrio.

As minhas leitoras. Todas. As que me procuram, as que me seguem, as que apenas compram o livro sem nunca se apresentar, as que ficam de longe torcendo e esperando sempre por mais, as que viajam quilômetros para me encontrar em um evento, as que enlouquecem a editora cobrando o livro novo, as que não reclamam por esperar, as que reclamam, as que ficam na fila aguardando por mim. Eu amo vocês! Minha gratidão eterna. Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Nota da autora

Então é isso. Depois de três anos vivendo o amor de Alex e Charlotte eu chego ao fim desta linda história. Não posso dizer que não estou feliz. Eu estou muito feliz. A série O professor expandiu meu horizonte, me fez conhecer pessoas incríveis e tornou os meus dias mais alegres.

Terminar a série vai me permitir me dedicar a novos projetos que há muito habitam em minha alma e pedem uma oportunidade. Então assim eu me despeço deste casal que tirou o meu sono muitas vezes, que me deixou sem palavras, que me fez sentir raiva, rir, chorar e amar muito.

Ao mesmo tempo eu consigo me sentir triste. Acredito que todo escritor sente aquela tristeza quase que depressiva ao colocar o ponto final. Foram três anos de dedicação total, vivendo essa série e agora eu me sinto um pouco perdida. Sei que amanhã vou acordar e pensar: E agora?

E agora eu vou escrever um novo livro. Uma história tão linda quanto a de Alex e Charlotte. Vocês notaram que durante os quatro livros eu falei sobre um segredo entre Alex e Miranda, não foi mesmo? Aqui neste livro eu não contei o segredo, apenas dei a entender o que poderia ser. Existe um motivo para isso.

Miranda é uma personagem com uma história que precisa ser contada. E justamente por isso eu deixei para ela contar esse segredo. Terminamos aqui a linda história de amor entre Alex e Charlotte, mas a de Miranda e Patrício está apenas começando.

Em breve um livro fresquinho, cheio de emoções, contando como tudo aconteceu, de que forma vivia Miranda antes de conhecer o Patrício e, finalmente, qual é o segredo que Alex tanto evitava falar. Espero que gostem e abracem Miranda com o mesmo carinho que vocês receberam Charlotte. Com vocês, O Diário de Miranda.

O diário de Miranda

Estava escuro e frio lá fora. Todos os elementos que deveriam me fazer morrer de medo, mas que, por ironia da vida, com a ajuda da personalidade persistente que não se permitia ser dobrada, serviam de estímulo. O motorista do táxi me aguardava enquanto eu continuava hipnotizada olhando aquela fachada ameaçadora.

Era sempre a mesma reação todas as vezes que eu resolvia voltar a aquele lugar. Eu jurava que seria a última vez, que já tinha conseguido tudo o que eu queria, mas a necessidade de testar todos os meus limites era muito mais forte do que qualquer golpe de consciência. Então eu voltava e voltava e nunca conseguia me livrar daquela casa.

— Senhora? — Aquela voz cansada e abusada também deveria ser um elemento para me fazer fugir dali, daquele carro. Eu não tinha medo. Nunca mais eu teria. — Tem certeza que é aqui?

Eu tinha certeza. Nunca esqueceria aquele endereço. Abri a porta e retirei o dinheiro para pagar a corrida. Ele me olhou pelo retrovisor e me entregou o troco.

— Quer que eu espere?

— Não, obrigada! — Abri a porta com um único pensamento: A noite seria longa.

Esperei o carro dar partida e desaparecer naquela rua escura e deserta, mas ali, em pé, de frente para uma fachada de casa velha e abandonada, eu sabia que era observada e protegida como não seria em nenhum lugar.

Sem vacilar em meus saltos altíssimos caminhei em direção a porta improvisada que separava o mundo real daquele mundo íntimo e particular. Aquele lugar onde eu poderia ser quem eu quisesse, como quisesse e quando eu quisesse.

Havia liberdade maior do que esta?

Não. Eu sabia perfeitamente que não.

Mas estar ali exigia de mim sacrifícios que muitas vezes me faziam questionar se valia realmente a pena. Eu mentia, enganava uma família que me amava, fingia ser a garotinha que eles criaram e que, de uma forma ou de outra, seguia as suas regras.

Era tudo uma grande mentira. A minha vida era uma mentira, só que isso não me revoltava mais. Eu podia ser tudo. Podia ser a garota que seguia as regras e a garota que não possuía regra alguma.

Como eu conseguia fazer isso tendo um padrinho controlador, com obsessão pela filha e que usava de todos os meios lícitos e ilícitos para nos manter sob a sua proteção? Só posso dizer que eu conseguia. O padrinho era esperto, o que ele não imaginava era que, desde de pequena, eu aprendi a observar, estudar a situação e me aproveitar dela.

De nada adiantava ele colocar seguranças para nos seguirem camufladamente quando exigíamos um pouco mais de espaço. Eu sabia onde eles estavam, o que faziam e como convencê-los a fechar os olhos. E eu sempre conseguia convencê-los, fosse com dinheiro, com ameaças ou com... com o que fosse mais adequado para o momento.

Não posso dizer que não era grata por tudo o que eles fizeram por mim. Eu era grata até demais. Amava os meus padrinhos, Charlotte e até mesmo o Johnny. Justamente por amá-los demais eu não podia sequer imaginar que um dia eles pudessem descobrir os meus segredos. E me certificava disso. Estudava cada passo para que nada saísse fora do planejado.

Como naquela noite. Ou como em todas as outras que aconteceram antes desta. Eu não vacilava, não piscava sequer.

A porta se abriu para mim sem que eu precisasse fazer qualquer movimento. O segurança alto, forte e negro apenas me deu passagem sem me fazer qualquer pergunta. Continuei caminhando pelo terreno irregular até alcançar outra porta e esta sim seria a que me levaria ao meu destino.

Enquanto eu aguardava que alguém me recebesse pensei em Charlotte. Eu sempre pensava nela e na sua forma doce e simples de encarar a vida. Eu queria ser como ela? Não. Jamais quis para mim a vida que ela levava. Charlotte era tão fora da realidade que chegava a ser absurda. Mas ela era uma menina forte, boa de verdade, capaz de abrir mão dela mesma para agradar aos pais. Eu sabia que, mesmo quando se rebelava, ela se preocupava com a felicidade dos dois e acabava fazendo todas as suas vontades.

Eu me lembrava de quanto a detestei por um tempo. Ela era a menina rica, que tinha tudo, tão branca que chegava a assustar. Todos os olhos se voltavam para ela, a filha do patrão, a pobrezinha que não podia cair, não podia chorar, não podia ser contrariada. Acima de tudo, eu odiava o fato de a minha mãe amá-la também.

Charlotte sempre teve aquele jeito que fazia com as pessoas sorrissem e acariciassem os seus cabelos, ou que a carregassem no colo. Minha mãe sorria quando Charlotte entrava em nossa pequena casa procurando pela torta de morango, que ela sempre fazia para agradar a garota. Eu detestava. Detestava o fato de ter que agradá-la, de precisar ficar com ela enquanto brincava de chá das cinco, de ter que ouvi-la

cantar ou fingir que escrevia um livro.

Eu a detestava.

E esse ódio durou até o dia em que puxei a boneca da sua mão e arranquei os braços e pernas em um ataque de fúria. Quando finalmente larguei os pedaços da boneca no chão me dei conta de que com isso eu havia comprometido o trabalho da minha mãe e que provavelmente não teríamos mais onde morar ou o que comer. Entrei em desespero, que, orgulhosamente, não demonstrei. Aguardei vendo aquela menina branca demais ficar com os olhos cheios de lágrimas sem derramá-las. Ela se abaixou, pegou as pernas e os braços da boneca e saiu em direção a casa maior, onde morava.

TATIANA AMARAL 477

Lembro que corri para casa e me tranquei no quarto enquanto aguardava a madrinha entrar esbravejando com a minha mãe e mandando-a embora. Isso nunca aconteceu. Então pensei que talvez ela tivesse ficado brava e que apenas proibiria a filha de brincar comigo, o que também não aconteceu.

Na manhã seguinte Charlotte me aguardou para irmos juntas à escola, como ela sempre fazia. Eu estudava em uma escola de brancos e ricos, uma cortesia do meu padrinho, o patrão da minha mãe. Passei pela madrinha que sorriu e beijou meu rosto como sempre fazia e se certificou de que eu estava realmente aquecida.

O padrinho também não agiu diferente. Ele era mais sério e distante, embora fizesse questão de nos levar em seu carro maravilhoso até a escola. Charlotte manteve-se em silêncio enquanto seguíamos pelas ruas de Londres. Quando me vi na frente da escola, longe dos olhares curiosos a questioneei e descobri que ela não contara nada aos pais. Que mesmo magoada ela não queria que eles brigassem comigo.

Não posso dizer que morri de amores por ela naquele dia, mas posso garantir que Charlotte Middleton ganhou o meu respeito e este logo se transformou em amizade para em seguida virar amor. E eu amava Charlotte, como todos amavam.

Por isso eu vivia uma vida secreta. Não queria que ela precisasse sair do seu mundo lindo e cor de rosa. Ela merecia um conto de fadas, como eu não queria aquela vida para mim, ficava de bom grado com a realidade que lhe faltava.

A luz que quase me cegou quando a porta foi aberta já era conhecida. E eu sabia muito bem o que vinha em seguida. A mulher que me recebeu também era um rosto conhecido, apesar de eu não saber o seu nome, assim como ela não sabia o meu. Entrei lhe entregando minha bolsa e casaco. Um garçom se aproximou me oferecendo champanhe que obviamente aceitei. A mulher me conduziu a sala maior, onde muitas outras pessoas da alta sociedade brasileira circulavam.

Ali ninguém escondia os rostos. Não havia motivos para tanto. Podíamos nos reconhecer, saber quem era cada pessoa. O que importava era que nenhuma informação poderia sair dali. Nada. E não adiantava acreditar que poderia revelar alguma coisa para o melhor amigo ou de maneira mais aberta. Quem ousasse compartilhar o que ocorria ali, além de ser exposto também, era banido.

E, verdade seja dita: ninguém queria ser exposto. Muito menos banido. Então frequentávamos um clube onde os participantes eram convidados, compartilhávamos ou não os nossos desejos, fantasias mais íntimas, e voltávamos para casa como se nada tivesse acontecido.

Eu já cheguei a encontrar um dos participantes no shopping, caminhando com a família, de mãos dadas

com a esposa, mesmo depois de ter passado uma parte da noite sendo açoitado por um homem para em seguida transar com ele. Minha reação? Que reação? Eu não sabia quem ele era. Nunca o tinha visto. Era isso que sempre deveríamos fazer. Seguir como se nada tivesse acontecido.

Olhei o longo salão oval, onde as paqueras e acertos aconteciam e vi uma pessoa que sempre estava por lá. Uma “amiga”, podemos dizer assim. Ela era filha de um milionário, dono de uma empreiteira. Caminhei até ela disposta a saber o que teríamos para aquela noite, mesmo com a minha ideia já formada. Faltava escolher com quem.

— Como vai? Nunca mais te vi por aqui — ela começou. Também não sabia o meu nome. Eu nunca me apresentava.

— O que temos de novo? — Ela sorriu amplamente.

— Isso vai depender do que você pretende. — Ri um pouco saboreando a minha bebida. — Quase todos os quartos estão com atividade.

— Com convite aberto? — Ela concordou. — Vou ficar e aguardar o que pode acontecer.

— Você sempre faz isso. Boa sorte! — Ela ia sair, mas se deteve quando viu um casal entrando. Seus olhos brilharam e o sorriso ficou amplo. — Eles são novos?

Olhei na direção em que ela olhava e por um segundo não consegui acreditar no que via. Parecia que minhas preces foram atendidas. Seguindo para o bar, sem se sentirem familiarizados com um ambiente até então nada ameaçador, mais parecido com uma boate do que com um clube de sexo, estava o meu tão desejado professor Alex Frankli, acompanhado de uma loira que não parecia se adequar ao ambiente, mas que não deixava de ser linda.

Eles olhavam tudo com interesse, como se estivessem esperando por outra coisa. O pote de cristal redondo, estrategicamente posto sobre o balcão, contendo cocaína da mais alta qualidade, fez com que eles dois trocassem um olhar significativo. Não. Eles dois não estavam nada familiarizados com o que tínhamos ali.

Ri saboreando a vista com a segurança de estar muito bem camuflada pela pouca luz do ambiente. Vi quando uma funcionária que fazia papel de anfitriã se aproximou dos dois. Eles sorriram. Alex visivelmente mais à vontade do que a sua acompanhante. A mulher conversou e eu notei que meu professor olhou de uma forma mais quente para a loira ao seu lado. Seus dedos percorreram as costas nuas dela e... meu Deus! Ele era quente. Uma promessa.

— Será que aceitam companhia? — Minha “amiga” falou fazendo-me olhar para ela.

Ela era bonita. Alta, cabelos longos, negros e lisos até a cintura. Os seios empinados não eram de fato naturais, porém eram lindos e chamativos. Ela era bronzeada, exibindo discretamente no decote do vestido, a marca do biquíni, seu corpo trabalhado era, com certeza, algo que qualquer homem desejaria. Ostentava uma classe que corroborava com o seu nível social, mas se esta não existisse, suas joias fariam este papel. Nem por isso eu me senti intimidada.

Eu era Miranda Middleton e nada poderia me deter.

— Eu serei a companhia — determinei, ganhando o seu olhar desafiador.

— Mesmo sendo apenas para ela?

— Se ele estiver me olhando... — dei de ombros sabendo exatamente o que eu queria.

O que eu não imaginava era que seria muito diferente e que, depois daquele dia eu teria um objetivo e um segredo que deveria guardar pelo resto da minha vida.